



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

REGIANE COELHO PEREIRA REIS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO
COM O ESPANHOL E O GUARANI NA PERSPECTIVA DO
ATLAS LINGUÍSTICO-CONTATUAL DA FRONTEIRA ENTRE
BRASIL/PARAGUAI (ALF-BR PY)**

VOLUME I

Londrina - PR
2013

REGIANE COELHO PEREIRA REIS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO
COM O ESPANHOL E O GUARANI NA PERSPECTIVA DO
ATLAS LINGUÍSTICO-CONTATUAL DA FRONTEIRA ENTRE
BRASIL/PARAGUAI (ALF-BR PY)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração - Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina - PR
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R375v Reis, Regiane Coelho Pereira.

Varição linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY) / Regiane Coelho Pereira Reis. – Londrina, 2013.

479f. 2 v. : il.

Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – Línguas em contato – Mato Grosso do Sul – Teses. 2. Geografia linguística – Mato Grosso do Sul – Teses. 3. Linguística contrastiva – Teses. 4. Língua espanhola – Influência sobre o português – Teses. 5. Língua guarani – Influência sobre o português – Teses. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 806.90(817.1)-087.4

REGIANE COELHO PEREIRA REIS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O
ESPANHOL E O GUARANI NA PERSPECTIVA DO ATLAS
LINGUÍSTICO-CONTATUAL DA FRONTEIRA ENTRE
BRASIL/PARAGUAI (ALF-BR PY)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração - Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
UFMS – Campo Grande - MS

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
UFRGS – Porto Alegre - RS

Profa. Dra. Jacyra de Andrade Mota
UFPB – João Pessoa - PB

Profa. Dra. Fabiane Cristina Altino
UEL – Londrina - PR

Londrina, 26 de fevereiro de 2013.

Ao Deus Todo-Poderoso.

AGRADECIMENTOS

Como bem registrou o poeta português, Fernando Pessoa, “sem antes sonhar, a obra não nasce”. O trabalho aqui realizado foi sonhado e projetado, durante longo tempo, entre outros ambientes, pelas rodovias do Centro-Oeste, em companhia da ilustre pesquisadora Aparecida Negri Isquerdo, nas longas viagens destinadas à coleta de dados para o também sobremodo sonhado Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Este atlas de fronteira foi ainda acalentado, enquanto sonho, ao lado de amigos e de familiares. Como é usual em pesquisas dessa natureza, a tese foi idealizada e concretizada com dificuldade e perseverança. A obra nasceu! Como se vê nestas linhas com suas virtudes e inevitáveis defeitos. Pessoa tinha razão! Todavia, como não é possível realizar nada sozinha, especialmente em termos acadêmicos e científicos, desejo fazer os agradecimentos aos meus principais colaboradores.

A Deus, acima de todas as coisas, pelos benefícios a mim concedidos durante todo o decorrer do curso, por seu constante amor e cuidado. Sobretudo, por ter confortado meu coração com sua meiga presença e doces palavras, em especial, quando me disse: “Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir e, sob as minhas vistas, te darei conselho” (Salmos 32, v. 8). A Ele toda honra, glória e majestade!

À orientadora, Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, pela confiança em mim depositada, pela oportunidade concedida, pelos ensinamentos doados e por sua amizade. Seu coração oceânico comporta disposição e extremo amor para com a Dialetoлогия, por isso, ofertou-me as pérolas geolinguísticas garimpadas na fronteira Brasil/Paraguai. Se fosse possível encontrar palavras para traduzir essa estudiosa, as mais adequadas seriam *compromisso* e *dedicação* para com a Dialetoлогия brasileira!

À Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, educadora persistente que tomou minha mão e me conduziu por caminhos dialetais. E, mesmo diante de minhas dificuldades acadêmicas, especialmente, nos anos dedicados à iniciação científica, acreditou que eu poderia frutificar cientificamente e investiu sua sabedoria, sua paciência e seu conhecimento para moldar-me como pesquisadora. Entre as virtudes dessa “bandeirante” sul-mato-grossense que mais me impactam estão a sua

honestidade científica, sua humildade e seu compromisso com o ensino e a pesquisa. Dedico-lhe respeito, admiração e carinho.

Ao Prof. Dr. João Bortolanza, filólogo e docente da Universidade Federal de Uberlândia, de quem tive a honra de ser aluna. Acerca dele, faço minhas as palavras de N. Maccari: “Mestre é aquele que estende a mão, inicia o diálogo e encaminha para a aventura da vida”. Este grande mestre dividiu comigo ensinamentos sobre a língua, a literatura, a música e a tradução latinas, mas o que mais apreendi de suas aulas ministradas no curso de letras da UFMS, foram as suas enérgicas palavras: “Não conseguir, talvez... Desistir, nunca!”. Jamais esquecerei suas contribuições para minha vida acadêmica e pessoal.

Aos meus pais, Aroldo Coelho Pereira e Irene Siqueira de Andrade. Ele, por ter me ensinado que, entre os bens terrenos, o conhecimento é o único que não pode ser tirado de nós e por ter plantado em meu coração o amor pelos estudos. E, ainda, por ser um pai bondoso e terno, homem educadíssimo e exímio contador de histórias, o herói de minha infância. Ela, por ter sido o alicerce do nosso lar, primeira imagem de leitora que construí na memória. Por ter sido zelosa com minha educação e por ser tão presente em minha vida. Ambos são exemplos de perseverança. Agradeço aos dois pelos preciosos ensinamentos e por terem acreditado no triunfo desta trajetória. Oferto-lhes amor e respeito.

Ao meu amado esposo, Drucimar Marinho Reis, companheiro fiel, pelo apoio, sobretudo, por ter estado ao meu lado durante todo o caminho. Por fazer parte dessa história desde o ensino médio até o doutorado. Agradeço imensamente pelo incentivo e auxílio incondicionais, considero-o minha outra metade neste mundo e parte integrante de meu sucesso.

Aos meus preciosos filhos, Igor e Isadora, tesouros doados a mim pelo bondoso Criador, especialmente por terem suportado minhas longas ausências e, particularmente, ao Igor por ter contribuído com a pesquisa alimentando o banco de dados da tese. Sou feliz por tê-los em minha vida!

Ao meu sogro, Pr. Aparecido Reis, cujo coração tem em abundância amor e bondade singulares, virtudes que o conduziu a apoiar de diversas formas esta tese, inclusive me acompanhando ao campo de pesquisa para refazer um inquérito perdido. E também a minha sogra, Silvia Marinho Reis, pelo carinho a mim

dedicado, pelo apoio e palavras de incentivo em todos os instantes. Aos dois que durante todo o percurso me cobriram com suas orações e com seu constante amor.

Às flores de minha vida, meus amados irmãos: Andréia, Rosana, Aroldo (filho) e Ana Paula pelo incentivo e apoio constantes.

Aos cunhados, às cunhadas e aos sobrinhos, particularmente, à Drúcila Sezânia Marinho Reis Mendes, por ter exercido e, ainda exercer com perfeição, o papel de segunda mãe da Isadora, pois nas ocasiões de pesquisa de campo do ALF- BR PY ou do ALiB, sempre pude contar com ela.

Aos queridos tios, Saulo Marinho da Silva e Zenilda de Oliveira Marinho, pelas incontáveis vezes em que ajudaram a cuidar de meu “pequeno anjo loiro de olhos azuis”. E, ainda, por serem tão especiais para a Isadora ao ponto de serem imensamente amados por ela.

Um amigo é uma rosa no caminho da vida: suaviza, perfuma e colore ao mesmo tempo. Por isso, desejo agradecer a todos os amigos que floriram minha estrada durante o curso. Dentre eles agradeço especialmente:

À Ana Maria Castelo Branco Rabelo que conquistou papel de coadjuvante nesta história! Agradeço pela acolhida em seu lar em momentos tão difíceis e, ao mesmo tempo, tão especiais em minha vida e, ainda, pelo ombro amigo, pela confiança e pelo que representa para mim: alguém que sabe viver como Jesus Cristo ensinou, amando o próximo e provando que ainda há no mundo muitas pessoas cujos corações transbordam de simplicidade e bondade. Por tudo que fez, a consideramos mãe e avó adotiva. Sinceramente morará para sempre em nossos corações. Não posso e nem quero jamais esquecê-la!

A todas as minhas amigas: Rosângela Pessoa, Rosimeire Duran, Aline Matos, Andréia Barbosa, Carla Regina Figueiredo e família, Alice Bristot Kill, Maria Lídia Simón e Luciene Batista Ohashi que, por gestos ou por palavras, estiveram ao meu lado.

A Rosa, Júlia Cristina, Lindaci e Nilce, minhas queridas colegas, pelas palavras de apoio, pelo incentivo e pela amizade a mim dispensados.

A todos os irmãos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, ministério do Belém, pelas orações e apoio logístico obtido em grande parte das

localidades nas quais apliquei inquéritos.

Ao maestro da orquestra da Assembléia de Deus em Fátima do Sul, MS, Mateus Hilário, pelo constante apoio e por ter suportado, com paciência, minhas ausências ocasionadas pela dedicação aos estudos. Estendo meus agradecimentos também à sua família.

Aos colegas e amigos de pós-graduação, turmas 2009 e 2010, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), que durante todo o percurso presentearam-me com sua atenção e seu companheirismo, entre os quais, cito com sincera gratidão: Márcia Zamariano, Rosane Maria Bolzan e Valter Pereira Romano, meus irmãos-amigos, pelas demonstrações de profunda e sincera amizade!

Aos intermediários da pesquisa de campo: Luana Roan e família (Coronel Sapucaia), Glaicimar e família/Célia e família (Porto Murinho), Jacyra e família (Sete Quedas), Andréia Natália e família, à Rosângela e família, Edson e família (Ponta Porã), Dayana e Fabiana Santos e família (Bela Vista).

À equipe de transcritores: Valter Pereira Romano (coordenador), Lidiane Martins da Silva, Greize Silva Porelli, Juliana Franco Alves, Ana Carolina Chierotti, Jonas Passos da Silva, Vinícius Ferreira dos Santos, Gabriela Landes Biolada, Dayse de Souza Lourenço e Márcia Palmiro Dei Tós.

Ao amigo Ângelo Franco do N. Ribeiro pelas contribuições relativas à confecção da base cartográfica do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai.

A Luciene Freitas, querida amiga e “eu-lírico geolinguístico”, pela contribuição na confecção das cartas linguísticas do ALF – BR PY. Seu profissionalismo, sua humildade e seu carisma jamais serão esquecidos.

A Wallace Nascimento e Adriano Pessoa pela contribuição com esta pesquisa relativa ao sistema *Agium search* que armazena o banco de dados geolinguístico do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai.

E, com muito carinho, a todos os oitenta informantes que se dispuseram a contribuir com a pesquisa no falar da terra, do homem e de si mesmos. Um falar que se mescla a idiomas distintos e a vivos exemplos de humanidade, pessoas simples que em muito lembram as belas palavras de Lindley

Cintra, elevados no saber cultural, os quais me presentaram com mais um curso excepcional de Dialetoologia – a pesquisa *in loco*.

Às Profas. Dra. Telma Gimenez e MSc. Ana Maria Castelo Branco Rabelo, da Universidade Estadual de Londrina, pelas contribuições no abstract da tese.

Ao Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen, às Profas. Dra. Aparecida Negri Isquerdo e Dra. Maria do Socorro Aragão, pelas valiosas sugestões por ocasião do Exame de Qualificação.

Aos funcionários do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, UEL, pela atenção e dedicação aos alunos, sobretudo, a Rosely Fernandes Lopes pelo profissionalismo e simpatia com que realiza seu trabalho.

Agradeço ainda à Capes pelo apoio financeiro e ao corpo docente da pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, UEL, pelos grandes ensinamentos.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta tese se concretizasse.

*Depois de algum tempo você aprende...
Aprende que o tempo não é algo que possa voltar
atrás. Portanto, plante seu jardim e decore a sua
alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga
flores. E você aprende que realmente pode
suportar... que realmente é forte, e que pode ir
muito mais longe depois de pensar que não se
pode mais...*

William Shakespeare

Os mapas linguísticos nos ensinam também como justamente nas regiões limítrofes ou de transição é que as palavras, se assim se pode dizer, “fogem dos trilhos” facilmente, tanto em sua imagem sonora como na significação.

Bertil Malmberg (1971, p.91)

REIS, Regiane Coelho Pereira Reis. **Varição linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY)**. 2013. 479f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de investigação o registro das línguas em contato na fronteira do Brasil, regiões sul-mato-grossenses, com a República do Paraguai. Foram investigados dez (10) localidades: Isla Margarita (Paraguai) divisa com Porto Murtinho (Brasil), Bella Vista Norte (Paraguai) divisa com Bela Vista (Brasil), Pedro Juan Caballero (Paraguai) divisa com Ponta Porã (Brasil); Capitán Bado (Paraguai) divisa com Coronel Sapucaia (Brasil) e, por fim, Pindoty Porã (Paraguai) divisa com Sete Quedas (Brasil). Como objetivos foram propostos: i) descrever a variante diatópica da fala dos habitantes fronteiriços; ii) apresentar a variação da língua portuguesa em contato com o espanhol e o guarani; III) identificar influências das línguas espanhola e guarani sobre a língua portuguesa falada na fronteira; v) descrever alguns aspectos lexicais da variante diatópica dos habitantes fronteiriços; vi) demonstrar por meio de cartas linguísticas o marcas de contato para alguns empréstimos linguísticos e/ou culturais que migraram do Paraguai para o Brasil ou vice-versa. Para nortear a pesquisa, estabelecemos três hipóteses centrais: a) o plurilinguismo presente na fronteira Brasil/Paraguai pode propiciar o registro de mudanças em curso e/ou marcas de conservadorismo linguístico desencadeados pelo contato de línguas nesse espaço; b) a cartografia pluridimensional pode evidenciar as inter-influências das línguas em contato que migram de um território para outro atribuindo à zona de fronteira peculiaridades linguísticas e culturais. Quanto à cartografia dos dados linguísticos, adotamos pressupostos pluridimensionais nas seguintes dimensões de variação: a **diatópica** (espaço geográfico – Brasil/Paraguai); a **dialingual** (espanhol-português/guarani- português / espanhol-português-guarani/entre outros contatos); a **diageracional** (jovem-idoso) e a **diassexual** (homem-mulher). Consideramos também marcas etnolinguísticas ao adotar a inserção de imagens nas cartas que retratam a cultura material difundida na fronteira. A fundamentação teórico-metodológica pautou-se nos princípios da Dialetoлогия e Geolinguística pluridimensional. O estudo registrou fatos linguísticos oriundos das línguas em contato na fronteira, com variações e mudanças na dinâmica interna da língua provocada por fatores externos ou sociais, os quais, numa visão de conjunto, ajudarão a compor a fotografia dialetal das regiões fronteiriças, de modo particular, já que coexistem em seus territórios os idiomas português, espanhol e guarani.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Geolinguística. Pluridimensionalidade. Contatos de língua. Fronteira. Brasil/Paraguai

REIS, Regiane Coelho Pereira Reis. **Variation Linguistic Atlas of Portuguese contact with spanish and guarani in perspective-lithe Brazil / Paraguay (ALF – BR PY):** in search of inter-influences of the languages in contact. 2013. 479 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

ABSTRACT

This work aimed researching the languages in contact at Brazil-Paraguay borders in the south of the state of Mato Grosso. Ten (10) municipalities were investigated: Isla Margarita (Paraguay) bordering Porto Murtinho (Brazil), Bella Vista Norte (Paraguay) bordering Bela Vista (Brazil), Pedro Juan Caballero (Paraguay) bordering Ponta Pora (Brazil); Capitán Bado (Paraguay) bordering Colonel Sapucaia (Brazil) and, finally, Pindoty Pora (Paraguay) bordering Seven Falls (Brazil). The study had the following objectives: i) describe the variant diatopical speech of border inhabitants, ii) present the variation of the portuguese language in contact with spanish and guarani, iii) identify influences of spanish and guarani on the portuguese language spoken in the border v) describe some aspects lexical variant diatopical inhabitants of border vi) demonstrate through letters linguistic marks the contact for some loans and / or linguistic culture that migrated from Paraguay to Brazil or vice versa. The study was based on three central assumptions: a) the study of linguistic diversity in the Brazil / Paraguay border can provide a record of ongoing changes and / or traces of linguistic conservatism caused by the contact of languages in this region, b) the multidimensional mapping can highlight the interrelated influences of languages in contact who move from one territory to another border zone resulting in linguistic and cultural peculiarities. Regarding the mapping of linguistic data, we adopted multidimensional assumptions in the following dimensions of variation: the diatopical (geographic space - Brazil / Paraguay), the dialingual (Spanish-Portuguese/Guarani-Portuguese / Spanish-Portuguese-Guarani among other contacts), the diageracional (young-old) and diassexual (man-woman). We also considered ethnolinguistic traits, by inserting images on cards depicting cultural content widely spread along the border. The theoretical-methodological approach was based on the principles of Dialectology and multidimensional Geolinguistics. The study reported more facts from linguistic languages in contact at the border, with variations and changes in the language internal dynamics caused by external or social factors. Overall, these facts will help to compose a broad unique dialectal picture of the bordering regions given the coexistence of Portuguese, Spanish and Guarani in that area.

Keywords: Dialectology. Geolinguistics. Multidimensionality. Language contacts. Border. Brazil / Paraguay.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01	– Tratado de Tordesilhas	28
Figura 02	– Tratado de Madri.....	29
Figura 03	– Território Demarcado pelo tratado	30
Figura 04	– Movimento das bandeiras paulistas nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil	32
Figura 05	– O Território brasileiro e suas fronteiras	39
Figura 06	– Mapa com a pesquisa de campo do ALiB.....	86
Figura 07	– Situação dos atlas estaduais brasileiros	100
Figura 08	– Espaço variacional e disciplinas da variação	105
Figura 09	– Dimensões e Parâmetros.....	107
Figura 10	– Análise Pluridimensional e relacional.....	108
Figura 11	– Mapa Fenotípico Monodimensional (ADDU).....	109
Figura 12	– Mapa Fenotípico Pluridimensional (ADDU).....	110
Figura 13	– Mapa Plurifásico (ADDU)	111
Figura 14	– Modelo de Carta Linguística do ALGR.....	113
Figura 15	– Mato Grosso do Sul, Brasil	125
Figura 16	– República do Paraguai.....	126
Figura 17	– Divisão Regional do Brasil	127
Figura 18	– Rede de Pontos do ALF – BR PY	129
Figura 19	– Avenida Internacional Brasil/Paraguai	130
Figura 20	– Mapa dos países ligados pelo Tratado do MERCOSUL	131
Figura 21	– Casa comercial	133
Figura 22	– Rio Paraguai	133
Figura 23	– Entrada da Cidade	135
Figura 24	– Monumento aos imigrantes.....	135
Figura 25	– Entrada da Cidade	136
Figura 26	– Rio Apá	136
Figura 27	– Entrada da Cidade	137
Figura 28	– Paço Municipal.....	137
Figura 29	– Entrada da Cidade	138
Figura 30	– Hotel-Cassino em Pedro Juan/Ponta Porã	138

Figura 31 – Entrada da Cidade	139
Figura 32 – Fachada da Câmara Municipal	139
Figura 33 – Entrada da Cidade	140
Figura 34 – Monumento ao Colono.....	140
Figura 35 – Entrada da Cidade	141
Figura 36 – Monumento “Processo de colonização”	141
Figura 37 – Entrada da Cidade	142
Figura 38 – Casa de comércio	142
Figura 39 – Entrada da Cidade	142
Figura 40 – Centro Comercial	142
Figura 41 – Um fronteira, dois territórios nacionais (I)	144
Figura 42 – Carta base para identificação dos informantes	152
Figura 43 – Níveis de escolaridade dos informantes do ALF – BR PY	155
Figura 44 – Perfil relacionado à idade dos informantes do ALF – BR PY	156
Figura 45 – Tela do sistema Agiumserch para cadastro de respostas.....	159
Figura 46 – Tela do sistema Agiumserch para cadastro a variante “tangerina” segundo a ocorrência por cidade.....	160
Figura 47 – Território do Mato Grosso do Sul – Brasil	161
Figura 48 – Território Paraguaio	161
Figura 49 – Modelo de carta base.....	164
Figura 50 – Modelo de carta pizza produtividade rancho.....	168
Figura 51 – Modelo de carta contatos de língua: rancho	168
Figura 52 – Modelo de carta sobreposição (diassexual/diageracional) rancho	173
Figura 53 – Modelo de carta distribuição diatópica	175
Figura 54 – Rede de Pontos do ALF – BR PY	178
Figura 55 – Perfil do Informante I.....	179
Figura 56 – Perfil do Informante II.....	180
Figura 57 – Perfil do Informante III.....	181
Carta Perfil do Informante III - Domínio linguístico do falante	185
Figura 58 – Competência linguística do falante (II)	186
Figura 59 – Características ligadas à ascendência.....	187
Figura 60 – Designações para <i>neblina</i>	189
Carta 004b – Neblina (contatos linguísticos)	190

Carta 004c - neblina (diassexual e diageracional)	193
Carta 005c – Aguaceiro (diassexual e diageracional)	195
Figura 61 – Percentuais para a variante <i>aguaceiro</i>	196
Carta 007b – Chuva com vento forte (Contatos linguísticos).....	198
Carta 009a – Orvalho (Produtividade)	201
Figura 62 – Designações para <i>sereno</i>	202
Carta 009b – Orvalho (Contatos Linguísticos)	203
Carta 009c – Orvalho (diassexual e diageracional)	205
Carta 010a – <i>Tangerina</i> (Produtividade).....	206
Carta 010b – <i>Tangerina</i> (Contatos linguísticos).....	208
Figura 63 – Percentuais das variantes para <i>tangerina</i>	210
Carta 011a – Bananas Grudadas (Produtividade)	211
Carta 011b – Bananas Grudadas (Contatos linguísticos).....	212
Carta 012a – Capim/erva/cana cidreira (Produtividade)	214
Figura 64 – Total de ocorrências para <i>erva cidreira</i>	215
Carta 012b – Capim/erva/cana cidreira (Contatos linguísticos)	216
Carta 021a – <i>Pessoa sem dentes</i> (Produtividade)	218
Carta 030a – <i>Dinheiro</i> (Produtividade)	220
Carta 034a – <i>Assombração</i> (Produtividade).....	222
Carta 038d – Rancho (Distribuição diatópica)	224

LISTA DE QUADROS

QUADRO I – Perfil das localidades	128
QUADRO II – Perfil dos informantes quanto ao estado civil.....	132
QUADRO III – Perfil dos informantes quanto nacionalidade de filiação	132
QUADRO IV – Relação de informantes segundo a origem, filiação, estado civil, idade e escolaridade	153

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADDU -	Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai
AGeLO -	Atlas Geossociolinguístico de Londrina
ALAC -	Projeto Atlas linguístico da América Central
ALAM -	Atlas Linguístico do Amazonas
ALARA -	Atlas Linguístico de la República Argentina
ALCE -	Atlas Linguístico do Ceará
ALCh -	Projeto Atlas Linguístico e Etnográfico do Chile
ALcu -	Atlas Linguístico de Cuba
ALE -	Atlas Linguístico Europeu
ALEC -	Atlas Linguístico Etnográfico da Colômbia
ALECH -	Projeto Atlas Linguístico y Etnográfico de Chile por regiões
ALNoCh -	Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico do Norte de Chile
ALERS -	Atlas Linguístico-etnográfico da região sul do Brasil
ALES -	Atlas Linguístico do Espírito Santo
ALESuCh -	Atlas Linguístico y Etnográfico del Sur de Chile
ALF -	Atlas Linguístico da França
ALF - BR PY -	Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai
ALH -	Atlas Linguístico de Hispanoamérica
ALM -	Atlas Linguístico do México
ALMA- H -	Projeto Atlas-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch
ALN -	Projeto Atlas linguístico Pluridimensional da Nicarágua
ALPB -	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPES -	Projeto Atlas linguístico Pluridimensional de El Salvador
ALIAC -	Atlas Linguístico do Acre
ALiB -	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA -	Atlas Linguístico do Maranhão
ALiMAT -	Atlas Linguístico do Mato Grosso
ALiPA -	Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará
ALIPE -	Atlas Linguístico de Pernambuco
ALiPP -	Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã, MS
ALiPTG -	Atlas linguístico do Litoral Potiguar

ALiRN - Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALiRO - Atlas Linguístico de Rondônia
ALiSon-Rio - Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro
ALiSPA - Atlas Linguístico Sonoro do Pará.
ALGR - Atlas Linguístico Guarani-Românico
ALMESEMT - Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso
ALMS - Atlas Linguístico do Estado de Mato Grosso do Sul
ALP - Atlas Linguístico do Peru
ALPR - Atlas Linguístico do Paraná
ALPR II - Atlas Linguístico do Paraná II
ALRM – Micul Atlas Linguistic Romãn
ALS – Atlas Linguístico de Sergipe
ALS-II - Atlas Linguístico de Sergipe II
APFB - Atlas Prévio dos Falares Baianos
AvH - Alexander Von Humboldt
B - Brasileiros
BR – Brasil
CAU – Christian-Albrechts-universität zu Kiel (Alemanha)
CLG – Curso de Linguística Geral
CPTL – Campus de Três Lagoas, MS
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EALLO - Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina
EALMG – Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
EF - Ensino Fundamental
EF - Completo: Ensino Fundamental concluído
EJA: Educação de Jovens e Adultos
E. Médio – C: Ensino Médio Completo
E. Médio – I: Ensino Médio Incompleto
F1- Faixa etária jovem
F2 - Faixa etária idoso
FCH/UFGD – Faculdade de Ciências Humanas/Universidade Federal da Grande
Dourados
F - Feminino
G 1 - Grupo de brasileiros sem ascendência paraguaia

G 2 -	Grupo de brasileiros com ascendência paraguaia ou casados (as) com paraguaios (as)
Gn -	Língua guarani
H -	Homem
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Incra -	Instituto nacional de Colonização e Reforma Agrária
Km ² -	Quilômetro Quadrado
LE -	Língua espanhola
LN -	Língua não definida
LP -	Língua portuguesa
M -	masculino
M -	Mulher
MERCOSUL -	Mercado Comum do Sul
Micro AFERJ -	Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro
MS -	Mato Grosso do Sul
P -	Paraguaios
PIBIC -	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PY -	Paraguai
QAL -	Questionário de Atitudes Linguísticas
QFF -	Questionário Fonético-Fonológico
QMS -	Questionário Morfossintático
QSL -	Questionário Semântico-Lexical
SAD-69 -	South American Datum (1969)
SEDATA -	Seminário de Dissertação e Teses em Andamento
TN -	Tradução nossa
UCS -	Universidade de Caxias do Sul
UEL -	Universidade Estadual de Londrina
UEMS -	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFBA -	Universidade Federal da Bahia
UFMS -	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPA -	Universidade Federal do Pará
UFPB -	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS -	Universidade Federal do Rio do Grande do Sul
UFRJ -	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1 PANORAMA HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA FRONTEIRA ENTRE O MATO GROSSO DO SUL E O PARAGUAI	27
1.1 TERRITÓRIO OESTE: A CONQUISTA DA “TERRA DE NINGUÉM”	27
1.2 O CULTIVO DA ERVA-MATE: ELEMENTO DESENCADEADOR DOS PROCESSOS DE POVOAMENTO NA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI E DESMEMBRAMENTO DO ESTADO DO MATO GROSSO	36
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	41
2.1 TRANSFERÊNCIAS LEXICAIS NOS CONTATOS LINGUÍSTICOS	55
2.2 OS CONTATOS LINGUÍSTICOS: RECURSOS DE ANÁLISES.....	59
2.3 OS CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: OS RAMOS DA LINGUÍSTICA.....	64
2.4 DIALETOLOGIA: TRADIÇÃO <i>VERSUS</i> MODERNIDADE.....	70
2.4.1 Geolinguística: Um Método ou uma Disciplina?	72
2.5 ATLAS LINGUÍSTICOS E SUAS TIPOLOGIAS	76
2.5.1 A Geolinguística no Brasil: Um <i>Transatlântico</i> a Todo Vapor	82
2.5.2 Histórico e Tipologia dos Atlas Linguísticos Brasileiros	83
2.6 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL	100
2.6.1 A Cartografia Geolinguística e a Pluridimensionalidade	103
2.7 ATLAS LATINOAMERICANOS: BREVE DESCRIÇÃO.....	114
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS: FERRAMENTAS PARA A PESQUISA DIALETOLÓGICA	124
3.1 ÁREA PESQUISADA: A REDE DE PONTOS	124
3.2 HISTÓRICO DA REDE DE PONTOS	130
3.2.1 Retrato Fronteiriço: as Dez Localidades Investigadas.....	130
3.2.2 Visualização do Território Investigado	143
3.3 OS INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS GEOLINGUÍSTICOS	144
3.3.1 O Questionário Linguístico do Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai	148
3.4 PERFIL DOS INFORMANTES.....	149
3.5 AS GRAVAÇÕES	156

3.6	A FICHA DE INFORMANTE	156
3.7	AS ENTREVISTAS	156
3.8	AS TRANSCRIÇÕES.....	157
3.9	O BANCO DE DADOS: AGIUM SEARCH.....	158
3.9.1	Propostas de Informatização dos Dados Geolinguísticos: Cartografia Pluridimensional	160
3.9.1.2	Decisões cartográficas para a Carta-Base	162
3.9.1.3	Critérios de cartografia dos dados linguísticos	162
3.9.1.4	Protótipo de carta-base	164
3.9.1.5	Decisões gerais de padronização das cartas do ALF – BR PY	165
3.9.1.6	Cartas introdutórias: decisões metodológicas dos modelos adotados	176
3.9.1.7	Modelos de cartas introdutórias adotadas para o Vol. II do ALF – BR PY.....	178
4	ANÁLISE DE DADOS	183
4.1	CARTOGRAFIA: ANÁLISE POR AMOSTRAGEM.....	188
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	226
	REFERÊNCIAS.....	231
	APÊNDICE.....	239
	ANEXO	296
	VOLUME II.....	300

INTRODUÇÃO

A *palavra*, no amplo sentido do termo¹, gera a organização social, fator decorrente da aptidão inata do *homo sapiens* para o desenvolvimento da linguagem, particularidade que o distingue dos outros animais. Essa particularidade se instaura, no decorrer da história das civilizações, como peça essencial para a criação de comunidades organizadas socialmente.

A linguagem, moeda de duas faces, funciona como *ponte* entre o pensamento e o indivíduo e, ao mesmo tempo, entre o indivíduo e a sociedade, assim, sua existência depende das duas faces (SAUSSURE, 2001, p. 16).

Partindo desse ponto de vista, a língua pode ser entendida como parte essencial da linguagem, produto social de um grupo humano, adotada conscientemente para promover a comunicação.

A linguagem dá forma às comunidades humanas e, por isso mesmo, permite depreender, por meio de sua investigação, a visão cultural e ideológica envoltas na concepção de mundo que compõe o imaginário de uma nação. Esse imaginário sociocultural pode ser revelado pelo viés linguístico, já que, para interagir com a realidade que o cerca, o sujeito, socialmente constituído, a nomeia e atua sobre ela.

Nos entremeios dessa concepção, insere-se a Dialetoлогия que funciona como ponto de partida para elucidar ocorrências da língua em uso, permitindo considerá-la como disciplina que se ocupa dos falares rurais ou urbanos de um grupo social. O estudo dialetal materializa-se, pois, por meio da Geolinguística, enquanto ferramenta metodológica da Dialetoлогия, utilizada para mapear variedades linguísticas orais.

No campo da disciplina dialetológica, a Geolinguística apresenta um conjunto de métodos que oferecem suporte para investigar variações no âmbito dialetal. Em razão disso, neste estudo, adotamos parâmetros geolinguísticos tradicionais para nortear o estudo da fala de usuários da língua da fronteira e os da Dialetoлогия contemporânea voltada para a descrição e o registro de diferenças de fala num espaço geográfico e social determinado.

¹ Nosso objetivo central não é definir o termo *palavra*, por isso o tratamos, nesse contexto, num amplo sentido, já que sua definição tem causado controvérsias entre os teóricos da Linguística.

Além disso, embasam este trabalho outras disciplinas que foram essenciais para a definição do constructo teórico, entre as quais a Lexicologia, a História, a Geografia e alguns estudos sobre Línguas em contato.

Como a maior parte dos trabalhos dialetais, a elaboração do presente estudo passou por diversos percalços que normalmente afetam pesquisas com dados orais, como as vinculadas à Dialectologia. Devido às circunstâncias de levantamento de *corpus* dialetal, é consensual que o método mais seguro ao pesquisador é o contato real com o falante, pois, a cada inquérito realizado, novas possibilidades de análises podem surgir, dependendo dos objetivos traçados. Nunca se sabe ao certo o que se poderá encontrar. Isto ocorre pelo simples fato de que as pessoas como as coisas, de um modo geral, mudam ao longo do tempo, pois se transformam no decorrer de sua própria história, numa mescla de vivências, experiências e aprendizados.

A perspectiva histórica delineada a seguir destaca aspectos da motivação da trajetória do Projeto *Variação linguística do Português em contato com o Espanhol e o Guarani na perspectiva do Atlas linguístico-contatual da fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR PY)*.

No curso de graduação, como bolsista de iniciação científica desenvolvemos projetos de investigações dialetais voltadas para o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)² o que nos proporcionou os primeiros contatos com a pesquisa de campo em regiões de fronteira.

Em 2004, já cursando o mestrado em Letras, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPTL), passamos a integrar, oficialmente, a equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), cujo objetivo maior é a construção de um atlas nacional sobre o português do Brasil. Esse fato proporcionou, novamente, o contato com pesquisas *in loco* em faixas de fronteiras e deu origem à dissertação de mestrado *Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã, MS* (REIS, 2006).

Ancorada no princípio de que, se há plurilinguismo permeando uma língua, no caso a portuguesa, variante brasileira, haverá, mais acentuadamente ainda, plurilinguismo nas faixas fronteiriças que dividem territórios distintos.

A escolha do tema pautou-se, pois, na continuidade de investigação

² O Projeto Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS), coordenado pelo Prof. Dr. Pedro Dercir de Oliveira, foi publicado em 2007.

dialetal iniciada no mestrado e que abrange áreas linguísticas que se encontram ao longo da fronteira do Brasil, região do estado de Mato Grosso do Sul, com a República do Paraguai.

Com este propósito, definimos como objetivo geral mapear a realidade linguística das áreas de fronteira situadas entre o estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, e o Norte do Paraguai, seguindo a linha geográfica que demarca as localidades limítrofes dos dois territórios.

Como objetivos específicos propomos:

- i) apresentar a variação do português de contato espanhol-português e guarani-português;
- ii) identificar influências das línguas espanhola e guarani sobre a língua portuguesa falada na fronteira;
- iii) exemplificar tais influências por meio de aspectos lexicais da variante diatópica dos habitantes fronteiriços;
- iv) demonstrar, por meio de cartas linguísticas, o movimento das interinfluências para empréstimos linguísticos e/ou culturais que migraram do Paraguai para o Brasil ou vice-versa.

Para nortear a pesquisa, estabelecemos as seguintes hipóteses: a) variação linguística presente na fronteira do Brasil com o Paraguai pode indicar a interinfluência das línguas espanhola e guarani sobre a língua portuguesa nesse espaço; b) a cartografia pluridimensional pode apontar as interinfluências das línguas em contato; c) os contatos das línguas guarani e espanhola tendem a caracterizar, de modo particular, a língua portuguesa falada por brasileiros na fronteira, mesmo que estes não dominem nenhum dos dois idiomas citados.

Neste particular, o estudo se justifica pela relevância do registro de variantes lexicais que podem evidenciar transformações na dinâmica interna da língua sob a influência de fatores externos ou sociais. Neste caso, merece destaque a fronteira em pauta, cuja realidade geográfica gera intensas atividades entre os dois territórios, desencadeando trocas comerciais, culturais e as ligadas à língua. Apesar de se constituírem comunidades divergentes em seus papéis sociais, com identidades nacionais próprias atreladas a idiomas oficiais distintos, as trocas culturais e linguísticas são inevitáveis.

O falante pode não entender a dimensão do fenômeno linguístico a

que está exposto, todavia, consegue instrumentalizar de tal modo sua interação verbal que, em situação de contato de línguas, se comunica sem grandes dificuldades, mesmo não dominando o código linguístico de seu interlocutor.

Por esse viés, Moreno Fernández (1998, p. 257), discorrendo sobre zonas de contatos linguísticos, considera certos fenômenos naturais, desde que consideradas as condições de fala e o contexto de sua produção. Por ser comum a assimilação de formas linguísticas em zonas bilíngues ou plurilíngues, as influências podem efetivar-se nos diversos níveis da fala de comunidades em situação de contato.

Uma vez explicitados a motivação, os objetivos e as hipóteses deste trabalho, tratamos de sua estruturação. Esta tese está organizada em dois volumes: o primeiro compreende quatro capítulos, assim estruturados:

O Capítulo I propicia uma visão histórica e geográfica das regiões de fronteira, seus processos de povoamento e aspectos de sua economia.

O Capítulo II apresenta a discussão da base teórica que sustenta esta tese relativamente às questões sobre línguas em contato, estudos geolinguísticos e cartografia pluridimensional.

O Capítulo III trata da metodologia adotada no que se refere à escolha das localidades, ao instrumento de coleta de dados e à seleção dos informantes.

O Capítulo IV traz algumas reflexões sobre os dados linguísticos mapeados. Ao final, traçamos as conclusões, seguidas das referências e das seções de anexo e apêndice.

O Volume II apresenta o produto final, isto é, o conjunto de cartas lexicais que compõe o *Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira do Brasil com o Paraguai* (ALF – BR PY).

1 PANORAMA HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DA FRONTEIRA ENTRE O MATO GROSSO DO SUL E O PARAGUAI

1.1 TERRITÓRIO OESTE: A CONQUISTA DA “TERRA DE NINGUÉM”

A região Centro-Oeste do Brasil no início de sua colonização, por peculiares características geográficas, era protegida, entre os meios físicos, por extensas florestas conhecidas apenas pelos indígenas que habitavam essa área. Entre outros fatores, esse quadro geográfico retardou o povoamento do centro do Brasil pelo branco e pelo mestiço, se comparado aos processos de colonização do litoral brasileiro.

As terras do Oeste, antigamente, eram intituladas de “sertões desconhecidos” e de “terra de ninguém”. Devido às questões geográficas, associadas à barreira humana formada pelos nativos da terra, a efetiva posse desse território se tornou extremamente difícil aos portugueses radicados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Todavia, para os espanhóis, a situação era diversa, já que a região Centro-Oeste situa-se ao norte da atual república paraguaia, espaço físico colonizado pelos espanhóis, favorecendo-os pela proximidade territorial. Além disso, soma-se o fato de o lado de cá dessas terras terem configuração diferenciada a de seus extremos, em termos de constituição geográfica, pois possui vastas planícies, com poucas florestas e campos abertos, o que facilitou o seu desbravamento por terra, a pé e a cavalo, fatores acrescidos ainda à facilidade de navegação pelo rio Paraguai (GUIMARÃES, 1999, p. 13-14).

É fato que a história do povoamento do Oeste brasileiro desde cedo foi marcada por disputas entre europeus e índios, iniciadas, sobretudo, por portugueses, espanhóis e índios dos séculos XV ao XVII. No princípio, a defesa do Oeste foi realizada por tribos indígenas, que tentavam evitar a sua colonização por espanhóis e portugueses, desencadeada a partir do início das grandes navegações, conquistas oficializadas pelos Tratados de Tordesilhas e de Madri (DIÉGUES JUNIOR, 1960, p. 49-51).

O Tratado de Tordesilhas, por exemplo, foi um acordo diplomático celebrado entre Portugal e o recém criado Reino da Espanha para dividir “as terras descobertas e as por descobrir” entre as duas coroas fora da Europa. Firmado após

as “descobertas” de Colombo, o meridiano definia a linha de demarcação: 370 léguas a oeste da ilha de Santo Antão no arquipélago de Cabo Verde. A linha imaginária estava situada entre essa ilha, à época, portuguesa, e as ilhas das Caraíbas descobertas por Colombo, no documento citadas como Cipango e Antília. Assim ficaram definidos os territórios a leste do meridiano como pertencentes a Portugal e os territórios a oeste, a Espanha. O tratado foi firmado por volta de 1494³.

A Figura 01, a seguir, apresenta documento deste acordo:

Figura 01 – Tratado de Tordesilhas



Fonte: <http://embaixadadeportugal.jp>

³ Cf. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tratado_de_Tordesilhas. Acesso: 11.10.2012.

A Figura 02 ilustra a demarcação territorial estabelecida pelo Tratado de Madri:

Figura 02 – Tratado de Madri

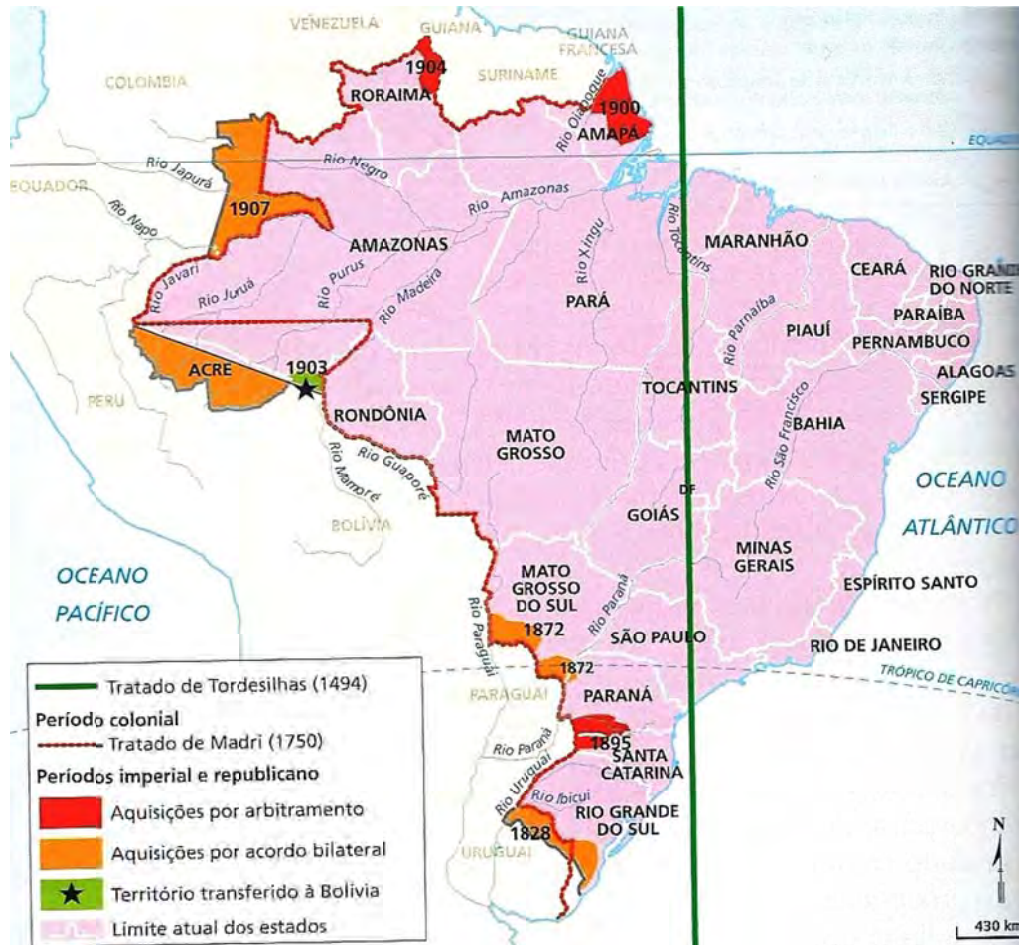


Fonte: araoalves.blogspot.com

Esses e outros tratados diplomáticos foram realizados no decorrer da história das Américas. Especificamente, a fronteira Oeste foi disputada por grupos humanos diversos, parte da fronteira foi anexada, apenas em 1872, ao território político do Brasil, após a Guerra da Tríplice Aliança.

A Figura 03, por exemplo, aponta várias fases de demarcação territorial desencadeadas por acordos diplomáticos ocorridos em três períodos distintos: o colonial, o imperial e o republicano, todos realizados com o fim de definir a posse das “terras de ninguém”.

Figura 03 – Território demarcado pelo tratado⁴



Fonte: <http://marcosbau.files.wordpress.com/2011/01/brasil-fronteiras.jpg&imgrefurl>.

Em se tratando, particularmente, de terras sul-mato-grossenses alguns dos conflitos datados do início de seu povoamento foram desencadeados por controvérsias sobre a existência ou não de minérios preciosos em seus limites, entre estes, cite-se o relacionado ao português Aleixo Garcia. Esse aventureiro trouxe para as atuais terras de Mato Grosso do Sul considerável carga de ouro que acabou por culminar em sua morte, bem como a de seus companheiros de viagem que foram mortos por índios guaranis. Desse modo, essa riqueza acabou em posse desses índios que, com o ouro à mostra, estimularam o interesse do governador espanhol que passou a acreditar na existência de extrema riqueza acima do rio

⁴ Fonte: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/tratado-de-tordesilhas/tratado-de-tordesilhas-3.php>. Acesso: 30.10.2012.

Paraguai. Por isso, em 1537, o governador enviou para lá o explorador Ayolas⁵ que subiu o rio em busca dessas riquezas e teve o mesmo fim que Aleixo Garcia: foi morto pelas mãos dos índios (MAGALHÃES, 2008, p. 25-30).

Tempos depois, outro governador espanhol, Alvar Núñez de Vera Cabeza de Vaca⁶, em 1543, refez o caminho do ouro em busca de Ayolas por água e por terra, chegando com sua comitiva ao atual de Porto Murtinho, MS, no Brasil. Depois de longa procura, os índios chanés revelaram a procedência do ouro, que era, na verdade, do Peru, e as respectivas mortes que causaram, fazendo retroceder e finalizar a expedição de Cabeza de Vaca (MAGALHÃES, 2008, p. 25-30).

Após essas expedições, os jesuítas espanhóis empenharam-se na evangelização de várias tribos indígenas desse território sem que o colonizador português os seguisse. O registro histórico de Guimarães (1999, p. 13-37) aponta para posterior invasão de bandeirantes que penetravam nas regiões assistidas pelos jesuítas e destruíam seus aldeamentos, ocasionando a morte de muitos índios e dos padres que lutavam em defesa desses primeiros donos das terras brasileiras.

As entradas e bandeiras eram expedições com número relativamente grande de homens, sob o comando de um chefe. Entre os objetivos principais estavam: desbravar e conquistar territórios, caçar índios para o trabalho escravo, ou ainda, buscar ouro (GUIMARÃES, 1999, p. 13-37).

A Figura 04, a seguir, ilustra a entrada dos bandeirantes que abrangiu as regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil, alavancando processos de povoamento:

⁵ Juan de Ayolas Briviesca, explorador espanhol, veio à América como participante da expedição de Pedro de Mendoza que saiu da Espanha em 1535. Acompanhou a fundação de Nuestra Señora del Buen Ayre em 1536 e foi o fundador do forte Corpus Christi, às margens do rio Paraná. Ayolas é considerado o primeiro europeu a cruzar a região do Chaco, em busca da mítica *sierra de la Plata*, chegando até a atual Bolívia e aos territórios já conquistados por Francisco Pizarro no Peru. Faleceu no forte de Candelaria, fundado por ele, na ocasião de um ataque indígena. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Juan_de_Ayolas. Acesso em 02/01/2013).

⁶ Parte das aventuras vivenciadas por Álvaro Núñez encontram-se registradas em sua obra *Náufragios e Comentários*. Madrid: Editora España-Calpe, 1985.

Figura 04 - Movimento das bandeiras paulistas nas regiões Centro-Oeste e Sul do Brasil



Fonte: Freitas Marins (2012, p. 40)

O povoamento do antigo estado de Mato Grosso, particularmente, foi desencadeado pela terceira fase do “bandeirismo” com o ciclo do ouro iniciado na região norte que comporta hoje a cidade de Cuiabá.

Os resultados das investidas portuguesas em territórios já percorridos pelos espanhóis foram destruições violentas de missões jesuíticas e o derramamento de sangue de padres espanhóis e indígenas guaranis (GOIRIS, 1999, p.50). Segundo Diégues Júnior (1960, p. 277-287) movia esses homens a ânsia desmedida por encontrar e explorar veios de ouro alcançando riqueza súbita, além da busca por aventuras vivenciadas por meio do desbravamento de área desconhecida.

Goiris (1999, p.50-51) afirma que os portugueses com intenção de se tornarem donos dos campos de Jeréz, por volta de 1778, principiaram pelo domínio de outros territórios, fundando, por exemplo, a cidade de Boletín, onde, uma década depois, construíram uma penitenciária à qual deram o nome de Miranda. No Alto Paraguai, à margem direita do rio Paraguai, os portugueses fundaram o Forte Coimbra (1775) e, posteriormente, a cidade de Corumbá (1788).

Assim também ocorreu com localidades atualmente paraguaias, as quais foram fundadas paralelamente às hoje brasileiras. Conforme já citado anteriormente, o desaparecimento do chefe Ayolas e sua respectiva busca acabou ocasionando, por exemplo, a fundação do Forte *Nuestra Señora de la Asunción* que, após décadas de povoamento, se tornou a capital do Paraguai: Asunción. Nos moldes do Brasil, em relação a Portugal, a República do Paraguai esteve durante longo tempo sob o domínio da Espanha, período em que integrou o Vice-Reino do Rio da Prata (1777-1811) por ordem de Carlos III⁷.

Em 15 de maio de 1811, o Paraguai declarou sua independência por intermédio do capitão Pedro Juan Caballero que foi nomeado presidente do congresso no dia 12 de outubro de 1813, data da independência paraguaia (GOIRIS, 1999, p.50-51).

O Paraguai, em suas raízes históricas, tem como característica principal a concentração do poder político na capital, Assunção, somada à forte dominação político-militar sobre o poder administrativo. Acerca do assunto, Goiris (1960, p.266) registra que:

La centralización siempre fue un factor gravitante en el Paraguay. El poder real durante siglos se concentró (y se concentra todavía) en Asunción. La capital de la República fue la cuna de las luchas independentistas, fue la sede de los primeros gobiernos, como los del Dr. Francia y de los Lopés, fue palco de varias revoluciones; en fin, todo el quehacer político-ideológico tuvo a la Asunción como local privilegiado. Los pueblos del interior apenas se mantenían a la expectativa de lo que ocurría en la capital⁸.

Com efeito, esse poder centralizador pode ser visualizado nos anais da história desses habitantes da fronteira, especialmente se contextualizado na Guerra da Tríplice Aliança. Segundo Corrêa (2005, p.35), o problema das demarcações de limites territoriais entre Brasil e Paraguai gerou os primeiros rumores de que haveria guerra, era só uma questão de tempo.

Na versão paraguaia para os fatos, a rivalidade hispano-portuguesa refletida na luta pela demarcação geográfica de limites entre espanhóis e

⁷ PACIEVITCH, Thaís, 2008. Fonte: <http://www.infoescola.com>. Acesso: 26.12.2012.

⁸ A centralização sempre foi um fator de gravitação no Paraguai. O poder real durante séculos se concentrou em Assunção. A capital da República foi a casa (ou o berço) das lutas independentistas, foi a sede dos primeiros governos, como os de Dr. Francia e os de Lopes, foi palco de várias revoluções; enfim, toda atividade política-ideológica teve em Assunção um lugar privilegiado. As cidades do interior tinham apenas a expectativa do que aconteceria na capital (TN).

portugueses vinha se arrastando desde a colonização dos atuais territórios brasileiro e paraguaio. Em suma, a ambição pelo expansionismo territorial envolvendo Brasil e Paraguai, colonizados, respectivamente, por Portugal e Espanha, tornou-se a causa central da guerra.

Assim, o século XIX marcou, tragicamente, a história desses e de outros países latinos: Paraguai, Argentina e Brasil e, de forma menos acentuada, fez parte dessa história também o Uruguai.

Iniciada, a guerra não terminaria em curto prazo, como foi previsto pelos governantes dos países que estabeleceram a Tríplice Aliança: o Uruguai, o Brasil e o Paraguai. Esta guerra pode ser considerada um reflexo tardio das ambiciosas disputas ocorridas no início da colonização.

Acerca da divisão e limites territoriais, Goiris (1999, p. 63) registra que o tema geopolítico, desde o século XVI, trazia acoplados graves problemas de limites territoriais, cuja solução definitiva foi encontrada por meio da guerra. Por isso, o autor afirma que “la guerra de la Triple Alianza puede ser considerado el ejemplo más paradigmático de los efectos perversos del antiguo flagelo del desmedido expansionismo territorial”⁹.

O seguir da história revela que, no período pós-guerra, ocorreu a anexação definitiva de cidades como Bela Vista, Miranda, Nioaque, Corumbá e Ponta Porã ao então território brasileiro (GOIRIS, 1999, p.51).

As fontes históricas, dentre outras vertentes do conhecimento, destacam ainda várias versões para a guerra da Tríplice Aliança: cogita-se a possibilidade de ter havido invasão territorial paraguaia sobre terras brasileiras ou o inverso, anexação de terras paraguaias às brasileiras por ocasião da vitória do Brasil sobre o Paraguai; aponta-se envolvimento inglês por poder econômico sobre os países que compuseram o contexto da guerra, configurando-se o modelo econômico paraguaio como ameaçador à intenção inglesa. Devido aos interesses políticos dos países envolvidos no episódio bélico, certo é que são muitas as versões sobre a guerra da Tríplice Aliança. A dificuldade consiste em saber qual seria a legítima.

O pós-guerra entre Brasil e Paraguai promoveu uma mudança cultural radical, devido a uma singular mistura de etnias nessas fronteiras. Na formação cultural do sul de Mato Grosso, além dos paraguaios, diversos grupos ali

⁹ A Guerra da Tríplice Aliança pode ser considerada o exemplo dos efeitos perversos do antigo flagelo do desmedido expansionismo territorial (TN).

se fixaram como resultado de migrações externas, como árabes, japoneses e bolivianos, principalmente na área central do atual estado de Mato Grosso do Sul. Soma-se a isso, a presença de três nações indígenas enraizadas na formação dos sul-mato-grossenses, que são os terenas, os caiapós e os guaranis (CABRAL, 1999, p.27-42). Somados a estes povos, temos ainda o povo paraguaio presente na formação do Estado.

Outros acontecimentos favoreceram o povoamento do Centro-Oeste do Brasil contribuindo, mais especificamente, para o desenvolvimento das terras que formam o estado de Mato Grosso do Sul. No século XX, o governo de Getúlio Vargas promoveu a chamada “Marcha para o Oeste” com a finalidade de povoar as extensas terras do interior brasileiro pouco ou quase nada ocupadas. Montello (1946 [1941], p. 173-174) registrou esse momento com as seguintes palavras:

O caminho do Oeste, neste momento da vida nacional [...], que estavam contidas nos velhos tratados como delimitações geográficas, mas onde ainda não haviam chegado o rumor e as transformações de nossa civilização. Era um mundo real, mas desconhecido. Apontado nas cartas era apenas um motivo nacional de êxtase cívico, porque não fôra (sic) ainda desbravado e rompido para uma completa integração no ritmo moderno da nacionalidade brasileira [...] Por isso mesmo quando o Presidente Getúlio Vargas, numa das horas mais decisivas da vida brasileira, lançou as diretrizes políticas de um novo estado debaixo de princípios racionais consentâneos com a realidade nacional – dentre essas diretrizes revolucionárias se destacou logo o sentido cívico da marcha para o Oeste (sic).

Desses dados, anote-se, primeiro, o apelo ao sentimento de patriotismo como elemento desencadeador do processo de colonização, recurso utilizado pelo governo Vargas, especialmente quando em seus discursos repetia, firmado na sua visão de sociólogo e político: “O verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o Oeste” (DALTRO, 1946, p. 04). Segundo, o projeto difundido pelo então presidente, a proposta de um Estado Novo era a de promover uma política demográfica no sentido de povoar o Brasil como um todo; contribuir com a reforma agrária com incentivo à migração interna formando colônias agrícolas, além de fomentar a produção agrícola de sustentação e a construção de estradas Brasil afora¹⁰.

¹⁰ Cf. <http://www.brasil Oeste.com.br/noticia/1327/a-marcha-para-o-oeste>. Acesso: 22.01.2013.

Nesta perspectiva, apesar de toda a problemática social que o projeto de construção do Estado Novo desencadeou, Getúlio Vargas alcançou boa parte de seus objetivos: o oeste brasileiro foi povoado e as fronteiras definidas. De modo particular, o estado de Mato Grosso do Sul deve a este projeto grande parte de seu desenvolvimento.

Destacamos ainda, as migrações internas oriundas de outros estados brasileiros que, atraídas pelas terras férteis e relativamente planas, adentraram o Centro-Oeste do Brasil com esperanças de melhoria de vida.

1.2 O CULTIVO DA ERVA-MATE: ELEMENTO DESENCADEADOR DOS PROCESSOS DE POVOAMENTO NA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI E DESMEMBRAMENTO DO ESTADO DO MATO GROSSO

Em termos históricos, a influência jesuítica sobre os indígenas do início da colonização do oeste, foi essencial para a formação cultural da população dos territórios de zonas fronteiriças entre o atual estado de Mato Grosso do Sul (Brasil) e a República do Paraguai. À época das missões jesuíticas, o grupo predominante naquelas paragens era o guarani que, sob a orientação dos padres, trabalhava em forma de sociedade produzindo arroz, trigo, milho, cana-de-açúcar, tabaco e algodão. Todavia, o que mais se cultivava era a erva-mate, produção anterior ao advento das missões jesuíticas, fato que pode explicar a influência e a perenização desse plantio até os dias atuais nessa fronteira (GOIRIS, 1999, p.54-55).

Acerca do cultivo da erva-mate, Goiris (1999, p.55) registra que: *el dominio tecnológico da explotación de la yerba mate, instituído por lo jesuítas, va a ser fundamental para que las nuevas generaciones puedan aprender y desarrollar esta importante rama de la economía colonial*¹¹. Na verdade, a produção da erva-mate foi pólo de desenvolvimento e rentabilidade na República do Paraguai que, anteriormente à guerra, fora o maior produtor de erva-mate da América Latina e, no pós-guerra, perdeu o domínio para o monopólio brasileiro, razão por que algumas cidades fronteiriças representaram pólo importante de exploração da erva-mate no

¹¹ “O domínio tecnológico da exploração da erva mate, instituído pelos jesuítas, será fundamental para que as novas gerações possam aprender e desenvolver este importante ramo da economia colonial” (TN).

século XIX, tendo como mão-de-obra os trabalhadores paraguaios que conheciam os segredos da preparação da erva e eram obrigados a trabalhar nos ervais brasileiros.

O pós-guerra da Tríplice Aliança gerou uma “corrida” pelo monopólio dos seus ervais com alta rentabilidade para os exploradores. Com isso, o monopólio paraguaio da produção dos ricos ervais passou ao Brasil como uma importante fonte de renda. Com isso, desencadeou-se a entrada de paraguaios ao Brasil, pois estes dominavam o cultivo da erva-mate.

Depois dessa guerra, inicia-se a exploração e o comércio da erva-mate pela companhia Matte Laranjeira em terras brasileiras (1882), marcada por extrema violência, desde o início de suas atividades, infligida pelos fundadores dessa companhia aos trabalhadores dos ervais nativos. Ao ganhar longas concessões, autorizadas pelos governantes brasileiros, para atividades de livre comércio e proteção de fronteiras, a Matte Laranjeira estabeleceu sistemas de *semi-escravidão*¹² no trato com os ervateiros que, na sua grande maioria, eram paraguaios e gaúchos, estes últimos ex-combatentes na Revolução Federalista.

Posteriormente a este período, com o fim de assegurar a posse definitiva do sul do Estado, foram desencadeados processos de ocupação instituídos legalmente por meio do estabelecimento de fortes e de formações de vilas e cidades, especialmente nas regiões dos novos limites fronteiriços, ocasionando, com isso, o desenvolvimento político e econômico e dando impulso ao crescimento do sul de Mato Grosso, onde se localizam as cidades que compõem a rede de pontos da pesquisa desta tese. O desenvolvimento econômico dessa parte do território contribuiu para uma futura divisão político-administrativa, que deu origem aos dois estados da federação: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Segundo Corrêia (1999, p. 63), esse processo em busca da divisão territorial do então estado de Mato Grosso também foi marcado por morte e exílio, entre as quais, no final do século XIX, a do então mentor do movimento separatista do estado de Mato Grosso, o advogado Barros Cassal, além do exílio de Mascarenhas e Teixeira Muzzi, líderes do movimento separatista.

¹² Ser empregado na Matte Laranjeira representava “um caminho sem volta”, pois a Companhia fornecia os subsídios para a manutenção física (roupas, alimentos, remédios, produtos em geral) do funcionário, mecanismo esse utilizado pela empresa para usurpar o ervateiro nos seus direitos e escravizá-lo até esgotar a sua força braçal, já que, desesperados por saldarem seus “débitos” e ganharem novamente a liberdade, trabalhavam cada vez mais sem obter sucesso no propósito que os movia, pois a cada dia “deviam” mais à companhia (BATISTA CORRÊA, 2000, p.66-67).

As causas para a divisão do Estado por parte dos mato-grossenses da parte sul centravam-se, sobretudo, nas enormes proporções territoriais do Estado. Como agravante da situação, Mato Grosso, a sede da administração política do território situava-se ao norte do Estado – Cuiabá -, o que resultava em desenvolvimento substancial dessa faixa de território, enquanto o sul do Estado ficava prejudicado econômica e politicamente. Outro fator que favoreceu a divisão foi a grande extensão territorial que separava o sul do norte, o que tornava inviável uma boa administração econômica do sul (CORRÊIA, 1999, p.63-64). Desde o início de sua colonização, o sul de Mato Grosso apresentava características próprias, diferenciadas em termos geográficos, históricos, administrativos e culturais.

Depois de extensas reivindicações, ocorre a divisão do então estado de Mato Grosso, dando assim origem ao atual estado de Mato Grosso do Sul, capital Campo Grande, com a assinatura da lei complementar nº 31, no dia 11 de outubro de 1977, pelo presidente Ernesto Geisel (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1995, p.141). Foi assim que a parte sul de Mato Grosso ganhou características próprias nos eixos político-administrativo e cultural uma vez desvinculado do então território de Mato Grosso.

Em termos fronteiriços, a situação política entre Brasil e o Paraguai encontra-se consolidada por vários acordos que fortalecem os antigos laços culturais, históricos e geográficos. Entre esses acordos, cite-se o de Tratado de Itaipu, assinado em 1973 e validado até 2023, que estabelece o uso igualitário da energia elétrica gerada pela Usina de Itaipu situada na fronteira entre os dois países.

A importância dos fatos históricos, já referidos, que marcam brasileiros e paraguaios é mencionada nas narrativas e casos contados pelos informantes entrevistados, na pesquisa de campo. Apesar dos entraves e dissabores que os confrontos territoriais causaram entre as duas nações, as trocas culturais e linguísticas são perceptíveis na zona de fronteira até mesmo por aqueles que não estão ligados aos estudos da linguagem.

A Figura 05 permite visualizar o território brasileiro e suas fronteiras com países de fala hispânica.

Figura 05 – O território brasileiro e suas fronteiras



Fonte: www.portalsaofrancisco.com.br

Acordos internacionais como o Tratado de Assunção, assinado em 1991, conhecido comumente como MERCOSUL¹³, por exemplo, acabam por fortalecer as relações diplomáticas, políticas e econômicas entre o Brasil e suas fronteiras.

Feita esta síntese histórica da região, no capítulo 02,

¹³ Fontes: <http://www.politicaexterna.com/563/cronologia-das-relaes-brasil-paraguai> – Página Política Externa Brasileira – Cronologia das Relações Brasil – Paraguai; <http://www.infoescola.com/geografia/relacoes-entre-brasil-e-paraguai/>. Acesso: 05.11.2012.

Fundamentação Teórica: línguas em contato, apresentamos o aporte teórico sobre o qual se assenta a discussão sobre as línguas em contato e as interferências linguísticas que desencadeiam a proximidade de idiomas coexistentes na região estudada.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo *línguas em contato* comumente é definido como o uso de duas ou mais línguas alternadamente pela mesma pessoa, especialmente, quando o contexto no qual se situa abrange culturas distintas coexistentes numa tênue linha divisória, sobretudo, geofísica. Acerca do assunto, Weinreich (1972, p. 01) afirma que “a linguagem – usada pelos indivíduos é o lugar do contato”.

Trudgill e Campoy (2007, p. 75) também registram que o termo *línguas em contato* (*language contact*) é adequado para nomear situações nas quais grupos de dois ou mais falantes que não tenham em comum a mesma *língua materna* estão ou entram em contato linguístico. Segundo essa definição, no curto prazo podem ocorrer dificuldades de comunicação, mas, no longo prazo, as línguas que estão em contato se influenciam mutuamente como consequência do bilinguismo de parte dos falantes envolvidos. Essa influência poderá dar lugar ou envolver fenômenos como “empréstimos linguísticos, mudança de código, línguas francas, multilinguismo ou processos de criolização” (os *pídgins*).

Nessa mesma perspectiva, a definição de Weinreich (1972), citada anteriormente, apresenta uma constatação que pudemos comprovar na análise da fala dos brasileiros entrevistados, falantes fronteiriços que dominam comumente o português como língua materna: o contato entre nações distintas começa pela linguagem.

Tendo em vista a complexidade teórica que envolve a designação *língua materna*, estamos compreendendo-a no sentido atribuído por Altenhofen¹⁴ (2002, p.159) que aponta a problemática que o termo abarca e o concebe como:

[...] um conceito dinâmico que varia conforme um conjunto de traços relevantes que engloba, em uma situação normal, válida para um determinado momento da vida do falante, a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, e) apresentando-se porém geralmente como língua dominante, f) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, e, por isso, d) provida de um valor afetivo próprio. Em relação ao bilinguismo precoce e simultâneo, é pertinente admitir a possibilidade de falantes com duas línguas maternas, contendo os traços mencionados acima (sic).

¹⁴ Para formular a definição o autor se fundamentou em teóricos como Machey (1972), Titone (1993) Romaine (1994), Decrosse (1989), Grosjean (1996), Apeltauer (1997), Kemp (1999), entre outros.

A situação de contatos linguísticos configura-se como uma realidade imposta ao falante das cidades brasileiras e paraguaias da fronteira, pois a norma linguística ali falada está posta nos contextos familiares e sociais, em geral, no ambiente de trabalho, nos ambientes educacionais e naqueles voltados para o lazer e a religião.

Aos fatores apontados, acresça-se que há mais interferências das línguas que estão em contato com o português, no caso o espanhol e o guarani, em situação real de uso - segundo registros de fala dos próprios informantes quando afirmam “eu falo mais nas outras línguas quando converso com os paraguaios” – fora do contexto de conversação semi-direcionada, ou seja, não-natural imposta pela situação de entrevista associada ao uso de questionário linguístico, acompanhado de gravador de voz. Durante a entrevista parece uma tendência geral dos informantes o uso da língua portuguesa por ser esta, na maioria dos casos, a sua *língua materna*, o que pressupõe maior segurança no falar.

Mackey (2005, p. 1487) discorre sobre o assunto quando trata do *comportamento social* do bilíngue (social behavior-bilingual). Segundo ele, o comportamento social do bilíngue difere nos modos de interação inter-linguística, assim descritos: i) dois bilíngues podem usar apenas uma de suas línguas com outros bilíngues, ii) em alguns encontros bilíngues é possível falar uns aos outros em linguagem única (geralmente a língua étnica) para a conversação e iii) duas pessoas podem compreender as duas línguas ou apenas um dos pares pode compreender ambas.

Há, ainda, em muitos casos, a partilha de usos ou funções específicas da linguagem como, por exemplo, em situação de comércio onde se pressupõe a intrínseca necessidade de efetuar a comunicação. Pode ocorrer nesses contextos linguísticos, de modo muito distinto em cada bilíngue, a escolha do repertório lexical e a tolerância ou não à mistura inter-linguística. Na fronteira em pauta, a tolerância parece ser natural, visto o surgimento do *jopará* (termo do guarani que significa “mistura¹⁵”): a mescla do espanhol, do guarani e do português.

A partir do século XX, o bilinguismo, antes considerado como um distúrbio da norma linguística, passou a ser difundido, por vários teóricos, como algo relativo, variável, generalizado e multidimensional, passando a ser foco de

¹⁵ Cf. GUACHI; ORTIZ, 1991, p. 590.

relevantes estudos, entre os quais estão os de Haugen (1956), Kelly (1969), Elwert (1973), Mackey (1976), Manessy/Wald (1979), Grosjean (1982), Romaine (1989), Edwards (1995), Gogolin/Graap/List (1998), entre outros. Os avanços dos estudos sobre o bilinguismo e/ou contato de línguas revelam que o interesse por esse ramo dos estudos linguísticos tem ganhado espaço e difusão por todo o mundo (MACKEY, 2005, p. 1483).

Em rápida enumeração, apresentamos alguns conceitos de autores que abordam, teoricamente, a questão das línguas em contato, bem como, as definições para os termos *bilinguismo* e *multilinguismo*. Parece consensual entre esses teóricos que o problema central dos estudos de línguas em contato envolve, particularmente, as situações de bilinguismo e multilinguismo.

Dubois et al (1993, p. 88) tratam o primeiro desses conceitos de forma ampla como “contactos de língua [bilinguismo] em fronteiras políticas ou linguísticas [...] é a situação na qual cada uma das comunidades (às vezes somente uma), dando embora à sua própria língua um caráter oficial, é levada a praticar muito correntemente a língua de outra comunidade” e, ainda, de modo restrito, “no plano individual, o bilinguismo é a aptidão de exprimir-se fácil e corretamente numa língua estrangeira apreendida especialmente”. Ficamos com a primeira definição, já que a segunda aponta para a vontade do falante para a aquisição de uma segunda língua (L2), na contramão da situação em que o contato com mais de um idioma na fronteira em pauta é, de certa forma, imposto ao falante.

Thomason (2001, p. 04), por sua vez, entende o bilinguismo pode ser estável, como (aparentemente) em Kupwar, onde os padrões de multilinguismo existem desde longa data; ou, ainda, transitórios como o da reserva Flathead, onde se pode ver o bilinguismo entre inglês-salish que parece caminhar para o monolingüismo inglês.

Já Romaine (1995, p. 01 - 02), sobre o bilinguismo, evoca uma frase de Jakobson (1953) que marcou os estudos de linguística contrastiva, “o bilinguismo é, para mim, o verdadeiro objeto da linguística”. A autora, baseada na assertiva de Jakobson, referenda que o problema central dos estudos de bilinguismo é o fato de a maioria deles estarem voltados, teoricamente, para a competência do falante ideal. Para exemplificar a problemática que envolve o assunto, essa estudiosa trata da fala de crianças, cuja complexidade está representada em amostras de oralidade em comunidades bilíngues. Essas amostragens permitem identificar modificações no

léxico da criança, pois a sua gramática interna ainda está nos estágios iniciais de desenvolvimento. Daí o não poder precisar de qual idioma a criança seguirá as regras gramaticais. Transportando essa realidade para a fala de adultos, o bilinguismo gerado por meio do contato entre dois idiomas de comunidades distintas poderá, ao longo do tempo, encontrar pontos convergentes ou, até mesmo, alcançar um ponto de fusão entre os dois sistemas gerando um terceiro. Conforme já citamos, os idiomas oficiais do Paraguai, espanhol e guarani, em contato com o português têm gerado o *jopará*, um claro exemplo dessa realidade linguística.

Thomason (2001, p. 05) assim registra esse contexto bilíngue da nação paraguaia:

In communities of all sizes, from the tiniest villages to the biggest nations, language contact (which is itself a result of social history) has social consequences. Sometimes these consequences are benign or advantageous. In Paraguay, for instance, the indigenous language Guaraní is spoken alongside Spanish and are considered national languages. The people of Paraguay are proud of their bilingualism. Spanish is ordinary in Latin America, but Guaraní is their unique possession. (The history of this contact is less benign, however, other indigenous languages of Paraguay vanished because their speakers were pressured by European missionaries to learn Guaraní instead)¹⁶.

Na verdade o termo bilinguismo representa um ponto de bifurcação teórica das mais complexas se conjugado com a expressão *língua materna*, anteriormente focalizada. Segundo Altenhofen (2002, p. 142-159), a “complexidade ultrapassa o plano meramente linguístico, para abranger adicionalmente aspectos de ordem histórica, social, política, educacional e psicológica [...]”.

O conceito de *língua materna* está constantemente relacionado ao senso comum que restringe o significado dessa expressão como i) a primeira língua apreendida pelo falante, ii) a língua de dominação num território geopolítico iii) língua de afetividade (pai/mãe) e iv) língua de grupos minoritários, entre outros. Todos esses conceitos atribuídos à *língua materna*, se tomados isoladamente, distorcem a

¹⁶ “Em comunidades de todos os tamanhos, desde as menores aldeias às maiores nações, as línguas em contato (que em si já é resultado da história social) tem consequências sociais. Às vezes, essas consequências são boas ou vantajosas. No Paraguai, por exemplo, a língua indígena guarani é falada ao lado do espanhol, ambas são consideradas línguas nacionais. O povo do Paraguai é orgulhoso de seu bilinguismo, o espanhol é comum na América Latina, mas o guarani é sua posse exclusiva. (A história deste contato é menos benigna, pois outras línguas indígenas do Paraguai desapareceram porque os seus falantes foram pressionados por missionários europeus a aprender o guarani)” (TN).

profunda carga de significação que essa expressão carrega, entre as quais se encontram a de Decrosse (1989, p. 21¹⁷) que alerta “a língua materna pode ser uma barreira simbólica das fronteiras”. Não é demais ressaltar que adotamos, nesta tese, o ponto de vista de que a língua é o patrimônio histórico-cultural de uma nação e está intrinsecamente relacionada a questões de identidade e pertencimento social dos falantes.

Contudo, Sigum (2001, p. 202-203), ao abordar questões de identidades “complexas”, considera que os seres humanos não pertencem a apenas um grupo - neste caso, o grupo seria a nação como um todo (Brasil/Paraguai) -, mas há vários grupos no âmbito social que abrangem diversos setores da sociedade como, por exemplo, fazer parte de um partido político, de uma associação religiosa ou de um grupo empresarial, entre outros. O autor oferece exemplos retirados de situações linguísticas de Catalunha, cujos falantes têm atitudes distintas em relação a uma ou duas línguas ali faladas. Com essa constatação, Sigum pondera que “[...] la lengua es un elemento entre otros de la cultura que caracteriza a una sociedad establecida en un territorio”. Eis aí questões que tornam complexo o conceito de *língua materna*.

Nesta tese, adotamos os conceitos de bilinguismo e multi/plurilinguismo defendidos por Mackey (2005, p. 1483) quando registra que *bilinguismo* pode indicar o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo. Estamos considerando também a assertiva do autor que alerta existirem termos diferentes para indicar situações que culminam no mesmo fato linguístico com poucas alterações: i) **bilinguismo** é o termo mais usado na utilização de duas línguas e ii) **plurilinguismo** se refere a vários idiomas falados pelo mesmo indivíduo. O autor, porém, registra que esses termos têm sido utilizados de modo genérico e talvez fosse mais adequado falar em termos numéricos: bilinguismo (duas línguas), trilinguismo (três línguas) e quadrilinguismo (quatro línguas) etc.

Conceituação próxima ao conceito de plurilinguismo é aqui compreendida como a prática de uso alternado de três distintos idiomas, ou ainda, como o uso de linguagem com marcas de dialeção. Neste caso, a dialeção está sendo entendida como uma variedade de contato a partir da junção de termos (base+afixos) de línguas distintas entre si como o citado *jopará* falado na fronteira

¹⁷ In: ALTENHOFEN, 2002, p.147.

Brasil/Paraguai, ou ainda, a formação de expressões compostas com a junção de termos de duas ou três línguas também distintas entre si. Este último caso é bastante comum no falar das “cidades gêmeas”¹⁸ como elencado no exemplo, a seguir:

QSL: 024

Como chama aquela planta de folhas compridas e finas com que se faz um chá que serve como calmante?

Ah! O capim cidrera [καπι)σιεδΡεΡ□], né? **Capim cedrón** [καεπι)σεδΡο)]?

HF2GI – P. 01

A ilustração denota que o falante interage comunicativamente em situação de mais de duas línguas em contato, utilizando criativamente o material linguístico a que está constantemente exposto. Também, por extensão de significado, por falante plurilíngue compreende-se o que domina mais de dois códigos linguísticos alternadamente ou não.

De acordo com Weinreich (1972, p. 01-02), o contexto de bilinguismo [plurilinguismo] promove o desvio das línguas que convivem na mesma área linguística, situação que resulta no contato linguístico (*language contact*) ou nos fenômenos de interferência (*Interference phenomena*). O autor referenda que estes são fenômenos de linguagem e, por isto mesmo, impactam as normas de comunidades que vivenciam a exposição a contatos, e que, independentemente de quais línguas sejam, precisam ser analisadas pela ciência linguística.

O mesmo autor referenda que, entre outros fatores, a proximidade territorial desencadeia a necessidade de comunicação mútua por causas diversas que podem ser ocasionados i) pelas trocas comerciais, ii) pela assimilação cultural (festas e religião), iii) pela constituição de laços matrimoniais entre pessoas de culturas diferentes (brasileiro/paraguaio), iv) pelos processos educacionais complementares (intercâmbio estudantil) ou migração para fins de aperfeiçoamento acadêmico (cursos técnicos, profissionalizantes ou aperfeiçoamento, como os ligados à pós-graduação) e vi) pela dupla nacionalidade. No caso da área aqui investigada, todos esses fatores culturais são comuns na fronteira em pauta.

Partindo de ponto de vista semelhante, Couto (2009, p. 49-50)

¹⁸ No caso desta tese, entende-se por *cidades gêmeas* as cidades brasileiras vizinhas de cidades paraguaias em situação de fronteira direta, mesmo que haja rios separando-as.

conceitua, ainda, o contato de línguas como algo co-relacionado a grupos distintos, pois, para que haja línguas em contato ou bilinguismo/multilinguismo, pressupõe-se que haja pessoas que usem línguas distintas numa proximidade geográfica – as fronteiras políticas. E, para que ocorra contato, esses habitantes têm que “viver e conviver em determinado território”, porém, não há divisão nítida entre espaços geográficos em que uma língua abarque apenas o que lhe está circunscrito. É fato que as línguas não respeitam espaços geofísicos, pois migram com as pessoas, por razões históricas enraizadas nos processos de sua formação e, assim, entram em contato inevitavelmente. Dessa situação, origina-se o plurilinguismo a partir da mistura cultural e linguística e, ainda segundo o autor, “[...] num processo paralelo ao da diversidade biológica”.

Mackey (2005, p. 1484-1485), por seu turno, aponta ainda as causas para o contato linguístico desencadeado pelo deslocamento de pessoas, seja por desejo ou por necessidade, por meio de imigração e colonização, viagens e educação, ou ainda, conversação e aculturação. A mobilidade de pessoas implica também mobilidade linguística, pois predispõe ao bilinguismo, a necessidade de aquisição de outro idioma para viver e trabalhar em outro país.

A história da humanidade registra o surgimento de relações linguísticas comuns envolvendo nações por questões de dominação ou comércio como o aramaico no Oriente Médio, o *pidgin* swahili na África e o Inglês, no Pacífico. Mackey (2005, p. 1485) aponta, ainda, a religião como fator desencadeador de processos de bilinguismo: a língua litúrgica que envolve o latim e o grego na Europa medieval. A língua eslava também tem mostras dessa realidade, além do alcorão no árabe, para citar apenas alguns exemplos de difusão de bilinguismo na história do mundo por meio da religião. Somados ao fato de que, durante muitos séculos, para a maioria da humanidade, a fim de adquirir conhecimento letrado, ou seja, ser alfabetizado, era obrigatório tornar-se bilíngue.

Extrapolando os limites das afirmativas anteriores, o convite a estudos mais pontuais sobre a mudança que afeta as normas de línguas em contato é de interesse do dialetólogo e, sobretudo, do geolinguista. A descrição de normas linguísticas de faixas fronteiriças, do ponto de vista do ensino, por exemplo, pode indicar a urgência de métodos diferenciados de aplicação de ensino-aprendizagem em áreas dialetais com normas modificadas pela situação de línguas em contato.

A urgência de estudos em áreas de bilinguismo ou multilinguismo

pauta-se no fato de que “a linguagem pode mudar ao longo do tempo, junto a mudanças em linha de demarcação entre estados-nação”, pois o território poderá sofrer alterações geofísicas ou linguísticas por reivindicação territorial (em áreas de instabilidade política, por exemplo) ou valorização cultural de um povo (MACKEY, 2005, p. 1484).

Do ponto de vista linguístico, a investigação realizada nas “cidades gêmeas” da fronteira Brasil/Paraguai, especialmente, a análise dos resultados do *corpus* do Projeto ALF – BR PY corroboram a assertiva de que a área dialetal a que estão expostos os falantes brasileiros deve ser compreendida pelo viés da diversidade linguística e da interferência de línguas com troncos linguísticos extremamente complexos em sua sistematicidade, como a língua guarani, a falada no Paraguai pelos moradores de fronteira, o *jopará* [mescla de falares], além das questões de ordem geracionais, como por exemplo, o guarani falado pela segunda faixa etária que apresenta marcas dialetais próprias. Este falar de base indígena sofre baixa interferência das línguas portuguesa e espanhola devido à complexidade de seu distinto sistema linguístico.

Na contramão do pensamento que defende a aptidão inata do falante para aquisição de mais de uma língua em contato, há um “modismo” antigo nos meios educacionais de acreditar não ser possível o indivíduo bilíngue não desenvolver competência plena em nenhum dos idiomas que fala, pré-conceito difundido na base da alternância das línguas, daí o falante receber o “rótulo” de “semilingual”. Esse conceito foi difundido pelos diversos termos que as ideias sobre bilinguismo difundiram como “bilíngue ideal”, “bilinguismo cheio”, “bilinguismo equilibrado”, o que pressupunha a existência de um bilinguismo “desequilibrado” ou falantes bilíngues “não-ideais” (ROMAINE, 1995, p. 06).

Esse pré-conceito está relacionado à teoria chomskiana do falante-ouvinte ideal (*competência vs. performance*), para quem o desempenho do falante está diretamente relacionado à compreensão que se tem da competência linguística. Romaine (1995, p. 06-07) adota perspectiva diferenciada a essa, pois, segundo ela, deve-se observar de fato o que a competência revela sobre o desempenho do falante. Eis aí uma abordagem precisa para o estudo do bilinguismo.

Outro ponto importante a ser discutido pauta-se na posição de Weireinch (1972) de que, quanto maiores forem as diferenças entre sistemas linguísticos coexistentes, maior será a dificuldade de aprendizagem mútua de seus

falantes. Entendemos que, independente da quantidade de línguas que estejam em contato num espaço determinado, haverá o contato, mesmo que de forma sutil. Os falantes interagem e ao interagirem atuam sobre a linguagem e assimilam, ao menos, usos e funções específicas.

Assim, mesmo que o falante de zonas plurilíngues não assimile o sistema linguístico falado nos limites fronteiriços a que está exposto, formas linguísticas divergentes das de seu próprio idioma são adquiridas, especialmente, as ligadas a formas de cumprimento, saudação e/ou às de necessidades básicas como as do vocabulário de alimentação e de saúde.

Trazendo essa questão para a faixa de fronteira em pauta, comumente, na aquisição de uma segunda língua, existe a tentativa da co-relação da língua materna (L1) com a segunda língua (L2) a ser apreendida. Entretanto, os contatos de línguas que coexistem no mesmo espaço físico denotam situação diversa à dos processos de aquisição espontânea de uma L2. No primeiro caso, a aquisição de uma segunda língua inicia um processo alternativo ao falante que deseja dominar outro idioma que não a sua língua de origem, ou seja, parte da predisposição do falante para a aquisição linguística. Já no segundo caso os contatos linguísticos se impõem ao ambiente físico-cultural do falante e não dependem de sua vontade, haja vista a norma regional ter caráter impositivo, conforme já assinalado. Esses fatores desencadeiam a assimilação quase que obrigatória de fatos linguísticos pertencentes às línguas a que está exposto.

Trata-se, primeiro, de um contato direto entre estados nacionais vizinhos e, depois, de um contato entre línguas. A situação do usuário da língua em contato com sistemas linguísticos distintos promove atitudes linguísticas peculiares, como na situação de contato em foco: i) a aceitação e admiração pelas línguas guarani e espanhola ou ii) a rejeição total ou parcial em relação às línguas citadas. Assim, mesmo que o usuário da língua se feche ao domínio dos idiomas em contato, como ocorreu com alguns entrevistados no âmbito deste trabalho, uma leve assimilação linguística acaba sendo inevitável.

Dados coletados para esta tese revelam que, ainda que em grau menor de ocorrência, os falantes brasileiros com ascendência brasileira (sem ascendência paraguaia de forma direta) têm no seu vocabulário o reconhecimento de um ou outro termo de origem guarani ou espanhola. Ou ainda, como já referenciado neste trabalho, mesmo que esse falante fronteiriço não domine as

línguas faladas nessa fronteira, o espanhol e o guarani, ele compreende algumas formas linguísticas originárias desse contato.

De acordo com Weinreich (1972, p. 02):

Great or small, the differences and similarities between the languages in contact must be exhaustively stated for every domain – phonic, grammatical, and lexical – as a prerequisite to an analysis of interference. It might even be fruitful to draw up general canons of differential description. These should probably include, among others, a picture of the degree of *apriori* structural homogeneity of the languages in contact and the precedents for borrowing in each¹⁹.

Essas grandes e pequenas diferenças entre as línguas em contato poderiam ser difundidas e examinadas, segundo o estabelecimento de uma fórmula resumida, como a criação de um método que permitisse medir a proporção do vocabulário comum em cada língua, ou ainda, a possibilidade de medir, de algum modo, o grau de inteligibilidade mútua entre dialetos [ou línguas distintas que coexistem no mesmo território].

Dessa forma, é possível avaliar os graus de contatos linguísticos por meio de dados quantitativos e proporcionais, como os apresentados em tabelas e gráficos.

Romaine (1995, p. 07-08) nos convida a ir além da reflexão do desenvolvimento das teorias ligadas às línguas em contato, pois, dentro da amplitude e modernidade dos postulados da lingüística, ficaria difícil tratar do bilinguismo e línguas em contato sem subdividir o tema em tópicos dentro de disciplinas específicas ou em áreas afins de pesquisa. Talvez, por isso, o bilinguismo tenha sido estudado durante longo tempo apenas para explicar certas alterações no idioma e o falante bilíngue visto fora da dinâmica da interação das línguas em contato. Nessas análises, o estudioso perde de vista “o fato de o indivíduo bilíngue ser o *locus* final do contato”. Assim, podemos compreender, de acordo com a autora referendada, que o bilinguismo existe dentro do sistema cognitivo do falante e que este se encontra inserido num contexto social particular que envolve sua

¹⁹ “As diferenças e semelhanças, grandes ou pequenas, entre as línguas em contato devem ser exaustivamente indicadas para todos os domínios – fônico, gramatical e lexical – como pré-requisito para uma análise de interferência. Pode ser proveitoso para elaborar cânones gerais para descrições diferenciadas. Estes, provavelmente, deveriam incluir, entre outros, um registro, a *priori*, do grau de homogeneidade estrutural das línguas em contato e os empréstimos precedentes em cada uma” (TN).

comunidade e, de modo mais particular ainda, sua família.

Em outras palavras, podemos falar do bilinguismo individual como a capacidade pessoal de utilizar duas línguas distintas somada à de compreender essas línguas nos seus usos ou, particularmente, dominar as expressões idiomáticas pertencentes a cada uma dessas línguas. Mackey (2005, p.1485-1487) descreve o bilinguismo individual co-relacionado a vários fatores que o envolve: o grau, a função, a alternância e a interferência. A seguir, descrevemos cada item separadamente, de acordo com a classificação de Mackey (2005):

- i) *Grau*: o grau de bilinguismo pode ser medido por meio de diferenças sutis na fala, também chamada de “distância interlinguística”, ou seja, o quanto o falante domina das línguas que fala. O indivíduo pode possuir, em relação às línguas que fala, graus distintos de estilos, registros, socioletos ou dialetos;
- ii) *Função*: as pessoas se tornam bilíngues por alguma razão, basicamente, por necessidade ou por escolha. Isso parte do “onde” as línguas que fala foram adquiridas: família, escola especializada em idiomas, rua ou trabalho e para qual situação o falante utiliza as línguas que fala;
- iii) *Alternância*: o quanto o indivíduo conhece dos idiomas que fala, ou seja, qual a competência comunicativa do bilíngue em relação ao seu próprio bilinguismo? Até que ponto o falante consegue separar ou misturar as línguas que fala?
- iv) *Interferência*: o domínio de um idioma pode ser mais elevado do que em outro (dominância). Nesse sentido, é comum ouvir-se em relação ao uso de outro idioma o elogio de “sotaque perfeito” ou “falar sem sotaque”, ou ainda, “bilinguismo equilibrado”.

Mediante o exposto, o autor conclui que há tipos de bilíngues, medidos pelo “como” esses falantes utilizam as línguas que dominam e o “como” suas línguas influenciam o uso do outro, ou seja, “o bilinguismo é um padrão comportamental que modifica mutuamente as práticas linguísticas variando em grau, função, interferência e alternância. Essas quatro características inerentes que

ajudam a descrever o bilíngüe²⁰ (MACKEY, 1972, p. 555-556).

Quanto à forma e ao tempo de aquisição do bilinguismo, o autor põe em relevo duas questões importantes referentes a dois tipos: a) o *bilinguismo atribuído* (natural/primário), cuja fonte de aquisição parte da exposição do falante ao idioma – forma adquirida por grande parte dos falantes bilíngües deste estudo e seu resultado depende do tempo de exposição a outro idioma associado a questões de habilidade intelectual, ou seja, pré-disposição mental para aquisição de outros idiomas; b) o *bilinguismo alcançado* (artificial/secundário) em que a aquisição é alcançada por meio de esforço para alcançar nova habilidade.

Associados às questões expostas até agora, Mackey (1972, p. 560-578) elenca vários aspectos contextuais que tendem a influenciar o falante bilíngüe, dentre os quais citamos os mais pontuais:

- i) vizinhança (*neighbourhood*): a linguagem do bairro onde a criança nasceu, por vezes, tende a influenciar o seu falar mais acentuadamente do que o próprio contexto familiar;
- ii) grupo étnico (*ethnic group*): à medida que o falante bilíngüe tem vida social ativa, tende a conservar a sua língua;
- iii) grupo religioso (*church group*): grupos religiosos, geralmente, estão ligados aos grupos étnicos. Todavia, é possível o bilíngüe ignorar um e estar ligado ao outro, ou seja, pode não participar das atividades de seu grupo étnico, mas participar de reunião religiosas com a família onde instruções e sermões podem ser proferidos numa língua que não é a da comunidade;
- iv) grupo ocupacional (*occupation group*): o bilíngüe pode ter uma ocupação de trabalho com um grupo que o obrigue a usar uma língua que não a que usa em casa, ou ainda, a linguagem do trabalho pode ser distinta da de seu bairro;
- v) grupo recreativo (*recreation group*): o bilíngüe pode usar uma de suas línguas com pessoas com quem pratica esportes, música ou outro tipo de passatempo, ou ainda, ele pode participar de clubes onde a língua falada não é a de sua casa ou bairro.

²⁰ “Bilingualism is a behavioural pattern of mutually modifying linguistic practices varying in degree, function, alternation, and interference. It is in terms of these four inherent characteristics that bilingualism may be described”.

Fundamentamo-nos em Mackey (1972, p. 561-563) para registrar que, como podemos perceber pela descrição apresentada, vários fatores contribuem para que o bilíngue mantenha suas línguas, neste caso, o contexto extralinguístico torna-se fundamental para essa manutenção. O autor cita, ainda, outras inúmeras situações que contribuem para isso, entre as quais, registrem-se: o contexto escolar (escolas de ensino regular públicas ou particulares, escolas que oferecem apenas cursos de línguas estrangeiras, etc.); os meios de comunicação (na fronteira do MS com o Paraguai, por exemplo, ouve-se transmissão de rádio em português, em espanhol e em guarani); as correspondências. O contato do bilíngue com cada uma dessas áreas varia em duração, pressão e frequência, além de variar em cada uma das línguas para compreensão ou para expressão.

Essas questões que envolvem o conhecimento que o falante tem de uma língua determina sua função, da mesma forma que a proficiência e o modo como a língua foi adquirida influenciará o grau e a alternância de uso. Por isso, a alternância de usos e as trocas linguísticas exercem importante função comunicativa em certas comunidades. Além dos fatores apresentados, Mackey (1972, p. 565-568) aponta outros que também devem ser considerados como idade, sexo, inteligência, memória, atitude e motivação linguísticas como alavancas desencadeadoras de atitudes bilíngues.

Em relação à interferência linguística, Weinreich (1972, p. 02-03) pondera que as formas de contato são descritas pela linguística descritiva. Nos planos fônicos e gramaticais, por exemplo, apresentam, de certo modo, uma lista “padrão” das formas de interferência potencial no contato, conforme a situação. No âmbito das “cidades gêmeas”, essa assertiva é de fácil apreensão, especialmente, em relação às questões de *sotaque*²¹, pois mesmo o falante brasileiro que não possui ascendência paraguaia, de forma direta, tem marcas diferenciadas na entonação da fala em relação a outras localidades sul-mato-grossenses. Os próprios falantes descrevem este falar como uma forma, em termos de melodia linguística, “arrastada” de expressar.

Acerca do assunto, Sala (1998, p. 63) registra que as palavras caracterizadas como estrangeiras se adaptam apenas parcialmente ao sistema

²¹ Entendemos o termo *sotaque*, nesta tese, como “[...] conjunto de hábitos articulatórios (realizações dos fonemas, entonação, etc.) que conferem uma coloração particular, social, dialetal ou estrangeira à fala de um indivíduo (*sotaque* ou pronúncia caipira, nordestina, alemã, etc.)” (DUBOIS et al, 1993, p. 565).

fonológico da língua receptora e conservam os fonemas da língua estrangeira. Por isso, essas variantes que migram para outros idiomas são percebidas como “estrangeiras” ou com “uma capa estilística peculiar”. Pode-se falar não em adaptação linguística, mas sim em adoção (*adopción*) de alguns fonemas ou sons. Mackey (1972) adota os termos *empréstimo ou transferências lexicais* e, ainda, *code switching*, este quando se trata de alternância entre códigos linguísticos.

Assim, com o tempo, as palavras que migram para a outra língua, por empréstimo ou transferência lexical, podem penetrar no vocabulário geral da língua receptora, desencadeando processo de enriquecimento do seu acervo vocabular e, em longo prazo, não ser mais distinguido seu caráter estrangeiro.

Weinreich (1972, p. 15) registra, ainda, que, quando um leigo monolíngue ouve sua língua falada com “sotaque” estrangeiro, a sua percepção e interpretação do acento está sujeita à interferência dos seus nativos sistemas fônicos. Ou seja, a cadência do acento modificada em alguns aspectos fonéticos pela interferência do acento de outra língua, a nativa do estrangeiro, modifica a “melodia” natural aos ouvidos daquele falante. Em contrapartida, para o falante bilíngue, a referência linguística parte de sua língua materna (L1) para a segunda língua (L2) que domina, ou, ainda, para uma terceira (L3), no caso dos falantes plurilíngues. Assim, o processo de interferência, particularmente fônica, ocorre sempre a partir da L1 que será a língua materna propriamente dita. Com os dados da pesquisa para esta tese, no caso de informantes com ascendência paraguaia, apontamos dois fatores linguísticos desencadeados pelos contatos:

- i) os falantes brasileiros com mães paraguaias e, geralmente, pais brasileiros, apresentam um sotaque mais marcadamente “estrangeiro”, já que, neste caso, a língua materna é o guarani ou o espanhol e, a segunda língua, o português;
- ii) os falantes brasileiros, filhos de brasileiras que, geralmente, são casadas com paraguaios, apresentam um sotaque com acento menos marcado pelos contatos das línguas oriundas do Paraguai, pois, neste caso, a língua materna é o português.

Parece consensual, em questões de origem linguística do falante,

que a língua seja passada de uma geração para outra pela fala da mãe²², mesmo com as modificações sociais e conseqüente mudança na estrutura familiar, pressuposto que justifica a designação de “língua materna” e, não, “língua paterna”. Nesse sentido, as marcas de sotaque estrangeiro, numa família brasileira, por exemplo, onde a mãe tem origem paraguaia, condicionará, sem dúvida, um acento diferencial de sotaque na fala dos filhos brasileiros, se comparado ao de famílias integralmente brasileiras.

Todavia, devemos admitir que nem sempre o complexo conceito de *língua materna*, significando a “primeira língua aprendida”, é, realmente, passada a novas gerações pela fala da mãe. Tudo dependerá do papel social atribuído às pessoas “pai” e “mãe” no seio familiar, pois, se os pais forem bilíngues em línguas distintas, dependendo da visão linguística do casal, os filhos poderão ser proficientes em duas línguas maternas (ALTENHOFEN, 2005, p. 144).

2.1 TRANSFERÊNCIAS LEXICAIS NOS CONTATOS LINGUÍSTICOS

Outra vertente a ser considerada nos processos de línguas em contato centra-se no empréstimo lexical que também representa objeto de análise de descrição de interferência, pois carrega marcas adequadas ou não ao contexto no qual ocorre o contato.

Somados aos fatores estruturais, estão os não-estruturais, isto é, as características individuais inerentes ao falante bilíngue [plurilíngue] apontadas por Weinreich (1972, p. 15), como, por exemplo, i) a facilidade do falante de expressão verbal geral e sua capacidade de manter duas línguas à parte, ii) a relativa proficiência em cada língua, iii) a especificidade no uso de cada língua por temas e, seleção, também, por interlocutor (contexto situacional), iv) as formas de aprendizagem em cada língua e, por fim, v) as atitudes em relação a cada língua: idiossincrática ou estereotipada (ideia particular pré-concebida). Essas características individuais são associadas a fatores extralinguísticos somadas à capacidade inata do falante para aquisição de outras línguas.

Segundo Palmer (1979, p. 69-70), a nossa visão de mundo é

²² Na modernidade, há mudanças significativas ocorrendo na estrutura da sociedade. Por isso, mãe, nesse contexto, é entendida como aquela que cumpre esse papel, não sendo necessariamente a mãe biológica.

mediada pela língua que falamos inserida no contexto extralinguístico: “a maneira como vemos o mundo está até certo ponto dependente da língua que usamos”. O assunto é controverso, todavia, influenciou o pensamento de alguns teóricos da linguística, entre os quais estão Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf com a teoria da relatividade linguística. É certo que visualizamos a realidade mediada por nossos “óculos sociais”, como bem registrou Shaff (1974, p. 240), todavia, o problema gira em torno da questão: quem domina vários idiomas tem visões de mundo distintas quando usa cada um dos idiomas que fala? Acreditamos que não, pois os falantes bilíngues ou multilíngues entrevistados apresentariam características de fala que indicariam essa realidade. Talvez haja maior facilidade comunicativa por parte desses falantes que possuem o domínio linguístico em mais de uma língua.

Voltando à questão dos contatos entre línguas, em particular, acrescentem-se ainda fatores de interferência, por meio desses contatos de línguas, provenientes de duas formas de análise: a individual, conforme discutido, e as interferências que partem de grupos formados. Conforme registra Weinreich (1972, p. 02-03), o impacto de interferências de línguas pode ser maior se o contato ocorre por meio de grupos de indivíduos bilíngues [plurilíngues].

Mackey (2005, p. 1487-1489), discorrendo sobre o assunto, designa esses grupos como *comunidades bilíngues* no sentido de serem compostas por indivíduos distribuídos ou alocados de forma diferente e, muitas vezes, desigual. Isto porque as funções relativas a cada sociedade e seus respectivos idiomas divergem e sua função pode depender, especificamente, de seu estado relativo. Assim, a comunidade bilíngue pode ser composta por número reduzido de falantes que dominem os dois idiomas ou, o contrário, a maioria dos integrantes da comunidade serem proficientes nas duas línguas.

Para esse mesmo autor, existem ainda dois tipos de bilinguismos que são próprios de comunidades que dominam dois idiomas, o bilinguismo intergrupar (*intergroup bilingualism*) e o bilinguismo intragrupal (*intragroup bilingualism*), ou seja, aquele relativo ao uso de um dos idiomas com pessoas de fora da comunidade, os estranhos; e, este, relacionado ao uso de dois idiomas da comunidade na interação interna do grupo.

Mackey (1972, p. 555), ao descrever o bilinguismo, reitera que este não se constitui um fenômeno da linguagem, na verdade é uma característica de sua utilização, por isso “não é característica do código, mas da mensagem”. Em relação

ao falante, sua liberdade de uso é, pois, condicional. O autor pondera ainda que se a linguagem pertence à coletividade, o bilinguismo, por sua vez, é propriedade do indivíduo e é nele que se materializa. A partir dessa ideia, o bilinguismo tem de ser considerado como algo relativo.

Na medida do possível, a definição de dois grupos distintos²³, registrados neste estudo, para a aplicação de questionários obedeceu, *a priori*, a dois critérios de seleção: brasileiros com ascendência brasileira e brasileiros com ascendência paraguaia, conforme explicitado na metodologia da pesquisa. Tentamos alcançar o falante bilíngue, particularmente, no grupo II, embora talvez o ser bilíngue esteja mais relacionado ao contexto fronteiriço do que às questões de etnia.

As análises do *corpus* confirmam a hipótese de que a interferência linguística, como já era esperado, é mais acentuada nos grupos de falantes com ascendência paraguaia ou nos brasileiros ligados aos falantes paraguaios por questões de parentesco, como o matrimônio. E, ainda, por ligações profissionais, como os que trabalham no comércio, onde os contatos linguísticos são intensificados, além da verificação de mudança de código linguístico quando o informante era bilíngue ou trlíngue (no sentido de Mackey) em relação a falantes monolíngues, como por exemplo, o trato linguístico dispensado à inquiridora da pesquisa desta tese.

Nessa perspectiva, somadas, ainda, às questões voltadas para os fatores psicológicos e socioculturais, pode haver diferenciação ou homogeneidade nos subgrupos de falantes inseridos num grupo maior e, também, interferência na linguagem decorrente de atitudes linguísticas desencadeadas por esse falante.

Em outras palavras, as atitudes linguísticas²⁴ são importantes

²³ Sugestão metodológica fornecida pelo Prof. Dr. Harald Thun, Universidade de Kiel, Alemanha, por ocasião do Evento “VIII Jornada de Missões Jesuíticas” ocorrido na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em Dourados, MS, Brasil, 2010, em encontro para discussão da proposta de pesquisa.

²⁴ Entendemos a expressão *atitudes linguísticas* como a postura do falante em relação à própria linguagem e em relação à linguagem de outros usuários da mesma língua ou de línguas em contato, postura esta que pode assumir valores negativos ou positivos (prestígio ou estigma). Acerca da assertiva baseamo-nos em Frosi (2010, p. 43-44): “A fala de um indivíduo revela a seus interlocutores algumas das marcas que lhe são peculiares, podendo informar tanto sua etnia, a classe sociocultural, a faixa etária e, principalmente, suas atitudes em relação a própria linguagem. O indivíduo bilíngue [ou plurilíngue], não raro imerso em realidades culturais diferentes, carrega consigo, não apenas uma dupla competência linguística, mas também está sujeito aos efeitos psicológicos e sociais das atitudes linguísticas dos falantes dessas línguas. Entra aí o jogo do prestígio/preconceito [...]”.

veículos de conservação ou mudança de uma língua ou dialeto, a exemplo do que Labov (1972) observou na ilha de Martha's Vineyard. Numa análise não exaustiva desse assunto na fronteira em pauta, consideramos um fato linguístico relevante o modo como o brasileiro vê a sua língua, nesse caso a portuguesa, de modo particular. Assim, na fala de diversos informantes, o português fronteiriço é língua de *status* social dominada por muitos paraguaios como meio para alcançar ascensão social, já que o domínio desse idioma facilita o acesso à escola e ao trabalho em território brasileiro. Segundo uma avaliação dos informantes desta pesquisa, esses fatos estimulam o paraguaio para a busca do domínio da língua portuguesa.

A função e a distribuição de duas línguas ou mais dentro da comunidade podem depender do seu *status* relativo, ou seja, uma língua pode ser mais útil que outra dentro de uma comunidade. Para conter problemas relativos a desigualdades não só linguísticas como também sociais dentro da mesma sociedade, foram criadas as políticas linguísticas que reconhecem e promovem oficialmente línguas minoritárias.

Tratando do plurilinguismo, Silva (2011, p. 09) aponta diferenças entre comunidades que vivem em situação de contato com distintos idiomas e que, por isso, expõem intrínsecas relações não só entre línguas como também entre culturas e sociedades. As diferenças entre sociedades fronteiriças que estão em contato, por exemplo, são de caráter social, político e geográfico que envolvem seus falantes de modo particular. Fatores que revelam também o poder político e econômico que diferencia duas comunidades distintas, “impondo às línguas conotações diversas”. Por isso, cada comunidade de fala apresenta, de modo coletivo, juízos de valor construídos socialmente que atribuem conotações subjetivas em todos os seus setores sociais, daí serem comuns conceitos como certo/errado, bom/mal, bonito/feio.

Segundo Silva (2011), esses parâmetros dicotômicos compõem o sistema de crenças e representações de um grupo de fala, legitimando, entre outras coisas, as línguas que representam valores de grupos dominantes e, em oposição a essa valoração, marginalizam outras, atribuindo-lhes baixo valor social. Esta realidade pôde ser contatada entre falantes brasileiros entrevistados para esta tese.

Do ponto de vista desse falante fronteiriço, o contrário dificilmente ocorre com os brasileiros, pois o fato de o guarani ser uma língua não românica (definida de difícil aquisição) estigmatizada por muitos falantes brasileiros, resulta

num baixo domínio e representa também baixo interesse para aquisição desse idioma. Assim, o estímulo para o brasileiro aprender o idioma guarani, tende a centrar-se mais em questões de trocas comerciais ou na interação no convívio com paraguaios.

Nota-se que, impressa na fala de brasileiros, há certa resistência linguística para acolher de modo mais intenso as línguas faladas na fronteira, especialmente, em relação ao guarani.

Há ainda muita pesquisa a ser realizada sobre o bilinguismo e línguas em contato, especialmente, em se tratando de era globalizada como o presente século. Considerando, de acordo com Mackey (2005, p. 1485), que, desde 1969, com a intercomunicação entre dois países na face da terra instaurada pela primeira vez, seguida da revolução de setores de comunicação ocorrida no século XX e, somadas ainda, ao desenvolvimento da extensão de mobilidade de pessoas no mundo todo, temos uma realidade interlinguística extremamente ampla.

2.2 OS CONTATOS LINGUÍSTICOS: RECURSOS DE ANÁLISES

Entre os processos mais recorrentes em contatos de línguas estão o empréstimo linguístico e o *code switching*. De acordo com Edwards (1994, p. 72-77), o primeiro diz respeito à assimilação de forma linguística de outra língua sem alteração de significado e pronúncia, ou seja, uma palavra de língua A passa a ser usada em língua B com significado e pronúncia semelhantes. Já o segundo, *code switching*, refere-se à alternância de códigos realizada por falantes bilíngues realizada, sobretudo, por influência de fatores externos.

Appel e Muysken (1992, p. 117) tratam desse segundo termo, em sentido amplo, como um conjunto de fatores assistemáticos, pois alternar não é um fenômeno isolado, mas uma parte central do discurso bilíngue²⁵. Uma das perguntas básicas lançadas pelos autores é a seguinte: “Como se alternam essas línguas faladas por bilíngues?”

Para responder a pergunta é preciso tratar dos tipos de alternâncias textuais existentes, que são: a) alternância emblemática (*tag-switches*) que envolve uma exclamação ou pergunta ou apresenta um tipo de familiaridade entre línguas,

²⁵ “Switching is not an isolated phenomenon, but a central part of bilingual discourse, as a number of studies have shown”.

ocorre, geralmente, em forma de pergunta ou exclamação no início do texto ou sentença; b) alternância intra-sentencial (*intra-sentential switches*) que ocorre no meio da sentença em outra língua (mistura) e c) a inter-sentencial (*inter-sentential switches*) que, como o próprio nome diz, ocorre a alternância entre duas sentenças (APPEL; MUYSKEN, 1992, p. 117-118).

Em relação ao discurso falado, Appel e Muysken (1992, p. 118-121) registram vários tipos de *code switching* que giram em torno das funções da linguagem, explicitados a seguir:

- i) alternância como função referencial da língua, ou seja, envolve a falta de conhecimento da língua ou facilidade para tratar determinado assunto – explicativa (uma palavra mais apropriada para um conceito, por exemplo);
- ii) alternância como função diretiva da língua, ou seja, envolve o ouvinte diretamente em várias formas: exclusão de parte de uma conversa ou, o contrário, inclusão de outra pessoa à interação verbal usando a língua dominada por ela, assim a pessoa pode unir-se aos participantes por meio da interação, além da pessoa ser interpretada como usuário dessa função (exemplo: os familiares não querem que as crianças entendam aquilo acerca do qual estão falando, por isso alternam o código, geralmente estrangeiro);
- iii) alternância com ênfase na função expressiva (teoria de Poplack, 1980), ou seja, enfatizar a grande variação de usos decorrentes da alternância de duas línguas num só discurso (os autores exemplificam com a linguagem de Porto Rico: alternância entre o inglês e o espanhol);
- iv) alternância como função fática, ou seja, mudança de tom da conversa (metafórica), pois pela entonação da voz percebe-se se o assunto é humorístico (piada) ou sério;
- v) alternância como função metalinguística, em que a metalinguagem acontece quando é usada em comentários nas línguas envolvidas, como por exemplo, falantes que alternam diferentes códigos para impressionar os ouvintes como um show

- de habilidades linguísticas (acontece em domínio público, apresentações, mesas diretoras, mercados de venda);
- vi) alternância como função poética, ou seja, o usuário da linguagem bilíngue toma como recurso o jogo de palavras.

Sobre os tipos de *code switching*, os autores põem em relevo que não é o código que deve chamar a atenção, pois poderá ser descrito em termos linguísticos, justamente porque pode ser entendido como uso de várias línguas no mesmo discurso, o que pode não ocorrer numa definição sociolinguística. Desse modo, a tipologia sociolinguística das comunidades de códigos de alternância deverá focar não somente quem alterna, mas também por que alterna. Segundo Appel e Muysken, talvez essa seja uma das prioridades de pesquisas para um futuro próximo (1992, p. 120).

O falante fronteiriço, por exemplo, tende a aderir a fenômenos linguísticos de uma língua L2, em relação a sua L1 com inteira consciência de que o recurso linguístico utilizado pode ou não pertencer à língua L1. Na fronteira, ocorre empréstimos ou alternâncias linguísticas em relação às línguas ali faladas. Em algumas situações, ocorre o *code switching* em processos desencadeados pela convivência e a internalização linguística, prova disso é que, na fronteira em pauta, encontramos termos que parecem indistinguíveis, em decorrência dos processos de interferências das línguas em contato, que classificamos como ‘Língua Indefinida’ (LI), tabela paralela ao modelo de carta “Língua”.

Faria Cardoso (2010, p. 159), discorrendo também sobre processos de interferência envolvendo o português e o guarani, descreve, entre outros, empréstimos linguísticos, enquanto resultado de um processo onde uma língua-fonte, no caso o português (língua majoritária), interfere numa língua receptora, o guarani (língua minoritária). E, dessa interferência, surgem as seguintes trocas: i) empréstimos lexicais do português – situação em que palavra do português é incorporada ao léxico do guarani, ii) reconceituação ou extensão referencial – uso de palavras nativas guaranis com significado português, isto é, itens lexicais do guarani que passam a se referir a novas entidades e situações conhecidas a partir do contato; iii) criação lexical – formação de novas palavras com base semântica do português, criada para representar um novo conceito incorporado pela língua.

Além do exposto, existem os processos de aquisição linguística por

crianças bilíngues em situação escolar, por exemplo: uma criança que aprende dois idiomas (ou mais) numa situação familiar ou de lazer, poderá ser equipado, linguisticamente, para lidar com coisas distintas nos dois ou três idiomas, por isso mesmo terá dificuldades em discutir os temas que aprendeu isoladamente, e, na tentativa em fazer isso, tenderá a misturar os idiomas (WEIREINCH, 1972, p. 81).

Somando-se a esses, há outros dois tipos: a aquisição simultânea e a sucessiva. De acordo com Mello (1999, p. 69-70), fundamentada em McLaughlin (1978), a aquisição simultânea e a sucessiva ocorrem na infância e se materializa quando a criança aprende uma língua e, posteriormente, outra (as); aquela ocorre quando a criança está exposta a mais de um idioma simultaneamente. Assim, no primeiro caso, é insuficiente a definição primeira e segunda línguas, pois ambas são caracterizadas por McLaughlin (1978), citado por Mello (1999) como primeiras línguas. No segundo caso, há a aquisição primeiro de uma língua (L1=língua materna) e, depois, a de uma segunda língua (L2=língua adquirida).

Em relação às línguas em contato num espaço geofísico, ainda de acordo com Mello (1999, p. 69), mesmo o indivíduo sendo bilíngue ou multilíngue, geralmente, um dos idiomas falados é dominante, pois a situação de multilinguismo admite graus variados de domínio das línguas, fator desencadeado por várias razões, entre as quais estão: o contexto social, o tempo de exposição às línguas faladas, o tipo de influência recebida (se negativa ou positiva em relação às línguas: estigma ou *status social*) e também fatores emotivos em relação à língua (a língua falada pelo pai ou a falada pela mãe, concernente à simbologia dessas figuras materna e paterna transportadas para a língua).

Acresça-se aos processos descritos, conforme registra Siguan (2001, p. 18), o fato de a sociedade moderna apresentar perfil globalizado e cosmopolita. Esses fatores reunidos tendem a influenciar as novas gerações a adquirir e usar línguas diversas para a comunicação internacional em muitas atividades humanas, além das naturais proximidades de línguas distintas no mesmo território.

Segundo Sala (1988, p. 32-33), todo fenômeno de contato de línguas pode ser estimulado ou dificultado por uma série de fatores, dentre os quais, cita dois em particular: os fatores extralinguísticos e os fatores linguísticos estruturais. É consenso entre os estudiosos da área que os fatores extralinguísticos determinam e estimulam o contato entre as línguas. Assim, a interferência entre

línguas em contato ocorrerá no momento em que houver sua integração nas estruturas da língua *influída*, ou seja, na língua receptora. Ilustrativamente, isto ocorre na fronteira Brasil/Paraguai com o uso da língua portuguesa e a respectiva interferência das línguas guarani e espanhol sobre ela. Segundo o autor, geralmente, o contato entre idiomas tem, no espaço dialetal, um papel maior que nas relações em outros contextos, como o literário, por exemplo, já que no espaço físico o contato é direto e no escrito, indireto.

Desse modo, os fatores extralinguísticos podem atribuir *status* idêntico ou díspares às línguas que estão em contato. Quando o *status* de um dos idiomas é superior aos demais, este ocupa a posição de dominante, graças aos fatores extralinguísticos como superioridade econômica, cultural e política. Atribuições terminológicas conhecidas como “língua de prestígio”, “língua superior” ou “língua dominante”. Com efeito, os fatores linguísticos que detêm o contato entre as línguas são tanto psicológicos como sociais. Quanto aos fatores linguísticos estruturais são considerados com baixo estímulo da realização do contato entre as línguas (SALA, 1998, p. 35-38).

Partindo desse ponto de vista, os fatores linguísticos que dificultam a criação e a difusão de interferências são evidentes: i) há certa resistência do idioma desencadeada pela necessidade do falante de ser entendido e de entender, além de conformar-se com as normas das línguas de seu interlocutor; ii) há estabilidade do sistema como exigência para o entendimento; iii) há certas línguas que são mais fechadas em relação a empréstimos linguísticos e iv) há comunidades que preferem adquirir coisas novas com ajuda do material linguístico autóctone (SALA, 1998, p. 41-42).

Para Weinreich (1957 apud SALA, 1998, p. 89-90), existem fenômenos procedentes do contato entre línguas que resultam no empobrecimento ou no enriquecimento do vocabulário de um idioma, estes oriundos de contatos entre regiões bilíngues [plurilíngues]. Esses fenômenos ocorrem em regiões onde o falante aprende segundas línguas na infância, sem dificuldades, o que os conduz a assimilar com perfeição os códigos linguísticos, especialmente, os sons da língua (os fonemas).

De acordo com Sala (1998, p. 90-92), fundamentada em Weinreich (1953), esses fenômenos podem ser classificados como hipodiferenciação, hiperdiferenciação e conservação de elementos do inventário de variantes.

O primeiro termo, hipodiferenciação, corresponde à mistura realizada pelo falante em relação aos sons da segunda língua, cujos termos correlacionados aos de seu sistema primário não correspondem. Exemplo: a língua guarani co-relacionada ao português: a primeira, língua indígena, a segunda, língua românica, com estruturas linguísticas diferenciadas.

Na sequência, o termo hiperdiferenciação que diz respeito à aplicação de distinções fonológicas do sistema de uma língua (L1) ao sistema de outra (L2), quando não há necessidade de fazê-lo, ou seja, alongamento fonológico inútil.

E, por fim, a conservação de elementos do inventário das variantes que trata da possibilidade de considerar que o contato de línguas explique a conservação de certas formas, “variantes o incluso de series enteras en condiciones en que las demás variantes de la lengua receptora sufren modificaciones” (SALA, 1998, p. 101).

Com base na discussão teórica que versou sobre o bilinguismo e as línguas em contato, discutidos na introdução deste Capítulo, intentamos referendar o assunto central desta tese que versa sobre o pressuposto de que línguas em contato afetam as pessoas que as falam alterando seu contexto social.

2.3 OS CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: OS RAMOS DA LINGUÍSTICA

É tarefa da Sociolinguística o estudo da língua no contexto social entendida como aquela que se ocupa em “revelar, na medida do possível, a covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais e, eventualmente, estabelecer uma relação de causa e efeito”. Essa disciplina integra o leque da ciência Linguística e, geralmente, encontra-se associada aos domínios da Etnolinguística, da Sociologia da linguagem, da Dialetologia e da Geolinguística (DUBOIS, 1993, p. 561).

A premissa maior que oferece suporte teórico à Sociolinguística pauta-se na característica essencial das línguas naturais sujeitas aos processos de variação e mudança linguísticas.

O campo conceitual da Sociolinguística e da Dialetologia embasa o estudo de língua falada pautado nos princípios gerais que permitem construir tanto uma análise sociolinguística, observando os fatores sociais que modificam a língua, quanto uma dialetológica com questões envolvendo as variáveis que contribuem

para caracterizar variedades diversas, ou as duas ao mesmo tempo, a partir do interesse do estudioso pautado em dados reais da língua em uso. Reportamo-nos aos conceitos de *variação*, *variante*, *variedade* e *variável* linguísticas.

Para abrir uma perspectiva mais ampla de tratamento do assunto, convém sublinhar que se observam equívocos frente à terminologia relacionada à disciplina dialetológica. Tais equívocos se sustentam na passagem de um termo para outro com atribuição de carga significativa sinonímica, fato que gera confusões teóricas, pois *variação*, *variante*, *variedade* e *variável* linguísticas configuram-se como conceitos muito próximos, porém distintos entre si.

Por *variação* compreendemos, pois, o processo linguístico que caracteriza todos os grupos de usuários de uma língua natural e, conseqüentemente, atinge as várias camadas do código desse grupo. Assim, ao falante da língua instaura-se, de contínuo, a possibilidade de, por diferentes formas, expressar o mesmo conteúdo significativo com idêntico valor de verdade. Nesse particular, causas diversas contribuem para desencadear a variação nos usos da linguagem, entre elas, cite-se o contexto sócio-histórico no qual o falante está inserido, somado às questões de ordem geográfica e situacional. Esses aspectos, entretanto, dizem respeito ao contexto extralinguístico que acaba por desencadear a difusão de variantes linguísticas.

Acerca do assunto, Castilho (2004, p. 27) explica:

É sabido que as línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, tais como o momento histórico em que se acham, o espaço geográfico, social e temático em que se movem. O conjunto dessas circunstâncias interage sobre os fatores da comunicação e daqui fluem as variantes linguísticas, matéria complexa [...].

Como alerta o estudioso, a matéria é complexa. Embora a variação ocorra mais acentuadamente no nível intermediário da língua – a norma – e mais lentamente no sistema, cabe ao falante interagir coletivamente nesse processo, fator que por si só já desencadeia variações na linguagem, uma vez que a língua possui o atributo de instituição passível de transformação e mudança no decorrer do tempo. Todavia, fato é que pela coerção da norma exercida sobre o indivíduo, este pode tentar alterá-la, mas isto não lhe garantirá interação verbal com os falantes do mesmo grupo, já que os processos de variação que acarretam mudanças linguísticas são ativados pela coletividade de um grupo social.

Para Aléong (1980, p. 145-174), sob o ponto de vista antropológico, se o analista da norma linguística de uma comunidade considerar que a pressão social desencadeada pelo grupo promove o “conformismo linguístico”, logo, poderá concluir também o real valor das “barreiras e distinções sociais na gênese das diferenças linguísticas e na reprodução dessas diferenças”. Daí compreender ainda que os juízos de valor e as diferenças sociais que envolvem boa parte dos grupos sociais constituídos são reproduzidos baseados em fatores extralinguísticos como: sexo, etnia, profissão, origem geográfica, classe social, escolaridade, faixa etária. Por conseguinte, os fatores elencados promovem barreiras sociais interligadas, diretamente, “à distribuição da variação linguística”, seguindo a mesma lógica.

O autor citado, fundamentado na linguística desenvolvida por Gumperz (1968²⁶), reitera que há intrínseca relação entre distância social e distância linguística, desencadeada por diversos fatores. Assim, tão logo haja, e há, diferenças entre grupos sociais dentro da sociedade como um todo, em relação à nação, por exemplo, haverá também diferenciação linguística no seu interior, considerando a instituição familiar como um possível extremo do primeiro exemplo.

Segundo Labov (1972), um dos conceitos principais da Sociolinguística aponta que toda língua está sujeita a variação e conclui também que existe a heterogeneidade que envolve as línguas naturais. É consensual entre os estudiosos que a variação ocorre em todos os níveis da língua atingindo os seus vários subsistemas, por isso, fala-se em variação fonético-fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação semântica, variação lexical e variação estilístico-pragmática.

Assim, a variação fonético-fonológica pode ser encontrada nas várias pronúncias para o /r/ em coda silábica, por exemplo, na palavra *porta*; na redução ou não, de vogais finais como em *sapato* [σAΥπατΥ] e *leite* [ΥλεφτI] ou [Υλεφτε], dependendo da área linguística na qual se situa o falante, pensando apenas no português brasileiro.

Numa visão geral, por exemplo, a carta de número 47.a (QFF), conceito *porta*, fenômeno fonético *rótico*, do ALMS aponta 85.16% de realizações do retroflexo no estado de Mato Grosso do Sul, variação que abrange o falar de homens e mulheres, jovens e idosos. O retroflexo, o difundido “r caipira”, revela,

²⁶ Gumperz (1968 *apud* Aléong, 2001 [1983], p. 160-161).

entre outras questões, o “rastros” da influência linguística dos bandeirantes paulistas que contribuíram para a colonização e povoamento dessa parte do Centro-Oeste do Brasil.

A *variação morfológica* pode ser encontrada em palavras que exibem sufixos diferentes para expressar a mesma ideia - pegajoso e peguento. Quanto à *variação sintática*, pode haver diferentes construções da mesma frase, dependendo da norma utilizada, mas o sentido geral será idêntico: Nós chegamos à escola/Nós chegamos na escola. Em se tratando da *variação semântica*, cabe o exemplo da expressão *puta-que-pariu* que pode ser caracterizada, de um modo geral, como termo pejorativo (*baixo calão*) ou como *arroz-de-carreteiro*²⁷, referente a uma culinária local, dependendo da origem regional do falante. Como exemplo de *variação lexical*, as palavras *chuva-passageira*, *chuva-de-manga* e *aguaceiro* na fronteira se reportam ao mesmo referente, ou seja, à chuva que cai e passa logo. Ou ainda, mudanças lexicais (neologismos) ocasionadas por influência do contexto social do falante, como em *passação*²⁸ significando o ato de planejar a *passagem* de entorpecentes de um local para o outro por traficantes: “A *passação* poderá ser apreendida pela polícia hoje”.

E, por fim, a *variação estilístico-pragmática* que corresponde a marcas linguísticas que denotem maior ou menor grau de formalidade do ambiente e de intimidade entre os falantes e que podem ser compreendidas como variação de usos de um mesmo indivíduo em situações de interação comunicativas diferentes: Iremos à casa de Laura. / A gente vai na casa da Laura.

Outro conceito importante, segundo Labov (1972, p. 08), é o de variável. O autor esclarece que uma variável linguística pode servir como objeto de estudo de um grupo de fala e aponta três formas para promover a análise das propriedades dessa variável. Primeiro, exige-se o estudo acurado do item frequente e integrado ao curso da conversação, cujos comportamentos possam ser mapeados a partir de contextos não-estruturados, situados em entrevistas curtas [sociolinguísticas]; segundo, o item deve ser estrutural, ligado ao sistema e, terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada. O autor cita como exemplo (p. 09), a propagação de uma variável linguística determinada pelos limites

²⁷ Cf. Estudo sobre o vocabulário da alimentação do Pantanal da Nhecolândia, no estado de Mato Grosso do Sul (REIS; ISQUERDO, 1999/2003, p. 16-24).

²⁸ Termo mencionado em sala de aula, por discente do curso de Letras da UEMS, unidade de Dourados, que exerce a profissão de policial civil, em 20.04.2012.

geográficos da Ilha de Martha's Vineyard, especialmente em relação a variações do uso do fonema /r/.

No contexto desta pesquisa, tal qual William Labov, também observamos a difusão/propagação de variáveis [lexicais] desencadeadas a partir dos contatos linguísticos da fronteira, pois, no momento em que iniciamos o cruzamento dos dados geolinguísticos, essa verdade se nos impôs. Assim, marcas como o conservadorismo linguístico e o empréstimo de termos oriundos das línguas espanhola e guarani associados à formação híbrida de expressões tipicamente fronteiriças comprovam a estratificação de variáveis determinadas pelo contexto geográfico a que estão sujeitos os falantes brasileiros que habitam as cidades gêmeas investigadas.

Adentrando ao conceito de mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 87 e 139) a entendem como “um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística”. Em suma, a dinâmica interna da língua produz mudança linguística, mecanismo que fomenta a renovação e a transformação contínua inerentes a todas as línguas naturais.

O assunto é discutido pelos autores (2006 [1975]), na obra *Empirical foundations for a theory of language change*, momento em que apontam a essência da teoria da mudança linguística como centrada, fundamentalmente, nos fatores que desencadeiam a variação. Assim, ao passo que se identifica agentes condicionadores que atuam sobre a mudança linguística, pode-se entender também como ocorre o seu processo e expansão (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 139).

Ainda em relação ao termo *variante*, Dubois *et al* (1993, p. 609) apresentam duas formas de interpretação, quais sejam: i) quando duas unidades linguísticas, fonema ou morfema, convivem no mesmo ambiente, fonológico ou morfológico, podendo uma ser substituída pela outra sem prejuízo no sentido real da palavra ou da frase, então, os dois itens suscetíveis a variação são chamados de variantes livres de um fonema ou de um morfema único (variante estilística); ii) se, ao contrário, duas unidades linguísticas, fonemas ou morfemas, não convivem nunca no mesmo ambiente, fonológico ou morfológico, ou se apresentam entre si um parentesco (articulatório ou acústico para os fonemas; semântico para os morfemas), essas unidades são *variantes combinatórias* do mesmo fonema ou do mesmo morfema (*variante contextual*).

Já *variedade* linguística refere-se, diretamente, aos muitos *modos de*

falar uma língua, por isso está sempre ligada a fatores sociais como origem regional, sexo, idade, escolaridade, classe social. No estudo da oralidade, conforme referenciado, a partir da consideração desses fatores extralinguísticos surgem termos como *variedade regional*, *variedade social*, *variedade geracional*, entre outros. Fundamentada nesse tipo de definição, origina-se a expressão comumente difundida em Sociolinguística de que *a língua é um feixe de variedades* (BAGNO, 2007, p. 47).

Por conseguinte, associada ao contexto extralinguístico que desencadeia a variação surge o conceito de variável. Segundo Dubois et al (1993, p. 610) nomeia-se *variável uma quantia suscetível de tomar diferentes valores*, ou seja, determinado traço de fala que é recorrente em dada comunidade e que, por isso mesmo, aponta regularidades para a análise quantitativa de um feixe de traços linguísticos. Já para Fernando Tarallo (1986, p. 8), *a um conjunto de variantes, dá-se o nome de variável linguística*.

Para exemplificar a assertiva, reiteramos que a convivência cultural e linguística entre falantes da fronteira desencadeiam agentes condicionadores de assimilação linguística mútua e alternância entre línguas em todas as localidades investigadas. O homem fronteiriço, cujo falar foi estudado, inserido no espaço geofísico do encontro entre dois estados nacionais e seus habitantes, pensa e existe num contexto diferenciado, se comparados a outros espaços, pensando em nação brasileira, particularmente, falantes de outras regiões sul-mato-grossenses. Dado o contexto, comumente foram registradas falas como a elencada a seguir:

INF.- Em guarani, eles falam **torvelino** [το}πεελι)νΥ], né? **Torvelino**, né?, que falam em guarani. **Redimunho** [ξεδιεμυ)/Υ], né? Forte, né?

QSL: 17 – MF2GI

No que concerne ao termo *torvelino*, configura-se como palavra pertencente ao vocabulário do espanhol e não ao da língua guarani. O falante alterna as línguas que fala de forma natural dado o contato com vários idiomas da fronteira. A situação de contatos linguísticos materializa as línguas aí faladas como se fossem uma só, surgindo o *jopará*, ou seja, a mistura entre os idiomas. Confirma o exposto, a fala do informante HF2GI, ponto 05, que faz referência a esses contatos: “Isso aqui é uma salada de línguas”. É a criatividade do falante abordada

por Yaguello (1990, p.17), momento em que compara a linguagem a um jogo e afirma que, quando acontece o jogo [o uso], é porque o jogador [o falante] conhece as regras.

2.4 DIALETOLOGIA: TRADIÇÃO *VERSUS* MODERNIDADE

Na tradição de estudos voltados para a linguagem popular, situa-se a Dialectologia, cujo advento é consideravelmente anterior ao surgimento dos estudos sociolinguísticos e, de longa data, ampara sua metodologia em critérios extralinguísticos voltados para a análise da língua oral, fatores que também figuram no arcabouço teórico da Sociolinguística.

A evolução e o desenrolar dos primeiros estudos dialetais que se tem notícia frutificaram por volta do século XII. Segundo Mouton (1987, p. 50-52), na contramão do que se poderia esperar, a Dialectologia “brotou” num espaço-temporal conturbado por vários conflitos históricos e culturais que alteraram significativamente o curso da humanidade, especialmente, se considerados os avanços científicos que esse profícuo contexto desencadeou. Entre os conflitos mais citados encontram-se as guerras napoleônicas, a 1ª e 2ª guerra mundial, além de guerras civis ocorridas em países europeus.

É verdade que o cenário bélico desestrutura a sociedade e acarreta prejuízos de ordem emocional e psicológica sem precedentes sobre o sujeito, já que tal situação remove o conforto e a paz natural subjacente ao princípio de cidadania, retirando-o, por conseguinte, da posição de segurança, especialmente em relação à pátria, e removendo-lhe preceitos que envolvem sua identidade como participante de um todo social.

Em contrapartida, o contexto de guerra promove a reflexão e coloca o homem em situação de constante dúvida em relação à realidade que lhe está posta/imposta. À luz da filosofia, a dúvida reconstrói saberes e renova o conhecimento, daí ocorrem os *insights* científicos e culturais posicionados como perfeitas alavancas que desencadeiam processos fecundos a favor dos avanços científicos e tecnológicos presentes em toda a história da humanidade. Eis o terreno fértil que produziu os primeiros trabalhos *dialetais* do mundo.

Todavia, a ciência dialetológica germinou durante longo período, antes de *afiorar* no mundo científico da linguagem com objeto e método de estudo

delimitados. Isto ocorreu de forma sistemática no final do século XIX e início do XX. Elencamos os principais trabalhos dialetais que contribuíram, ao longo do tempo, para sedimentar essa área da Linguística.

Sever Pop (1950), por exemplo, na *Introdução* da obra *La Dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques* afirma que, efetivamente, os estudos dialetais principiaram no século XVIII²⁹. Entretanto, o autor reitera que, ao longo dos tempos, a Dialectologia foi ganhando contornos até adentrar sistematicamente ao século XIX, tal qual se constitui na atualidade. Esse período da história dessa disciplina define, aos poucos, o seu método e, nessa etapa, estruturou-se a Geografia Linguística.

A tarefa da Dialectologia é, pois, investigar não apenas os dialetos como também, a partir do estudo da variação, expor fatos dialetais característicos de uma comunidade de fala particular, demarcando, para tanto, limites territoriais que englobem os fenômenos linguísticos – as isoglossas. Isto se concretiza porque uma análise dialetal pode abarcar vários níveis, dentre eles, o lexical, o semântico, o fonético-fonológico, o pragmático e o discursivo.

Importa salientar ainda que a Dialectologia constitui-se como:

[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história (CARDOSO, 2010, p. 15).

Em consonância ao pensamento citado, cada espaço geográfico evidencia características próprias a cada comunidade, por isso expõem a formação étnica e linguística que dão contornos específicos à oralidade dos falantes. Foi assim que a dialetologia tradicional, aplicada como geografia linguística monodimensional, construiu sólida base na arealidade, ou seja, priorizava o estudo da variação distribuída no espaço geográfico (eixo horizontal) (THUN, 1998, p. 168).

No âmbito da dialetologia moderna, não há mais como deixar de

²⁹ Assunto discutido por Cardoso (2010, p. 33-37).

relacionar o espaço geofísico aos parâmetros sociais que afetam, consideravelmente, o falar de uma comunidade. Apresentamos agora uma discussão teórica sobre os pressupostos da Geolinguística.

2.4.1 Geolinguística: Um Método ou uma Disciplina?

Para a elaboração da cartografia linguística, atualmente, deve-se, primeiro, estudar, do ponto de vista geográfico, a área a ser investigada, especialmente considerando qual a escala será utilizada para compor a representação cartográfica, com suas simbologias e limites territoriais definidos, entre outras questões. A afirmativa é precisa, pois encontra eco na voz dos geolinguistas tradicionais.

Acerca do assunto, Coseriu (1987, p. 82) argumenta:

[...] a geografia linguística pode ser entendida simplesmente como parte da geografia, precisamente como “geografia das línguas” (atuais, históricas, pré-históricas). Com efeito, *as línguas*, isto é, as entidades nas quais a linguagem humana se realiza historicamente, ou melhor, as *comunidades linguísticas* que realizam concretamente em seu falar as entidades ideais chamadas “línguas”, apresentam-se com extensão e limites no espaço terrestre e, portanto, podem ser registradas em mapas e constituir objeto da geografia: o estudo da distribuição das “línguas” (comunidades linguísticas) sobre a terra e das fronteiras entre elas enquadra-se na geografia política.

Eugênio Coseriu (1987, p. 82) alerta que a Geolinguística pode ser vista como um ramo da linguagem que se encaixa no ramo da geografia, por mapear a língua historicamente situada num espaço terrestre e, por isso mesmo, *pode(m) ser registrada(s) em mapas e constituir objeto da geografia*. Esse estudioso enfatiza ainda que o trabalho realizado por geolinguistas *pertence com mais direito à geografia (e à história), e dentro da linguística representa antes um trabalho prévio, de informação “exterior”*.

Entretanto, o linguista romeno chama a atenção, contrário à própria assertiva, para o seguinte fato: se se considera a geografia linguística, no seu aspecto técnico, tem-se, então, uma geografia interna das línguas que se ocupa *da extensão e distribuição espacial de fenômenos lingüísticos particulares (fonemas, palavras, construções)* e dos *limites entre as áreas ocupadas por esses fenômenos*. Por isso, distinguem-se os atlas linguísticos dos geográficos, pois aqueles revelam

vários fenômenos particulares da língua de uma comunidade. E isso pode ocorrer em um único território, sem os contrastes geográficos característicos de outros universos terrestres.

Em terceiro lugar, mesmo que a Geolinguística tente esquivar-se do título de “método dialetal” e abarque, nos futuros estudos desenvolvidos no seu escopo teórico, um campo terminológico *todo seu*, ainda assim, será utilizada para instrumentalizar a Dialetologia.

Para Rossi (1984 *apud* CARDOSO, 2010, p. 46), o problema parte da generalização da geografia linguística confundida, na maioria dos casos, com a própria dialetologia. O autor apresenta a designação *geografia linguística* como equivocada e que representa apenas uma parte da ciência dialetológica.

No mesmo texto, Cardoso (2010, p. 46) sublinha a tomada de posição do reconhecido dialetólogo brasileiro que defende *a reafirmação da geografia linguística como uma vertente da dialetologia, um método específico*. Rossi critica a posição, em defesa da Dialetologia, que *toma pelo todo uma parte dele*, quando a identificam, exclusivamente, como geografia linguística. Parte daí o seu posicionamento quando afirma que *a dialetologia não se resume aos atlas linguísticos*.

Entendemos aqui a Geolinguística como método dialetal e, para isso, pautamo-nos no seu próprio campo terminológico, ou seja, termos como **Geolinguística, cartografia, atlas, mapa, carta, limites territoriais, representação cartográfica ou base cartográfica, simbologia e escalas** dizem respeito à cartografia “da Geografia” política ou humana.

De certa forma, o assunto gera controvérsias entre os teóricos, fato salientado por Miazzi (1972, p. 61) desde longa data:

[...] convém não estabelecer franca oposição entre geografia lingüística e dialetologia: são apenas modalidades distintas do estudo dialetal, uma vez que têm ambas o mesmo objeto – estudo das falas populares – e diferem só pelo modo de apresentá-lo, cartograficamente ou em glossários. Uma deve ser complementada pela outra, pois, se a primeira tem a vantagem de oferecer mediata visão do conjunto dialetal, a última pode revelar a língua mais fundo, com seus meios de expressão, nuances, etc.

O ponto de vista da autora se estabelece, *a priori*, numa vertente importante da dialetologia tradicional pautada na elaboração de glossários a partir

dos dados cartografados pelos atlas linguísticos. Talvez esse recurso, em longo prazo, possa ser retomado pelos geolinguistas modernos a fim de complementar os registros veiculados pelos mapas da fala.

Em contrapartida, a decisão deveria ser pensada considerando o avanço científico e tecnológico que envolve a dialetologia moderna e que, conseqüentemente, atinge também a Geolinguística. Esta última já está sendo considerada como disciplina autônoma, ainda que vinculada aos parâmetros cartográficos da geografia humana.

Radtke e Thun (1996 [1991], p. 32-35) consideram “certa” crise instaurada na Geolinguística que aponta para a interpretação de uma crise de informação. Assim, geolinguistas dividem-se em dois grupos: aqueles que se voltam para a modernidade e aqueles que preferem a tradição: [...] *contudo, o que se observa [...] é o passo acelerado de alguns para experimentar novos parâmetros, métodos e também meios técnicos, enquanto outros ainda seguem comodamente na via única da variação diatópica (p. 33)*. O ideal, na verdade, é conciliar as duas vertentes, a tradicional e a moderna e, assim, reter de cada uma delas os pontos positivos que as compõem.

Não é demais ratificar que a Geolinguística, inserida nos estudos de dialetologia tradicional, antes estava voltada para a descrição dos dialetos distribuídos num espaço geográfico pré-determinado, ou seja, havia a preocupação de efetuar o mapeamento de formas linguísticas almejando apenas a variação diatópica. Desse modo, tais atlas são hoje caracterizados como monodimensionais, isto é, apenas uma dimensão era investigada – a geográfica. Quanto à fala estudada, predominava, nessa época, o estudo do falar rural, dadas as características socioeconômicas das populações analisadas.

Já a Geolinguística moderna abarca fatores sociais inserindo, nos seus pressupostos teóricos, as variáveis que atuam sobre a língua falada, seja ela rural ou urbana. Por isso, ocupa-se não só das demais dimensões que envolvem a variação, como a diatópica, mas também a diastrática, a diassexual, a diafásica, a diageracional, a dialingual. Esse conjunto de fatores considerados no estudo da variação é denominado pela Geolinguística atual como método pluridimensional, cujo produto final resulta nos atlas pluridimensionais.

Nesse sentido, esses parâmetros pluridimensionais norteiam os estudos de Dialetologia moderna, no eixo horizontal, a variação diatópica, e no eixo

vertical, a variação diastrática.

Ainda segundo Radtke e Thun (1996 [1991], p. 32-35), as inovações da Geografia Linguística ou Geolinguística apontam que, na modernidade, a tendência caminha para a criação de uma disciplina voltada para a variação, *no sentido amplo do termo grego diálektos*. Assim se justificaria, segundo esses autores, até mesmo a sua mudança de nome, não mais Geolinguística, mas sim, *Ciência da variação*.

Outro ramo do saber linguístico caminha paralelamente à Dialetoлогия – a Sociolinguística. Na contramão de postulados como o mecanicista de Bloomfield (1933), o “matemático” (A Glossemática) de Hjelmslev (1953) ou o gerativista de Chomsky (1957), que defendem a variação como um “acidente” de percurso da língua, surge a Sociolinguística, defendida por William Labov (1972), como disciplina que se ocupa do estudo da língua vinculada ao fator social. Em outras palavras, à língua estão inerentes os processos de variação (e mudança) como característica indissociável da própria natureza da linguagem, por isso, a ausência de variação numa língua é que seria fator preocupante, carente de explicação.

O precursor das ideias variacionistas foi Weinreich (LABOV, 1972), pois influenciou o pensamento linguístico de seu tempo proporcionando o desencadear da nova corrente epistemológica da linguística designada de Sociolinguística. Este estudioso da linguagem deixou expressivas contribuições sobre a estrutura da língua, sobre a natureza da mudança linguística e, de modo bem acentuado, quase pioneiro, deixou também importante legado teórico acerca dos contatos de língua, especialmente, com a obra *Languages in Contact*, publicada em 1953.

Também Meillet (1921) e Durkeim (s/d) participaram desse cenário sociolinguístico, no momento em que defenderam a língua como fator social, considerada por essa função social que exerce, na contramão do conceito estruturalista de língua que a via como fator social por si mesma. Para Saussure (1916), a língua é elaborada pela comunidade e somente nela é social, por isso, o termo social é definido como plurindividual em nada sugerindo a interação social que acarreta a variação linguística. Daí a preocupação de Meillet em pretender unir a língua ao fato histórico que permeia um grupo humano (CALVET, 2002, p. 13-17 e 31).

De acordo com o pensamento difundido por Meillet (*apud* LABOV, 1972), é fundamental que o esclarecimento da irregularidade das variações seja relacionado aos fatores internos que compõem uma comunidade linguística. O autor reafirma, com essas palavras, a base da Sociolinguística atual que busca explicar os fenômenos de variação e mudança observando marcas sócio-físico-culturais que dotam os grupos de usuários com distintas fisionomias.

A Sociolinguística, pois, teve sua fundação no ano de 1970, período marcado por publicações em revistas e coletâneas científicas acerca do assunto língua *versus* sociedade. Os defensores dessa nova disciplina adotavam títulos para estes textos remetendo-os à face social dos estudos da linguagem. Outro precursor dessa corrente foi Pier Paolo Giglioli que publicou *Language and Social Context*, em 1972 (CALVET, 2002, p. 33), entre outros.

2.5 ATLAS LINGUÍSTICOS E SUAS TIPOLOGIAS

Os atlas linguísticos constituem-se produto final de pesquisa dialetal, por isso mesmo, são documentos históricos que registram a língua em uso de uma comunidade num recorte sincrônico. Assim, a partir da investigação empreendida num atlas linguístico pode-se obter informações precisas sobre a linguagem de um grupo social, acrescidas de informações étnico-culturais e históricas. Além disso, as *fotografias* dialetais reveladas nos trabalhos geolinguísticos conduzem o pesquisador a identificação de pistas de evoluções e de mudanças de certos fenômenos impressos na oralidade e, que, por motivos diversos, tendem a se perder se não forem devidamente registrados.

Quanto à tipologia dos atlas, Cardoso (2010, p. 67-88), baseada em Alinei (1994), classifica-os de dois modos gerais: i) o espaço geográfico e ii) a natureza dos dados.

Em se tratando do primeiro item, o espaço geográfico, temos a seguinte categorização de Alinei (*apud* CARDOSO, 2010, p. 67): i) atlas regionais, ii) atlas nacionais, iii) de grupos linguísticos e iv) continentais.

Tratamos inicialmente do item II, atlas nacionais, por óbvias razões: o primeiro atlas linguístico concluído no mundo encaixa-se nessa tipologia.

O *Atlas linguistique de la France* implanta o método geolinguístico com aplicação de inquérito de forma direta e, instaura, a partir do ano de 1903, o

primeiro modelo de atlas nacional, segundo Alinei³⁰. A partir desse primeiro trabalho geolinguístico sistemático, pode-se entender por atlas nacional aqueles que, conjuntamente, englobam o domínio geopolítico e linguístico dentro dos limites territoriais do país mapeado.

Sobre o assunto, Cardoso (2010, p. 68) registra citando Alinei (1994, p. 22):

O começo da Geolinguística está, assim, marcado pela busca da realidade nacional, entendida como a descrição linguística de área que, geográfica e politicamente, se reveste de unidade. As fronteiras para um atlas dessa natureza são fronteiras estritamente políticas. do que resulta que “a descrição dos dialetos para, artificialmente, por aí, ainda que na maioria dos casos os dialetos ultrapassem tais limites”. Pois é verdade consabida que os limites políticos não coincidem, necessariamente, com os limites lingüísticos.

Os atlas linguísticos nacionais se limitam, quanto ao espaço, à divisão política do país, mesmo sendo consenso entre dialetólogos que os limites políticos não coincidem com os limites linguísticos. A decisão de seguir a delimitação político-territorial do país, ao descrever seus dialetos, se efetiva pelas próprias condições de produção de atlas nacionais, trabalhos de grande porte, especialmente, se o mapeado for de extensas dimensões territoriais, como o Brasil, por exemplo.

Outro aspecto que pesa a favor dessa tomada de decisão metodológica versa em torno do problema da cartografia desses dados que exigiria estudos acurados sobre a geografia política e humana dos países vizinhos ao país mapeado linguisticamente. Tomando o território brasileiro novamente como exemplo, em termos de limites geográficos, cerca de dez países estão circunscritos às suas fronteiras terrestres. Para o estabelecimento de redes de pontos linguísticos fora dos seus limites territoriais, a proposta se volta inevitavelmente para atlas regionais e/ou fronteiriços, tendo em vista, por ora, a inviabilidade de um projeto como o Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) tentar, neste momento de sua história, efetuar esse empreendimento.

Por outro lado, seriam necessários muitos anos de pesquisas para elaborar um atlas linguístico brasileiro que conseguisse demarcar os limites linguísticos que ultrapasassem todas as fronteiras políticas do Brasil. Após a

³⁰ Cf. também sobre o assunto: Sever Pop (1950) e Gaston Tuailon (1976).

publicação efetiva do Projeto ALiB, seria um desafio para os geolinguistas principiar a segunda fase de inquéritos *pele lado de fora* do país.

A necessidade de confeccionar atlas nacionais, enquanto produto de estudos de domínios linguísticos mais gerais acabou por suscitar também a necessidade de elaboração de atlas regionais que, por sua vez, voltam-se para o registro de fenômenos particulares depreendidos no exame de áreas menores. Houve, por assim dizer, a inversão na elaboração geolinguística de atlas que principiam nos nacionais e, estes, motivaram os regionais.

Assim, por atlas regionais compreendem-se aqueles que demarcam limites linguísticos em áreas geográficas menores, com vistas a precisar os fenômenos orais de regiões particulares e que representam dados dialetais também relevantes para a descrição linguística não armazenada pelos atlas nacionais. A título de exemplificação, em resposta à urgência na elaboração de atlas regionais, por volta de 1950 iniciou-se o Projeto do *Nouvel Atlas Linguistique de la France par Régions* projetado por Dauzat³¹. O lançamento deste projeto desencadeou uma onda de atlas regionais empreendidos por países como a Romênia, a Espanha e a Itália (CARDOSO, 2010, p. 72).

Quanto aos atlas de grupos linguísticos e continentais, Cardoso (2010, 73-74) registra a elaboração do *Atlas Linguarum Europae (ALE)*, iniciado em 1970, o primeiro e único atlas continental concluído de que se tem notícia. E, como uma extensão desse trabalho de grande porte, outros atlas *supranacionais* foram elaborados, entre os quais, situam-se o *Atlas Linguistique Pansalve*³² e o *Atlas Linguistique Roman*, além dos atlas de famílias de línguas como *Atlas des Langues Celtiques* e o *Atlas des Langues Germaniques*.

Entre as relevantes contribuições do ALE, algumas se sobressaem de modo particular:

- i) Enfoque dialetal que introduziu a intercomparação de dados entre as mais diversas línguas;
- ii) Redefinição de políticas de abordagem das línguas;
- iii) Inovação geolinguística com a criação de cartas *motivacionais*, ou seja, aquelas que têm a finalidade de agrupar as palavras por

³¹ Cf. Miazzi (1972, p. 52-53) e Tuailon (1976, p. 17-18).

³² Atlas citado por Contini (1994 apud CARDOSO, 2010, p. 73).

sua motivação, separando-as em consonância à significação de suas formas anteriores³³;

- iv) Descrever famílias de línguas, não demarcando espaços políticos, mas avançando aos territórios políticos vizinhos, com isso, identificando os limites linguísticos.
- v) Os atlas *Continental* e de *Famílias de Línguas* apresentam características plurilíngues e pluriculturais.

Em resumo, Cardoso (2010, p. 74) elenca a tipologia dos atlas em relação aos espaços difundidos, definindo-os da seguinte forma:

Os atlas regionais, nacionais e continentais [...] definem-se pelos espaços geopolíticos que recobrem – uma região, não importando a sua dimensão, um país ou um continente. Os atlas de famílias de línguas, ainda que não possam prescindir do espaço geopolítico para a sua conceituação – o homem, portanto o falante de toda e qualquer língua, estará sempre situado num espaço definido - , têm como elemento fundamental na sua definição perseguir a identidade linguística que extrapolará, obviamente, fronteiras políticas, ganhando conformação geográfica específica.

Mediante o exposto, a autora apresenta ainda dois tipos de espaços que se encontram correlacionados aos atlas existentes, a descrição de um espaço geopolítico circunscrito pelo espaço linguístico e, o contrário, a delimitação de um espaço geográfico seguindo a expansão de uma língua, que podem ou não ultrapassar limites geopolíticos. Esse último tipo liga-se aos atlas de famílias de línguas.

Ainda referindo-se ao espaço geográfico, Mouton (2009, p. 68) aponta Karl Jaberg e Jakob Jud como os pioneiros na designação “atlas de grande domínio” e “atlas de pequeno domínio”, assinalando a utilidade e o alcance desses dois tipos de atlas. Sobre o assunto, a autora ressalta “[...] de ahí la necesidad de que coexistan atlas regionales y atlas nacionales. Estos atlas de pequeño dominio han devuelto a los estudios dialectales el equilibrio que había alterado el paso relativamente brusco de las monografías a los grandes atlas nacionales³⁴”. A

³³ Definição de Almeida (2008).

³⁴ “[...] daí a necessidade da coexistência de atlas regionais e nacionais. Estes atlas de pequeno domínio têm devolvido aos estudos dialetais o equilíbrio que havia alterado o passo relativamente abrupto das monografias aos grandes atlas nacionais”. (TN)

classificação “atlas de grande domínio” é tratada, ainda, pelos termos sinonímicos de “grande atlas nacional”, “macroatlas” ou “atlas que comporta informação global” (p. 74).

A partir dessa tipologia de atlas linguísticos referenciada por Cardoso (2010, p. 73) e Mouton (2009, p. 63-77), pensando na Geolinguística brasileira, proponho uma divisão tripartida, quanto ao espaço considerado, classificando-os como a) *atlas de pequeno domínio* correspondentes àqueles que mapeiam a realidade linguística de pequenas áreas geográficas como municípios, ilhas ou mesorregiões; b) *atlas de médio domínio* caracterizados por descreverem linguisticamente áreas geográficas mais abrangentes como uma região administrativa (dois ou mais estados) ou um estado da federação e, por fim, c) *atlas de grande domínio*, reconhecidos pela vasta extensão territorial que recobrem, com metodologia geolinguística aplicada a um país ou a um continente.

Em relação à natureza dos dados, Cardoso (2010, p. 77-78) classifica, por meio do tratamento cartográfico, os atlas em gerações:

- i) atlas de primeira geração** registram cartograficamente os resultados, com acréscimo ou não de notas ou ilustrações que visam complementar as informações divulgadas (a maioria dos atlas tem esta característica);
- ii) atlas de segunda geração** fornecem os dados espacialmente distribuídos, além disso, analisam os fenômenos registrados;
- iii) e os atlas de terceira geração** referem-se aos atlas sonoros (*atlas parlants*) que mostram o dado oral mapeado por meio de programas específicos, geralmente midiáticos, visualizados em CD-ROM.

Outra distinção se faz pertinente em relação à cartografia linguística. Conforme explica Eugênio Coseriu (1987, p. 82-84), a Geolinguística possibilita o mapeamento dos dados, segundo diferentes perspectivas. Para tanto, o autor estabelece tipologias em consonância aos procedimentos cartográficos:

- a) *Mapas de fundo*: os que apresentam os limites territoriais, administrativos ou políticos; revelam de forma unívoca o estabelecimento da *rede de pontos*; denotam, por vezes,

idades importantes, rios principais, os paralelos e meridianos. Em geolinguística moderna, os mapas de fundo são designados de *base cartográfica* ou *mapa-base*. Uma característica desse tipo de mapa é a configuração única, variando apenas o material linguístico registrado.

- b) *Mapas fonéticos*: os que se referem à documentação de certos fonemas acoplados às suas variantes, cuja situação sônica pode ser identificada como traço em desuso ou uma inovação historicamente caracterizados. A título de exemplificação, os sons do fonema /r/ que se transmutam de acordo com a região e, por vezes, podem ser explicados por fatores de colonização ou de influências linguísticas de outras culturas. Nesse caso, em particular, no português brasileiro, especialmente, no estado sul-mato-grossense o som do fonema /r/ em coda silábica origina-se do falar paulista, trazido para o estado por meio das bandeiras num claro exemplo de traços colonizadores.
- c) *Mapas lexicais*: os que expõem variações quanto à nomeação do mesmo referente, reveladas, especialmente, por variações diatópicas.
- d) *Mapas propriamente linguísticos* os que carregam, na sua estrutura total, aspectos fônicos e morfológicos com situações linguísticas comprovadas em cada ponto de investigação de uma localidade.
- e) *Mapas similares*: os que são utilizados na descrição de formas similares de variação, comprovadas no campo de investigação correspondentes.

Já ao tratar dos *mapas propriamente linguísticos*, conforme elucidada Coseriu (1987, p. 83), há nova distinção relacionada à apresentação do material linguístico que são os *mapas sintéticos* que estabelecem os limites das áreas correspondentes às formas típicas comprovadas e os *mapas pontuais* que não estabelecem os tais limites, mas registram com exatidão as formas comprovadas em todos e em cada um dos pontos investigados.

Em contrapartida, os mapas lexicais e fonéticos também podem ser

dos dois tipos, elaborados a partir dos *mapas propriamente linguísticos* que são sempre pontuais, por serem feitos a partir do *corpus* levantado. O autor pontua ainda que se pode confeccionar *mapas fonéticos e lexicais* que são, ao mesmo tempo, *sintéticos e pontuais*, desde que alguns critérios sejam adotados, tais como: uso de símbolos especiais e cores diferenciadas para cada forma típica. Como ilustração deste modelo, o autor cita o *Micul Atlas Linguistic Romãn*, ALRM.

Ainda acerca da tipologia dos mapas linguísticos, Montes Giraldo (1987, p. 106) os categoriza em três tipos distintos: i) **mapas analíticos** que registram as repostas tais como foram obtidas e, quando necessário, notas explicativas dos fenômenos cartografados, ou ainda, a correspondência do conceito em outros idiomas; ii) **mapas sintéticos** produto de análise prévia da cartografia de fenômenos idênticos ou similares de regiões específicas, com zonas de isoglossas postas em relevo por meio de hachuras ou coloração específica (pré-estabelecida) e iii) **mapas mistos** ou **intermediários** entre o analítico e o sintético, em que não se aplica a variante de forma direta, mas por meio de recursos como símbolos ou cores particulares que traduzem os fenômenos linguísticos obtidos na localidade investigada. Neste tipo de mapa perde-se o fato fonético detalhado.

Quanto aos mapas linguísticos classificam-se em fonéticos e lexicais. Os fonéticos podem ser pontuais e, também, analíticos se comportarem a transcrição fonética das variantes. Podem ser, ainda, mapas pontuais mistos quando a fonética está exposta por meio de símbolos e /ou cores. Já os mapas lexicais podem ser pontuais, por apresentar a distribuição das variantes linguísticas no ponto selecionado e ambos podem ser representados por meio de mapas sintéticos gerais, ao indicar diferentes zonas de um fenômeno linguístico, seja lexical ou fonético, as conhecidas zonas de isoglossas, além de poderem ser também analíticos.

O tópico, a seguir, apresenta uma descrição da geolinguística brasileira numa perspectiva diacrônica.

2.5.1 A Geolinguística no Brasil: *Um Transatlântico a Todo Vapor*

No Brasil, a realidade da geolinguística aponta para o auge desses estudos, se considerado o estágio avançado do Projeto Atlas Linguístico do Brasil que se encontra na finalização de sua coleta de dados.

Primeiro, o Brasil é um país com dimensões continentais, 8.547.403

Km², classificado como o quinto maior país do mundo, talvez somente essa característica deponha a favor da afirmação de que a Geolinguística aqui está *a todo vapor*. Isto porque essa realidade geográfica aponta inúmeros problemas para a coleta de dados e, mais ainda, para a consecutiva organização e cartografia do considerável volume de dados armazenados pelo *corpus* do ALF – BR PY.

A realidade geográfica brasileira promove ainda a difusão de variantes em todos os níveis da língua falada, entre outros fatores, resultado da formação étnico-cultural que compõe a nação. Uma das questões primordiais gira em torno da pronúncia, no âmbito da fonética, que caracteriza particularmente o português do Brasil.

Por isso, entre outras coisas, o propósito inicial da elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) centra-se na possibilidade do registro da realidade linguística brasileira demarcando fenômenos inerentes à língua falada, oferecendo também possibilidades comparativas com o português europeu.

Segundo, o desafio proposto por Nascentes (1952) de elaboração de um atlas linguístico nacional representa, atualmente, incontestável desenvolvimento para a Dialetoлогия e Geolinguística brasileiras. Inúmeros são os artigos publicados, as monografias de especialização, as dissertações de mestrado e as teses de doutorado desencadeadas pelo projeto ALiB, movidos por pesquisadores de diversas regiões do Brasil, irmanados no sonho de concluir a tarefa de elaborar um trabalho de gigantesca proporção – o atlas nacional.

2.5.2 Histórico e Tipologia dos Atlas Linguísticos Brasileiros

A história da dialetologia brasileira revela que seus estudos podem ser divididos em quatro fases, segundo Mota e Cardoso (2006, p. 15-26):

1ª Fase: Inaugurada em 1826, com o estudo dialetal sobre o português brasileiro de Domingos Borges Barros, o Visconde de Pedra Branca. A pesquisa dialetal integrou o *Atlas Ethnographique du Globe*, escrita solicitada pelo cartógrafo Adrien Balbi. Esta fase se encerra com a publicação de *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920.

2ª Fase: Desenvolveu-se de 1920, com a obra de Amadeu Amaral como marco e estendeu-se até 1952 com a criação da Casa de Rui Barbosa.

3ª Fase: Inicia-se com o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952,

momento em que o governo brasileiro outorgou à Casa de Rui Barbosa, recém criada, a responsabilidade de elaborar o atlas linguístico do Brasil. Essa fase foi sobretudo importante para o desenvolvimento de uma mentalidade dialetológica brasileira, além de principiar aqui a efetiva aplicação da geolinguística com a elaboração pioneira do *Atlas Prévios dos Falares Baianos* (1963). Após a publicação desse primeiro atlas, outros surgem no cenário nacional, consolidando essa terceira fase da Dialetologia e da Geolinguística.

4ª Fase: Dadas as dificuldades já mencionadas para o cumprimento do decreto citado que visava à construção de um atlas nacional para o Brasil, pouco menos de meio século depois, no final de 1996, reúne-se uma equipe de pesquisadores, com o intuito de materializar o ideal proposto por Nascentes (1952). Inicia-se, assim, a quarta fase dos estudos dialetológicos e geolinguísticos brasileiros, já que a partir da criação do Comitê Nacional que rege o Projeto ALiB³⁵ inúmeras pesquisas vêm sendo efetuadas.

Adentrando à classificação dos atlas linguísticos brasileiros, duas possibilidades se impõem, quanto à macroextensão, i) a partir da divisão político-administrativa e ii) a partir da metodologia adotada.

Quanto à divisão político-administrativa, recebem o designativo de atlas de grande domínio, atlas de médio domínio e de atlas de pequeno domínio, conforme definidos anteriormente.

Já em relação à metodologia adotada, os atlas podem ser divididos em: a) *monodimensionais*: resultados de estudos baseados em uma só dimensão de variação – a diatópica; *bidimensionais*: em duas dimensões relativas à variação – diatópica e diassexual, por exemplo; e, por fim, *pluridimensionais*: três ou mais dimensões ligadas à variação, como a diatópica, a diassexual e a diageracional (THUN, 2000). É importante lembrar que a variação diatópica aparece em todos os tipos de atlas linguísticos, pois o próprio caráter geolinguístico da pesquisa exige a amostragem de fatos linguísticos distribuídos em um espaço geográfico pré-determinado.

Para o Brasil, quanto à extensão territorial delimitada, os atlas podem ser de grande, médio e de pequeno domínio. O ALiB, em particular, configura-se como atlas de grande domínio.

³⁵ Até o surgimento do Projeto ALiB, enquanto atlas urbano, os atlas regionais desenvolvidos no Brasil eram majoritariamente rurais.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil abarca na sua metodologia a tendência geolinguística a parâmetros contemporâneos, ou seja, pode acrescentar aos dados cartografados informações de natureza sonora que permitam acesso direto à voz do informante, fator que o situará entre os atlas de terceira geração, nos moldes do ALISPA³⁶. Soma-se, a isso, o fato de o ALiB adotar características pluridimensionais na sua metodologia.

Para tanto, conta com uma rede de pontos com 250 localidades, selecionadas de acordo com os seguintes critérios: aspectos demográficos, culturais, históricos, os processos de povoamento, considerados os limites internos e internacionais. Além disso, foram analisados os pontos sugeridos por Nascentes (1958), os quais, quando reconhecida a pertinência, foram mantidos.

O projeto adota também o controle de variáveis sociais, por isso, na seleção dos informantes considera pessoas nascidas na localidade, com pais da mesma região linguística, distribuídos em duas faixas etárias (18-30 e 50-65 anos), 04 entrevistados por localidade, de ambos os sexos, com nível fundamental no interior e, acrescentando-se a estes, mais 04 informantes com nível superior nas capitais do país, perfazendo um total de 1100 falantes.

O questionário linguístico divide-se em três tipos básicos: a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF), que inclui também questões voltadas para a apuração de diferenças prosódicas; b) Questionário Semântico-Lexical (QSL) e c) Questionário Morfossintático (QMS). Somados às questões referentes à pragmática, temas para obtenção de discursos semidirigidos, levantamento de temas metalinguísticos e, por fim, a leitura de um texto.

O ALiB, com sede na Universidade Federal da Bahia, configura-se como projeto interinstitucional que envolve várias universidades brasileiras, coordenado por um Comitê Nacional³⁷ composto por nove membros efetivos, presidido pela Prof.^a Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA).

O objetivo principal do ALiB é demarcar linguisticamente as várias regiões do Brasil, no sentido de revelar características da língua portuguesa falada nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, pragmático e

³⁶ Atlas Linguístico Sonoro do Pará.

³⁷ Membros: Prof.^a Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA), Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota (UFBA), Prof. Dr. Abdelhak Razky (UFPA), Prof.^a Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Prof.^a Dra. Aparecida Negri Isquerdo (UFMS/UEL), Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (UFSC), Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS).

discursivo. Tem como enfoque prioritário a identificação de diferenças diatópicas no português brasileiro, além de pretender contribuir com o traçado de isoglossas com vistas a demarcar nova divisão dialetal para o Brasil, fornecendo, desse modo, parâmetros que promovam o contínuo respeito à diversidade linguística e cultural, difundindo, assim, novo rumo às pesquisas dessa área desenvolvidas em solo brasileiro.

A fase atual do projeto³⁸, em relação à aplicação dos questionários, contabiliza 234 pontos com inquéritos concluídos (93.6%), os dezesseis restantes têm, respectivamente, 04 localidades iniciadas e 12 ainda não iniciadas, resultando em 21 estados brasileiros com inquéritos concluídos (80,76%). Além disso, os dados coletados estão sendo transcritos e revisados. Em fase adiantada de elaboração, encontra-se o Vol. I do ALiB referente à cartografia de dados fonéticos e lexicais das capitais do país. A Figura 06, a seguir, evidencia o exposto:

Figura 06 - Mapa com a Pesquisa de Campo do ALiB³⁹



³⁸ Consulta realizada em novembro de 2012.

³⁹ A Figura 42 foi elaborada por Weldon Ribeiro Santos (Bolsista/UFBA), divulgação de imagem autorizada pela Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso, presidente do Comitê Nacional do Projeto ALiB (Elaboração do mapa datada em 07/09/2012).

É igualmente digno de nota o fato de a equipe de pesquisadores alibianos ser preparada anualmente nos workshops promovidos pelo Comitê Nacional, momento em que também são apontados e discutidos novos rumos do projeto visando a cumprir o cronograma traçado. Ressalte-se que, especialmente, a equipe de inquiridores não ultrapassa o número de 30 pesquisadores distribuídos em todo o território nacional, objetivando alcançar uma coleta de dados uniforme, traçada com o máximo de rigor científico.

Quanto aos atlas de *médio domínio*⁴⁰, atualmente o Brasil apresenta um número considerável de trabalhos com essa configuração, circunscrevem-se nessa tipologia, cronologicamente, os seguintes atlas: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB, 1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG, 1977), o Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB, 1984), o Atlas Linguístico de Sergipe (ALS, 1987), o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR, 1994), o Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS-II, 2002/2005), o Atlas Linguístico-etnográfico da região sul do Brasil (ALERS, 2002/2011), o Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA, 2004), Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM, 2004), Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS, 2007), Atlas Linguístico do Ceará (ALCE, 2010), Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR II, 2007). São quinze atlas estaduais concluídos que representam dez estados brasileiros, alguns deles resultado de tese de doutoramento ou dissertação de mestrado.

De acordo com a tipologia proposta, segue a apresentação, de modo mais pontual, acerca de algumas das decisões metodológicas que nortearam a elaboração de atlas brasileiros de *médio domínio* associados à questão da dimensionalidade:

a) Monodimensionais

- i) **Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB, 1963)**, coordenado por Nelson Rossi, é caracterizado como *monodimensional*, pois apenas uma dimensão da variação, a diatópica, encontra-se registrada, sem preocupação com a dimensão social. O universo dos informantes por localidade varia de um a seis, dependendo da localidade, sem

⁴⁰ No âmbito da Geografia Linguística brasileira, a Profa. Dra. Silvia Figueiredo Brandão (1991, p. 52) trata tipologicamente estes atlas como atlas regionais.

preocupação diassexual ou diageracional. A aplicação dos questionários se deu de forma direta. Em relação ao número de cartas geolinguísticas, temos um total de 154. O valor do APFB excede o pioneirismo, posto ter instaurado real mentalidade dialetológica no Brasil, motivando pesquisadores a partir de sua publicação.

- ii) **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG, 1977)**, elaborado por Ribeiro, Zágari, Passini e Gaio. Este trabalho dialetológico também tem caráter *monodimensional*. A aplicação dos questionários se deu de forma direta e indireta, esta última para confirmar a variação registrada na pesquisa direta. Inquéritos aplicados a pessoas de ambos os sexos, faixa etária entre 30 e 50 anos, casadas ou solteiras, baixa escolaridade, nascidas na localidade e com pais da mesma região linguística. A rede de pontos totaliza 116 municípios mineiros. Em relação às cartas geolinguísticas, foram elaboradas 149 de natureza onomasiológica de caráter lexical ou léxico-fonéticas (mistas) e outras de isófonas e de isoléxicas (sintéticas).

- iii) **Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB, 1984)**, autoras Aragão e Menezes, trabalho *monodimensional* do ponto de vista geolinguístico, pois considera apenas a diatopia. Inova por ter coletado dados *in loco* com o auxílio de gravadores, depois de exaustiva preparação da equipe de pesquisadores. Entre três e dez por localidade, os informantes tem o seguinte perfil: com pouca instrução escolar, pertencentes à região linguística e com idades que variam entre 30 e 75 anos. Em relação ao número de cartas linguísticas, foram elaboradas 149, lexicais ou fonéticas. A pesquisa conta também com um glossário dos termos mapeados.

iv) **Atlas Linguístico-etnográfico da região sul do Brasil (ALERS, 2002/2011)**, autores envolvidos nas publicações: Koch, Klassmann, Altenhofen, Mercer, Furlan, Vieira, Margotti. O trabalho foi iniciado por volta de 1980 e, por investigar apenas a diatopia, caracteriza-se como atlas *monodimensional*. Tem o mérito de contrastar o bilinguismo alemão, polonês e italiano. Quanto à metodologia, o questionário do ALERS possui um total de 711 perguntas voltadas para a recolha de dados semântico-lexicais, fonético-fonológicos e morfossintáticos voltados para os falares rural e urbano. Foram entrevistados dois informantes na área rural e três na urbana, na faixa de 28 a 58 anos de idade, analfabetos ou com baixa escolaridade. São dois volumes que apresentam informações metodológicas, tais como: introdução, metodologia, rede de pontos, perfil de informantes, apresentação e leitura das cartas linguísticas. Além de cartas fonéticas (54 - algumas subdivididas), morfossintáticas (93 - algumas subdivididas) e semântico-lexicais (638). A grande inovação do ALERS foi iniciar a cartografia informatizada, fator que ditou novos rumos para a geolinguística brasileira. Outra inovação pauta-se no fato de esse atlas ser o único que recobre uma região administrativa do Brasil, a região sul, abarcando três estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

b) Bidimensionais:

v) **Atlas Linguístico de Sergipe (ALS, 1987)**, elaborado por Ferreira, Mota, Freitas, Andrade, Cardoso, Rollemberg e Rossi, é considerado como bidimensional, pois apresenta a dimensão da variação diasssexual associada à diatopia. Representa uma continuidade do APFB, pois segue a numeração de sua rede de pontos (51 a 65). A inovação deste trabalho ocorre pela metodologia: aplicação de inquéritos experimentais; amplitude do questionário linguístico definitivo

(700 perguntas) em relação ao do APFB; controle cartográfico da variável gênero: um homem e uma mulher por localidade; progressos na apresentação do material linguístico, comentários sobre o modo de formulação da pergunta, notas bem detalhadas, além de maior controle de faixa etária: oscilação de 35 a 65 anos. Em relação à cartografia, foram elaboradas 171 cartas linguísticas, doze delas são comparativos entre Bahia-Sergipe. As cartas são, na maioria, onomasiológicas e, parte delas, semasiológicas.

vi) **Atlas Linguístico do Paraná (ALPR, 1994)**, de Aguilera, qualificado como bidimensional, pois apresenta a dimensão da variação diasssexual associada à diatopia. Quanto à metodologia, o ALPR é apresentado em dois volumes: o primeiro trata da descrição das localidades, da caracterização dos informantes e a apresentação das cartas. Já o segundo volume apresenta um conjunto de cartas linguísticas, num total de 191: 92 lexicais, 70 fonéticas e 29 com fenômenos de isoglossas. Quanto ao perfil dos informantes, foram ouvidos dois por ponto, de ambos os sexos, com idade variando entre 30 a 60 anos. Segundo Cardoso (2010, p. 158-159), a inovação desse trabalho geolinguístico foi a preocupação da pesquisadora em possibilitar sua intercomparação com os já publicados e, para isso, o instrumento de coleta de dados compõe-se de uma série de perguntas comuns a outros atlas. *Fator que resultou a apresentação de um considerável número de cartas coincidentes com as dos demais.*

vii) **Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS-II, 2002/2005)**, de Cardoso. Mudando a tipologia, esse atlas insere-se nos atlas de segunda geração, com característica bidimensional. A autora aproveitou dados geolinguísticos não utilizados no ALS I para elaborar o II, trabalho concretizado como tese de doutoramento. A metodologia do ALS II comporta dois

volumes: o primeiro traz uma introdução ao atlas, a metodologia adotada e as notas das cartas; enquanto, o segundo contém três cartas introdutórias somadas a 105 cartas semântico-lexicais, centradas na área semântica HOMEM. Inova quando apresenta gráficos de frequência representando o gênero, notas e comentários dos informantes, veicula dados etnográficos para alguns referentes e apresenta transcrição fonética dos itens nos versos de cada carta.

- viii) **Atlas Linguístico do Paraná II (ALPR II, 2007)**, de Altino, que elaborou o ALPR II como tese de doutoramento. Quanto à tipologia, o trabalho situa-se entre os atlas *bidimensionais*. Sua estrutura parte do ALPR I, continuando o número de cartas, seguindo o mesmo perfil quanto à metodologia, com dados inéditos pertencentes ao seu *corpus* e que, por isso, necessitavam de tratamento geolinguístico. O trabalho contém dois volumes: o primeiro, relativo ao suporte teórico-metodológico; o segundo, o atlas, propriamente dito, composto por 125 cartas lexicais, 50 fonéticas e 02 dialectométricas. A inovação deste trabalho consiste na inserção do método europeu dialectométrico na geolinguística brasileira.
- ix) **Atlas Linguístico do Ceará (ALCE, 2010)**, coordenado por Bessa, pode ser caracterizado como *bidimensional*, pois considera os domínios diatópico e diassexual. Para a seleção dos informantes, tomou as seguintes decisões: 04 informantes por localidade, de ambos os sexos, com idade variante entre 30 a 60 anos, com baixa escolaridade. O questionário linguístico contendo 306 questões de caráter semântico-lexical foi aplicado em 70 localidades. O ALCE foi publicado em dois volumes: o primeiro traz uma introdução, os aspectos históricos e o aporte teórico-metodológico adotado; o segundo

volume, denominado Cartograma, traz as cartas lexicais, um glossário e referências bibliográficas acrescidas de obras lexicográficas consultadas. Os cartogramas perfazem o total de 256, com itens lexicais e fonéticos investigados⁴¹.

c) **Pluridimensionais:**

x) **Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA, 2004)**, coordenado por Razky, configura-se como uma extensão do projeto ALIPA, pois abarca dez das suas localidades correspondentes à área urbana. Quanto à metodologia, foi aplicado um questionário fonético-fonológico com 159 perguntas a 04 informantes por cidade, considerando as dimensões diasssexual, diageracional e baixa escolaridade. O ALiSPA tem o mérito de ser o primeiro atlas de terceira geração do Brasil, além de adotar critérios *pluridimensionais*. O fato de ser sonoro, publicado em CD-ROM (600 cartas fonéticas), fornece aos consulentes, de forma ágil e precisa, informações de natureza fonética, permitindo a audição das respostas dadas por cada informante registrado.

xi) **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM, 2004)**, de Cruz, tese de doutorado, concluído, mas ainda não publicado. Quanto à metodologia, o ALAM pode ser considerado *pluridimensional*, pois várias dimensões de variação são adotadas na investigação da realidade linguística do Amazonas. Para o estabelecimento da rede de pontos foram adotados os seguintes critérios: histórico, geográfico, demográfico e sócio-econômico, além de selecionar 06 pontos coincidentes com os de Nascentes (1958). A seleção dos informantes contou com três faixas etárias distintas (18-35; 36-55; 56 em diante) e seis (06) informantes por ponto, de ambos os sexos, analfabetos ou com baixa escolaridade. O

⁴¹ Cf. <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AtlasNacionais>

questionário conta com 483 perguntas: fonético-fonológico (156) e semântico-lexical (327). O trabalho estrutura-se em dois volumes: o primeiro contendo o aporte teórico-metodológico da tese e o segundo, o Atlas propriamente dito, que conta com 257 cartas, das quais, 107 são fonéticas e 152 semântico-lexicais.

- xii) **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS, 2007)**, organizado por Oliveira, o projeto foi idealizado e elaborado, na sua primeira versão, por docentes ligados à UFMS, por Nogueira, Isquerdo, Pires de Oliveira e Gomes. Em termos de metodologia, o ALMS é composto de um único volume com introdução, metodologia, discussão sobre o léxico e cartas. O instrumento de coleta tem 557 perguntas, divididas em três questionários: fonético-fonológico, semântico lexical e morfossintático. A rede de pontos contém 32 localidades, em cada uma das quais foram entrevistados 04 informantes, com baixa escolaridade, consideradas as dimensões diatópica, diassexual e diageracional. É composto por 207 cartas linguísticas: 47 fonéticas, 153 semântico-lexicais e 07 morfossintáticas. Apresenta, pois, características pluridimensionais. A inovação pautou-se na própria publicação⁴², posto ser esse o primeiro atlas do Centro-Oeste.

Quanto aos *atlas de pequeno domínio*, o Brasil apresenta considerável número de trabalhos desse porte, desenvolvidos como monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado, entre os quais, encontram-se descritos alguns deles, a seguir:

- i) **Atlas linguístico do município de Ponta Porã, MS (ALiPP, 2006)**, autora Reis (UFMS). Quanto à metodologia, o ALiPP configura-se como atlas de pequeno domínio. Além de ser

⁴² O primeiro atlas linguístico concluído no Estado de Mato Grosso do Sul, foi o Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã (ALiPP) que ainda não se encontra publicado.

pluridimensional, pois foram consideradas as dimensões diatópica, diasssexual, dialingual e diafásica de variação na investigação linguística realizada. Para o estabelecimento da rede de pontos foram adotados os seguintes critérios: histórico, geográfico e demográfico. A seleção dos informantes contou com apenas a segunda faixa etária (45 – 70 anos), tendo em vista que nesta faixa os contatos linguísticos e os termos em desuso estariam mais presentes. Para tanto, o questionário linguístico foi aplicado a dois informantes por ponto, de ambos os sexos, analfabetos ou com baixa escolaridade, com ascendência paraguaia, bilíngues ou trilingues. O questionário conta com 260 perguntas e duas narrativas e o trabalho estrutura-se em dois volumes: o primeiro contendo o aporte teórico-metodológico da dissertação e o segundo, o Atlas propriamente dito, que conta com 232 cartas semântico-lexicais. A inovação deste atlas pauta-se no registro da língua guarani e dos contatos linguísticos da fronteira.

- ii) ***Atlas linguístico do Litoral Potiguar (ALiPTG, 2007)***, elaborado por Maria das Neves Pereira (UFRJ). Segundo a autora, o trabalho segue a metodologia do ALiB para a escolha da rede de pontos, definição do questionário linguístico (04 tipos: QFF, QSL, QMS e questões de discurso semi-dirigidos) e perfil dos informantes (M/F), com alterações necessárias aos objetivos da pesquisa; atlas de pequeno domínio, com caráter *pluridimensional*. Quanto às dimensões de variação, foram consideradas as seguintes: a diatópica, a diageracional, a diasssexual e, ainda, consideradas questões relativas à escolaridade (nível básico no interior (04) e nível básico e superior na capital (08) e a profissão. A pesquisa é apresentada em dois volumes: o primeiro referente aos aspectos teórico-metodológicos; o segundo, o atlas linguístico composto por uma apresentação que norteia a leitura das cartas e discute os parâmetros adotados, além da transcrição fonética adotada e

de cartas geográficas ilustrativas. Finalizando, o Vol. II, as cartas linguísticas estão divididas em fonéticas (35), morfossintáticas (10) e lexicais (35). O diferencial neste trabalho é a cartografia de fatos morfossintáticos, seguindo o modelo do ALERS; os dados cartografados revelam *itens que configuram difusão regional e genérico-geracional das variantes relacionadas*.

iii) **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ, 2008)**, elaborado por Almeida (UFRJ). Para a seleção da rede de pontos, consideraram-se aspectos históricos e geográficos do estado do Rio de Janeiro, observando-se, particularmente, as divisões das suas microrregiões. Este trabalho seguiu parte da metodologia do ALiB para a escolha da rede de pontos, definição do questionário linguístico e transcrição dos dados. Caracterizado como atlas de pequeno domínio e pluridimensional. O questionário linguístico fonético-fonológico é composto por 278 perguntas, aplicado em 12 pontos de inquérito: cinco no litoral e sete no interior. Quanto à escolaridade, priorizou-se o nível básico do Ensino Fundamental, informantes que cursaram até a antiga 4ª série, entrevistados seis informantes em cada ponto, em três faixas etárias (18-35; 36-55 e acima de 56 anos), nascidos e criados na localidade, no total de 72 falantes. A pesquisa é apresentada em dois volumes: o primeiro referente aos aspectos teórico-metodológicos e o segundo, o atlas linguístico composto por 306 cartas fonéticas.

iv) **Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso (ALMESEMT, 2009)**, elaborado por Cuba. O trabalho é caracterizado como atlas de pequeno domínio e pluridimensional. A rede de pontos é formada por oito localidades que mantêm pontos coincidentes com os projetos ALiB e ALiMAT, recurso que permitiu a comparação do *corpus*

levantado. A pesquisadora também seguiu parte da metodologia do ALiB para a escolha da rede de pontos, da definição do questionário linguístico e da transcrição dos dados. O questionário linguístico contém 161 perguntas fonéticas e 157 semântico-lexicais, aplicadas a quatro informantes por ponto, de ambos os sexos, em duas faixas etárias (18-30 e 45-70 anos), com escolaridade até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental, totalizando 32 entrevistados. O produto final da dissertação de mestrado gerou o Atlas da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso que é composto por 122 cartas fonéticas e 121 lexicais, num total de 243 mapas.

- v) **Atlas Geossociolinguístico de Londrina (AGeLO, 2012)**, elaborado como dissertação de mestrado por Romano, é uma pesquisa caracterizada como pluridimensional, além de ser um atlas de pequeno domínio. Este atlas foi preparado com vistas a estabelecer uma comparação com o trabalho pioneiro de Aguilera, o Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (EALLO, 1987). Quanto aos informantes, foram entrevistados 44, em duas faixas etárias, de ambos os sexos, naturais da localidade. O produto final do AGeLO consta de dois volumes: o primeiro referente ao suporte teórico-metodológico adotado e o segundo, referente às cartas linguísticas: 71 lexicais e 50 fonéticas. O segundo volume também consta de uma apresentação com cartas introdutórias, com a configuração das cartas, além de referendar as opções metodológicas adotadas para a cartografia. O autor disponibiliza ainda um subtópico na apresentação do trabalho com o título de *Notação fonética*. A contribuição deste trabalho remonta à análise de dois recortes sincrônicos da realidade linguística londrinense, considerando o tempo real e o aparente, segundo a teoria sociolinguística laboviana.

Apresento, ainda, outros estudos geolinguísticos considerados de

pequeno domínio, sem, contudo, descrevê-los.

1) Monografias:

Esboço de um Atlas Linguístico de Centenário do Sul, 1997, de Tânia Mara de Podestá Pizolato (monografia);

Variação Lexical Fonética na Ilha de Marajó, 2004, de Arlon Francisco Carvalho Martins (monografia de Iniciação Científica).

2) Dissertações:

Aspectos Linguísticos da Fala Londrinense: esboço de um atlas linguístico de Londrina, 1987, de Vanderci de Andrade Aguilera (dissertação de mestrado);

Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana, PR, 1997, de Rosana Simone Fabris (dissertação de mestrado);

Estudo com vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: abordagem de aspectos semânticos lexicais, 1999, de Lígia Maria Campos Imaguire (dissertação de mestrado);

Aspectos Linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico, 2000, de Fádua Maria Moisés Lino (dissertação de mestrado);

Pelos Caminhos da Geolinguística Paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis, 2001, de Fabiane Cristina Altino (dissertação de mestrado);

Estudo Geolinguístico de Aspectos Semântico-lexicais no Campo Semântico “Alimentação e Cozinha” no município de Sorocaba, 2002, de Sônia Sueli Berti Santos (dissertação de mestrado);

Estudo Semântico-lexical com vistas ao Atlas linguístico da mesorregião do Marajó/Pará, 2002, de Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (dissertação de mestrado);

Atlas Fonético do Entorno da Bahia de Guanabara, 2006, de Luciana Gomes de Lima (dissertação de mestrado);

Estudo Geolinguístico de Aspectos Semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ilhabela, 2004, de Márcia Regina Teixeira da Encarnação (dissertação de mestrado);
Atlas Linguístico Léxico-Semântico de Iguatu, 2009, de Fabiana dos Santos Lima (dissertação de mestrado);
Atlas linguístico da Mata Sul de Pernambuco, 2011, de Edilene Maria Oliveira de Almeida (dissertação de mestrado).

3) Teses:

Estudo Geolinguístico de alguns Municípios do Litoral Sul Paulista abordagem de Aspectos Semântico-lexicais, 2004, de Lígia Maria Campos Imaguire (Tese);
Abordagem Semântico-lexical no falar Sorocabano com base no questionário do ALiB, 2005, de Sônia Sueli Berti Santos (Tese);
Atlas Semântico-lexical da Região do Grande ABC, 2007, de Adriana Cristina Cristianini (Tese);
Atlas Linguístico de São Francisco do Sul, 2008, de Tânia Braga Guimarães (Tese);
Atlas Linguístico Semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba, Municípios do Litoral Norte de São Paulo, 2008, de Márcia Regina Teixeira da Encarnação (Tese);
Um Estudo Geossociolinguístico do Oeste do Paraná, 2010, autora Sanimar Busse (Tese);
Atlas linguístico do Centro-Oeste Potiguar, 2012, de Moisés Batista da Silva (Tese).

Os trabalhos geolinguísticos apresentados não esgotaram a lista de todos os atlas de pequeno domínio elaborados atualmente no Brasil, apenas pôs em evidência parte da elevada produção desta área de pesquisa. É importante registrar que a maioria desses trabalhos geolinguísticos tem suas bases metodológicas firmadas na Dialetologia contemporânea que associa o estudo da variação diatópica ao da variação social. Além desses atlas citados, somam-se os atlas regionais em

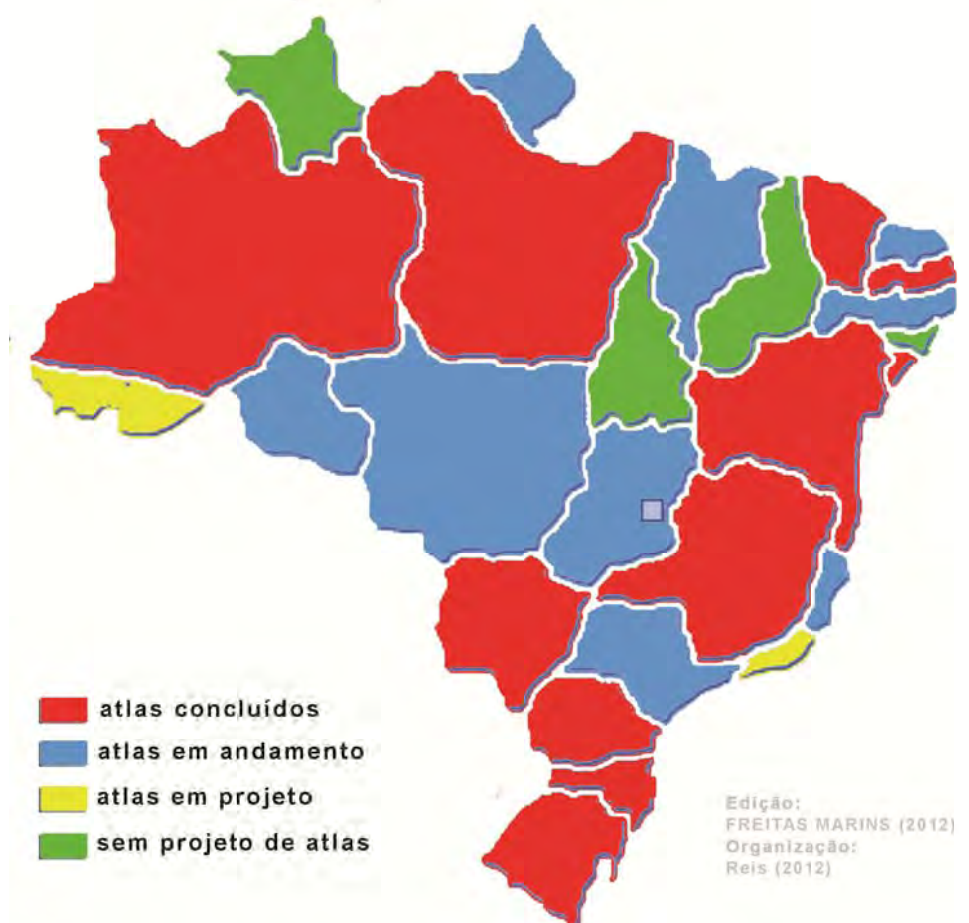
andamento ou não-concluídos.

Entre os atlas em curso, figuram: o *Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará* (ALiPA), coordenado pelo Prof. Dr. Abdelhak Razky; o *Atlas Linguístico de Mato Grosso* (ALiMAT), coordenado pelo Prof. Dr. José Leonildo Lima; o *Atlas Linguístico do Maranhão* (ALiMA), coordenado pela Prof.^a Dra. Conceição de Maria de Araújo Ramos; o *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte* (ALiRN), coordenado pela Prof.^a Dra. Maria das Neves Pereira; *Atlas Linguístico de Rondônia* (ALiRO), coordenado pela Prof.^a Dra. Iara Maria Teles; *Atlas Linguístico do Espírito Santo* (ALES), coordenado pela Prof.^a Dra. Catarina Vaz Rodrigues; *Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro* (ALiSon-Rio), coordenado pela Prof.^a Dra. Cláudia de Souza Cunha; *Atlas Linguístico do Acre* (ALIAC), coordenado pela Prof.^a Dra. Lindinalva Messias e o *Atlas Linguístico de Pernambuco* (ALIPE), elaborado como tese de doutoramento por Edmilson José de Sá⁴³.

A Figura 07, a seguir, evidencia a situação dos atlas estaduais brasileiros:

⁴³ Cf. Aragão (2008); Cristianini; Encarnação (2006); Brandão (1991).

Figura 07 - Situação dos atlas estaduais brasileiros



Os estudos citados compõem a 4ª fase da Dialetologia/Geolinguística brasileiras, pois se inserem no período subsequente ao surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil e adotaram os parâmetros alibianos nos seus construtos teóricos.

No tópico a seguir, procuramos tratar, em pauta sintética, apenas os conceitos principais que fundamentam a modernidade dos estudos dialetais.

2.6 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

Desde a antiguidade, a Dialetologia constitui-se no ramo do saber linguístico que identifica e descreve as diferentes situações em que uma língua varia, envolvendo as seguintes questões primordiais: como a língua se situa no espaço geográfico, no ambiente sócio-cultural e no âmbito diacrônico, fatores esses essencialmente considerados na análise dialetal de uma língua.

A tradição dessa época dos estudos dialetológicos sedimentou

postulados teóricos firmados na história da língua de tal modo que, durante longo tempo, não se pensou a análise dialetal sem as considerações elencadas, particularmente, fundamentada no princípio lógico que permeia todas as línguas do mundo: não existe língua sem história. Soma-se, a essas questões, o fato de que estudar uma língua significava investigar sua história co-relacionada aos usos que a permeavam, sob pena de, caso contrário, não ser considerada investigação científica.

Nesse ponto, Altenhofen (2006, p. 159) registra:

Para uma disciplina que, por muito tempo, deteve o monopólio dos estudos de variação linguística [...] e que, por toda a sua trajetória desde a época dos gregos, registrou uma série de percalços (de idas e vindas), a tal ponto de se falar nos últimos anos de uma “crise da dialetologia”, as relações com a ciência histórica foram por isso especialmente determinantes e estão na raiz da evolução de uma série de princípios do que se vem tratando, hoje, sob o conceito geral de dialetologia “tradicional”, em oposição à sua disciplina sucessora, “a dialetologia pluridimensional e relacional” [...].

A crise da dialetologia tradicional pauta-se na crítica ao seu arcabouço teórico que solidificou e estagnou alguns de seus princípios fundamentais e a sua metodologia, durante longo período, retardando sua evolução científica. De acordo com Altenhofen (2006, p. 161-165), entre as principais críticas à fundamentação e aos métodos tradicionais encontram-se os seguintes:

- i) disciplina “velha e obsoleta” frequentemente relacionada ao método histórico-comparativo;
- ii) preocupação com descrição da variação horizontal (diatópica), em detrimento da vertical (social);
- iii) busca por dialetos puros, relegando as inovações;
- iv) prioridade para o estudo dos dialetos como formas renovadas de “antiguidades linguísticas”;
- v) foco central na fala rural e popular, investigando os falantes menos escolarizados;
- vi) estudo de variantes mais conservadoras e de menor prestígio social.

A cisão dessa tradição, historicamente construída, ocorreu com o

surgimento da dialetologia pluridimensional e relacional a partir da segunda metade do século XX. Ainda de acordo com o mesmo autor, a maioria das críticas à dialetologia tradicional nasceram no seu próprio meio de investigação, desencadeando entre os estudiosos novas correntes de estudos que modernizaram essa disciplina.

Segundo Thun (1998, p. 152), ao prevalecer a opção monodimensional no princípio dos estudos dialetais com método cartográfico, abriu-se caminho para a opção pluridimensional nas pesquisas atuais. Essa nova fase da dialetologia também é conhecida como Linguística variacional, espaço teórico que comporta a *dialetologia pluridimensional e relacional*.

Dialetologia pluridimensional e relacional está sendo compreendida, neste trabalho, em consonância à definição de Thun (1998, p. 704):

La Dialectología areal y la Sociolingüística, disciplinas históricamente separadas, confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente “Dialectología pluridimensional (e relacional)” y que se entiende como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro. Dentro de esta ciencia general (“lingüística variacional”/ “Varietätenlinguistik”), a la Dialectología pluridimensional le corresponde la parte de la variación que se extiende al espacio tridimensional⁴⁴.

Dialetologia pluridimensional e relacional compreende, ainda, a junção da dialetologia areal, voltada para o espaço monodimensional, aos parâmetros da sociolinguística, no que diz respeito ao estudo da variação que se estende no espaço tridimensional. Thun (1998) registra que essa disciplina não deixa de ser a aplicação geolingüística, pois não pode desvincular a variação diatópica no espaço bidimensional.

⁴⁴ “A Dialetologia areal e a Sociolingüística, disciplinas separadas historicamente, se convergem numa geolingüística ampliada que pode chamar-se oportunamente de “Dialetologia pluridimensional (e relacional) e que entende como parte da ciência geral da variação linguística e as relações entre variantes e variedades por um lado e falantes por outro. Dentro desta ciência geral (“lingüística variacional”/“Varietätenlinguistik”), a Dialetologia Pluridimensional corresponde à parte da variação que se estende ao espaço tridimensional” (TN).

2.6.1 A Cartografia Geolinguística e a Pluridimensionalidade

A evolução dos estudos dialetológicos aponta, concomitantemente, também para a evolução de seus métodos de análise de dados: a cartografia geolinguística e a pluridimensionalidade. Entre os dialetólogos brasileiros que discutem o assunto, na atualidade, situo Cardoso (2002, p. 01)⁴⁵ que trata do tema focalizando a Geolinguística no terceiro milênio, nos âmbitos monodimensional e pluridimensional. Para a autora, dois caminhos foram percorridos ao longo da história “no exame do fato linguístico”: o primeiro centra-se na “perspectiva diatópica” e, o segundo, no “enfoque sociolinguístico”

Partindo desse ponto de vista, por vertente diatópica compreendemos, nesta tese, o método geolinguístico de dispor fatos da língua de uma sociedade situados num espaço geofísico específico, pré-determinado pelo estudioso na organização de sincronia linguística em cartas ou mapas linguísticos baseados em dados orais.

Acerca da questão diatópica, Cardoso (2002, p. 02) referenda que:

A preocupação diatópica, seja porque os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e as suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente as refletem, têm um território próprio, ou seja, ainda, porque o homem é indissociável no seu **existir** e no seu **agir**, no seu **ser** e no seu **fazer**, tem sido uma constante nos estudos dialetais e desde os seus primórdios.

Os espaços geográficos, nessa perspectiva, evidenciam a realidade de fatos linguísticos de modo mais acentuado, pois, à medida que uma carta linguística realça traços fonéticos ou lexicais ou, ainda, morfossintáticos, distribuídos e/ou distanciados num território, há, por conseguinte, a delimitação geográfica desses fenômenos caracterizadores de comunidades linguísticas, vertente teórica essa que sedimenta a “dialetologia tradicional”.

No caso específico desta pesquisa, a cartografia dos dados linguísticos recolhidos nas “cidades gêmeas” da fronteira Brasil/Paraguai, com o modelo Carta Pizza (cf. Vol. II) do ALF – BR PY, por exemplo, representa em típico exemplo da distribuição de fatos da língua dispostos diatopicamente. Em particular,

⁴⁵ Cf. Fonte: http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_12.pdf. Acesso: 29.08.2012.

a variação lexical distribuída no espaço físico das faixas fronteiriças aponta dados exclusivos de falantes expostos a situação de contatos de línguas. É a questão da norma tratada por Coseriu (1979 [1952]).

Já o enfoque sociolinguístico relacionado aos estudos geolinguísticos propicia a interrelação da distribuição linguística espacial com características sociais dos falantes como idade, escolaridade, sexo, profissão e, ainda, no caso desta pesquisa, etnia e plurilinguismo. Os fatores sociais, numa análise de enfoque sociolinguístico, podem ser relacionados diretamente à variável descrita anteriormente como sexo, idade, escolaridade, origem étnica e linguística, pois todos esses fatores extralinguísticos desencadeiam processos de variação (CARDOSO, 2002, p. 05).

A título de exemplificação no atlas produzido no âmbito deste trabalho, as cartas modelos Cruz/sobreposição e Carta Língua (cf. Vol. II) do ALF – BR PY põem em relevo o fato linguístico associado às dimensões diageracional, diassexual e à origem étnica do falante, como fatores desencadeadores de variação linguística, além de dar mostras do contato linguístico em processo nessas “cidades gêmeas”.

Adentramos, assim, ao conceito de dialetologia moderna, conhecido como método pluridimensional, foco da dialetologia relacional, que permite o cruzamento de dados linguísticos extraídos do espaço geofísico associados a fatores sociais. Entre os modelos mais modernos de aplicação desse método em atlas linguísticos, situa-se o Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU, 2000).

Thun (2000, p. 01) situa esse atlas pluridimensional quando registra:

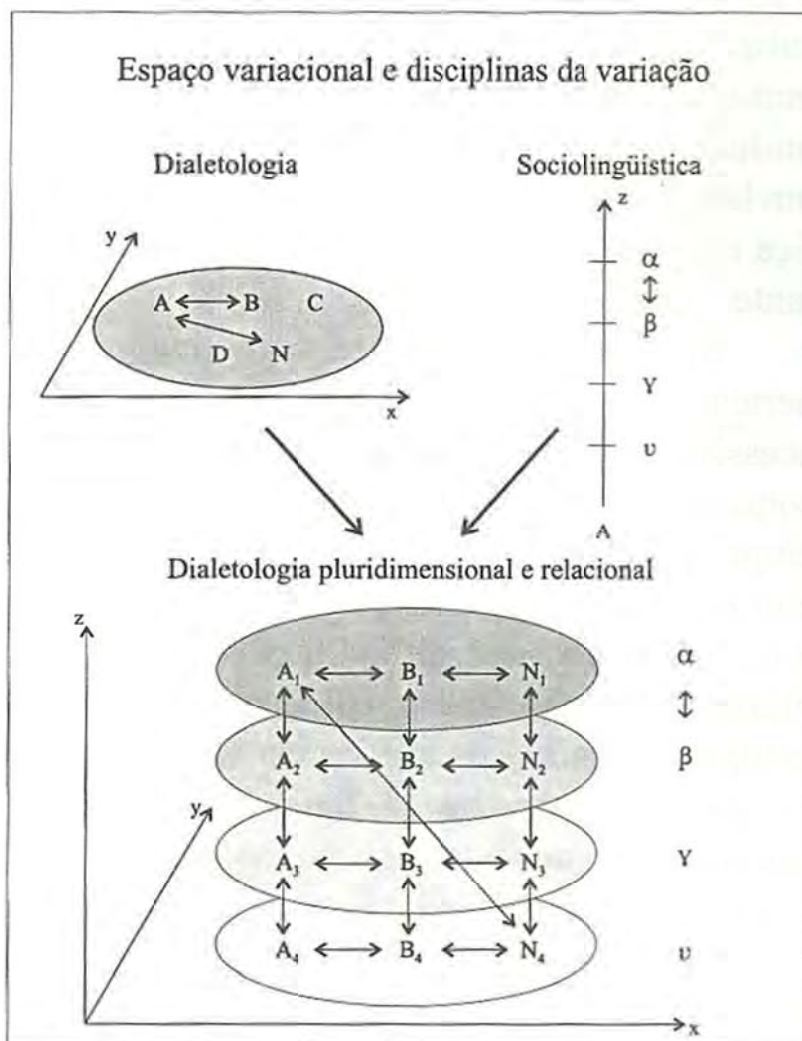
El ADDU no se contenta con la identificación de los hechos lingüísticos que varían de un lugar a otro. Se propone, por un lado, ensanchar la **superficie** o diatopía bidimensional (los “dialectos” tradicionales), que suele analizar la geolingüística, a un **espacio** tridimensional, combinando la dialectología y la sociolingüística para enfocar la arquitectura de una lengua histórica o de varias que están en contato⁴⁶.

O ADDU mostra-se pluridimensional no ponto em que seus autores

⁴⁶ “O ADDU não se contenta com a identificação de fatos linguísticos que variam de um lugar a outro. Propõe-se, por um lado, expandir a superfície ou diatopía bidimensional (os “dialetos” tradicionais), que, frequentemente, analisa a geolinguística, num espaço tridimensional, combinando dialetologia e sociolinguística para se concentrar na arquitetura de uma linguagem histórica ou a várias que estão em contato (TN)”.

estabelecem a junção de fatores diatópicos com sociolinguísticos num claro cruzamento da superfície diatópica bidimensional, aliada ao espaço tridimensional. A figura 08 (THUN, 2005), a seguir, dá mostras dessa aplicabilidade teórica:

Figura 08 - Espaço variacional e disciplinas da variação



Segundo Thun (2005, p. 67-68), a Figura 08 demonstra que a geolinguística pluridimensional também se constitui relacional, à medida que considera relações de todos os tipos. Assim, “não só une pontos da mesma superfície [...] ou os que ligam pontos de um mesmo eixo [...], mas estuda também os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de outra superfície”, além da “relação entre pontos diagonais”. O autor põe em relevo a dimensão ampla que o registro pluridimensional pode proporcionar, já que o cruzamento dos dados pode se estender à análise em duas direções (vertical e

horizontal). Para tanto, o autor situa a geolinguística pluridimensional e relacional no campo das ciências que partem do *mesocosmo* (fatos da linguagem acessíveis aos falantes), passam pelo *microcosmo* (no sentido da *tekné*, sem uma regra clara de uso) até o *macrocosmo* (visualizações adequadas ao todo variacional).

Para alcançar essas propostas mencionadas, o ADDU, em termos metodológicos, decorrentes da “natureza meso-, micro- e macrocós mica da geolinguística pluridimensional e relacional”, adota a “elaboração de um atlas explicativo (ou interpretativo) que tenciona dar mapas claros dispostos em séries hierarquizadas”. Os fatores hierarquizantes dizem respeito a várias etapas de análise que “passam dos ‘grupos reais’ até aos parâmetros respondendo sempre perguntas como: ‘Qual é o grupo que mais usa o Seísmo?’, ‘Qual é a variável mais importante (a idade, o sexo, a zona de residência, etc.)?’” O atlas pluridimensional conduz o investigador a perseguir o fato linguístico almejado “através de todas as dimensões e parâmetros e medir a relevância de cada variável” (THUN, 2005, p. 69; 74-75).

Por ora, a estrutura do ADDU contempla uma introdução, referenciada como prólogo, com a apresentação das questões teóricas discutidas: os traços fonéticos registrados, os alófonos Zeísmo e Σeísmo uruguaios e, também, as africadas [δZ] e [τΣ]. Esses fatos linguísticos registrados recobrem uma área geográfica determinada, culminando teoricamente nos processos de arealidade, ou seja, a distribuição do fenômeno linguístico no espaço estabelecido nos moldes da dialetologia tradicional relacionado a características sociolinguísticas dos falantes.

Após o prólogo do ADDU, as decisões metodológicas desse estudo pluridimensional disponibilizam, entre outros recursos de análise, um mostruário ao leitor com cerca de 300 ocorrências, decorrentes de 20.350 realizações fonético-lexicais, entre as quais, encontram-se, por exemplo, [ποετριΣο], [υρυεγωαZo] e [εβαΣε], além da distribuição desses dados em forma de quadros estruturados do seguinte modo: a primeira coluna apresenta o código da localidade, a segunda, o perfil do informante, a terceira, a leitura realizada pelo informante, a quarta, a resposta obtida e, a quinta, a conversação.

Os autores preocupam-se em apresentar dados relacionados entre si que permitam análises linguísticas em várias dimensões, por isso, já na introdução da obra, entre os dados descritos, há explicações acerca das inovações e

conservadorismo linguístico dentro do contexto uruguaio.

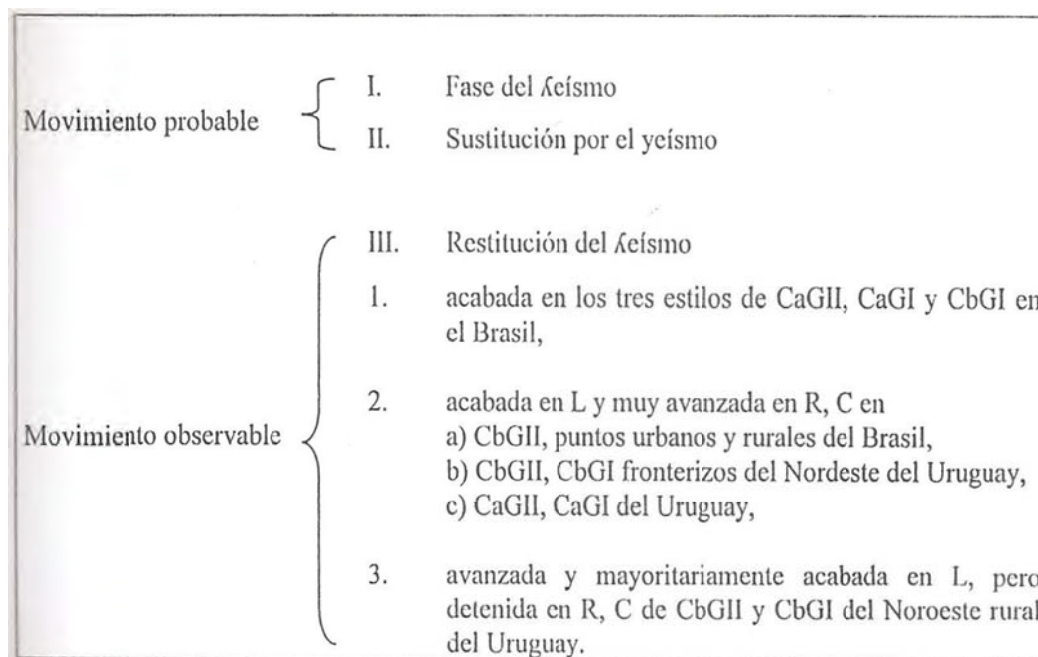
A inovação desse atlas linguístico de grande domínio centra-se na cartografia e no tratamento dos dados, à medida que focaliza as dimensões e parâmetros que foram considerados na recolha dos dados. Vejamos o Esquema I que referenda o exposto:

Figura 09 - Dimensões e parâmetros (THUN, 2000, p. 10)

DIMENSÃO	PARÂMETRO
1. dialingual	espanhol português
2. diatópica	topostático A N
3. diatópico-kinética	topostático topodinâmico
4. diastrática	classe alta classe baixa
5. diageracional	geração II geração I
6. diasexual	mulheres homens
7. diafásica	R C L
8. diarreferencial	fala "objetiva" fala metalinguística

Esquema I

As dimensões e parâmetros apresentadas na Figura 09, relativas às decisões metodológicas do ADDU, são, de certo modo, aplicadas às cartas linguísticas desse atlas, inovando também no processo de análise de fatos linguísticos uruguaiois, fator que decorre da possibilidade de cruzamento das várias dimensões que esse trabalho pluridimensional recobre, entre as quais, encontram-se a diageracional, a diagenérica e a diastrática. O Esquema II, a seguir, ilustra a aplicabilidade de análise dessa vertente pluridimensional:

Figura 10 - Análise pluridimensional e relacional

Fonte: Thun (2000, p. 3)

O Esquema II põe à mostra as dimensões consideradas na confecção do Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU - Tomo I e II, 2000). Dentre elas, a dimensão diageracional que expõe fatos de língua relacionados ao grupo a que pertence o entrevistado, jovem ou idoso, recurso que permite o cruzamento dessa informação com as de caráter social, como classe baixa (Cb) e classe alta (Ca). Além das diferenças entre os gêneros (homem e mulher), relacionadas ao contexto situacional que abarca o falante, como o rural e o urbano, por exemplo.

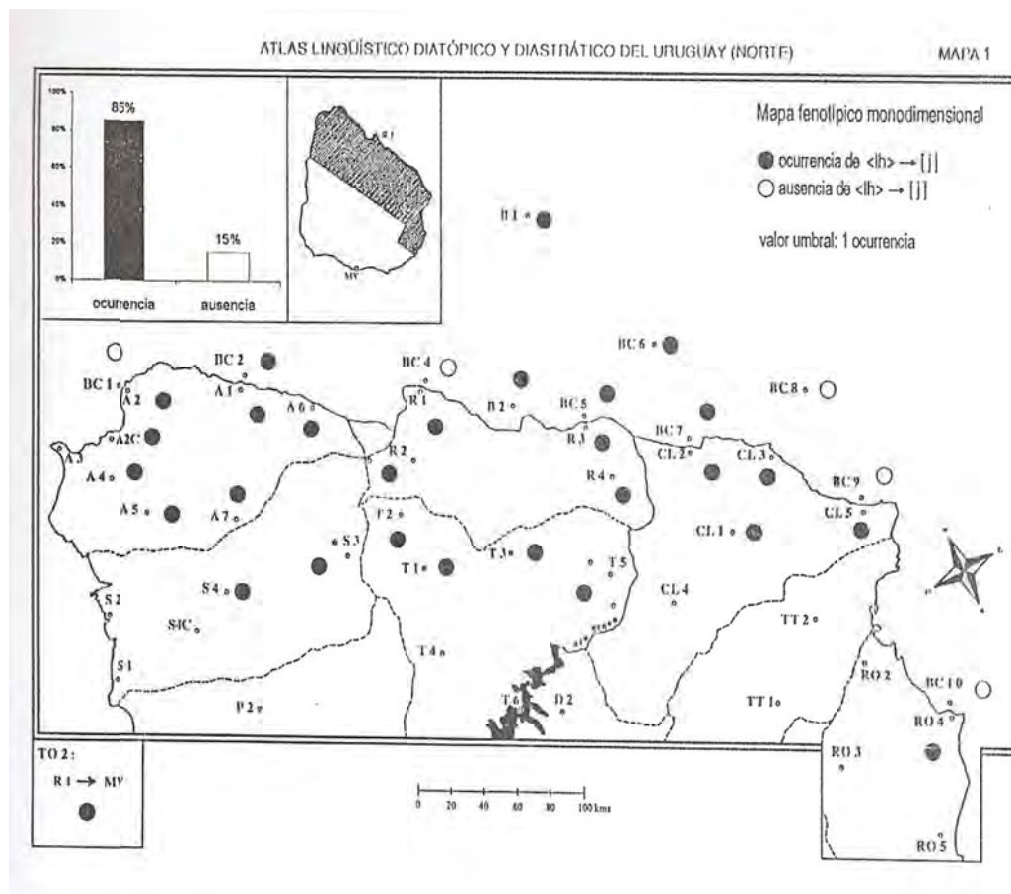
Somando-se às dimensões analisadas, o ADDU (THUN; ELIZAINCÍN, 2000, p. 01) se volta, ainda, para o controle dessas dimensões por meio da cartografia pluridimensional e relacional. Entre os principais aspectos considerados, apresentamos os seguintes:

a) Mapa Fenotípico que se caracteriza pela representação cartográfica de um único critério como “documentado” ou “não-documentado” na zona representativa. É equivalente ao mapa geolinguístico tradicional, adotado no ADDU por proporcionar uma orientação geral do fenômeno estudado. Além disso, o mapa

fenotípico é aplicado pelos autores como o ponto de partida da série temática do atlas em questão, com dois tipos distintos: o monodimensional e o pluridimensional.

a.a) O mapa fenotípico monodimensional apresenta uma dimensão de variação, a título de ilustração, a palatalização (símbolo: bola cheia) e a despalatalização (símbolo: bola vazia), cujo mapa é desprovido de cores, com uso apenas do preto e do branco aplicados ao círculo, símbolo básico da cartografia. Conforme Figura 11, a seguir:

Figura 11 - Mapa Fenotípico Monodimensional (ADDU)

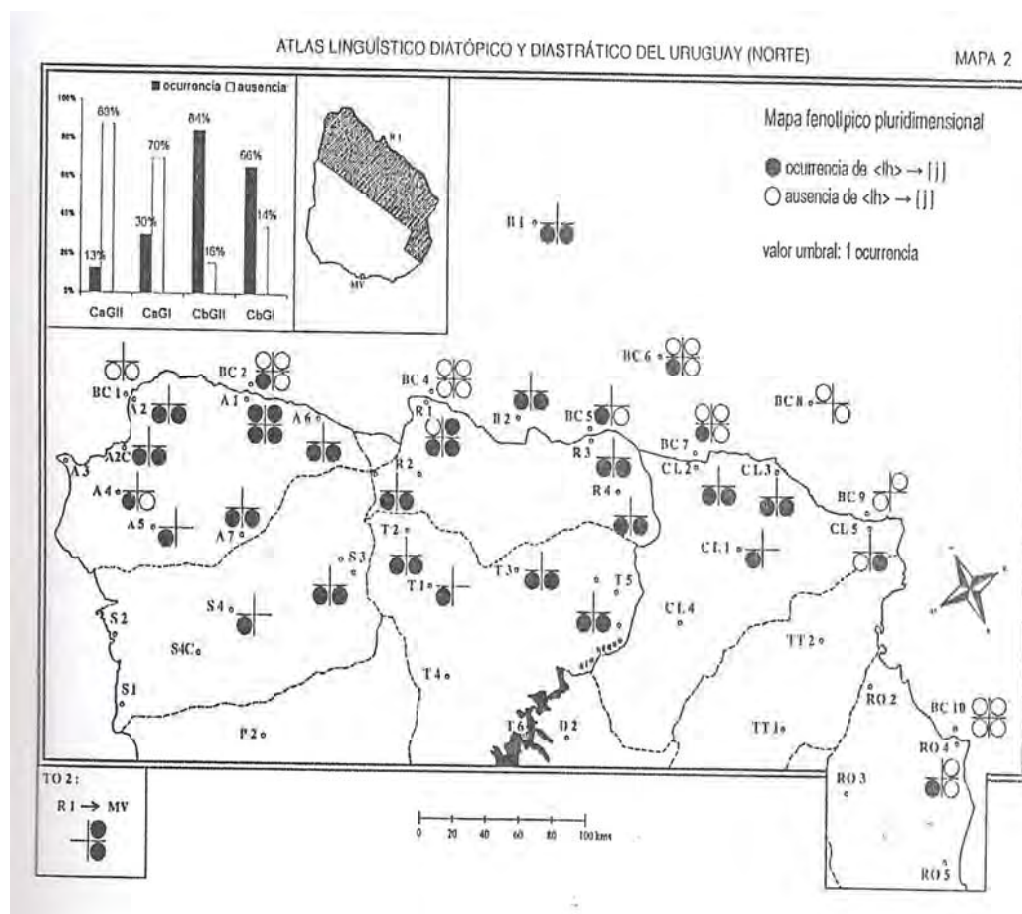


a.b) O mapa fenotípico pluridimensional apresenta mais de duas dimensões de variação, como por exemplo, critério sociocultural e idade. A simbologia pauta-se na cruz e onde os quatro espaços recebem símbolos relativos ao perfil dos

informantes, representativos do comportamento linguístico de cada grupo. A disposição da cruz em aspectos socioculturais ficou assim distribuída: i) acima da cruz estão os grupos socioculturalmente altos e, na parte inferior da cruz, os socioculturalmente baixos, ii) a linha vertical, por sua vez, separa os grupos de gerações: lado esquerdo, os anciões e, no lado direito, os jovens.

É importante registrar que, segundo os organizadores do ADDU, a impressão fenotípica não é suficiente para revelar a totalidade da natureza palatalizante, por isso houve a necessidade da elaboração de outros mapas que revelassem fenômenos pormenorizados. A Figura 12, a seguir, exemplifica a estrutura desse segundo tipo de mapa fenotípico.

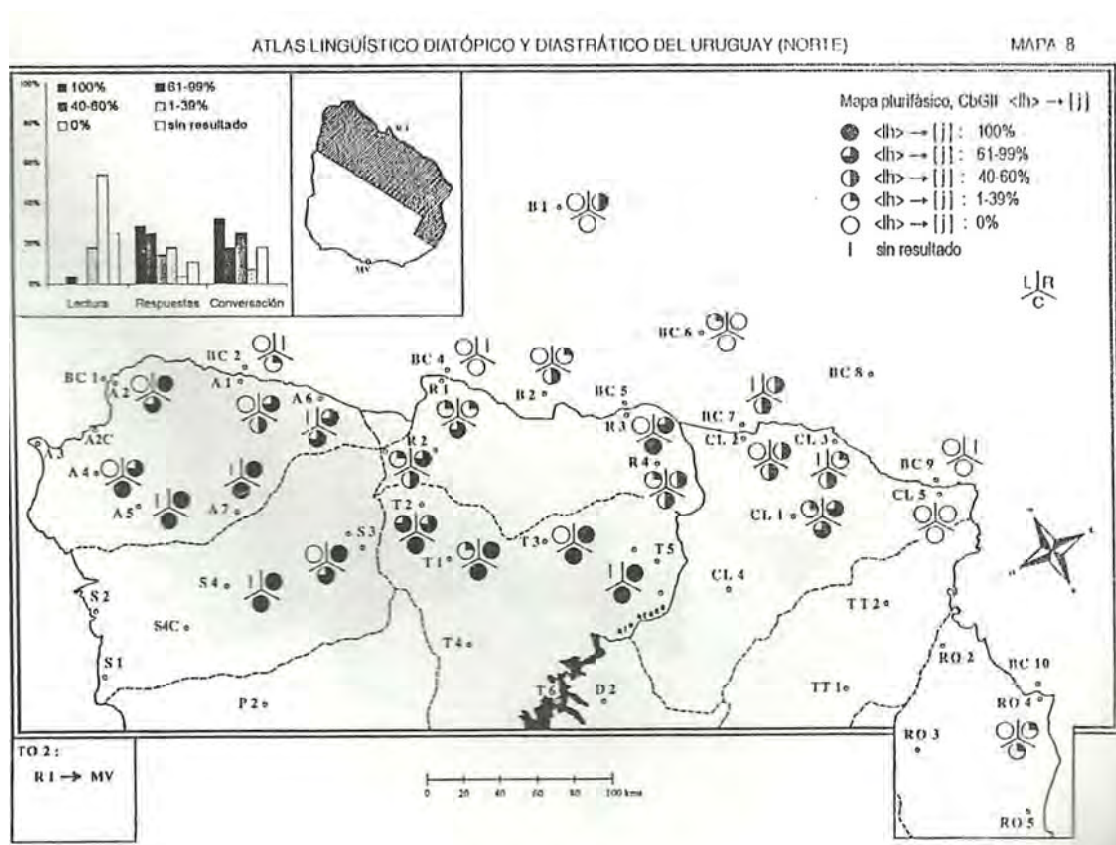
Figura 12 - Mapa Fenotípico Pluridimensional (ADDU)



b) Mapa monofásico⁴⁷ representação, cartograficamente, a variação diafásica, ou seja, único estilo analisado na fala representativa recolhida por meio de Leitura (L), Resposta (R) e por Conversação (C). O volume I do atlas referenciado apresenta seis mapas monofásicos e um mapa isofásico, este último não distingue a correlação diafásica/diatópica. (Sem exemplos)

c) Mapa plurifásico representa, cartograficamente, regularidades do comportamento linguístico e apresentam, também, i) limites de palatização, ii) valor umbral de uma isoglossa e iii) palatização de um estilo. A título de ilustração, o mapa plurifásico do ADDU revela que houve baixa representação de informantes da Classe alta, dada a predominância de localidades com caráter rural na zona de observação. A Figura 13, a seguir, exemplifica essa realidade.

Figura 13 - Mapa Plurifásico (ADDU)



⁴⁷ O material disponível não continha exemplos desse tipo de mapa.

d) Princípio da relacionalidade: o cruzamento das dimensões das variáveis que recobrem o espaço estudado desde os mapas fenotípicos e os mapas especializados, com aspectos levantados como coincidência ou divergência da dimensão diassexual para os fenômenos dos Zeísmo e Σeísmo uruguaios e brasileiros e, também, as africadas [δZ] e [τΣ], além das coincidências e divergências desses mesmos fenômenos na dimensão diafásica, somados aos dados expostos nas análises por meio de quadros (os mostruários), figuras e mapas. O ADDU registra ainda os contatos linguísticos observados na fronteira do Uruguai com o Brasil.

Outro trabalho geolinguístico inovador que se semelha teoricamente ao ADDU, é o Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR), com a diferenciação do registro da língua guarani, caracterizada como língua indígena. A estrutura desse atlas de grande domínio apresenta as decisões metodológicas assumidas por seus organizadores, relativas à cartografia adotada e o tratamento dos dados.

Não intentamos descrever detalhadamente o ALGR (DIETRICH; SYMEONIDIS, 2009), mas apenas situar a estrutura desse trabalho. Dentre seus principais objetivos, está o registro da variação linguística identificada nas áreas que correspondem à antiga zona guaranítica do Rio da Prata, assim, há aplicação de inquéritos linguísticos em três estados nacionais: o Paraguai (37 pontos), a Argentina (27 pontos) e o Brasil (08 pontos).

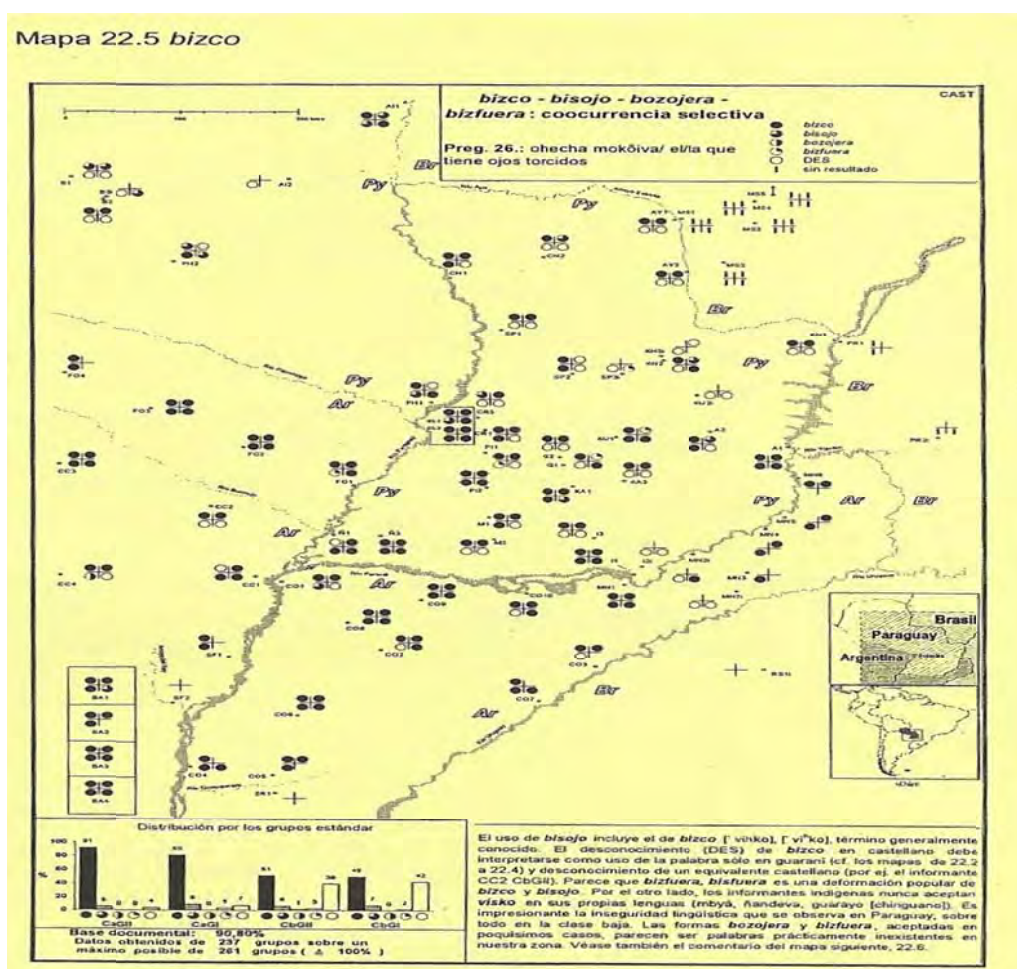
Esse atlas registra, especificamente, o contato bilíngue entre o “guaraní-castellano” e o “guaraní-português”, pois a língua guarani é o ponto de partida para as interferências linguísticas na zona guaranítica. Para tanto, os autores estabelecem a diferenciação entre o guarani indígena e o guarani paraguaio, aquele uma língua mais conservadora, com baixo índice de empréstimo linguístico, este, uma língua mesclada por influências no nível lexical, além das influências do espanhol. Seria o *jopara*⁴⁸ investigado no Atlas Guaraní-Românico, ou seja, uso constante que passa de uma língua a outra automaticamente, ou ainda, o hábito de usar as línguas faladas simultaneamente, misturando-as. Esse processo de

⁴⁸ Cf. DIETRICH; SYMEONIDIS, 2009, p. V.

dialetação, ou seja, a possibilidade de surgir um novo dialeto a partir da interferência de vários idiomas que convivem em um mesmo território, também foi registrado na fronteira Brasil/Paraguai.

Quanto à metodologia, o ALGR configura-se como pluridimensional e relacional considerando a variação nas seguintes dimensões: dialingual, diatópica, diastrática, diageracional, diafásica e diarreferencial. Para a cartografia, nos moldes do ADDU, há a utilização de símbolos com círculos (cheios e vazios), nas cores preto e branco, com uso da cruz e exploração das dimensões fundamentais. Foram adotados os mesmos fenômenos léxicos e boa parte da metodologia cartográfica dos mapas utilizados para a elaboração do Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai. O ALGR, nos moldes do ADDU, conta com 73 mapas gerais, subdivididos e agrupados por fenômenos triplicando, assim, o seu número total. A Figura 14, a seguir, revela aspectos metodológicos da cartografia do Atlas Guaraní-Românico:

Figura 14 - Modelo de Carta Linguística do ALGR⁴⁹



⁴⁹ Texto fornecido pelo autor.

Thun (1998, p. 374), tratando do interesse dos atlas linguísticos pluridimensionais em combinar, no interior das atividades cartográficas, a diatopia com as dimensões não areais, discorre sobre três tipos de atlas pertencentes à classificação pluridimensional que são:

- i) Atlas potencialmente pluridimensionais (abarcam todas as dimensões e parâmetros);
- ii) Atlas parcialmente pluridimensionais (abarcam parte das dimensões e parâmetros);
- iii) Atlas sistematicamente pluridimensionais (sistemizam as dimensões estudadas).

Não pretendemos discorrer sobre essa tipologia, mas apenas situar o ADDU como potencialmente pluridimensional à medida que adota as 08 dimensões propostas: a dialingual; a diatópica-kinética, a diastrática, a diageracional, a diassexual, a diafásica e a diarreferencial.

O método pluridimensional permite investigar fatores linguísticos e extralinguísticos aplicados a territórios inteiros ou parciais, como a fronteira aqui estudada, ou ainda, grupos separados dentro da comunidade. A dialetologia e a geolinguística modernas têm o triplo papel de descrever, analisar e esclarecer o comportamento linguístico dos falantes, bem como, relacionar questões semânticas às lexicais, além de tentar esclarecer se certas variantes são condicionadas por variáveis e quais as condicionam.

Na sequência focalizamos questões teóricas acerca dos pressupostos da geolinguística.

2.7 ATLAS LATINOAMERICANOS: BREVE DESCRIÇÃO

Para a descrição da Geolinguística desenvolvida na Hispanoamérica nos baseamos em Montes Giraldo (1987, p. 121-223) e Mouton (1992, p. 699), os quais asseguram que a maior parte das investigações efetuadas nesse espaço geofísico parte da língua espanhola como objeto de análise.

Mouton, em particular, ressalta ainda que esta Geolinguística aplicada à América comporta, em sua metodologia, diferenças significativas em relação aos métodos europeus, devido à própria constituição étnica dos grupos e da história da ocupação de cada país.

Quanto à Geolinguística aplicada na América Latina, da rede mundial de computadores selecionamos parte das informações sobre os atlas linguísticos de pequeno, médio e grande domínios publicados, não-publicados ou em fase de elaboração.

a) Atlas latinoamericanos publicados⁵⁰:

- i) (Atlas) **El Español de Puerto Rico: contribución a la geografía lingüística hispanoamericana**, autor Tomás Navarro Tomás, produto final de monografia, resultando num atlas linguístico de pequeno domínio, datado de 1948 (2ª ed.1966/3ª ed.1974). Com questionário linguístico léxico, fonético e gramatical aplicado a uma ou duas pessoas, entre 40 a 60 anos, em cada um dos 43 pontos linguísticos. Esse pequeno atlas é composto por 75 cartas.

- ii) **Atlas Linguístico do México (ALM)**, organizado por Juan M. Lope Blanch, publicado em 1990, caracterizado como atlas de grande domínio e pluridimensional. Idealizado por Manuel Alvar, que treinou a equipe de inquiridores para a coleta de dados, com o objetivo principal de descrever o espanhol falado no México e diferenciar as suas zonas dialetais. Para tanto, o questionário linguístico foi estruturado em Léxico-semântico, Fonético e Gramatical contendo 1000 perguntas, aplicado em zonas rurais e urbanas por cerca de 10 pesquisadores. Foram entrevistados 07 informantes por localidade considerando o nível cultural: analfabetos (428 – 31%), semianalfabetos (404 – 30%), “pessoas de cultura média” (359 – 26%), “semicultos” (78 – 6%) de “cultura superior” (86 – 7%); de gênero: 839 homens e 516 mulheres e faixa etária: jovens (688 – 50%), pessoas de média idade (455 – 34%) e pessoas idosas (216 – 16%). Quanto à cartografia, constitui-se de mapas fonéticos, morfossintáticos e léxicos distribuídos em Vol. I: mapas analíticos e sintéticos, e Vol. II composto apenas por mapas analíticos. A abundância de

⁵⁰ Parte das informações registradas sobre os atlas latinoamericanos publicados integralmente ou parcialmente, não-publicados e em andamento foram retirados da rede mundial de computadores.

informações aplicadas ao processo cartográfico gerou um problema de poluição das cartas linguísticas, impasse parcialmente solucionado por explicações em notas dos autores. Talvez o alto índice de informações geolinguísticas cartografadas se deva ao polimorfismo interno da fala mexicana, fator associado aos fatores extralinguísticos considerados. O projeto desse atlas previa 958 cartas (quantidade não confirmada junto à fonte consultada).

iii) **Atlas Linguístico Etnográfico da Colômbia (ALEC)**, publicação iniciada em 1981 e encerrada em 1983, organizada por Luis Flores, discípulo de Navarro Tomás, e Tomás Buesa. O ALEC, atlas de grande domínio, configura-se como o primeiro atlas linguístico de um país hispanoamericano totalmente publicado. O questionário linguístico léxico e fonético iniciou com 8.065 perguntas e acabou reduzido a 1.500. Quanto ao perfil dos informantes, foram entrevistados 2.234, dos quais 1.480 homens e 754 mulheres, a maioria analfabetos ou com baixa escolaridade, divididos em três faixas etárias: jovens (menos de 30 anos), de média idade (30 a 60 anos) e idosos (mais de 60 anos). A aplicação do questionário se deu de forma direta, realizada por quatro inquiridores em 262 localidades. A cartografia resultou em 1.500 cartas linguísticas (fonéticas, analíticas, léxicas e gramaticais) distribuídas em seis volumes.

iv) **Atlas Linguístico y Etnográfico del Sur de Chile (ALESuCh)**, de médio domínio, de autoria de Guillermo Araia, Constantino Contreras, Mario Bernales e Claudio Wagner. O questionário linguístico se subdivide em Fonético, Lexical e Gramatical, totalizando 1607 perguntas não aplicadas linearmente em todas as 59 localidades, distribuídas em 29 rurais, 05 litorâneas, 12 urbanas e 13 litorâneo-rurais. Esse atlas não adotou um rígido controle de informantes nos pontos linguísticos investigados, sendo entrevistados mais de um por ponto. Quanto à cartografia,

adotou o modelo do Atlas de Andalucía, resultando em mapas etnográficos, com transcrição fonética e mapas com símbolos. Dos quatro a cinco volumes previstos, apenas um foi publicado em 1973.

- v) **Atlas Lingüístico de Hispanoamérica (ALH)**, idealizado por Manuel Alvar que dedicou anos de pesquisa à elaboração desse atlas idealizado em 1980 e iniciado efetivamente em 1984 por Alvar e Antonio Quilis Morales, este último o concluiu. Trabalho caracterizado como de grande domínio. Por várias razões, entre elas financiamento, só foi efetivamente publicado em 2000. O principal objetivo desse atlas foi retratar as marcas linguísticas do espanhol falado na América Latina. Quanto ao questionário linguístico, contabilizou 1415 perguntas (758 lexicais, 394 fonéticas e 263 morfossintáticas), com características gerais, dado o alcance continental desse atlas. Em relação ao perfil dos informantes, a proposta inicial era entrevistar dois falantes por ponto, em dois níveis socioculturais (alto e baixo). O contexto bélico, todavia, impediu que esse perfil fosse mantido em algumas localidades (as fontes pesquisadas não registraram dados sobre a cartografia).
- vi) **Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU)**, diretores Adolfo Elizaincín e Harald Thun, publicado em 2000, de grande domínio. O ADDU inclui um subatlas designado de ADDU – Norte, este trabalho geolinguístico caracteriza-se como fronteiro centrado no português em contato com o espanhol, conta com rede de pontos nos territórios nacionais que investiga na fronteira: Uruguai, Brasil e Argentina. Para tanto, os autores adotaram os parâmetros da Dialectologia Relacional aplicada a zonas bilíngues. Em relação aos inquéritos linguísticos foi adotada a técnica em três tempos: perguntar, insistir e sugerir.

vii) **Atlas Linguístico do Peru (ALP)**, autor Andrés Chirinos Rivera, publicado em 2001 e caracterizado como de grande domínio. O diferencial deste trabalho é o registro de marcas de línguas indígenas. Apresenta 56 mapas, acompanhados de gráficos, tabelas e dados estatísticos que revelam diferenciações linguísticas do falar do Peru. Além das informações linguísticas, registra, ainda, dados sobre a população, as capitais do país, sobre a origem étnica e a constante substituição que vêm sofrendo as línguas indígenas do país.

viii) **Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR)**, de grande domínio, organizado por Harald Thun, Wholf Dietrich, Haralambos Symeonidis e Almidio Aquino, Tomo I publicado em 2009. É considerado atlas de grande domínio por mapear todo o território paraguaio com pontos nas fronteiras da Argentina e do Brasil. Quanto à metodologia, o ALGR configura-se como pluridimensional e relacional, adotando seis dimensões de variação (diatópica, diastrática, diafásica, diassexual, diageracional e diarreferencial) para alcançar os objetivos propostos. Para tanto, o perfil dos informantes centra-se em dois gêneros (homem/mulher); duas faixas etárias: jovem (18-36 anos) e idoso (mais de 50 anos); dois níveis socioculturais: classe baixa e classe alta. O número de informantes no ALGR varia entre um a treze por localidade, distribuídos nos 77 pontos, totalizando 448 falantes, por seis inquiridores (ALGR, 2009). Para a cartografia, nos moldes do ADDU, utilizaram símbolos com círculos (cheios e vazios), nas cores preto e branco, com uso da cruz e exploração das dimensões fundamentais. Foram adotados os mesmos fenômenos léxicos e boa parte dos modelos de mapas utilizados na elaboração do ADDU. O ALGR conta com 73 mapas gerais, subdivididos e agrupados por fenômenos linguísticos, triplicando o seu número total. Esse atlas juntamente com o ADDU e o ALMA – H têm como diferencial e inovação a técnica de entrevistas em três tempos e constituem a trilogia rioplatense.

- ix) **Atlas Sociolinguístico dos Povos Indígenas da América Latina**, autores Xavier Albó *et al* (34 pesquisadores), publicado em 2009. Este atlas não tem características geolinguísticas propriamente ditas, apesar disso traz informações linguísticas relevantes sobre 522 povos indígenas, registrando dados de 420 línguas em uso, distribuídos em 21 países da América Latina. Se analisado pelas dimensões territoriais que abrange, poderia ser caracterizado como de grande domínio. Além disso, registra informações étno-culturais, sócio-políticas e históricas dos povos indígenas pertencentes aos estados nacionais investigados. Entre as regiões e os países, cujos povos indígenas foram pesquisados, encontram-se Chile, Isla Pascua, Equador, Peru, Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil, Bolívia, Colômbia, Guiana Francesa, Venezuela, Suriname, entre outros. Para análise dos dados levantados foram elaborados quadros, gráficos quantitativos, tabelas, imagens, textos descritivos, símbolos, documentos históricos e mapas. Entre os mapas, existem i) os que revelam a diversidade dos povos indígenas na América Latina, ii) dados que apontam povos indígenas bilíngues que falam o espanhol e português, iii) mapas com distribuição de povos indígenas segundo as famílias linguísticas e, ainda, iv) cartas com informações étnicas com visualização de territórios e v) quadros que ilustram as línguas indígenas transnacionais e transfronteiriças, entre outras informações. O objetivo principal desse atlas é servir como instrumento para a elaboração e implementação de políticas públicas que levem em consideração a riqueza e a complexidade sociolinguística das regiões pesquisadas.
- x) **Atlas Linguístico de Cuba (ALCu)**, iniciado em 1991 por Raquel García Riverón, caracteriza-se como de grande domínio. O objetivo principal foi o registro da distribuição de fenômenos linguísticos do espanhol cubano nos níveis lexical, fonético-fonológico e morfossintático. Este trabalho se caracterizou

também por uma orientação “normativa”, pois, da metodologia consta o levantamento de vocabulário com uma orientação fraseológica e o registro de palavras que refletem tabus.

b) Atlas latinoamericanos não-publicados:

- i) **Projeto Atlas Linguístico-Etnográfico do Norte de Chile (ALENoCh)**, iniciado por Gastón Carrillo Herrera, na década de setenta. A previsão era um atlas de fronteira que mapeasse quatro estados nacionais com inquéritos previstos para Peru, Argentina e Bolívia. Este estudo, com características regionais, entrou na fase de elaboração das cartas (207), mas acabou sendo interrompido. Se concluído seria caracterizado como de médio domínio. Na mesma época, nasceu o **Projeto Atlas Linguístico y Etnográfico do Chile (ALCh)**, iniciado em 1968, organizado também por Gastón Carrillo Herrera. A previsão era um atlas de fronteira que mapeasse quatro estados nacionais com inquéritos previstos para Peru, Argentina e Bolívia. Entretanto, este projeto também foi interrompido, se concluído seria caracterizado como de grande domínio.

c) Atlas latinoamericanos em andamento:

- i) **Projeto Atlas-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA- H)**, coordenado por Cléo Vilson Altenhofen e Harald Thun, s/d, projeto geolinguístico caracterizado como transnacional, realizado em parceria entre o Instituto de Romanística da Cristian – Albrechts – Universität de Kiel (CAU, Alemanha) e o Instituto de Letras/Área de língua alemã, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS), Porto Alegre, Brasil, com o apoio da Fundação Alexander Von Humboldt (AvH). O objetivo principal desse atlas é difundir e representar, por meio do banco de dados da pesquisa, uma reflexão sobre as línguas de imigração em contato com o

português. E, desse modo, contribuir para a educação linguística em respeito ao plurilinguismo e a pluralidade. Quanto à metodologia, a rede de pontos do ALMA-H conta com 38 pontos distribuídos na Bacia do Prata, envolvendo o Paraguai (03), Misiones na Argentina (03) e sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul (23), Santa Catarina (06) e Paraná (03). O projeto é centrado na língua minoritária hunsriqueana em contato com o português e o espanhol (em casos específicos também o guarani), por isso se caracteriza como atlas contatual. Adota pluralidade de informantes, considerando as dimensões diastrática, diafásica e diageracional distribuídos em quatro grupos. A cartografia linguística será pluridimensional e relacional. Este projeto compõe a trilogia rioplatense: ADDU, ALGR e ALMA – H.

- ii) **Projeto Atlas linguístico da América Central (ALAC)**, s/d, projeto geolinguístico caracterizado como de grande domínio, realizado em parceria pelas Universidades de Costa Rica e de Bergen (Noruega). O objetivo principal desse atlas é representar o espanhol centroamericano em mapas linguísticos pluridimensionais nos níveis fonético, morfossintático e léxico. Projeto idealizado por uma equipe de geolinguistas formada por nove autores de atlas concluídos ou em andamento, produtos de tese de doutorado ou trabalho de pós-doutorado e dissertação de mestrado. A intenção dos autores é a unificação dos dados geolinguísticos das respectivas pesquisas individuais para a elaboração do Atlas Linguístico da América Central.

- iii) **Projeto Atlas linguístico Pluridimensional da Nicarágua (ALN)**, autora Maria Auxiliadora Rosales Solis, 2010. Este trabalho objetiva descrever o espanhol falado no país, utilizando a geolinguística pluridimensional como constructo metodológico e se concluído, será caracterizado como atlas de grande domínio. A Pesquisa está ligada ao projeto do ALAC e prevê

contribuição da Geolinguística na investigação de três zonas dialetais distintas: a Costa Del Pacífico, Centro e Norte e Costa Atlântica ou do Caribe. Quanto à metodologia, o questionário linguístico contém 57 perguntas fonéticas que serão aplicadas em 17 pontos linguísticos, a 68 informantes (04 por ponto), de ambos os sexos (Homem/Mulher), em duas gerações: jovens (30 anos) e idosos (45-60 anos). A cartografia linguística será fundamentada na pluridimensionalidade.

- iv) Projeto Atlas Linguístico y Etnográfico de Chile por regiões (ALECH)**, iniciado em 1998, autor Cláudio Wagner. Quanto à metodologia, o questionário linguístico conta com quase 3.000 perguntas: léxico geral – 1.397 itens, 977 fonéticas, 886 morfológicas e sintáticas. A rede de pontos é formada por 217 localidades rurais, marítimas e urbanas, entrevistados 04 informantes por ponto), de ambos os sexos (Homem/Mulher), em apenas uma geração: pessoas de média idade (45-60 anos). A cartografia linguística será fundamentada na pluridimensionalidade. Quanto à tipologia, poderá ser considerado, após conclusão, como atlas de grande domínio.
- v) Projeto Atlas linguístico Pluridimensional de El Salvador (ALPES)**, iniciado em 2003 por autor Raúl Ernesto Azcúnaga López, caracteriza-se como atlas de grande domínio. Como objetivo principal do trabalho, busca representar, numa visão espacial simultânea, os fenômenos linguísticos do espanhol salvadorenho, particularmente traçando deduções de ordem históricas, gerais e comparativas. Quanto à metodologia, embasa o trabalho, a Dialectologia pluridimensional, adotando variáveis sociais para a seleção de informantes. Para tanto, serão entrevistados i) nativos do lugar ou moradores na localidade há cerca de 20 anos, ii) duas faixas etárias (30 a 40 anos e 60 a 80 anos), analfabetos ou com baixa escolaridade e iii) ascendentes ou cônjuges também nativos da localidade. O questionário fonético contém 60 perguntas indiretas

denominadas como NAMING, ou seja, as que buscam as respostas por recurso de perífrase e uma minoria levantadas por oposição. As entrevistas serão efetuadas em 20 pontos linguísticos, quatro informantes por localidade, totalizando 80 falantes. Terão preferência localidades urbanas, onde se fará o levantamento de formas linguísticas interdialetais oriundas dos contatos em zonas de fronteira ao ocidente com a Guatemala e ao norte com Honduras.

- vi) **Atlas Linguístico de la República Argentina (ALARA)**, iniciado em 1987, dirigido por Ofelia Kovacci. O objetivo maior desse atlas é a descrição da língua espanhola argentina, além de contribuir para nortear políticas de ensino dessa língua. Quanto à metodologia, o questionário linguístico contém 1.500 perguntas, aplicadas a seis informantes por localidade, de ambos os sexos, em três faixas etárias e apenas um nível sociocultural. A aplicação do questionário se dará de forma indireta, em 1.000 pontos de inquérito. Também este trabalho prima por estabelecer uma divisão dialetal para o país. Caracterizado como atlas de grande domínio.

Além desses trabalhos citados, há ainda, o “Mapa Linguístico da América Latina”. Este trabalho de cunho fonético configura-se como um mapa⁵¹, propriamente dito, *on-line* subdividido em mapas sonoros com registro linguístico de falares da América Latina. Por ora, encontram-se registrados os territórios da República Dominicana, do Chile e da Argentina, todavia, os organizadores desse banco de dados pretendem disponibilizar ao consulente, arquivos sonoros dos falares de toda a América Latina.

Intentamos com a discussão teórica apresentada fundamentar a tese dentro dos parâmetros da Dialetoлогия tradicional para alguns conceitos e a pluridimensional, especialmente, em relação à coleta e cartografia dos dados analisados. A seguir, temos o Capítulo 03 que objetiva discutir as escolhas metodológicas que desencadearam o resultado final da pesquisa para esta tese.

⁵¹ Fonte: <http://spanport.utoronto.ca/spa321/Index.htm>. Acesso: 07.09.2012.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS: *FERRAMENTAS PARA A PESQUISA DIALETOLÓGICA*

Desde a mais remota antiguidade o homem tende, a seu modo e consoante a época em que está situado, a averiguar e a descrever sua própria linguagem. Para tanto, institucionalizou questões essenciais, em termos de investigação, voltadas para *como*, *quando* e *onde* fixar estacas científicas, escolhendo, para tanto, terreno adequado, mediante proposta inicial de toda e qualquer pesquisa de cunho científico – a metodologia.

Como aparato teórico-metodológico para a elaboração do ALF-BR PY, adotamos os pressupostos da Dialetologia, considerando princípios dialetais tradicionais como boa fonação e inteligibilidade do informante, além das variáveis diassexual, diageracional, questões de escolaridade, grupo social e pessoas naturais da localidade, entre outras. Em se tratando de Dialetologia moderna, esses fatores são rigorosamente observados, já que não se pode mais separar a questão espacial da social no estudo da língua.

As decisões metodológicas tratadas neste capítulo dizem respeito aos instrumentos dialetais essenciais para a tecitura de um atlas linguístico moderno, tais como a área pesquisada, a seleção da rede de pontos, a estrutura do questionário linguístico, os tipos de gravadores utilizados na coleta de dados, o perfil dos informantes, a preparação dos inquiridores, a transcrição e a cartografiação dos dados. Trataremos, a seguir, cada um dos itens aqui citados.

3.1 ÁREA PESQUISADA: A REDE DE PONTOS

Ao longo da faixa de fronteira Brasil/Paraguai estendem-se as chamadas cidades gêmeas, ou seja, localidades brasileiras que fazem fronteira direta com localidades paraguaias seguindo a linha internacional, divisa desses territórios. Entende-se, neste trabalho, como fronteira direta àquela em que se transita facilmente de um território para outro, mesmo que haja acidentes geográficos entre eles, como rios, por exemplo.

O estado de Mato Grosso do Sul está situado geograficamente no Centro-Oeste do Brasil e entre as suas fronteiras estão a Bolívia e o Paraguai, fato que atua diretamente na cultura e nos hábitos linguísticos locais. A área difere das

demais não só nos hábitos linguísticos, como também nos aspectos culturais, visto que, nas questões religiosas, na culinária, nas festas típicas têm-se, sempre presentes, marcas da cultura paraguaia nas cidades gêmeas investigadas e, em outras regiões de fronteira, também marcas da cultura boliviana. Além disso, há ainda a assimilação de danças paraguaias, como é o caso da polca paraguaia, sem contar questões relativas à medicina caseira, pois o uso de ervas e de plantas, hábitos também de origem paraguaia, é uma prática corrente entre os habitantes da zona fronteiriça (CABRAL, 1999, p.45, 51-55).

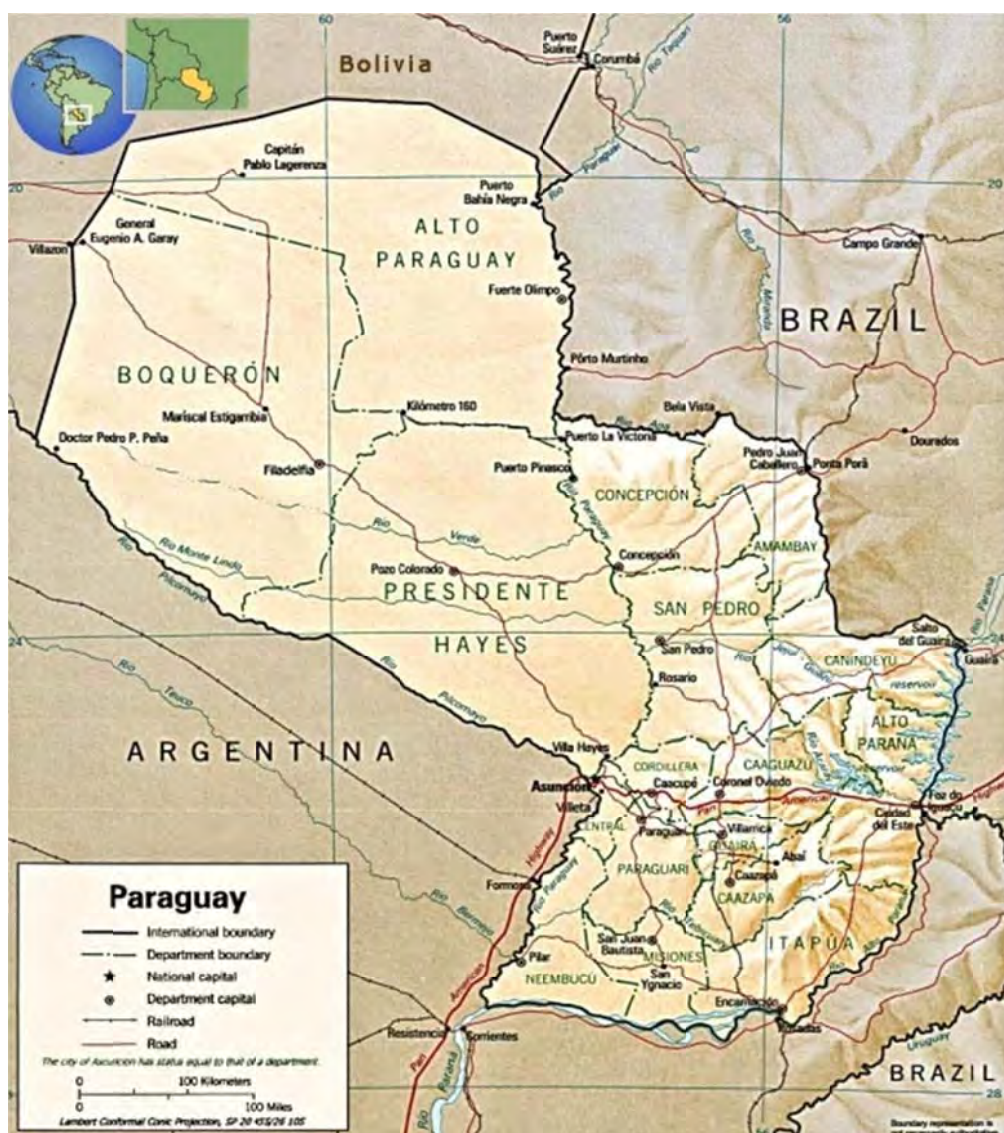
Figura 15 – Mato Grosso do Sul, Brasil



Fonte: Reis (2006, p. 67)

A República do Paraguai está situada geograficamente no lado oeste do estado de Mato Grosso do Sul e tem influência direta na cultura brasileira em áreas com as quais estabelece fronteira. Vejamos mapa que permite visualizar seu território:

Figura 16 – República do Paraguai



Fonte: www.paises-america.com

A Figura 16 traz os territórios brasileiro e paraguaio, no contexto da América do Sul, destacando-se na fronteira que compõe o objeto de estudo desta Tese.

Figura 17 – Divisão Regional do Brasil (IBGE, 2001)



Fonte: <http://profthiagoroque.blogspot.com.br/2012/06/divisao-regional-do-brasil.html>

A Figura 17 revela que a maior parte do território do estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, faz divisa com a República do Paraguai.

Para a constituição da rede de pontos, o levantamento das localidades foi realizado consultando mapas impressos e digitais, com o objetivo de abranger grande parte da fronteira Brasil/Paraguai, além da consulta a trabalhos geolinguísticos fronteiriços como o Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU) e o Atlas Linguístico Guaraní Românico (ALGR). Estes últimos consultados para se obter parâmetros de elaboração de atlas de fronteira. Para tanto, os critérios utilizados basearam-se na densidade demográfica dessas localidades, sua importância histórica e o fator de localização, considerando as áreas linguísticas a serem investigadas: norte, centro e sul da fronteira.

Com vistas a obter dados que revelassem os contatos linguísticos entre a divisa do Brasil com o Paraguai, a rede de pontos do ALF-BR PY compôs-se das seguintes localidades: Isla Margarita (Paraguai) divisa com Porto Murtinho (Brasil), Bella Vista Norte (Paraguai) divisa com Bela Vista (Brasil), Pedro Juan

Caballero (Paraguai) divisa com Ponta Porã (Brasil), Capitán Bado (Paraguai) divisa com Coronel Sapucaia (Brasil), e, por fim, Pindoty Porã (Paraguai) divisa com Sete Quedas (Brasil), totalizando dez (10) localidades investigadas.

Em termos geográficos, as localidades que compõem a rede de pontos da pesquisa estendem-se por 489 km ao longo da linha internacional desde os primeiros pontos, Isla Margarita/Porto Murtinho (Norte), até os últimos pontos, Pindoty Porã/Sete Quedas (Sul).

O Quadro I permite a visualização do perfil histórico-geográfico das localidades dessa faixa de fronteira. A primeira coluna apresenta a densidade demográfica; a segunda, o ano de fundação e, a terceira, a distância das localidades fronteiriças em relação à Ponta Porã (Brasil) e a Pedro Juan Caballero (Paraguai) que se localizam, aproximadamente, na área central da linha internacional. Utilizamos o símbolo (B) para identificar a localidade brasileira e (P) para a paraguaia.

Quadro I – Perfil das localidades⁵²

Localidade	Densidade Demográfica	Ano de Fundação	Distância em relação à Ponta Porã (Brasil) /Pedro Juan Caballero (Paraguai).
Isla Margarita (PY 01)	S/d ⁵³	S/d	293 km
Porto Murtinho (BR 02)	0.87 hab/km ²	1911	293 km
Bella Vista Norte (PY 03)	2.63 hab/km ²	1851	124 km
Bela Vista (BR 04)	4.68 hab/km ²	1908	124 km
Pedro Juan Caballero (PY 05)	565 hab/km ²	1900	Centro da linha internacional
Ponta Porã (BR 06)	13,55 hab/km ²	1892	Centro da linha internacional
Capitan Bado (PY 07)	S/d	1914	167 km
Coronel Sapucaia (BR 08)	14.16 hab/km ²	1985	167 km
Pindoty Porã (PY 09)	S/d	S/d	293 km
Sete Quedas (BR 10)	13,05 hab./km ²	1974	204 km

⁵² As informações do Quadro I foram retiradas dos sites dos municípios ou das páginas da Wikipédia, enciclopédia livre. Acesso: 22 e 23/12/2010.

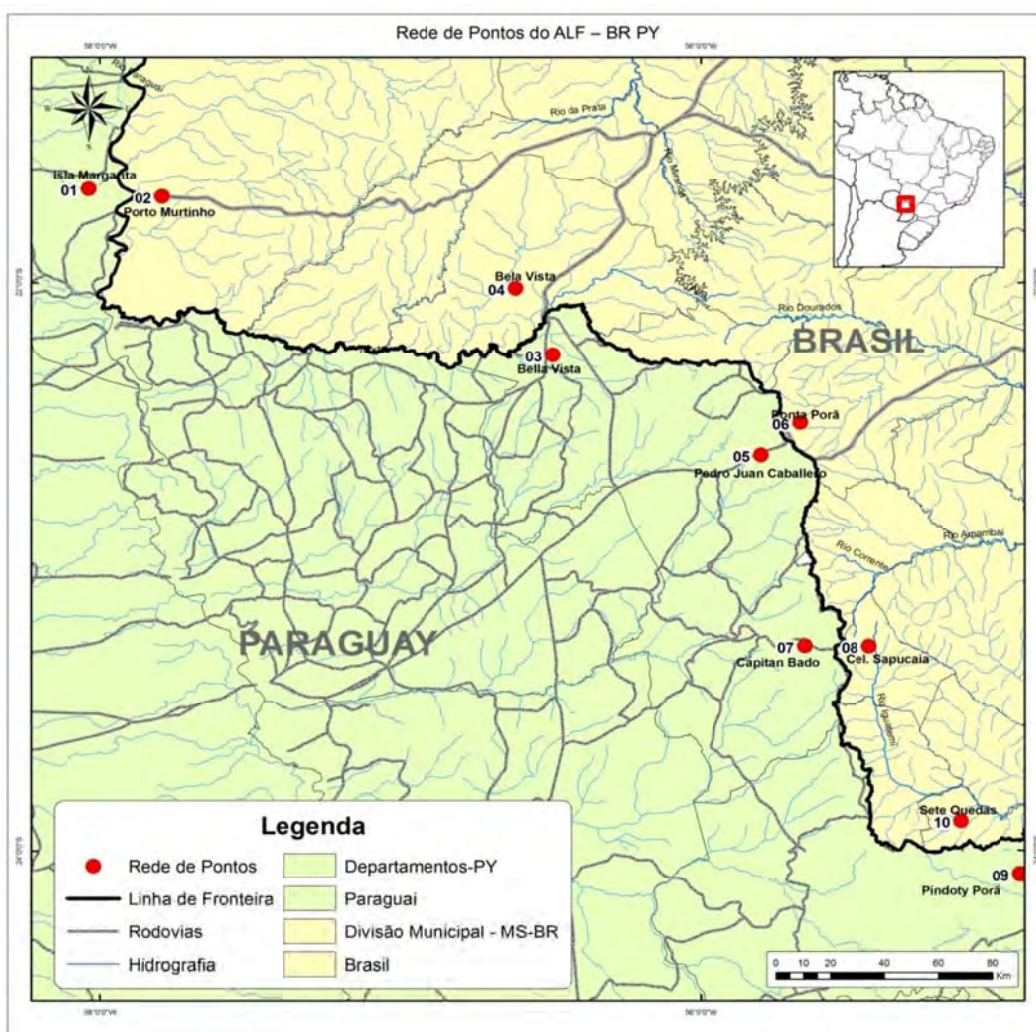
⁵³ Geograficamente, sem dados concretos para estas localidades, fato justificado por estarem inseridas em contextos amplos, como é o caso de Capitan Bado (P), considerada região do Alto Paraguai.

Conforme já exposto, o intento principal foi o de descrever, no âmbito dialetal, o nível lexical, procurando demonstrar a importância dos falares regionais para a descrição da variante brasileira da Língua portuguesa, especialmente, no que diz respeito ao uso plurilíngue da fronteira Brasil/Paraguai. Por isso, selecionamos pontos de inquérito nas cidades gêmeas fronteiriças, cujos territórios permitem fácil acesso geográfico a seus habitantes.

A antiguidade histórica das localidades paraguaias denotam a primazia linguística de seus falantes enquanto autóctones, cuja língua indígena desencadeia forte influência nos contatos entre o português e o espanhol.

Na Figura 18, é possível observar a distribuição das localidades ao longo da linha internacional, inseridas nas federações às quais pertencem.

Figura 18 – Rede de Pontos do ALF-BR PY



A seguir apresentamos um breve panorama histórico das localidades que compõem a rede de pontos investigada.

3.2 HISTÓRICO DA REDE DE PONTOS

O Brasil, dadas as suas dimensões continentais, insere-se entre os países do mundo que têm elevado número de fronteiras com territórios diversos. Tendo em vista essa realidade e com a finalidade de apresentar um esboço histórico das localidades que compõem a rede de pontos do atlas linguístico aqui proposto, descrevo as cinco (05) localidades brasileiras e as cinco (05) localidades paraguaias investigadas nesta pesquisa. O critério maior para a seleção dessas localidades foi pré-estabelecer a divisão territorial pela quilometragem entre um e outro ponto: do lado brasileiro, de Porto Murtinho a Bela Vista, são 169 km; de Bela Vista a Ponta Porã, 124 km; de Ponta Porã a Coronel Sapucaia, 126 km e de Coronel Sapucaia a Sete Quedas, são 150 km. Em relação ao lado paraguaio da fronteira, este segue quilometragem aproximada à brasileira, com variações de espaço em menos de vinte quilômetros de uma localidade paraguaia a outra.

3.2.1 Retrato Fronteiriço: As Dez Localidades Investigadas⁵⁴

Figura 19 - Avenida Internacional Brasil/Paraguai



⁵⁴ Não foram encontrados dados pormenorizados das localidades eu formam a rede de pontos, especialmente, os relativos ao lado paraguaio.

Apresentamos, a partir de agora, aspectos gerais caracterizadores das localidades fronteiriças do Brasil e do Paraguai, cujos dados foram extraídos de Medeiros e Cunha (1999), Magalhães (2008), Wikipédia e de pesquisa de campo.

Os dez municípios têm em comum o fato de ter população miscigenada, já que suas fronteiras são livres, especialmente, a partir da firmação do acordo internacional do MERCOSUL⁵⁵. Este configura-se como acordo político-administrativo (1991) firmado entre a República da Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República Oriental do Uruguai com objetivo de unificado de erradicar a pobreza, promover o desenvolvimento econômico e o social. Além da integração desses países com livre circulação de bens e serviços e convivência harmônica entre suas sociedades. A Figura 20 referenda a proximidade territorial dos países ligados pelo MERCOSUL:

Figura 20 – Mapa dos países ligados pelo Tratado do MERCOSUL



⁵⁵ Fonte: <http://200.214.130.44/mercosulsaude/portugues/mercosul/historico/index.htm>. Acesso: 09.07.2012.

Ressaltamos que, por ora, os países ligados por este acordo político-administrativo incluíram a Venezuela e excluíram, momentaneamente, o Paraguai do rol de países ligados pelo MERCOSUL (2012). Apesar desse entrave político, os dois países objetos dessa pesquisa ainda mantém trocas comerciais, culturais e sociais, esta última desencadeada pela imigração e pelos casamentos interétnicos.

A título de exemplificação, apresento o Quadro II:

Quadro II – Perfil dos informantes brasileiros quanto ao estado civil

Perfil dos informantes brasileiros quanto ao estado civil	Nº de Informantes	%
Matrimônios com Paraguaio (as)	20	25
Matrimônios com Brasileiros (as)	40	50
Matrimônios com Brasiguaios (as)	03	3,75
Viúvas (os) de Paraguaio (as)	01	1,25
Divorciados (as) de Paraguaio (as)	02	2,5
Solteiros (as)	14	17,5
Total Geral	80	100

O Quadro II comprova a assertiva anterior, no momento em que aponta fatores de miscigenação entre brasileiros e paraguaio. Dados como matrimônio entre brasileiros e paraguaio, 25%, e matrimônio entre brasileiros e brasiguaios, 3,75%, revelam a mistura étnica comum na fronteira. Aos fatores apontados, acrescento outros de igual modo relevantes como os dados visualizados no Quadro III que revelam o perfil dos 80 informantes desta pesquisa frente às características de filiação ligadas à nacionalidade. O levantamento realizado aponta que 40% dos informantes entrevistados são filhos ou netos de brasiguaios, ou seja, um dos pais ou avós tem origem paraguaia, e outros 6,25% são filhos ou netos de paraguaio, ou seja, os pais ou avós são paraguaio, sem mistura.

Quadro III – Perfil dos informantes quanto à nacionalidade de filiação

Filiação	Nº de Informantes	%
Pais ou avós paraguaio	05	6,25
Pais ou avós brasileiros	43	53,75
Pais ou avós brasiguaios	32	40
Total	80	100

Há, ainda, a questão sócio-econômica, fator que contribui para aproximar as duas nações, já que o mercado paraguaio oferece ao consumidor brasileiro a possibilidade de adquirir produtos eletrônicos, vestuário e utensílios diversos.

Em termos linguísticos, existem as trocas culturais desencadeadas por processos de bilinguismo e línguas em contato que ligam as duas nações, especialmente, pela proximidade territorial de suas fronteiras e pelo *status* linguístico de seus idiomas oficiais: no Brasil, o português e, no Paraguai, o espanhol e o guarani.

Convém registrar que estamos entendendo *fronteira*, neste trabalho, como um tipo de contato linguístico com linha real ou imaginária de delimitação de espaços político-linguísticos. Nessa perspectiva, os dois países, Brasil e Paraguai, sofrem influência linguístico-cultural de forma direta, assertiva comprovada na análise do *corpus* que revela o *status* das línguas em contato. Em outras palavras, a fixação histórica da fronteira é uma ação político-linguística.

A seguir, consoante aos registros⁵⁶ de Banducci Jr. (2011), Rochefort (2002), Magalhães (2008), faremos uma breve descrição das dez localidades investigadas.

Isla Margarita (PY 01) - Paraguai⁵⁷

Figura 21 – Casa comercial



Figura 22 - Rio Paraguai



⁵⁶ Parte dos dados retirados, ainda, da rede mundial de computadores em sites como Wikipédia ou em sites ligados às prefeituras municipais que tratam das cidades investigadas.

⁵⁷ A maior parte das figuras vinculadas, neste tópico da tese, pertencem ao acervo iconográfico da autora e, as demais, retiradas de sites da rede mundial de computadores.

Isla Margarita é uma ilha urbanizada que pertence ao departamento⁵⁸ do Alto Paraguay, caracteriza-se como uma “região” do Paraguai que engloba as cidades de Fuerte Olimpo, sua capital, La Victoria, Bahia Negra, Capitan Pablo Lageranza, Puerto Esperanza, Puerto Guarani, Puerto Casado e, por fim, a Isla Margarita. Esta ilha situa-se a cerca de 670 km da capital do país, Assunção, à esquerda do Rio Paraguai e é distrito da cidade de Carmelo Peralta. Faz fronteira com Porto Murtinho, pertencente ao estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, localidades cortadas pelo Rio Paraguai, sem a existência de ponte que ligue os dois territórios. Os moradores e os visitantes dessa faixa de fronteira viajam no rio em pequenas embarcações, algumas movidas a remo, outras a motor⁵⁹, para realizar a travessia. A pequenina ilha/cidade possui infra-estrutura rudimentar, à margem oposta a Porto Murtinho existe pequeno centro de compras e os artefatos comercializados vêm da República do Paraguai. Além disso, a ilha contém uma escola de ensino básico, uma associação de moradores, uma pequenina igreja, uma prefeitura municipal e um posto policial. Cerca de 150 famílias habitam a localidade, cuja subsistência baseia-se no comércio internacional e na pesca.

As fontes pesquisadas não apresentam dados demográficos e históricos pormenorizados sobre esta localidade, pois encontram-se diluídos nos que tratam do departamento do Alto Paraguay como um todo.

⁵⁸ “Departamento”, no Paraguai, pode ser considerado termo sinonímico ao de “Regiões”, no Brasil (Região Sul, Região Norte...).

⁵⁹ Esta particularidade, entretanto, não traz dificuldades para os moradores dessa região, já que o fato é corriqueiro e a travessia do rio é de extrema beleza, posto que as diversificadas embarcações de pesca e turismo que o pontuam durante todo o ano, em conjunto com os camalotes ali presentes, são um convite à navegação.

Porto Murtinho (BR 02) - Brasil

Figura 23 - Entrada da Cidade



Figura 24- Monumento aos Imigrantes



Porto Murtinho, cidade do estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, é considerada metaforicamente pela comunidade murtinhense, como a “última guardiã” do Rio Paraguay. O topônimo deve-se à homenagem feita a Joaquim Murtinho, presidente do Banco Rio e Mato Grosso, um dos responsáveis por sua fundação datada de 13 de julho de 1911. A história revela que a cidade nasceu por influência da Companhia Matte Laranjeira, de propriedade de Tomás Laranjeira, no auge da produção de erva-mate brasileira. Em termos territoriais, faz fronteira com a Isla Margarita no lado paraguaio e, no brasileiro, com Corumbá, Miranda, Bonito, Jardim e Caracol. O acesso terrestre se efetua pela BR 267, MS. Com uma extensão de 17. 734.925 km² localiza-se na Mesorregião dos Pantanaís sul-mato-grossenses e na Microrregião do Baixo Pantanal.

Em relação à demografia, tem população estimada em 15.369 habitantes, com dados que apontam para uma baixa densidade demográfica em torno de 0,87 hab/km², segundo censo do IBGE de 2010. Em termos de caracterização geográfica, está localizada entre 21^o.67.19 lat. S/57^o.88.14 long. O, está a 88 metros de altitude, em relação ao nível do mar, e distante 443Km da capital do estado, Campo Grande. Esta cidade portuária possui clima tropical úmido e subúmido, variando em média 10^o de temperatura, no inverno, e de 40^o a 50^o, no verão. Quanto à sua economia, a base é a agropecuária, o turismo e a exploração do quebracho (madeira resistente de onde se extrai o tanino, utilizado para curtir

couro)⁶⁰.

Bella Vista do Norte (PY 03) – Paraguai

Figura 25 - Entrada da cidade



Figura 26 - Rio Apá



Bella Vista do Norte⁶¹, fundada em 1851, configura-se como cidade do Paraguai, pertencente ao departamento de Amambay. É cidade homônima da Bela Vista brasileira, separadas pelo Rio Apá e ligadas por ponte que facilita o acesso entre as duas localidades. Encontra-se na mesma subdivisão administrativa que Capitán Bado e Pedro Juan Caballero. Quanto às características territoriais, possui uma área de 3.901 km²⁶² e, demograficamente, conta com população equivalente a 10.264 hab. e densidade em torno de 2.63 hab/km². Localizada geograficamente entre a lat. 22° 07' 60"S/ 56°31'00"0 long, está a 176 metros de altitude em relação ao nível do mar, e distante 469 km da capital do Paraguai. O clima é agradável, com temperatura média de 21° e máxima de 35°C, no verão, já no inverno, a mínima pode chegar a 1°C. A base da economia de Bella Vista do Norte centra-se na agropecuária, no turismo e no comércio internacional.

⁶⁰ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_Murtinho. Acesso em: 03.07.2012.

⁶¹ Existe, ainda, uma Bella Vista do Sul no interior do Paraguai.

⁶² http://es.wikipedia.org/wiki/Bella_Vista_Norte Acesso em: 25/05/2011.

Bela Vista (BR 03) – Brasil

Figura 27 - Entrada da cidade



Figura 28 - Paço Municipal



A Bela Vista sul-mato-grossense é conhecida pelo termo metafórico de *Princesa do Apá*. A origem do topônimo é desconhecida, mas há registros que apontam para influência do forte conhecido como “Fortim Bela Vista”, no Paraguai⁶³. Fundada em 20 de julho de 1908, sua localização geográfica está no sul da Região Centro-Oeste do Brasil, Mesorregião Sudoeste de Mato Grosso do Sul, Microrregião de Bodoquena. Fronteira à Bella Vista do Norte paraguaia faz divisa com os municípios brasileiros de Antônio João, Ponta Porã, Jardim e Caracol, com acesso terrestre pela BR-060-MS-384. Quanto à população, é estimada em 23.290 habitantes, distribuídos em 4. 895,543 km² de área (IBGE, 2011), com densidade demográfica de 4,84 hab./km². A localidade situa-se, geograficamente, entre a latitude 22°06’32/S e a longitude 56°31’16”/O, com altitude de 180 metros, em relação ao nível do mar, e distância de 349 km da capital do estado. O clima é tropical. A base da economia está alicerçada na agropecuária, na silvicultura, na exploração ambiental e no comércio.

Esta localidade caracteriza-se por ter sido palco da conhecida Retirada da Laguna (1867), na Guerra da Tríplice Aliança. Além disso, sofreu forte influência da Companhia Matte Laranjeira no princípio de sua formação.

⁶³ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Bela_Vista. Acesso em: 03.07.2012

Pedro Juan Caballero (Py 05) – Paraguai

Figura 29 - Entrada da cidade



Figura 30 - Hotel-Cassino em Pedro Juan/P. Porã



Pedro Juan Caballero, fundada em 1900, é uma cidade do Paraguai, capital do departamento de Amambay, na fronteira direta com a cidade brasileira de Ponta Porã. Em relação à toponímia, trata-se de homenagem ao líder da independência paraguaia, Capitão Pedro Juan Caballero. Em termos territoriais, tem divisas com as localidades paraguaias de Bella Vista do Norte, Capitán Bado e Concepción. Demograficamente, possui população equivalente a 114.917 habitantes, com densidade em torno de 565 hab/km², distribuídos numa área de 456 km², numa altitude de 567 metros em relação ao nível do mar. A localidade situa-se a 565 km da capital paraguaia, Assunção, e tem como característica fundamental ser importante centro urbano do país, além de representar via de trânsito essencial para o comércio Brasil-Paraguai e centro turístico movimentado. Quanto a sua localização geográfica, fica entre a lat. 22°31'57"/S e long. 55°44'51"/O, com temperatura média de 23°C, no verão, e mínima, abaixo de 0°, no inverno. O clima é tropical-úmido. A base econômica de Pedro Juan gira em torno do turismo e do comércio exterior. Outra particularidade desta localidade é o importante papel que representou na Guerra da Tríplice Aliança.

Ponta Porã (BR 06) – Brasil

Figura 31 - Entrada da cidade



Figura 32 - Fachada da Câmara Municipal



Ponta Porã, também conhecida pela metáfora de *Princesinha dos Ervais*, foi fundada em 1892. Configura-se como município brasileiro localizado na Mesorregião sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, microrregião de Dourados, divisa com Antonio João, Aral Moreira, Bela Vista, Laguna Carapã, Jardim, Guia Lopes da Laguna, Dourados, Maracaju e, tem como cidade gêmea, Pedro Juan Caballero, Paraguai. Dentro do território brasileiro, seu acesso se efetua pela BR-MS-463 que liga Dourados a Ponta Porã. Em relação à sua geografia, possui área equivalente a 5. 328,621 km², com população estimada em 79.173 habitantes e densidade demográfica de 14,858 hab./km². Situa-se entre a lat. 22°32'19/S e a long. 55°43'33/O, distante da capital do Estado a 328 km. O clima é considerado temperado, com média de 23 C°, no verão, e, no inverno, com temperaturas baixíssimas, chegando a - 0°. Essa localidade possui uma boa rede hoteleira, porém, a economia básica do município está voltada para a agricultura e a pecuária. Uma particularidade de Ponta Porã pauta-se na sua história marcada por disputas territoriais na Guerra da Tríplice Aliança, além de ter sido capital do extinto Território Federal com o mesmo nome (1943-1946). A fundação dessa área, também foi fortemente influenciada pela monopolização comercial da Companhia Matte Laranjeira, pois foi grande produtora de erva-mate no auge do cultivo deste produto.

Capitán Bado (PY 07) – Paraguai

Figura 33 - Entrada da cidade



Figura 34 - Monumento ao colono



Capitán Bado, distrito do Paraguai, está localizado no departamento de Amambay, lado noroeste, distante da capital paraguaia a 426 km. A cidade também é conhecida pelo topônimo Ñu-Verá que significa, em língua guarani, *campo brilhante*, metáfora ligada aos processos de colonização efetuada pelo homem do campo. O nome atual deste distrito deve-se à homenagem prestada a *José Matias Bado*, Capitão que combateu na Guerra do Paraguai. Fundada no ano de 1914, durante o governo de Eduardo Schaerer, configura-se como cidade gêmea de Coronel Sapucaia, no Mato Grosso do Sul, Brasil, e, ainda, tem suas divisas paraguaias com Pedro Juan Caballero, Paranhos e Yperú. Não foram encontrados dados sobre a extensão territorial, já sua população é de 17.117 habitantes e sua altitude, gira em torno de 513 metros de altitude, em relação ao nível do mar. Sua localização geográfica fica entre 23°26 lat.S/ 55° 53/O long⁶⁴. A principal atividade econômica é a agricultura, o cultivo de erva-mate, a silvicultura e o comércio. Somando-se a isto, constitui-se na maior produtora de grãos do Paraguai.

⁶⁴ Dados retirados dos sites: <http://www.satelliteviews.net>. / <http://freemeteo.com> Acesso em: 25/05/2011

Coronel Sapucaia (BR 08) – Brasil

Figura 35 - Entrada da cidade



Figura 36 - Monumento “Processo de colonização”



Coronel Sapucaia, fundada oficialmente em 1985, foi um dos distritos do “Patrimônio da União” do Município de Ponta Porã. A Companhia Matte Laranjeira criou um de seus postos de abastecimento para a exploração de erva-mate na fronteira em 1889, conforme autorização delegada pelo império brasileiro. É nesse momento historicamente dado que sua formação principiou e se constituiu, efetivamente, quando a Comarca de Nioaque distinguiu seus pontos políticos (Divisão Administrativa Judiciária Territorial). A partir daí, o lugar foi reconhecido com a nomeação de Distrito de Paz Nhu-Verá, este último termo oriundo do guarani e, posteriormente, pelo topônimo de “Distrito de Paz de Antônio João”. O topônimo atual é uma homenagem ao militar ao qual o nome se refere. Somando-se aos funcionários da Matte Laranjeira, os primeiros moradores, na sua maioria, eram imigrantes pertencentes à Mesorregião Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, Microrregião de Iguatemi. Quanto às questões territoriais, tem seus limites com Capitán Bado, República do Paraguai, e, no Brasil, com os municípios de Amambai, Aral Moreira e Paranhos, com acesso terrestre pela BR-MS-289. Em termos geográficos, situa-se entre 23° 16’18”/S de latitude e 55°31’45”/O de longitude, com uma área estimada em 1.028,898 km², população de 14.160 habitantes e densidade demográfica de 13,76 hab./km², com altura de 510m em relação ao nível do mar. Distante da capital do Estado a 420 Km, o clima é tropical e a economia gira em torno da agropecuária, da indústria e do comércio.

Pindoty Porã (PY 09) – Paraguai

Figura 37 - Entrada da cidade



Figura 38 - Casa de comércio



Pindoty Porã configura-se como distrito de Corpus Christi, departamento Canindeyú, no Paraguai. Em termos territoriais, tem como cidade gêmea Sete-Quedas e faz divisa com Cruzo Guaraní, do Paraguai. Os sites pesquisados não apresentam dados demográficos e históricos da localidade, já que as informações a este respeito encontram-se diluídas nas que tratam da cidade de Corpus Christi. Geograficamente, encontra-se na latitude 23°57'57/S e longitude 55°0'38°. O clima é subtropical e a base da economia pauta-se no comércio e no agronegócio, este último dominado por brasileiros.

Sete Quedas (BR 10) – Brasil

Figura 39 - Entrada da cidade



Figura 40 - Centro Comercial

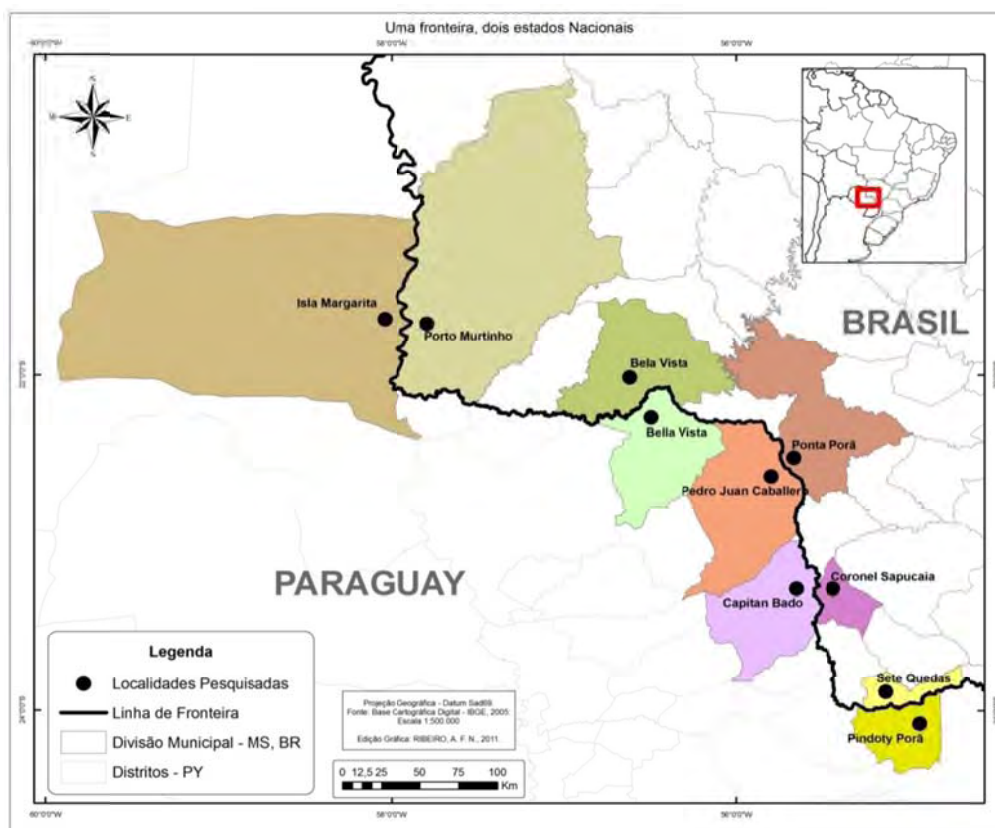


Sete Quedas, fundada em 1974, localiza-se na Mesorregião Sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, Microrregião de Iguatemi. O topônimo está associado ao seu principal ponto turístico, as sete quedas ali existentes. Historicamente, o processo de povoamento principiou com a implantação do projeto integrado de colonização por meio do Incra, que doava terras a quem desejasse cultivá-las. A localidade tem como cidade gêmea Pindoty Porã, na república paraguaia e faz divisa com os municípios sul-mato-grossenses Tacuru, Japorã e Paranhos, cujo acesso terrestre se efetua pela BR-MS-427, distante da capital cerca de 470 km. Quanto aos aspectos territoriais, possui uma área de 825,925 km², com população estimada em 10.768 habitantes, com densidade demográfica de 13,03 hab./km². Geograficamente, situa-se na latitude 23°58'12"/S e longitude 55°02'09"O, a uma altitude de 407 metros acima do nível do mar. Sua posição em relação à recepção de massas polares oriundas da Argentina passando pelas fronteiras paraguaias adicionadas à umidade oriunda do Pantanal e da região amazônica mantém o clima mais ameno em relação às demais cidades do Estado. O clima é considerado subtropical. As principais fontes de renda são a pecuária, o cultivo da soja e da mandioca.

3.2.2 Visualização do Território Investigado

A rápida descrição histórico-geográfica realizada objetivou apenas apresentar as cidades gêmeas constitutivas do estudo linguístico-cultural que deu forma ao Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai (ALF – BR PY). Assim, a visualização da Figura 41 particulariza as dez localidades fronteiriças distribuídas ao longo da linha internacional investigada, demarcando sua localização dentro dos estados nacionais aos quais pertencem.

Figura 41⁶⁵ – Uma fronteira, dois territórios nacionais



Aos fatores apontados na caracterização das cidades investigadas nesta pesquisa, acresçam-se outros que as marcam igualmente dada a proximidade político-territorial a que estão expostas. A imigração é desencadeada pelo próprio contexto fronteiriço: 80% delas em situação de fronteira seca, ou seja, sem acidentes geográficos que impeçam a passagem de um território a outro e apenas 20% com acidentes geográficos, neste caso, a presença de rios que dificultam a passagem.

3.3 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS GEOLINGÜÍSTICOS

Um dos pontos que parece consensual entre os estudiosos de linguagem oral é o questionário linguístico. Esse instrumento mostra-se essencial para o desencadear de estudo geolinguístico, pois as seleções de campos semânticos e suas respectivas perguntas afetam de forma direta os resultados da

⁶⁵ Convém sublinhar que a localidade de Isla Margarita configura-se, como o próprio topônimo revela, numa ilha urbanizada de proporções territoriais pequenas. Na figura 03, o território é amplo porque a localidade aparece inserida no Departamento do Alto Paraguay.

pesquisa científica. Por esse motivo deve ser criteriosamente elaborado e testado em consonância aos objetivos da pesquisa, antes do início efetivo de uma investigação dialetal. Algum consenso existe também no ponto em que a não observância dos processos de testagem *in loco* do instrumento de coletas pode acarretar prejuízos consideráveis no momento do levantamento dos dados.

Em rápida enumeração, destacamos as pesquisas desenvolvidas aqui na América do Sul por estudiosos que trabalham com a questão das línguas em contato nas fronteiras entre países. Neste espaço, tratamos dos objetivos dos atlas de fronteira e/ou contatos de línguas e a estrutura dos questionários utilizados, em cada um deles, para as coletas de dados.

Nessa perspectiva, convêm situar os quatro atlas latinoamericanos que registram línguas em contato de que se tem notícia até o presente momento, a saber: o Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU, 2000), o Atlas Guaraní-Românico (ALGR, 2009), o Atlas da Região Sul do Brasil (ALERS, 2002/2011) e o Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã, MS (ALiPP, 2006).

Desses trabalhos, apresentamos uma descrição sintética do Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU) e a estruturação de seu questionário linguístico. O ADDU teve como objetivo maior descrever geograficamente a fala de entrevistados uruguaios considerando também aspectos sociais. Os organizadores Harald Thun e Adolfo Eliziancín, a fim de evidenciar as influências linguísticas, especialmente fonéticas, do Brasil no falar do Uruguai aplicaram inquéritos também no Brasil. Este atlas de fronteira registra, portanto, o contato entre o espanhol e o português.

A estrutura do instrumento de coleta (ELIZAINCÍN; THUN, 1990) apresenta as seguintes características:

- i) Consta dividido em duas partes A e B. A Parte A subdivide-se em duas, A e B.
- ii) A primeira compõe-se de um Índice e as “Preliminares”, esta última relativa a importantes instruções ao inquiridor (Instrução de I a V) e a segunda contém fichas de informantes a serem preenchidas com dados pessoais e linguísticos, classificados em A, B, C e D, consonantes aos objetivos traçados para os inquéritos. Além de perguntas sobre a localidade a ser investigada.

Em relação à primeira divisão do questionário do ADDU, a Parte B refere-se às perguntas que abrangem, de um modo geral, onze campos semânticos: O corpo Humano; O vestuário; A casa: assuntos domésticos; A família; O ciclo de vida: a saúde; Profissões; Ensino; O tempo; Fenômenos topográficos; Agricultura; Plantas; Animais/Criação de gado. A parte final do questionário contém dois itens com instruções aos pesquisadores, objetivando a orientação para o levantamento de mais de duzentas questões relativas à gramática; somada à busca de registro de discurso dirigido com a leitura do texto bíblico sobre a passagem da parábola do filho pródigo, usada em vários atlas europeus: “Alegria pelo regresso do filho”. E, por fim, uma parte destinada a “Pesquisa Suplementar”. A particularidade do questionário linguístico do ADDU centra-se no seu formato: existe um questionário em língua portuguesa e outro, com conteúdo idêntico, em língua espanhola.

O Atlas Guaraní-Românico (ALGR), posterior ao ADDU, segue o mesmo modelo com o diferencial de ser o primeiro atlas de grande domínio a registrar uma língua indígena, o guarani. Os organizadores desse atlas são os pesquisadores Harald Thun, Almidio Aquino, Wolf Dietrich e Haralambos Symeonidis. Segundo o dialetólogo alemão Wolf Dietrich, em artigo intitulado “Apresentação do Projeto Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR): a parte brasileira”⁶⁶, esse atlas mapeia o contato entre o espanhol e o guarani, e, na fronteira com o Brasil, o português. Além disso, esse trabalho dialetal abrange a área da zona guaranítica, ou seja, a antiga área em que houve a influência das missões jesuíticas dos séculos XVII e XVIII, a saber: todo o Paraguai, os territórios argentinos de Corrientes, Misiones, partes de Formosa, Chaco, Santa Fé e Entre Rios. E, abrange ainda, algumas cidades próximas à fronteira do Estado de Mato Grosso do Sul com a república paraguaia, como Porto Murtinho, Ponta Porã, Bela Vista, Amambai, Dourados, além de Naviraí e a capital do estado, Campo Grande.

A estrutura do questionário segue a mesma divisão do ADDU em quatro partes: A, B, C e D. Constitui-se a Parte A dos dados estatísticos apresentados por faixa etária, divididos em Grupo I (jovens) e Grupo II (idosos). A Parte B refere-se à estrutura, propriamente dita, do Questionário Linguístico que, em síntese, compõe-se de:

⁶⁶ Fonte: http://www.oocities.org/ail_br/wolddietrich.htm. Acesso: 13.07.2012.

- i) Capítulo A destinado à recolha de fatos fonético-fonológicos;
- ii) Capítulo B voltado para o léxico que divide-se em cinco campos semânticos: I - Corpo humano, II – La cabeça, III – Parentesco y amistad, IV – Cores e V- Orientação no espaço e fases do dia e da noite.
- iii) Capítulo C voltado para levantar aspectos gramaticais, subdividido em três partes: I-verbo e preposição; II-Leísmo e Loísmo e III-Vários.

Já na Parte C encontram-se as perguntas referentes à conversação, inovação nesse tipo de questionário, e, a Parte D, contém o texto que recolhe o discurso formal. O trecho lido foi retirado da Bíblia, a Parábola do Filho Pródigo, apresentado em dois idiomas distintos: o guarani e o espanhol. No final do questionário, os autores apresentam “Palavras Introdutórias”.

Por fim, o Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã, MS, ALiPP (REIS, 2006), anterior à publicação do ALGR (2009), tem o diferencial de ser caracterizado como de pequeno domínio e, segundo os dados a que tive acesso, configura-se como o primeiro atlas linguístico brasileiro a documentar os contatos linguísticos do português com o espanhol e o com guarani, este último língua indígena. Em termos metodológicos, distingue-se dos demais trabalhos tendo em vista que o objetivo maior desse atlas foi o registro da língua portuguesa em contato com os dois idiomas de fronteira citados. Por isso, a aplicação do seu questionário linguístico ocorreu em língua portuguesa e, ao final de cada questão, se fez a seguinte inquirição: “Conhece um nome para isso em guarani ou espanhol?”. Este método levantou, de modo estratégico, um acervo lexical particular, se considerada a fala portuguesa presente nas demais regiões sul-mato-grossenses que não estão em situação de fronteira, que revela não só o contato de línguas como também o contato cultural. Daí o levantamento de variantes oriundas de três línguas faladas na fronteira, além de considerável registro de hibridismos.

Em relação à estrutura, o Questionário Linguístico do ALiPP, compõe-se de:

- i) Questionário léxico-semântico: duas grandes áreas semânticas Natureza e Homem;
- ii) A área semântica Natureza, por sua vez, se subdivide em quatro subcampos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, flora e fauna;
- iii) A área semântica Homem está subdividida em dez subcampos: Corpo Humano, Doenças mais comuns, Funções do corpo humano, Características físicas, Cultura e convívio, Ciclos da vida, Religião e crenças, Alimentação e utensílios, Habitação, Trabalho e atividades agropastoris e Brinquedos e diversões.
- iv) A parte final do questionário linguístico registrou discursos semi-dirigidos por meio de perguntas sobre superstições, simpatias e lendas, além de duas narrativas pessoais, com vistas a obter a fala mais espontânea do informante.

Assim, o questionário do ALiPP contabilizou um total de 260 questões e duas narrativas pessoais.

3.3.1 O Questionário Linguístico do Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai

Em relação ao questionário linguístico do atlas da fronteira Brasil/Paraguai, mantive a mesma estrutura do Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã, MS, ALiPP (REIS, 2006), fato que se justifica por este Projeto de Tese ter configuração próxima à da pesquisa desenvolvida em 2006. Outro fator que contribuiu para a tomada desta decisão foi a possibilidade de gerar novos dados que permitam estabelecer comparações entre os dois trabalhos dialetais desenvolvidos.

A priori foi realizada uma triagem do antigo questionário e retiradas questões que poderiam não gerar cartas linguísticas ou trazer dúvidas quanto ao referente. Com isso, o instrumento de coleta do Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai contém um questionário semântico-lexical (QSL) que contabiliza um total de 185 questões e duas narrativas, seguido de um questionário de atitudes linguísticas (QAL) que totaliza 47 perguntas, este montado a partir da leitura e análise de questionários ligados ao tema “Atitudes Linguísticas” com base nos trabalhos de

Sanches (2006), Bergamaschi (2006), Thun e Bogado (2002) e Aguilera⁶⁷ (2010).

Assim, após a testagem do questionário linguístico por meio de inquéritos experimentais, o instrumento de coleta desta pesquisa ficou assim estruturado:

- i) Duas grandes áreas semânticas: Natureza e Homem;
- ii) Natureza, por sua vez, subdivida em outras subáreas semânticas: Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Flora e Fauna;
- iii) Homem, com as seguintes subáreas semânticas: Corpo humano, Doenças mais comuns, Funções do corpo humano, Características físicas, Cultura e convívio, Ciclos da vida, Religião e crenças, Alimentação e utensílios, Habitação, Trabalho e atividades agropastoris, Brinquedos e diversões, Superstições, simpatias e lendas.
- iv) Duas narrativas pessoais, com vistas a obter a fala mais espontânea do informante.

Tendo em vista que um dos objetivos desta tese é documentar possíveis marcas bilíngues/plurilíngues na fala da fronteira, mantivemos, nos moldes do ALiPP (2006), ao final de cada questão a pergunta: “Conhece um nome para isso em espanhol ou em guarani?”.

A exploração sistemática do banco de dados, dado o volume levantado, exigiu a exclusão do *corpus* relativo ao segundo questionário, o de Atitudes Linguísticas, que ficará reservado para estudos posteriores.

3.4 PERFIL DOS INFORMANTES

Quanto à seleção de informantes, consideramos critérios como boa fonação e dentição, pessoa do lugar, cônjuge também da localidade, baixa escolaridade. Tendo em vista que a globalização e a modernidade influenciam, diretamente, a vida das pessoas, seguindo sugestão do Prof. Dr. Harald Thun, estendemos o critério escolaridade, até no máximo, o ensino médio. Fato que se

⁶⁷ O questionário por mim consultado é de autoria da Profa. Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), por ocasião de sua participação como coordenadora do Projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, em co-autoria com a Profa. Aparecida Sella Feola (UNIOESTE).

justifica pela elevação gradual do nível de escolaridade do povo brasileiro.

Observando, ainda, os pressupostos da moderna Dialectologia Pluridimensional, selecionamos as dimensões:

- **Diassexual:** quatro informantes femininos e quatro masculinos, contabilizando oito informantes em cada ponto;
- **Diageracional:** diferenças entre gerações em duas faixas etárias: 18 a 30 anos e 45 a 65 anos (com tolerância de idade em até cinco anos fora do perfil⁶⁸);
- **Dialingual:** adotamos esta dimensão, não no sentido *lato*, mas em sentido restrito, ou seja, entre a correlação de dados de falantes bilíngues e monolíngues verificados na carta e tabela designada de “Carta Língua” (Carta modelo b);

Convém esclarecer que estamos desconsiderando a dimensão diarreferencial para este estudo, apesar de termos o Questionário de atitudes Linguísticas (QAL) que recolheu dados sobre atitudes linguísticas dos falantes da fronteira, deixamos esse *corpus* armazenado para estudos posteriores.

Ressaltamos que essas decisões se nos impuseram no caminhar da pesquisa, sobretudo, porque a ciência se faz também por meio de escolhas, fator que nos conduz a determinadas resoluções teórico-metodológicas em detrimento de outras.

Em respeito aos parâmetros científicos para a escolha dos informantes, em algumas localidades foi necessário “afrouxar” um ou outro critério de seleção por falta de informantes que se adequassem perfeitamente no perfil traçado. É o caso de informantes de Isla Margarita e Bella Vista do Norte que, dada a dificuldade de encontrar brasileiros com ascendência também brasileira, são brasileiros, casados com paraguaio(a) ou filhos de pai ou mãe paraguaios.

O perfil dos informantes revela que nos grupos de brasileiros com ascendência (aqueles sem ascendência paraguaia direta, ou seja, filhos e/ou netos, ou sem laços de matrimônio com paraguaios), alguns informantes não se encaixam perfeitamente no perfil traçado, por conta da ausência de informantes adequados a esse perfil, o que nos conduziu a entrevistar os que mais se aproximassem do

⁶⁸ Tivemos que afrouxar este critério dada à falta de informantes que preenchessem este perfil de modo rigoroso. A dificuldade de alcançar o informante ideal, no sentido de preencher todos os requisitos traçados, foi um dos grande entraves da pesquisa de campo.

almejado. Justificamos essa disparidade na metodologia pelas razões naturais a pesquisas em áreas de fronteira, onde há grande fluxo migratório entre os cidadãos de países vizinhos, associados à miscigenação de etnias distintas e trocas culturais intensas.

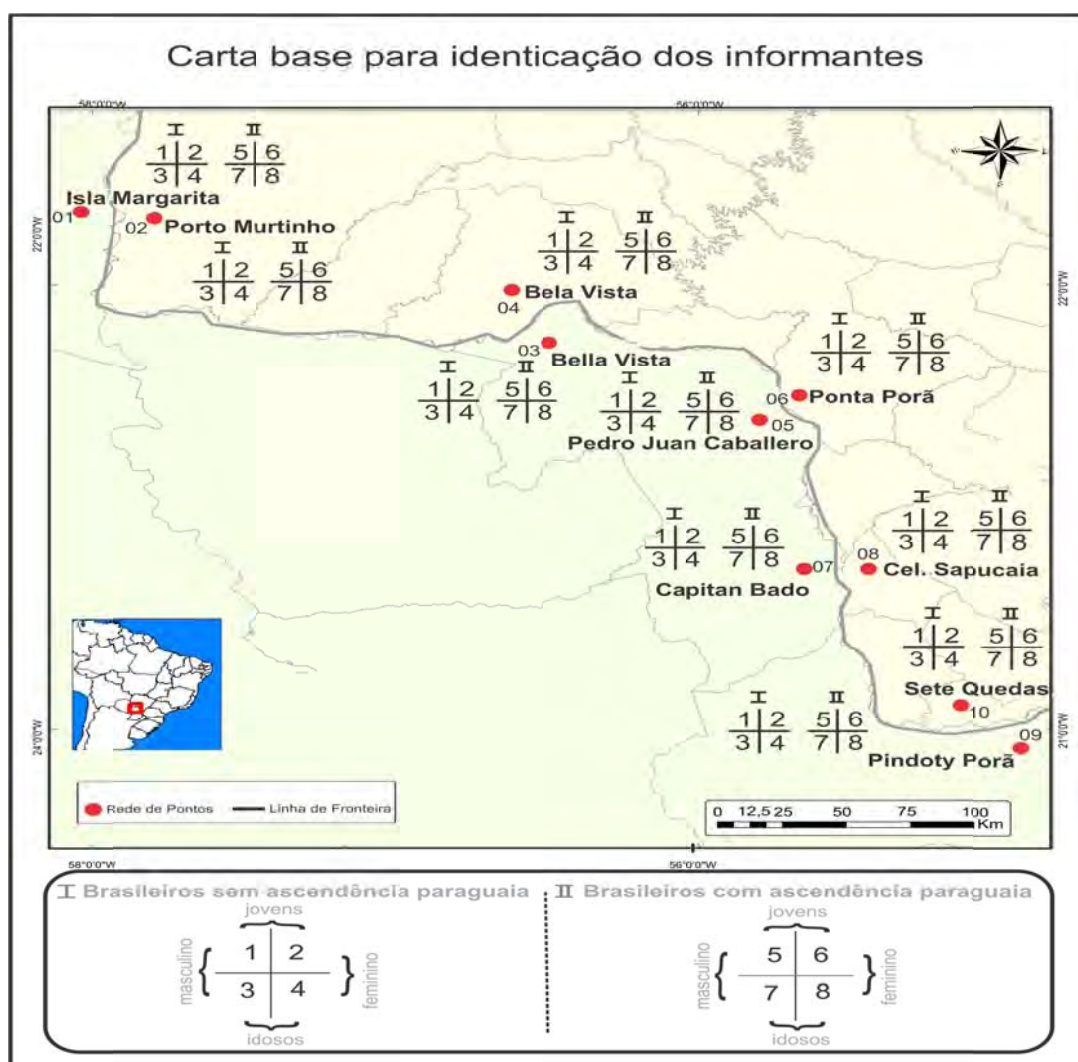
Descrevemos, por meio de um quadro, os informantes contextualizados nas localidades a que pertencem, considerando os códigos abaixo:

H: homem, **M:** mulher; **F1:** Faixa etária jovem, **F2:** Faixa etária idoso; **G 1:** grupo com quatro brasileiros sem ascendência paraguaia, **G 2:** grupo com quatro brasileiros com ascendência paraguaia ou casados com paraguaios, dois homens e duas mulheres por grupo; escolaridade: a série cursada, seguida das letras **EF:** Ensino Fundamental, **EF - Completo:** Ensino Fundamental concluído, **E. Médio – C:** Ensino Médio Completo e **E. Médio – I:** Ensino Médio Incompleto, **EJA:** Educação de Jovens e Adultos, Semi-Analfabeto⁶⁹ e Analfabeto. O número do ponto é assim caracterizado: **BR.01** (Brasil – Ponto 01), **BR.02...** e **PY.01** (Paraguay – Ponto 01), **PY.02...** do Norte para o Sul, do Oeste para o Leste.

A Figura 42, “Carta Base para Identificação dos Informantes”, a seguir, mostra a distribuição dos informantes na rede de pontos do ALF-BR PY.

⁶⁹ Semi-analfabeto, neste trabalho, designa o informante que tem domínio da leitura e da escrita, mesmo de modo rudimentar, sem ter frequentado bancos escolares.

Figura 42 - Carta Base para Identificação dos Informantes



A seguir uma sucinta descrição dos oitenta (80) informantes distribuídos nas dez localidades investigadas. Para tanto, apresentamos o Quadro IV com a relação dos informantes segundo a origem étnica, filiação, estado civil, idade e escolaridade:

Quadro IV - Relação dos informantes segundo a origem, filiação, estado civil, idade e escolaridade

Localidade	Nº Inf.	Perfil	Idade	Escolaridade
PY 01	HF1G1	Brasileiro, filho de brasiguaios, casado c/ paraguaia	35	1ª Série - EF
PY 01	MF1G1	Brasiguaiã, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	29	3ª Série - EF
PY 01	HF2G1	Brasiguaião, filho de paraguaios, casado c/ brasileira	49	4ª Série - EF
PY 01	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	41	7ª Série - EF
PY 01	HF1G2	Brasiguaião, filho de paraguaios, casado c/ brasiguaiã	29	E. Médio - C
PY 01	MF1G2	Brasileira, filha de brasiguaios, solteira	20	7ª Série - EF
PY 01	HF2G2	Brasileiro, filho de paraguaios, casado com paraguaia	60	1ª Série - EF
PY 01	MF2G2	Brasileira, filha de brasiguaios, viúva de paraguaio	50	6ª Série - EF
BR 02	HF1G1	Brasileiro, filho de brasileiros, solteiro	25	8ª Série - EF
BR 02	MF1G1	Brasileira, filha de brasileiros, solteira	19	E. Médio - C
BR 02	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	59	7ª Série - EF
BR 02	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	66	4ª Série - EF
BR 02	HF1G2	Brasileiro, filho de brasiguaios, casado c/ brasileira	29	E. Médio - C
BR 02	MF1G2	Brasileira, filha de brasiguaios, neta de brasiguaios, casada c/ brasileiro	24	E. Médio - I
BR 02	HF2G2	Brasileiro, filho de brasileiros e neto de paraguaios, casado c/ paraguaia	60	4ª Série - EF
BR 02	MF2G2	Brasileira, filha de brasiguaios, casada c/ brasiguaião	48	3ª Série - EF
PY 03	HF1G1	Brasileiro, filho de brasiguaios, casado c/ paraguaia	33	E. Médio - C
PY 03	MF1G1	Brasileira, filha de brasiguaios, solteira	21	E. Médio - C
PY 03	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ paraguaia	70	Analfabeto
PY 03	MF2G1	Brasileira, filha de brasiguaios, casada c/ brasileiro	50	EJA
PY 03	HF1G2	Brasiguaião, filho de brasiguaios, casado c/ paraguaia	35	E. Médio - C
PY 03	MF1G2	Brasileira, filha de brasiguaios, solteira	20	E. Médio - I
PY 03	HF2G2	Brasileiro, filho de paraguaios, casado com paraguaia	50	3ª Série - EF
PY 03	MF2G2	Brasileira, filha de brasiguaios, divorciada (paraguaio)	43	E. Médio - I
BR 04	HF1G1	Brasileiro, filho de brasileiros, solteiro	23	E. Médio - C
BR 04	MF1G1	Brasileira, filha de brasileiros, solteira	18	E. Médio - I
BR 04	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	46	E. Médio - C
BR 04	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, neta de paraguaia, casada c/ brasileiro	48	8ª Série - EF
BR 04	HF1G2	Brasileiro, filho de brasileiros, neto de paraguaio, solteiro	25	E. Médio - C
BR 04	MF1G2	Brasileira, filha de brasiguaios, neta de paraguaios, solteira	23	E. Médio - C
BR 04	HF2G2	Brasileiro, filho de brasiguaios e neto de paraguaios, casado c/ brasileira	64	5ª Série - EF
BR 04	MF2G2	Brasileira, filha de brasiguaios, casada c/ paraguaio	65	1ª Série - EF
PY 05	HF1G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ paraguaia	33	E. Médio - C
PY 05	MF1G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	20	E. Médio - C
PY 05	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	43	6ª Série - EF
PY 05	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	62	Semi-Analfabeto
PY 05	HF1G2	Brasileiro, filho brasiguaios, solteiro	18	E. Médio - C
PY 05	MF1G2	Brasileira, filha de brasiguaios, casada c/ brasileiro	28	8ª Série - EF
PY 05	HF2G2	Brasileiro, filho de paraguaios, casado com paraguaia	66	E. F - Completo
PY 05	MF2G2	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	60	Semi-Analfabeto
BR 06	HF1G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	26	E. F - Completo
BR 06	MF1G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	27	E. Médio - C
BR 06	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	50	8ª Série - EF
BR 06	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	55	E. Médio - C
BR 06	HF1G2	Brasileiro, filho de brasiguaios, casado c/ brasileira	22	E. Médio - I

BR 06	MF1G2	Brasileira, filha de brasiguaios, casada c/ brasileiro	26	E. Médio – C
BR 06	HF2G2	Brasileiro, filho de brasiguaios, casado c/ brasileira	51	E. Médio – I
BR 06	MF2G2	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	42	5ª Série – EF
PY 07	HF1G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	34	8ª Série – EF
PY 07	MF1G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	34	E. Médio – I
PY 07	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	46	3ª Série – EF
PY 07	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	54	1ª Série – EF
PY 07	HF1G2	Brasileiro, filho de brasiguaios, casado c/ brasileira	23	E. Médio – I
PY 07	MF1G2	Brasileira, filha de brasileiros, neta de paraguaios, casada c/ brasileiro	27	E. Médio – C
PY 07	HF2G2	Brasileiro, filho de brasileiros e neto de paraguaios, casado c/ paraguaia	55	7ª Série – EF
PY 07	MF2G2	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	47	E. Médio – I
BR 08	HF1G1	Brasileiro, filho de brasileiros, solteiro	23	E. Médio – C
BR 08	MF1G1	Brasileira, filha de brasileiros, solteira	21	E. Médio – C
BR 08	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	58	8ª Série – EF
BR 08	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	50	8ª Série – EF
BR 08	HF1G2	Brasileiro, filho de paraguaios, casado c/ brasileira	30	E. Médio – C
BR 08	MF1G2	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	23	E. F - Completo
BR 08	HF2G2	Brasileiro, filho de paraguaios, casado c/ brasileira	47	8ª Série – EF
BR 08	MF2G2	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasiguai	64	3ª Série – EF
PY 09	HF1G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	28	7ª Série – EF
PY 09	MF1G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	27	6ª Série – EF
PY 09	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	53	4ª Série – EF
PY 09	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	46	8ª Série – EF
PY 09	HF1G2	Brasileiro, filho de brasiguaios, solteiro	22	E. Médio – C
PY 09	MF1G2	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	30	4ª Série – EF
PY 09	HF2G2	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ paraguaia	59	E. Médio – C
PY 09	MF2G2	Brasileira, filha de brasiguaios, viúva de paraguaio	42	5ª Série – EF
BR 10	HF1G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	28	E. Médio – C
BR 10	MF1G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	30	6ª Série – EF
BR 10	HF2G1	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ brasileira	52	4ª Série – EF
BR 10	MF2G1	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ brasileiro	45	7ª Série – EF
BR 10	HF1G2	Brasileiro, filho de brasiguaios, solteiro	18	8ª Série – EF
BR 10	MF1G2	Brasileira, filha de brasiguaios, casada c/ brasileiro	28	8ª Série – EF
BR 10	HF2G2	Brasileiro, filho de brasileiros, casado c/ paraguaia	42	8ª Série – EF
BR 10	MF2G2	Brasileira, filha de brasileiros, casada c/ paraguaio	47	4ª Série – EF

Quanto à escolaridade dos informantes, adotamos alguns critérios de classificação apresentados a seguir:

- i) **analfabetos**: o informante que não é letrado, no sentido de não dominar nenhum tipo de código de leitura e escrita;
- ii) **analfabeto funcional**: o informante que domina apenas a leitura e a escrita de sua *língua materna*⁷⁰ nas funções mais básicas, decodificação deficitária do código linguístico e escrita rústica, somado ao fato de nunca ter frequentado a escola;

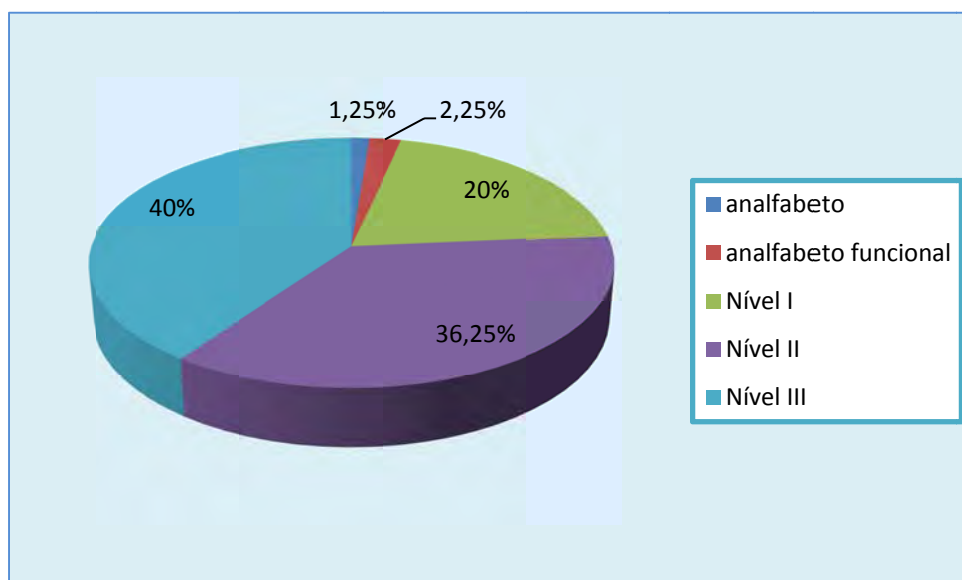
⁷⁰ No sentido atribuído por Atenhofen (2002, p.158).

- iii) **nível I:** o informante que cursou o Ensino Básico Fundamental (completo ou incompleto), entendido aqui como da 1ª a 4ª séries antigas tratadas, atualmente, como de 1º a 5º anos;
- iv) **nível II:** o informante que cursou a segunda fase do Ensino Fundamental (completo ou incompleto), entendido aqui como de 5ª a 8ª séries antigas tratadas, atualmente, como de 6º a 9º anos;
- v) **nível III:** o informante que cursou o Ensino Médio (completo ou incompleto);

Com base nas decisões metodológicas adotadas para a pesquisa desta tese, esclarecemos que não intentamos analisar, neste trabalho, a dimensão diastrática da fala dos informantes, por isso, o cruzamento dos dados de escolaridade poderá, em publicações futuras, ser realizado contrapondo os falantes de nível fundamental básico aos de nível médio de estudos.

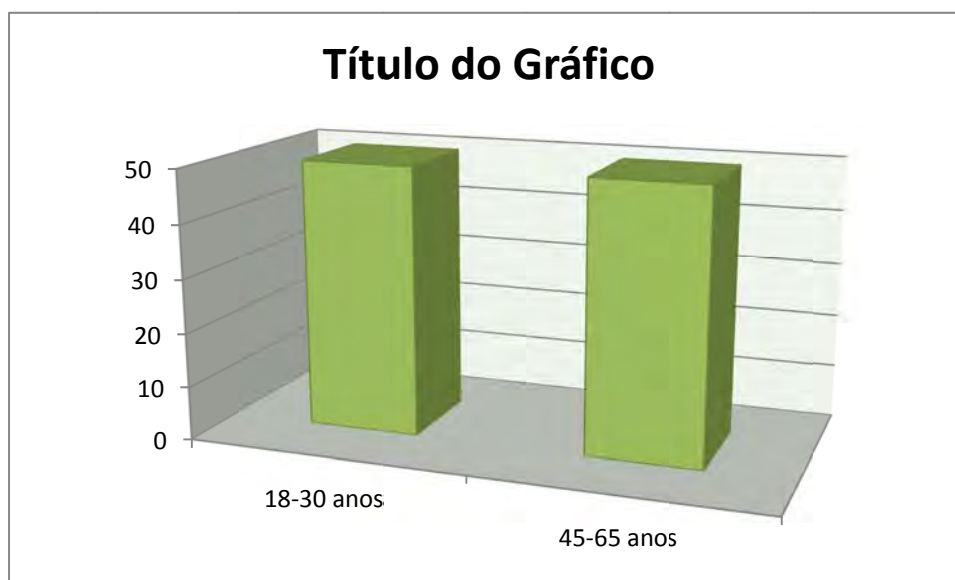
Objetivando expor visualmente o perfil escolaridade, apresentamos a Figura 43, a seguir:

Figura 43 - Níveis de escolaridade dos Informantes do ALF-BR PY



Já a Figura 44⁷¹, a seguir, contém dados acerca da idade dos informantes.

Figura 44 - Perfil relacionado à idade dos Informantes do ALF-BR PY



3.5 AS GRAVAÇÕES

Para a gravação das entrevistas foram utilizados dois aparelhos eletrônicos digitais RQT9364-1E da Panasonic para as gravações originais e para as cópias, ambos com 35 horas consecutivas de gravação.

3.6 A FICHA DE INFORMANTE

Para o registro de dados pessoais dos entrevistados e demais informações relevantes, utilizamos a Ficha de Informantes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com vistas a obter dados sociológicos.

3.7 AS ENTREVISTAS

As entrevistas foram aplicadas em três situações distintas: i) na residência do informante, ii) no local de trabalho, quando isso foi possível e iii) na casa dos intermediários da pesquisa de campo, situação repetida em cada

⁷¹ Ressaltamos que temos, inclusa na faixa etária 45-65 anos, dois informante masculino que extrapolam essa faixa – 66 e 70 anos.

localidade investigada. Por questões de ordem material (financeiras e humanas), todos os inquéritos foram aplicados pela pesquisadora, sem inquiridor auxiliar. Em grande parte desses inquéritos, o ambiente de pesquisa foi satisfatoriamente tranquilo⁷².

Em termos de técnica de entrevista, o questionário linguístico foi aplicado em língua portuguesa. Após a(s) resposta(s) espontânea(s) do falante, caso não fosse obtida para cada pergunta, em particular, nenhum fato linguístico das línguas em contato (espanhol ou guarani), a pesquisadora formulava a pergunta: “Conhece um nome para isso em guarani ou espanhol?”. Essa técnica aponta para o registro de traços que revelem marcas de contato linguístico dos falantes brasileiros entrevistados, pois nosso foco de pesquisa foi descrever o português vernáculo, usual desses falantes de ambos os lados da fronteira. Identificando, com isso, na sua fala influências do espanhol e do guarani.

Ressalto que a técnica da sugestão⁷³ foi utilizada apenas quando não se obtia a resposta espontânea e o informante enfatizava que conhecia uma designação para o referente em questão, mas havia esquecido.

3.8 AS TRANSCRIÇÕES

Para as transcrições das entrevistas do Atlas linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai adotamos a mesma metodologia do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB (2001) com adaptações para a pesquisa desta tese, ou seja, toda a fala do informante marcando elementos fáticos, sem marcar exageradas repetições.

As entrevistas foram transcritas por equipe composta por: Valter Pereira Romano (coordenador), Lidiane Martins da Silva, Greize Silva Porelli, Juliana Franco Alves, Ana Carolina Chierotti, Jonas Passos da Silva, Vinícius Ferreira dos Santos, Gabriela Landes Biolada, Dayse de Souza Lourenço e Márcia Palmiro Dei Tós. A revisão da transcrição foi realizada pela pesquisadora.

⁷² Conferir informações sobre o “ambiente de pesquisa”, no apêndice da tese, parte que descreve os informantes.

⁷³ Sugerir ao falante o termo (ou os termos) mais usual naquela localidade.

3.9 O BANCO DE DADOS: *AGIUM SEARCH*

Dadas as características deste trabalho, particularmente, o objetivo de mapear os contatos linguísticos do português com as línguas guarani e espanhol, registrados em dois grupos diferenciados, associados ao considerável número de inquéritos (80), resultaram em volumoso levantamento de dados geolinguísticos. Para solucionar possíveis entraves quanto à análise desses dados, em relação ao tratamento do *corpus*, tornou-se necessário contratar os serviços de profissional ligado à área de informática que desenvolveu um sistema de preenchimento de dados *on-line*, próprio para comportar as informações do banco de dados do ALF-BR PY, com assistência técnica garantida, gerenciada pela empresa *Agiumsoft*⁷⁴.

Esse sistema auxilia tanto no registro quanto no controle de dados catalogados, uma vez que, por meio dessa ferramenta, é possível realizar o cruzamento de variáveis pré-estabelecidas, considerando, por exemplo, questões diatópica, diageracional e diafásica, assim como seus respectivos percentuais.

Ressalte-se, ainda, que esse sistema foi elaborado com base em informações oriundas: i) de pesquisadores do ramo da dialetologia; ii) dos questionários realizados por projetos dessa natureza e, ainda, iii) por meio de análise de tabelas de formato *Word* e *Excel* utilizadas, até então, para controlar dados geolinguísticos e dialetológicos.

O *Agium Search* foi organizado de forma a gerar relatórios, segundo diferentes categorias, com seus respectivos percentuais que, por extensão, facilitam o mapeamento no ato da confecção das cartas linguísticas, bem como, a análise dos dados.

As Figuras 45 e 46, relacionadas a seguir, permitem visualizar duas telas desse sistema. A primeira refere-se ao cadastro das respostas e, a segunda, ao relatório de dados percentuais:

⁷⁴ Cf. www.agiumsoft.com.br

Figura 45 – Tela do sistema *Agjumserch* para cadastro de respostas

Código	Resposta esperada	Questão	Estado	Cidade	Informante	Ponto
39	TANGERINA / MEXERICA	as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?	GO	GOIÂNIA	8-Maria Helena Rodrigues Pinheiro	123
39	TANGERINA / MEXERICA	as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?	GO	GOIÂNIA	7-Maurício da Veiga Jardim	123
39	TANGERINA / MEXERICA	as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?	GO	GOIÂNIA	6-Lorena Bernardes Barcelos	123
39	TANGERINA / MEXERICA	as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?	GO	GOIÂNIA	5-Jão da Silva Abreu Neto	123
40	AMENDOM	o cão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?	MT	DIAMANTINO	4-Nasita Saldanha da Silva	105
39	TANGERINA / MEXERICA	as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?	GO	FORMOSA	4-Maria Luc Tavares	121
39	TANGERINA / MEXERICA	as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?	GO	SÃO DOMINGOS	4-Maria Ferreira Rodrigues	119

A visualização de telas do programa *Agjum Search* referencia que, na primeira delas, os dados são elencados seguindo o questionário semântico-lexical (QSL), ou seja, cada pergunta do instrumento de coleta segue registrada no sistema, gerando o arquivamento das variantes obtidas na formulação da questão.

Figura 46 – Relatório percentual do sistema *Agiumserch* para a variante “tangerina” segundo a ocorrência por cidade.

www.agiumsoft.com.br/agiumsearch/ReportServlet - Google Chrome
www.agiumsoft.com.br/agiumsearch/ReportServlet

Listagem de Respostas Por Cidades
39 - AS FRUTAS MENORES QUE A LARANJA, QUE SE DESCASCAM COM A MÃO, E, NORMALMENTE, DEIXAM UM CHEIRO NA MÃO? COMO ELAS SÃO?

Resposta	Porcentagem
BRASIL	
CENTRO-OESTE	
GOIÁS	
FLUXOJERA	3.33%
MEXERICÁ	4.87%
MIXRICA	90.00%
MATO GROSSO DO SUL	
POUÇA	1.61%
MIXRICA CRAVO	1.61%
MURICÔTA	1.61%
ENRREDERA	1.61%
ENREDEIRA	1.61%
MIXRICA ENREDEIRA	1.61%
BERGAMOTA	1.61%
NÃO INFORMAÇÃO	1.61%
MEXIRICA	4.84%
PONÇA	4.84%
MARICÔTA	4.84%
MEXERICA	12.90%
POCÁ	19.35%
TANGERINA	19.35%
MIXRICA	20.97%
MATO GROSSO	
FLUXOJERA	1.11%
BRUACA	1.11%

Já a segunda tela, aponta os dados percentuais para determinada variante registrada num dos itens do questionário linguístico, obtida em cada localidade. Recursos digitais, como o sistema *Agium Search*, desencadeiam um manejo mais hábil para tratamento e análise de *corpus*, enquanto ferramenta de trabalho, neste caso, geolinguístico. O preenchimento do banco digital fica a cargo do pesquisador⁷⁵ que o alimenta com os dados levantados para cada pergunta do questionário, registrando todas as respostas válidas.

3.9.1 Propostas de Informatização dos Dados Geolinguísticos: Cartografia Pluridimensional

A base das cartas linguísticas do Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai foi elaborada digitalmente, desenvolvida a partir de mapa do estado de Mato Grosso do Sul, lado Sul/Oeste considerando os limites políticos territoriais com a República

⁷⁵ A organização e a revisão desse banco de dados foram realizadas pela pesquisadora, enquanto o preenchimento do banco de dados dentro do sistema *Agium Serch* foi efetuado pelo estudante Igor Coelho Marinho Reis.

do Paraguai.

As Figuras 47 e 48 ilustram os territórios pesquisados, a partir dos quais a base cartográfica foi elaborada:

Figura 47 - Território do MS, Brasil



Figura 48 - Território Paraguaio



A Projeção Gráfica do mapa-base do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai é de autoria do cartógrafo Ângelo Franco do N. Ribeiro, mestre em Geografia e Técnico de Laboratório de Geoprocessamento FCH/UFGD. Essa projeção gráfica foi realizada a partir da Projeção Geográfica – Datum SAD69, originária da Base Cartográfica Digital do IBGE (2005), escala 1: 500.000.

Em termos de cartografia geolinguística, é necessário consultar profissional ligado à Geografia, dada a necessidade de se obter suporte teórico para descrição da área específica a ser investigada, especialmente, quando se trata de uma região federativa ou de um estado nacional. Esse tipo de suporte torna-se, atualmente, indispensável para a mapeação diatópica.

A edição dos dados linguísticos foi realizada pela colega Luciene Gomes Freitas Marins, realizada com auxílio dos Programas de Computação Gráfica CorelDrawX5 e Photoshop.

3.9.1.2 Decisões cartográficas para o mapa-base:

Quanto às decisões cartográficas para a confecção do mapa-base do Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai, seguimos alguns princípios básicos de organização⁷⁶, explicitados a seguir:

- i) uso da mesma base cartográfica para todas as cartas com informações quanto à escala, aos estados nacionais pesquisados, aos limites fronteiriços, ao título e à legenda;
- ii) na moldura central constam a base geográfica e a escala e, na moldura inferior, esquerda, as legendas e, inferior direita, quadro com percentuais dos idiomas registrados (guarani, espanhol e português);
- iii) na parte superior da base, optamos por centralizar o título do atlas e o da carta, bem como, no canto superior direito, o número da carta e, no superior esquerdo, o logotipo com identificação e símbolo do ALF- BR PY;
- iv) na parte inferior da base, no canto inferior esquerdo, dados de editoração gráfica e imagem, quando houver;
- v) no rodapé da carta, o conceito que gerou as variantes, canto inferior esquerdo, e a identificação do banco de dados linguísticos seguido da identificação do campo semântico a que pertence esse conceito no canto inferior direito;

3.9.1.3 Critérios de Cartografia dos Dados Linguísticos:

Para os critérios de cartografia dos dados linguísticos do Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai adotamos os elencados a seguir:

- i) padronização das cores, ou seja, frequência de cores fixas, assim disponibilizadas: vermelho, azul, amarelo, verde, preto, cinza e salmão;

⁷⁶ Decisões teórico-metodológicas de cartografia foram tomadas em conjunto com MSc. Luciene Gomes Freitas Marins (UFMS/UEMS), responsável pela digitalização das cartas linguísticas do Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai.

- ii) a sequência cromática das cores não foi aplicada a todas as cartas, mas, quando aplicada, obrigatoriamente, seguiu a ordem de maior para menor produtividade (do vermelho até o salmão);
- iii) as cores vermelha (magenta de composição 100%) e azul (ciano de composição 100%), por se destacarem visualmente, foram priorizadas para apresentar algumas dimensões de variação como, por exemplo, a dialingual e a de ascendência (brasileira ou paraguaia);
- iv) O plano de fundo do mapa-base permaneceu limpo de cores (fundo branco), dada a quantidade de informações linguísticas que as cartas veiculam, decisão essa que evitou a “poluição” visual dos mapas.

3.9.1.4 Protótipo de Carta-Base:

Figura 49 – Modelo de carta base



3.9.1.5 Decisões Gerais de Padronização das Cartas do ALF – BR PY:

A partir das decisões teórico-metodológicas adotadas para a cartabase, geramos 03 modelos de cartas para compor a versão final do ALF – BR PY. A padronização cartográfica pauta-se nos princípios gerais descritos a seguir:

- i) o Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai compõe-se de cartas lexicais;
- ii) a cartografia segue três modelos padrões para cada pergunta selecionada do questionário linguístico;
- iii) cada pergunta foi mapeada em três tipos distintos, seguindo essa ordem: Carta Pizza (a), Carta Língua (b) e Carta Cruz (c);
- iv) classificação: cartas Pizza “a”, Língua “b” e carta cruz “c” - o parâmetro adotado se justifica pelo fato dos três modelos (Pizza, Língua e Cruz) mapearem as variantes de uma mesma pergunta do Questionário Semântico-Lexical (QSL);
- v) quando algum dado linguístico sobressaiu, em termos diatópicos, foi registrado em um quarto modelo de carta - Carta Diatópica (d);
- vi) o verso da Carta Língua (b) apresenta todas as variantes obtidas para o fato linguístico mapeado, associadas a sua origem linguística, em forma de tabelas;
- vii) a Carta Pizza (a) adotada é modelo tradicional entre geolinguístas e foi utilizado, por exemplo, na cartografia do Projeto ALiB;
- viii) a Carta Língua é um modelo elaborado para mapear os dados do ALF – BR PY. Objetivamos pôr em relevo marcas plurilíngues de usos da fronteira, associadas ao fator diatópico, ou seja, em qual localidade surgiu marcas de usos das línguas em contato e qual(ais) língua(s) foram utilizadas;
- ix) a Carta Diatópica registra variação para fatos de língua portuguesa que, diatopicamente, mostrou-se relevante (há apenas 03 perguntas do questionário linguístico foi aplicado este modelo) para o estudo em questão;

- x) a Carta Cruz (c) (diassexual e diageracional), constitui-se modelo utilizado na cartografia do Projeto ALiB, aplicado com vistas a mapear a variante de maior ocorrência na fronteira, considerando a dialetologia pluridimensional e relacional, pois o cruzamento de dados, observando duas dimensões ou mais, denotam questões linguísticas que sobressaem em termos variacionais;
- xi) adotamos o critério de consulta a dicionários⁷⁷ das línguas espanhola, guarani e português *on line* e impressos para referendar a origem linguística da variante: quando a designação pesquisada encontrava-se registrada em duas línguas distintas com a mesma acepção, marcamos a variante nas duas línguas, como por exemplo: *rancho* (português/espanhol = LP/LE);
- xii) adotamos, quando possível, imagens do referente a fim de veicular informações etnolinguísticas nas cartas.

A seguir, apresentamos, respectivamente, os critérios específicos adotados para a confecção das Cartas Pizza, Língua e Cruz, acompanhados de modelos gerados para a carta 038 do Vol II do ALF – BR PY:

I) Carta-Pizza (a) Produtividade: decisões metodológicas

O Modelo I, carta-pizza produtividade (a), apresenta a seguinte configuração:

- a) variantes representadas em pizza, com o percentual de ocorrências;
- b) não marcação das dimensões diassexual, diageracional e dialingual;
- c) identificação da variante linguística registrada por meio de cores;
- d) como respostas válidas: foram consideradas as cinco maiores ocorrências para o conceito em pauta, assim, as variantes lexicais

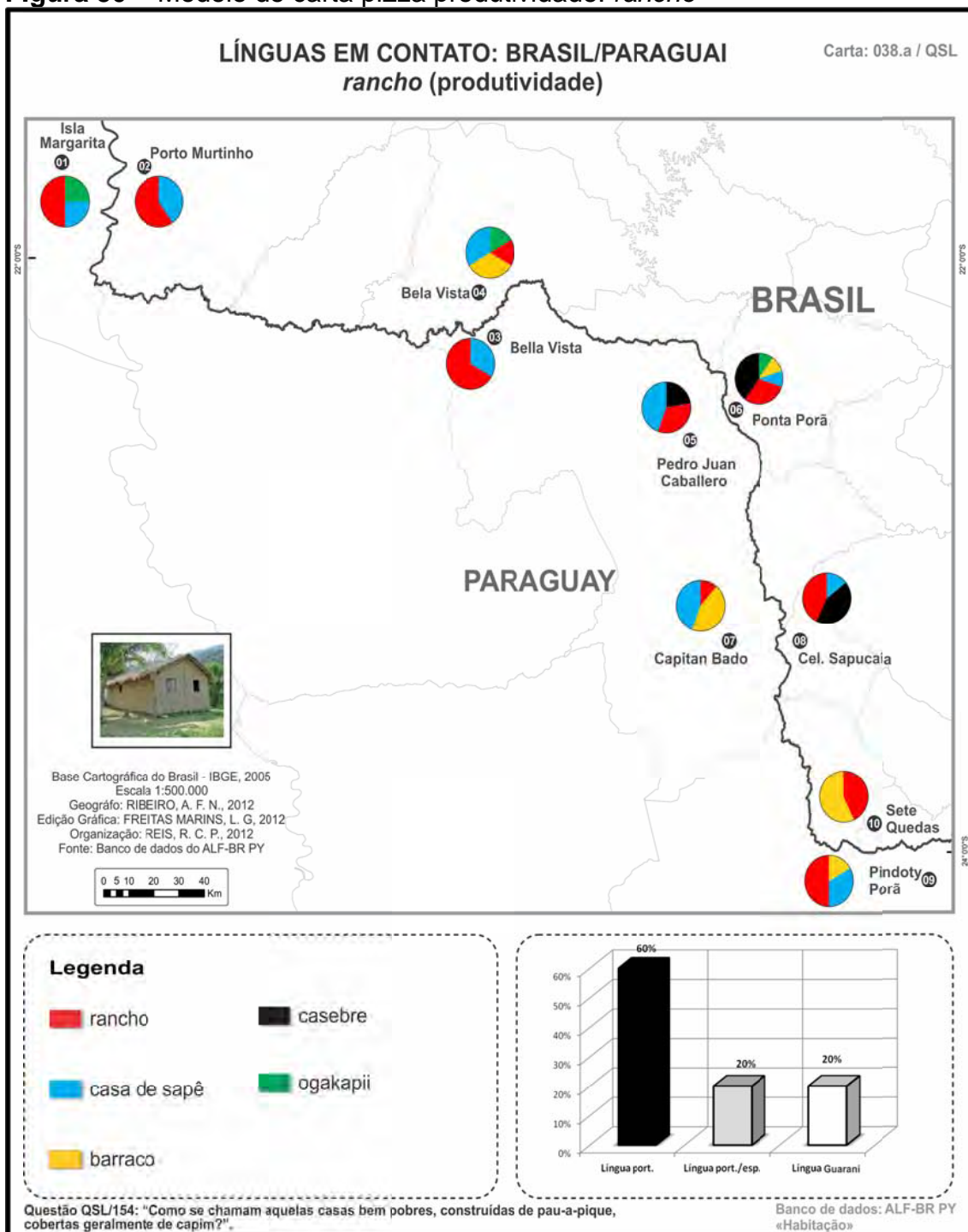
⁷⁷ Entre os principais consultados estão em Língua Espanhola: Real Academia Española. Fonte: <http://www.rae.es/rae.html>; em Língua Portuguesa: Moraes; Bluteau; Silva Pinto. Fonte: <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br>; Cunha (1982), Aulete (1958), Ferreira (2001) e em Língua Guarani Guach; Ortiz (1991).

foram cartografadas da maior para menor ocorrência, de acordo com a porcentagem das respostas dos informantes;

- e) os pontos foram representados pelos seus respectivos nomes e números codificados previamente de 01 a 10;
- f) a linha internacional que divide os dois estados nacionais, Brasil e Paraguai, está demarcada com um contorno mais forte que permite sua identificação na imagem;
- g) em relação ao fundo do mapa-base optamos por retirar as divisões político-territoriais, bem como as marcações de rodovias, ferrovias e vias fluviais, decisão tomada para não sobrecarregar a carta com dados geográficos;
- h) apresentamos informações adicionais como a escala e os dados referentes aos organizadores do mapa-base;
- i) no canto inferior direito, a legenda com as variantes e os percentuais, no inferior direito, o gráfico com percentuais relativos ao registro das línguas em contato, além do espaço destinado à imagem do referente, com vistas ao registro de informações etnolinguísticas.

Modelo I:

Figura 50 – Modelo de carta pizza produtividade: rancho



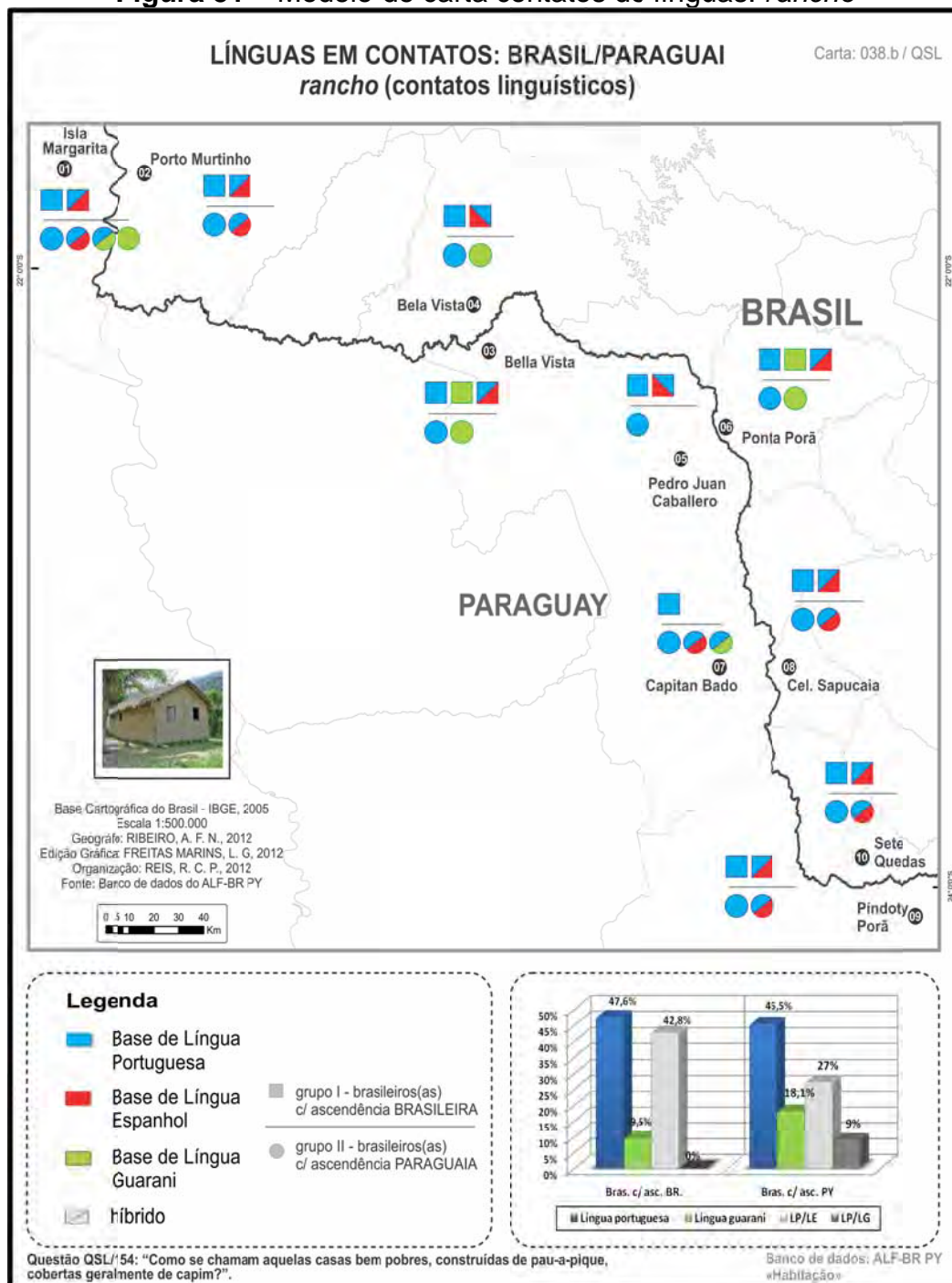
II) Carta Língua (b) contatos linguísticos: decisões metodológicas

O Modelo II, Carta línguas em Contato, apresenta a seguinte configuração:

- a) acima da cruz o Grupo I, brasileiros com ascendência brasileira, e, abaixo da cruz, brasileiros com ascendência paraguaia;
- b) o quadrado representa os brasileiros com ascendência brasileira e o círculo representa os com ascendência paraguaia;
- a) às cores representam a origem linguística a que pertence a variante: guarani, espanhol, português, termos híbridos ou com origem obscura (indefinido).
- b) as demais decisões cartográficas, relacionadas à base, mantêm a estrutura do modelo I.

Modelo II:

Figura 51 – Modelo de carta contatos de línguas: *rancho*



Modelo II: tabela referente ao verso da carta

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“RANCHO”

Número da carta: 038b

Campo Semântico: “Habitação”

Questão: QSL/154: “Como se chamam aquelas casas bem pobres, construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim?”.

	PARAGUAY					BRASIL				
Variantes	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
rancho	PT/LE	PT/LE	PT/LE	PT/LE		PT/LE	PT/LE	PT/LE	PT/LE	
casa de sapê	PT/LE	PT/LE	PT/LE	PT/LE		PT/LE	PT/LE	PT/LE	PT/LE	
barraco				PT			PT	PT	PT	
casebre			PT					PT	PT	
ogakapii	Gn	Gn					Gn	Gn		
casa de carandá	PT					PT				
casa de palha						PT				
casa de capim	PT	PT		PT			PT			
casa de barro		PT								
casa de tapera								PT	PT	
casa de pau-a-pique						PT				
casa(inha) de pakuri						PT				
casa velha									PT	
carandaí	PT/Gn									
cabana						PT	PT	PT		
oca									PT	
(casa de) tapuia				PT					PT	
choça						PT				
tenda									PT	

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

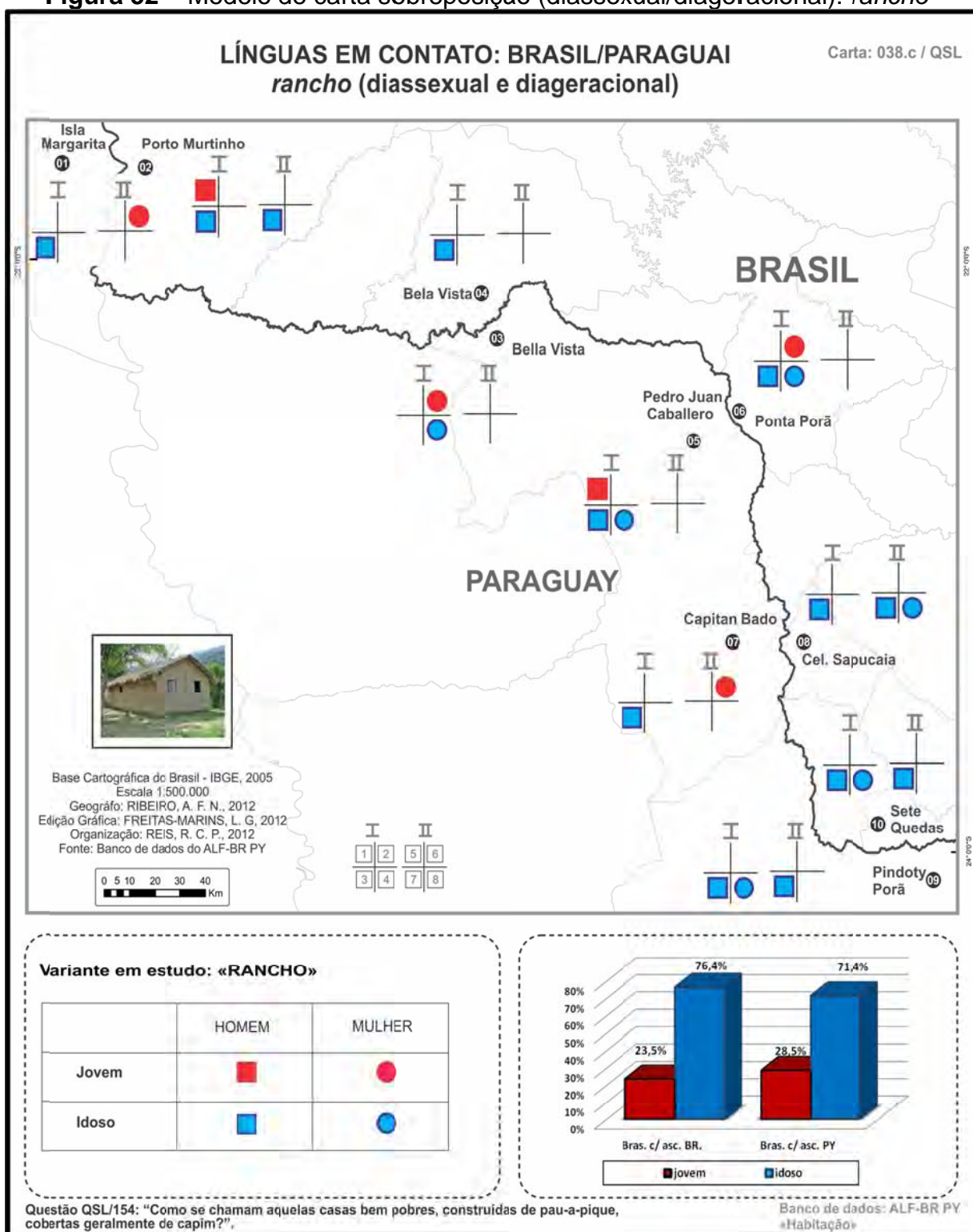
III) Carta Cruz (diageracional e diassexual) (c): decisões metodológicas

O Modelo III, carta cruz (diassexual e diageracional), com a seguinte configuração:

- a) variantes diageracional e diassexual representadas por símbolos: símbolo redondo parcialmente preenchido para mulher jovem, símbolo quadrado parcialmente preenchido para homem jovem, símbolo redondo totalmente preenchido para mulher idosa e símbolo quadrado totalmente preenchido para homem idoso.
- b) marcação colorida ou uso das cores preto e branco, conforme o dado;
- c) marcação dos grupos: I) brasileiros com ascendência brasileira e II) brasileiros com ascendência paraguaia;
- d) quando possível, priorizamos gráfico quantitativo nas cores preta e branca com a finalidade de não poluir os dados referentes às cores;
- e) as demais decisões cartográficas, relacionadas à base, mantêm a estrutura do modelo I.

Modelo III:

Figura 52 – Modelo de carta sobreposição (diassexual/diageracional): rancho



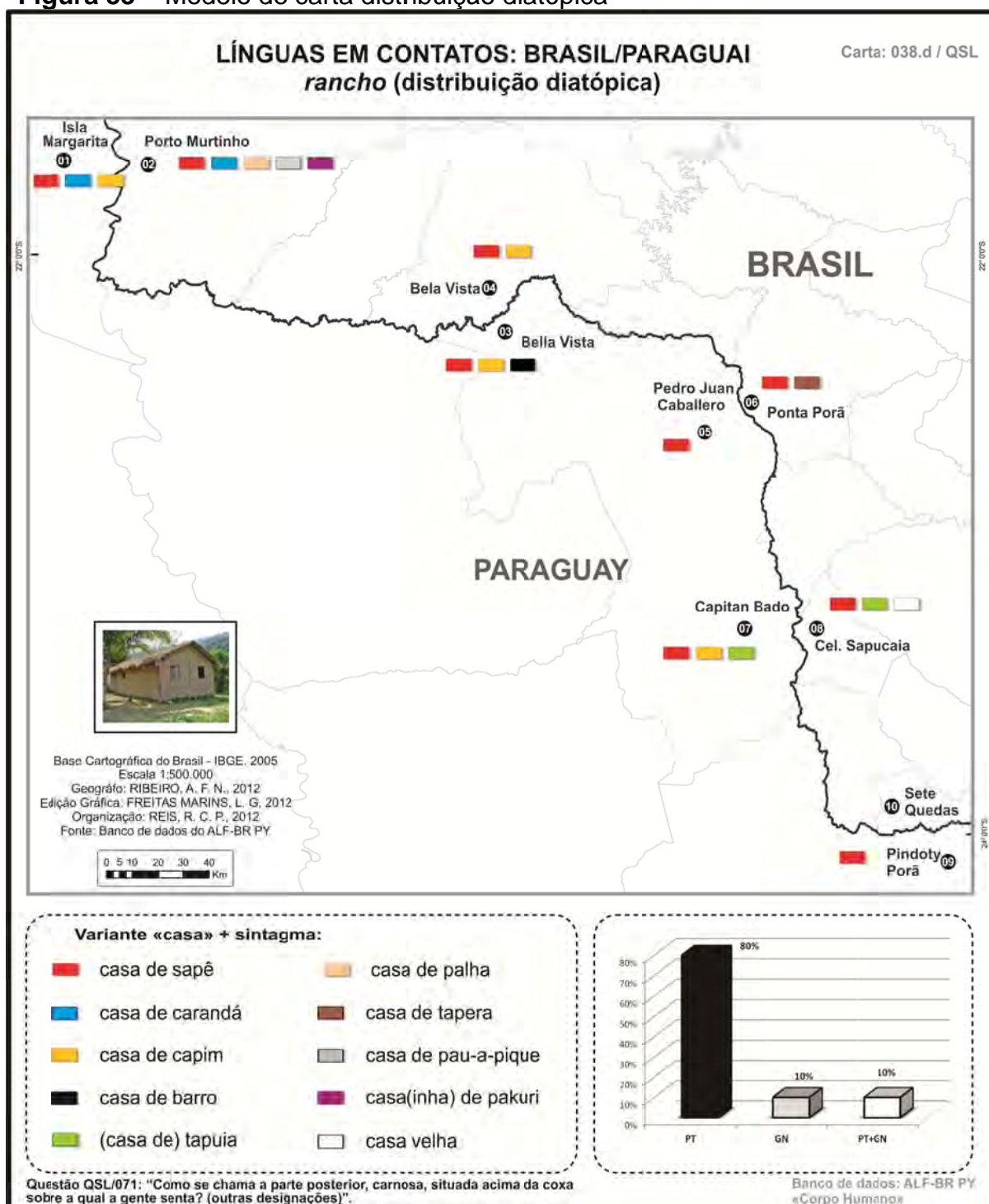
IV) Carta Distribuição Diatópica (d): decisões metodológicas

O Modelo IV, carta diatópica geral, apresenta a produtividade na legenda para cada variante registrada, identificadas por colunas na legenda que, por sua vez, representam a origem linguística da variante. A organização desse modelo ficou assim definida:

- a) as cores representam os índices de ocorrência da variante: da maior para a menor (1º vermelho, 2º azul, 3º amarelo, 4º preto, 5º verde, 6º salmão, 7º marrom, 8º cinza, 9º roxo, 10º branco);
- c) as variantes estão distribuídas diatopicamente;
- d) quando possível, priorizamos gráfico quantitativo, nas cores preto/branco, com a finalidade de não poluir os dados referentes a cartografia que considera as cores;
- e) as demais decisões cartográficas, relacionadas à base, mantêm a estrutura do modelo I.

Modelo IV:

Figura 53 – Modelo de carta distribuição diatópica



3.9.1.6 Cartas introdutórias: decisões metodológicas dos modelos adotados

As Cartas introdutórias foram confeccionadas a partir das decisões metodológicas tomadas em relação à cartografia geral. Estas encontram-se divididas em quatro tipos: i) Carta “As Localidades Pesquisadas”, ii) Carta “A Rede de Pontos do ALF – BR PY”, iii) Carta “Perfil do Informante” e iv) “Carta Perfil do Informante: competência linguística”. Descreveremos cada uma delas, a seguir.

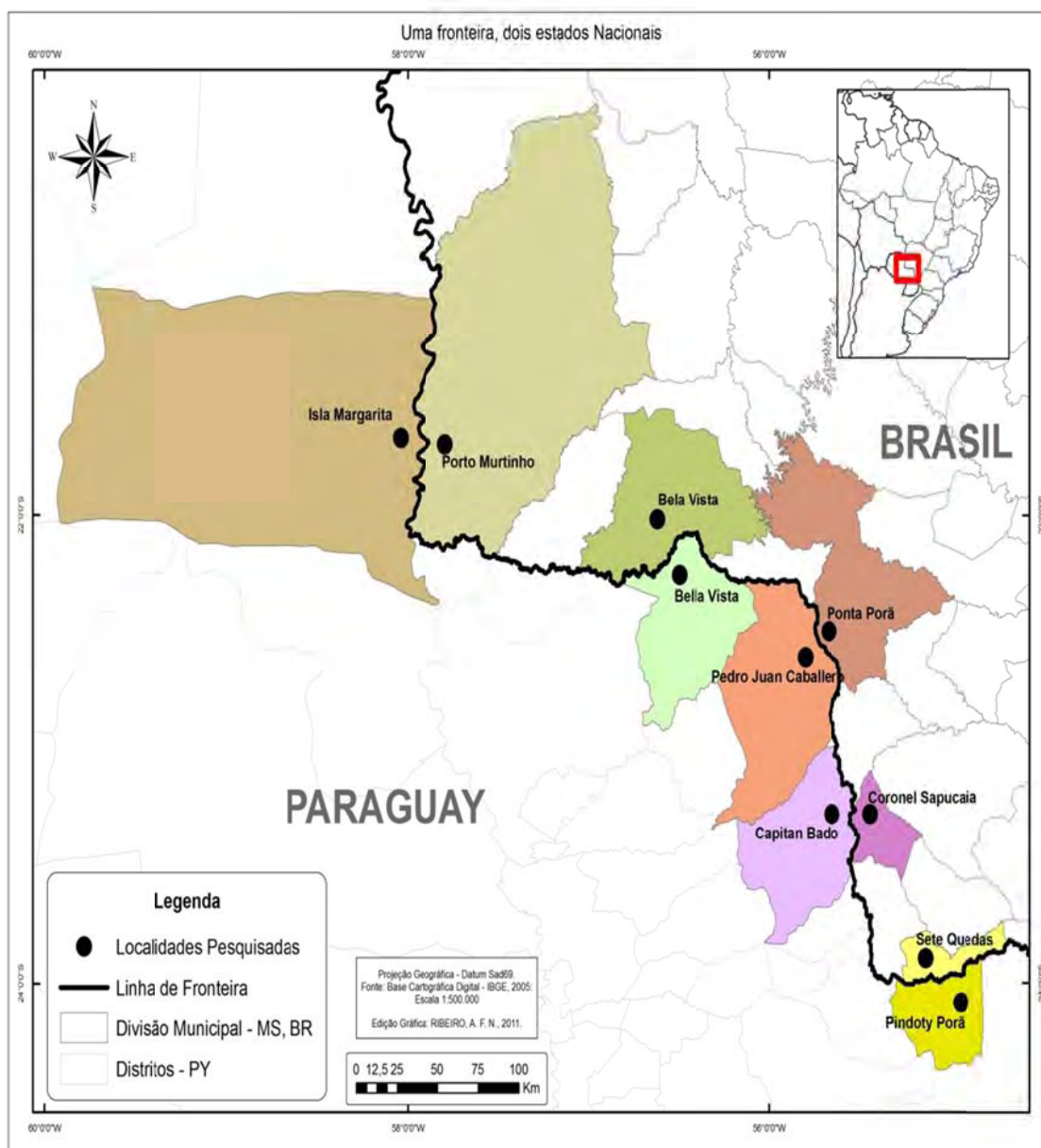
- i) a carta I, *As localidades pesquisadas*, apresenta as cinco localidades paraguaias e as cinco localidades brasileiras objeto de investigação no estudo desta tese. O uso de cores foi o recurso utilizado para distinguir cada “cidade gêmea” ao longo da fronteira do Mato Grosso do Sul (Brasil) com a República do Paraguai;
- ii) a carta II, *A rede de pontos do ALF-BR PY*, também apresenta as dez localidades pesquisadas, somadas ao fato de, por meio das cores da base cartográfica, pode-se delinear os dois estados nacionais investigados, sobretudo por apontar limites intermunicipais (cidades), estaduais (Departamentos) e fronteiriço, além de marcar rodovias e hidrografia.
- iii) a carta III, *Perfil dos informantes*, objetiva mapear o real perfil dos informantes dessa pesquisa, haja vista a dificuldade de encontrar pessoas que preenchessem as características para o Grupo I, brasileiros com ascendência brasileira, sem ascendência paraguaia de forma direta. Para tanto, a carta foi confeccionada considerando os seguintes pressupostos: a) Símbolos e cores que retratam a nacionalidade do entrevistado e, também, brasileiros/as com laços matrimoniais com paraguaios/as, dados relevantes para o grupo de brasileiros com ascendência brasileira; b) as cruzes que referendam os grupos: lado esquerdo brasileiros com ascendência brasileira, lado direito, brasileiros com ascendência paraguaia; c) a numeração que indica o perfil do

informante, quanto ao sexo e à faixa etária; d) a figura retrata a união entre as nações brasileiras e paraguaias;

iv) a carta IV, *Perfil dos informantes: competência linguística*, objetiva apresentar dados acerca da competência linguística dos falantes dessa pesquisa;

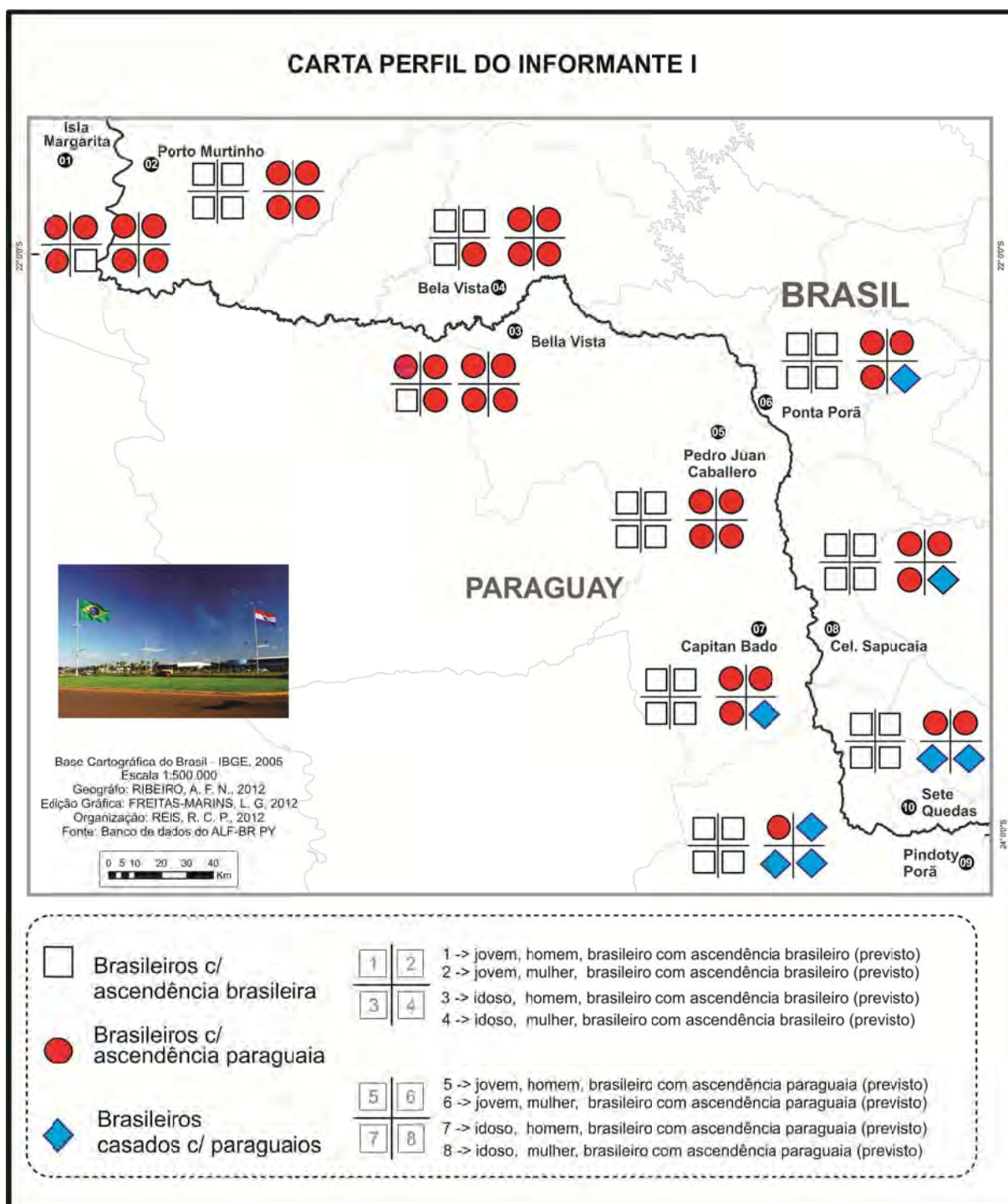
3.9.1.7 Modelos de cartas introdutórias adotados para o v. II do ALF-BR PY

i) Modelo I:

Figura 54 - Rede de Pontos

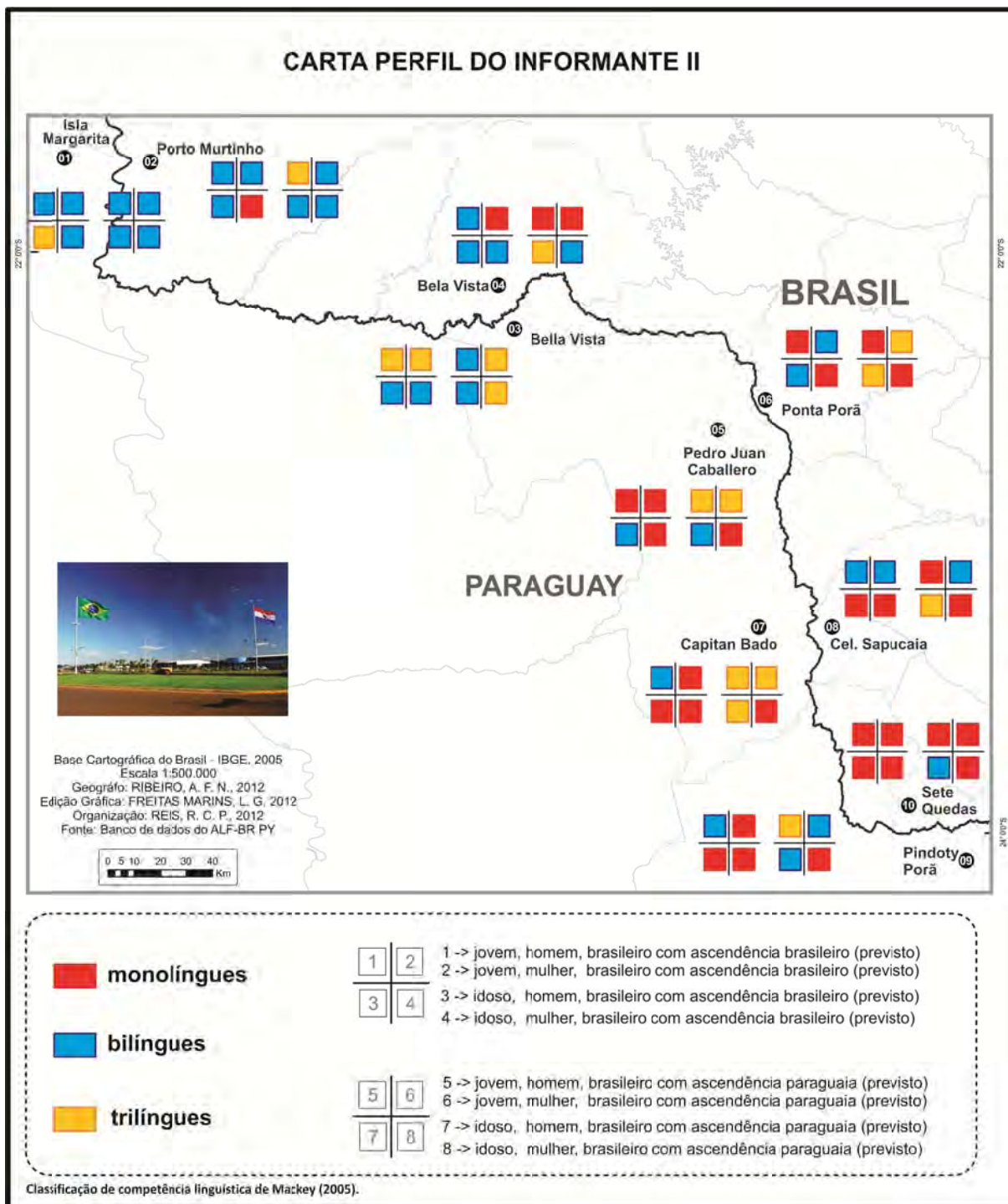
ii) Modelo II

Figura 55 - Perfil do Informante I



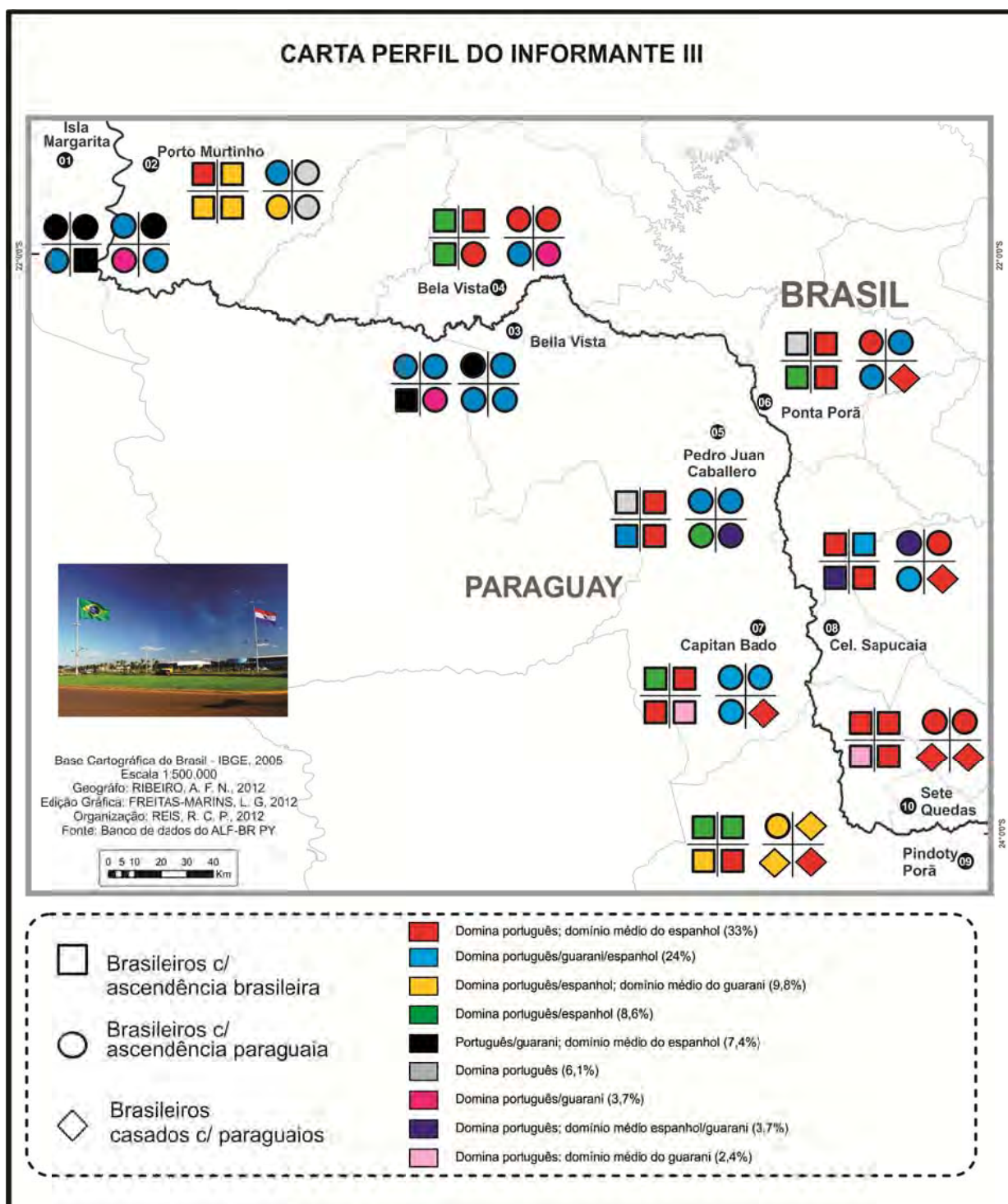
iii) Modelo III:

Figura 56 - Perfil do Informante II



iv) Modelo IV:

Figura 57 - Perfil do Informante III



A seguir, com base nos aspectos teórico-metodológicos que fundamentam esta tese, apresentamos o Capítulo 04 que objetiva discutir, sobretudo numa análise ampla, à luz da dialetologia pluridimensional e relacional, os dados obtidos com essa pesquisa.

Articular as palavras de forma diversa [...]
Chamar sinal de trânsito de farol [...]
Nada disso faz ninguém necessariamente
melhor ou pior,
mas apenas diferente dos outros.
 João Ubaldo Ribeiro

4. ANÁLISE DOS DADOS

A epígrafe evoca questões sobre a diversidade e a heterogeneidade linguísticas de grupos organizados socialmente que fazem uso da linguagem para estabelecer comunicação. O acervo vocabular da língua diz respeito à coletividade, e a variação linguística que desencadeia retrata, por vezes, seu ambiente físico e social.

Nesse particular, a análise de um vocabulário específico, no contexto desta tese, o bilinguismo ou plurilinguismo desencadeado pelo contato na fronteira Brasil/Paraguai, põe em relevo as semelhanças ou as diferenças linguísticas entre indivíduos de espaços geográficos distintos, neste caso, fronteiras nacionais, o que pode resultar também em diferenças ou semelhanças culturais.

O plurilinguismo e a heterogeneidade da língua envolvem, ainda, os processos de variação e mudança linguísticas, os quais são intrínsecos ao falar do homem inserido na sociedade. Esse falar conduz o interlocutor a, diante de outro sujeito falante, auferir traços dialetais que revelam sua origem linguística. Certos efeitos expressivos da linguagem nos níveis léxico-semântico e morfossintático, mesmo relativos somente à língua portuguesa, dão mostras dessa identidade cultural e linguística que alcança o falante fronteiriço.

Este trabalho demonstra que as regiões de fronteira brasileiras e paraguaias carregam marcas dialetais particulares que sobressaem, especialmente, se comparadas a outras localidades não pertencentes à mesma região linguística. É um falar típico que denuncia o espaço plurilíngue no qual o falante brasileiro está inserido, revelando características dialetais próprias a toda rede de pontos. Essas características linguísticas são perceptíveis por meio de análise que comprova diversas influências como as desencadeadas por diferenças etárias (F1/F2) como, por exemplo, a variante *visão* mais frequente na F2 e *fantasma*, na F1⁷⁸; ou por

⁷⁸ Cartas 035a, 035b e 035c.

grupos de falantes distintos (G1/G2) – a variante *morro* que é mais recorrente no G1 que *cerro*, mais presente no G2⁷⁹; por diferenças entre gêneros (M/F) – a variante *feitiço*⁸⁰ mais presente na fala feminina que na masculina - e, ainda, pelo contato entre várias línguas – *menina* (LP), *tica* (LE), *mita kuñái* (LG)⁸¹.

A diversidade linguística mapeada é notada até mesmo pelo homem fronteiriço que se considera “monolíngue”, no domínio apenas de seu falar nativo. É comum, nas cidades gêmeas, encontrar falantes brasileiros e paraguaios que dominam “exclusivamente” seus idiomas nativos, mas que, ainda assim, conseguem estabelecer algum tipo de comunicação com falantes dessas fronteiras. Fato atribuído aos inevitáveis contatos linguísticos a que são submetidos diariamente.

É esta a realidade linguística que buscamos retratar: as marcas de variação do português de contato espanhol-português e guarani-português. Para isso, a análise do *corpus*, apresentada neste capítulo, pautou-se em amostragens linguísticas registradas nas cartas, associadas a gráficos e quadros que permitem visualizar, em parte, o acervo geolinguístico do ALF-BR PY.

Para a análise dos dados, propriamente dita, foram considerados três eixos principais: a) percentual de ocorrências das variantes, b) marcas de contatos de línguas e c) marcas de interferência/empréstimo linguístico.

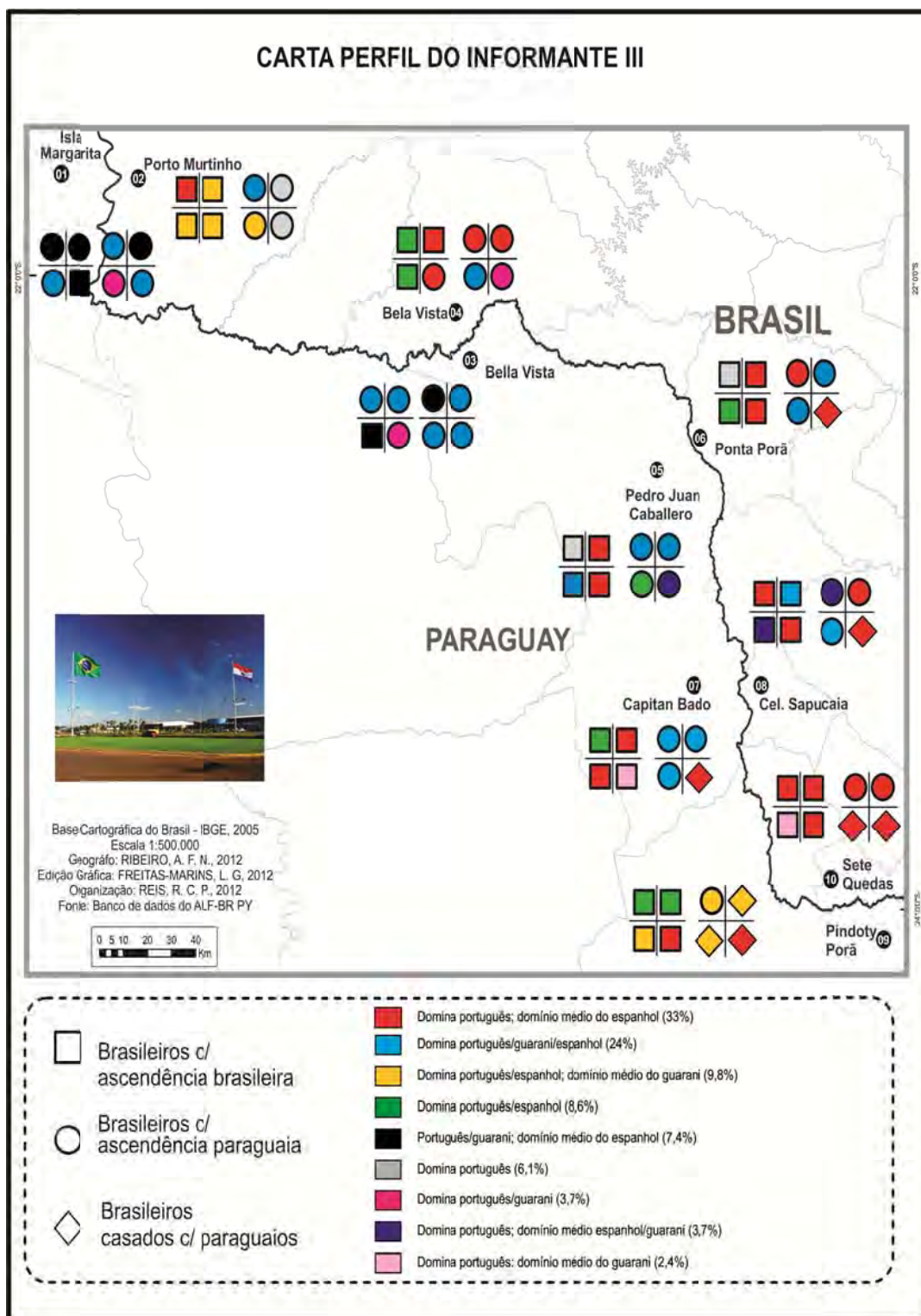
Inicialmente, a carta “Perfil do Informante III” sintetiza os dados relativos ao domínio linguístico dos 80 informantes entrevistados, distribuídos em dez localidades (08 por ponto). Segue-se a visualização dos registros da carta em questão:

⁷⁹ Cartas 001a, 001b e 001c.

⁸⁰ Cartas 037a, 037b e 037c.

⁸¹ Cartas 034a, 034b e 034c.

Carta Perfil do Informante III – Domínio Linguístico do falante

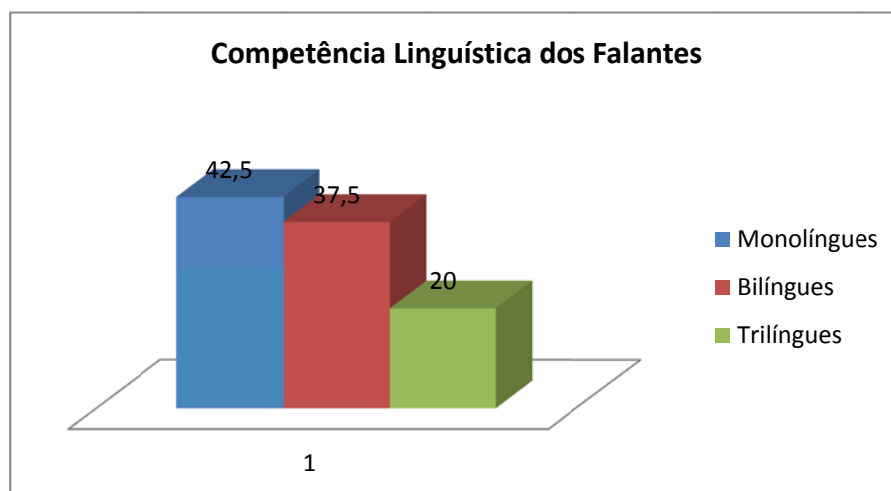


Do ponto de vista diatópico, na carta “Perfil do Informante III” figura a distribuição dos informantes no espaço geofísico investigado associando-os às questões de ascendência e/ou de parentesco por laços matrimoniais.

A análise dessa carta confirma o considerável índice de falantes bilíngues e trilingues que, em situação de contatos de línguas, tendem a dominar mais de um idioma. Mackey (2005, p.1484), tratando do assunto *contato de línguas*, afirma haver urgência na realização de investigações linguísticas em áreas de bilinguismo ou multilinguismo. Para o autor, essa urgência pauta-se no fato de que a linguagem poderá sofrer mudanças significativas ao longo do tempo, sobretudo, mudanças “em linha de demarcação entre estados-nação”, desencadeadas por vários fatores como instabilidades geofísicas, políticas, linguísticas e/ou culturais.

Tratando sobre a realidade linguística dos falantes desta tese, a Figura 58, a seguir, apresenta o percentual de informantes brasileiros distribuídos segundo a competência linguística.

Figura 58 - Competência linguística do falante (II)



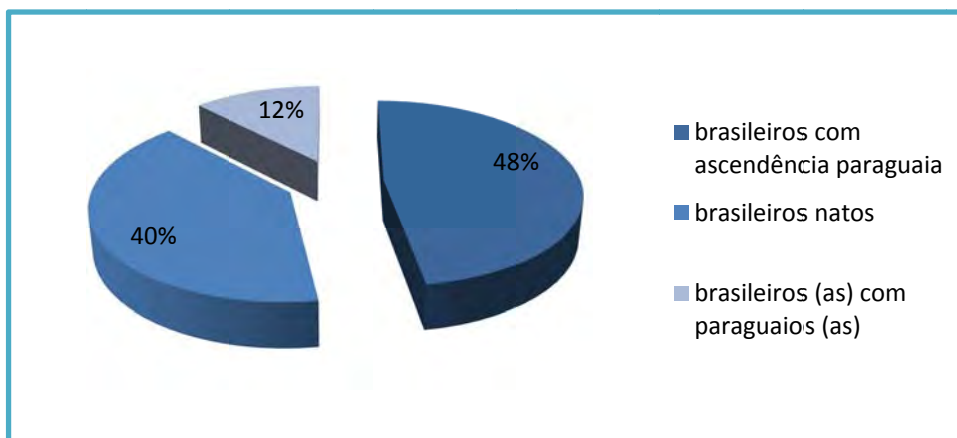
Pelos dados do gráfico, observamos que 42,5% dos falantes da pesquisa consideram-se monolíngues, 37,5%, bilíngues e 20% trilíngues, ou seja, 57,5% dos informantes entrevistados declaram dominar mais de uma língua na fronteira.

Diversos são os conceitos ligados ao assunto *domínio linguístico*, entre os quais, a classificação *competência linguística*. Nesse estudo, a aceção do conceito pautou-se na própria afirmação dos falantes acerca de quais idiomas

dominam. Ressaltamos, todavia, que em situação de fronteira torna-se complexa a designação *monolíngue*, por exemplo, pois o falante que não domina as línguas de contato, ainda assim, consegue interagir com o outro. Considerando essa assertiva, monolíngue, neste trabalho, compreende o falante que não estabelece a conversação em outra língua que não a sua *materna*⁸², mas, mesmo assim, desenvolve certo nível de compreensão das línguas faladas na fronteira Brasil/Paraguai.

A Figura 59, a seguir, apresenta o número de informantes brasileiros distribuídos em consonância a sua origem étnica e/ou os ligados por laços de parentesco à nação paraguaia:

Figura 59 – Características ligadas à ascendência



A distribuição de informantes, segundo sua origem étnica, revela que o maior percentual da pesquisa centra-se nos brasileiros com origem paraguaia, no total de 39 (48.75%) falantes, seguidos dos brasileiros com ascendência brasileira, com 33 (41.25%) e, em menor quantidade, os brasileiros (as) casados (as) com paraguaio(s), computando 08 (10%) informantes.

Na discussão que se segue, tratamos a questão dos contatos do espanhol e do guarani com o português, desencadeados pela situação fronteiriça, por amostragem.

⁸² Na acepção de Altenhofen (2002, p. 142-159).

4.1 CARTOGRAFIA: ANÁLISE POR AMOSTRAGEM

A cartografia e análise dos dados registrados consideraram o percentual de designações relacionadas a duas grandes áreas semânticas: Terra e Homem. Estas, por sua vez, encontram-se distribuídas em seis subcampos semânticos que são: Fenômenos Atmosféricos, Flora, Corpo Humano, Ciclos da Vida e Habitação. É essa divisão semântica que estrutura o Questionário Linguístico do ALF-BR PY⁸³.

Desse modo, procuramos ilustrar a realidade encontrada no falar das cidades “gêmeas”, objeto de estudo nesta tese. Para tanto, iniciamos a análise pelas respostas fornecidas para a pergunta nº 09 do questionário linguístico, que deram origem à carta 004a, intitulada “Neblina (Produtividade)” que, por sua vez, encontra-se subdividida em carta 004b, “Neblina (Contatos linguísticos)” e, 004c, “Neblina (diassexual e diageracional)”.

A carta “Neblina (Produtividade)”, caracterizada como Carta 004a, apresenta os seguintes dados: *neblina*, variante mais produtiva, com 52% das ocorrências; *cerração* (29%), *nevoeiro* (7%), *sereno* (3%), *névoa* (4%), *nuvem* (3%), *fumaça* (1%) e *nieve* (1%). O contato entre as línguas é efetivo, a presença do português, particularmente no lado paraguaio da fronteira, aponta a disseminação dessa língua e uma possível mudança linguística em curso nesse espaço geográfico.

A Figura 60, a seguir, ilustra as variantes ligadas à designação para o referente de *neblina*:

⁸³ Conferir o apêndice da tese.

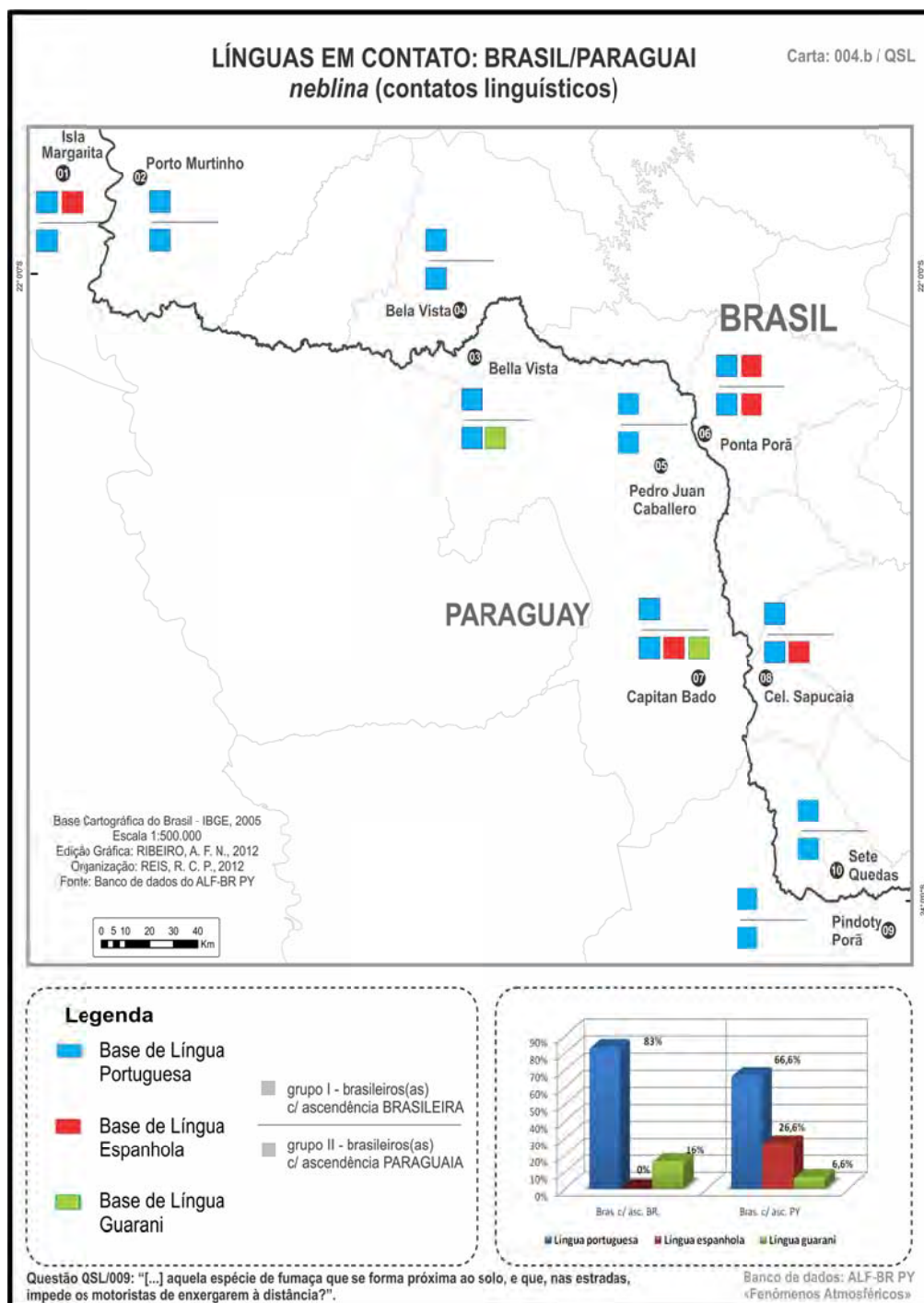
Figura 60 - Designações para *neblina*



Na análise dos dados da Figura 60, o elenco das ocorrências evidencia a variação do fato linguístico em questão, pois, no cômputo geral dos registros, são 10 variantes que somam um total de 121 ocorrências de fala para o conceito em pauta. A variante *neblina* lidera com 47,10% desse percentual, seguida de *cerração* com 26,44% e de *nevoeiro* com 6,61%. Já as demais nomeações (19,85%) apresentam baixo índice de ocorrências.

Em relação ao contato de línguas, a Carta 004b - *neblina* (Contatos linguísticos) - apresenta influências das línguas em contato sobre a língua portuguesa. Em termos de diferenças diatópicas, foram registrados, para a variante *neblina*, os contatos português-espanhol e português-guarani recorrentes nos pontos 01, 03, 06, 07 e 08. A legenda no interior da carta esclarece que o quadrado azul representa o grupo de brasileiros com ascendência brasileira e o círculo cheio representa o grupo de brasileiros com ascendência paraguaia. As cores vermelha, azul e verde indicam respectivamente se a variante é de origem portuguesa, espanhola ou guarani. Essa distribuição de cores põe em relevo a distribuição diatópica das variantes que denotam o contato entre as línguas. Nos demais pontos linguísticos, só registramos variantes de base portuguesa, conforme ilustra a imagem a seguir:

Carta 004b – Neblina (contatos linguísticos)



A análise dos dados da Carta 004b contempla as ocorrências *nieve* e *cerración*, ambas de origem espanhola, representando 16% desse uso no grupo de falantes com ascendência brasileira. Em contrapartida, a análise de fala do mesmo grupo apresenta, para os registros em língua portuguesa, um percentual de 83% dos usos para o fenômeno investigado. Sintetizando os resultados de análise para o fato linguístico referenciado, constatamos a migração da língua portuguesa

para o território paraguaio. Talvez essa paisagem linguística decorra da necessidade de manutenção da língua portuguesa pelo falante brasileiro com ascendência brasileira.

Ainda sob uma perspectiva analítica, a Carta 004b, *neblina*, desdobrada pelos grupos étnicos, apesar da baixa produtividade para as línguas em contato com registro apenas em língua espanhola, apresenta dados linguísticos relevantes.

Quanto ao grupo de brasileiros com ascendência paraguaia, o mesmo fenômeno se encontra representado por 66,6% de usos da língua portuguesa contrapondo-se a 26,6% dos registros em língua espanhola e 6,6% de usos em língua guarani. Esses dados apontam que a variação oriunda das línguas em contato é recorrente em 50% das localidades distribuídas na carta em questão.

A tabela, a seguir, referenda o exposto:

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

“NEBLINA”

Número da carta: 004b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

Questão: QSL/009: “...aquela espécie de fumaça que se forma próxima ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância”.

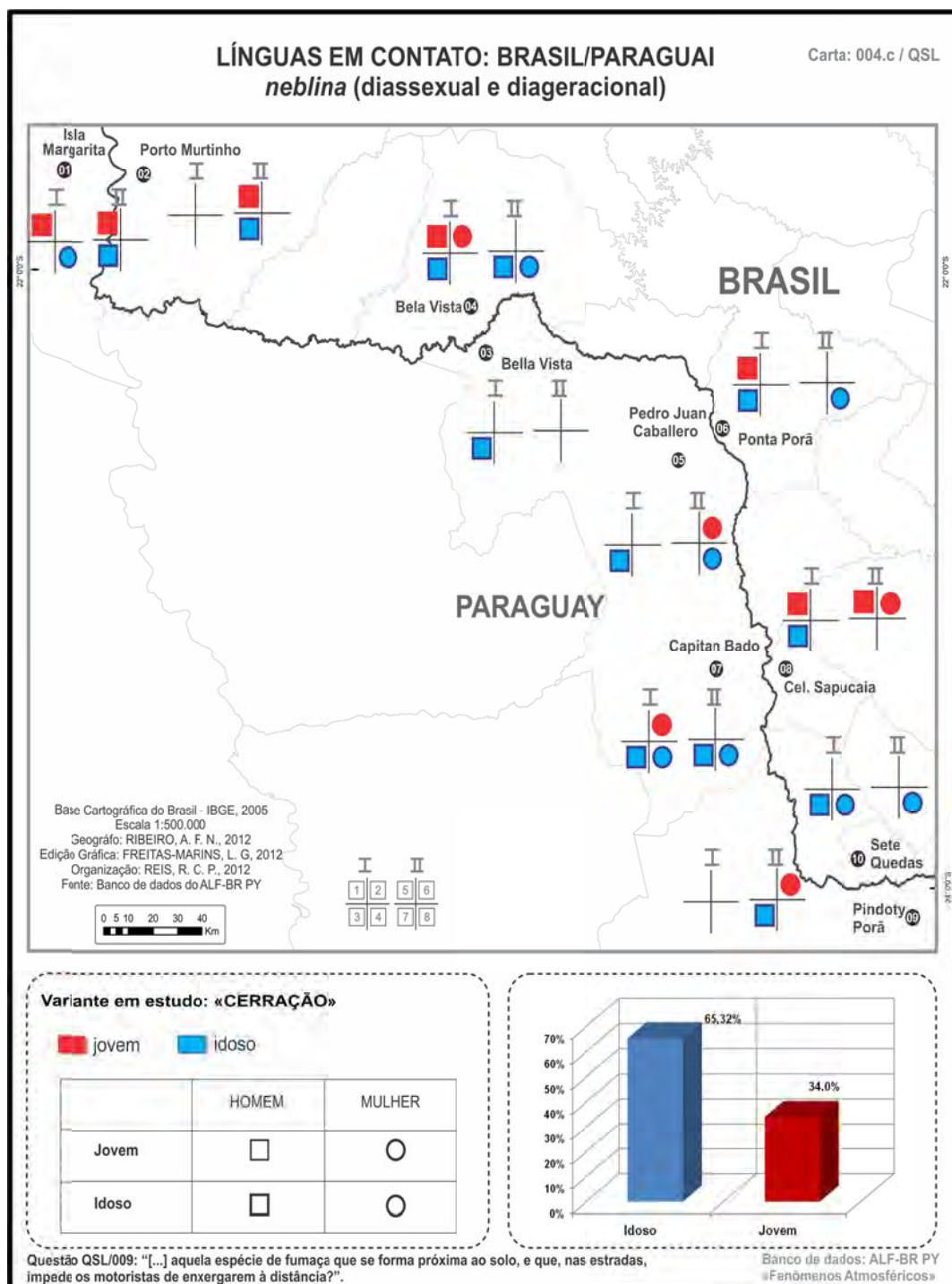
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Neblina	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Cerração	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Nuvem	PT	PT					PT			
Nevoeiro	PT		PT			PT	PT		PT	
Cerración	SP	SP		SP				SP	SP	
Sereno			PT			PT	PT	PT		
Névoa			PT						PT	
Neve				PT		PT				
Nuviado						PT				
Nieve								SP		
Fumaça (eiro)				PT						PT
Tatati				LN						
Nebulosidade				PT						

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani e LN= Língua não definida

A Tabela *Línguas em contato*, referente ao verso da Carta 004.b, *neblina* (Contatos linguísticos), permite visualizar os seguintes dados percentuais: 80% de variantes do português e 20% do espanhol. Se cruzados esses percentuais aos da Carta 004c, teremos em relevo a variável diageracional para esse fato linguístico. A análise desses dados assinala que o contato linguístico português-espanhol para a variante em questão, se encontra mais acentuadamente na segunda faixa etária, dados equivalentes nos dois lados da fronteira.

No caso dos dados sob análise, na Carta 004c, *neblina* (diassexual e diageracional), verificamos que a variante *cerração* predomina na fala do idoso, em 65,32% das respostas, contra 34,68% na fala do jovem, dados que apontam para ser esta uma variante diageracional, registrada nos dois territórios nacionais investigados. Vejamos os dados distribuídos na Carta 004c:

Carta 004c - neblina (diassexual e diageracional)



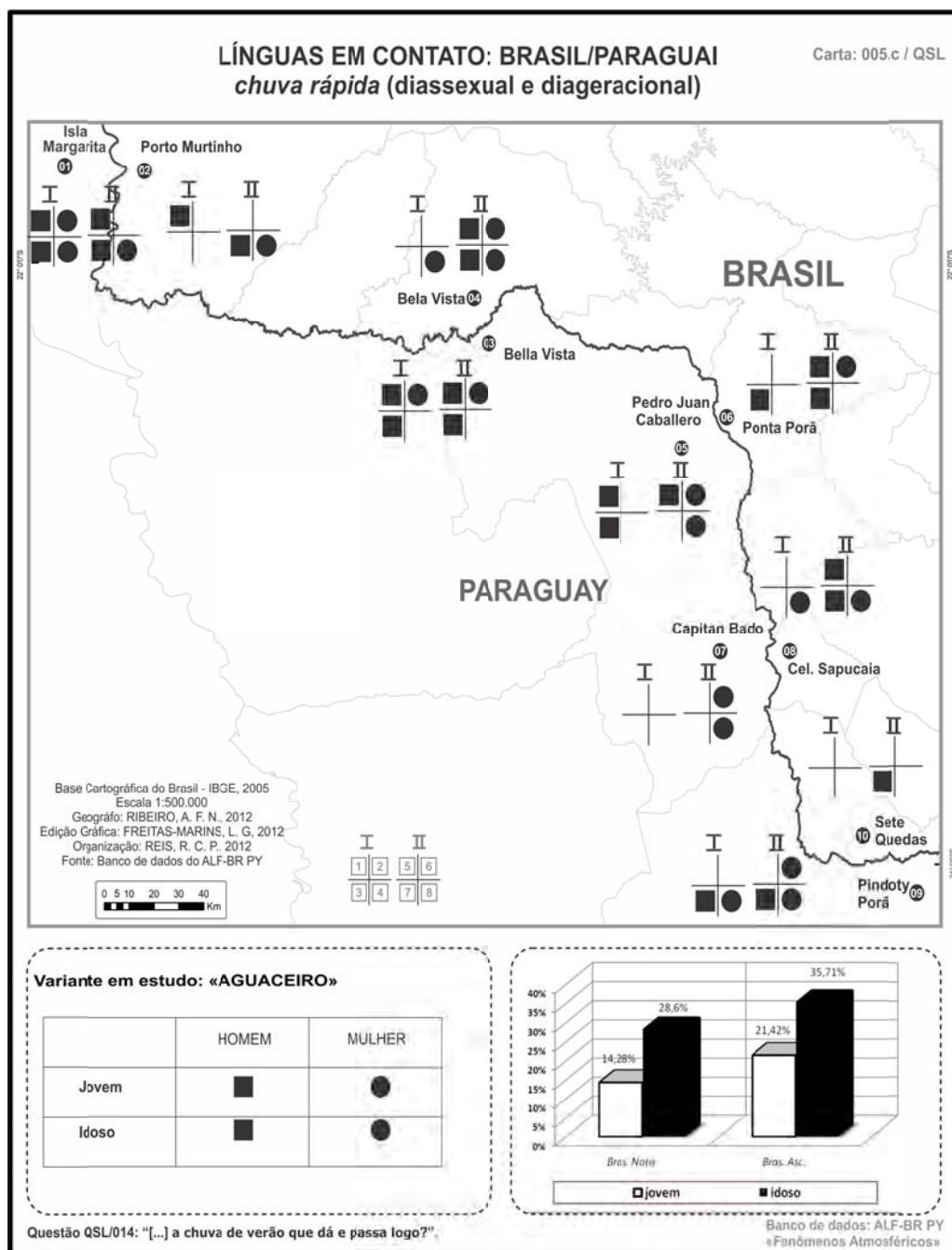
Particularmente, a visualização do gráfico quantitativo, impresso no canto inferior direito da Carta 004c, denota que *cerração*, assim como, a distribuição diatópica desse fato linguístico, revelam que esta é uma marca recorrente no falar do idoso, em ambos os sexos.

Em se tratando ainda da variável diageracional, mapeando a

designação para o conceito “chuva que dá e passa logo”, a Carta 005c, referente a “Aguaceiro” (diageracional e diassexual), averiguamos que a variante *aguaceiro* está sendo substituída entre os jovens por *chuva passageira*, *chuva de verão* e/ou *chuva rápida*.

A Carta 005c - *aguaceiro* - traz a distribuição diatópica dessas variáveis:

Carta 005c – Aguaceiro (diassexual e diageracional)



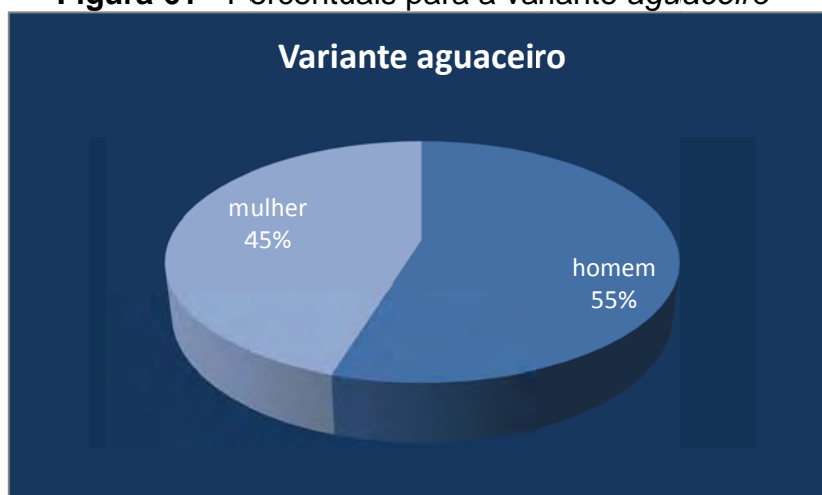
No conjunto geral dos dados da Carta 005c, a variante *aguaceiro* obteve o maior índice de ocorrências na 2ª faixa etária, em ambos os sexos, pois foram registrados 64,31% de ocorrências para o fenômeno linguístico em questão em contraponto ao percentual de 35,7% do falar da 1ª faixa etária. O dado revela que essa variante tende a desaparecer por se constituir uma forma linguística ligada à linguagem do idoso, já que na fala do jovem há inovações linguísticas como as citadas anteriormente, *chuva passageira*, *chuva de verão* e/ou *chuva rápida*. Estas

podem, em longo prazo, se fixar na oralidade.

O falar popular traz as marcas do conhecimento empírico, enraizadas no modo particular de ver a realidade, o que é próprio de cada cultura. Partindo desse ponto de vista, o indivíduo armazena, a seu modo, suas experiências, suas descobertas, singularmente, mais presentes nos usos de informantes da segunda faixa etária, visto tenderem mais ao conservadorismo linguístico.

Quanto ao dado diasssexual, constatamos também que a variante *aguaceiro* é mais recorrente na fala masculina que feminina, pois foi registrada em 54,76% de informantes homens e 45,23% na fala de mulheres. A Figura 61 permite visualizar esses percentuais:

Figura 61 - Percentuais para a variante *aguaceiro*



Na sequência, analisamos as variantes para o conceito “chuva com vento forte que pode até derrubar casas”, questão 16 do QSL, distribuídas nas Cartas 007a, *tempestade* (produtividade) e 007b, *tempestade* (contatos linguísticos).

Iniciamos pela Carta 007a, cuja distribuição diatópica dos dados revela influências das línguas em contato, particularmente do português e do espanhol, para a variante *tempestade*. A produtividade das variantes para o conceito investigado apresenta alto índice de ocorrências em língua portuguesa, cerca de 80%, e, em relação ao espanhol, em torno de 20%. Apesar da baixa produtividade em língua espanhola para as variantes registradas, há evidências do contato português-espanhol na fala dos brasileiros entrevistados.

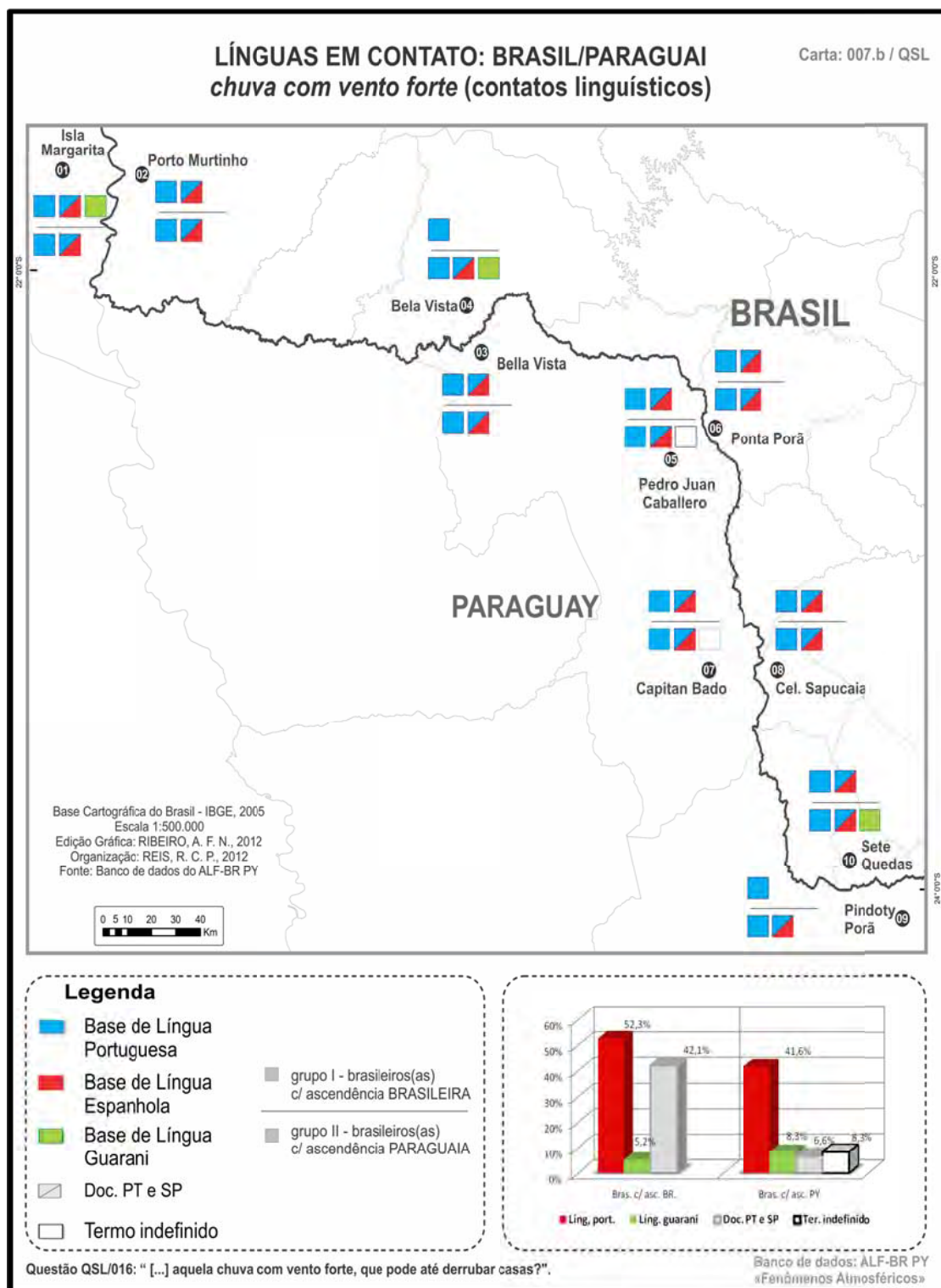
Do ponto de vista diatópico, isso se comprova na visualização dos

fatos nomeados. *Tormenta*, por exemplo, configura-se como evento linguístico que se encontra dicionarizado tanto em língua portuguesa quanto em língua espanhola. Variante mapeada em todas as localidades que formam a rede de pontos do ALF BR PY.

Em relação à designação *tormenta*, a representação das línguas portuguesa e espanhola na carta citada foi significativa, pois temos a produtividade de 50% da mesma ocorrência para ambas as línguas.

A Carta 007b traz a distribuição geolinguística associada às etnias predominantes:

Carta 007b – Chuva com vento forte (Contatos linguísticos)



Assim, a Carta 007b, *Chuva com vento forte*, mostra a frequência, associada à origem étnica, no Grupo I - brasileiros com ascendência brasileira, os termos da língua portuguesa (*tempestade, tormenta*⁸⁴, *vendaval, temporal, vento com chuva, chuva forte*) representam 52,3% das ocorrências, os da língua guarani 5,2% (Yvytá) das ocorrências e 42,1% de contatos (*tormenta, vento torrencielo*⁸⁵) entre as línguas que apontam a realidade linguística presente na fronteira Brasil/Paraguai. Nessa mesma perspectiva, no Grupo II - brasileiros com ascendência paraguaia, os termos da língua portuguesa (*tempestade, tormenta, vendaval, temporal, chuva forte, vento forte*) representam 41,6% das ocorrências, seguida dos de língua guarani (yvytá ama, yvytu) com 8,3%, além dos contatos, representados no nível lexical, entre o espanhol e o português com um percentual de 6,6% (*tormenta, vento torrencielo*). Finalizando com os termos de origem obscura, representando 8,3% (tiaparones).

Partindo dos dados elencados dos Grupos I e II, podemos afirmar, como parece ser uma tendência natural nessas questões, que a representatividade maior de marcas das línguas em contato se encontra no grupo de falantes ligados por origem étnica à cultura paraguaia, o grupo II. Do ponto de vista linguístico, a representatividade maior das línguas em contato na fala desse grupo, depõe a favor da assertiva de que, dependendo das raízes etno-culturais a que o falante está ligado, haverá reflexos dessa ligação na sua fala. O contrário também é verdadeiro, no sentido de que há uma tendência maior de conservação linguística, evidenciada no índice mais elevado de ocorrências de variantes da língua portuguesa - *tempestade, tormenta*⁸⁶, *vendaval, temporal, vento com chuva, chuva forte, vento forte* - (52,3%) na fala de informantes ligados ao grupo I, brasileiros com ascendência brasileira.

Vejamos a Tabela 007b, verso da Carta 007b, que aponta as variantes registradas na carta em questão:

⁸⁴ Variante dicionarizada em língua portuguesa e em língua espanhola.

⁸⁵ Variante cuja origem não foi definida.

⁸⁶ Variante dicionarizada em língua portuguesa e em língua espanhola.

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“CHUVA COM VENTO FORTE”

Número da carta: 007b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

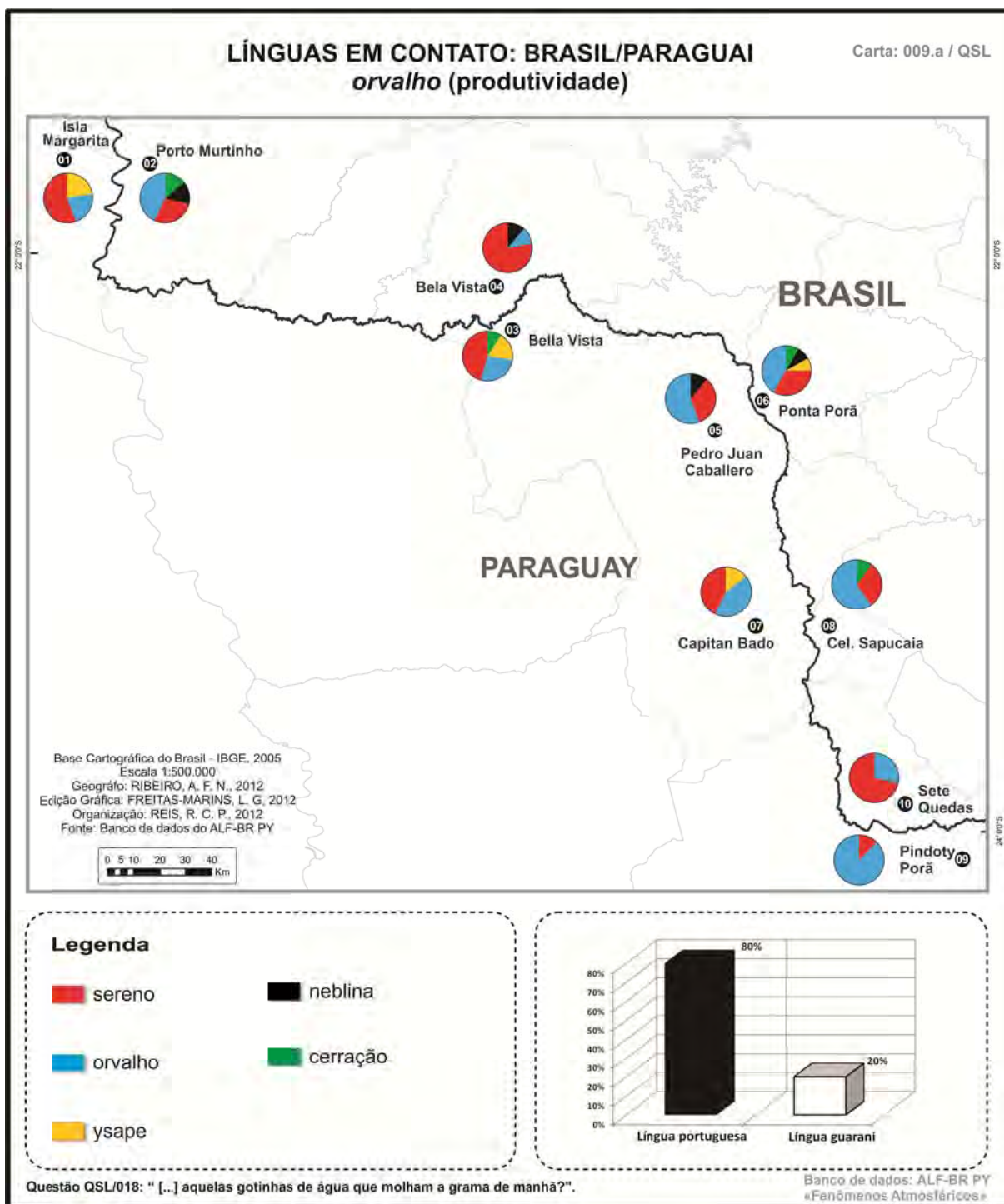
Questão: QSL/016: “... aquela chuva com vento forte, que pode até derrubar casas?”.

	PARAGUAY					BRASIL				
Variantes	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Tempestade	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Tormenta	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP		PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP
Vendaval	PT	PT		PT					PT	PT
Temporal	PT			PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Vento com Chuva	PT		PT		PT				PT	PT
Ventania			PT	PT			PT	PT		PT
Chuva Forte			PT				PT		PT	PT
Vento forte							PT			
Yvitú kuará	Gn									
Yvitú Vairatá	Gn									
Yvitú ama							Gn			
Yvitú										Gn
Vento torrencielo				PT/LN						
tiaparones			LN							

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani e
LN= Língua não definida

Quanto à Carta 009a, *orvalho* (produtividade), também obtivemos dados que se sobressaíram no *corpus* da pesquisa: a distribuição das variantes, apesar do índice de produtividade para as línguas em contato não ter sido tão significativo, em termos percentuais, registramos variantes da língua guarani, como *ysapã(ê)*, por exemplo, que denota a formação de uma isoglossa na fronteira, como se observa na Carta 009a:

Carta 009a – Orvalho (Produtividade)



Neste caso em particular, temos a designação *ysape*, termo do guarani para o referente de *sereno*, registro obtido nos pontos 01, 03, 06 e 07, dos quais, 83,33% estão presentes nos dados das localidades paraguaias da fronteira e apenas 16,6% no lado brasileiro. Fato que evidencia, para o referente em questão, a influência paraguaia nessa designação.

Como respostas à questão 018 do QSL, foram documentadas as variantes *sereno* (44,31%), *orvalho* (39,77%), *neblina* (4,54%), *cerração* (4,54%) e *ysapã* (6,81%). Dentre essas designações, o maior índice de produtividade foi obtido com a variante *sereno* com o percentual de 44,31% das ocorrências. A Figura 62 permite visualizar a distribuição desses percentuais:

Figura 62 - Designações para *sereno*

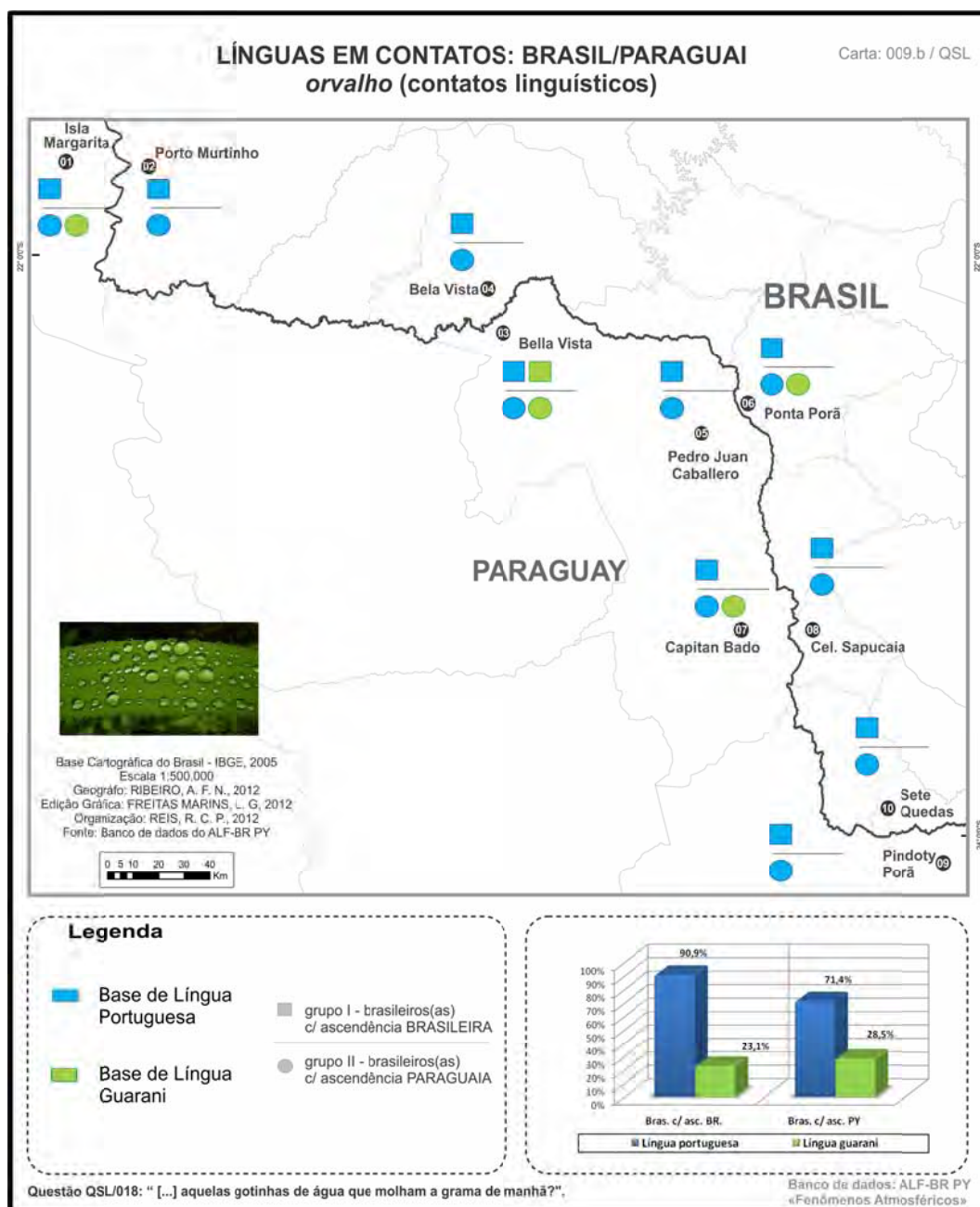


Os dados da Figura 62 mostram a distribuição percentual dos fenômenos linguísticos registrados para o conceito de *sereno*. O dado particular que sobressai, entre as demais nomeações, centra-se na variante *ysapã* que documenta um caso de bilinguismo individual (a classificação se justifica pelo baixo índice de ocorrência). O termo pode ser compreendido como a capacidade pessoal de utilizar duas línguas distintas somada à de compreender essas línguas nos seus usos ou, particularmente, dominar as expressões idiomáticas pertencentes a cada uma das línguas utilizadas (MACKEY, 2005, p.1485-1487).

Dando continuidade às análises da Carta 009a, os percentuais para as ocorrências por origem linguística revelam que, na fala de brasileiros com ascendência brasileira, os termos da língua portuguesa representam 93% das ocorrências e o da língua guarani, 7%. Quanto ao grupo de brasileiros com ascendência paraguaia, o índice de registros em língua portuguesa também sobressai com 71,4% das ocorrências, seguida da língua guarani com 28,5%. Dados que permitem afirmar, ancoradas em Mackey 2005, que existem graus de bilinguismo e estes podem ser medidos por meio de diferenças sutis na fala, também

chamadas de *distância interlinguística*. É possível, desse modo, saber quanto o falante domina das línguas que fala, por isso fala-se em graus distintos de estilos, registros e dialetos. Continuando as análises, apresentamos a Carta 009b:

Carta 009b – Orvalho (Contatos Linguísticos)

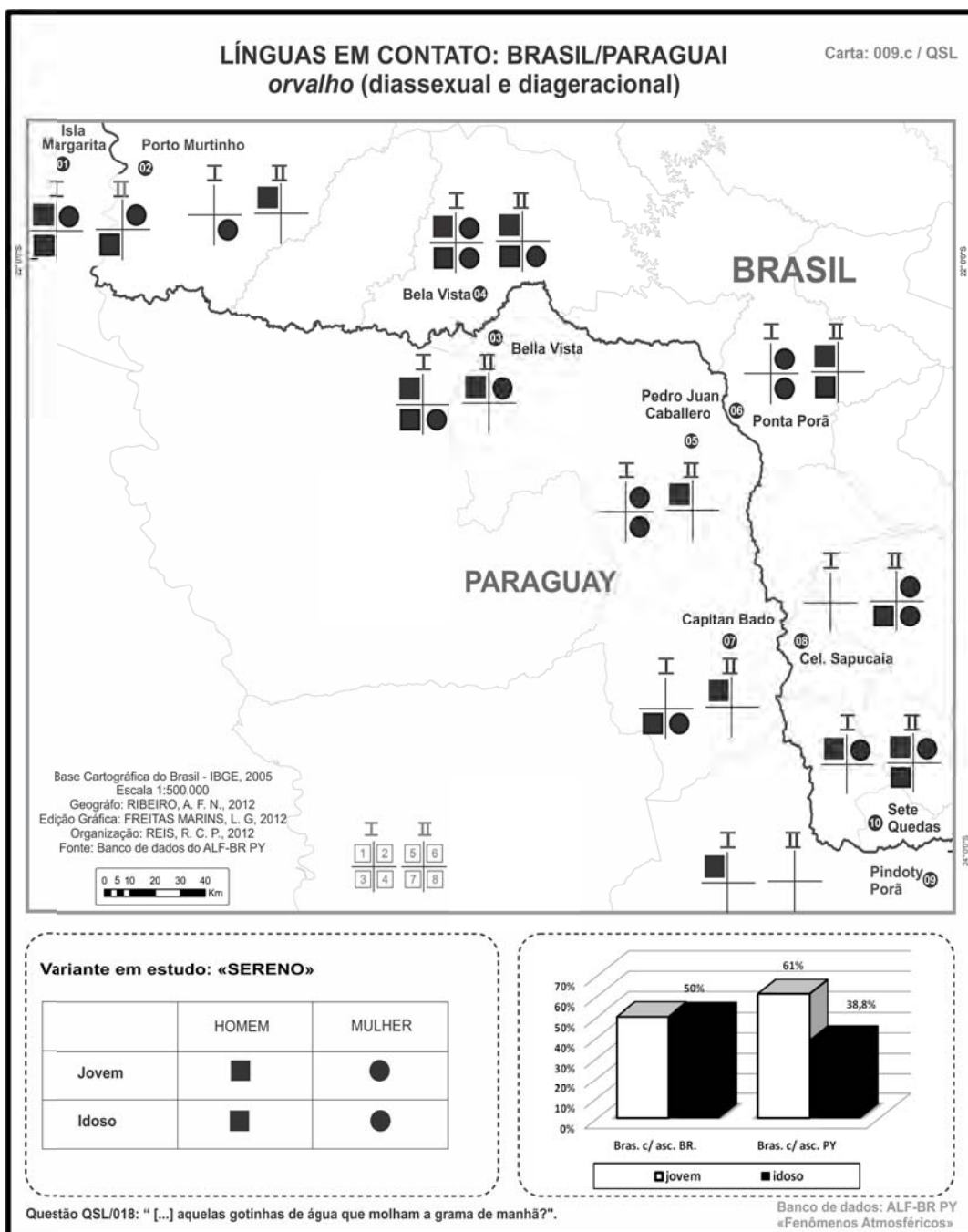


Ao analisarmos as cartas que apresentam a origem linguística do falante, particularmente, em relação aos brasileiros(as) casados(as) com paraguaios(as), apreendemos traço linguístico diferenciador nas amostras de fala desse grupo em comparação com os demais: o índice de ocorrência oriunda das

línguas em contato (português-espanhol, português-guarani, espanhol-guarani e guarani-espanhol), no caso, a língua guarani, se sobressaiu no Grupo II, com 80% do registro dessa língua presente no lado paraguaio da fronteira e apenas 20%, no lado brasileiro. Fato que denota forte influência da língua guarani na fala de brasileiros que vivem no país vizinho.

Vejamos, a seguir, a Carta 009c, variante *orvalho*, com variação oriunda apenas da língua portuguesa (100%):

Carta 009c – Orvalho (diassexual e diageracional)

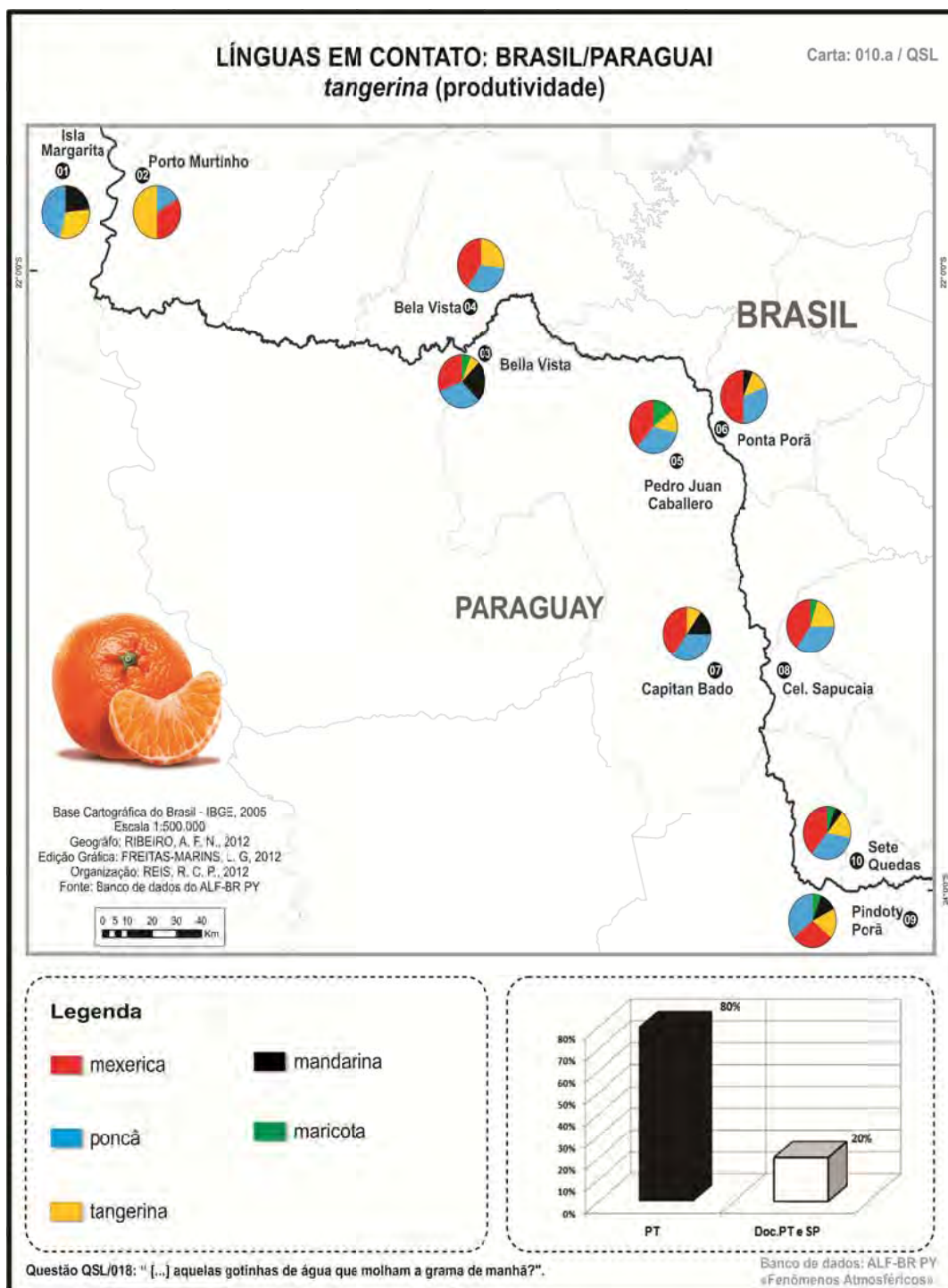


Outro fator discutido na análise dos dados diz respeito ao baixo índice de marcas de contato, notadas em parte das cartas linguísticas elaboradas, especialmente, quando investigamos o falar do grupo com ascendência paraguaia (há cartas sem marcas de contato linguístico como a 039 e a 040). Na carta 009c, por exemplo, há ausência de marcas das línguas em contato com registros de variantes apenas oriundas da língua portuguesa. Essa constatação pode estar associada à atitude linguística e/ou ao contexto situacional no qual o falante está

inserido, já que a tendência é o falante sentir-se mais seguro no uso de sua *língua materna* (quando domina mais de uma, a mais usada pelo falante).

Relacionada ao campo semântico Flora, apresentamos a Carta 010a:

Carta 010a – *Tangerina* (Produtividade)



Os dados gerais computados para o conceito de *tangerina*⁸⁷ revelam percentual aproximado entre a língua portuguesa (40,90%) e a guarani (36,36%), em relação ao grupo I (brasileiros com ascendência brasileira), dados relevantes considerando a forte influência dessas designações obtidas dentro do contexto de línguas em contato. Já as obtidas na fala do grupo II (brasileiros com ascendência paraguaia) revelam percentuais idênticos para o uso das línguas portuguesa e espanhola, ambas com 37,50% das ocorrências (*mandarina, maricota, tangerina e poncã*), além do percentual de 25% de termo oriundo do guarani (*lima poã*).

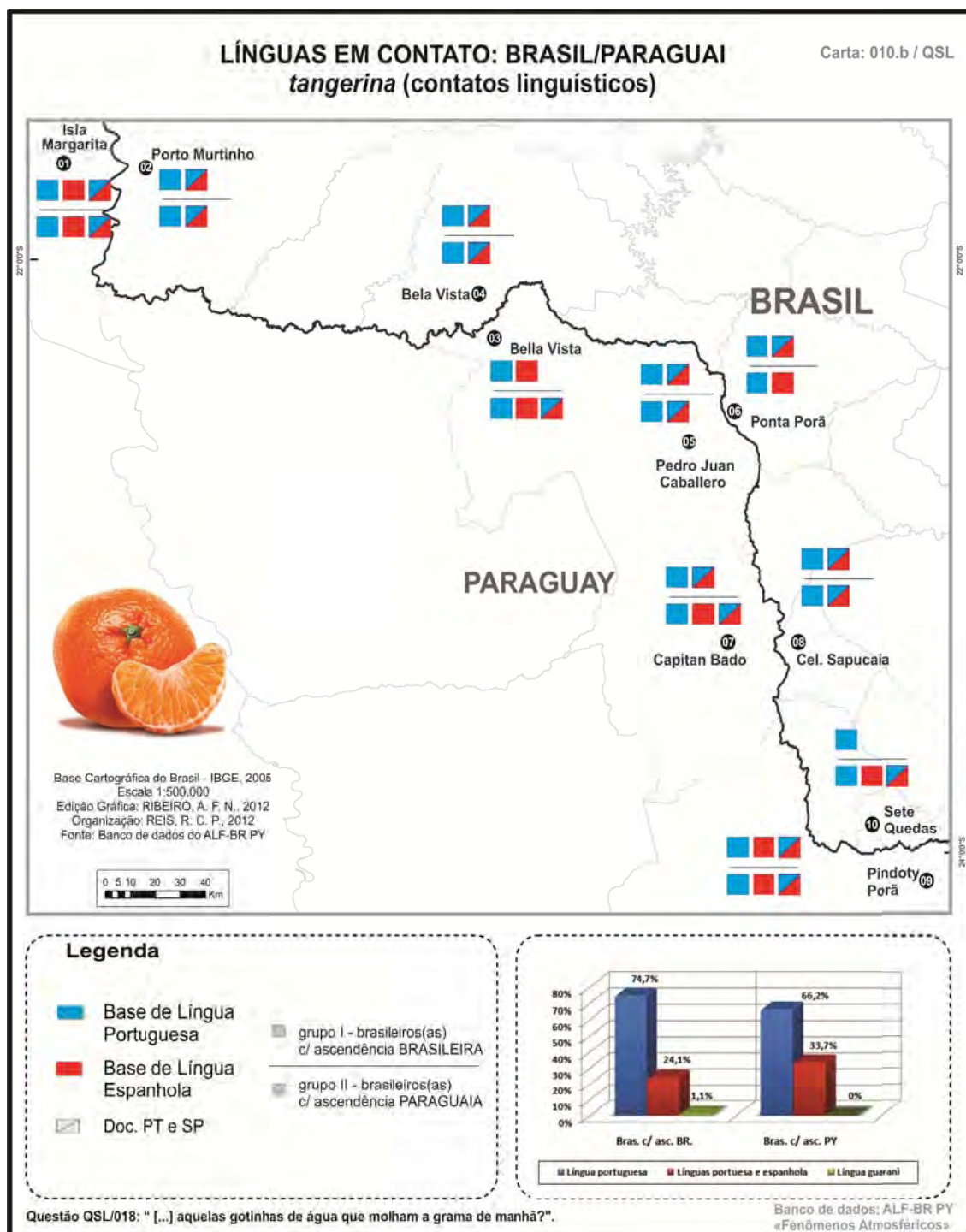
A assertiva anterior parece contraditória, se considerarmos que o guarani é mais falado pelos paraguaios do que o espanhol⁸⁸, influência linguística que atinge diretamente falantes brasileiros com ascendência paraguaia. A contradição poderia ocorrer, ainda, tendo em vista que, no lado paraguaio da fronteira, o guarani é língua nativa e o espanhol, língua transplantada. Pensando nas questões teóricas que envolvem o bilinguismo/plurilinguismo, podemos ancorar a análise no fato de que o bilinguismo gerado por meio do contato entre dois idiomas de comunidades distintas pode, ao longo do tempo, encontrar pontos convergentes ou, até mesmo, alcançar um ponto de fusão entre os dois sistemas linguísticos que estão em contato, podendo até gerar um terceiro sistema (ROMAINE, 1995, p. 01-02).

Os percentuais apresentados na Carta 010a constituem-se num claro exemplo desse tipo de realidade linguística, pois as variantes impressas na carta revelam que há influências das línguas em contato fronteiriças sobre a língua portuguesa ali falada. Fator observável por meio do registro de designações dos idiomas guarani e espanhol (*mandarina e lima poã*) na fala de informantes brasileiros.

A carta 010b *tangerina* (contatos linguísticos), a seguir, permite visualizar diatopicamente os dados expostos anteriormente:

⁸⁷ Dados, para esta variante, publicados parcialmente em artigo científico (REIS, 2012, p. 367-392).

⁸⁸ Cf. Reis, 2006.

Carta 010b – *Tangerina* (Contatos linguísticos)

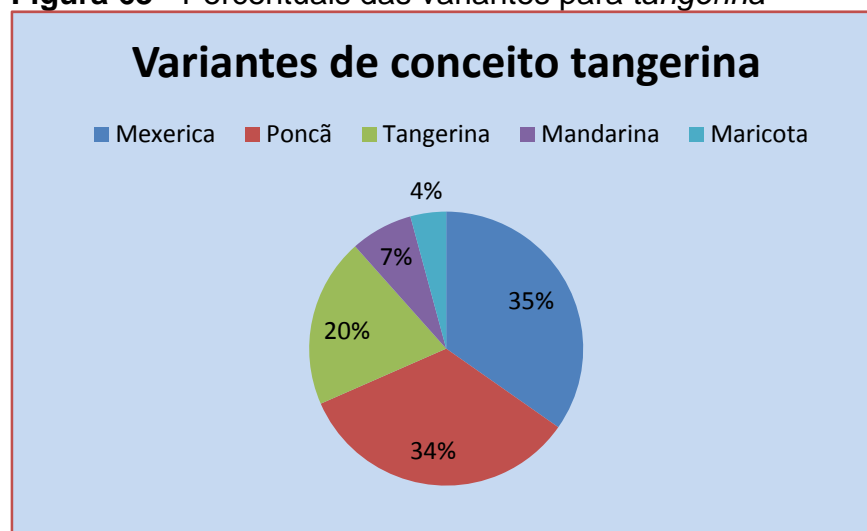
A Carta 010b dispõe dados, em percentuais, segundo a origem linguística das ocorrências. No Grupo I, brasileiros com ascendência brasileira, a língua portuguesa representou 74,71% das ocorrências [*poncã* (27 ocor.), *mexerica* (31 ocor.), *maricota* (06 ocor.) e *fuxiqueira* (01 ocor.)] e as variantes que se encontram documentadas nas duas línguas, português e espanhol, com 24,13% das ocorrências [*tangerina* (13 ocor.), *mandarina* (05 ocor.) e *bergamota* (03 ocor.)]. E,

ainda, como ocorrência única, em língua guarani, avariante *lima poã* com 1,14%. Quanto ao Grupo II, brasileiros com ascendência paraguaia, a língua portuguesa representou 66,29% das ocorrências: *poncã* (30 ocor.), *mexerica* (28 ocor.) e *maricota* (01 ocor.), e as variantes que se encontram documentadas nas duas línguas, português e espanhol, com 33,70% das ocorrências: *tangerina* (18 ocor.), *mandarina* (09 ocor.) e *bergamota* (03 ocor.).

Os percentuais dispostos na análise anterior apontam que, assim como os tipos existentes para a “fruta parecida com a laranja que se descasca com a mão” são muitos, dadas as misturas entre espécies distintas ou pela própria ação humana, assim também são diversas as variantes que a nomeiam.

Em consonância aos aspectos teóricos difundidos no capítulo II desta tese, parece consensual em questões que envolvem a origem linguística do falante, que a língua seja passada de uma geração para outra pela fala da mãe, independentemente de quem represente esse papel no núcleo familiar. Notamos na análise do fato linguístico investigado que este se encontra ligado ao vocabulário da alimentação, designações repassadas, frequentemente, pela fala da mãe e que, por esse motivo, podem estar mais relacionadas à origem étnica do falante. Talvez o maior percentual de ocorrências para o conceito em questão esteja ligado a esse fato: maior percentual de ocorrências em língua portuguesa por falantes com ascendência brasileira e maior percentual de ocorrências das línguas de contato, guarani e espanhol, na fala de informantes com ascendência paraguaia.

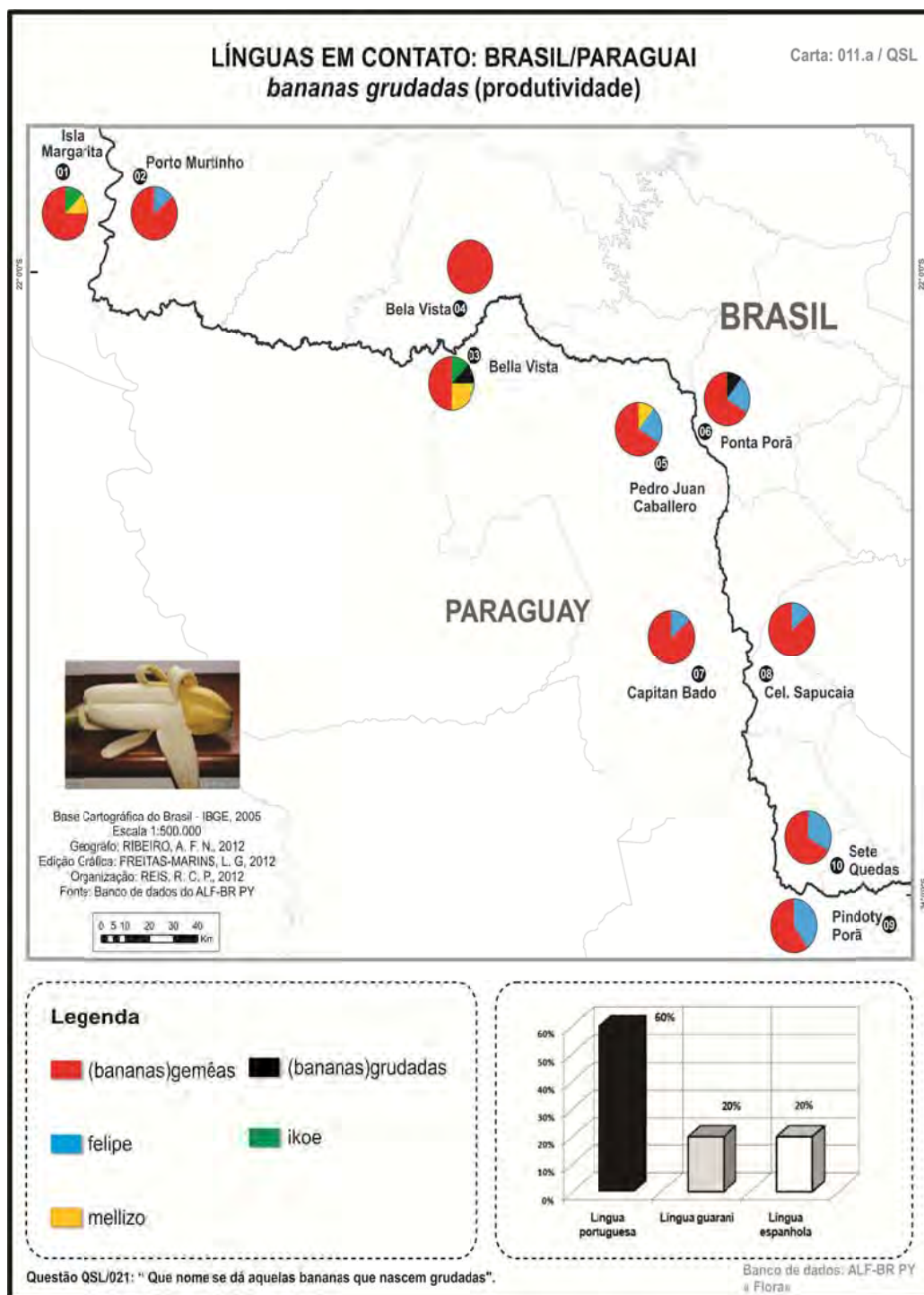
A Figura 63 mostra que a maior ocorrência na fronteira, para o referente em questão, é *mexerica* (58), seguida de *poncã* (57), *tangerina* (33), *mandarina (china)* (13) e da *maricota* (08), variantes apresentadas em percentuais:

Figura 63 - Percentuais das variantes para *tangerina*

Considerando ainda os dados visualizados, a variante *mexerica* é a mais frequente com um total de 35 % das ocorrências, quase simultaneamente a ela, apresenta-se a variante *poncã* com 34% e, em terceiro lugar, a designação *tangerina* com 20% das ocorrências. Com baixo índice de produtividade, seguem-se as variantes *mandarina* (7%) e *maricota* (4%) e, com 1% de ocorrências cada, *fuxiqueira* e *lima poã*. O cômputo geral das variantes de maiores ocorrências fornecidas pelos entrevistados indicam que as designações obtidas para o referente de *tangerina* são recorrentes em toda a fronteira estudada, exceto *mexerica* que não foi registrada apenas no ponto 01.

A Carta 011a traz as variantes para bananas grudadas:

Carta 011a – Bananas Grudadas (Produtividade)

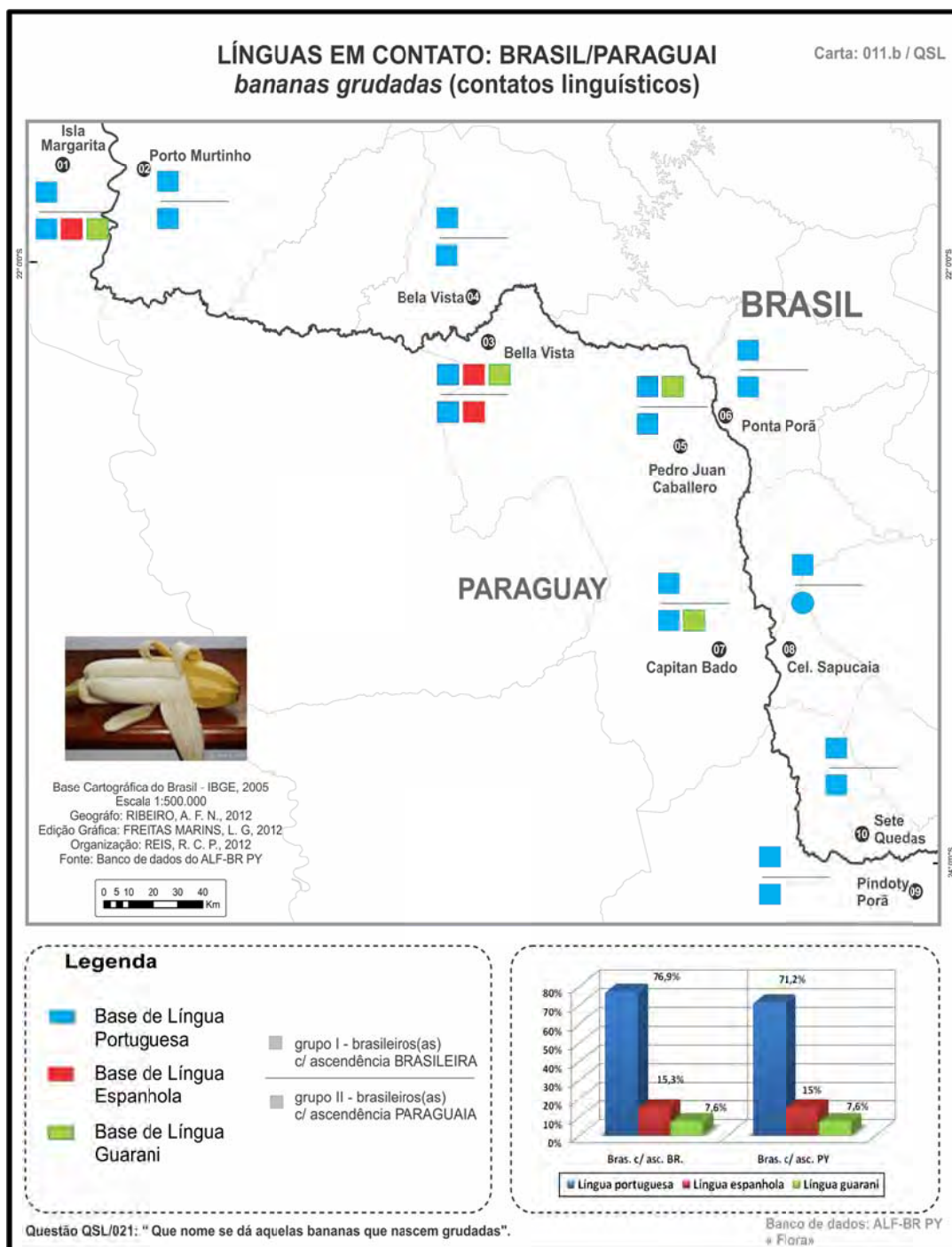


Para o conceito “bananas que nascem grudadas”, podemos observar as marcas da influência das línguas em contato na fala dos grupos investigados, pois os informantes designaram o referente em questão com variantes das três línguas faladas na fronteira: o português, o guarani e o espanhol (*bananas gêmeas/grudadas, felipe, ikoe e mellizo*). A variante de maior ocorrência, *bananas*

gêmeas, foi registrada em todas as localidades que formam a rede de pontos do ALF-BR PY, apontando para o prestígio desta variante e sua difusão no espaço geográfico pesquisado.

A Carta 011b, a seguir, expõe a distribuição das línguas registradas em cada localidade pesquisada.

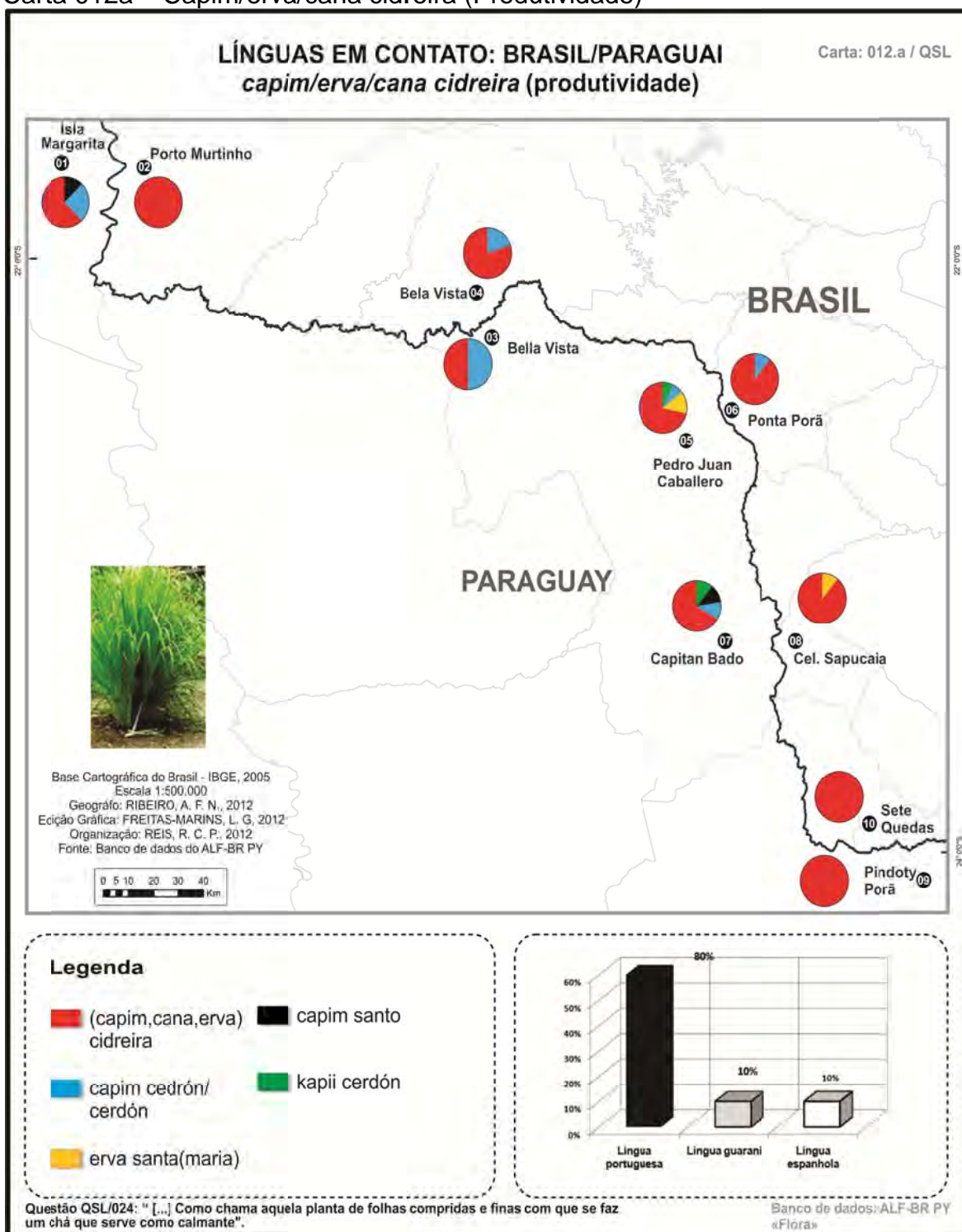
Carta 011b – Bananas Grudadas (Contatos linguísticos)



A visualização da Carta 011b aponta interinfluências das línguas em contato pelas variantes do espanhol e do guarani presentes apenas no lado paraguaio da fronteira, particularmente, nos pontos 01, 03, 05 e 07. Quanto ao lado brasileiro, houve somente designações em língua portuguesa para o conceito de bananas gêmeas. Os percentuais no lado paraguaio representam 45.5% de ocorrências oriundas das línguas de contato.

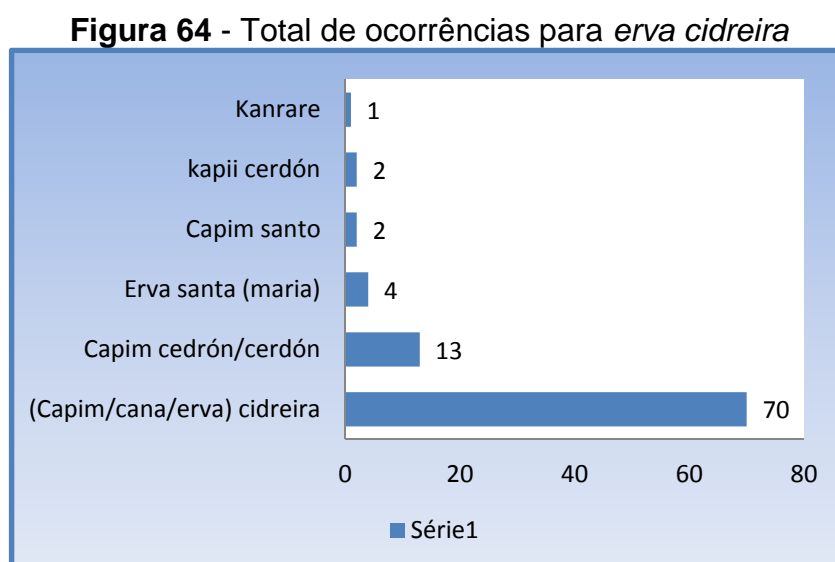
Quanto ao conceito “... planta de folhas compridas e finas com que se faz um chá que serve como calmante”, questão 24 do QSL, a Carta 012a, *erva cidreira*, revela os contatos linguísticos ocasionados pelas influências linguísticas e culturais em regiões de fronteira.

Carta 012a – Capim/erva/cana cidreira (Produtividade)



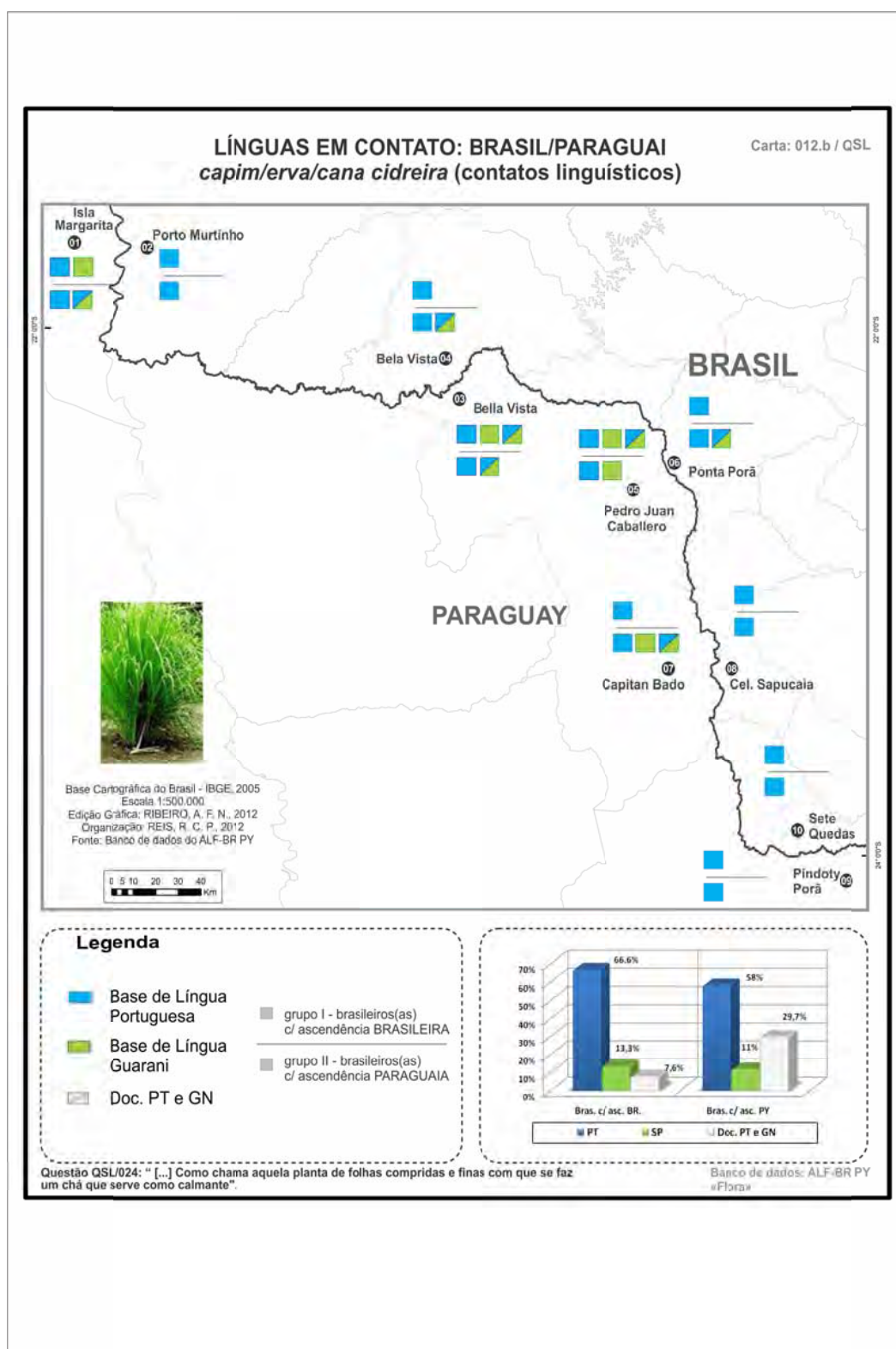
Nesta carta, quanto ao contato português-guarani e português-espanhol, a distribuição diatópica das variantes para *erva cidreira* aponta as línguas espanhola e guarani em contato com a língua portuguesa, pois, do total das ocorrências, em termos percentuais, temos 80% de variação em língua portuguesa: *capim/cana/erva cidreira*, *capim santo* e *erva santa (maria)*, 20% em língua guarani (*kapii cerdón* e *kanrare*), somadas às expressões compostas como *capim cerdón* ou *capim cedrón* (português/guarani).

A Figura 64 mostra a quantidade de variantes obtidas em cada ponto linguístico para o conceito de *erva cidreira*:



A Figura 64 aponta que, do total de 92 registros, a maior ocorrência para o conceito de *erva cidreira* foi *erva/capim/cana cidreira* com 70 ocorrências (76,08%), seguida da variante *capim cerdón/cedrón* com 13 (14,13%), logo após, *erva santa* com quatro (4,34%), *capim santo* com duas (2,17%), *kapii cerdón* com 02 (2,17%) e *kankare*, como ocorrência única (1,08%). A Carta 012b - *Capim/erva/cana Cidreira* (contatos linguísticos) - revela a distribuição dos dados obtidos por origem linguística para o conceito de *erva cidreira*:

Carta 012b – Capim/erva/cana cidreira (Contatos linguísticos)



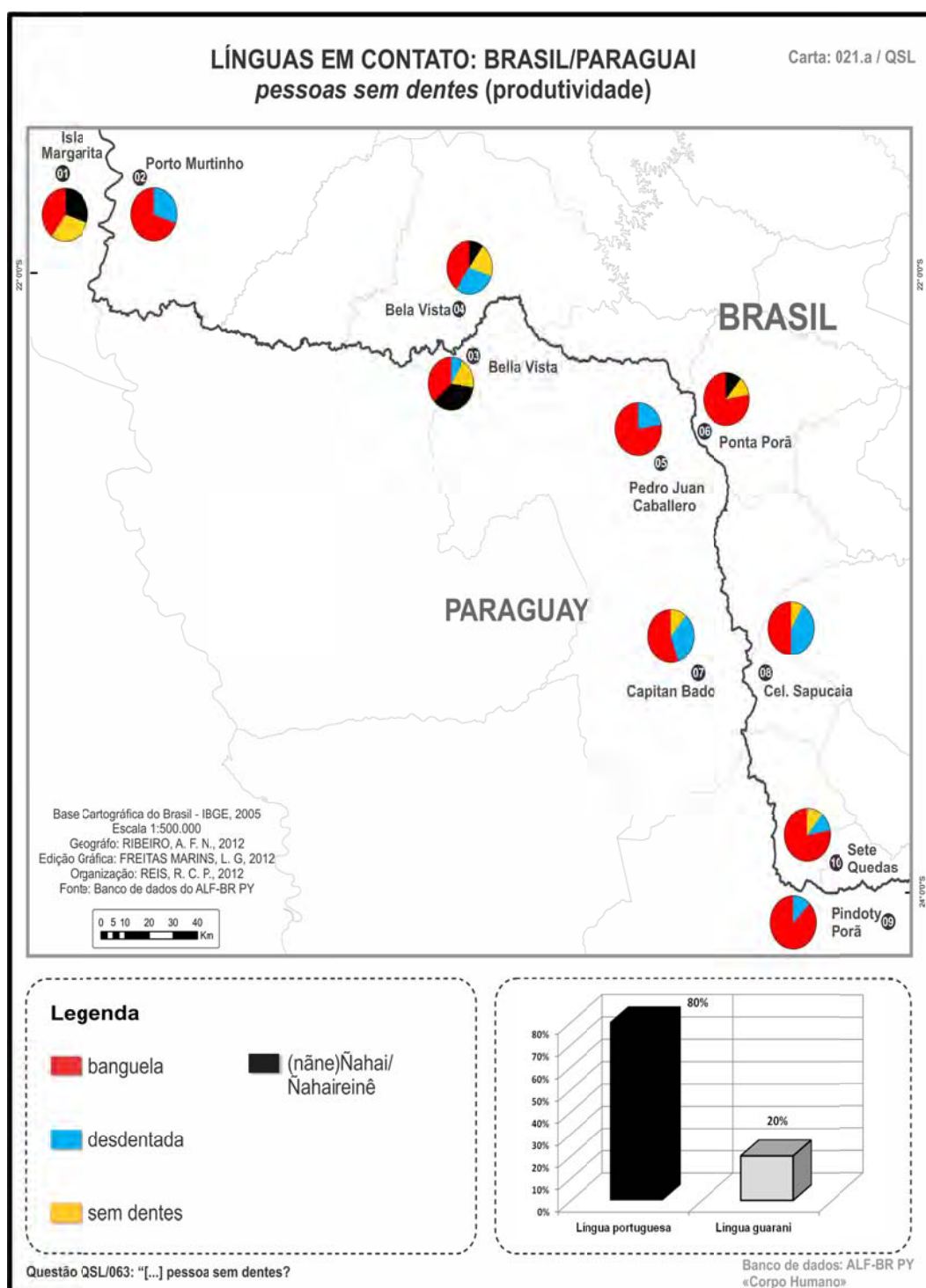
No cômputo geral, a influência da origem étnica encontra-se representada no gráfico quantitativo da carta da seguinte forma: na fala de informantes brasileiros com ascendência brasileira (G1), as variantes em língua portuguesa alcançaram um percentual de 45,36% das ocorrências: *capim/cana/erva cidreira* (39 ocor.), *capim santo* (02 ocor.) e *erva santa (maria)* (03 ocor.), seguidas das variantes oriundas do português/guarani: *capim cedrón/cerdón* (04 ocor.)] ou do guarani [*kanrare* (01 ocor.), estas últimas representando 5,15%; e, na fala dos informantes brasileiros com ascendência paraguaia (G2), as variantes em língua portuguesa alcançaram um percentual de 37,11% das ocorrências [*capim/cana/erva cidreira* (35 ocor.) e *capim santo* (01 ocor.)], seguidas das variantes documentadas em português/guarani: *capim cedrón/cerdón* (09 ocor.) com um percentual de 9,2% e do guarani: *kapií cerdón* (02 ocor.) com 2,06%.

Os dados expostos representam outro exemplo de bilinguismo gerado por meio do contato entre dois idiomas de comunidades distintas que, ao longo do tempo, encontram pontos linguísticos convergentes entre si (ROMAINE, 1995, p. 01-02).

A amostragem de análise de dados confirma influências das línguas em contato, guarani e espanhol, sobre a língua portuguesa falada na fronteira. Em termos de contatos entre línguas, alguns fatores extralinguísticos são essenciais para que haja variação no nível lexical da língua.

A carta 021a ilustra a dimensão diatópica de variantes ligadas ao conceito para *Pessoas sem dentes*:

Carta 021a – Pessoa sem dentes (Produtividade)



Nas cartas linguísticas do atlas da fronteira, a dimensão diatópica se sobressai por permitir visualizar uma questão bastante relevante do ponto de vista da competência linguística do falante. Esta questão reflete-se, sobretudo, no ponto 10 do ALF – BR PY, pois é constituído de 90% de falantes monolíngues e apenas 10% de bilíngues. Dado perceptível na recolha dos fatos linguísticos registrados

nesse ponto, pois a maior parte deles tem suas origens na língua portuguesa (conferir cartas 12abc, 13abc, 16abc, 18abc, 20abc que compõem o volume II desta tese).

Para explicar essa particularidade linguística do ponto 10, confirmamos a teoria de Mackey (2005) que aponta a competência linguística do falante como ferramenta que desencadeia os contatos linguísticos, sejam bilíngues, trilíngues ou plurilíngues.

Outro fator importante que nos conduziu à análise dessa característica linguística dos falantes do ponto 10, centra-se nas questões de migração e povoamento da localidade investigada que, basicamente, se constitui de nordestinos, gaúchos e descendentes. Entre as características mais marcantes de nordestinos e de gaúchos parece ser a de conservação de marcas linguísticas que representem suas comunidades de origem. Daí talvez decorra o fato de serem menos receptivos à aquisição de outros idiomas, postura refletida no estudo das variantes mapeadas.

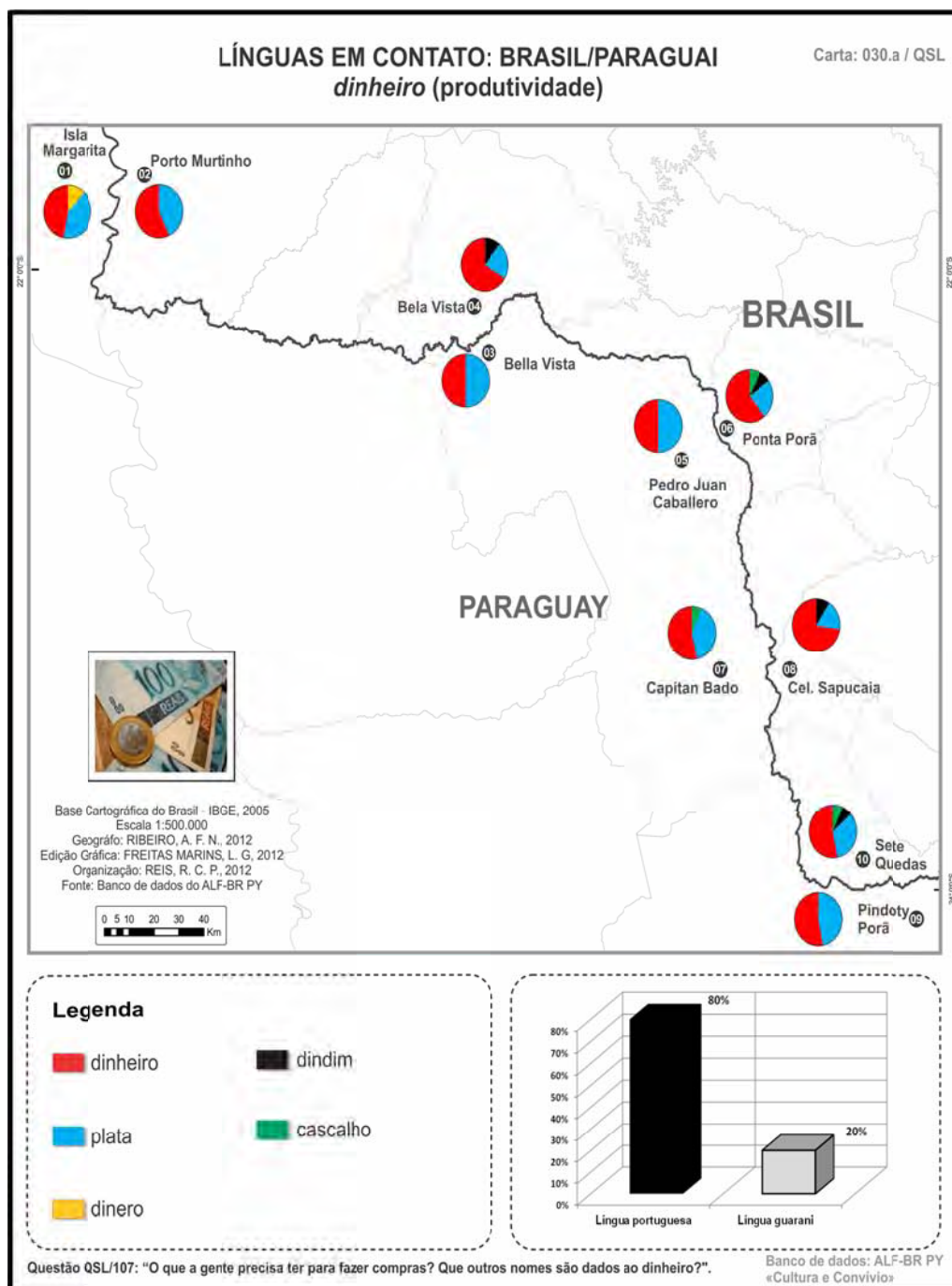
A dimensão dialingual também aponta dados que permitem afirmar que a competência linguística do falante (bilíngue ou plurilíngue) intensifica os contatos e é fator desencadeante da predominância de maior ocorrências das línguas guarani e espanhol sobre a língua portuguesa, nas localidades norte da fronteira, se comparadas linguisticamente às do sul. Isto ocorre porque o maior índice de falantes bilíngues e plurilíngues, entrevistados na pesquisa de campo, se concentra nesse lado da fronteira. Dos pontos 01 a 04, por exemplo, 87,5% dos entrevistados são bilíngues ou plurilíngues e, apenas, 12,5% são compostos de falantes monolíngues.

Por outro lado, ainda em termos de competência linguística do falante, dos pontos 05 a 09, há a mescla desse perfil do informante, pois 50% dos falantes são monolíngues e 50% bilíngues ou trilíngues, somadas à questão linguística observada no ponto 10 (Sete Quedas), onde 90% dos entrevistados são monolíngues. Esse dado apresenta pluralidade em relação à competência linguística dos falantes deste estudo, fator que influencia, consideravelmente, as marcas de contato linguístico na fronteira.

Somados aos fatos já apresentados, as intensas trocas culturais entre os grupos da fronteira acentuam a variação linguística presente nos contatos entre as línguas. Para ilustrar nossa reflexão, a Carta 030a apresenta a variação do

conceito para *dinheiro*, oriundas das línguas em contato. Desse modo, a carta registra o uso da designação dinheiro e, em co-ocorrência, a variante *plata*, de origem espanhola, registrada em todas as localidades pesquisadas. Talvez esse fato linguístico registrado seja decorrente das intensas trocas comerciais e culturais que acontecem comumente entre Brasil/Paraguai:

Carta 030a – *Dinheiro* (Produtividade)



Como podemos verificar, a partir da Carta 030a, a designação *plata* (dinheiro) pode ser configurada como empréstimo linguístico, oriundo do espanhol, cristalizado na fala de brasileiros da fronteira, haja vista o registro dessa variante também na fala de informantes monolíngues. A Tabela 030b traz a distribuição das variantes pelos pontos e informantes:

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“DESIGNAÇÕES PARA DINHEIRO”

Número da carta-> 030b

Campo Semântico: “Cultura e Convívio”

Questão: QSL/002: “O que a gente precisa ter para fazer compras? Que outros nomes são dados ao dinheiro?”.

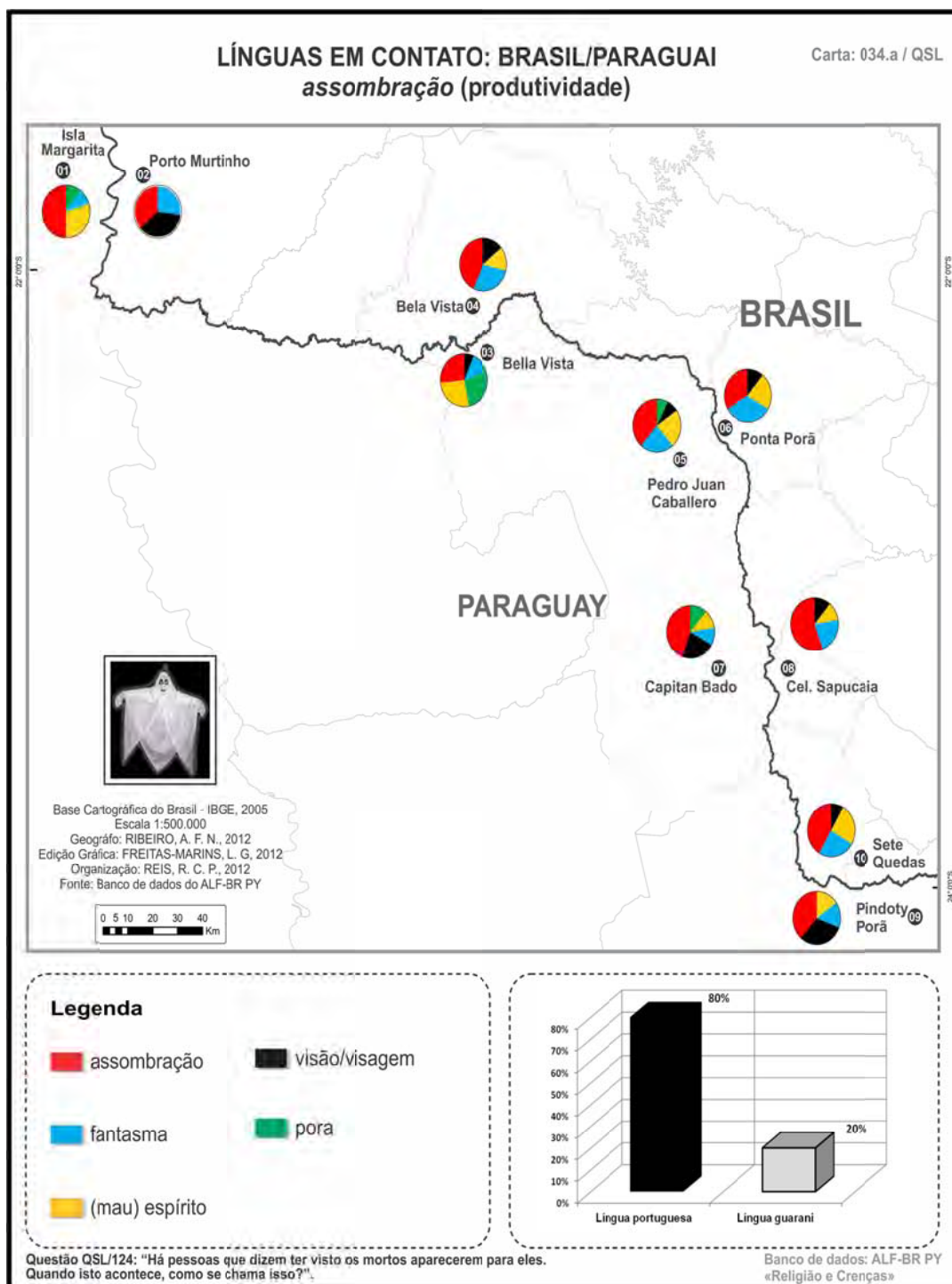
	PARAGUAY					BRASIL				
Variantes	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
dinheiro	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
plata	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP
dinero	SP		SP					SP	SP	
dindim							PT	PT	PT	PT
cascalho				PT				PT		PT
guapa									SP	
money			LI						LI	
tutu				PT					PT	
bufunfa			PT				PT			
grana						PT			PT	

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola, Gn = língua guarani e LI=Inglês

Pelos dados da Tabela 030b, verificamos que todos os dez pontos linguísticos marcam registros para a variante *plata*, confirmando a assertiva anterior.

A Carta 034a traz as variantes para o conceito *assombração*:

Carta 034a – Assombração (Produtividade)

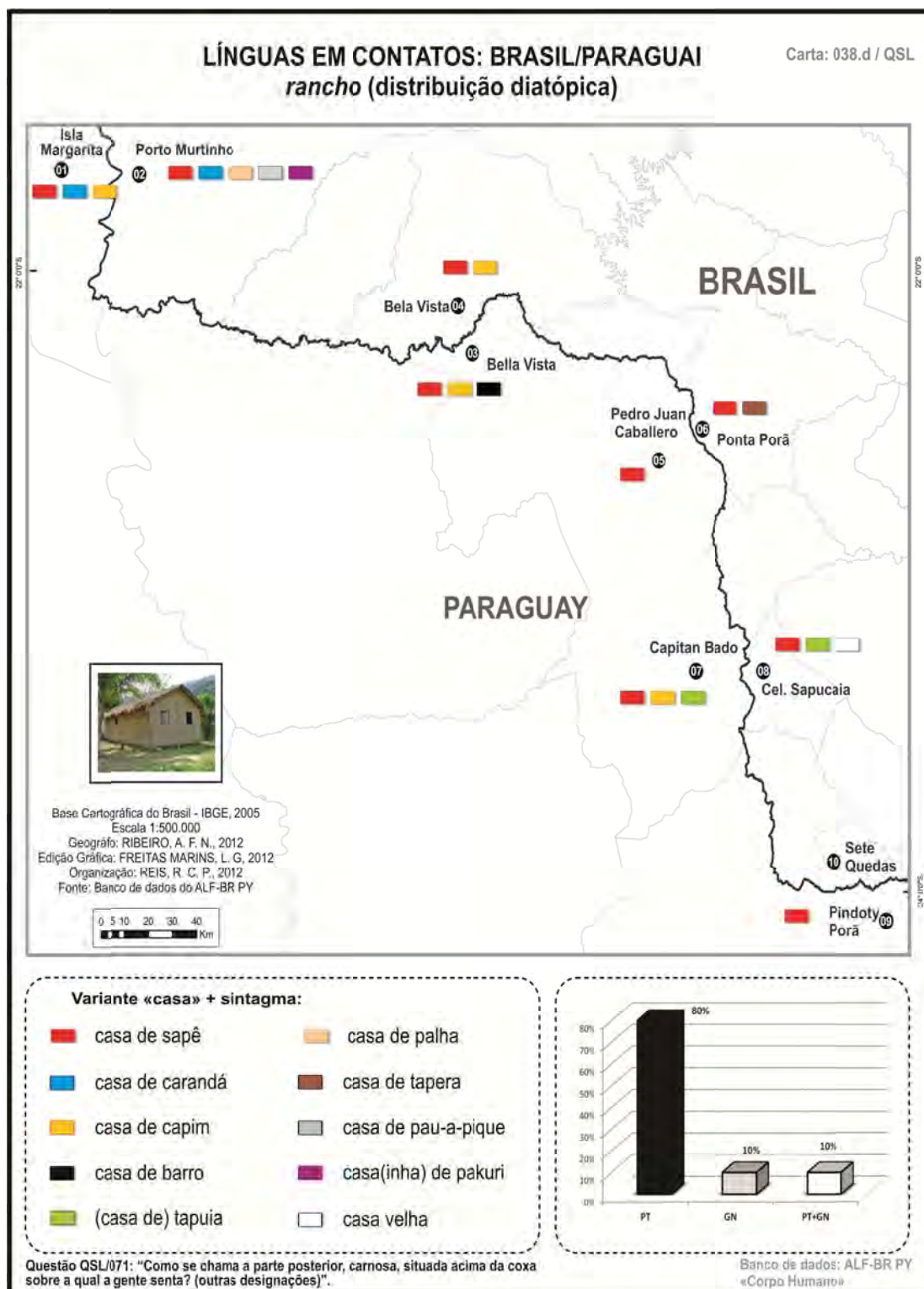


A Carta 034a, cuja questão propõe: “Há de pessoas que dizem ter visto os mortos aparecerem para elas...”, apresenta como maior ocorrência, e recorrente em todas as localidades *assombração*, em língua portuguesa. Para esse referente, registramos a designação *pora*, do guarani, e sua distribuição diatópica denota o registro apenas na fala de brasileiros que residem no lado paraguaio da

fronteira (pontos 01, 03, 05, 07). É possível afirmar que esta designação pode ser interpretada como uma variante típica do falar paraguaio, não usual no lado brasileiro da fronteira, posto não ter sido coletada nos falantes deste território.

Para a elaboração da Carta 038d, sobre as variantes para designar *rancho*, habitação simples coberta de folhas de árvores (sapê), selecionamos o nome *casa* seguido de adjetivos caracterizadores:

Carta 038d – Rancho (Distribuição diatópica)



A carta 038d, *rancho*, apresenta designações (formadas a partir de variantes + sintagmas) que denotam sua distribuição linguística e os limites entre fenômenos da língua, comprovando que há intrínseca relação entre o falante, seu ambiente sócio-físico-cultural e sua realidade linguística.

A amostra de análise desenvolvida neste capítulo teve como objetivo central descrever o *corpus* do Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai. Apesar de não termos mapeado exhaustivamente todas as 182 perguntas do questionário linguístico aplicadas aos falantes entrevistados, o recorte ora analisado expõe resultados parciais dos dados registrados nas cartas do atlas da fronteira.

As considerações finais, a seguir, comentam, sinteticamente, os resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa que gerou esta tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da realidade linguística de grupos sociais que estão em áreas políticas vizinhas demonstra que não é possível traçar, nitidamente, fronteiras entre variedades faladas em países vizinhos e, mais difícil ainda, será o de variedades faladas dentro do mesmo território político⁸⁹.

Pensando nessas questões, em primeiro lugar, enfatizamos que as cartas do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai permitiram o registro de um recorte da realidade linguística que extrapola os limites políticos e fronteiriços entre as variedades faladas em cidades “gêmeas” do estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, com outras do Paraguai, ao longo da linha internacional, e, também, delinearão recortes do contato linguístico daí decorrente.

Em segundo lugar, ressaltamos que definimos como objetivo geral desta tese, mapear aspectos do léxico das áreas de fronteira Brasil/Paraguai, seguindo a linha geográfica que demarca as localidades limítrofes dos dois territórios. Como é usual em pesquisas dessa natureza, não podemos apresentar uma conclusão definitiva para o estudo desenvolvido, todavia a proposta geral foi alcançada com a elaboração do Vol. II desta tese que resulta no Atlas linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai (ALF-BR PY).

No que se refere ao estudo do léxico, entre os objetivos específicos alcançados, apresentamos a variação da língua portuguesa em contato com o espanhol e o guarani e a identificação de influências dessas línguas sobre a língua portuguesa falada na fronteira. Para tanto, descrevemos aspectos lexicais da variante diatópica dos habitantes fronteiriços e demonstramos, por meio de cartas linguísticas, o movimento das interinfluências para alguns empréstimos linguísticos e/ou culturais que migraram do Paraguai para o Brasil ou vice-versa.

A cartografia realizada aponta uma área de maior influência do guarani concentrado na parte norte do território brasileiro, além de migração linguística da língua portuguesa para o território paraguaio em toda a extensão das localidades investigadas.

Em termos de hipóteses de pesquisas, confirmamos que, na dimensão diatópica, há um avanço do português nas localidades paraguaias e um

⁸⁹ Ponto de vista defendido por Ferreira et al (1996, p. 483).

avanço mais acentuado do guarani em relação ao espanhol, nas localidades brasileiras, sobretudo dos pontos linguísticos 01 ao 06 distribuídos ao longo da fronteira Brasil/Paraguai. Já nos pontos 07, 08, 09 e 10, notamos a manutenção do português por parte dos falantes brasileiros. À elaboração das cartas pluridimensionais do ALF-BR PY evidenciou que os contatos das línguas guarani e espanhola tendem a caracterizar, de modo particular, a língua portuguesa falada por brasileiros nessa faixa fronteira, especialmente, na área norte. Fator que confirma hipóteses levantadas para a pesquisa.

Neste caso, a fronteira do Brasil com o Paraguai, representada pelas dez “cidades gêmeas” investigadas, destaca-se pela posição geográfica favorável às intensas atividades comerciais, culturais e linguísticas constantes entre os dois territórios. Apesar das diferenças sociais que marcam as duas nações, com identidades nacionais próprias e idiomas oficiais distintos, é perceptível a união cultural e linguística presentes na faixa de fronteira que contorna seus limites.

Todavia, devemos esclarecer que esse processo de união cultural e linguística, próprio de áreas de contato, não ocorre de maneira tranquila. Pelo viés das atitudes linguísticas⁹⁰, levantamos dados que revelam o posicionamento do falante brasileiro em relação à língua portuguesa. Do ponto de vista do falante brasileiro, a língua portuguesa representa língua de *status* social para o paraguaio, fator que o conduz à aquisição desse idioma como forma de ascender socialmente.

Outro fator relevante que a análise do *corpus* desta tese revelou, por meio da discussão dos dados, foi identificar influências das línguas espanhola e guarani sobre a língua portuguesa falada por brasileiros com ascendência brasileira e por brasileiros com ascendência paraguaia, uma vez que o contato entre esses falares torna-se inevitável, pois a própria situação fronteira tende a promover o uso bilíngue/trilíngue.

A título de exemplificação, as cartas 002a, 002b e 002c dão mostras da realidade linguística mencionada quando revelam a co-ocorrência para o mesmo referente de variantes das línguas de contato como em *córrego* (PT), *arroyo/arrodito* (PT/SP), *ypoi* e *ecerê* (Gn), além da variante híbrida *riachói* (PT+Gn) (Carta 002a). Esta última denota a influência no nível lexical do contato português-guarani no vocabulário da fronteira.

⁹⁰ Dados retirados do questionário de atitudes linguísticas do ALF-BR PY.

Nesse ponto, a descrição e análise de fatos de língua que revelam a presença de marcas de contato observadas nas cartas e tabelas⁹¹ desta tese, denotam que os objetivos traçados foram alcançados. Como parece ser tendência em toda pesquisa de cunho científico, algumas hipóteses não foram confirmadas. Nesse particular, as análises realizadas denotam que a dinamicidade do contato linguístico não ocorre da mesma forma em toda a extensão da fronteira, como já dito, na parte norte o contato é mais intenso e, na sul, há a tendência mais conservadora em relação ao uso da língua portuguesa.

Os dados mapeados confirmam a assertiva, pois, do total geral (100%) das designações mapeadas, 68, 43% são de base portuguesa, 19, 34% de base guarani, 7, 53% de base espanhola, 3,25% relativas a termos híbridos e 1, 42% de origem obscura (indefinidos). Estabelecendo um paralelo entre os resultados deste estudo, em âmbito mais abrangente, com os obtidos na dissertação de Reis (2006) no município de ponta Porã, confirmamos resultados semelhantes que apontam para maior influência do guarani sobre o português falado na fronteira Brasil/Paraguai, apesar de baixo prestígio social que essa língua ainda parece possuir, do que em relação ao contato português-espanhol.

O espaço geofísico, por exemplo, aponta influências na fala que sobressaem nos dados mapeados para a carta *tangerina*, pois indicam uma zona isoléxica no ponto 01, lado paraguaio, já que as maiores ocorrências para o conceito “fruta que se descasca com a mão e deixa um cheiro forte” são *poncã* (06 registros) e *tangerina* (04), registros diferenciados de todos os outros pontos linguísticos para a variante *mexerica* como maior produtividade. Tal fato pode ser explicado por ser esta localidade uma ilha, Isla Margarita (Paraguai), talvez o fator geográfico tenha contribuído para a não difusão da lexia *mexerica* no ponto 01, como barreira a essa propagação.

Outra hipótese confirmada, diz respeito à cartografia pluridimensional que registrou as interinfluências das línguas em contato, como ocorreu, por exemplo, na carta “erva cidreira” com o kapií *cerdón/cedrón* e *kanrare*, ambas da língua guarani ou, na junção de variantes de línguas distintas para nomear um referente como em *capim*⁹² *cerdón* (português/guarani) ou, ainda, na carta “bananas gêmeas”, com significativo índice de ocorrências oriundas das

⁹¹ Estas últimas inseridas no verso de todas as cartas, modelo “b”, sobre contatos linguísticos.

⁹² Variante de base tupi.

línguas espanhola e guarani, perceptíveis em variantes como mellizo (espanhol), ikõe, pekõe, odijuaaju, kokoin (variantes pertencentes ao vocabulário da língua guarani).

O estudo desenvolvido referendou, mais uma vez, a dinamicidade da língua viva e, retomando João Ubaldo Ribeiro, cotado na epígrafe do capítulo de análises de dados, é verdadeira a assertiva que o articular palavras de diversas formas não faz o sujeito falante, contextualizado em sua comunidade linguística, melhor ou pior, mas diferente. Esta diferença no falar caracteriza os habitantes monolíngues e plurilíngues da fronteira Brasil/Paraguai de modo particular, pois, o falar das “cidades gêmeas” investigadas, revela interinfluências e, em algumas situações, o *code switching* em processos desencadeados pela convivência linguística no contato português-guarani e português-espanhol, ou vice-versa, em contextos plurilíngues.

Verificamos, pois, a pluralidade de variantes, oriundas das três línguas citadas, imprimindo à fala da fronteira distintos graus de complexidade pela incorporação de marcas de influência do português/guarani, do português/espanhol no falar da fronteira, criações lexicais particulares a esse território, interferências linguísticas diversas, empréstimos linguísticos e alternância entre línguas faladas por bilíngues ou plurilíngues comprovados pelo plurilinguismo como em: *cerro* (morro) em 90% das localidades, *amandaú* (chuva de pedra) em 60% das localidades, *tormenta* (tempestade) em 90% das localidades, *torbellino* (redemoinho) em 60% das localidades, *potrillo* e *kavajura'y* (cavalinho novo) ocorridas, respectivamente, em 90% e 70% das localidades, *teju* (lagarto) em 80% das localidades, *chiri* (diarréia) em 80% das localidades, *ka'u* (bêbado) em 80% das localidades, entre outras.

Os fatos linguísticos registrados e descritos nesta tese apontam variadas situações que necessitam ser consideradas no contexto do plurilinguismo, de modo particular, no contexto educacional da faixa de fronteira.

E, por fim, nos reportamos, ainda, ao registro de Lopes (1997, p.46) quando trata da produção científica: “Certamente, um livro de ciência não vale pelo que ele fixa, mas pelo que ele põe em movimento; não pelo que ele colhe, mas pelo que ele semeia. Sabemos todos bem que o futuro é caprichoso e se compraz em entortar o que ontem pareceu correto e endireitar amanhã o que hoje nossa miopia entorta”.

Desse modo, ao vivenciar cada etapa do processo de elaboração do Atlas linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai, ALF-BR PY, fixamos alguns pontos de vista, proporcionados pela experiência adquirida em investigações dialetais e, em contrapartida, dada as escolhas que a pesquisa nos conduz a realizar, outros não foram fixados. Talvez *plantamos* algumas *sementes* que germinarão, em longo prazo, gerando frutos para a Dialetologia brasileira, ou ainda, o que, hoje, nos pareceu correto, poderá ser “desentortado” no futuro. É o desenvolver natural da ciência.

Esperamos que este atlas fronteiriço revele, além dos dados dialetais registrados nos mapas léxico-semânticos que o compõem, a urgência de estudos geolinguísticos voltados para outras fronteiras brasileiras a serem descobertas, desvendadas e fotografadas. Sabemos que um atlas linguístico é o ponto de partida para o desenvolvimento de pesquisas dialetais, pois longo é o caminho para alcançar uma linha de chegada nesses estudos, se é que ela existe. Partindo desse ponto de vista, todo *corpus* de pesquisa sistemática e científica armazenado, registrado e descrito poderá suscitar estudos futuros, desde que se renove “o ponto de vista sobre o objeto”.

REFERÊNCIAS

- ALÉONG, Stanley. Normas linguísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, Marcos. *Norma linguística*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 145-174.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português). *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas Linguísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Interfaces entre dialetologia e história*. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 159-185.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN; Mário Silfredo (Orgs.) *Atlas linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Ed. Anhambi, 1955.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. *Language contact and bilingualism*. London/New York: Arnold, 1992. p. 117-130.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Os estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil*. Disponível em: <http://www.lingv.ro/resources/scm_images/RRL-12-2008-Socorro-Aragao.pdf>. Acesso: 13 maio 2012.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1958. 5 Vs. Edição Brasileira.
- BAGNO, Marcos. *O preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- BANDUCCI JUNIOR, Alvaro. Turismo e fronteira: integração cultural e tensões identitárias na divisão do Brasil com o Paraguai. *Pasos: Revista de Turismo e Patrimônio Cultural*, v. 9, n. 3, p. 07-18, 2011.
- BATISTA CORRÊA, Valmir. *História e violência em Mato Grosso (1817-1840)*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.
- BIANCHINI, Odaléa da Conceição Diniz. *A companhia mate laranjeira e a ocupação da terra do Sul de Mato Grosso: (1980 - 1940)*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística (Teoria Lexical e linguística computacional)*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

BOLÉO, Manuel Paiva. O interesse científico da linguagem popular. *Estudos da Linguística Portuguesa e Românica: Dialectologia e história da língua*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1974. v. I, Tomo I.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf. Ferdinand de Saussure. *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

CABRAL, Paulo Eduardo. Formação Étnica e Demográfica. In: MEDEIROS, Luciano Puccini; PUCCINI, Maria Eunice de Souza (diretores). *Campo grande: 100 anos de história*. Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

CALLOU, Dinah. Sobre pesquisas dialectológicas e sociolingüísticas: relato de casos. In: CUNHA, Cláudia de Souza (Org.). *Estudos Geo-sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. *História da linguística*. Trad. Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A. V. *História de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Gráfica e Papelaria Brasília, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas linguístico de Sergipe II*. Rio de Janeiro: 2002. (Tese de Doutorado).

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005. v. 1-2.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo da Bahia, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 27-36.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La dialectologia*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. Haia: Mouton, 1957

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (2001) *Atlas lingüístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL.

CORRÊA, Valmir Batista. *Fronteira oeste*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1999.

CORRÊIA, Alfonso Nogueira Simões. A criação do estado de Mato Grosso do Sul. In: MEDEIROS, Luciano Puccini; PUCCINI, Maria Eunice de Souza (diretores). *Campo Grande: 100 anos de Construção*. Campo Grande-MS: Matriz Editora, 1999.

COSERIU, Eugênio. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. (Coleção Linguagem).

COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

CRISTIANINI, Adriana Cristina; ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira da. *De Antenor Nascentes ao Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB: conquistas da Geolinguística no Brasil*. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/geolinguistica.pdf>>. Acesso: 13 maio 2012.

CRUZ, Maria Luíza de Carvalho. *Atlas lingüístico do Amazonas*. (Tese de doutorado) - Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2004. v.1-2.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso. *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

DALTRO, Harald (diretor). *Marcha para oeste: conferências culturais*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Documentação, 1946. v.1.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

EDWARDS, John. *Multilingualism*. London: Routledge, 1994.

ELIA, Silvio. *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: Ática, 1989.

ELIA, Silvio. *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

ELIZAINCÍN, Adolfo; THUN, Harad. *Atlas lingüístico diatópico e diastrático do Uruguai (ADDU): questionário português*. 2. ed. Mogúncia, 1990.

ELIZAINCÍN, Adolfo; THUN, Harad. *Atlas linguístico diatópico e diastrático do Uruguai (ADDU): questionário espanhol*. 2. ed. Mogúncia, 1990.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARIA CARDOSO, Valéria. A língua guarani e o português no Brasil. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-166.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FLORENTINO, Manolo; MACHADO, Cacilda. *Ensaio sobre a migração portuguesa e os padrões de miscigenação no Brasil (Séc. XIX e XX)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

FREITAS MARINS, Luciene Gomes. *O rural e o urbano: novos e velhos falares no Centro-Oeste do Brasil*. Campo Grande, MS: UFMS, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. Trad. Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

GOIRIS, F. A. J. *Descubriendo la frontera: historia, sociedad y política en Pedro Juan Caballero*. Ponta Grossa- PR: Editora INPAG, 1999.

GUASCH, P. Antonio; ORTIZ, P. Diego. *Diccionario castellano-guarani/guaraní-castellano*. 10. ed. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch", 1991.

GUIMARÃES, A.V. *Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica*. Campo Grande: UCDB, 1999.

GUIMARÃES, A.V. *Mato Grosso do Sul: história dos municípios*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.

HJELMSLEV, Louis. *Essais linguistiques*. Paris: Minuit, 1971.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegomena to a theory of language*. Baltimore: Indiana University Publ, 1953.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007 [1936].

JUNIOR, Diégues. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais Inep MEC, 1960.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (Orgs.) *Atlas linguístico etnográfico da região sul do Brasil (ALERS)*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011. (V. I).

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Oxford: Basil Blackwell, 1972.

LEITE DE VASCONCELOS, José. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 3. ed. Lisboa: Centro de Linguística de Investigação Científica, 1987.

LEITE DE VASCONCELOS, José. Tradições Populares e Dialecto do Brasil. In: *Revista de Estudos Livres*. Lisboa: s/ed., 1884.

LOPES, Edward. *A identidade e a diferença: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa*. São Paulo: Edusp, 1997.

LOPES, Edward. *Fundamentos de linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1990.

LUCCHESI, Dante. Norma Linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 63-92.

MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHIMAN, Joshua A. [ed.] *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

MACKEY, William F. Bilingualism and multilingualism / Bilingualismus und Multilingualismus. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (Hrsg.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik*. 2. ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005. (HSK; v. 3.2.), p. 1483-1495.

MAGALHÃES, Luiz Alfredo Marques. *Rio Paraguay: da Gaíba ao Apá*. Campo Grande: Gráfica e Editora Alvorada, 2008.

MARINS, Luciene Gomes Freitas. *O rural e o urbano: novos e velhos falares no Centro-Oeste o Brasil*. (Dissertação de Mestrado) - Campo Grande, MS: UFMS, 2012.

MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste*. Curitiba: HD Livros Editora, 1996.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. *Entre palavras e coisas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

MELLO, Heloíza Augusta Brito de. *O falar bilíngue*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MIAZZI, Maria Luísa Fernandes. *Introdução à linguística românica: histórico e métodos*. São Paulo: Cultrix, 1972.

MONTELLO, Josué. O caminho do Oeste. In: DALTRO, Harold (diretor). *Marcha para oeste: conferências culturais*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação/Ministério da Agricultura, 1946. v.I (1939-1943). p. 171-176.

MONTES GIRALDO, José Joaquín. *Dialectología general e hispanoamericana: orientación teórica, metodológica y biográfica*. 2. ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Princípios de sociolinguística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 1998.

MOUTON, Pilar García. "Sobre a geolinguística del español de América" - 1992. In: MOUTON, Pilar García. *El español de América*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones científicas, 2003.

MOUTON, Pilar García. Dialectología y Cultura Popular. Estado de la cuestión. In: *Revista de Dialectología Y Tradiciones Populares*. Torno XLII. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Filología, 1987, p. 49-74.

MOUTON, Pilar García. *Dialectología y geografía lingüística*. In: ALVAR, Manuel (Org.) *Manual de dialectología hispánica: el espanhol de Espanha*. Espanha: Ariel Lingüística, 2009, p.64-77.

NASCENTES, Antenor. *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1953b.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953a.

NASCENTES, Antenor. *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

NOVINSKY, Anita Waingort. *Raízes ocultas do Brasil*. Rio de Janeiro: Jornal O Globo, setembro de 2006. p. 56-57.

OLIVEIRA, Dercir Pedro (Org.). *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

PALMER, Frank Robert. O contexto extralinguístico. In: *A semântica*. Lisboa: Edições 70, 1979, p. 57-79.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia; GREGOLIN, Maria do Rosário (Orgs.). *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.

POP, Sever. *La dialectologie: Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*. Louvain: Chez l'Auteur; Gembloux, Duculot, 1950. v. 1-2.

PRADO Jr., Caio. *A formação do Brasil contemporâneo*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 [1942].

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. (Eds.) *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. Tradução Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. (Heidelberg/Mains, 21.-24.10.1991). Kiel:Westensee-Verl, 1996. p. 31-51.

RASKY, Abedelhak. (org.) *Estudos geo-sociolingüísticos no Estado do Pará*. Belém: Grafia, 2003.

REIS, Regiane Coelho Pereira. *Atlas linguístico do Município de Ponta Porã, MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2006.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Três Lagoas, 2006. v.1-2.

REIS, Regiane Coelho Pereira. Um enfoque geolinguístico com os dados do Projeto ALiFBP: mexerica, poncã e tangerina. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012. p. 367-392.

REIS, Regiane Coelho Pereira; ISQUERDO, Aparecida Negri. *Vocabulário da alimentação: um estudo léxico-semântico na linguagem falada no Pantanal da Nhecolândia - MS*. Revista Científica UFMS, Campo Grande, MS., v. 1, n. 1, p. 16-24, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHEFORT, Nicole M. Frontera: muro divisorio o tejido de relaciones? In: *Estudios fronterizos*. Revista de Ciencias Sociales e Humanidades. México. v. 3, n. 5, p. 09-42, 2002.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

ROMANO, Valter Pereira. *Atlas geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e em tempo aparente*. (Dissertação de Mestrado) - Londrina: UEL, 2012.

SALA, Marius. *Lenguas em contacto*. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

SANCHES, Roseli Áurea Soares. *Fotografias sociolinguísticas sob a ótica das atitudes linguísticas na região de fronteira: Ponta Porã*, Pedro Juan Caballero. (Dissertação de Mestrado) - Três Lagoas, MS: UFMS, 2006.

SAPIR, Edward de. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2001.

SCHAFF, Adam. *Linguagem e conhecimento*. Coimbra: Almedina, 1974.

SIGUAM, Miquel. *Bilingüismo: línguas em contato*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato: cenários de bilingüismo no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SILVA-NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2. ed. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957b.

SILVA-NETO, Serafim da. *Língua, cultura e civilização: estudos de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

SILVA-NETO, Serafim da. *Manual de filologia portuguesa: história, problemas e métodos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957a.

SOBRINHO, Barbosa Lima. *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

THOMASON, Sarah Grey. *Language contact: an introduction*. Edimburgh: University Press, 2001.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: Internacional Congress of Romance Linguistics and Philology (21: 1995: Palermo). Atti... Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, v. 05, p. 701-729.

THUN, Harald. *La geografie romane à la fim du XX siècle*. Bruxelas, 1998, p. 1-15.

THUN, Harald; BOLLER, Fred; HARDER, Andreas; PEEMÖLLER, Johanne. *Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU)*. Kiel: Westensee-Verl, 2000. Tomo I e II.

THUN, Harald. *A Dialectologia no Rio da Prata*. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (Org.). *Estudos de variação linguística no brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald; La Pluridimensionalidad del atlas lingüístico diatópico e diastrático del Uruguay (ADDU), In: *Congreso del español de Américas*. Bruxelas, 1995. p. 1-35.

THUN, Harald; AQUINO, Almidio; DIETRICH, Wolf; SYMEONIDIS, Haralambos. *Atlas lingüístico Guaraní-Românico (ALGR)*. Tomo I. Kiel: Westensee-Verl, 2009.

TRUDGILL, Peter; CAMPOY, Juan Manuel Hernández. *Diccionario de sociolingüística*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

TUAILLON, Gaston. *Comportement de recherche en dialectologie française*. Paris: Editions du CNRS, 1976.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Presença Portuguesa: de colonizadores a imigrantes. Chap. 3 of. In: *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: finding and problems*. Mouton, 1972.

YAGUELLO, Marina. *Alice no país da linguagem: para compreender a linguística*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ESPANHOL E O
GUARANI NA PERSPECTIVA DO ATLAS LINGUÍSTICO-CONTATUAL DA
FRONTEIRA ENTRE BRASIL/PARAGUAI (ALF-BR PY)**

QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO

**Novembro
2010**

EXTRATO DO QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL (ALMS) ADAPTADO PARA A ELABORAÇÃO DO ATLAS LINGUISTICO DAS REGIÕES FRONTEIRIÇAS SUL-MATO-GROSSESENASNA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI

EXTRATO DO QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

EXTRATO DO QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO "ATITUDES LINGÜÍSTICAS NA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI"⁹³

QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO

I - NATUREZA

1 - ACIDENTES GEOGRÁFICOS

001. TERRENO SEM ELEVAÇÕES

... aquele terreno bem plano? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

002. ELEVAÇÃO DE TERRENO

... uma elevação de terreno não muito alta? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

003. RIO PEQUENO

... rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

004. AÇUDE

... a extensão de água que se forma nas baixadas, tanto naturalmente como construída pelo homem? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

005. TERRENO ÚMIDO

... a terra muito macia e lodosa em que se afundam os pés ao passar nela? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

006. GRANDE QUANTIDADE DE ÁGUA PARADA

... uma grande quantidade de água parada cercada de terra por todos os lados? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

007. LUGAR ONDE O RIO NASCE

⁹³ O questionário compõe a dissertação de mestrado intitulada *Atitudes Linguísticas na fronteira do Brasil com o Paraguai*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo com autoria da Profa. Roseli Áurea Soares Sanches, 2006.

... o lugar de onde a água sai da terra? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

2 - FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

008. RODA EM VOLTA DA LUA

... aquela roda que fica em volta da lua? Ela indica alguma coisa? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

009. NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA

... aquela espécie de fumaça que se forma próximo ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

010. ESTRELA CADENTE

Nas noites estreladas, como se chama aquela estrela que parece caminhar no céu? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

011. ESTRELA D'ALVA

E aquela estrela grande que a gente vê até quando o dia está clareando? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

012. EM NOITES ESTRELADAS, AQUELA FAIXA ESBRANQUIÇADA NO MEIO DO CÉU

Em noites estreladas, aquela faixa esbranquiçada, que fica bem no meio do céu, em noites estreladas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

013. LISTRAS COLORIDAS QUE APARECEM NO CÉU DEPOIS DA CHUVA

- a) ... listras coloridas que aparecem no céu depois da chuva?
 b) Conhece outros nomes dados a isso? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

014. CHUVA RÁPIDA DE VERÃO

... a chuva de verão que dá e passa logo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

015. CHUVAS COM PEDACINHO DE GELO

E quando chove e caem pedacinhos d'água de gelo, como se chama essa chuva? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

016. CHUVA COM VENTO FORTE

... aquela chuva com vento forte, que pode até derrubar casas? Conhece outros nomes para isso? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

017. REDEMOINHO

... aquele vento forte que vai girando e levanta poeira, folhas e outras coisas leves? (fazer gestos). Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

018. ORVALHO

... aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

3 - FLORA

019. MUITAS ÁRVORES JUNTAS

...o lugar onde existem muitas árvores? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

020. FRUTA MENOR QUE A LARANJA QUE SE DESCASCA COM A MÃO

E o nome de uma fruta menor que a laranja e que se descasca com a mão? (Apurar as designações e a descrição da fruta) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

021. BANANAS GRUDADAS

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

022. COGUMELOS

E aqueles chapeuzinhos que nascem no chão úmido ou nos paus podres? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

023. ERVA MEDICINAL DE SABOR AMARGO

Conhece uma erva medicinal de sabor amargo, folhinhas miúdas de cheiro forte que serve para dor de estômago? Conhece um nome para essa erva em Espanhol ou em Guarani?

024. CAPIM SANTO/ERVA CIDREIRA

Como chama aquela planta de folhas compridas e finas com que se faz um chá que serve como calmante? Conhece um nome em Guarani ou Espanhol para ela?

4 - FAUNA

025. AVE QUE, SE CRIADA EM CASA, APRENDE A FALAR

... uma ave que pode ser criada em casa que tem penas coloridas e que aprendem a falar? Conhece um nome em Guarani ou Espanhol para ela?

026. AVE PARECIDA COM A GALINHA QUE TEM PENAS PRETAS DE BOLINHAS BRANCAS

... aquela ave parecida com a galinha que tem penas pretas de bolinhas brancas? Conhece um nome em Guarani ou Espanhol para ela?

027. PÁSSARO QUE FAZ A SUA CASINHA COM TERRA NAS ÁRVORES E POSTES

... aquele pássaro que faz sua casinha com terra, nas árvores, nos postes? Conhece

028. CAVALO USADO EM CORRIDAS

... aquele cavalo que é usado em corridas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

029. CAVALO BEM NOVINHO

... cavalo bem novinho? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

030. CONJUNTO DE PEÇAS QUE SE COLOCAM SOBRE O CAVALO PARA PREPARÁ-LO PARA MONTAR

... conjunto de peças que se colocam sobre o cavalo para prepará-lo para montar? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

031. CINCHA

... a peça de couro que é passada por cima do arreio para apertá-lo na barriga do cavalo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

032. BAIXEIRO

... a peça do arreamento que se coloca embaixo do arreio? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

033. PELEGO

E a peça do arreamento que se usa em cima do arreio para deixá-lo macio? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

035. BALDANA

... a peça de couro macio usada sobre os pelegos?

036. CAVALO QUE ESTÁ PRONTO PARA SER MONTADO

Como se diz do cavalo que está pronto para ser montado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

037. DESCER DO CAVALO É...

Descer do cavalo é... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

038. RÊS BEM NOVINHA

... a rês bem novinha? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

039. COBRA PRETA SEM VENENO QUE MATA ESMAGANDO O CORPO DA VITIMA

Como se chama aquela cobra preta que pode ter muitos metros de comprimento. Não possui veneno, mas mata suas vítimas esmagando-as até quebrar todos os ossos para poder engoli-las inteiras? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

040. TATU CUJA CARNE LEMBRA A CARNE DAS AVES CASEIRAS

... um tipo de tatu cuja carne tem um sabor que lembra a carne das aves caseiras? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

041. TATU QUE DIZEM COMER CARNE DE DEFUNTO

E aquele tatu que dizem comer carne de defuntos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

**042. BICHO QUE SE PARECE COM O JACARÉ E GOSTA DE COMER OVOS
(METASTESE - F)**

Como se chama aquele bicho que se parece com o jacaré, mas é bem menor e gosta de comer ovos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

**043. INSETO QUE VOA À NOITE E ACENDE E APAGA UMA LUZINHA
(ENSURDECIMENTO - F)**

E o insetinho que voa à noite e acende e apaga uma luzinha? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

044. TIPO DE ABELHA PRETA MUITO BRAVA

E aquele tipo de abelha preta muito brava e cujo ferrão deixa o local muito dolorido e inchado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

045. CASA DE MARIMBONDOS E SIMILARES

a) ... o lugar onde moram os marimbondos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

b) E a casa das abelhas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

046. FORMIGA DOCEIRA

Como se chama aquele tipo de formiga que gosta de coisas doces? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

047. FORMIGA LAVA-PÉ

E aquela que corta folhas e flores dos jardins? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

048. FORMIGA QUEM-QUEM

E aquela que é bem pequenina e de uma cor clara que pica muito doído? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

049. CAMINHO DE FORMIGAS

... o caminho que essas formigas fazem? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

050. TIPO DE MOSCA QUE PÕE BICHOS

... Um tipo de mosca grande que faz um barulhão quando voa? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

051. PICADA DE INSETO

O que faz o mosquito, o marimbondo, a formiga, quando ataca a gente? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

052. INSETO QUE CANTA NO OUVIDO DA GENTE À NOITE E PICA DOÍDO

Qual o nome daquele inseto pequeno que, à noite, fica cantando no ouvido da gente e pica doído? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

II - HOMEM**5 - CORPO HUMANO****053. CABEÇA**

Como se chama isto? (mostrar) E quando se fala o nome dessa parte do corpo em tom de brincadeira? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

054. O QUE SE TEM DENTRO DA CABEÇA

O que se tem dentro da cabeça? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

055. ROSTO

Como se chama esta parte do corpo? (apontar)Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

056. RUGAS

As pessoas idosas tem o que na pele...

057. PÁLPEBRAS

Com se chama isto? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

058. SOBRANCELHAS

E isto? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

059. CÍLIOS

E estes pêlos aqui? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

060. NARIZ

Por onde é que uma pessoa respira normalmente?

061. A CERINHA QUE AS PESSOAS TIRAM DO NARIZ COM O DEDO

Que nome se dá àquela sujeirinha que as pessoas, sobretudo as crianças, tiram do nariz com o dedo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

062. RONCO

Que nome se dá ao barulho que a pessoa faz com a respiração enquanto dorme?

063. PESSOA SEM DENTES

... a pessoa sem dentes? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

064. O QUE SE USA NO LUGAR DOS DENTES

... aquilo que as pessoas sem dentes usam no lugar dos dentes? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

065. LUGAR DENTRO DA BARRIGA DA MÃE ONDE FICA A CRIANÇA ANTES DE NASCER

... o lugar dentro da barriga da mulher onde fica a criança antes de nascer? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

066. PARTE DO CORPO DA MULHER ONDE AS CRIANÇAS MAMAM

... a parte do corpo da mulher onde as crianças mamam? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

067. OSSO REDONDO DO JOELHO

... este osso redondo que fica sobre o joelho? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

068. BARRIGA DA PERNA

E esta parte aqui? (mostrar) Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

069. ODOR FORTE NOS PÉS

... o que tem a pessoa quando seus pés estão com mau cheiro?

070. UMBIGO

E o buraquinho que fica no meio da barriga?

071. NÁDEGAS

Como se chama a parte posterior, carnosa, situada acima da coxa sobre a qual a gente senta? (outras designações)

6 - DOENÇAS MAIS COMUNS

072. DOR-D'OLHOS

... aquela doença que deixa os olhos vermelhados, inchados e quase fechados? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

073. MAL-OLHADO

E a doença que é provocada pelo olhar de certas pessoas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

074. MAL-ESTAR QUE A MULHER SENTE DURANTE A GRAVIDEZ

... aquele mal-estar que a mulher sente durante a gravidez? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

075. PRISÃO DE VENTRE

O que se diz que a pessoa tem quando ela não consegue evacuar, soltar ventos? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

076. BÓCIO/PAPADA

Que têm as pessoas com o pescoço que parece sempre inchado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

077. VERTIGEM

Quando a pessoa vai desmaiar sente o quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

078. DOR DE BARRIGA

Quando se come demais ou alguma coisa faz mal, como se chama aquele mal-estar que se sente? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

079. DIARRÉIA

E se alguém, depois disso, necessita de ir ao banheiro toda hora, o que tem? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

080. OS GRÃOS COMO QUE DE AREIA QUE SE FORMAM NOS RINS

E aqueles grãos, como de areia, ou até maiores que se formam nos rins? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

7 - FUNÇÕES DO CORPO HUMANO

081. SANGUE QUE A MULHER PERDE TODO MÊS

Que nome se dá ao sangue que a mulher perde todo mês? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

082. VASILHA ONDE AS PESSOAS URINAM DURANTE A NOITE SEM SAIR DO QUARTO

Vasilha onde as pessoas urinam durante a noite sem sair do quarto? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

083. DEFECAR

Quando a gente está com dor de barriga, sente vontade de quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

084. FEZES

Quando a gente vai fazer exame para ver se tem vermes, leva o quê ao laboratório? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

085. RAMELA (Assimilação - F)

... aquela bolinha amarela que se forma no canto do olho? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

8 - CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

086. CAOLHO (ZAROLHO)

... aquela pessoa que só enxerga com um olho porque perdeu o outro? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

087. VESGO (OLHO TORTO)

E o indivíduo que tem os olhos virados, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

088. COXO/RENGO

E a pessoa que tem defeito numa das pernas e anda com dificuldade? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

089. PERNETA

E a pessoa que só tem uma perna? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

090. SARACURA

... a mulher que tem as pernas muito finas e compridas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

091. CORCUNDA

E a pessoa que tem um calombo nas costas e anda arqueado? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

092. NARIGUDO

E quem tem o nariz muito grande? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

093. GRISALHOS

Como ficam os cabelos quando a pessoa começa a envelhecer? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

9 - CULTURA E CONVÍVIO

094. MAL-EDUCADA

... uma pessoa que tem maus modos, responde mal às pessoas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

095. RANZINZA

E a pessoa que parece estar sempre irritada? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

096. BURRO

E aquele indivíduo que tem dificuldades para aprender as coisas e não entende nada? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

097. TRAQUINA

... uma criança que faz artes e mexe em tudo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

098. FACEIRA

... a pessoa que gosta de se enfeitar e anda sempre bem vestida? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

099. CONVENCIDA

E aquela pessoa que se acha muito bonita e importante? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

100. PROSTITUTA

E a mulher de vida fácil, que vende o corpo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

101. CHIFRUDO

E o homem casado que é enganado pela mulher? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

102. BÊBADO (Proparoxíttona - F)

Quando alguém toma muita bebida alcoólica, diz-se que está... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

103. BENZEDEIRA

E a pessoa que cura as pessoas com orações, e normalmente usando um ramo de planta? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

104. CURANDEIRO

... a pessoa que cura as outras através de remédios caseiros, de garrafadas? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

105. SOVINA

Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastá-lo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

106. DISSIMULADA

Pessoa que na frente da gente age de um jeito e por trás age muito diferente? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

107. DESIGNAÇÕES PARA DINHEIRO

O que a gente precisa ter para fazer compras? Que outros nomes são dados ao dinheiro? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

108. BRASIGUAIO

Que nome que se dá para o paraguaio que vem morar no Brasil ou para o brasileiro que mora no Paraguai? Existe diferença na forma de nomear essas pessoas?

109. DUPLA NACIONALIDADE

Que nome se dá à pessoa que tem pai paraguaio e mãe brasileira ou vice-versa?

10 - CICLOS DA VIDA**110. GRÁVIDA**

Quando a mulher está esperando filho diz-se que ela está... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

111. DAR À LUZ

E quando a criança nasce diz-se que... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

112. RESGUARDO

Que nome se dá àquele período após o parto em que a mulher fica de repouso? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

113. PLACENTA (ROTACISMO - F)

Como se chama aquela bolsa que ao arrebentar a criança nasce? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

114. BEBÊ

Como se diz para a criança recém nascida ou com poucos meses? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

115. GÊMEOS

E duas crianças que nascem no mesmo parto? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

116. FILHO ADOTIVO

A criança que não é filha do casal, mas que é criada como se fosse? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

117. CAÇULA

... o filho que nasceu por último? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

118. MENINO/MENINA

O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

119. NAMORADOS

Um rapaz e uma moça que se gostam e ainda não são noivos, são... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

120. ACOMPANHANTE DOS NAMORADOS

A pessoa que sai junto com os namorados é o quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

121. AMASIADO

Quando um homem e uma mulher vivem juntos sem serem casados, eles são o quê? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

122. MORRER

O contrário de nascer é... Conhece outras denominações para morrer? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

123. VELÓRIO DA CRUZ

No sétimo dia da morte, o que as pessoas que perderam o ente querido costumam fazer aqui? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

124. ASSOMBRAÇÃO

Há pessoas que dizem ter visto os mortos aparecerem para eles. Quando isto acontece, como se chama isso? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

125. XARÁ

... a pessoa que tem o mesmo nome da gente? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

11 -RELIGIÃO E CRENÇAS**126. DIABO**

Deus está no céu, e no inferno está o... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani? (outras denominações)?

127. SACI-PERERÊ

Falam de um negrinho de uma perna só, que usa cachimbo na boca, que costuma visitar casas onde se tem crianças que ainda não foram batizadas. Que nome dão a ele? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

128. POMBEIRO (TIPO DE ASSOMBRAÇÃO; ESPÍRITO)

Falam de um tipo de espírito de bugre, semelhante ao saci, que costuma visitar casas tocando uma gaita feita de taquara. É um tipo de assombração, que nome dão a ele? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

129. ENTERRO(TIPO DE ASSOMBRAÇÃO; ENTERRO DE OURO)

Falam também de um tipo de espírito que aparece para pessoas pra lhes avisar de ouros escondidos debaixo da terra. É um tipo de assombração que tem a ver com a guerra do Paraguai, dizem que as pessoas ricas matavam os empregados que cavavam o lugar onde iria ficar o ouro e os seus cadáveres eram postos junto ao tesouro, como chama isso? Tem algum nome em Espanhol ou em Guarani?

130. AGOURENTAS

A presença de certas pessoas ou animais, é considerada como sinal de desgraça. Elas são... Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

131. DESTINO/SINA (TI / TSI)

Há pessoas que crêem que Deus escolheu para cada pessoa um caminho que deverá seguir em sua vida. Como se chama isso? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

132. FEITIÇO

... aquilo que se pode fazer com a ajuda dos maus espíritos para prejudicar alguém? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

12 - ALIMENTAÇÃO E UTENSÍLIOS**133. REFEIÇÕES (NOMES DAS REFEIÇÕES)**

Quantas refeições fazem por dia aqui, qual a hora e o nome de cada refeição? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

134. MILHO SABORÔ /CANJICA/ MILHO KACU

... o milho cultivado no Paraguai que é utilizado no preparo de comidas típicas aqui da fronteira? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

135. COMIDAS DA PRIMEIRA REFEIÇÃO

O que se costuma comer pela manhã, na primeira refeição? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

136. COMIDAS DO ALMOÇO

E no almoço o que se costuma comer? Para essas comidas conhece nomes em Espanhol ou em Guarani?

137. COMIDAS DA NOITE

E à noite o que se come normalmente? Para essas comidas conhece nomes em Espanhol ou em Guarani?

138. COMIDAS DE FESTAS

E nas festas, quais os pratos típicos aqui da fronteira que as pessoas gostam de oferecer aos convidados? Por exemplo, aquele tipo de comida assada, acompanhada da mandioca; aquele outro prato que é feito com muito caldo, carne com ossos e legumes? Conhece algum tipo que tem o nome em Espanhol ou em Guarani?

139. CARIBÉU

... aquela comida feita com carne e mandioca picadinhos e muito caldo? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

140. ARROZ CARRETEIRO

E aquela comida feita com carne seca, cortada em pedacinho e arroz? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

141. SOPA PARAGUAIA

E aquele bolo feito de fubá ou de um tipo de milho branco cultivado no Paraguai, com queijo ralado, cebola e óleo, que se costuma comer na Sexta-feira Santa?

142. PUCHEIRO

Há uma comida que é feita com bastante tempero, verduras, legumes, carne com ossos e bastante água. Leva-se ao fogo durante muito tempo e depois de bem cozido fica com um caldo bem grosso. Como se chama essa comida?

143. CHIPA

E o nome daquele tipo de bolinho assado, feito com polvilho, queijo ralado e gordura, enrolado como rosquinha, às vezes em forma de ferradura?

144. CABURÉ

E o nome daquele tipo de bolinho assado em forno a lenha, feito com o sal, queijo e massa de mandioca crua ou cozida que lembra a chipa?

145. PINGA

Como se chama aquela bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar? Que outros nomes se dá a essa bebida? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

146. APERITIVO

Como se chama a bebida alcoólica que as pessoas costumam tomar antes das refeições? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

147. BOTEÇO/ BOLICHO

... o local onde as pessoas costumam tomar um traguinho de pinga e também podem comprar alguns tipos de alimento? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

148. TERERÉ

Como se chama aquela bebida refrescante, feita com erva-mate e água gelada que se toma com uma bombilha? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

149. MATE

E se a bebida for feita com erva-mate e água quente, e às vezes com ervas medicinais? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

150. MORINGA

E aquela vasilha pequena de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

151. SESTA

Como se chama aquela hora, depois do almoço, em que as pessoas descansam e tiram uma soneca? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

152. POTE

E o recipiente grande, de barro, usado para guardar água para beber? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

153. CUIA

E o recipiente feito de poronga ou de chifre de boi, usado para tomar mate, tereré? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

14 - HABITAÇÃO

154. RANCHO

Como se chamam aquelas casas bem pobres, construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

155. TAPERA

Que nome se dá ao rancho ou casa abandonada? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

156. GALPÃO

E a construção feita principalmente nas fazendas, para os peões morarem provisoriamente ou guardarem seus pertences? Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

15 - TRABALHO E ATIVIDADES AGROPASTORIS

157. AGRICULTOR

Como se chama a pessoa que planta e colhe produtos agrícolas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

158. ROÇAR

Como se diz quando se vai preparar a terra, derrubando o mato baixo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

159. ROÇA

... o lugar onde se planta milho, arroz, soja? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

160. CARPIR

Quando se vai limpar o matinho com a enxada diz-se que vai se fazer o quê? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

161. BANDEIRA (APAGAMENTO DO DITONGO - F)

... aqueles montes de milho colhido que o roceiro vai formando na própria lavoura? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

162. VAGEM (ENSURDECIMENTO - F)

Os grãos de feijão antes de colher do pé ficam dentro de quê? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

163. PAIOL

... o depósito onde se guarda a colheita? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

164. RODA D'ÁGUA (OCLUSIVAÇÃO – F)

... e aquela armação bem alta, com uma roda de hélice na ponta, tocada pelo vento e que serve para tirar água de poço? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

165. CAPATAZ

... a pessoa que cuida da fazenda quando o dono não está? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

166. ARRENDATÁRIO (RÓTICO)

... a pessoa que aluga a terra para criar ou plantar? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

167. BOIADEIRO (RÓTICO)

E a pessoa que compra e vende gado? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

16 - BRINQUEDOS E DIVERSÕES

168. BOLITA

Que nome se dá àquelas coisinhas redondas de vidro com que as crianças gostam de brincar? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

169. ESCONDE-ESCONDE

... a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

170. PANDORGA

Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando, soltam no ar e ficam segurando pela linha? Conhece outros nomes para esse brinquedo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

171. AMARELINHA

E a brincadeira que as crianças fazem riscando uns quadradinhos no chão e pulando. Vão tentando acertar uma pedrinha em cada quadradinho até chegar ao "céu"? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

172. PETECA

E o brinquedo que é feito de couro, com penas espetadas, que se joga com a palma da mão? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

173. COLA-COLA

Brincadeira em que um dos participantes corre atrás dos outros para tocá-los. Aquele que se deixar encostar, deve ficar imóvel até outro descolá-lo? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

174. BALANÇO

... uma taboa, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? *Mimica*. Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

175. GANGORRA

E o brinquedo que as crianças fazem, colocando uma tábua sobre alguma coisa. Cada criança se senta numa ponta e ficam se balançando? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

176. PEGADOR

E a brincadeira em que as crianças correm para que uma delas não as toque antes de chegar ao lugar combinado? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

177. PIQUE

Que nome dão ao lugar combinado? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

178. ARAPUCA

... a armadilha que os meninos fazem para pegar passarinhos? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

179. RINHA DE GALO

Quando se colocam dois galos numa roda para brigarem, como se chama isso? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

180. CARREIRADA

... o divertimento em que as pessoas colocam dois cavalos para correr numa pista reta e fazem apostas? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

181. ESTILINGUE (FONÉTICO)

Como se chama aquele objeto feito pelos meninos, com uma forquilha de pau e duas tiras de borracha amarradas nas pontas, usado para atirar pedras em passarinhos? Tem um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

III - SUPERSTIÇÕES, SIMPATIAS E LENDAS

182. SORTE E AZAR

As pessoas costumam acreditar em coisas que dão sorte e que dão azar. O que acha que dá sorte? E azar?

183. SIMPATIAS

Quais as simpatias que conhece?

184. LENDAS E MITOS

Quais as lendas, histórias que são contadas sobretudo pelas pessoas mais idosas, que conhece?

185. APARIÇÕES E “CAUSOS”

Fale sobre aparições e causos interessantes aqui da região.

IV - NARRATIVA

1. Há pessoas que dizem ter visto os mortos aparecerem para elas. Conte um caso de aparição ou de assombração que o senhor (a) viu ou ouviu dizer.
2. Conte um fato de sua infância de que nunca se esqueceu até hoje.

ATITUDES LINGÜÍSTICAS NA FRONTEIRA DO BRASIL COM O PARAGUAI**QUESTIONÁRIO**

1. - Que língua você fala?

INF:

2. Que língua aprendeu só na família? Português, guarani ou espanhol?

INF.

3. Em que língua você mais fala? Português, guarani, espanhol

INF.

4. Por que você fala mais o _____ (v. resp. 7)? sente mais segurança, acha mais bonita, acha mais agradável de se dizer, considera melhor do que a outra.

INF.

5. Você considera que fala um bom: português, guarani, espanhol?

INF.

6. Essas línguas são feias ou bonitas?

INF.

7. Qual é a mais bonita?

INF.

8. E a mais feia?

INF.

9. Em que língua você lê e escreve? Português, guarani, espanhol.

INF.

10. **Em relação à escrita...** Qual a apreciação que você faz da(s) língua(s) em que você lê e escreve (Português/Espanhol/Guarani)?

() Excelente

(1) Português

() Ótimo

(2) Espanhol

() Bom

(3) Guarani

() Regular

() Péssimo

11. O que você acha e pensa do português como língua?

INF.

12. E quanto ao guarani como língua?

INF:

13. E em relação ao espanhol?

INF.

14. Aqui em _____ (localidade) existe _____ m pessoas que falam _____ diferente de você?

INF.

15. Seria possível identificar, por meio da linguagem, se uma pessoa é de nacionalidade brasileira ou paraguaia?

() Sim () Não. Como? Por quê?

16. As pessoas paraguaias falam mais em espanhol ou em guarani? Por quê?

INF.

17. Em que ocasiões as pessoas paraguaias usam o guarani? Por quê? E os brasileiros? Por quê?

INF.

18. Em que ocasiões as pessoas paraguaias usam o espanhol? Por quê? E os brasileiros? Por quê?

INF.

19. Em que ocasiões as pessoas paraguaias usam o português? Por quê? E os brasileiros? Por quê?

INF.

20. Quais as dificuldades lingüísticas que você encontra no uso da língua falada na fronteira? Por quê?

INF.

21. No dia-a-dia, dizem que as pessoas misturam as línguas: ora falam espanhol ora guarani ora português. É verdade que isso acontece? Como chama isso?

INF.

22. O que você acha dessa mistura de língua? É comum aqui as pessoas dizerem as mesmas coisas em diferentes línguas para melhor se fazerem entender? Saberá dar exemplo(s)?

INF.

23. Você acha importante a existência dessas três línguas na fronteira? Por quê?

INF.

24. Onde você convive mais frequentemente com essa realidade lingüística (as pessoas falando três línguas em diferentes ocasiões)? na família, na escola: colegas/colegas, professor/alunos, no trabalho – relação com clientes, no convívio patrão/empregado, no comércio quando vai fazer compras, na igreja, nas relações de amizade.

INF.

25. Qual língua que, quando você usa, se acha mais importante ao usá-la: português, guarani, espanhol, outras línguas. Quais?

INF.

26. Que língua (s) deve (m) ser mais usada (s) para se ter sucesso na fronteira: português, guarani, espanhol, português/ espanhol, português/guarani, guarani/espanhol, espanhol/guarani/português

INF.

27. Na contratação de empregados, por exemplo, os patrões dão preferência a candidatos que saibam se comunicar mais em: espanhol, português, guarani, devem falar mais de uma língua. Quais?

INF.

28. Se você pudesse proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em _____ (localidade)?

INF.

29. Na igreja, no templo, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?

INF.

30. A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?

INF.

31. É possível que seja julgado melhor pela(s) língua(s) que fala do que pela inteligência?

INF.

32. Na região de fronteira qual grupo você acredita que mais conserva as tradições: os paraguaios ou os brasileiros? As pessoas do campo ou da cidade? Por quê?

INF.

33. Quando homens e mulheres falam, você considera que eles falam de forma semelhante (igual), ou você nota diferenças entre a fala do homem e a da mulher? Quais? (enumerar)

INF.

34. Para você quem fala melhor o idioma? As mulheres ou os homens? Por quê?

INF.

35. Você acredita que ricos e pobres falam da mesma maneira? Por quê?

INF.

36. Para o exercício da sua profissão, é preciso escolher um jeito e uma língua diferentes para lidar com cada pessoa? Como? Por quê?

INF.

37. Uma pessoa que tem bastante instrução fala melhor que uma pessoa que tem pouca ou nenhuma instrução escolar?

INF.

38. Na comunicação diária, em sua opinião, quem faz melhor uso da língua (português, guarani, espanhol): os professores/ os médicos/ as pessoas que tem o curso superior; os comerciantes; os empregados.

INF.

39. Poderia relatar um fato ocorrido (bom ou ruim) que envolvesse brasileiro/paraguaio?

INF.

40. Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?

INF.

41. Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?

INF.

42. Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo?

INF.

43. Você namoraria ou se casaria com um (a) brasileiro (a)? Por quê? (pergunta para pessoas solteiras)

INF.

44. Você namoraria ou se casaria com um (a) paraguaio (a)? Por quê? (pergunta para pessoas solteiras)

INF.

45. Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um paraguaio/brasileiro? Por quê?

INF.

46. Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouviu aqui em _____ (localidade), gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?

INF.

47. Você permite que eu use em meu trabalho o que falamos aqui?

INF.

Duração da entrevista: ____ minutos

OBRIGADA!!!

DESCRIÇÃO DO PERFIL DOS INFORMANTES

Isla Margarita (P.01):

HF1G1 tem 35 anos (08.10.1975), natural de Porto Murtinho, Brasil, cônjuge paraguaia, mãe brasileira e pai paraguaio, é o típico brasiguai, ou seja, uma “mistura” de brasileiro com paraguaio, segundo os próprios informantes. Mora na localidade desde a infância, foi criado pelos próprios pais e exerce, na Ilha, a profissão de pescador, herança de família. Este informante cursou apenas a 1ª série antiga do Ensino Fundamental e demonstrou, durante a entrevista, certa timidez apesar de responder a grande parte das perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no quintal da casa do informante, às margens do Rio Paraguai, com ruídos de crianças (04 filhos do informante) amenizados pela distribuição de balas e pirulitos. O intenso calor, cerca de 50°C, obrigou-me a realizar a entrevista sentada embaixo da sombra de uma árvore.

MF1G1 tem 29 anos (30.05.1981), natural de Isla Margarita, Paraguai, porém foi criada na cidade de Campo Grande, MS, Brasil, até os três anos idade. É filha de brasileiros e cônjuge paraguaio. Mora na localidade há 26 anos, foi criada pelos próprios pais e exerce a profissão de pescadora profissional. Esta informante cursou até a 3ª série antiga do Ensino Fundamental. No início da entrevista demonstrou certo sarcasmo, não levando muito a sério as primeiras perguntas, mas esta atitude se transformou no decorrer do inquérito, não prejudicando a coleta de dados.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no quintal da casa da informante, com ruído de criança e de familiares que assistiram à entrevista. O entardecer na casa da informante se mostrou bastante agradável, se desconsiderados os ataques das muriçocas sempre presentes no transcorrer do inquérito.

HF2G1 tem 49 anos (28.09.1961), natural de Isla Margarita, Paraguai, filho de paraguaios. Porém, aos dez anos de idade, com o falecimento da mãe foi trazido para Porto Murtinho, convivendo assim com as duas realidades, o Brasil e o Paraguai. Há 39 anos vive como brasiguai na fronteira em pauta e é casado com brasileira. Exerce a profissão de pedreiro e cursou até a 4ª série antiga do Ensino Fundamental. Demonstrou, durante a entrevista, inteligibilidade, segurança no falar e cooperação para responder aos questionamentos. Dado o elevado número de

narrativas contadas pelo informante, o inquérito durou mais de três horas de gravação.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do intermediário, no lado brasileiro da fronteira, num ambiente tranquilo, com poucos ruídos.

MF2G1 tem 41 anos (18.08.1969), natural de Porto Murtinho, MS, Brasil, mora há mais de vinte anos na localidade. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais, e o cônjuge é paraguaio. Exerce a profissão de manicure e cursou até a 7ª série antiga do Ensino Fundamental. Demonstrou, durante a entrevista, ser espontânea e cooperativa. **Ambiente de inquérito:** A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo, com raras interrupções.

HF1G2 tem 29 anos (21.12.1981), natural de Isla Margarita, Paraguai, morou a vida toda na fronteira, no lado paraguaio e sempre trabalhou no lado brasileiro. É filho de paraguaios e o cônjuge é brasiguiaia. Exerce a profissão de atendente em farmácia, no lado brasileiro, tem o curso técnico em enfermagem (duração de um ano e três meses). Fala fluentemente o português, devido ao contato diário com a língua, já que trabalha há muitos anos no Brasil. Demonstrou segurança nas respostas obtidas durante a entrevista. Por não ter conseguido outro informante que se encaixasse no perfil, optamos por entrevistar esse brasiguiaio.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada, sem interrupções, no escritório da farmácia onde o informante trabalha. Havia ruído de forte chuva que caiu durante o inquérito e que ficou registrado no áudio.

MF1G2 tem 20 anos (16.04.1990), natural de Porto Murtinho, MS, Brasil, mudou-se para o lado paraguaio da fronteira ainda em tenra idade. Quando completou 15 anos, mudou-se para a cidade de Campo Grande, MS, mas, dois anos mais tarde, retornou para a ilha. É solteira, tem mãe paraguaia e pai brasileiro, uma autêntica brasiguiaia criada pelos próprios pais. É estudante, cursa o 7º ano do Ensino Fundamental. Demonstrou certa insegurança durante a entrevista, contudo, esforçou-se para responder as perguntas do questionário, dando-me profunda lição de humanidade.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo, com raras interrupções.

HF2G2 tem 60 anos (29.01.1951), natural de Porto Murtinho, MS, Brasil, É filho de paraguaios, foi criado pelos próprios pais. Morou no lado brasileiro da fronteira até completar dez anos de vida, passou outros dez anos em outras localidades fronteiriças e, na Ilha Margarita, reside há 40 anos. É casado com uma paraguaia e exerceu a profissão de agricultor. Coursou apenas a antiga 1ª série do Ensino Fundamental. Demonstrou segurança durante a entrevista, respondendo de modo cooperativo às perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo, sem interrupções.

MF2G2 tem 50 anos (24.07.1960), natural de Porto Murtinho, MS. A mãe é paraguaia e o pai brasileiro, mas foi criada pela avó paraguaia. Mora na Ilha Margarita há mais de 40 anos. É viúva de um paraguaio e exerce a profissão de comerciante. Coursou até a antiga 6ª série do Ensino Fundamental. Demonstrou atitude cooperativa durante a entrevista.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente com ruídos promovidos por familiares relativos a trabalhos domésticos e, por causa disso, houve algumas interrupções.

Porto Murtinho (P. 02):

HF1G1 tem 25 anos (31.07.1985), natural de Campo Grande, MS, Brasil, solteiro, filho de brasileiros. Veio para a localidade com quatro meses de vida, foi criado pelos próprios pais e trabalha em serviços gerais. Este informante cursou até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental. Demonstrou, durante a entrevista, cooperação ao responder grande parte das perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do intermediário da pesquisa, de modo tranquilo.

MF1G1 tem 19 anos (28.04.1991), natural de Jardim (região próxima a Porto Murtinho), MS. Veio para Porto Murtinho com 10 anos de idade. É filha de brasileiros, foi criada pelos próprios pais, é solteira e exerce a profissão de vendedora. Esta informante possui Ensino Médio completo. Durante o inquérito, demonstrou vivacidade ao responder os questionamentos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi tranquila, realizada na casa do intermediário da pesquisa.

HF2G1 tem 59 anos (22.01.1952), natural de Botucatu, SP, Brasil, filho de brasileiros, casado com uma brasileira, criado pelos próprios pais. Veio para o estado de Mato Grosso do Sul entre os 10 e 11 anos de idade e para Porto Murtinho com 18 anos, quando fixou residência permanente na localidade. Exerce a profissão de gerente administrativo de fazenda próxima à cidade. Coursou até a 7ª série antiga do Ensino Fundamental e demonstrou, durante a entrevista, vivacidade, segurança no falar e cooperação para responder aos questionamentos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do intermediário da pesquisa, num ambiente tranquilo, com alguns ruídos produzidos por atividades domésticas.

MF2G1 tem 66 anos (23.10.1944), natural de São Paulo, SP, mora em regiões sul-mato-grossenses desde os 16 anos de idade e, na localidade, há 33 anos. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais, e o cônjuge também é brasileiro. É do lar, além de revendedora de cosméticos e cursou até a 4ª série antiga do Ensino Fundamental. Demonstrou, durante a entrevista, ser espontânea e cooperativa.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo, com algumas interrupções realizadas por familiares.

HF1G2 tem 29 anos (08.12.1981), natural de Porto Murtinho, MS, morou toda a vida na localidade. Por ter pai brasileiro e mãe paraguaia, é considerado na fronteira como um autêntico brasiguaió. Foi criado pelos próprios pais e é casado com uma brasileira. Exerce a profissão de supervisor operacional no frigorífico da cidade e concluiu o Ensino Médio. Demonstrou vivacidade para responder os questionamentos da entrevista.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante num ambiente tranquilo.

MF1G2 tem 24 anos (25.11.1986), natural de Porto Murtinho, MS, morou fora da localidade apenas 11 meses, na capital do estado. O pai é brasileiro e a mãe

paraguaia, neta de brasiguaios, foi criada pelos próprios pais e é casada com um brasileiro. Tem o Ensino Médio incompleto e comercializa artesanatos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do intermediário da localidade, num ambiente tranquilo.

HF2G2 tem 60 anos (05.07.1951), natural de Porto Murtinho, MS, morou em outros lugares por 27 anos e na localidade reside há 33 anos. Criado pelos próprios pais, e filho de brasileiros e neto, por parte da avó materna, de paraguaios. É casado com uma paraguaia e trabalha como profissional autônomo. Coursou até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental. Demonstrou segurança durante a entrevista, respondendo de modo cooperativo a todas as perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante num ambiente tranquilo, sem interrupções.

MF2G2 tem 48 anos (20.04.1962), natural da Colônia Cachoeira, distante a 95 Km de Porto Murtinho, MS. Mora na localidade há quase trinta anos. A mãe é brasileira e o pai paraguaio, casada com um brasiguai. Exerce a profissão de comerciante e cursou até a antiga 3ª série do Ensino Fundamental. Demonstrou certa inquietude durante a entrevista, pois tem problemas de saúde, o que a impedia de ficar muito tempo sentada de modo confortável.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no estabelecimento comercial da informante, montado na sua própria casa, um típico “bolicho” ou “mercadinho”. Esta foi marcada por uma série de ruídos causados pelos netos da informante e pelo atendimento a uns poucos clientes, levando a algumas interrupções.

Bella Vista do Norte (P. 03):

HF1G1 tem 33 anos (16.06.1978), natural de Bela Vista, MS, casado com uma paraguaia, filho de brasileiro com paraguaia. Mora na localidade desde a infância, foi criado pelos próprios pais e exerce a profissão de comerciante. Coursou o Ensino Médio completo e demonstrou, durante a entrevista, cooperação ao responder a maioria das perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no comércio do informante, já no final da tarde, fator que cooperou para o bom andamento do inquérito, com poucas interrupções.

MF1G1 tem 21 anos (04.08.1989), natural de Campo Grande, MS. Veio para Bella Vista do Norte com um ano e meio de idade. A mãe é paraguaia e o pai brasileiro, foi criada pelos próprios pais, é solteira e exerce a profissão de Assistente Administrativa num posto de gasolina. Possui Ensino Médio completo e durante o inquérito, demonstrou vivacidade ao responder os questionamentos.

Ambiente de inquérito A entrevista foi realizada na casa da informante, no período da noite, num ambiente de inquérito tranquilo.

HF2G1 tem 70 anos (23.11.1940), natural do Distrito de Água Doce, Bela Vista, MS, filho de brasileiros, casado com uma paraguaia e criado pelos próprios pais. Veio para a localidade com oito anos de idade, quando fixou residência permanente em Bella Vista do Norte. Aposentado e analfabeto, demonstrou, durante a entrevista, inteligência e cooperação para responder aos questionamentos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no quintal da casa do informante, num ambiente pouco tranquilo, pois eram inúmeras motocicletas que transitavam pela rua, causando demasiados ruídos no áudio.

MF2G1 tem 50 anos (01.10.1960), natural de Ponta Porã, MS, e mora há 40 anos em Bella Vista do Norte. É filha de uma paraguaia e um brasileiro, criada pelos próprios pais, e o cônjuge também é brasileiro. É do lar e cursou o EJA (Ensino de Jovens e Adultos). Demonstrou, durante a entrevista, espontaneidade e cooperação.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo.

HF1G2 tem 35 anos (13.09.1975), natural de Bela Vista, MS, mora há 20 anos na localidade. Autêntico brasiguai, com mãe brasileira e pai paraguaio, foi criado pelos próprios pais e é casado com uma paraguaia. Exerce a profissão de mecânico e concluiu o Ensino Médio. Demonstrou inteligência e disposição para responder os questionamentos da entrevista.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo.

MF1G2 tem 20 anos (30.05.1990), natural de Bela Vista, MS, onde morou apenas por um ano, mudando-se para Bella Vista Norte de onde nunca mais se mudou,

solteira, o pai é brasileiro e a mãe paraguaia. Foi criada pelos próprios pais e cursa o segundo ano do Ensino Médio.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante, num ambiente tranquilo.

HF2G2 tem 50 anos (07.12.1960), natural de Bela Vista, MS, morou em Campo Grande, capital do estado, e, na localidade, reside há quase 30 anos. Criado pelos próprios pais, é filho de paraguaios. É casado com uma paraguaia e trabalha como mecânico. Cursou até a antiga 3ª série do Ensino Fundamental. A presença da esposa durante a entrevista, aparentemente, o deixou um pouco tenso, mas a situação foi contornada ao longo do inquérito, culminando na participação cooperativa do informante.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante num ambiente tranquilo.

MF2G2 tem 43 anos (03.06.1967), natural de Campo Grande, MS. Chegou à Bela Vista paraguaia com dez anos de idade, de onde nunca mais saiu. Filha de mãe paraguaia e pai brasileiro, foi casada com um paraguaio de quem se divorciou. Exerce a profissão de comerciante e tem o Ensino Médio incompleto. Demonstrou certa inquietude durante a entrevista, talvez por causa do longo tempo de inquérito.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada ao lado do estabelecimento comercial de uma moradora da localidade que nos colocou em contato com essa informante. O inquérito foi realizado à margem da rua, à sombra de uma árvore e foi marcado por alguns ruídos sem, contudo, prejudicar a gravação.

Bela Vista (P. 04):

HF1G1 tem 23 anos (21.11.1987), natural de Bela Vista, MS, solteiro, filho de brasileiros, criado pelos próprios pais. Sempre morou na localidade e exerce a profissão de *promoter*. Este informante cursou Ensino Médio completo e demonstrou inteligência e cooperação ao responder grande parte das perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa das intermediárias da pesquisa num ambiente tranquilo, fator que contribuiu para o bom andamento do inquérito. Entretanto, há uma particularidade nesta entrevista: o informante veio acompanhado de um amigo que exercia a profissão de veterinário, era visível a

impaciência deste e, ao final do inquérito, sofreu a investigação comum em regiões de fronteira. A desconfiança e a falta de credibilidade por parte desse belavistense foram visíveis.

MF1G1 tem 18 anos (19.10.1992), natural de Bela Vista, MS. Esteve fora da localidade por dois anos, período em que morou em Ribas do Rio Pardo. É filha e neta de brasileiros, foi criada pela mãe e avó brasileiras. É solteira e estudante do Ensino Médio. Durante o inquérito, apesar da timidez, demonstrou vivacidade ao responder os questionamentos.

Ambiente de inquérito A entrevista foi realizada na casa da informante, num ambiente de inquérito tranquilo.

HF2G1 tem 46 anos (06.07.1964), nascido e criado em Bela Vista, MS, filho de brasileiros, casado com uma brasileira, criado pelos próprios pais, sempre residiu na localidade. É um policial aposentado, apesar de jovem. Não entrou em detalhes, mas pareceu-me não ter boa saúde. Este informante concluiu o Ensino Médio. O informante estava um tanto lento para responder aos questionamentos, pois havia ingerido bebida alcoólica, apesar do fato, a entrevista não foi prejudicada. Apenas o tempo de duração se estendeu além do normal.

Ambiente de inquérito: Parte da entrevista foi realizada no lado de fora da casa do informante. Entretanto, devido ao excesso de ruídos de motocicletas, foi necessário concluir a entrevista dentro da casa do entrevistado.

MF2G1 tem 48 anos (25.08.1962), natural de Bela Vista, MS, mora há 25 anos na localidade. Criada pelos próprios pais, filha de brasileiros e pela avó materna tem ascendência paraguaia. O cônjuge também é brasileiro e por causa da profissão de militar, ambos moraram um tempo (não foi especificado) no Rio de Janeiro. É do lar e cursou até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental. Demonstrou, durante a entrevista, ser espontânea e cooperativa.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo.

HF1G2 tem 25 anos (04.06.1985), natural de Aquidauana, MS, há 18 anos mora na localidade. É filho de brasileiros e, na linhagem materna, neto de paraguaios. Foi

criado pelos próprios pais. É solteiro, concluiu o Ensino Médio e exerce a profissão de pintor e jogador profissional. Demonstrou inteligência e cooperação ao responder os questionamentos da entrevista.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na frente da casa da informante, embaixo da sombra de uma árvore, num ambiente tranquilo.

MF1G2 tem 23 anos (20.02.1998), natural de Bela Vista, MS. A informante morou 05 anos em Campo Grande, MS, residindo na localidade a 18 anos. Os pais são brasileiros, mas é neta de paraguaios, foi criada pelos próprios pais, solteira. Quanto à escolaridade, concluiu o Ensino Médio e exerce a profissão de cabeleireira.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante, num ambiente tranquilo.

HF2G2 tem 64 anos (11.04.1946), natural de Bela Vista, MS, morou no lado paraguaio da fronteira até aos 12 anos de idade com a mãe, reside na localidade a 52 anos. Criado pela mãe e pelo avô paraguaios, o pai é brasileiro e a mãe paraguaia. É casado com uma brasileira e comerciante respeitado na cidade. Coursou o equivalente à antiga 5ª série do Ensino Fundamental, no lado paraguaio da fronteira. O informante se mostrou de uma vivacidade incomum, extremamente inteligente, respondeu, de modo impar, o questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante num ambiente tranquilo.

MF2G2 tem 65 anos (10.12.1945), natural de Bela Vista, MS, localidade onde sempre morou. A mãe é brasileira e o pai paraguaio, casada com paraguaio. É do lar e cursou apenas a antiga 1ª série do Ensino Fundamental. Demonstrou admirável tranquilidade durante a entrevista, transcorrendo de maneira agradável o inquérito linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no quintal da casa da informante, à sombra de uma árvore, num ambiente tranquilo.

Pedro Juan Caballero (P. 05):

HF1G1 tem 33 anos (15.06.1977), natural de Ponta Porã, MS, filho de brasileiros. Criado pelos próprios pais, morou quatro anos no lado brasileiro e na localidade

mora há 29 anos. Casado com uma brasiguaiia, exerce a profissão de instrutor em auto-escola e cursou Ensino Médio completo. Demonstrou inteligência e cooperação ao responder as perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa mãe do informante, num ambiente bastante tranquilo.

MF1G1 tem 20 anos (10.09.1991), natural de Ponta Porã, MS, onde morou por dez anos e reside em Pedro Juan Caballero também há dez anos. Filha de brasileiros, é casada com brasileiro (filho de brasiguaios). Concluiu o Ensino Médio e é do lar. Durante o inquérito demonstrou vivacidade e cooperação ao responder os questionamentos.

Ambiente de inquérito A entrevista foi realizada na casa da sogra da informante, num ambiente de inquérito relativamente tranquilo, pois havia alguns ruídos domésticos. Entretanto, a entrevista transcorreu sem interrupções.

HF2G1 tem 43 anos (15.10.1967), nascido e criado até aos sete anos de idade em Ponta Porã, MS. Reside em Pedro Juan há 35 anos, filho de brasileiros, casado com uma brasileira. Foi criado pelos próprios pais. Este informante cursou até a antiga 6ª série do Ensino Fundamental.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada da casa do informante, num ambiente bastante tranquilo.

MF2G1 tem 62 anos (18.07.1949), natural de Junqueirópolis, SP, Brasil, chegou à região paraguaia com 17 anos de idade, mora em Pedro Juan, especificamente, há 36 anos. Filha de brasileiros, foi criada pelos próprios pais e é casada também com brasileiro. Do lar, não frequentou escola, mas aprendeu a ler e escrever porque o pai pagava professora particular para lecionar para os filhos. Informante de uma vivacidade e serenidade singulares.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo.

HF1G2 tem 18 anos (28.05.1992), natural de Cuiabá, MT, mora há 16 anos na localidade. É filho de uma paraguaia e um brasileiro e criado pelos próprios pais. É solteiro, concluiu o Ensino Médio e trabalha com serviços gerais em uma fazenda

próxima à cidade há três anos. Demonstrou certa insegurança e dificuldade ao responder os questionamentos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no local de trabalho do informante, num ambiente tranquilo.

MF1G2 tem 28 anos (16.04.1983), natural de Coronel Sapucaia, MS. A informante chegou a Pedro Juan Caballero com 02 anos de idade, local onde reside há 26 anos. Criada apenas pela mãe que é brasileira e o pai paraguaio. O cônjuge é brasileiro. cursou até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental e exerce a profissão de comerciante.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no comércio da informante, num ambiente tranquilo, com algumas interrupções a fim de que a entrevistada atendesse alguns de seus clientes. A informante se mostrou cooperativa e inteligente.

HF2G2 tem 66 anos (25.10.1944), natural de Ponta Porã, MS, morou 12 anos dentro do estado sul-mato-grossense e, em regiões de fronteira, reside há 52 anos. Os pais são brasileiros, por quem foi criado até aos sete anos de idade. Após este período passou a ser criado pelos padrinhos de batismo, segundo a religião católica, que também são brasileiros. É casado com uma paraguaia e exerce o cargo de recepcionista na Prefeitura Municipal de Ponta Porã e reside na cidade de Pedro Juan Caballero. Concluiu o Ensino Fundamental. O informante foi sobremodo amável, educadíssimo, demonstrou vivacidade e inteligência ao responder o questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na sala de trabalho do informante, na Prefeitura Municipal de Ponta Porã, num ambiente tranquilo, longe de ruídos.

MF2G2 tem 60 anos (25.03.1951), natural de Junqueirópolis, SP, chegou à região paraguaia com 15 anos de idade, mora em Pedro Juan há 45 anos. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais e casada com paraguaio. É do lar, não frequentou escola, entretanto, aprendeu a ler e escrever em casa. O pai pagava professora particular para lecionar para os filhos. A informante se mostrou bastante fechada no início do inquérito, se soltando no decorrer da entrevista.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante, num ambiente tranquilo.

Ponta Porã (P. 06):

HF1G1 tem 26 anos (07.01.1985), natural de Santa Isabel de Ivaí, PR, filho de brasileiros, criado pela mãe e pelo padrasto que é sul-mato-grossense, chegou na localidade com seis anos de idade onde reside há 20 anos. É casado com uma brasileira e é militar. Kursou o Ensino Fundamental completo. Apesar da característica de personalidade um tanto reservada, talvez oriunda da profissão, demonstrou inteligência e cooperação ao responder as perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante, num ambiente tranquilo.

MF1G1 tem 27 anos (10.09.1991), natural de Dourados, MS. Depois do nascimento, a informante foi levada pelos pais para o estado de São Paulo, onde residiu por dez anos. Após este período mudou-se para Ponta Porã, onde mora há dezessete anos. É filha de brasileiros e casada com brasileiro. Concluiu o Ensino Médio e é do lar. Durante o inquérito, respondeu às perguntas com vivacidade e cooperação.

Ambiente de inquérito A entrevista foi realizada na casa da irmã da informante, a intermediária da pesquisa, num ambiente de inquérito relativamente tranquilo, pois havia ruídos de crianças.

HF2G1 tem 50 anos (14.10.1960), nascido e criado na cidade de Sebastionópolis, SP. Chegou a Ponta Porã com 23 anos, onde reside há 27 anos. É filho de brasileiros, por quem foi criado, e casado com uma brasileira. O informante kursou até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental e exerce a profissão de comerciante. Demonstrou inteligência e cooperação ao responder às perguntas do questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no comércio do informante, numa sala reservada num ambiente bastante tranquilo.

MF2G1 tem 55 anos (20.04.1955), natural de Ponta Porã, MS, Brasil, sempre morou na localidade. É filha de brasileiros, casada também com brasileiro, foi criada pelos próprios pais. Kursou o Ensino Médio completo e trabalha como agente de limpeza numa escola pública da cidade. Esta informante demonstrou inteligência e cooperação ao responder as perguntas formuladas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo.

HF1G2 tem 22 anos (22.11.1988), natural de Ponta Porã, MS, sempre morou na localidade. Criado pelos próprios pais, com mãe paraguaia e pai brasileiro. É casado com uma brasileira, não concluiu o terceiro ano do Ensino Médio e exerce a função de militar.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante, num ambiente tranquilo.

MF1G2 tem 26 anos (24.09.1984), natural de Ponta Porã, MS. A informante sempre morou nessa localidade. É uma típica brasiguiaia, mãe brasileira e pai paraguaio, criada pelos próprios pais e casada com um brasileiro. Coursou o Ensino Médio completo e exerce a profissão de cabeleireira. A informante se mostrou cooperativa e inteligente.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no salão de beleza da informante, enquanto trabalhava como manicure. O ambiente era relativamente tranquilo com ruídos baixos.

HF2G2 tem 51 anos (28.10.1961), natural de Sanga Puitã, distrito de Ponta Porã, MS; até os quatro anos de idade morou em Assunção, no Paraguai, e em Fatima do Sul, MS. Na localidade reside há 47 anos. Filho de uma paraguaia e um brasileiro, foi criado pelos avós paraguaios e é casado com uma brasileira. Coursou até o primeiro ano do Ensino Médio e exerce a profissão de mecânico. O informante demonstrou vivacidade e inteligência ao responder o questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na varanda da casa do informante, em ambiente tranquilo, afetado apenas por ruído de forte chuva que caiu durante quase todo o tempo de sua duração.

MF2G2 tem 42 anos (07.07.1968), natural de Palmas, PR, chegou à região paraguaia com 12 anos de idade e mora em Ponta Porã há mais de 33 anos. É filha de brasileiros, foi criada pelos próprios pais, casada com paraguaio. É do lar, cursou até a antiga 5ª série do Ensino Fundamental. A Informante se mostrou inteligente e cooperativa ao longo do inquérito.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante, num ambiente tranquilo.

Capitán Bado⁹⁴ (P. 07):

HF1G1 tem 34 anos (01.09.1976), natural de Vilas Marques distante 50 Km de Coronel Sapucaia, MS. Filho de brasileiros, criado pelos próprios pais, residiu em Coronel Sapucaia por 23 anos e mora há 11 anos em Capitán Bado. Apesar de não morar metade da vida na localidade, o informante sempre residiu na mesma região linguística. É casado com uma brasileira e é agricultor, sua propriedade rural fica a 10 km de distância de Capitán Bado. Este entrevistado cursou até a antiga 8ª série do Ensino fundamental e durante o inquérito, demonstrou inteligência e perspicácia ao responder as perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da mãe do informante, na localidade de Coronel Sapucaia, num ambiente tranquilo, com baixo ruído doméstico.

MF1G1 tem 34 anos (01.12.1975), natural de Itaquiraí, MS. Morou 16 anos na cidade de origem, mudando-se para Coronel Sapucaia aos 17 anos de idade. Em Capitán Bado reside há 11 anos. Apesar de não morar metade da vida na localidade, a informante reside metade da vida nessa região linguística. É filha de brasileiros, casada com brasileiro. Cursou até ao 1º ano do Ensino Médio e é do lar. Durante o inquérito, respondeu às perguntas com vivacidade e cooperação.

Ambiente de inquérito A entrevista foi realizada na casa da sogra da informante num ambiente de inquérito relativamente tranquilo, pois havia ruídos domésticos.

HF2G1 tem 46 anos (27.01.1965), nascido em Fátima do Sul, MS. Chegou a Capitán Bado com 19 anos de idade, onde reside há 26 anos. É filho de brasileiros, por quem foi criado, e casado com uma brasileira. Este informante cursou até a antiga 3ª série do Ensino Fundamental e exerce a profissão de agricultor. Demonstrou inteligência e cooperação ao responder às perguntas do questionário linguístico.

⁹⁴ É de particular interesse, registrar que essa localidade possui fortes características rurais. Seria o urbano tratado por Freitas (2012).

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante, no seu escritório, fator que condicionou um ambiente de inquérito bastante tranquilo, apesar de sua residência ser bem movimentada.

MF2G1 tem 54 anos (24.07.1956), natural do estado de Minas Gerais. Chegou à localidade com 24 anos de idade e há 30 anos aí reside. É filha de brasileiros, casada também com brasileiro e criada pelos próprios pais. Coursou apenas a primeira série antiga do Ensino Fundamental e trabalha como lavradora. Esta informante demonstrou inteligência e cooperação ao responder as perguntas formuladas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente com ruídos domésticos, posto ser a casa da informante bastante movimentada.

HF1G2 tem 23 anos (04.04.1987), natural de Coronel Sapucaia, MS, veio para a localidade aos três anos de idade, onde mora há 20 anos. A mãe é paraguaia e o pai brasileiro e criado pelos próprios pais. É casado com uma brasileira. Em termos de escolaridade, cursou até o primeiro ano do Ensino Médio e exerce a função de motorista numa funerária. O informante demonstrou cooperação ao responder aos questionamentos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da intermediária da pesquisa, num ambiente tranquilo.

MF1G2 tem 27 anos (13.08.1983), natural de Ponta Porã, MS. A informante chegou à localidade com nove anos de idade e há 18 anos mora em Capitán Bado. É filha de brasileiros e neta de paraguaios, criada pelos próprios pais, é casada com um brasileiro. Coursou o Ensino Médio completo e trabalha no comércio. A informante se mostrou cooperativa e inteligente.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na loja da intermediária da pesquisa, fora do horário de comércio, o que garantiu um ambiente de pesquisa bastante tranquilo.

HF2G2 tem 55 anos (24. 06.1957), natural de Tacuru (antigamente era distrito de Amambai), MS. Morou em Tacuru por dois anos e, no lado brasileiro da fronteira por

22 anos, especificamente em Capitán Bado, reside há 31 anos. É filho de brasileiros, criado pelos próprios pais, e neto de paraguaios por ascendência materna. Além disso, é casado com uma paraguaia. Coursou até a antiga 7ª série do Ensino Fundamental e exerce a profissão de mecânico. O informante demonstrou cooperação ao responder o questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante, o ambiente era agitado. Houve entrada e saída de filhos por várias vezes e também, durante a entrevista, ocorreu a interferência da esposa do informante, fator que prejudicou o levantamento de termos que revelassem os contatos de línguas, pois mesmo com gestos de silenciamento, por parte da inquiridora desta pesquisa, a circunstância participou do inquérito.

MF2G2 tem 47 anos (17. 08.1963), natural de São Miguel do Iguazu, PR. Chegou à localidade de Coronel Sapucaia com 13 anos de idade, onde morou por nove anos e há 25 anos reside em Capitán Bado. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais, casada com um paraguaio. Coursou até o segundo ano do Ensino Médio e exerce a profissão de boleira para festas. A informante demonstrou vivacidade e inteligência ao responder o questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na área da casa da informante, o ambiente era bastante tranquilo.

Coronel Sapucaia (P. 08):

HF1G1 tem 23 anos (25.06.1987), natural de Sorriso, MT, filho de brasileiros, criado pelos próprios pais, veio para Coronel Sapucaia com quase um ano de idade e aí reside há 22 anos. Os pais do informante residem na cidade há mais de trinta anos. É solteiro e exerce a profissão de motorista da FUNASA e, durante os fins de semana, trabalha como garçom em restaurante. Coursou o Ensino Médio completo e demonstrou inteligência e perspicácia ao responder as perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da intermediária da pesquisa num ambiente tranquilo, com pouco ruído doméstico.

MF1G1 tem 21 anos (08.05.1989), natural de Amambai, MS. Foi criada em Coronel Sapucaia de onde se ausentou por oito meses, ocasião em que morou na capital do estado. É filha de brasileiros e é solteira. Coursou o Ensino Médio completo. Quanto à

profissão, é balconista em uma loja. Durante o inquérito, respondeu às perguntas com vivacidade e cooperação.

Ambiente de inquérito A entrevista foi realizada na loja da intermediária da pesquisa, fora do horário comercial, num ambiente de inquérito bastante tranquilo.

HF2G1 tem 58 anos (16.06.1952), natural de Valentim Gentil, SP. Chegou a Coronel Sapucaia com 17 anos de idade, onde reside há mais de 40 anos. Seus pais estão entre os fundadores da localidade. É filho de brasileiros, por quem foi criado, e casado com uma brasileira. Este informante cursou o antigo 2ª ano ginásial equivalente ao 8º ano do Ensino Fundamental atual, exerceu o cargo de funcionário público e também foi subprefeito da localidade, quando esta era distrito de Amambaí. Atualmente é agricultor. Demonstrou inteligência e cooperação ao responder às perguntas do questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante num ambiente de inquérito bastante tranquilo.

MF2G1 tem 50 anos (25.12.1959), natural de Amambaí, MS. Chegou à Coronel Sapucaia com 18 anos de idade e há 32 anos mora na localidade. É filha de brasileiros, casada com brasileiro e criada pelos próprios pais. Iniciou a 8ª série antiga do Ensino Fundamental, mas não a concluiu. É comerciante. Esta informante demonstrou inteligência e cooperação ao responder as perguntas formuladas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no comércio da informante, com poucas interrupções.

HF1G2 tem 30 anos (27.05.1980), natural de Ponta Porã, MS, morou na localidade de origem até aos 06 anos de idade, depois mudou-se para Corumbá, MS, onde residiu até aos 10 anos. Após esse período, veio para Coronel Sapucaia onde mora há 20 anos. É filho de paraguaios (a mãe residiu em Ponta Porã a vida toda), foi criado pelos próprios pais, é casado com uma brasileira. Em termos de escolaridade, cursou Ensino Médio completo e exerce a função de motorista. O informante demonstrou inteligência e cooperação ao responder aos questionamentos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da intermediária da pesquisa, num ambiente tranquilo.

MF1G2 tem 23 anos (24.04.1988), natural de Coronel Sapucaia, MS. Morou 08 anos em Dourados (05 aos 12 anos), posteriormente, retornando para Sapucaia, onde reside há 15 anos. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais, e casada com um paraguaio. Cursou o Ensino Fundamental completo. A informante se mostrou cooperativa e inteligente.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da intermediária da pesquisa, com ruídos dos filhos da informante.

HF2G2 tem 47 anos (25. 11.1962), natural de Coronel Sapucaia, MS. Sempre morou em Coronel Sapucaia. É filho de paraguaios, criado pelos próprios pais, e casado com uma brasileira. Cursou até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental e exerce a profissão de vendedor. O informante demonstrou cooperação ao responder o questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na loja da intermediária da pesquisa, fora do horário comercial, num ambiente de inquérito bastante tranquilo.

MF2G2 tem 64 anos (30. 06.1946), natural de Coronel Sapucaia, MS. Sempre morou na localidade. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais, apesar do esposo ser brasileiro (brasiguai), o sogro e a sogra são paraguaios. Esta informante cursou até a antiga 3ª série do Ensino Fundamental numa escola rural e é do lar. A informante não era muito falante, por isso respondeu às questões objetivamente, fator que gerou relatos curtos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na área da casa da intermediária da pesquisa, o ambiente era tranquilo.

Pindoty Porã (P. 09):

HF1G1 tem 28 anos (03.10.1982), natural de Catanduvas, PR, filho de brasileiros, criado pelos próprios pais, veio para Pindoty Porã com sete anos de idade, residindo na localidade por 21 anos. É casado com uma brasileira e exerce a profissão de metalúrgico. Este entrevistado cursou a antiga 7ª série do Ensino Fundamental, demonstrou inteligência e cooperação ao responder as perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da intermediária da pesquisa num ambiente tranquilo.

MF1G1 tem 27 anos (07.11.1983), natural de Nova Olímpia, MT. Mudou-se para Pindoty Porã com 11 anos de idade e mora na localidade há 16 anos. É filha de brasileiros e é casada com um brasileiro. Coursou até a antiga 6ª série do Ensino Fundamental. Quanto à profissão, exerce a função de empregada doméstica. Durante o inquérito, respondeu às perguntas cooperativamente.

Ambiente de inquérito A entrevista foi realizada na casa da informante. Uma circunstância se acercava ao ambiente de inquérito e tentava responder aos questionamentos. Fator que exigiu esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, sem, contudo, prejudicar seu andamento. Decisão que se mostrou eficaz para solucionar o problema.

HF2G1 tem 53 anos (02.01.1958), natural de Assis Chateaubriand, PR. Reside há mais de 30 anos nessa fronteira e, em Pindoty Porã, especificamente, mora há 16 anos. É filho de brasileiros, por quem foi criado, e casado com uma brasileira. Este informante cursou até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental e é agricultor. Demonstrou inteligência e cooperação ao responder às perguntas do questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante num ambiente de inquérito bastante tranquilo.

MF2G1 tem 46 anos (25.12.1964), natural de Jacarezinho, SP. Chegou à região de fronteira com 16 anos de idade, onde reside há 30 anos, dos quais, 15 anos especificamente em Pindoty Porã. É filha de brasileiros, casada também com brasileiro, foi criada pelos próprios pais. Coursou até a 8ª série antiga do Ensino Fundamental. É do lar. Esta informante demonstrou inteligência e cooperação ao responder as perguntas formuladas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo.

HF1G2 tem 22 anos (10.10.1988), natural de Sete Quedas, MS, mora na localidade desde que nasceu. É filho de mãe brasileira e pai paraguaio, foi criado pelos próprios pais, é solteiro. Em termos de escolaridade, cursou o Ensino Médio completo e exerce a função de operador de máquinas. O informante demonstrou inteligência e cooperação ao responder aos questionamentos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no escritório onde trabalha o informante, com algumas interrupções no inquérito.

MF1G2 tem 30 anos (17.04.1980), natural de Tabira, PE. Chegou a Pindoty Porã com quatro anos de idade, reside nessa fronteira há 26 anos, dos quais 16 em Pindoty. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais, e casada com um paraguaio. Coursou até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental e exerce a profissão de vendedora e manicure. A informante se mostrou cooperativa e inteligente.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante num ambiente tranquilo.

HF2G2 tem 59 anos (25. 03.1951), natural de Catanduva, PR. Chegou à localidade com 26 anos de idade, onde reside há 33 anos. É filho de brasileiros, criado pelos próprios pais, e casado com uma paraguaia. Coursou o Ensino Médio completo, é funcionário público, exerce a função de segurança da delegada da cidade de Sete Quedas. Apesar do trabalho, reside no lado paraguaio da fronteira. O informante demonstrou cooperação e inteligência ao responder o questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante, num ambiente de inquérito bastante tranquilo.

MF2G2 tem 42 anos (16. 06.1968), natural de Mariluz, PR. Chegou à fronteira aos sete anos de idade e, em Pindoty Porã especificamente, reside há 24 anos. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais, casada com paraguaio. Esta informante cursou até a antiga 5ª série do Ensino Fundamental e é do lar. A informante respondeu às questões cooperativamente.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante, num ambiente tranquilo.

Sete Quedas (P. 10):

HF1G1 tem 28 anos (14.12.1982), natural de Sete Quedas, MS, filho de brasileiros, criado pelos próprios pais, sempre residiu na localidade. É casado com uma brasileira e exerce a profissão de vendedor. Este entrevistado cursou Ensino Médio completo. Iniciou o inquérito demonstrando certo sarcasmo, levando-o na

brincadeira. Entretanto, depois de um certo tempo, percebeu a seriedade da pesquisa e acabou por mudar de atitude, cooperando ao responder as perguntas.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no trabalho do informante, num ambiente comercial com certo volume de ruídos.

MF1G1 tem 30 anos (05.12.1980), natural de Sete Quedas, MS. Morou apenas por três anos na capital do estado, retornando definitivamente para a localidade. É filha de brasileiros e é casada com um brasileiro. Coursou até a antiga 6ª série do Ensino e exerce a função de pastora, ligada a uma igreja evangélica. Durante o inquérito, demonstrou inteligência e cooperação.

Ambiente de inquérito A entrevista foi realizada na casa da informante, num ambiente tranquilo.

HF2G1 tem 52 anos (10.01.1959), natural de Chupinzinho, PR. Chegou à localidade com 18 anos de idade, onde reside há 34 anos. É filho de brasileiros, por quem foi criado, e casado com uma brasileira. Este informante cursou até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental e é secretário de agricultura da prefeitura municipal de Sete Quedas, também opera máquinas. Demonstrou inteligência e cooperação ao responder às perguntas do questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante num ambiente de inquérito bastante tranquilo.

MF2G1 tem 45 anos (07.06.1965), natural de Cascavel, PR. Chegou à localidade com seis anos de idade, morou alguns anos em Dourados, MS, voltando para Sete Quedas onde reside há 34 anos. É filha de brasileiros, por quem foi criada, e casada com brasileiro. Esta informante cursou até a antiga 7ª série do Ensino Fundamental e é do lar. Demonstrou inteligência e cooperação ao responder às perguntas do questionário linguístico.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da irmã da informante num ambiente de inquérito bastante tranquilo.

HF1G2 tem 18 anos (11.04.1992), natural de Sete Quedas, MS, morou quatro anos no lado paraguaio e um ano no norte de Mato Grosso, vive na localidade há 13 anos. É filho de uma brasileira e um paraguaio, foi criado pelos próprios pais, é

solteiro. Em termos de escolaridade, cursou até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental e trabalha em serviços gerais numa empresa de grãos da cidade. O informante demonstrou certa timidez, mas manteve atitude cooperativa ao responder aos questionamentos.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada no local de trabalho do informante, com algumas interrupções no inquérito e com ruídos que não o prejudicaram.

MF1G2 tem 28 anos (04.12.1982), natural de Sete Quedas, MS. Sempre morou na localidade. A mãe é paraguaia e o pai brasileiro, criada pelos próprios pais, e casada com um brasileiro. Cursou até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental e é do lar. A informante se mostrou cooperativa e inteligente.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na oficina do esposo da informante num ambiente relativamente tranquilo.

HF2G2 tem 42 anos (19. 06.1967), natural de Cascavel, PR. Chegou à localidade com dois anos de idade, onde reside há 35 anos. Durante cinco anos de sua vida residiu em Iguatemi, MS, e no lado paraguaio da fronteira. É filho de brasileiros, criado pelos próprios pais, foi casado com uma paraguaia. Cursou até a antiga 8ª série do Ensino Fundamental, exerce a função de segurança de fazendeiro da localidade. O informante demonstrou certa timidez, sendo sucinto nas palavras.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa do informante, num ambiente de inquérito tranquilo.

MF2G2 tem 47 anos (22. 10.1963), natural de Terra Boa, PR. Na localidade reside há 34 anos. É filha de brasileiros, criada pelos próprios pais, casada com um paraguaio. Esta informante cursou até a antiga 4ª série do Ensino Fundamental e é do lar. A informante respondeu às questões demonstrando cooperação e inteligência.

Ambiente de inquérito: A entrevista foi realizada na casa da informante, num ambiente relativamente tranquilo.

Acervo Iconográfico do ALF – BR PY

Isla Margarita (Ponto 01) – Paraguay



Rio Paraguai - Isla Margarita (PY)



Casa de Comércio - Isla Margarita (PY)



Consultório Odontológico - Isla Margarita (PY)



Placa de boas-vindas - Isla Margarita (PY)



Travessia do Rio Paraguai – Divisa Isla Margarita (PY) – Porto Murtinho, MS, Brasil Isla Margarita (PY)



Igreja Católica - Isla Margarita (PY)

Porto Murinho (Ponto 02) - Brasil



Entrada de Porto Murinho – MS, Brasil



Museu de Porto Murinho – MS, Brasil



Monumento referente aos processos de colonização – Porto Murinho, MS, Brasil



Monumento referente aos processos de colonização – Porto Murinho, MS, Brasil



Monumento referente aos processos de colonização – Porto Murinho, MS, Brasil



Universidade Federal de Porto Murinho, MS, Brasil

Bella Vista do Norte (Ponto 03) – Paraguai



Bella Vista do Norte - Paraguay



Comércio de Bella Vista do Norte - Paraguay



Prefeitura de Bella Vista do Norte - Paraguay



Praça dos Heróis: referência à guerra do Paraguai - Bella Vista do Norte - Paraguay



Bicicletaria - Bella Vista do Norte - Paraguay



Comércio de Auto-peças - Bella Vista do Norte - Paraguay

Bela Vista (Ponto 03) – Brasil



Entrada de Bela Vista – MS, Brasil



Placa de boas-vindas - Bela Vista – MS, Brasil



Prefeitura de Bela Vista – MS, Brasil



Quartel do Exército brasileiro em Bela Vista – MS, Brasil



Catedral de Bela Vista – MS, Brasil



Monumento referente aos processos de colonização – Bela Vista, MS, Brasil

Pedro Juan Caballero (Ponto 05) – Paraguai



Placa de boas-vindas - Pedro Juan Caballero - Paraguay



Comércio de Auto-peças - Pedro Juan Caballero - Paraguay



Restaurante - Pedro Juan Caballero - Paraguay



Borracharia e Oficina - Pedro Juan Caballero - Paraguay

Ponta Porã (Ponto 06) – Brasil



Monumento referente aos processos de colonização - Ponta Porã, MS



Câmara Municipal de Ponta Porã, MS, Brasil⁹⁵



Prefeitura de Ponta Porã, MS, Brasil



Forno de barro em residência - Ponta Porã, MS, Brasil

⁹⁵ Esta imagem não pertence ao acervo iconográfico da autora, foi retirado da rede mundial de computadores..

Capitán Bado (Ponto 07) – Paraguai



Entrada da cidade de Capitán Bado - Paraguay



Prefeitura de Capitán Bado - Paraguay



Monumento referente aos processos de colonização - Capitán Bado - Paraguay



Avenida Internacional - Capitán Bado – Paraguay divisa com Coronel Sapucaia, MS, Brasil

Coronel Sapucaia (Ponto 08) – Brasil



Entrada da cidade de Coronel Sapucaia, MS, Brasil



Posto Fiscal de da cidade de Coronel Sapucaia, MS, Brasil



Monumento referente aos processos de colonização - Coronel Sapucaia, MS, Brasil



Oca indígena em Aldeia - Coronel Sapucaia, MS, Brasil

Pindoty Porã (Ponto 09) – Paraguai



Placa de boas-vindas na entrada da cidade – Pindoty Porã, Paraguay



Casa de comércio – Pindoty Porã, Paraguay



Igreja Evangélica - Pindoty Porã, Paraguay



Comércio – Pindoty Porã, Paraguay

Sete Quedas (Ponto 10) – Brasil



Placa de entrada da cidade – Sete Quedas, MS, Brasil



Escola de condutores - Sete Quedas, MS, Brasil




Avenida de Sete Quedas, MS, Brasil



Centro da cidade - Sete Quedas, MS, Brasil

ANEXO

	Projeto Atlas Lingüístico do Brasil Ficha do Informante No. do ponto: No. informante:
---	--

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	
		15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	

RENDA

19. TIPO DE RENDA: A. <input type="checkbox"/> individual B. <input type="checkbox"/> familiar
--

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO
--

20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> pr. auditório		D. <input type="checkbox"/> noticiários E. <input type="checkbox"/> pr. religioso F. <input type="checkbox"/> filmes		G. <input type="checkbox"/> outro			
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita B. <input type="checkbox"/> parabólica C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura		23. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca		D. <input type="checkbox"/> parte do dia E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja		G. <input type="checkbox"/> enquanto trabalha			
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> noticiário geral B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> pr. religioso				D. <input type="checkbox"/> noticiário policial E. <input type="checkbox"/> música F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte		25. LÊ JORNAL? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca			
26. NOME DO JORNAL: A. <input type="checkbox"/> local B. <input type="checkbox"/> estadual C. <input type="checkbox"/> nacional				27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. <input type="checkbox"/> editorial B. <input type="checkbox"/> esportes C. <input type="checkbox"/> variedades				D. <input type="checkbox"/> pr. cultural E. <input type="checkbox"/> política F. <input type="checkbox"/> página policial	
28. LÊ REVISTA? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca									
29. NOME/TIPO DE REVISTA:									

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico	
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca	
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente	
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"	
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR: A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum	
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	

44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
46. OBSERVAÇÕES:		
47. NOME DO ENTREVISTADOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
	CIDADE: UF:	50. DURAÇÃO:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

REGIANE COELHO PEREIRA REIS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO
COM O ESPANHOL E O GUARANI NA PERSPECTIVA DO
ATLAS LINGUÍSTICO-CONTATUAL DA FRONTEIRA ENTRE
BRASIL/PARAGUAI (ALF-BR PY)**

VOLUME II

REGIANE COELHO PEREIRA REIS

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO
COM O ESPANHOL E O GUARANI NA PERSPECTIVA DO
ATLAS LINGUÍSTICO-CONTATUAL DA FRONTEIRA ENTRE
BRASIL/PARAGUAI (ALF-BR PY)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Área de concentração - Linguagem e Significação, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina - PR
2013

APRESENTAÇÃO

O Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira Brasil/Paraguai (ALF-BR PY) compõe-se de um conjunto de 123 cartas semântico-lexicais retiradas de perguntas do Questionário Linguístico (QSL) referentes a duas grandes áreas semânticas: Terra e Homem. Quanto ao aparato teórico-metodológico para a elaboração do ALF-BR PY, adotamos os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional. A pesquisa desenvolvida para esta tese, nos conduziu a, por meio da cartografia dos dados, identificar influências das línguas espanhola e guarani sobre a língua portuguesa falada por brasileiros com ascendência brasileira e por brasileiros com ascendência paraguaia. Haja vista, o contato entre esses falares ser inevitável, pois a própria situação fronteiriça tende a promover o uso bilíngue/trilíngue. Apesar de se constituírem comunidades divergentes em seus papéis sociais, com identidades nacionais próprias atreladas a idiomas oficiais distintos, as trocas culturais e linguísticas são inevitáveis.

No caso das cartas do ALF-BR PY, em termos de limites, foi considerada a linha internacional que demarca os dois países, nas cartas, a divisa foi marcada com um tom mais forte para permitir sua visualização geográfica.

1. Rede de Pontos

Com vistas a obter dados que revelassem os contatos linguísticos entre a divisa do Brasil com o Paraguai, a rede de pontos do ALF-BR PY compôs-se das seguintes localidades: Isla Margarita (Paraguai) divisa com Porto Murtinho (Brasil), Bella Vista Norte (Paraguai) divisa com Bela Vista (Brasil), Pedro Juan Caballero (Paraguai) divisa com Ponta Porã (Brasil), Capitán Bado (Paraguai) divisa com Coronel Sapucaia (Brasil), e, por fim, Pindoty Porã (Paraguai) divisa com Sete Quedas (Brasil), totalizando dez (10) localidades investigadas.

Em termos geográficos, as localidades que compõem essa rede de pontos estendem-se por 489 km ao longo da linha internacional desde os primeiros pontos, Isla Margarita/Porto Murtinho (Norte), até os últimos pontos, Pindoty Porã/Sete Quedas (Sul).

2. Os informantes

Quanto à seleção de informantes, consideramos critérios como boa fonação e dentição, pessoa do lugar, cônjuge também da localidade, baixa escolaridade. Tendo em vista que a globalização e a modernidade influenciam, diretamente, a vida das pessoas, seguindo sugestão do Prof. Dr. Harald Thun, estendemos o critério escolaridade, até no máximo, o ensino médio. Fato que se justifica pela elevação gradual do nível de escolaridade do povo brasileiro.

Descrevemos, a seguir, os informantes considerando os códigos abaixo:

H: homem, **M:** mulher; **F1:** Faixa etária jovem, **F2:** Faixa etária idoso; **G 1:** grupo com quatro brasileiros sem ascendência paraguaia, **G 2:** grupo com quatro brasileiros com ascendência paraguaia ou casados com paraguaios, dois homens e duas mulheres por grupo; baixa escolaridade. O número do ponto é assim caracterizado: **BR.01** (Brasil – Ponto 01), **BR.02...** e **PY.01** (Paraguay – Ponto 01), **PY.02...** do Norte para o Sul, do Oeste para o Leste.

As entrevistas foram aplicadas a oito falantes brasileiros em cada uma das dez localidades, distribuídas nos dois lados da fronteira, seguindo a linha internacional que divide o Estado de Mato Grosso do Sul com a República do Paraguai.

3. O questionário linguístico

A priori foi realizada uma triagem do antigo questionário e retiradas questões que poderiam não gerar cartas linguísticas ou trazer dúvidas quanto ao referente. Com isso, o instrumento de coleta do Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai contém um questionário semântico-lexical (QSL) que contabiliza um total de 185 questões e duas narrativas.

Assim, após a testagem do questionário linguístico por meio de inquéritos experimentais, o instrumento de coleta desta pesquisa ficou assim estruturado: i) Duas grandes áreas semânticas: Natureza e Homem; ii) Natureza, por sua vez, subdivida em outras subáreas semânticas: Acidentes geográficos, Fenômenos atmosféricos, Flora e Fauna; iii) Homem, com as seguintes subáreas semânticas: Corpo humano, Doenças mais comuns, Funções do corpo humano, Características físicas, Cultura e convívio, Ciclos da vida, Religião e crenças, Alimentação e utensílios, Habitação, Trabalho e atividades agropastoris, Brinquedos e diversões, Superstições, simpatias e lendas; iv) duas narrativas pessoais, com vistas a obter a fala mais espontânea do informante.

Tendo em vista que um dos objetivos desta tese foi documentar possíveis marcas bilíngues/plurilíngues na fala da fronteira, mantivemos, nos moldes do ALiPP (2006), ao final de cada questão a pergunta: “Conhece um nome para isso em espanhol ou em guarani?”.

4. As cartas

Carta-Base:

Quanto às decisões cartográficas para a confecção do mapa-base do Atlas Linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai, seguimos alguns princípios básicos de organização⁹⁶, explicitados a seguir:

- vi) uso da mesma base cartográfica para todas as cartas com informações quanto à escala, aos estados nacionais pesquisados, aos limites fronteiriços, ao título e à legenda;
- vii) na moldura central constam a base geográfica e a escala e, na moldura inferior, esquerda, as legendas e, inferior direita, quadro

⁹⁶ Decisões teórico-metodológicas de cartografia foram tomadas em conjunto com MSc. Luciene Gomes Freitas Marins (UFMS/UEMS), responsável pela digitalização das cartas linguísticas do Atlas da Fronteira Brasil/Paraguai.

com percentuais dos idiomas registrados (guarani, espanhol e português);

- viii) na parte superior da base, optamos por centralizar o título do atlas e o da carta, bem como, no canto superior direito, o número da carta e, no superior esquerdo, o logotipo com identificação e símbolo do ALF-BR PY;
- ix) na parte inferior da base, no canto inferior esquerdo, dados de editoração gráfica e imagem, quando houver;
- x) no rodapé da carta, o conceito que gerou as variantes, canto inferior esquerdo, e a identificação do banco de dados linguísticos seguido da identificação do campo semântico a que pertence esse conceito no canto inferior direito;
- xi) padronização das cores, ou seja, frequência de cores fixas, assim disponibilizadas: vermelho, azul, amarelo, verde, preto, cinza e salmão;
- xii) a sequência cromática das cores não foi aplicada a todas as cartas, mas, quando aplicada, obrigatoriamente, seguiu a ordem de maior para menor produtividade (do vermelho até o salmão);
- xiii) as cores vermelha (magenta de composição 100%) e azul (ciano de composição 100%), por se destacarem visualmente, foram priorizadas para apresentar algumas dimensões de variação como, por exemplo, a dialingual e a de ascendência (brasileira ou paraguaia);
- xiv) o plano de fundo do mapa-base permaneceu limpo de cores (fundo branco), dada a quantidade de informações linguísticas que as cartas veiculam. Decisão que evitou a “poluição” visual dos mapas.

A seguir, apresentamos, respectivamente, os critérios específicos adotados para a confecção das Cartas Pizza, Língua e Cruz, acompanhados de modelos gerados para as cartas 038d e 039d do Vol II do ALF-BR PY:

V) Carta-Pizza (a) Produtividade: decisões metodológicas

O Modelo I, carta-pizza produtividade (001a; 002a...), apresenta a seguinte configuração:

- j) variantes representadas em pizza, com o percentual de ocorrências;
- k) não marcação das dimensões diasssexual, diageracional e dialingual;
- l) identificação da variante linguística registrada por meio de cores;
- m) como respostas válidas: foram consideradas as cinco maiores ocorrências para o conceito em pauta, assim, as variantes lexicais foram cartografadas da maior para menor ocorrência, de acordo com a porcentagem das respostas dos informantes;
- n) os pontos foram representados pelos seus respectivos nomes e números codificados previamente de 01 a 10;
- o) a linha internacional que divide os dois estados nacionais, Brasil e Paraguai, está demarcada com um contorno mais forte que permite sua identificação na imagem;
- p) em relação ao fundo do mapa-base optamos por retirar as divisões político-territoriais, bem como as marcações de rodovias, ferrovias e vias fluviais, decisão tomada para não sobrecarregar a carta com dados geográficos;
- q) apresentamos informações adicionais como a escala e os dados referentes aos organizadores do mapa-base;
- r) no canto inferior direito, a legenda com as variantes e os percentuais, no inferior direito, o gráfico com percentuais relativos ao registro das línguas em contato, além do espaço destinado à imagem do referente, com vistas ao registro de informações etnolinguísticas, quando possível.

VI) Carta Língua (b) contatos linguísticos: decisões metodológicas

O Modelo II, Carta Contatos linguísticos (001b, 002b...), apresenta a seguinte configuração:

- c) acima da cruz o Grupo I, brasileiros com ascendência brasileira, e, abaixo da cruz, brasileiros com ascendência paraguaia;
- d) às cores representam a origem linguística a que pertence a variante: guarani, espanhol, português, variantes com origem obscura (não definida).
- e) as demais decisões cartográficas, relacionadas à base, mantêm a estrutura do modelo I.

VII) Carta Cruz (diageracional e diassexual) (c): decisões metodológicas

O Modelo III, carta cruz (diassexual e diageracional), com a seguinte configuração:

- f) marcação com uso predominantemente das cores preto e branco, exceto nas cartas 002c, 004c, 012c, 036c e 038c cujos dados exigiram o uso de cores;
- g) marcação dos grupos: I) brasileiros com ascendência brasileira e II) brasileiros com ascendência paraguaia e das dimensões diassexual e diageracional;
- h) quando possível, priorizamos gráfico quantitativo nas cores preta e branca com a finalidade de não poluir os dados referentes às cores;
- i) as demais decisões cartográficas, relacionadas à base, mantêm a estrutura do modelo I.

VIII) Carta Distribuição Diatópica (d): decisões metodológicas

O Modelo IV, carta diatópica geral (aplicado apenas às cartas 022d, 038d e 039d), apresenta a produtividade na legenda para cada variante registrada, identificadas por colunas na legenda que, por sua vez, representam a origem linguística da variante. A organização desse modelo ficou assim definida:

- b) as cores representam os índices de ocorrência da variante: da maior para a menor (1º vermelho, 2º azul, 3º amarelo, 4º preto, 5º verde, 6º salmão, 7º marrom, 8º cinza, 9º roxo, 10º branco);
- f) as variantes estão distribuídas diatopicamente;

- g) quando possível, priorizamos gráfico quantitativo, nas cores preto/branco, com a finalidade de não poluir os dados referentes a cartografia que considera as cores;
- h) as demais decisões cartográficas, relacionadas à base, mantêm a estrutura do modelo I.

5. Índice das cartas

5.1 Cartas Introdutórias

Número da carta	Título
I	As Localidades Pesquisadas: uma fronteira, dois estados nacionais
II	Carta Perfil do Informante I
III	Carta Perfil do Informante II
IV	Carta Perfil do Informante III

5.1 Cartas Linguísticas

5.2.1 – Cartas Lexicais

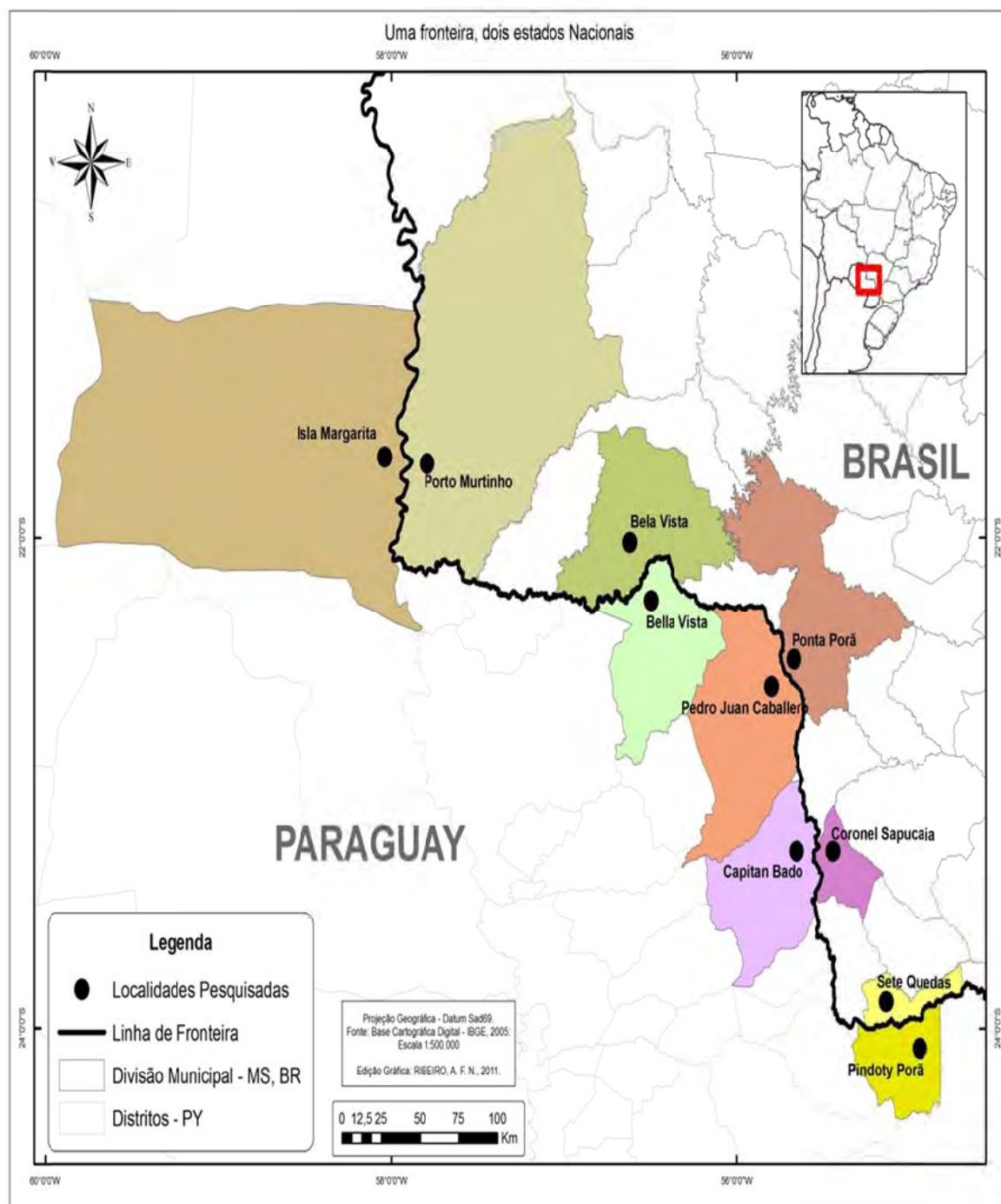
Número da carta	Título	Questão
001a	Elevação de terreno (produtividade)	002
001b	Elevação de terreno (contatos linguísticos)	002
001c	Elevação de terreno (diassexual e diageracional)	002
002a	Rio pequeno (produtividade)	003
002b	Rio pequeno (contatos linguísticos)	003
002c	Rio pequeno (diassexual e diageracional)	003
003a	Terreno úmido (produtividade)	005
003b	Terreno úmido (contatos linguísticos)	005
003c	Terreno úmido (diassexual e diageracional)	005
004a	Neblina (produtividade)	009
004b	Neblina (contatos linguísticos)	009
004c	Neblina (diassexual e diageracional)	009
005a	Chuva rápida (produtividade)	014
005b	Chuva rápida (contatos	014

	linguísticos)	
005c	Chuva rápida (diassexual e diageracional)	014
006a	Chuva com pedacinhos de gelo (produtividade)	015
006b	Chuva com pedacinhos de gelo (contatos linguísticos)	015
006c	Chuva com pedacinhos de gelo (diassexual e diageracional)	015
007a	Chuva com vento forte (produtividade)	016
007b	Chuva com vento forte (contatos linguísticos)	016
007c	Chuva com vento forte (diassexual e diageracional)	016
008a	Redemoinho (produtividade)	017
008b	Redemoinho (contatos linguísticos)	017
008c	Redemoinho (diassexual e diageracional)	017
009a	Orvalho (produtividade)	018
009b	Orvalho (contatos linguísticos)	018
009c	Orvalho (diassexual e diageracional)	018
010a	Tangerina (produtividade)	020
010b	Tangerina (contatos linguísticos)	020
010c	Tangerina (diassexual e diageracional)	020
011a	Bananas grudadas (produtividade)	021
011b	Bananas grudadas (contatos linguísticos)	021
011c	Bananas grudadas (diassexual e diageracional)	021
012a	Capim/erva/cana cidreira (produtividade)	024
012b	Capim/erva/cana cidreira (contatos linguísticos)	024
012c	Capim/erva/cana cidreira (diassexual e diageracional)	024
013a	Pássaro que faz sua casinha com terra nas árvores e postes (produtividade)	027
013b	Pássaro que faz sua casinha com terra nas árvores e postes (contatos linguísticos)	027
013c	Pássaro que faz sua casinha com terra nas árvores e postes (diassexual e diageracional)	027
014a	Cavalo bem novinho (produtividade)	029
014b	Cavalo bem novinho (contatos	029

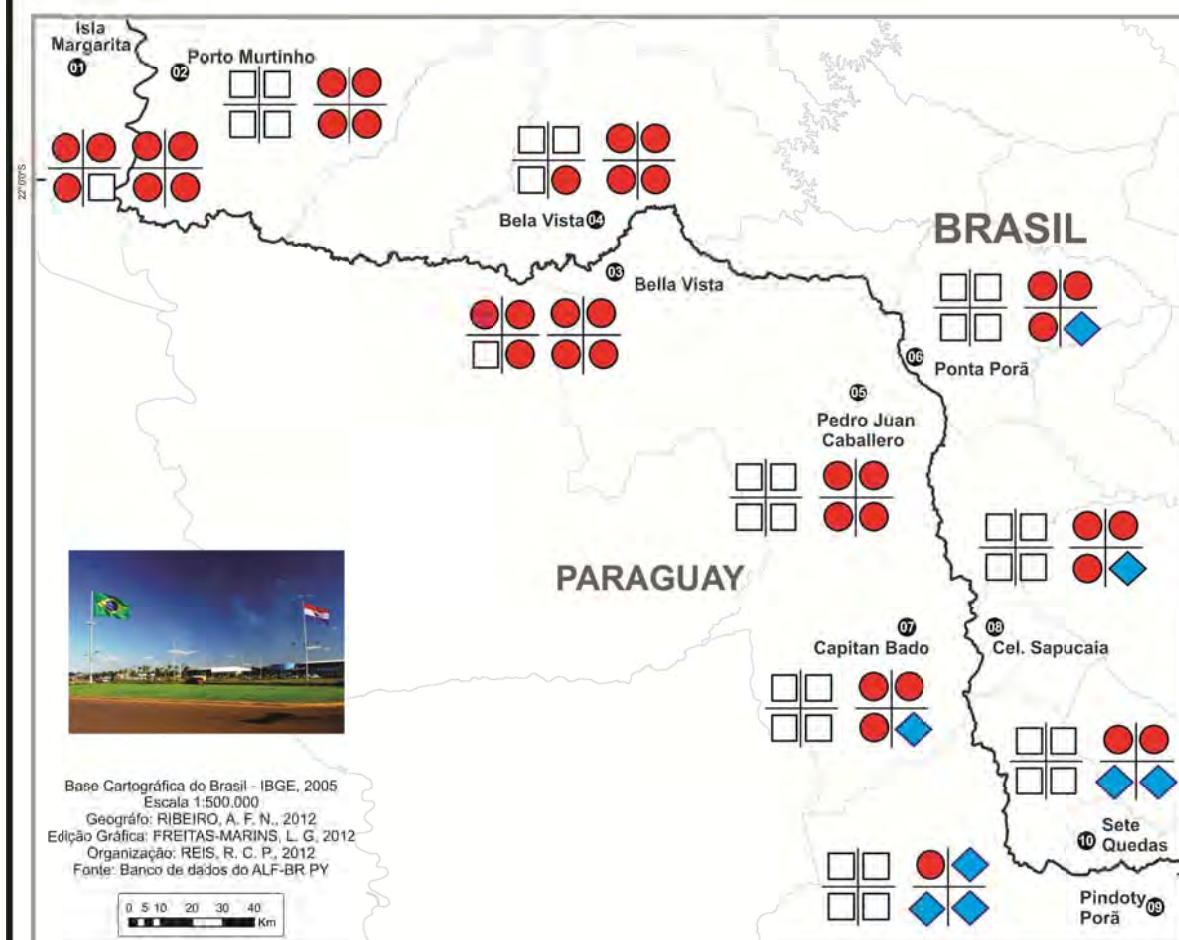
	linguísticos)	
014c	Cavalo bem novinho (diassexual e diageracional)	029
015a	Bicho parecido com jacaré que come ovos (produtividade)	042
015b	Bicho parecido com jacaré que come ovos (contatos linguísticos)	042
015c	Bicho parecido com jacaré que come ovos (diassexual e diageracional)	042
016a	Vaga-lume (produtividade)	043
016b	Vaga-lume (contatos linguísticos)	043
016c	Vaga-lume (diassexual e diageracional)	043
017a	Caminho das formigas (produtividade)	049
017b	Caminho das formigas (contatos linguísticos)	049
017c	Caminho das formigas (diassexual e diageracional)	049
018a	Rosto (produtividade)	055
018b	Rosto (contatos linguísticos)	055
018c	Rosto (diassexual e diageracional)	055
019a	Rugas (produtividade)	056
019b	Rugas (contatos linguísticos)	056
019c	Rugas (diassexual e diageracional)	056
020a	Pálpebras (produtividade)	057
020c	Pálpebras (contatos linguísticos)	057
020c	Pálpebras (diassexual e diageracional)	057
021a	Pessoas sem dentes (produtividade)	063
021b	Pessoas sem dentes (contatos linguísticos)	063
021c	Pessoas sem dentes (diassexual e diageracional)	063
022a	Joelho (produtividade)	067
022b	Joelho (contatos linguísticos)	067
022c	Joelho (diassexual e diageracional)	067
022d	Joelho (Distribuição Diatópica)	067
023a	Bunda (produtividade)	071
023b	Bunda (contatos linguísticos)	071
023c	Bunda (diassexual e diageracional)	071
024a	Dor d'olhos (produtividade)	072
024b	Dor d'olhos (contatos linguísticos)	072
024c	Dor d'olhos (diassexual e diageracional)	072
025a	Diarréia (produtividade)	079
025b	Diarréia (contatos linguísticos)	079
025c	Diarréia (diassexual e	079

	diageracional)	
026a	Remela(produtividade)	085
026b	Remela (contatos linguísticos)	085
026c	Remela (diassexual e diageracional)	085
027a	Vesgo(produtividade)	087
027b	Vesgo (contatos linguísticos)	087
027c	Vesgo (diassexual e diageracional)	087
028a	Bêbado(produtividade)	102
028b	Bêbado (contatos linguísticos)	102
028c	Bêbado (diassexual e diageracional)	102
029a	Sovina (produtividade)	105
029b	Sovina (contatos linguísticos)	105
029c	Sovina (diassexual e diageracional)	105
030a	Dinheiro (produtividade)	107
030b	Dinheiro (contatos linguísticos)	107
030c	Dinheiro (diassexual e diageracional)	107
031a	Grávida (produtividade)	110
031b	Grávida (contatos linguísticos)	110
031c	Grávida (diassexual e diageracional)	110
032a	Menino (produtividade)	111
032b	Menino (contatos linguísticos)	111
032c	Menino (diassexual e diageracional)	111
033a	Menina (produtividade)	118
033b	Menina (contatos linguísticos)	118
033c	Menina (diassexual e diageracional)	118
034a	Assombração (produtividade)	124
034b	Assombração (contatos linguísticos)	124
034c	Assombração (diassexual e diageracional)	124
035a	Diabo(produtividade)	126
035b	Diabo (contatos linguísticos)	126
035c	Diabo (diassexual e diageracional)	126
036a	Feitiço(produtividade)	132
036b	Feitiço (contatos linguísticos)	132
036c	Feitiço (diassexual e diageracional)	132
037a	Pote(produtividade)	152
037b	Pote (contatos linguísticos)	152
037c	Pote (diassexual e diageracional)	152
038a	Rancho(produtividade)	154
038b	Rancho(contatos linguísticos)	154
038c	Rancho(diassexual e diageracional)	154

038d	Rancho (Distribuição diatópica)	154
039a	Bolinha de gude (produtividade)	168
039b	Bolinha de gude (contatos linguísticos)	168
039c	Bolinha de gude (diassexual e diageracional)	168
039d	Bolinha de gude (Distribuição diatópica)	168
040a	Pipa (Produtividade)	170
040b	Pipa (contatos linguísticos)	170
040c	Pipa (diassexual e diageracional)	170



CARTA PERFIL DO INFORMANTE I



□ Brasileiros c/
ascendência brasileira

● Brasileiros c/
ascendência paraguaia

◆ Brasileiros
casados c/ paraguaios

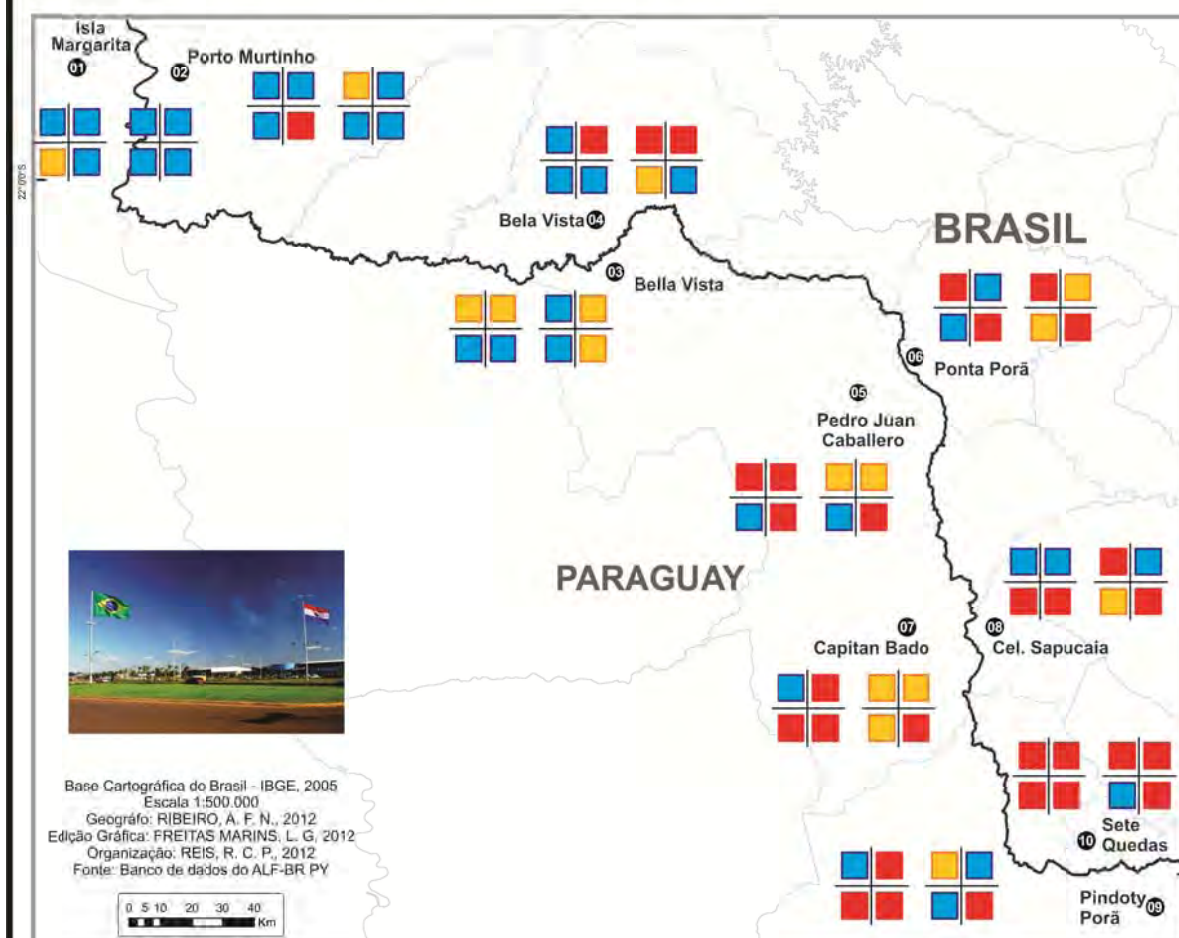
1	2
3	4


1 -> jovem, homem, brasileiro com ascendência brasileiro (previsto)
2 -> jovem, mulher, brasileiro com ascendência brasileiro (previsto)
3 -> idoso, homem, brasileiro com ascendência brasileiro (previsto)
4 -> idoso, mulher, brasileiro com ascendência brasileiro (previsto)

5	6
7	8

5 -> jovem, homem, brasileiro com ascendência paraguaia (previsto)
6 -> jovem, mulher, brasileiro com ascendência paraguaia (previsto)
7 -> idoso, homem, brasileiro com ascendência paraguaia (previsto)
8 -> idoso, mulher, brasileiro com ascendência paraguaia (previsto)

CARTA PERFIL DO INFORMANTE II



 **monolíngues**

1	2
3	4

- 1 -> jovem, homem, brasileiro com ascendência brasileiro (previsto)
2 -> jovem, mulher, brasileiro com ascendência brasileiro (previsto)
3 -> idoso, homem, brasileiro com ascendência brasileiro (previsto)
4 -> idoso, mulher, brasileiro com ascendência brasileiro (previsto)

 **bilíngues**

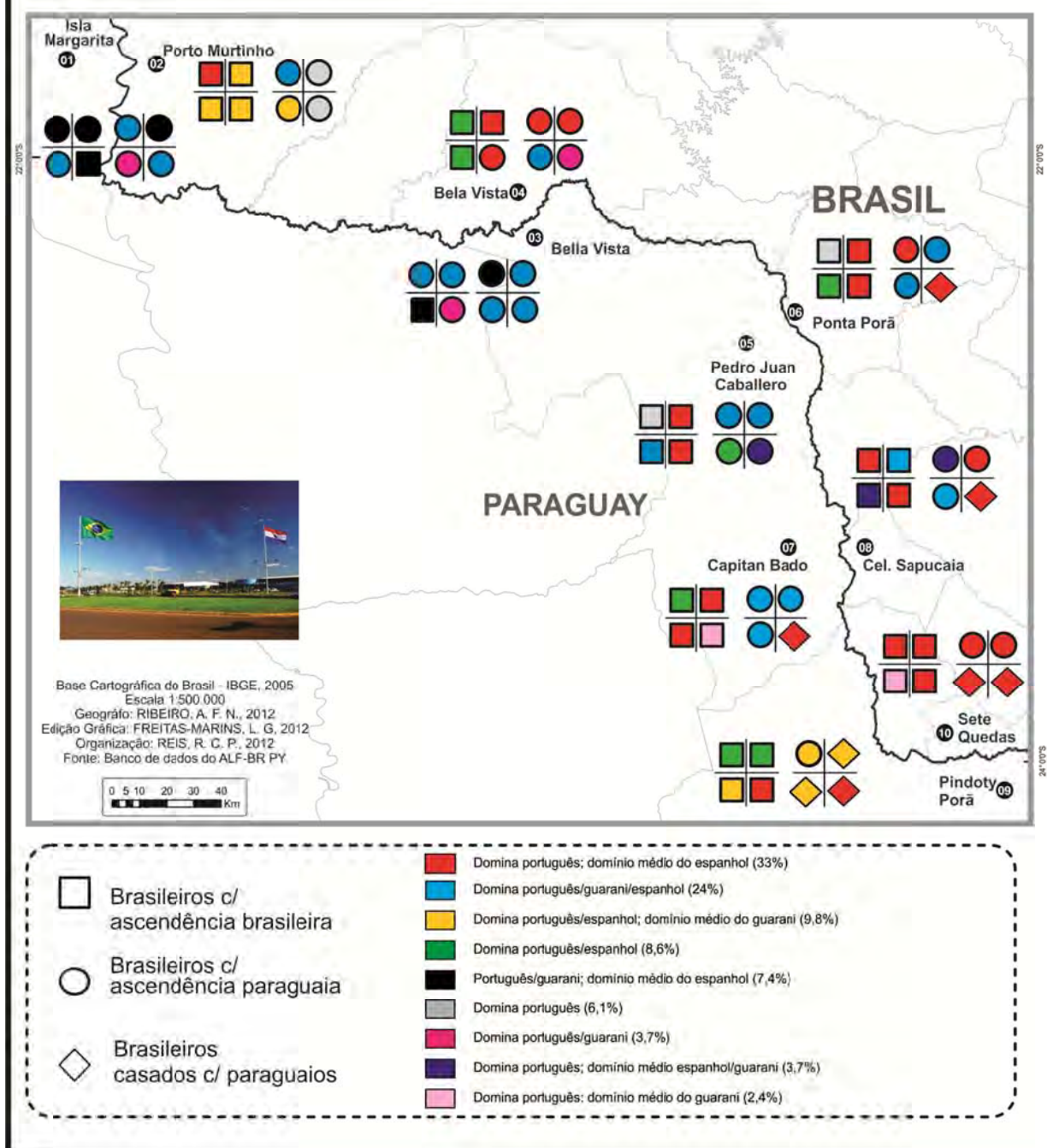
5	6
7	8

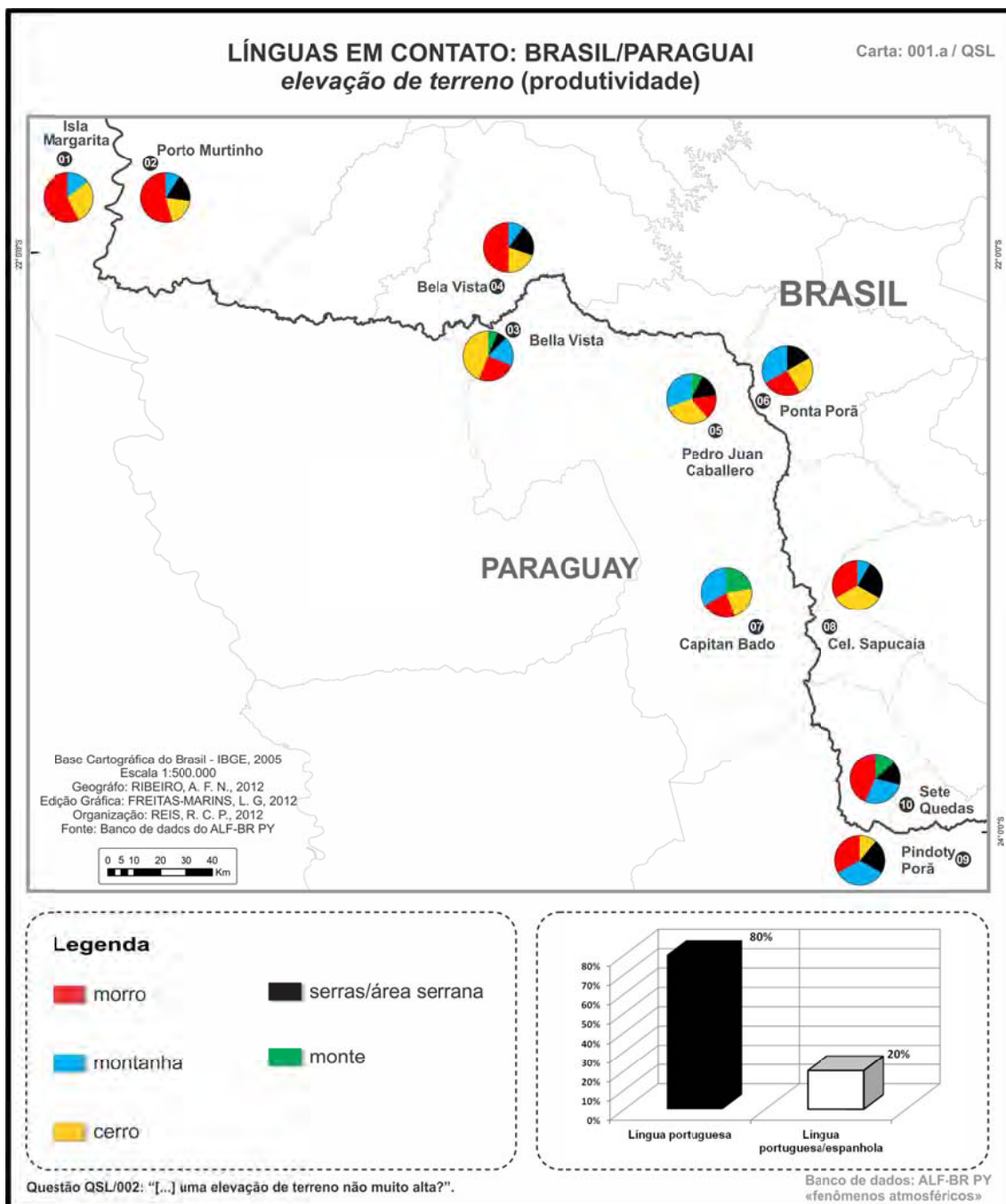
- 5 -> jovem, homem, brasileiro com ascendência paraguaia (previsto)
6 -> jovem, mulher, brasileiro com ascendência paraguaia (previsto)
7 -> idoso, homem, brasileiro com ascendência paraguaia (previsto)
8 -> idoso, mulher, brasileiro com ascendência paraguaia (previsto)

 **trilíngues**

Classificação de competência linguística de Mackey (2005).

CARTA PERFIL DO INFORMANTE III





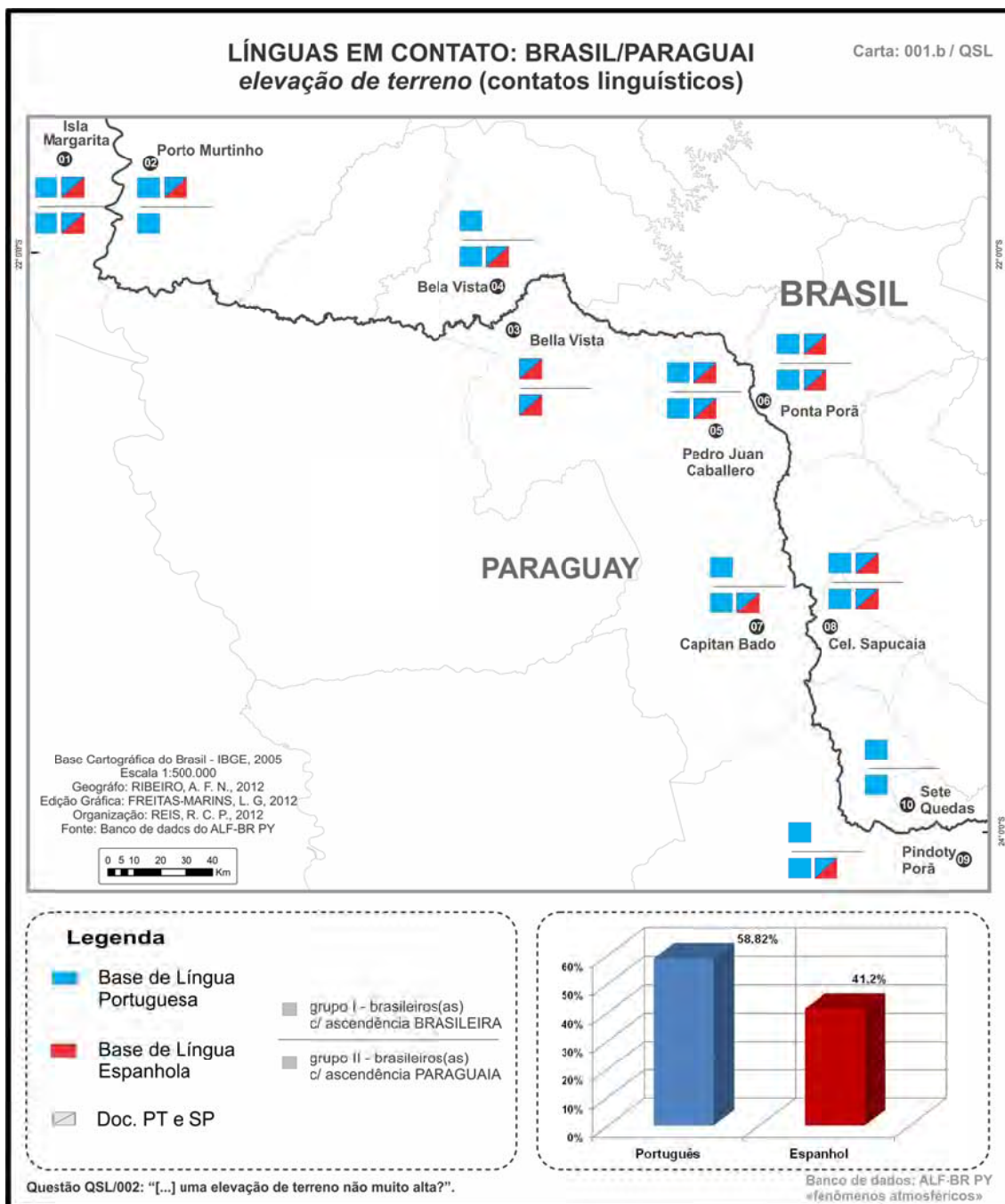


TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“ELEVAÇÃO DE TERRENO”

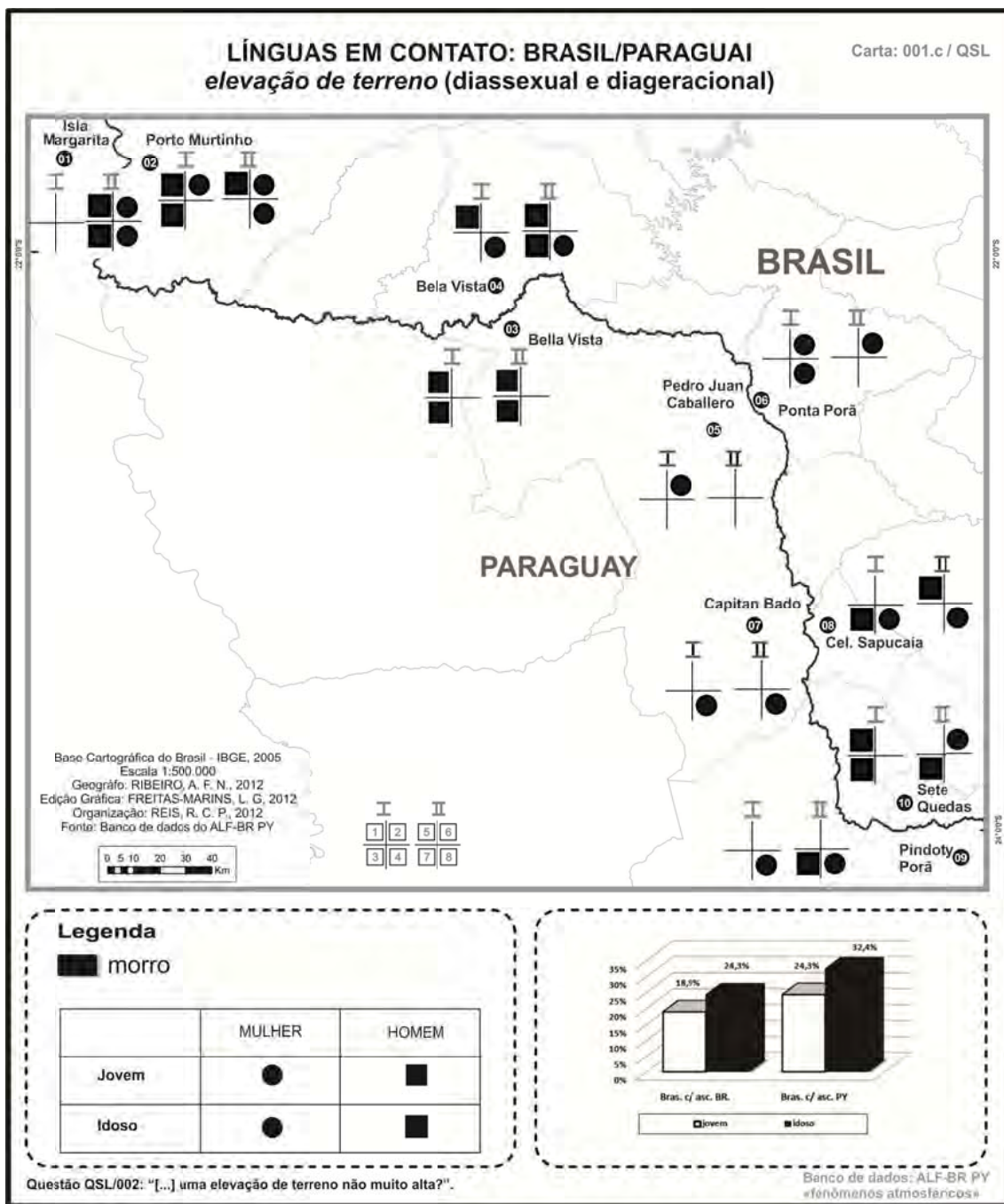
Número da carta-> 001b

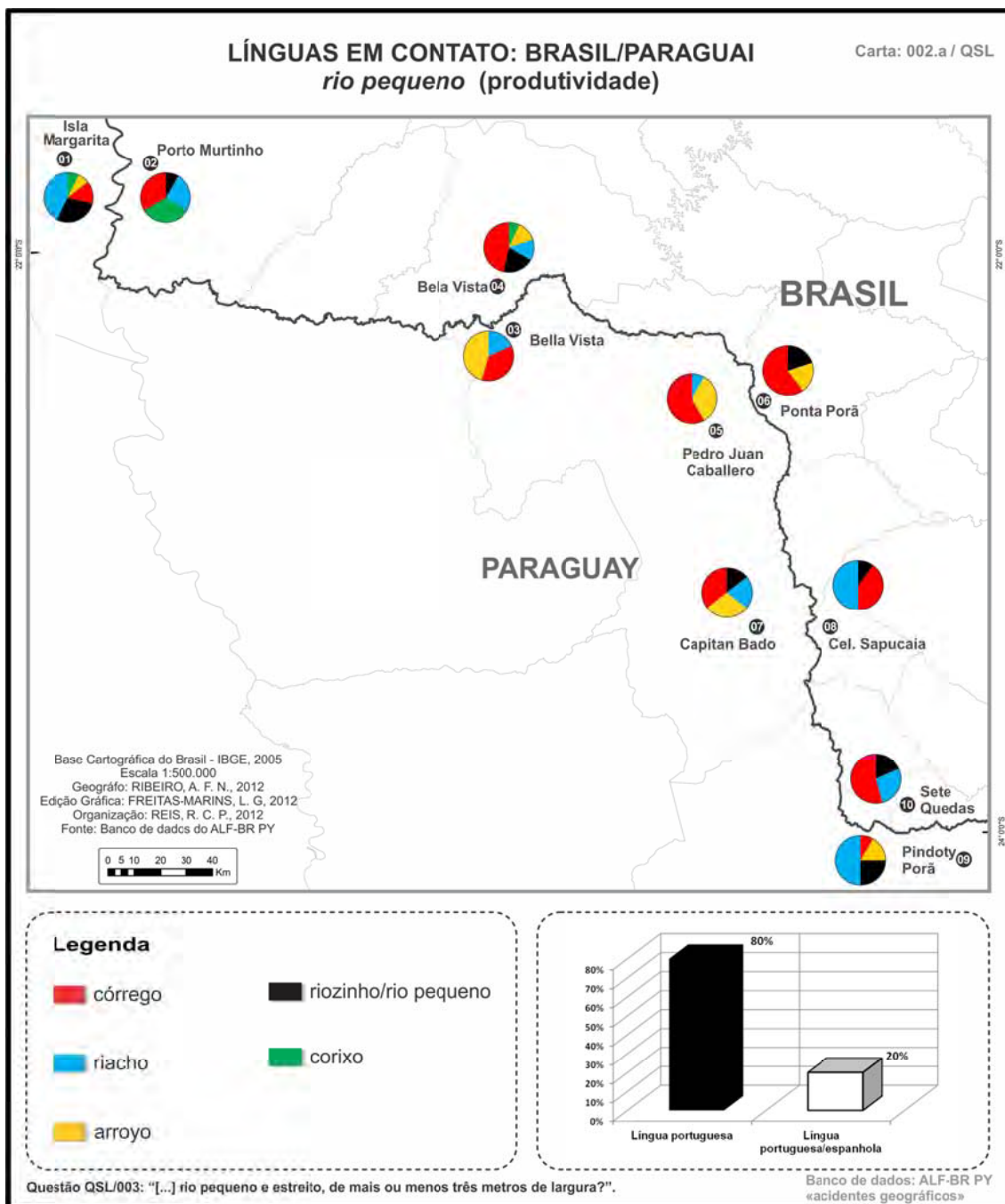
Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

Questão: QSL/002: “[...] uma elevação de terreno não muito alta?”.

	PARAGUAY					BRASIL				
Variante	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Morro		PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Montanha (osa)	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Monte			PT	PT						PT
Serra/áreas serranas		PT	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT
Cerrado						PT	PT			
Cerro	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	
relevo				PT						
ondulação					PT					
Terra íngreme					PT					

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani





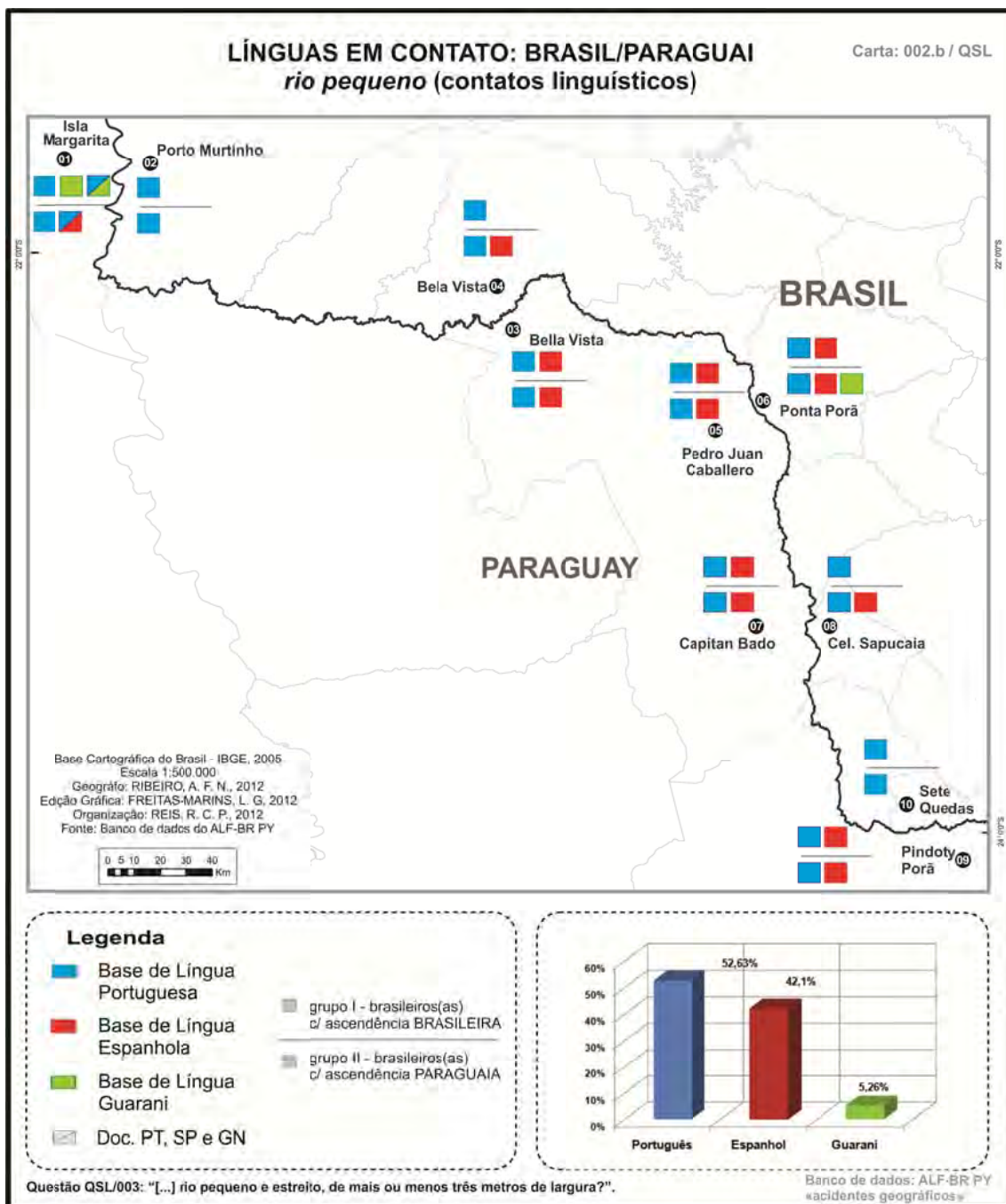


TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“RIO PEQUENO”

Número da carta: 002b

Campo Semântico: “Acidentes geográficos”

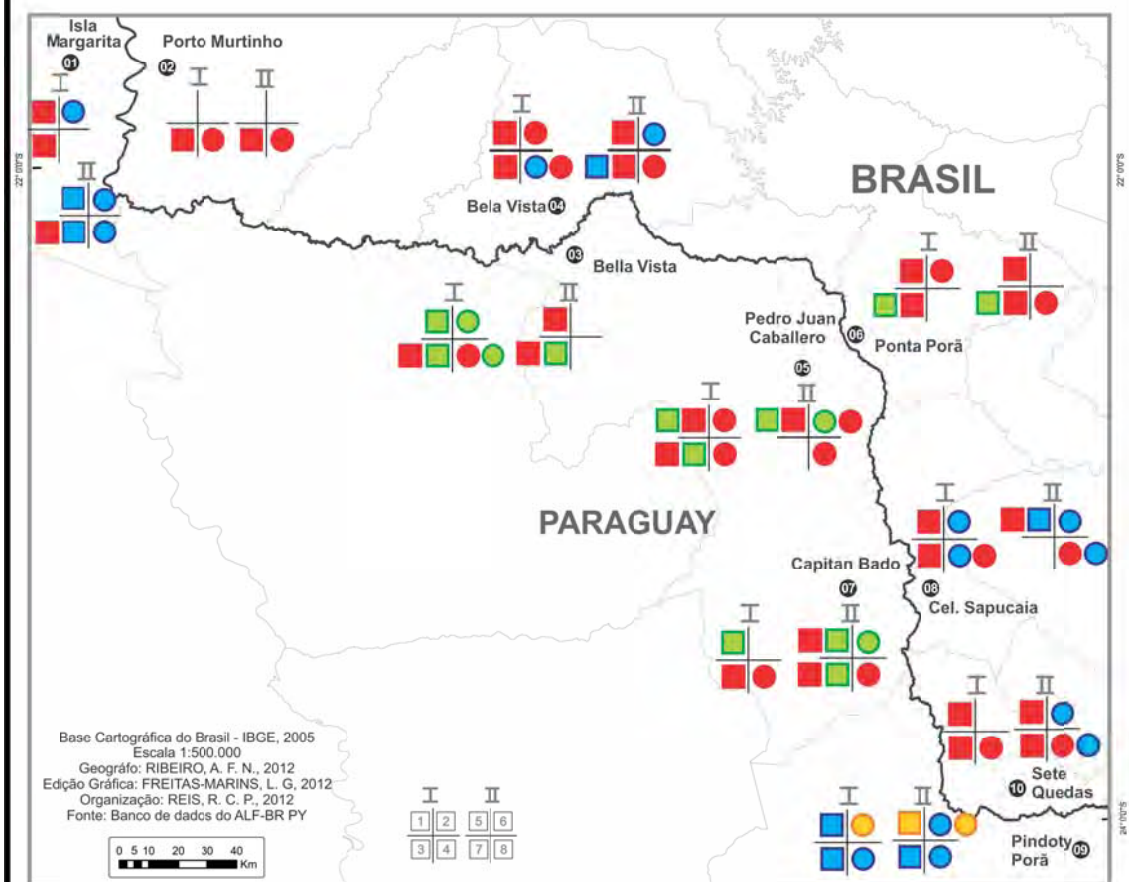
Questão: QSL/003: “[...]... rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Córrego	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Riacho	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT		PT	PT
Riachói	Gn									
Rio(riozinho)/rio pequeno	PT			PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Corixo	PT					PT	PT			
Arroyo/ Arroditto	PT/SP	SP	SP	SP	SP		SP	SP		
Estero									PT	
Igarapé									PT	
Ypoí								Gn		
Jopoí	Gn									
Ecerê								Gn		
Poço de água										
Tarramar		LN								

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola, **Gn** = língua guarani e **LN**= Língua Não definida

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI rio pequeno (diassexual e diageracional)

Carta: 002.c / QSL

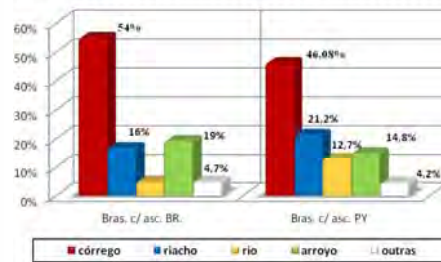


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



- córrego
- rio/variantes
- riacho
- arroyo/variantes

	HOMEM	MULHER
Jovem	□	○
Idoso	□	○



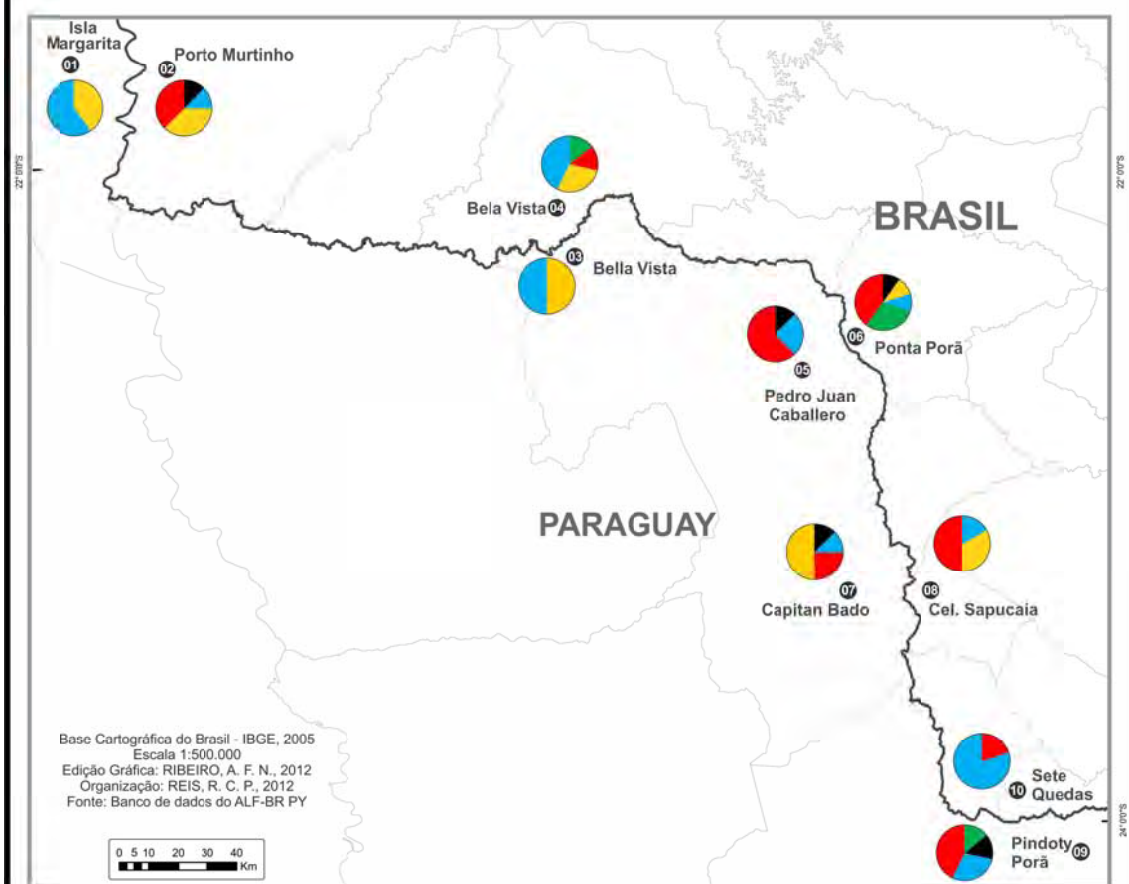
Questão QSL/003: "[...] rio pequeno e estreito, de mais ou menos três metros de largura?"

Banco de dados: ALF-BR PY «acidentes geográficos»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

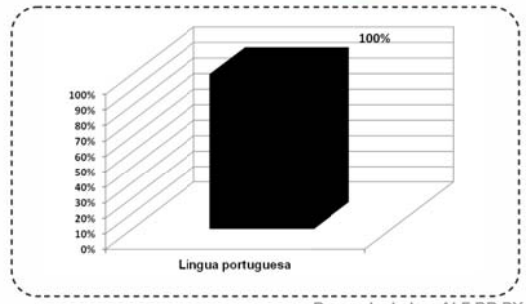
terreno úmido (produtividade)

Carta: 003.a / QSL



Legenda

brejo	pântano
barro	lama/lamaçal
lodo	

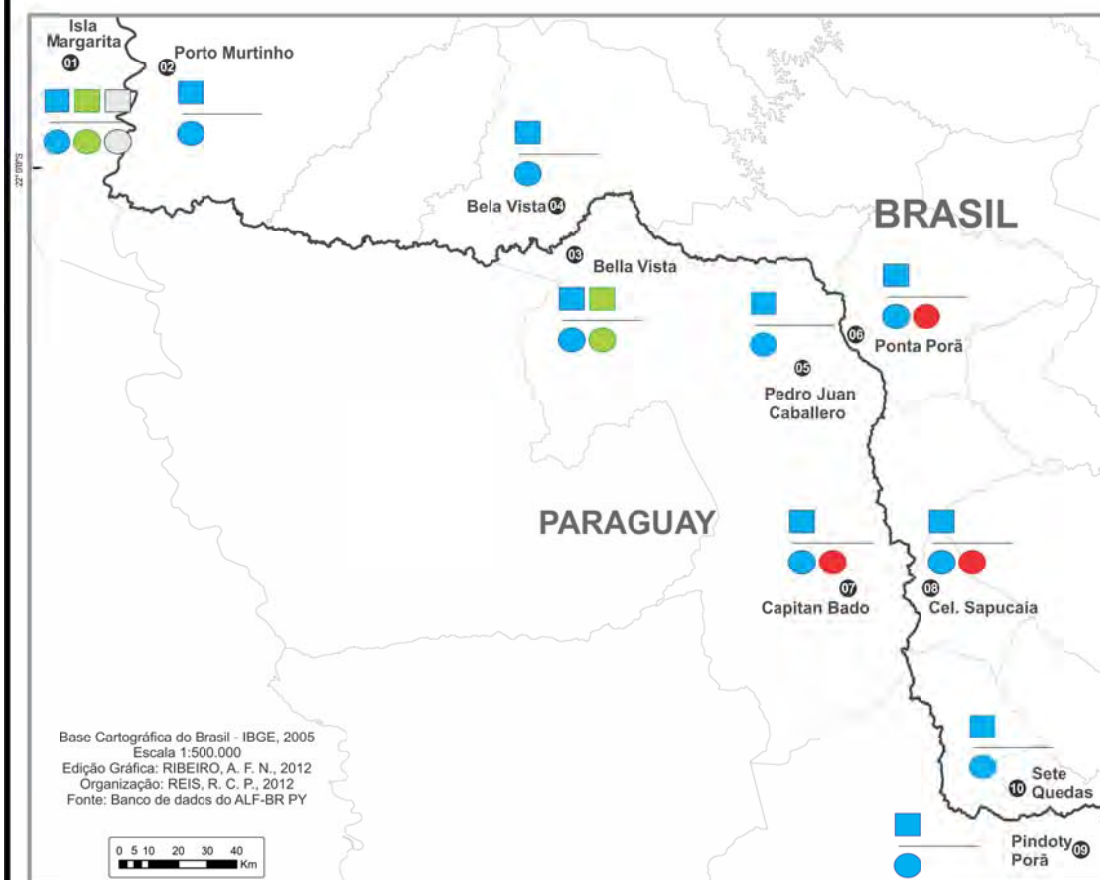


Questão QSL/005: “[...] a terra muito macia e lodosa em que se afundam os pés ao passar nela?”.

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

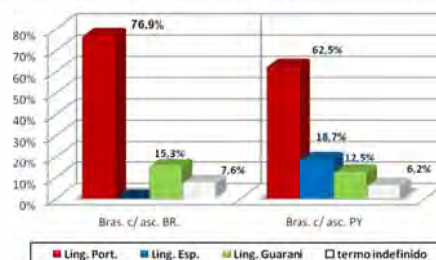
LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI terreno úmido (contatos linguísticos)

Carta: 003.b / QSL



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- Termo indefinido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/005: "[...] a terra muito macia e lodosa em que se afundam os pés ao passar nela?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“TERRENO ÚMIDO”

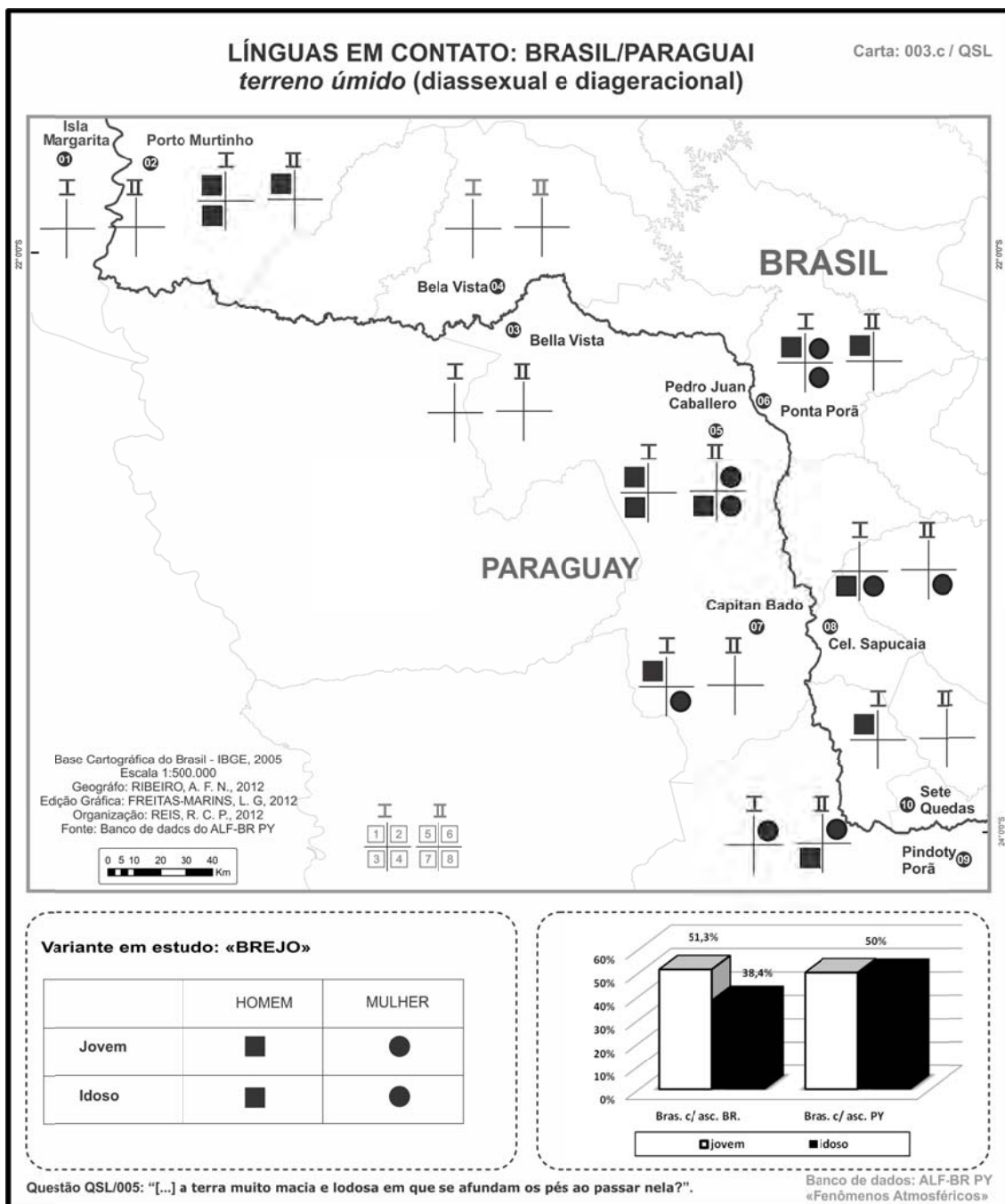
Número da carta: 003b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

Questão: QSL/005: “... a terra muito macia e lodosa em que se afundam os pés ao passar nela?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Barro	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Brejo			PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Lodo	PT	PT		PT		PT			PT	
Areia Movediça					PT			PT	PT	PT
Karugá	Gn	Gn								
Barramar	LN									
Ajasuru	Gn									
Pântano			PT	PT	PT	PT		PT		
Lama/Lamaçal					PT		PT	PT		
Atolera/Atolador	PT		PT							
Banhado					PT		PT		PT	PT
Argila (osa)/ terra argilosa				PT			PT		PT	
Arenosa							PT			
Charco								PT		
Estero				SP				SP	SP	
Rebanhão										PT

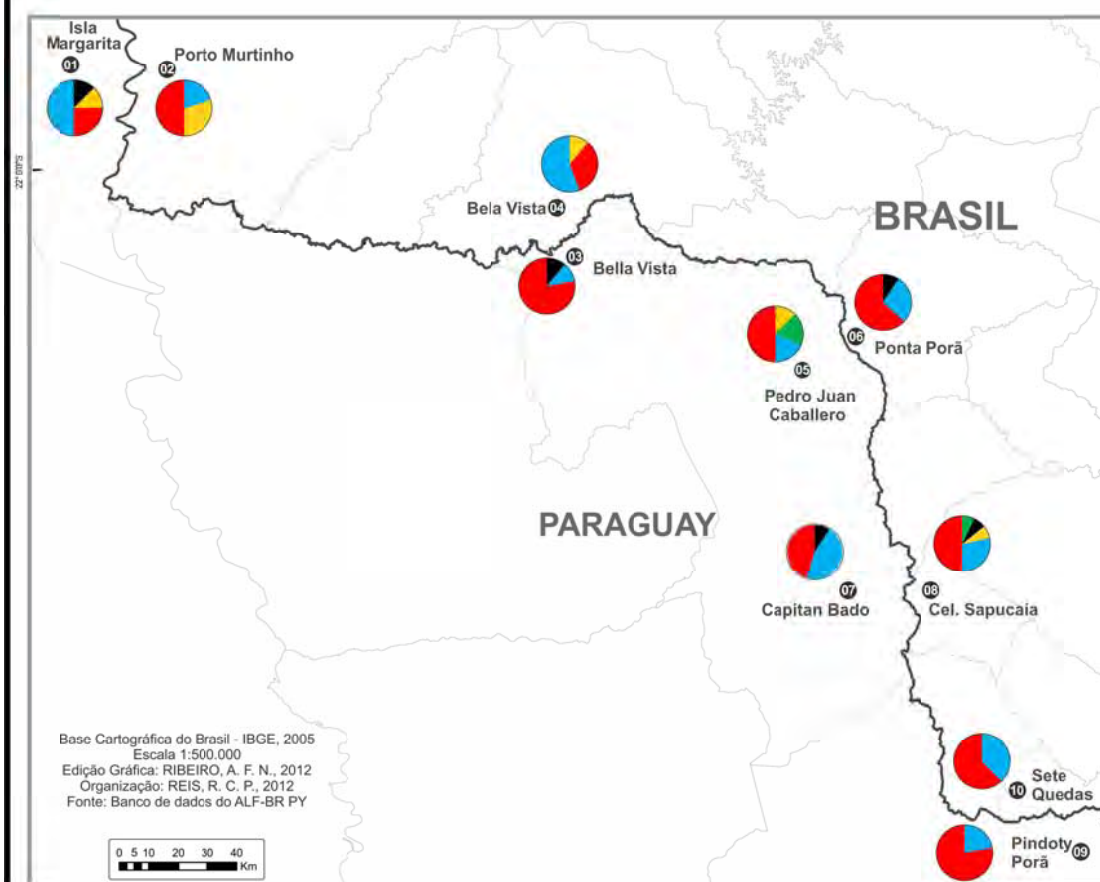
*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola, Gn = língua guarani e LN= Língua não definida



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

neblina (produtividade)

Carta: 004.a / QSL

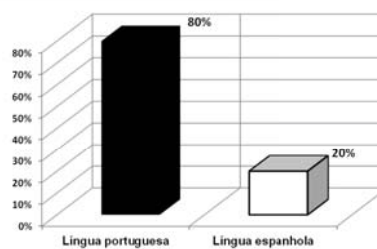


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Edição Gráfica: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- neblina
- cerração
- nevoeiro
- cerrazón
- névoa



Questão QSL/009: "[...] aquela espécie de fumaça que se forma próxima ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância?"

Banco de dados: ALF-BR PY
 «Fenômenos Atmosféricos»

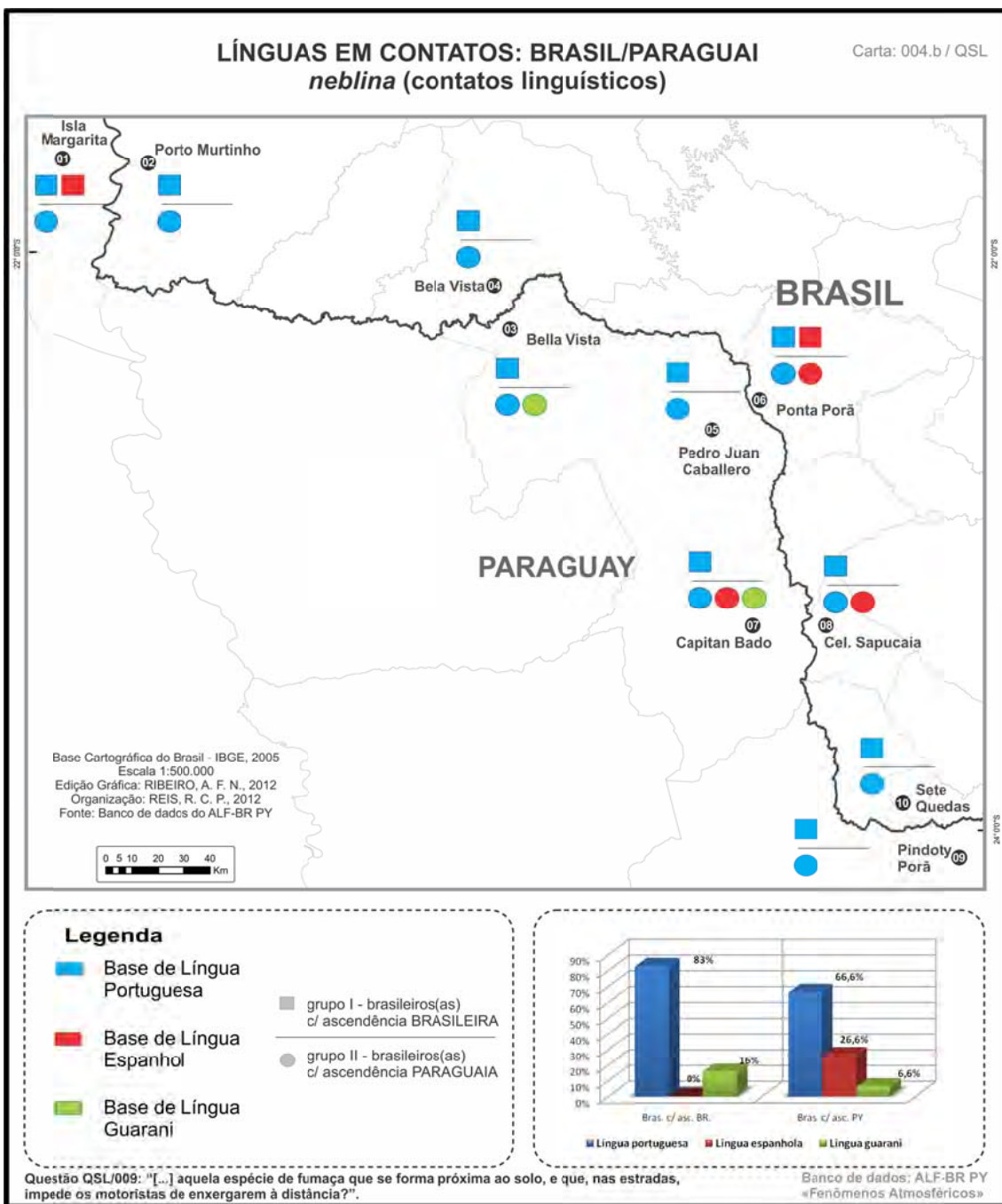


TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“NEBLINA”

Número da carta: 004b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

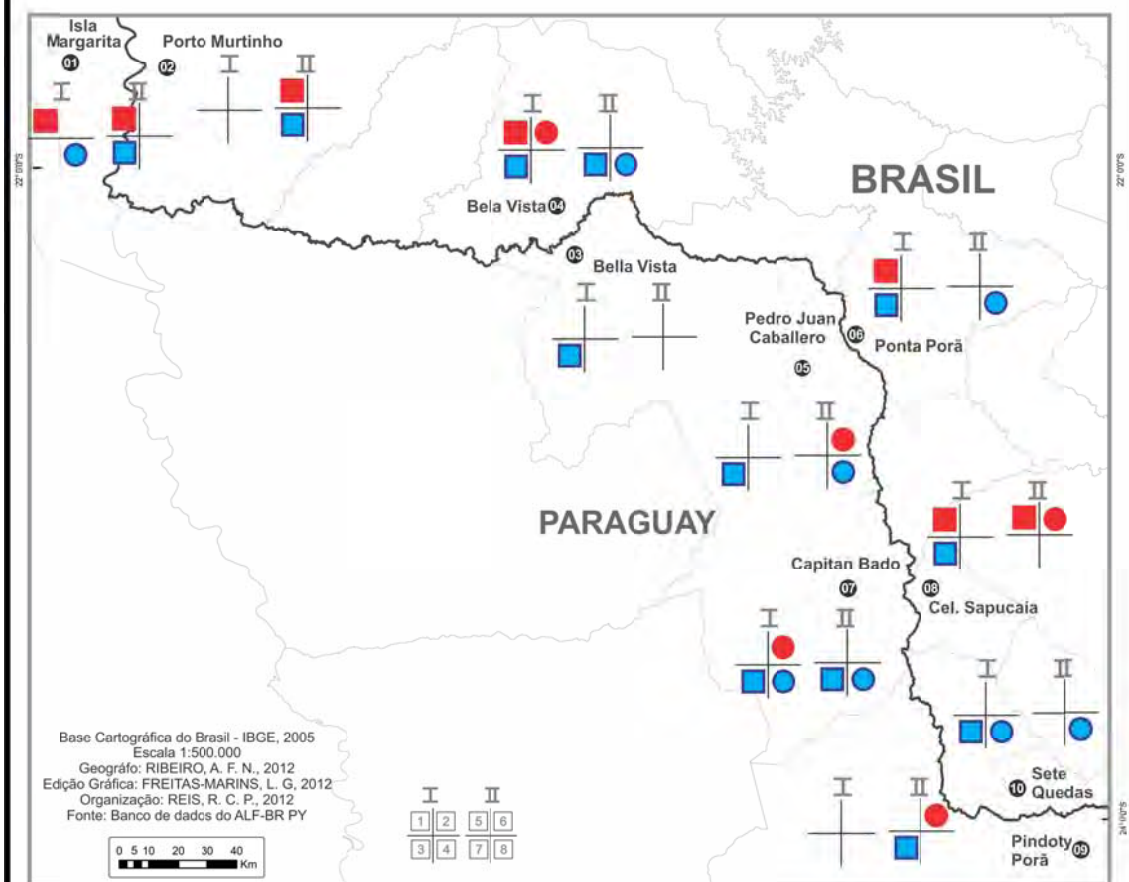
Questão: QSL/009: “...aquela espécie de fumaça que se forma próxima ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Neblina	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Cerração	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Nuvem	PT	PT					PT			
Nevoeiro	PT		PT			PT	PT		PT	
Cerración	SP	SP		SP				SP	SP	
Sereno			PT			PT	PT	PT		
Névoa			PT						PT	
Neve				PT		PT				
Nuviado						PT				
Nieve								SP		
Fumaça (eiro)				PT						PT
Tatati				LN						
Nebulosidade				PT						

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani e LN= Língua não definida

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI *neblina* (diassexual e diageracional)

Carta: 004.c / QSL



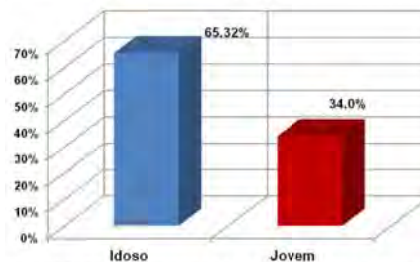
Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Variante em estudo: «CERRAÇÃO»

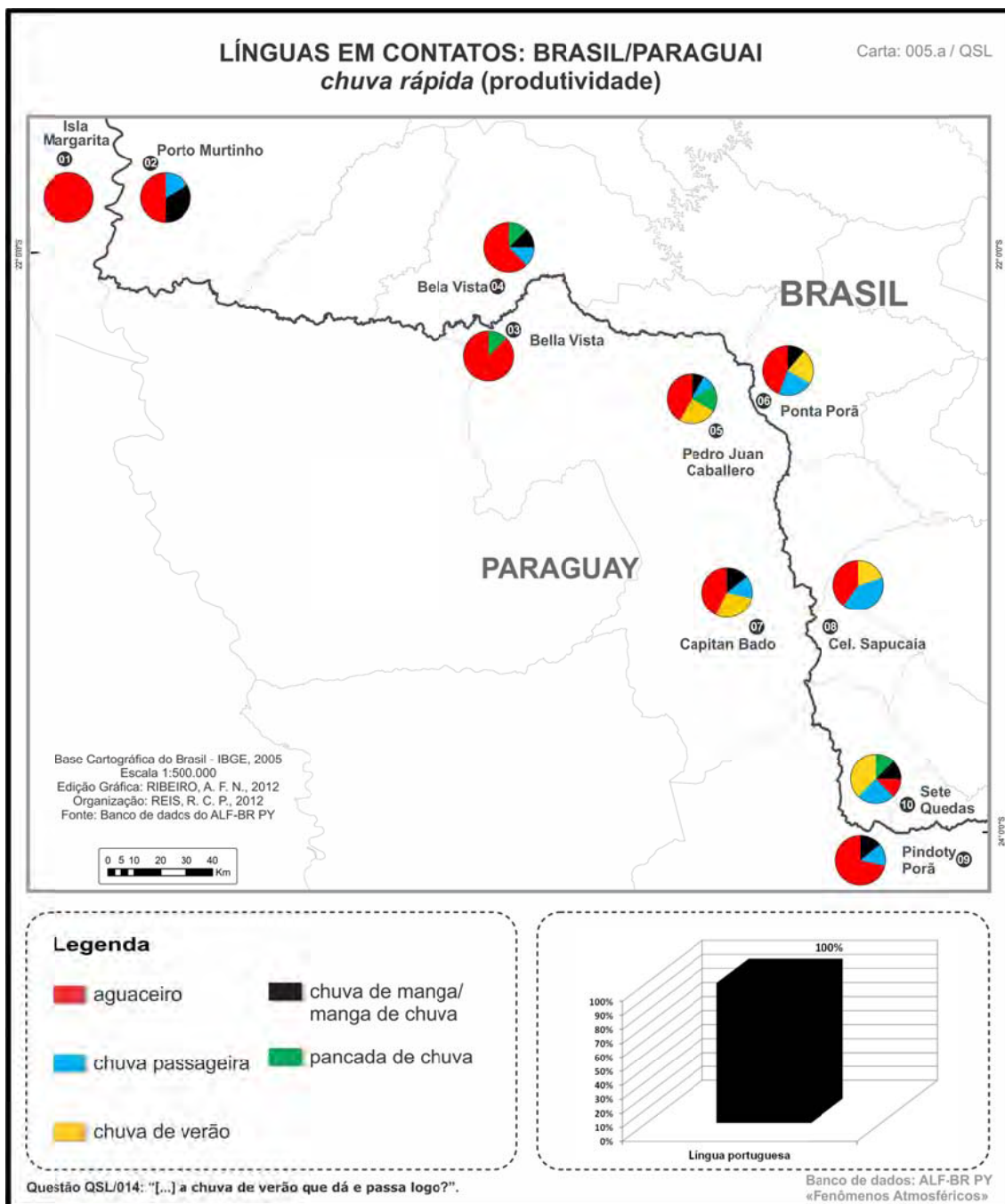
■ jovem ■ idoso

	HOMEM	MULHER
Jovem	□	○
Idoso	□	○



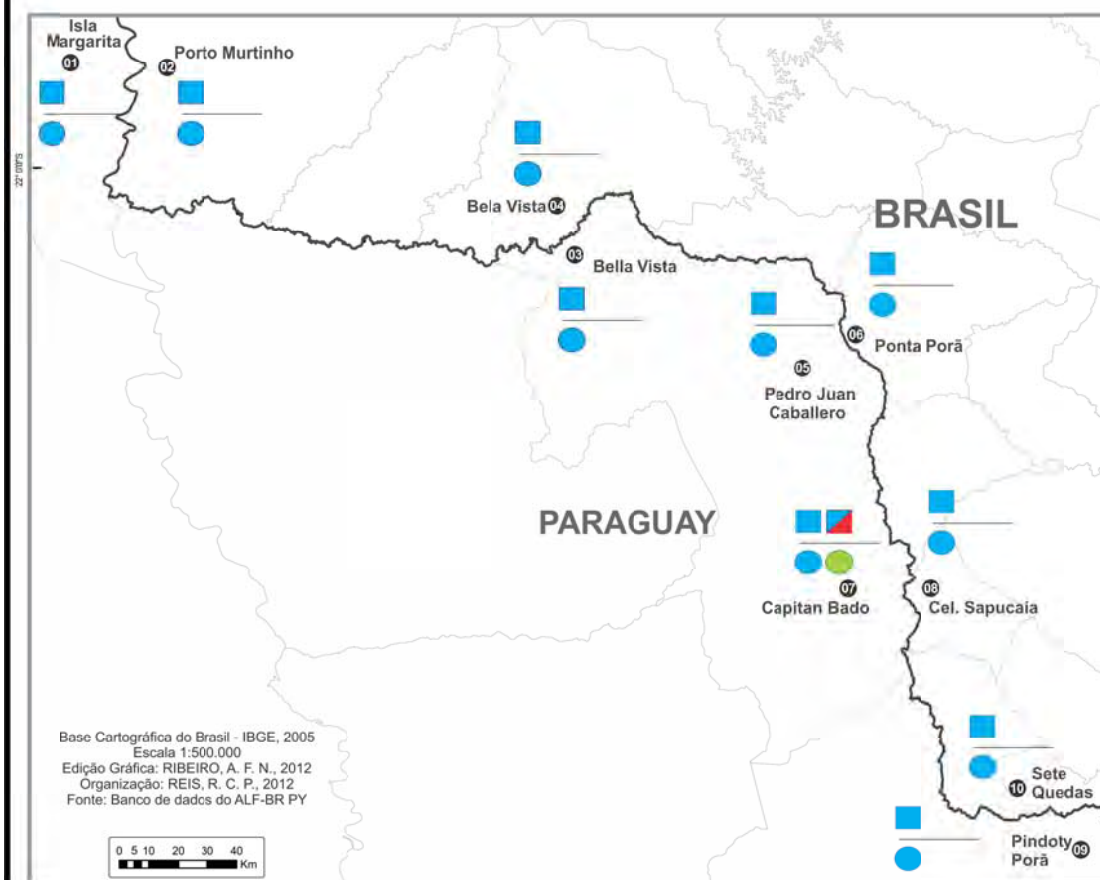
Questão QSL/009: "[...] aquela espécie de fumaça que se forma próxima ao solo, e que, nas estradas, impede os motoristas de enxergarem à distância?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI chuva rápida (contatos linguísticos)

Carta: 005.b / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Edição Gráfica: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- híbrido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/014: "[...] a chuva de verão que dá e passa logo?".

Banco de dados; ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“CHUVA RÁPIDA”

Número da carta: 005b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

Questão: QSL/014: “... a chuva de verão que dá e passa logo?”.

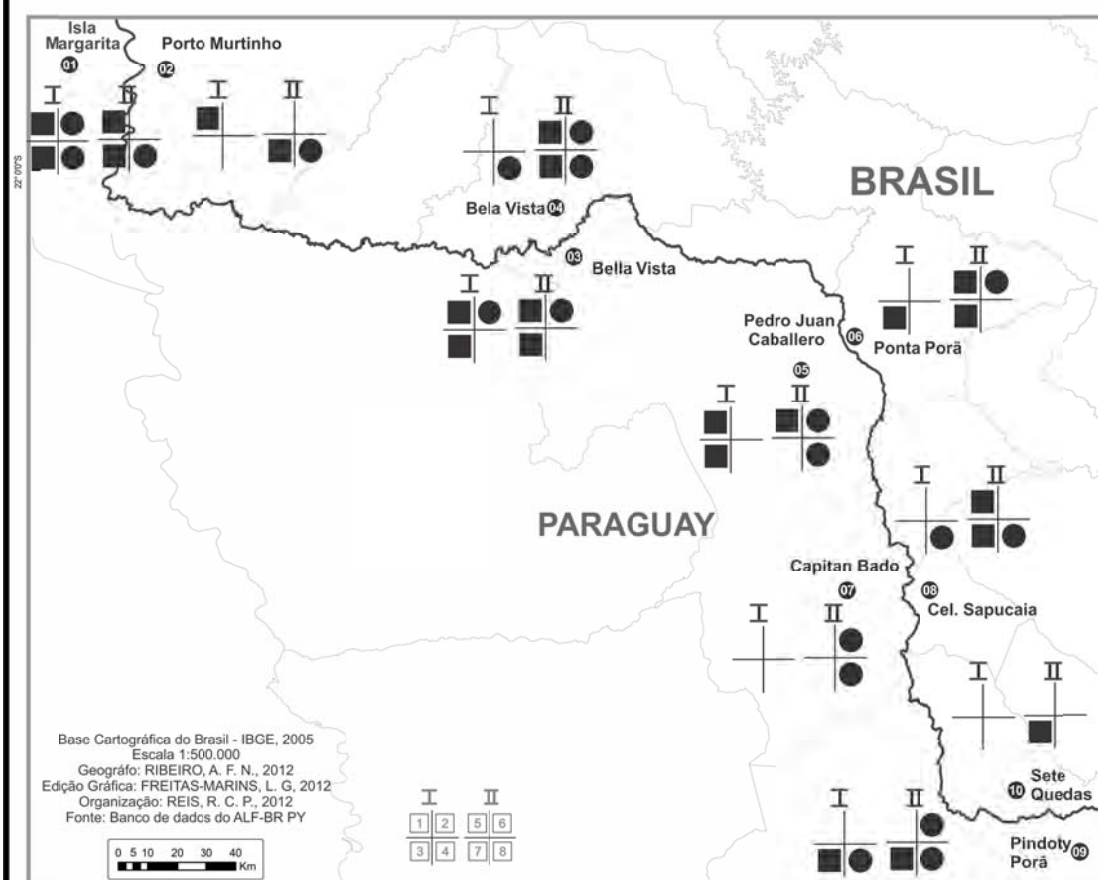
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Aguaceiro	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP
Chuva rápida									PT	
Chuva de verão			PT	PT				PT	PT	PT
Chuva de manga			PT	PT	PT	PT	PT	PT		PT
Manga de chuva						PT				
Chuva passageira			PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Pancada de chuva		PT	PT				PT			PT
Pié d'água				SP/ PT						
Omendá aña				Gn						

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

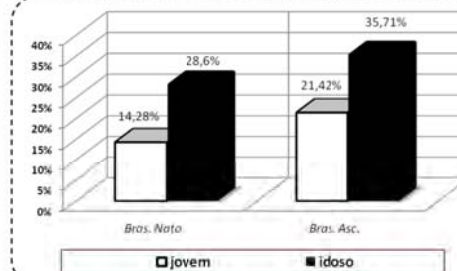
chuva rápida (diassexual e diageracional)

Carta: 005.c / QSL



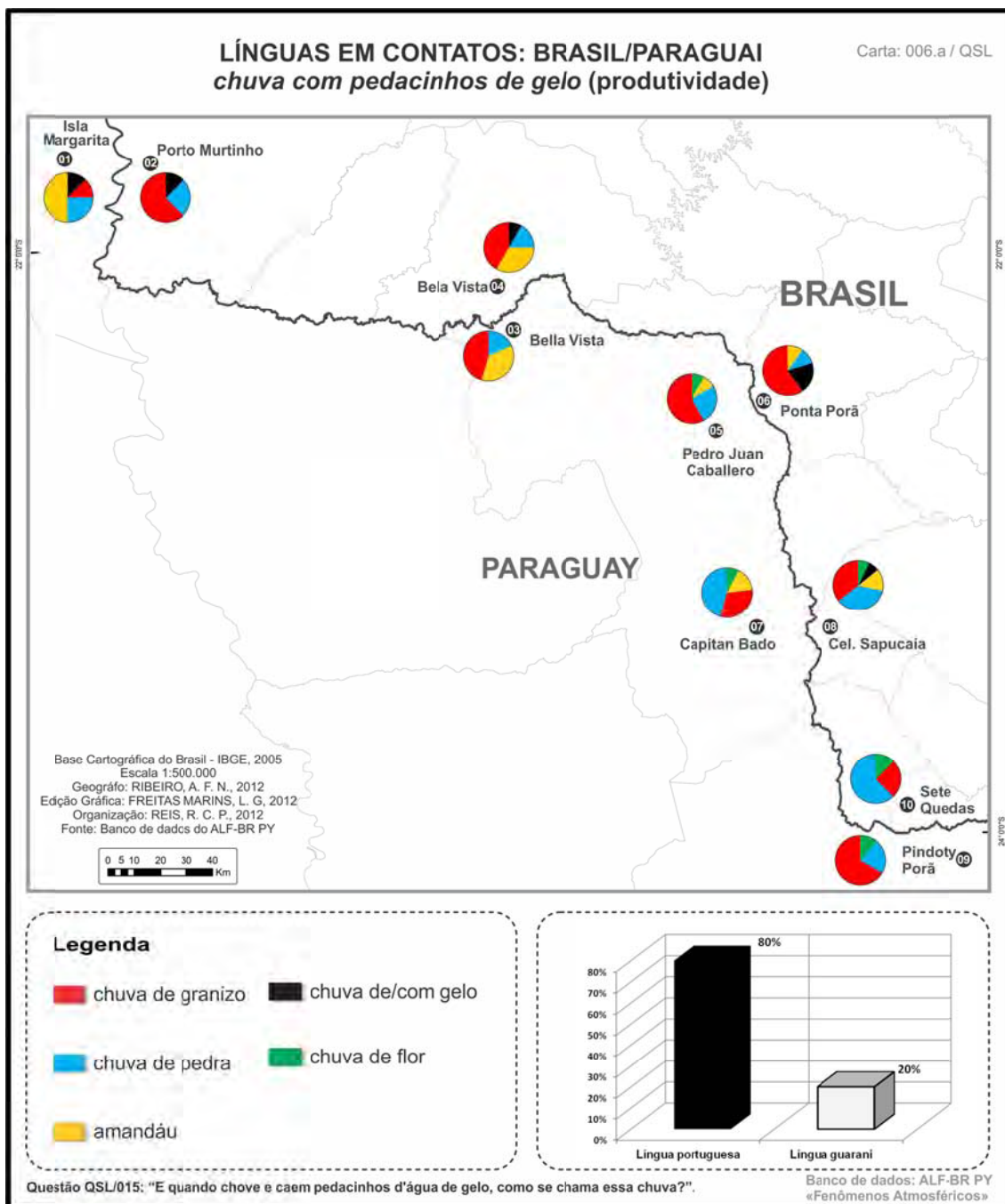
Variante em estudo: «AGUACEIRO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



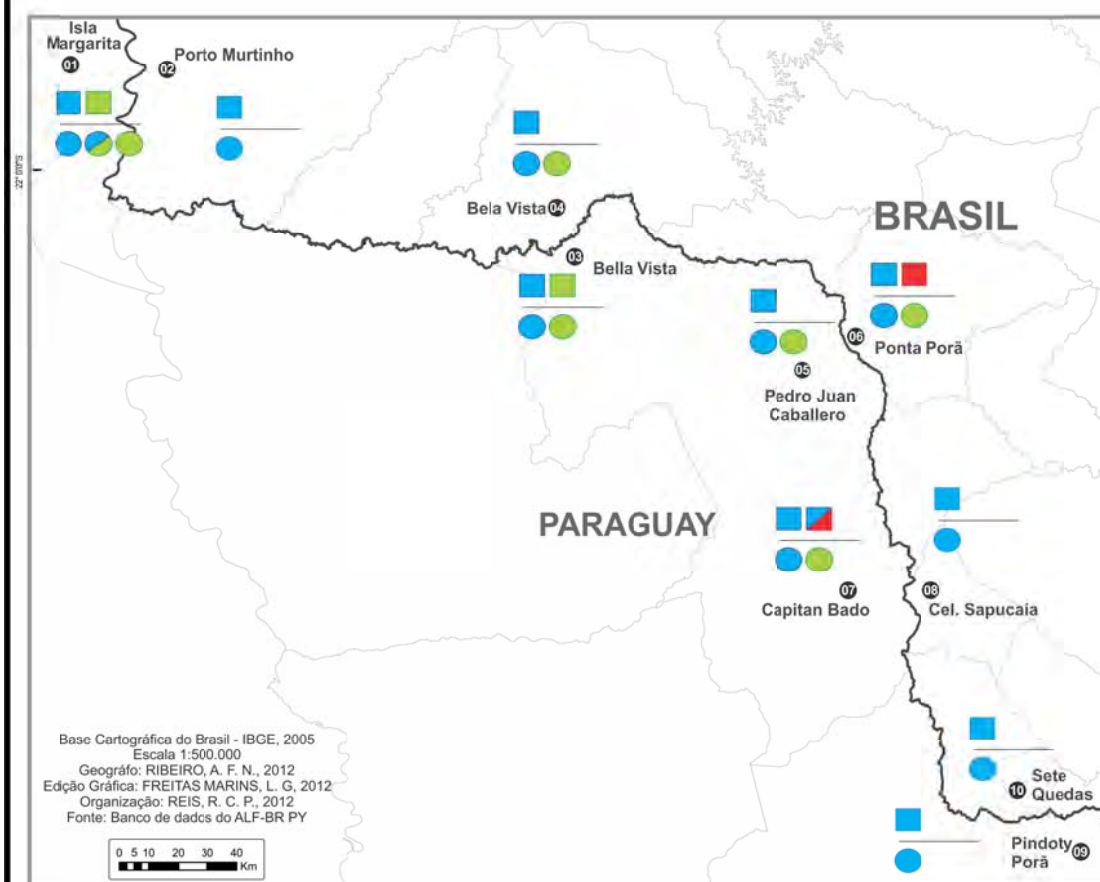
Questão QSL/014: "[...] a chuva de verão que dá e passa logo?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI chuva com pedacinhos de gelo (contatos linguísticos)

Carta: 006.b / QSL

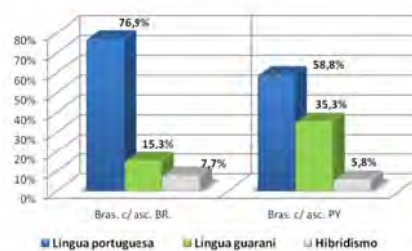


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- híbrido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/015: "E quando chove e caem pedacinhos d'água de gelo, como se chama essa chuva?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“CHUVA COM PEDACINHOS DE GELO”

Número da carta: 006b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

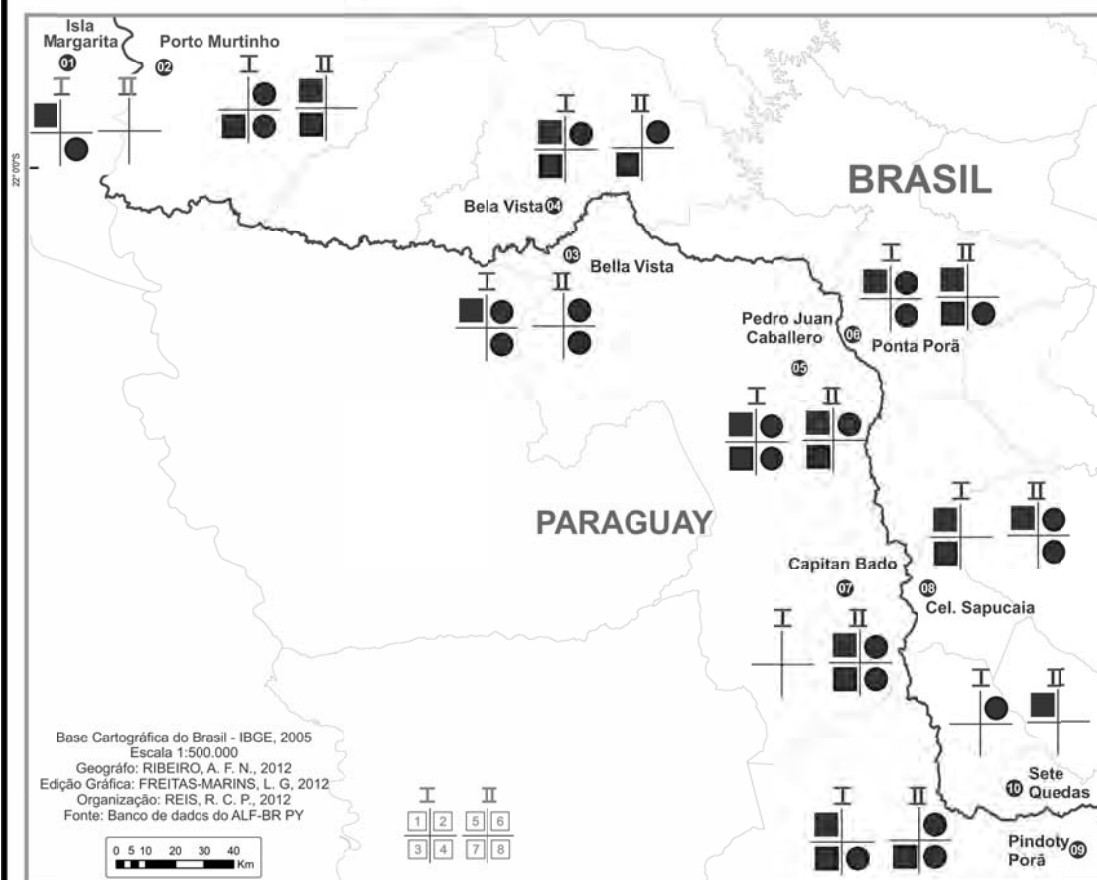
Questão: QSL/015: “E quando chove e caem pedacinhos d’água de gelo, como se chama essa chuva?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Granizo	PT	PT	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT
Chuva de pedra	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Chuva de gelo						PT	PT	PT	PT	
Chuva de pedra de gelo	PT					PT				
Chuva com neblina					PT					
Chuva de flor			PT	PT	PT					PT
lluva con piedra								SP		
Chuva de piedra				PT/SP						
Chuva com neve					PT					PT
Temporal com pedras							PT			
Amandaú	Gn	Gn	Gn	Gn			Gn	Gn		

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI chuva com pedacinhos de gelo (diassexual e diageracional)

Carta: 006.c / QSL

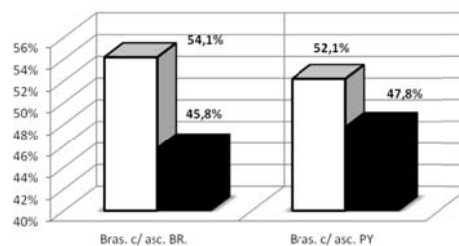


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Variante em estudo: «CHUVA DE GRANIZO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●

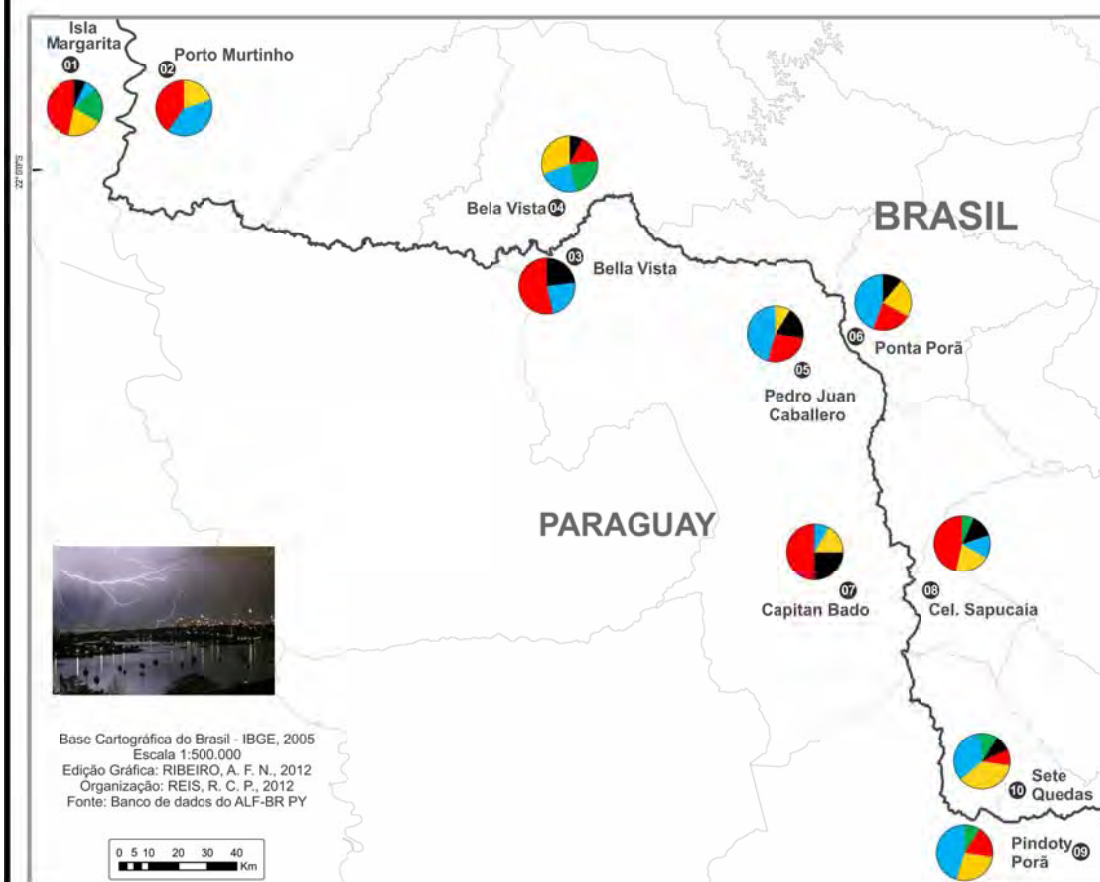


Questão QSL/015: "E quando chove e caem pedacinhos d'água de gelo, como se chama essa chuva?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI chuva com vento forte (produtividade)

Carta: 007.a / QSL

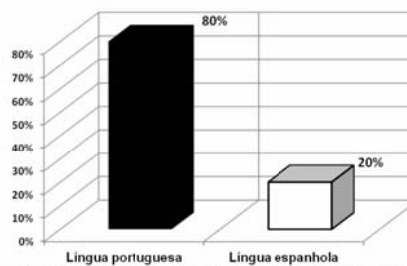


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Edição Gráfica: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- tormenta
- tempestade
- temporal
- vendaval
- vento com chuva

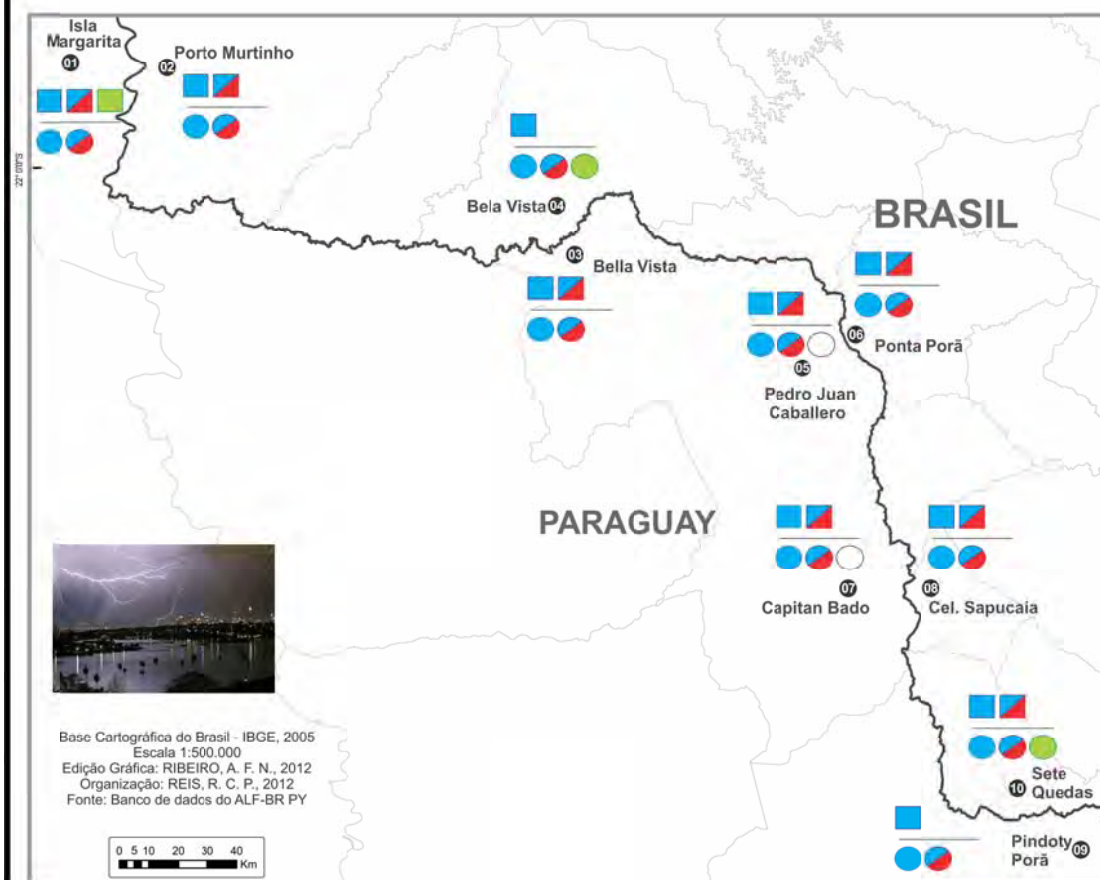


Questão QSL/016: "[...] aquela chuva com vento forte, que pode até derrubar casas?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI chuva com vento forte (contatos linguísticos)

Carta: 007.b / QSL

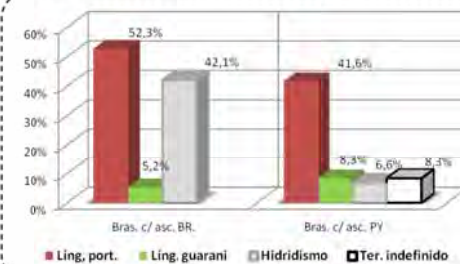


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Edição Gráfica: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- híbrido
- Termo indefinido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/016: "[...] aquela chuva com vento forte, que pode até derrubar casas?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“CHUVA COM VENTO FORTE”

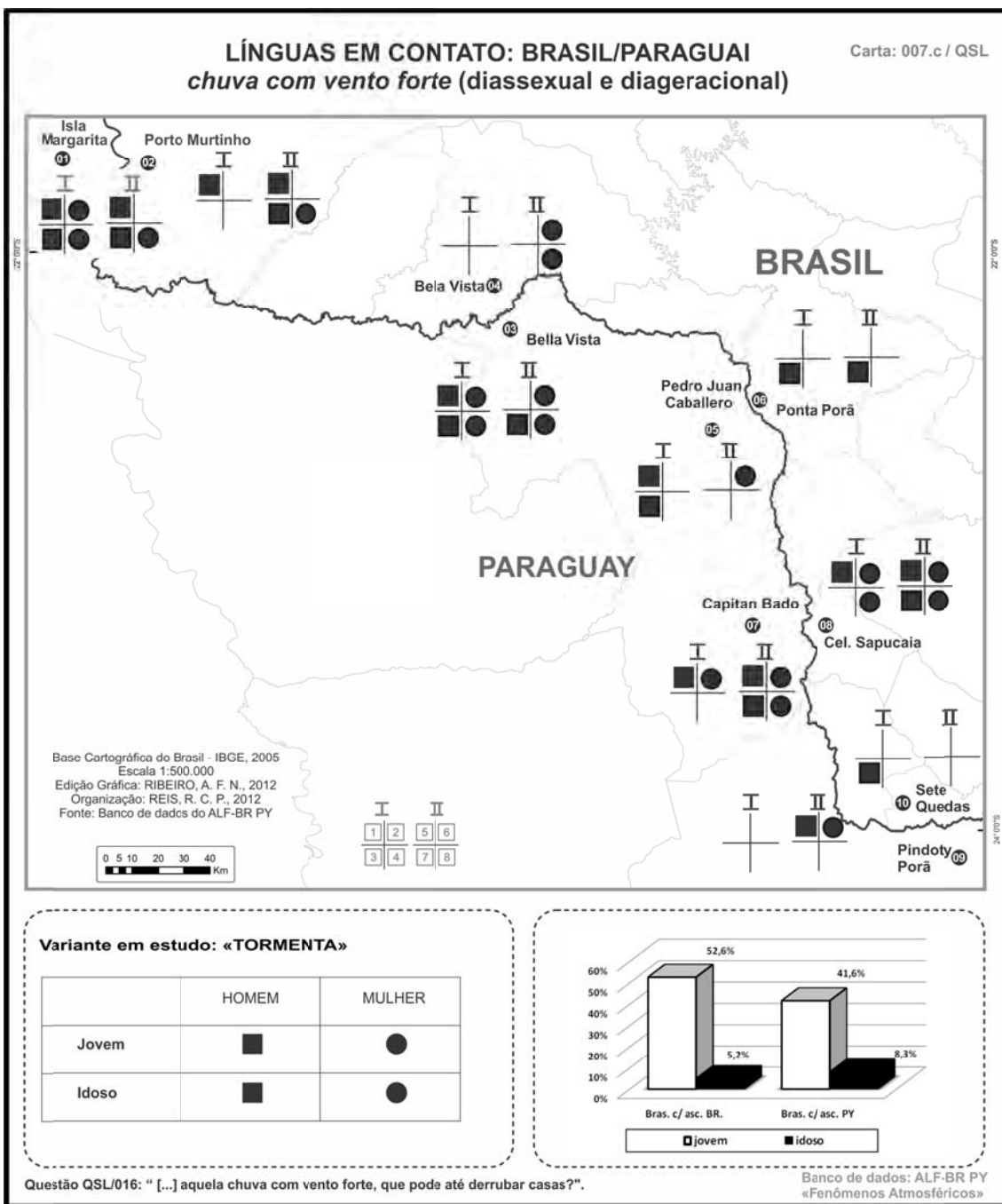
Número da carta: 007b

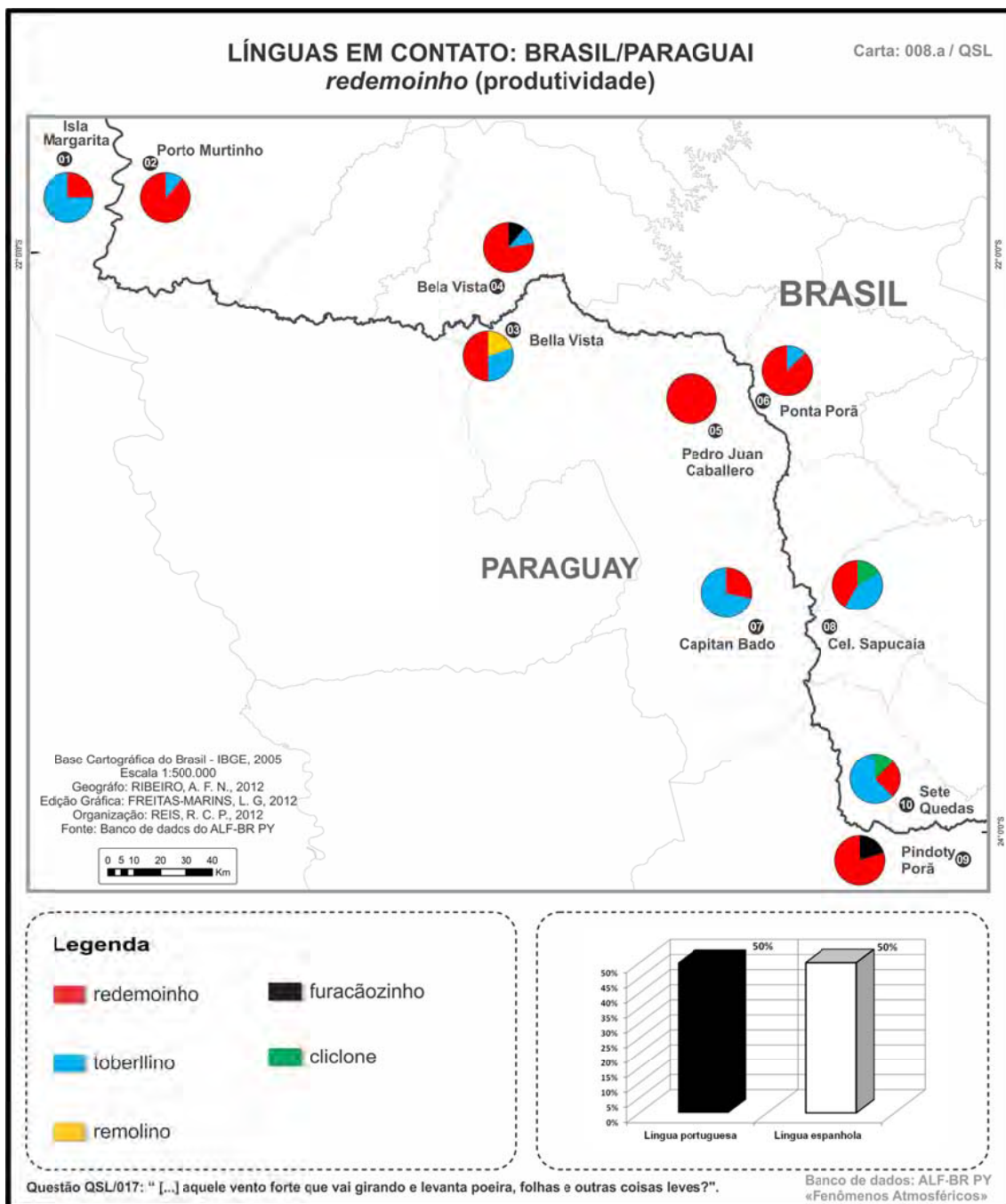
Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

Questão: QSL/016: “... aquela chuva com vento forte, que pode até derrubar casas?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Tempestade	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Tormenta	LP/ SP	LP/ SP	LP/ SP	LP/ SP	LP/ SP	LP/ SP		LP/ SP	LP/ SP	LP/ SP
Vendaval	PT	PT		PT					PT	PT
Temporal	PT			PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Vento com Chuva	PT		PT		PT				PT	PT
Ventania			PT	PT			PT	PT		PT
Chuva Forte			PT				PT		PT	PT
Vento forte							PT			
Yvitú kuará	Gn									
Yvitú Vairatá	Gn									
Yvitú ama							Gn			
Yvitú										Gn
Vento tovencielo				PT/LN						
tiaparones			LN							

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani e **LN**=
Língua não definida





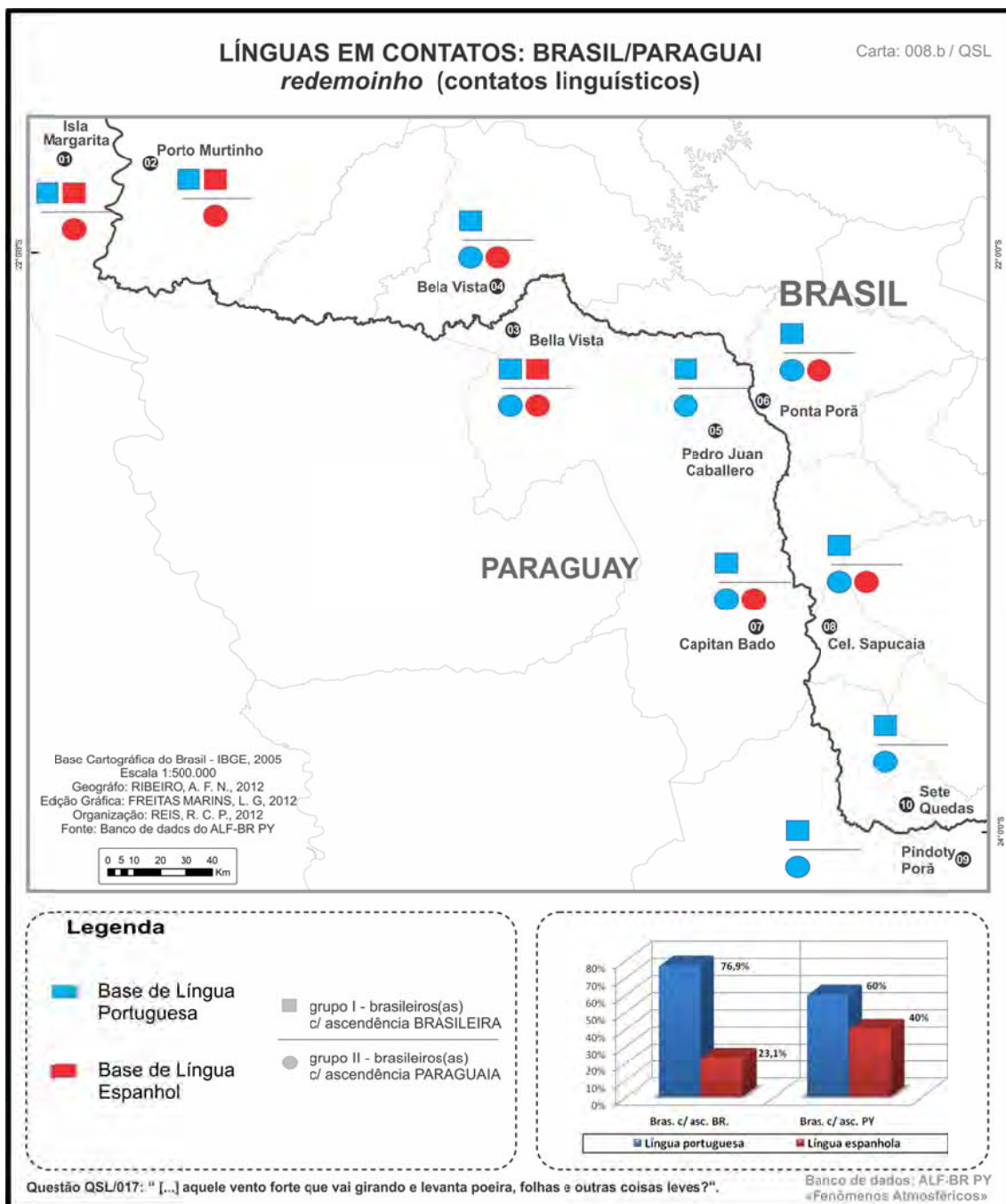


TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“REDEMOINHO”

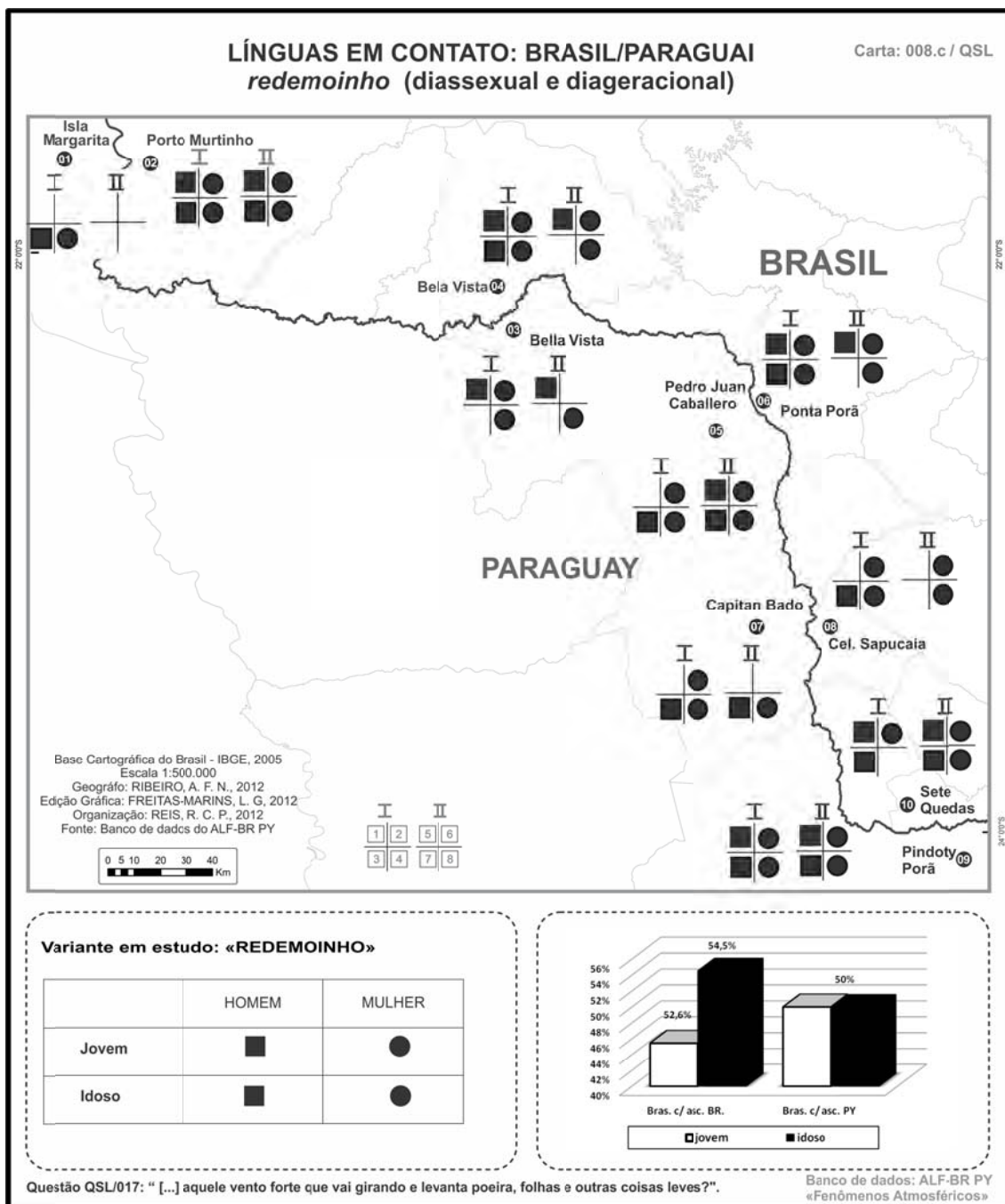
Número da carta: 008b

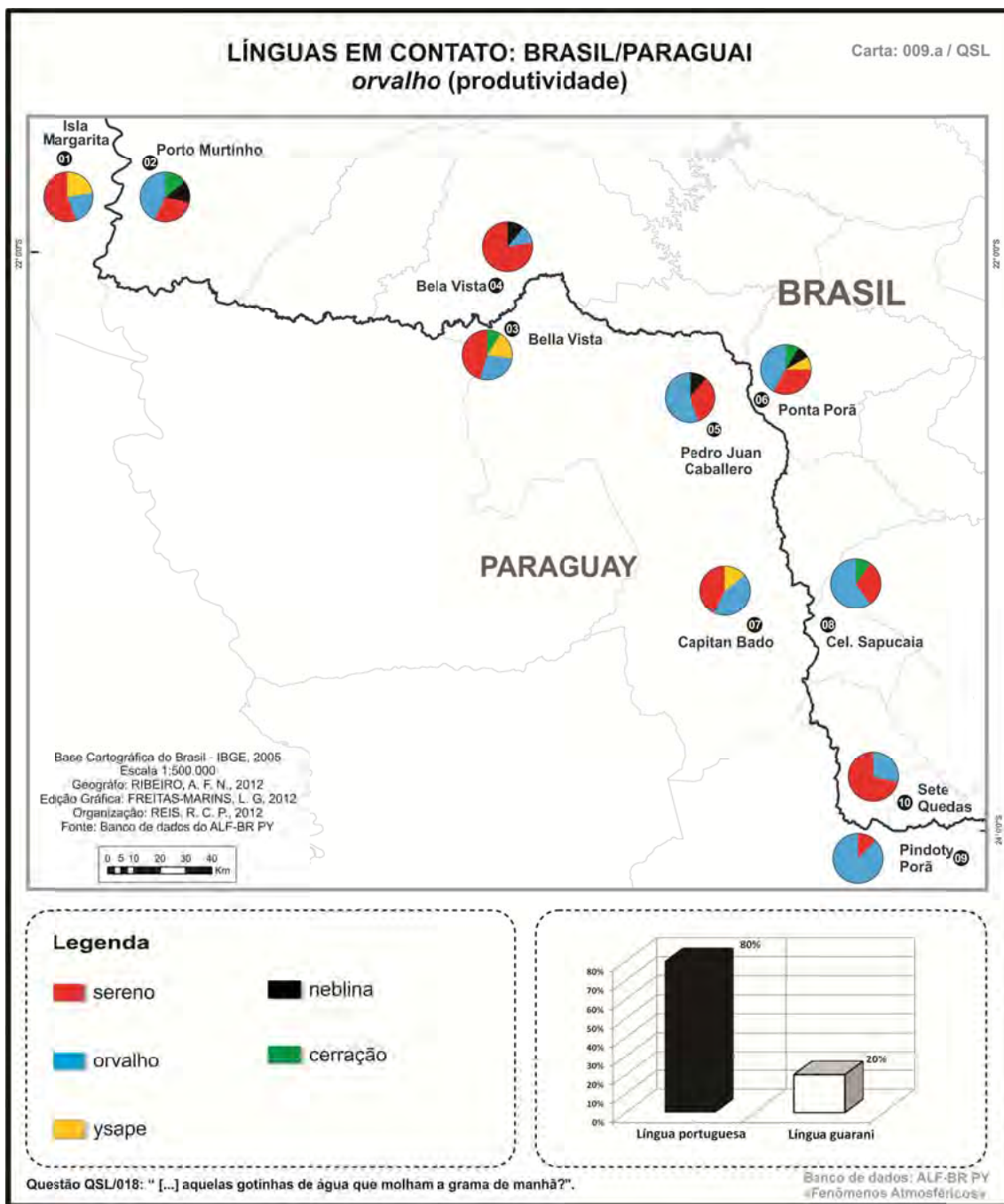
Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

Questão: QSL/017: “... aquele vento forte que vai girando e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Redemoinho	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Torbellino	SP	SP		SP		SP	SP		SP	
Remolino		SP								
Furacãozinho					PT		PT			PT
Tornado				PT						
Ciclone									PT	
Ventania									PT	
Ciclón					SP					

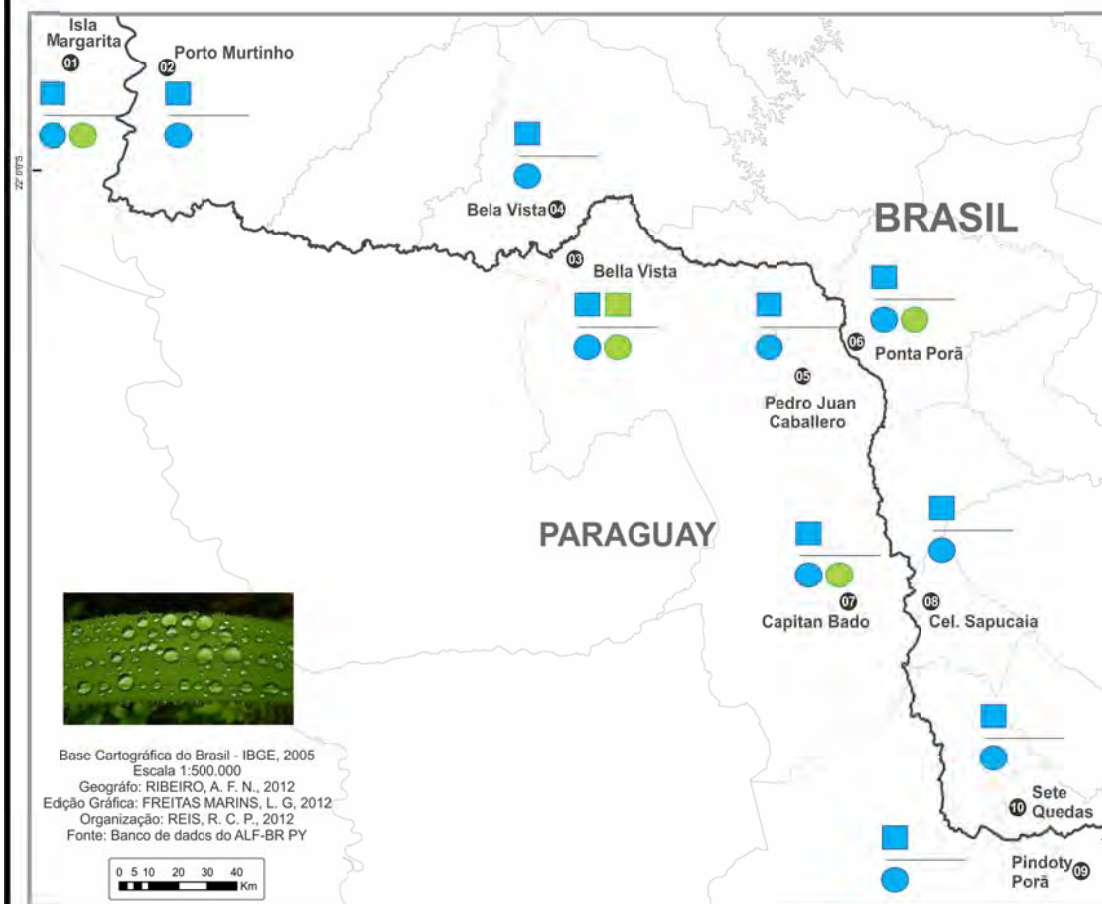
***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani



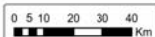


LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI orvalho (contatos linguísticos)

Carta: 009.b / QSL

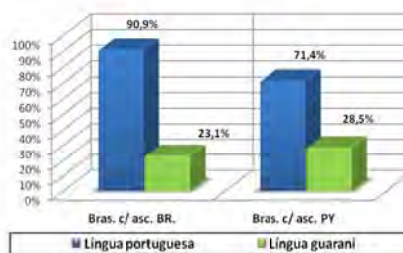


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/018: "[...] aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“SERENO”

Número da carta: 009b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

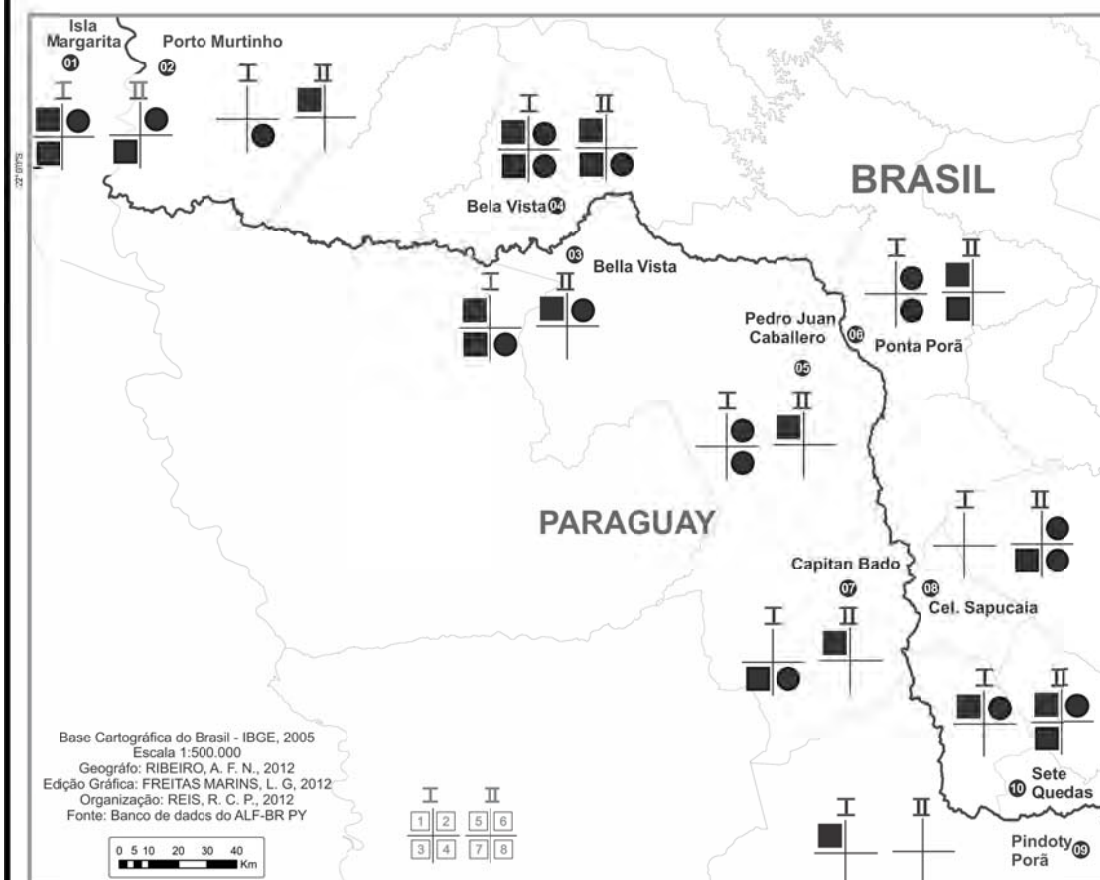
Questão: QSL/018: “[...]... aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Sereno	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Orvalho	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Ysape	Gn	Gn		Gn				Gn		
Neblina			PT			PT	PT	PT		
Cerração		PT				PT		PT	PT	

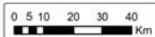
***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI orvalho (diassexual e diageracional)

Carta: 009.c / QSL

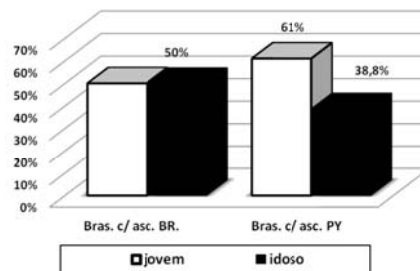


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



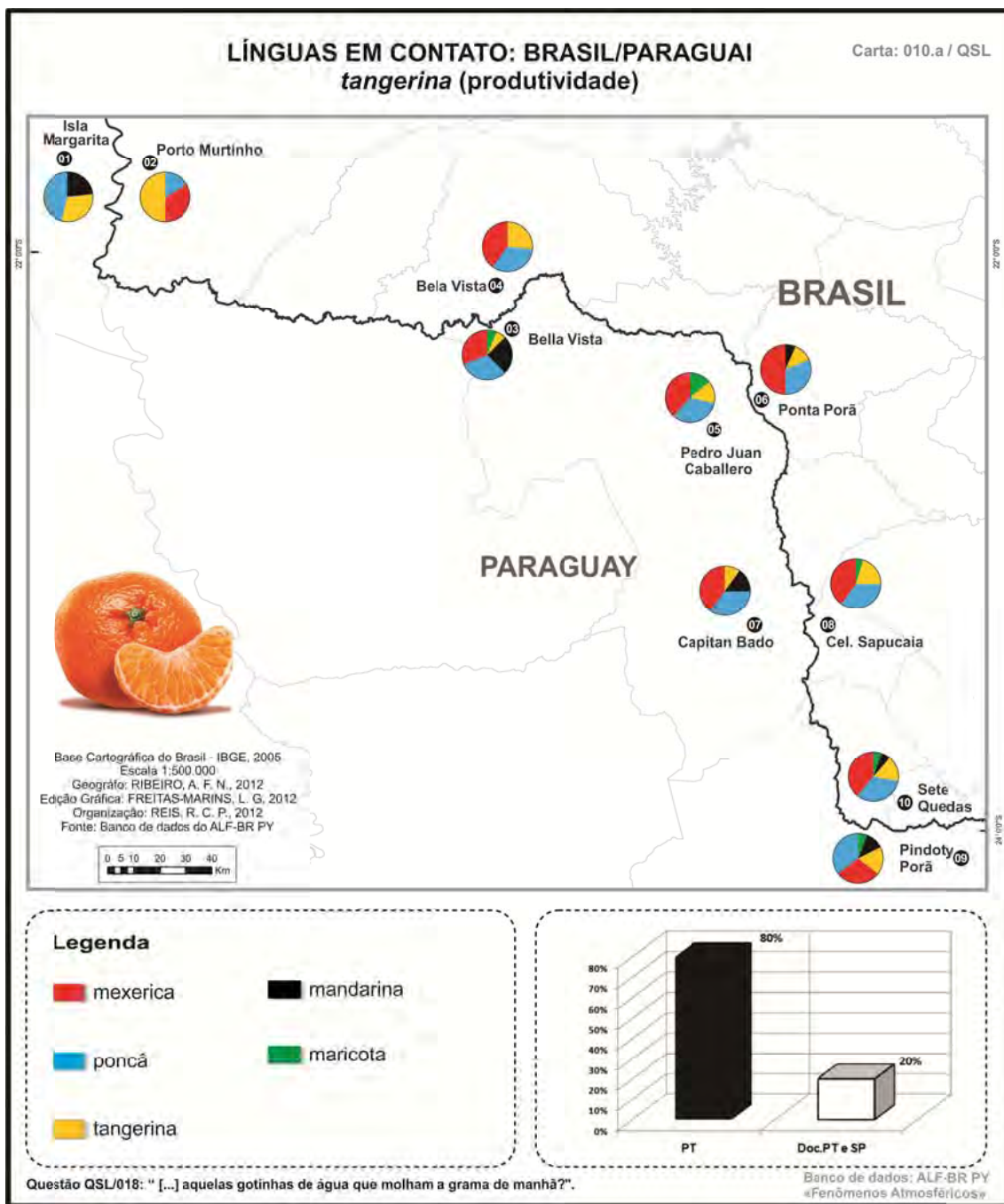
Variante em estudo: «SERENO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/018: "[...] aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã?".

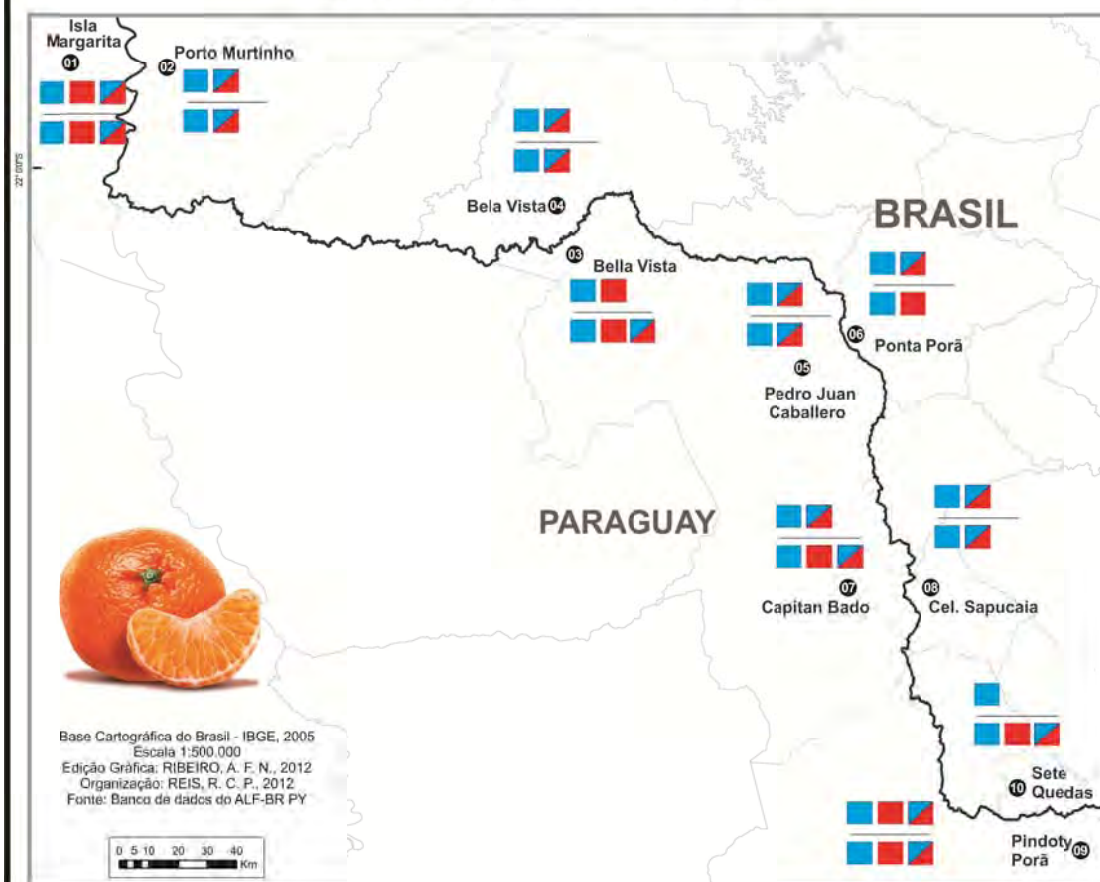
Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»



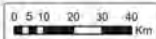
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

tangerina (contatos linguísticos)

Carta: 010.b / QSL

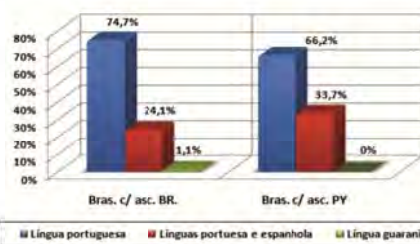


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Edição Gráfica: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhola
- Doc. PT e SP
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/018: "[...] aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
"TANGERINA"

Número da carta: 010b

Campo Semântico: "Fenômenos Atmosféricos"

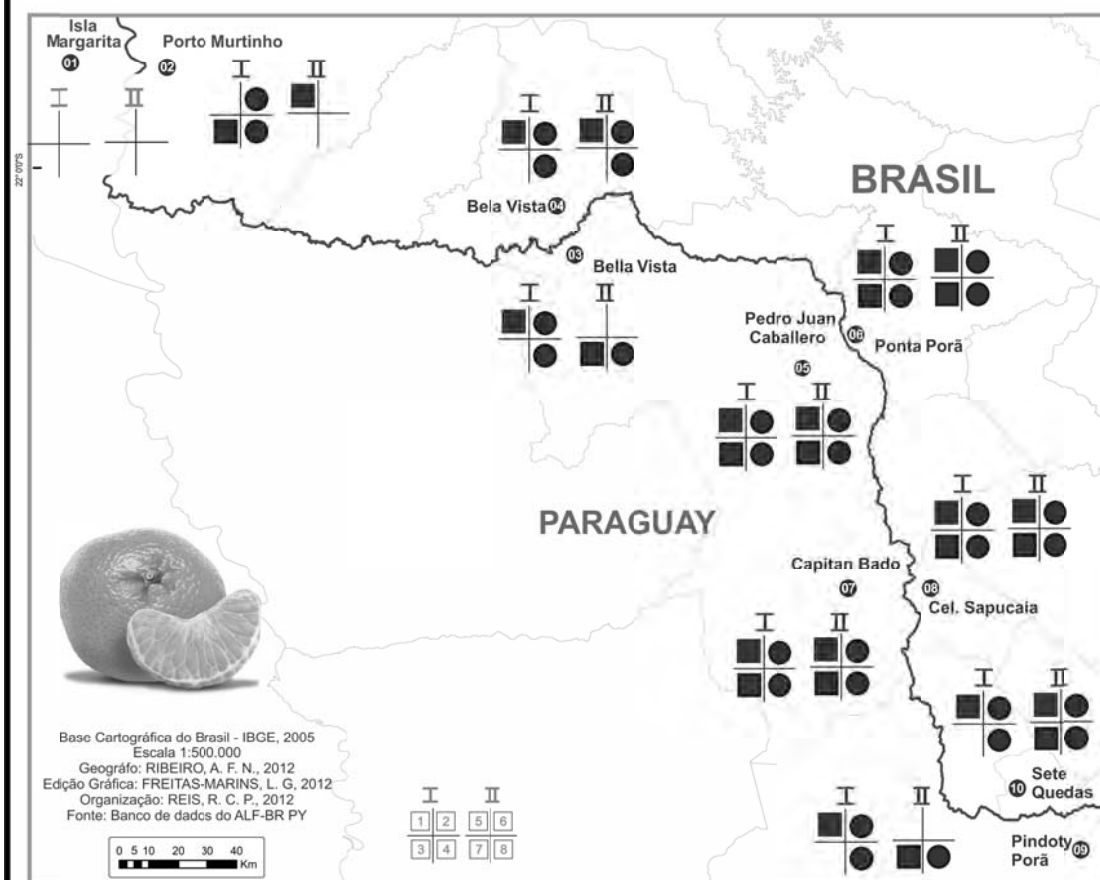
Questão: QSL/020: "E o nome de uma fruta menor que a laranja e que se descasca com a mão?"

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Mexerica		PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Tangerina	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Poncã	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Bergamota						PT		PT	PT	PT
Maricota		PT	PT		PT				PT	PT
Mandarina	PT/SP	PT/SP		PT/SP	PT/SP					
Lima Poã	Gn									
Fuxiqueira					PT					
Fididinha						PT				
mexerico			PT							

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

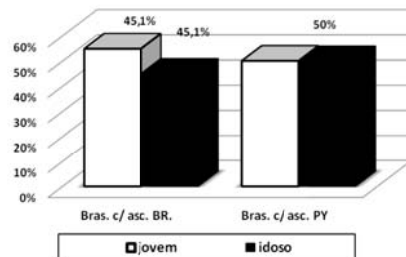
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI *tangerina* (diassexual e diageracional)

Carta: 010.c / QSL



Variante em estudo: «MEXERICA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



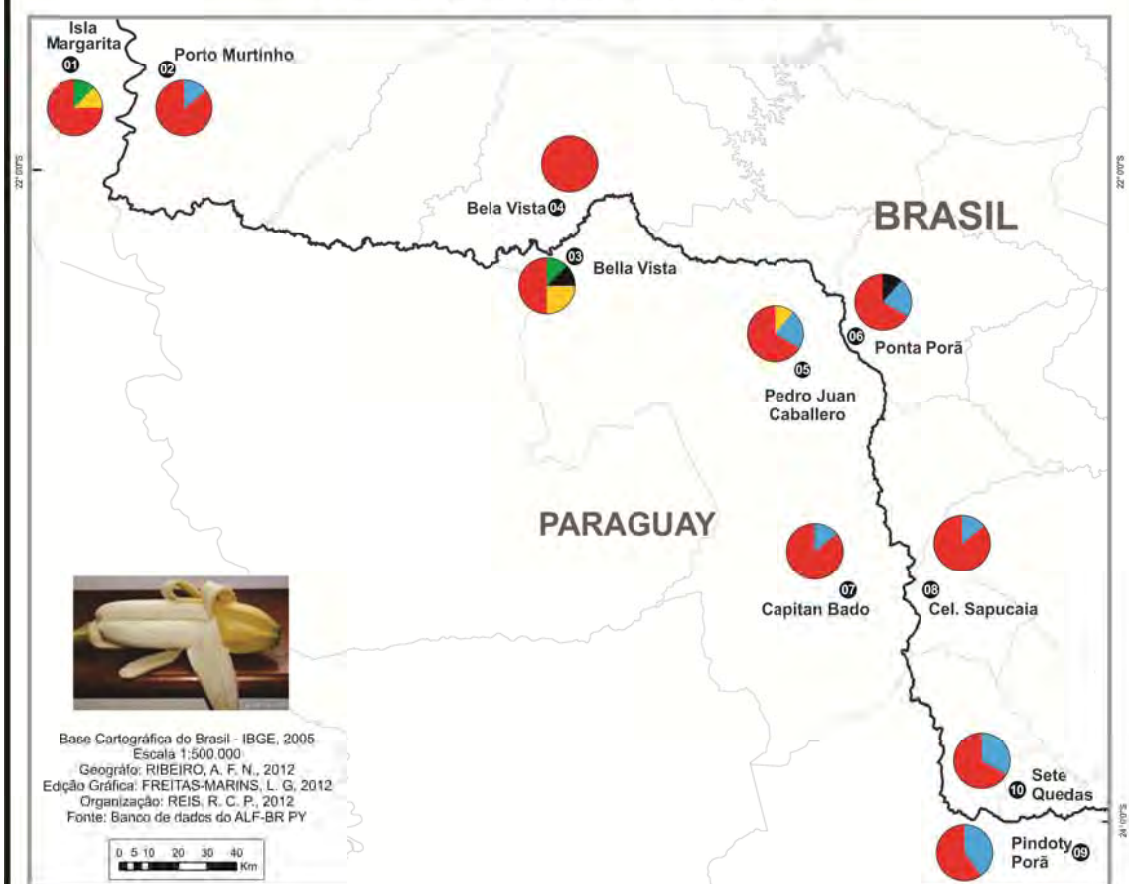
Questão QSL/018: “[...] aquelas gotinhas de água que molham a grama de manhã?”.

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

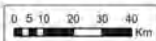
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

bananas grudadas (produtividade)

Carta: 011.a / QSL

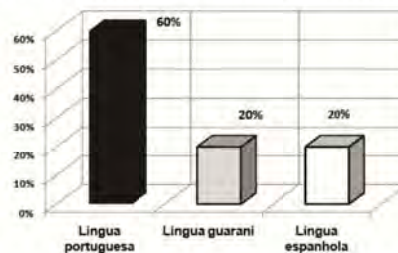


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR-PY



Legenda

- (bananas)gemêas
- (bananas)grudadas
- felipe
- ikoe
- mellizo



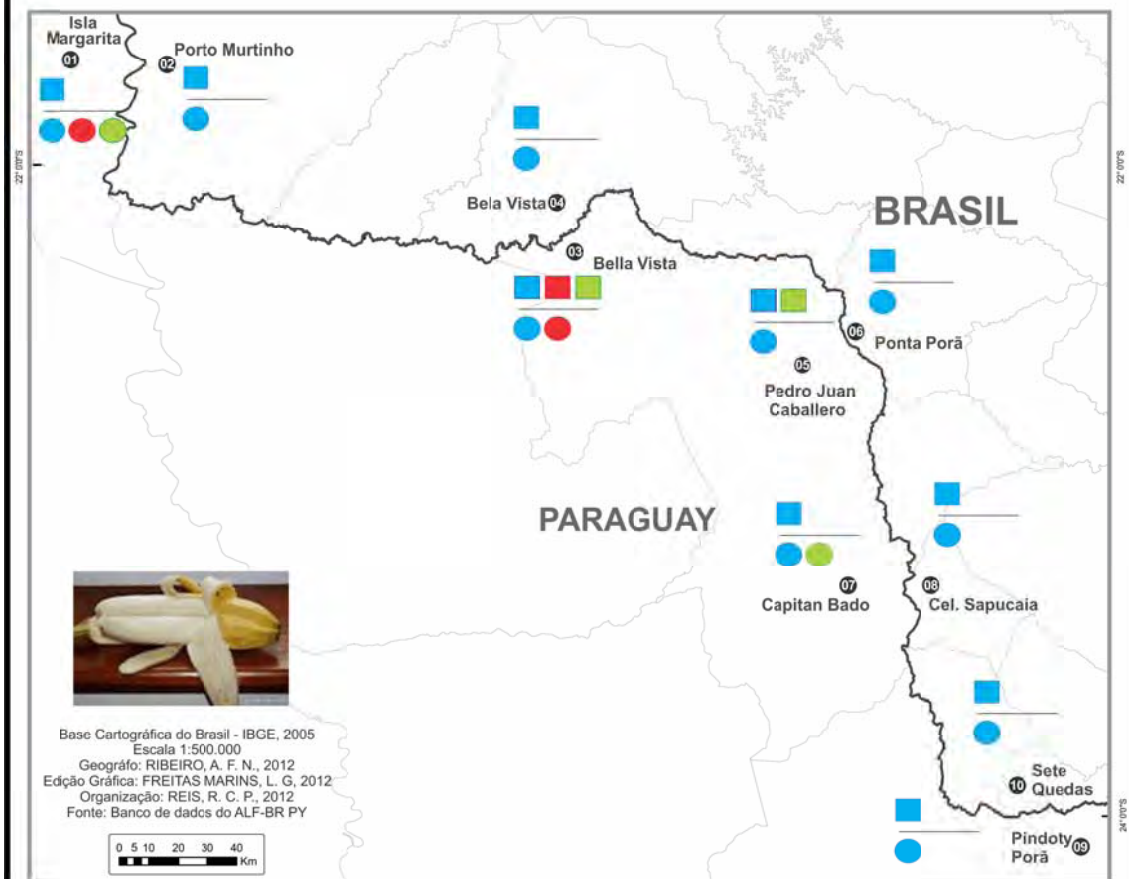
Questão QSL/021: " Que nome se dá aquelas bananas que nascem grudadas".

Banco de dados: ALF-BR-PY
 «Flora»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

bananas grudadas (contatos linguísticos)

Carta: 011.b / QSL

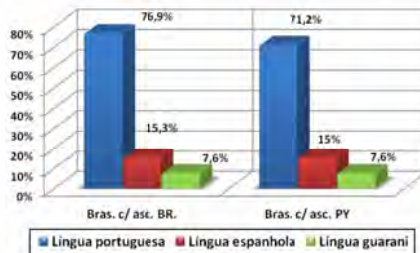


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/021: " Que nome se dá aquelas bananas que nascem grudadas".

Banco de dados: ALF-BR PY
 « Flora »

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“BANANAS GRUDADAS”

Número da carta: 011b

Campo Semântico: “Flora”

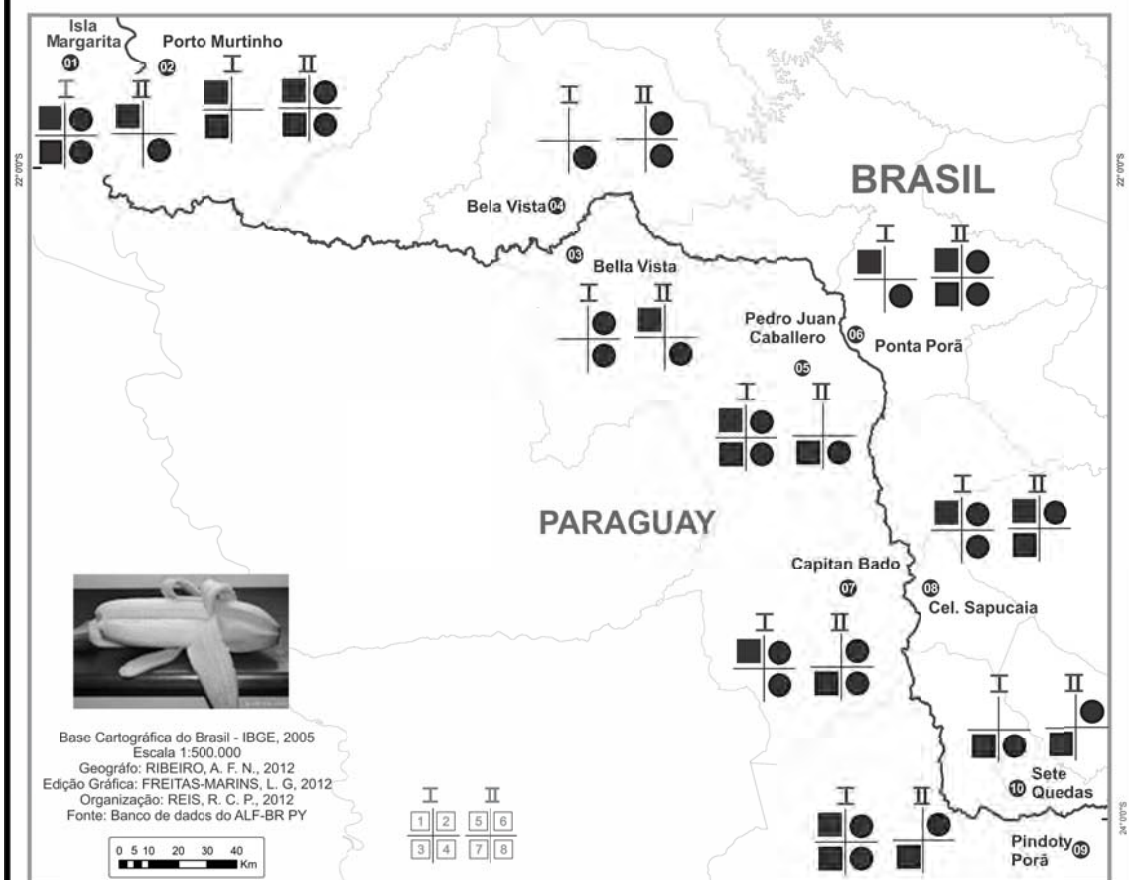
Questão: QSL/ 021: “Que nome se dá aquelas bananas que nascem grudadas”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Bananas Gêmeas	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Bananas grudadas		PT						PT		PT
Banana da terra							PT			
Felipe			PT	PT	PT	PT		PT	PT	PT
Mellizo	SP	SP	SP							
Ikoe	Gn									
Odijuaju		Gn								
Pekoe		Gn								
Quatro-cara		PT								
ikama				Gn						
Kokõe				Gn						
(bananas) emendadas									PT	

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI *bananas grudadas (diassexual e diageracional)*

Carta: 011.c / QSL

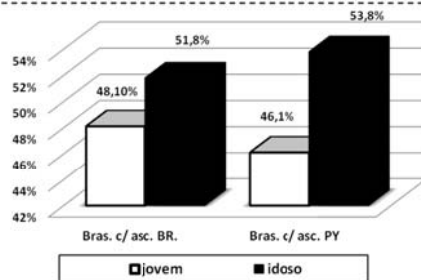


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



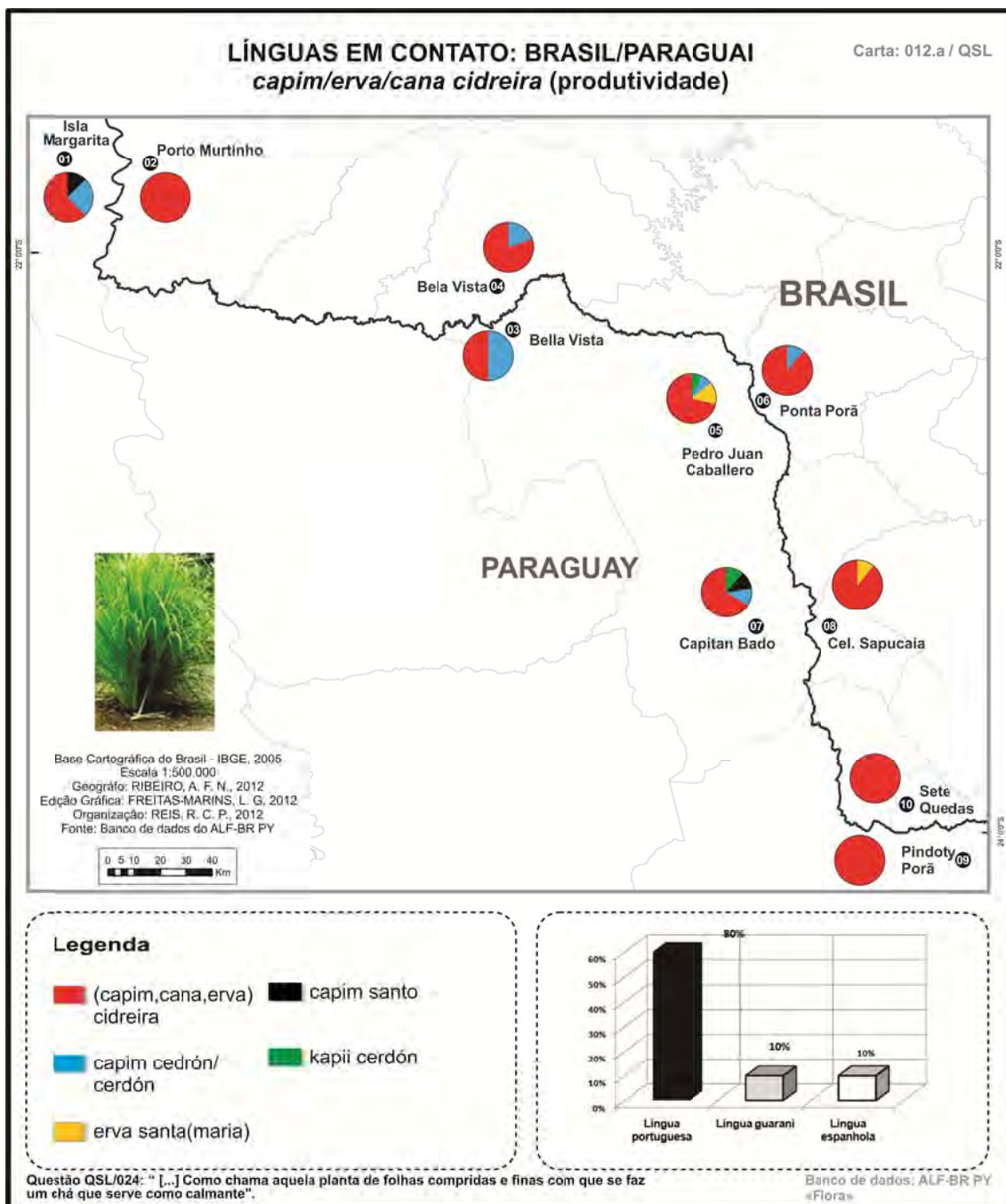
Variante em estudo: «BANANA GÊMEAS»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/021: " Que nome se dá aquelas bananas que nascem grudadas".

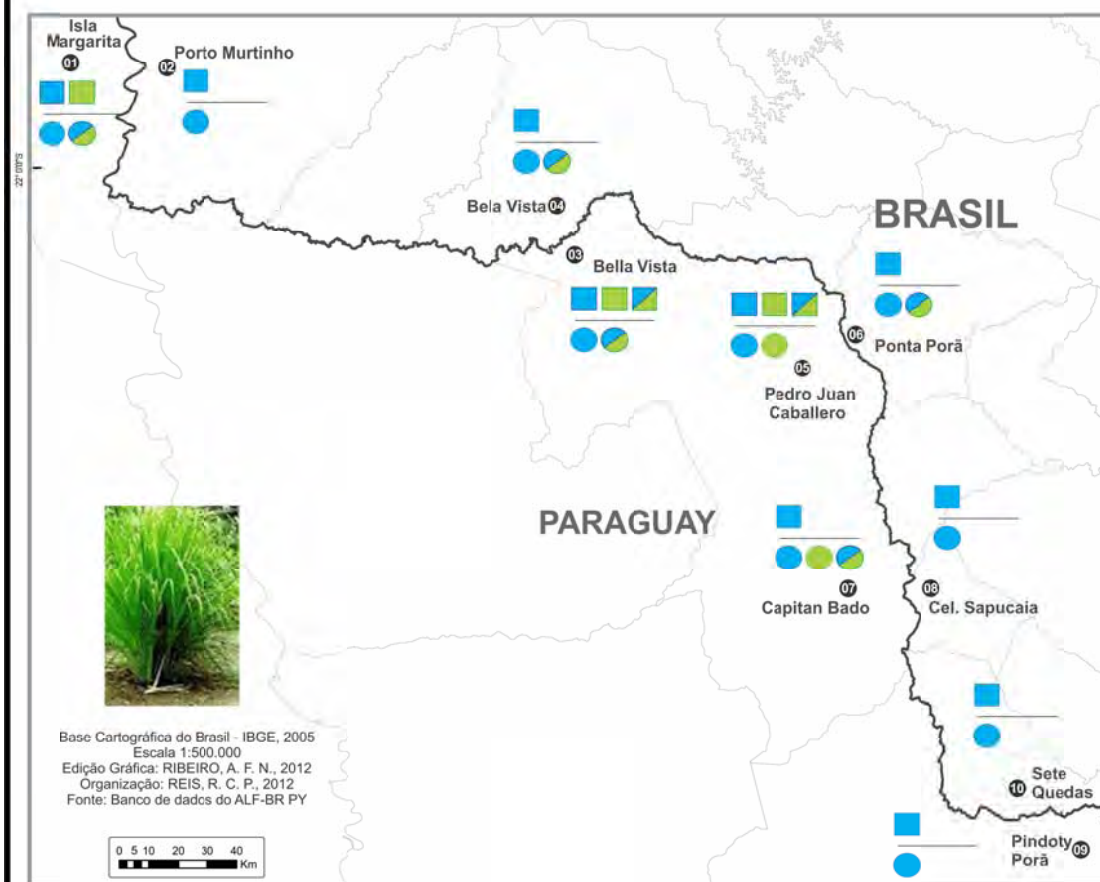
Banco de dados: ALF-BR PY
« Flora »



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

capim/erva/cana cidreira (contatos linguísticos)

Carta: 012.b / QSL

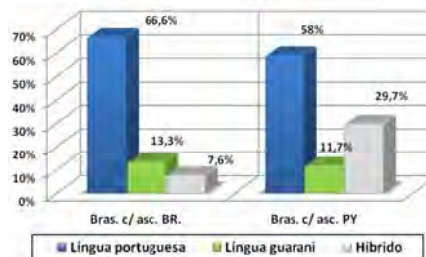


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Edição Gráfica: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- híbrido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/024: "[...] Como chama aquela planta de folhas compridas e finas com que se faz um chá que serve como calmante".

Banco de dados: ALF-BR PY «Flora»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“CAPIM SANTO/ERVA CIDREIRA”

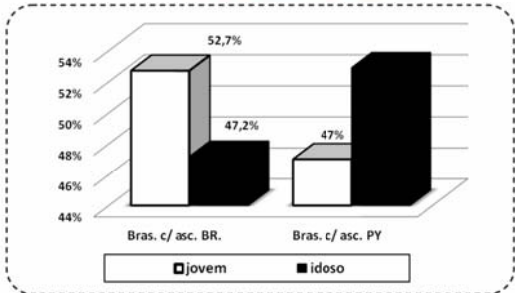
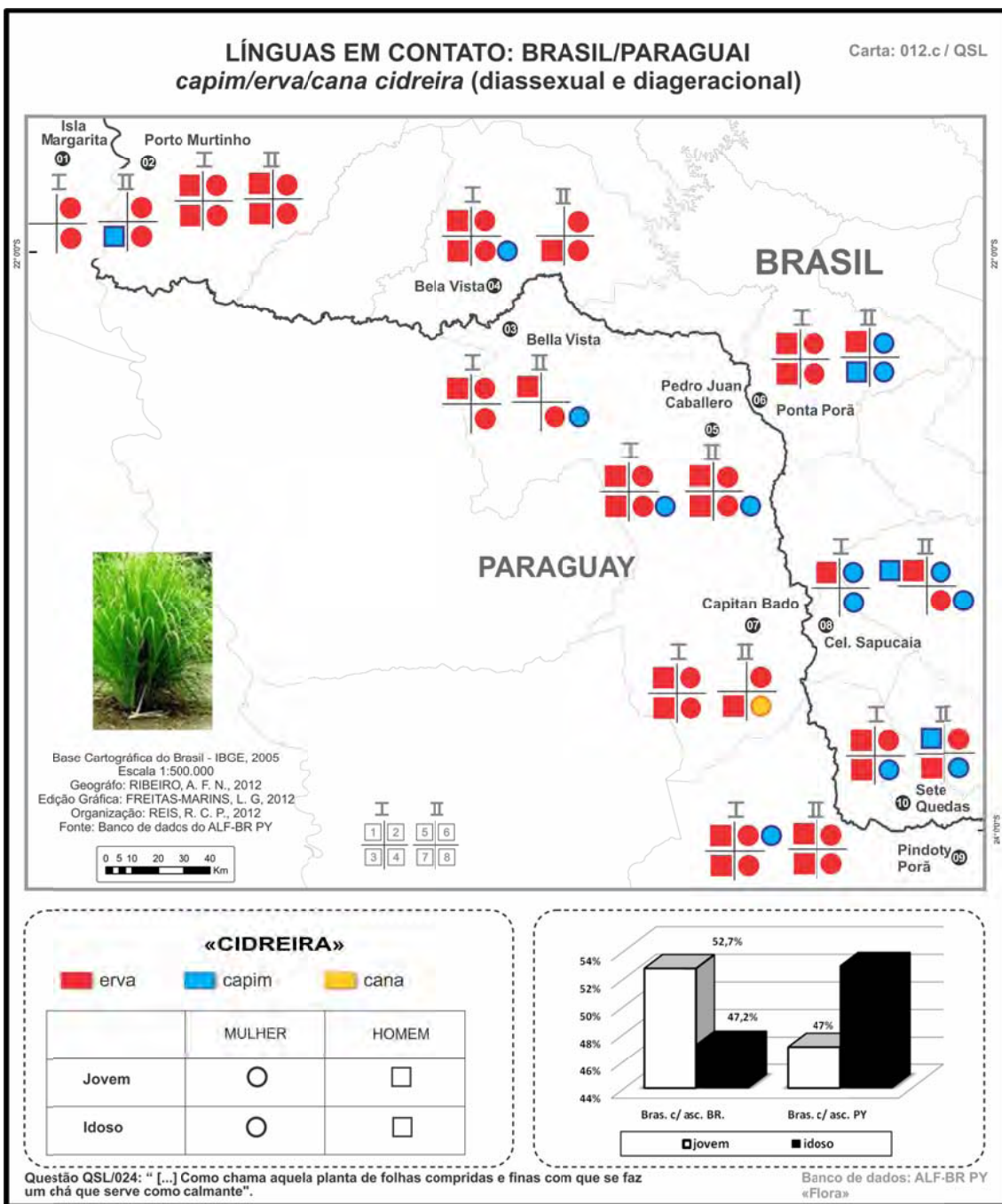
Número da carta: 012b

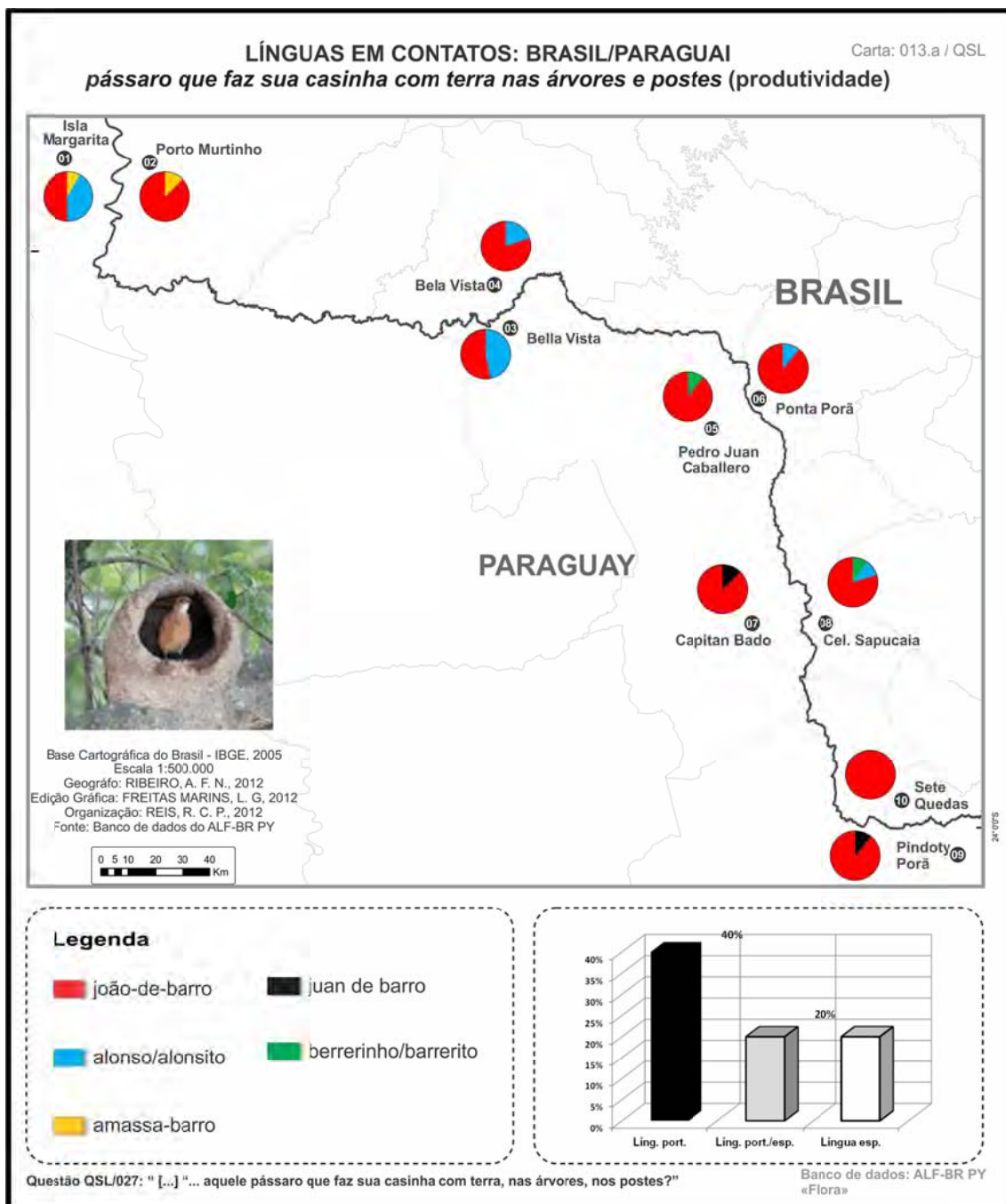
Campo Semântico: “Flora”

Questão: QSL/ 024: “Como chama aquela planta de folhas compridas e finas com que se faz um chá que serve como calmante?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Capim Cidreira		PT	PT		PT	PT	PT		PT	PT
Capim santo	PT			PT						
Capim cerdón/cedrón	PT/ Gn	PT/ Gn	PT/ Gn	PT/ Gn			PT/ Gn	PT/ Gn		
Cana Cidreira				PT						
Erva cidreira	PT			PT	PT		PT	PT	PT	PT
Erva santa (Maria)	PT		PT						PT	
Kapií cerdón			Gn	Gn						
Kanrare	Gn									
Cedrón		Gn								

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani





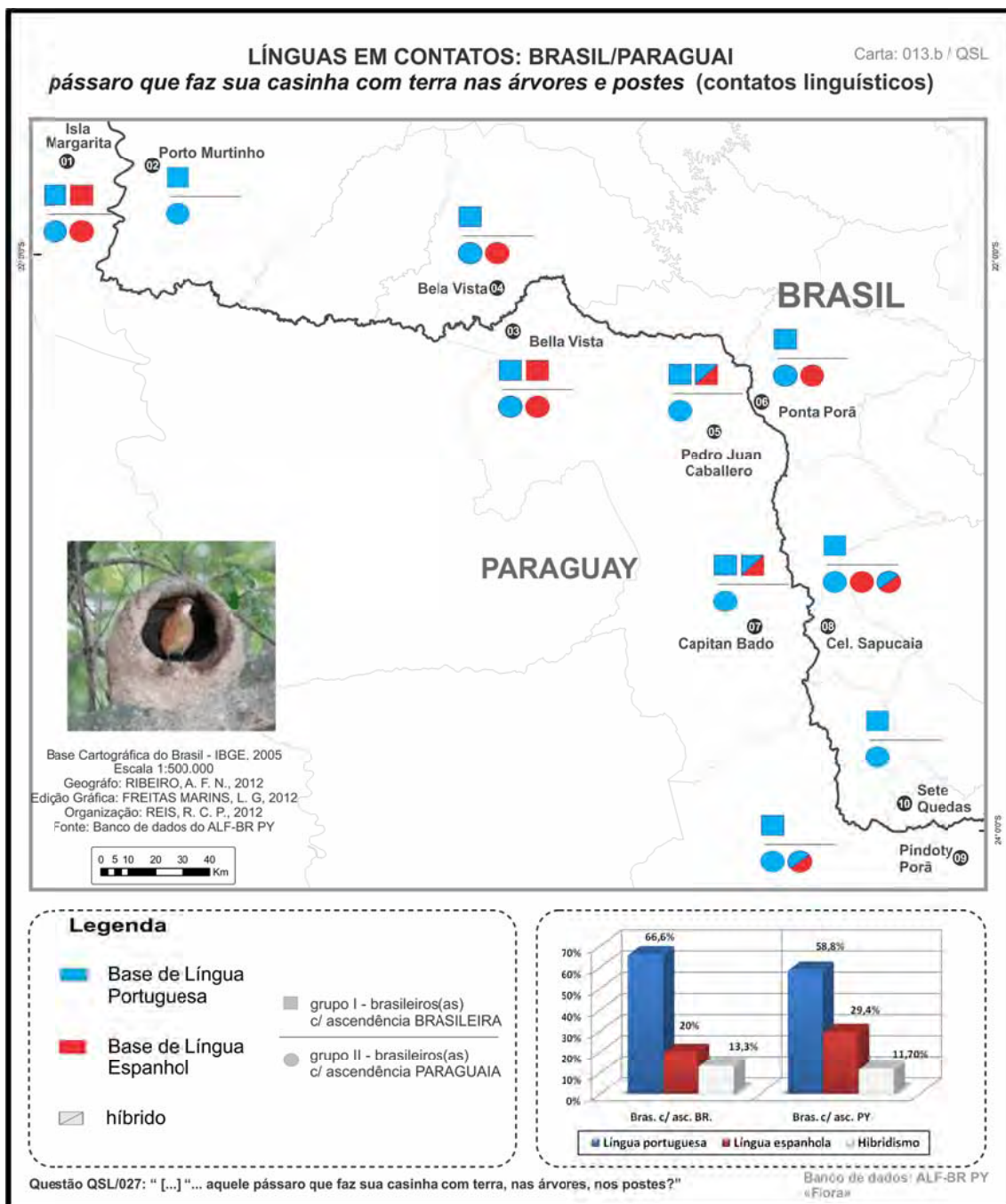


TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“PÁSSARO QUE FAZ SUA CASINHA COM TERRA NAS ÁRVORES E POSTES”

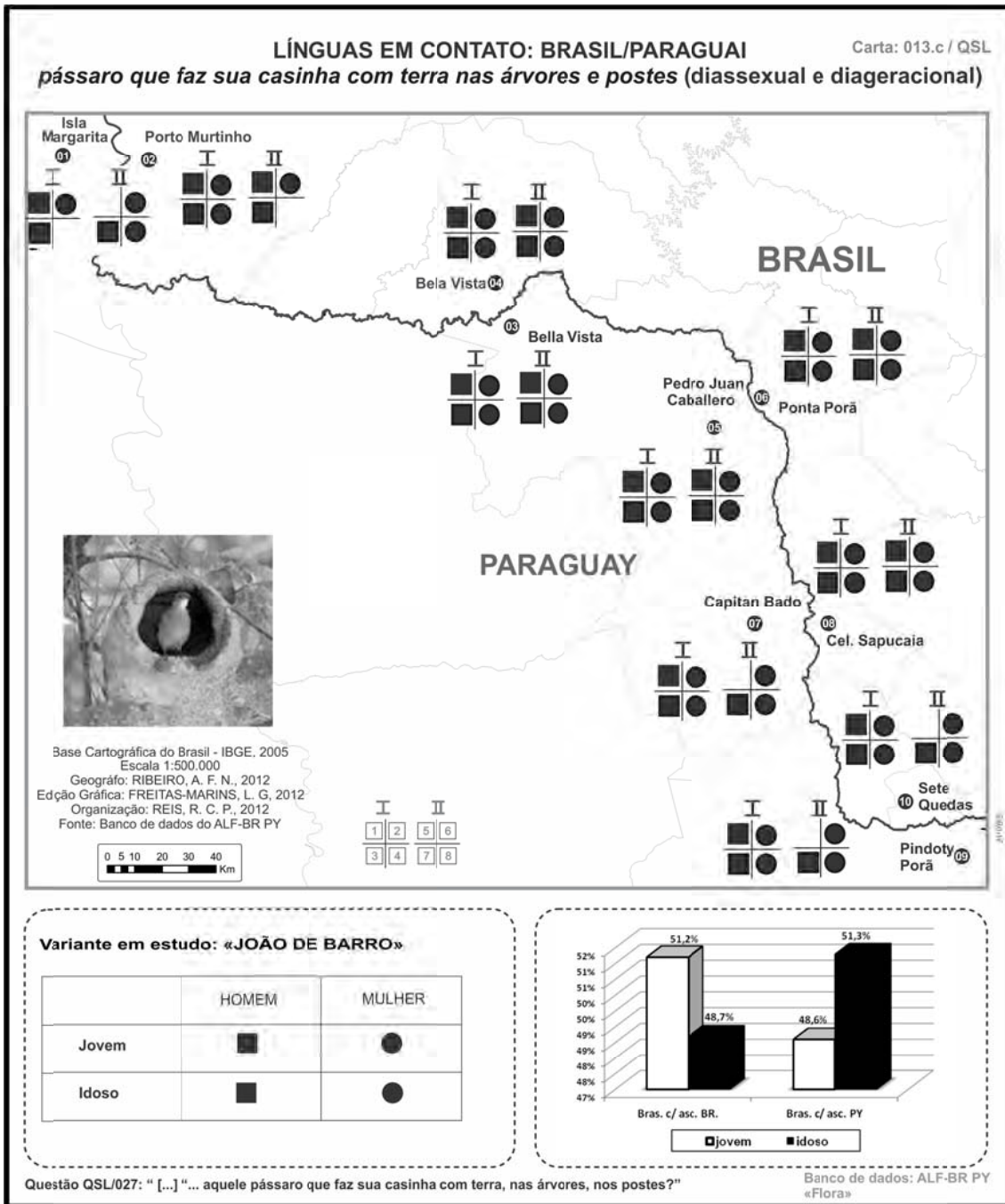
Número da carta: 013b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

Questão: QSL/027: “... aquele pássaro que faz sua casinha com terra, nas árvores, nos postes?”.

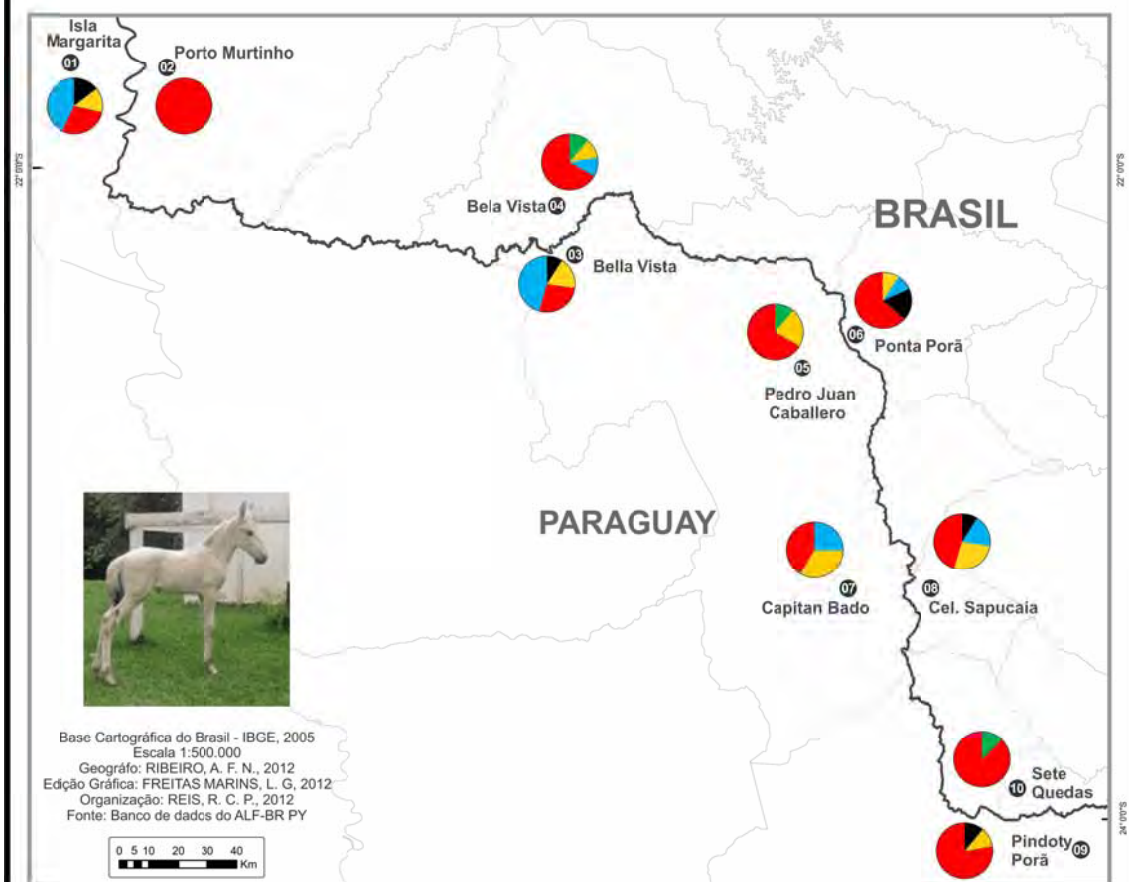
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
João-de-barro	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Amassa-barro	PT					PT				
Juan-de-barro				SP/PT	SP/PT					
Barreirinho			LP							
Barrero										
Barrerito									PT/ SP	
Alonso	SP	SP								
Alonsito	SP	SP					SP	SP	SP	
Corninho da floresta			PT							
Pedreiro da floresta								PT		

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI cavalo bem novinho (produtividade)

Carta: 014.a / QSL

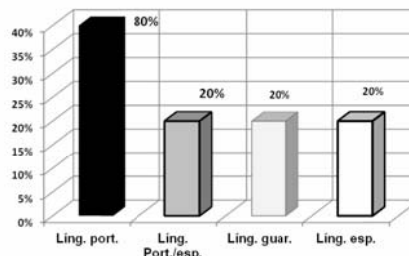


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- potro/potrilho
- kavaju ra'y
- cavalinho
- filho/filhotinho/égua/
filhotinho de cavalo
- petiso



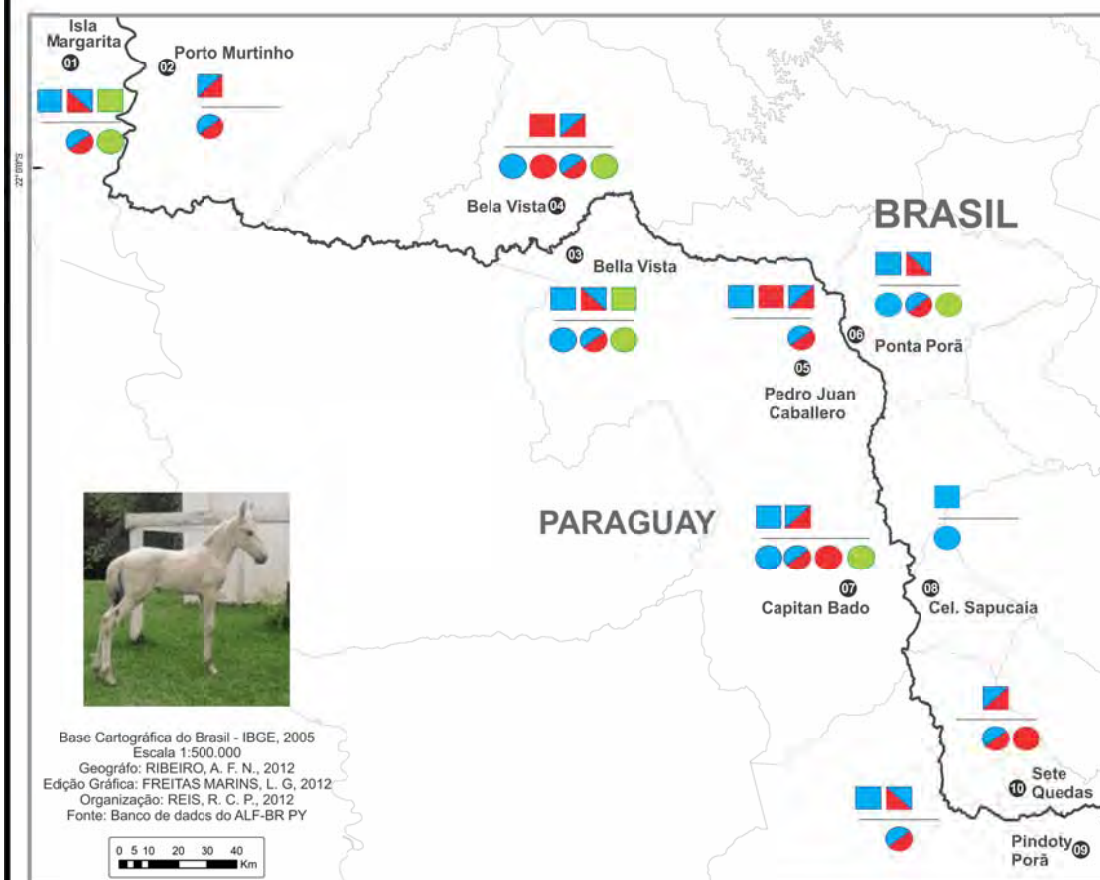
Questão QSL/029: "[...] cavalo bem novinho?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

cavalo bem novinho (contatos linguísticos)

Carta: 014.b / QSL

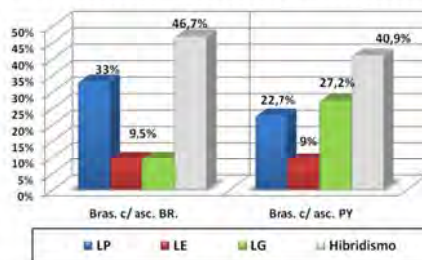


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- híbrido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/029: "[...] cavalo bem novinho?".

Banco de dados: ALF-BR PY
 «Fenômenos Atmosféricos»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“CAVALO BEM NOVINHO”

Número da carta: 014b

Campo Semântico: “Fenômenos Atmosféricos”

Questão: QSL/029“... cavalo bem novinho?”.

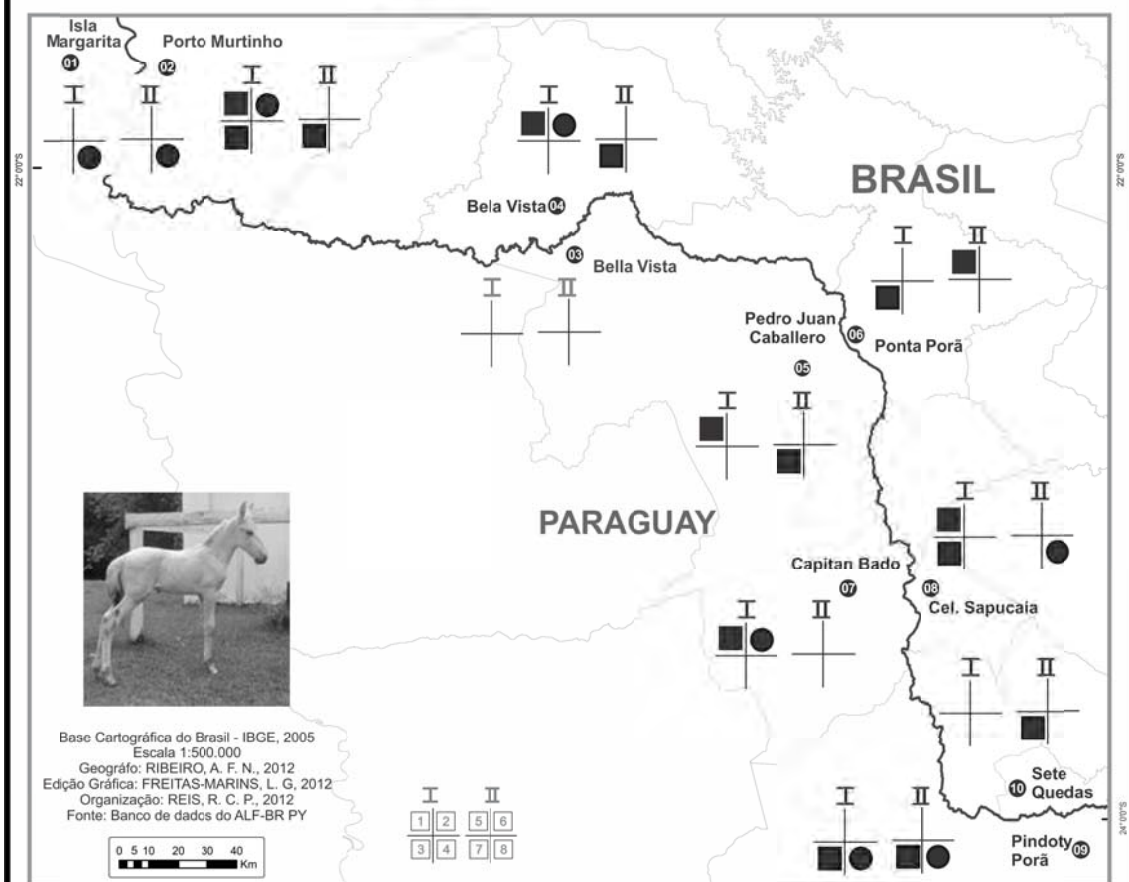
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Potro/potranco (a)	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Potrillo	SP	SP	SP		SP	SP	SP	SP	SP	SP
Cavalinho (novo)	PT		PT	PT	PT		PT	PT	PT	
Cavallo nuevo									SP	
Cavalo pequeno		PT	PT						PT	
Cria do cavalo		PT								
Filho/filhote/filhotinho de cavalo	PT	PT			PT			PT		
Filho/filhote/filhotinho de égua								PT		
Petiso							SP			SP
Kavajura'y	Gn	Gn	Gn	Gn			Gn	Gn	Gn	
Tordillo						SP				
eguita		PT								
cavalito							SP /PT		SP /PT	

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

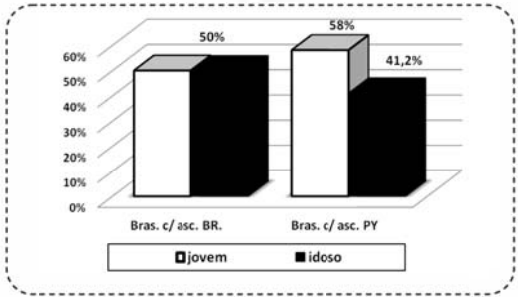
cavalo bem novinho (diassexual e diageracional)

Carta: 014.c / QSL



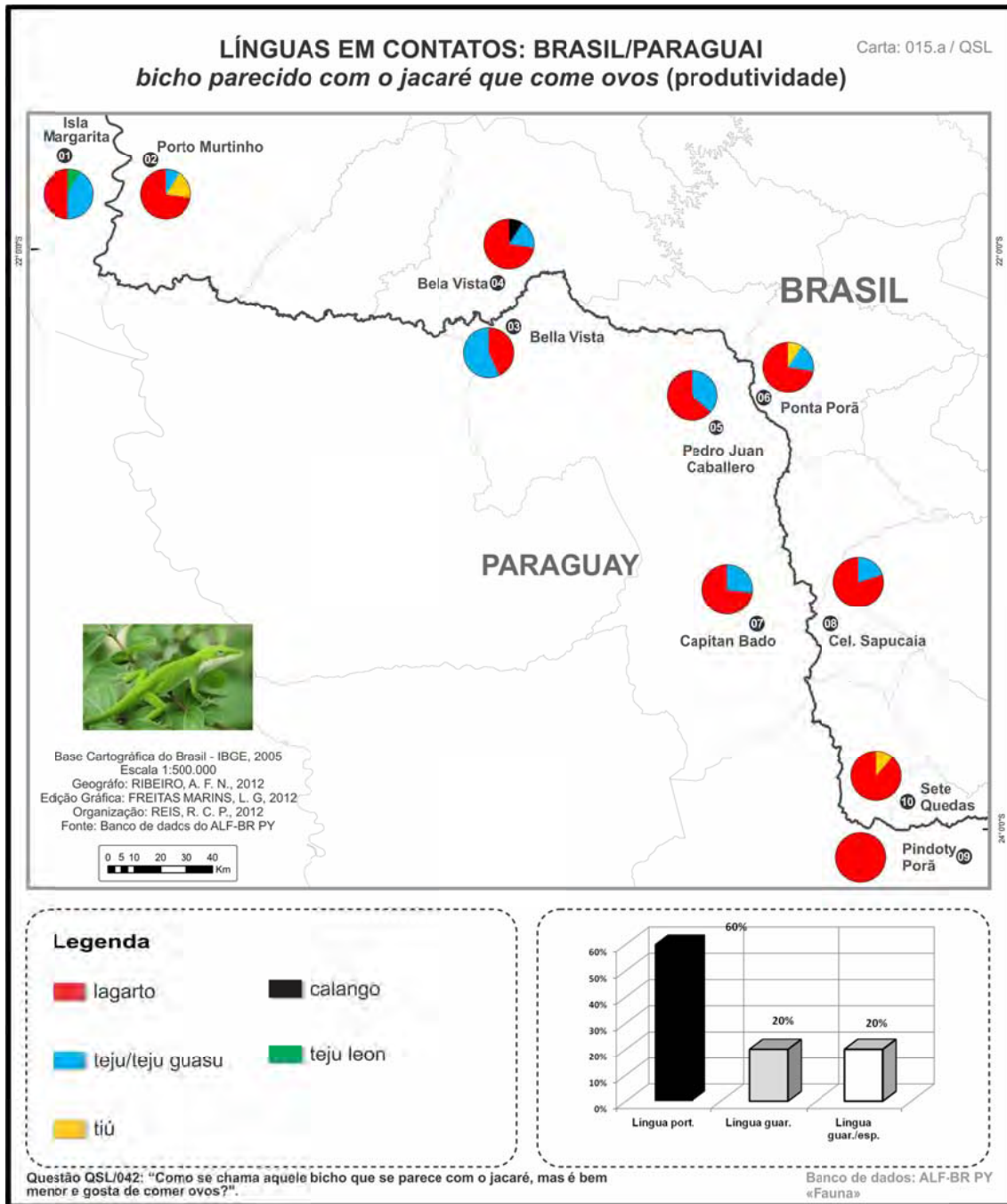
«POTRO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/029: "[...] cavalo bem novinho?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fenômenos Atmosféricos»



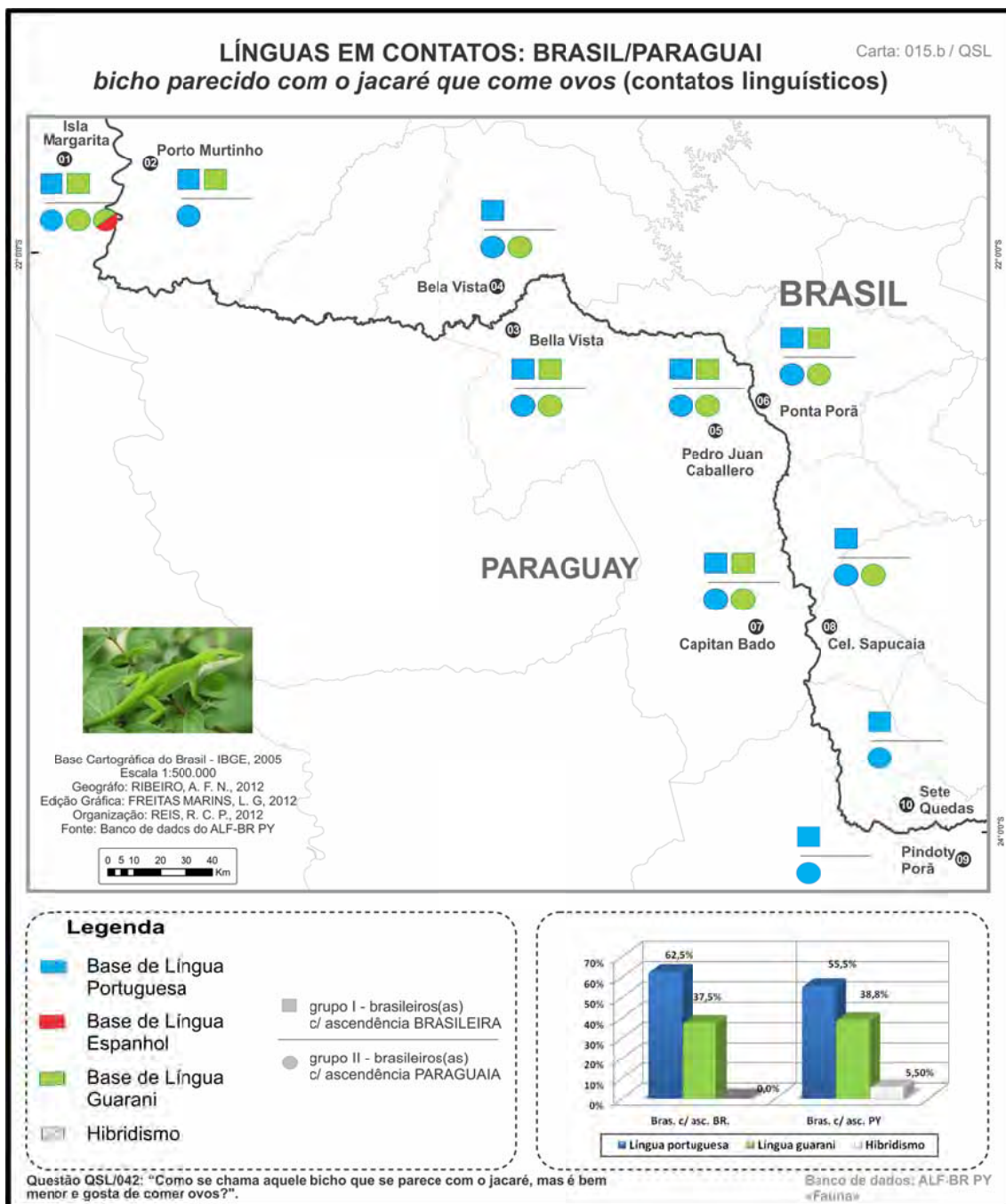


TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“BICHO PARECIDO COM JACARÉ QUE COME OVOS”

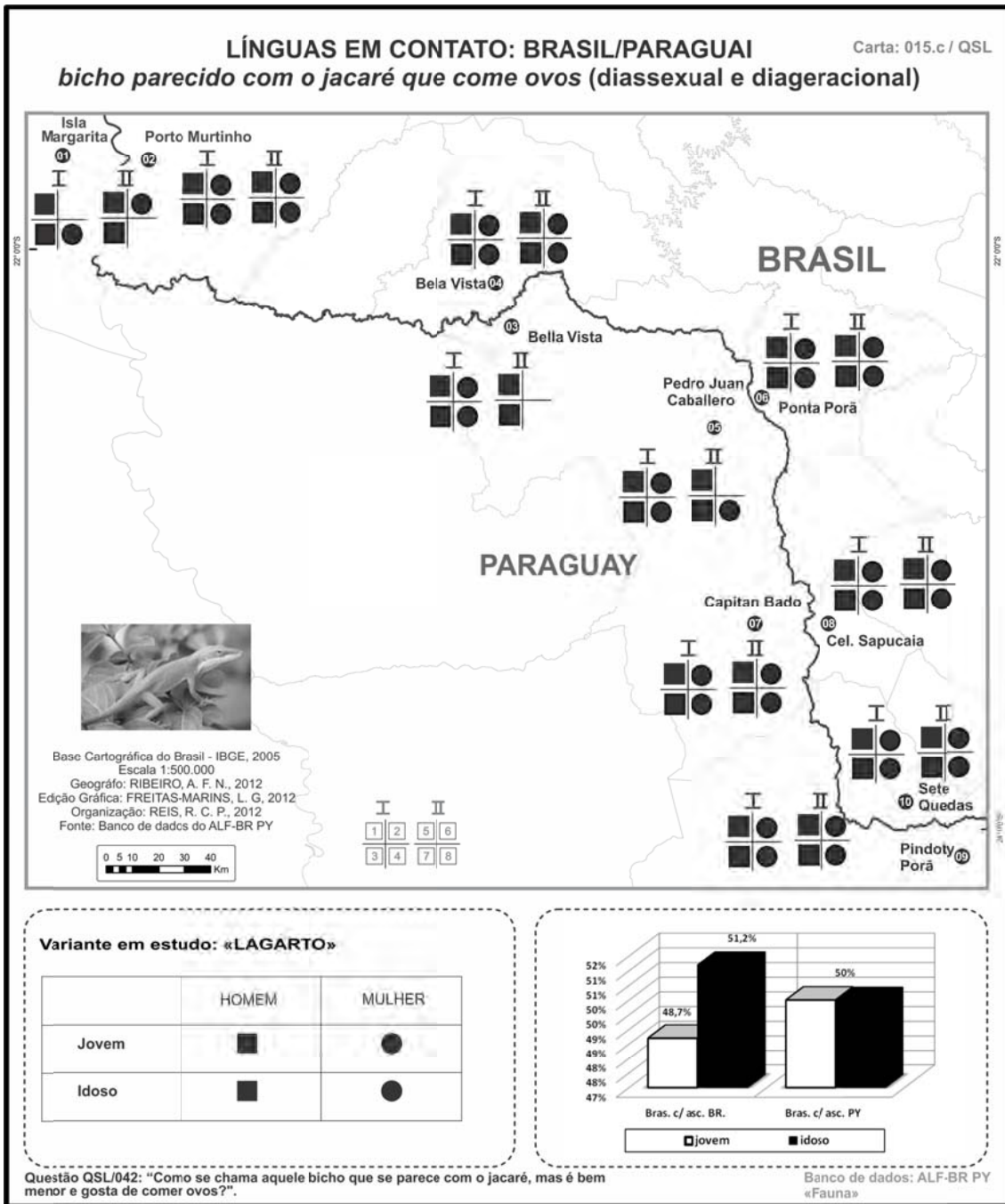
Número da carta: 015b

Campo Semântico: “Fauna”

Questão: QSL/042: “Como se chama aquele bicho que se parece com o jacaré, mas é bem menor e gosta de comer ovos?”.

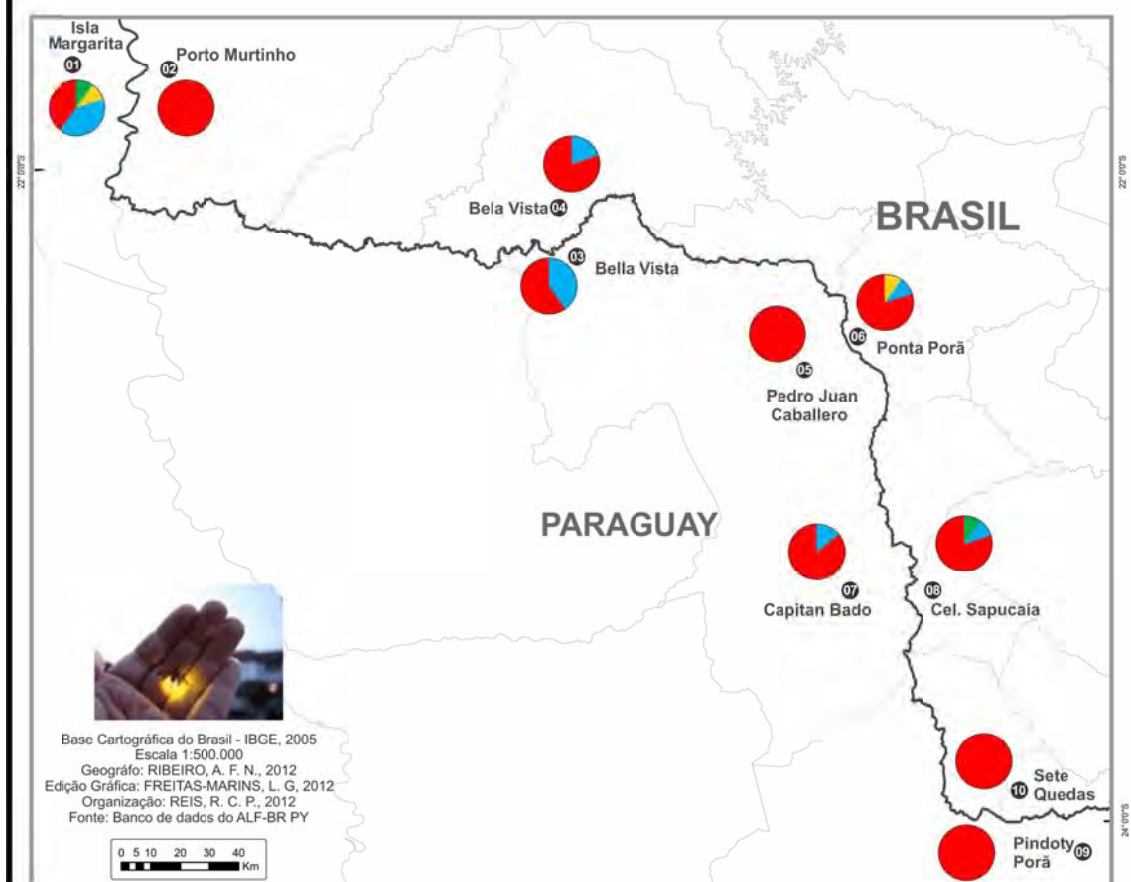
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Lagarto (ão)	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Teju	Gn	Gn	Gn	Gn		Gn	Gn	Gn	Gn	
Teju guasu	Gn	Gn					Gn	Gn	Gn	
Teju Leon	Gn/SP									
Tiú						PT		PT		PT
Calango							PT			

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani



LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI vaga-lume (produtividade)

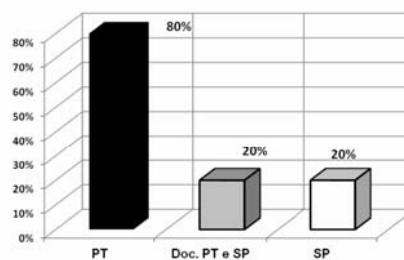
Carta: 016.a / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

Legenda

- vaga-lume
- moã
- pirilampo
- bisorro
- (e)lembu

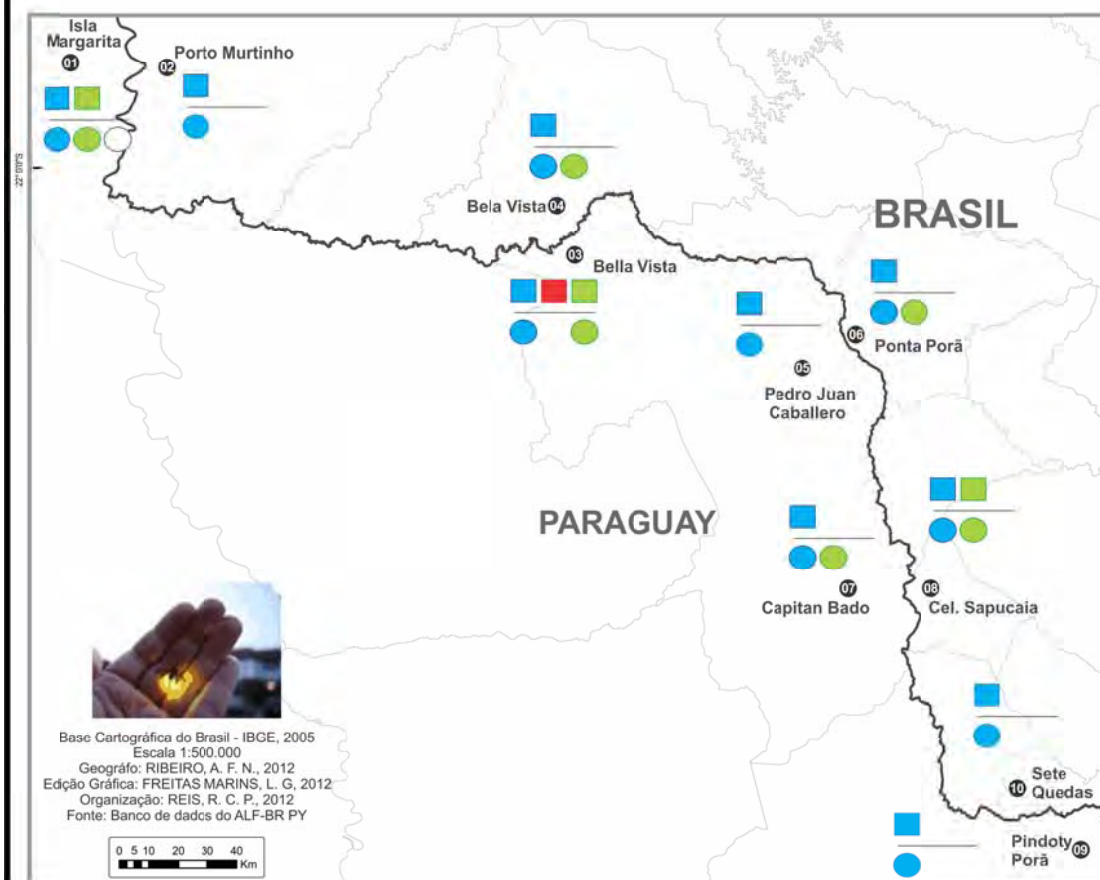


Questão QSL/043: "E o insetinho que voa à noite e acende e apaga uma luzinha?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fauna»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI vaga-lume (contatos linguísticos)

Carta: 016.b / QSL

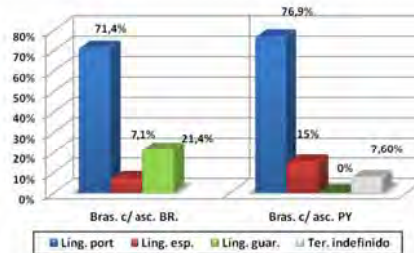


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- Termo indefinido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/043: "E o insetinho que voa à noite e acende e apaga uma luzinha?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fauna»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“VAGA-LUME”

Número da carta-> 016b

CAMPO SEMÂNTICO: “Fauna”

Questão: QSL/043: “E o insetinho que voa à noite e acende e apaga uma luzinha?”

Conhece um nome para isso em Espanhol ou em Guarani?

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Vaga-lume	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Moã/moã-moã	Gn			Gn			Gn	Gn	Gn	
Pirilampo	PT							PT		
Besouro		PT							PT	
e/lembu	Gn								Gn	
Lusiana	LI									
Guarda-lume		PT								
Pisca-pisca									PT	
vagalinho			PT							
Lucierna (o)		SP								
Zaga-lume				PT						

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

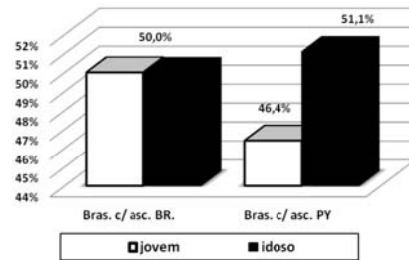
vaga-lume (diassexual e diageracional)

Carta: 016.c / QSL



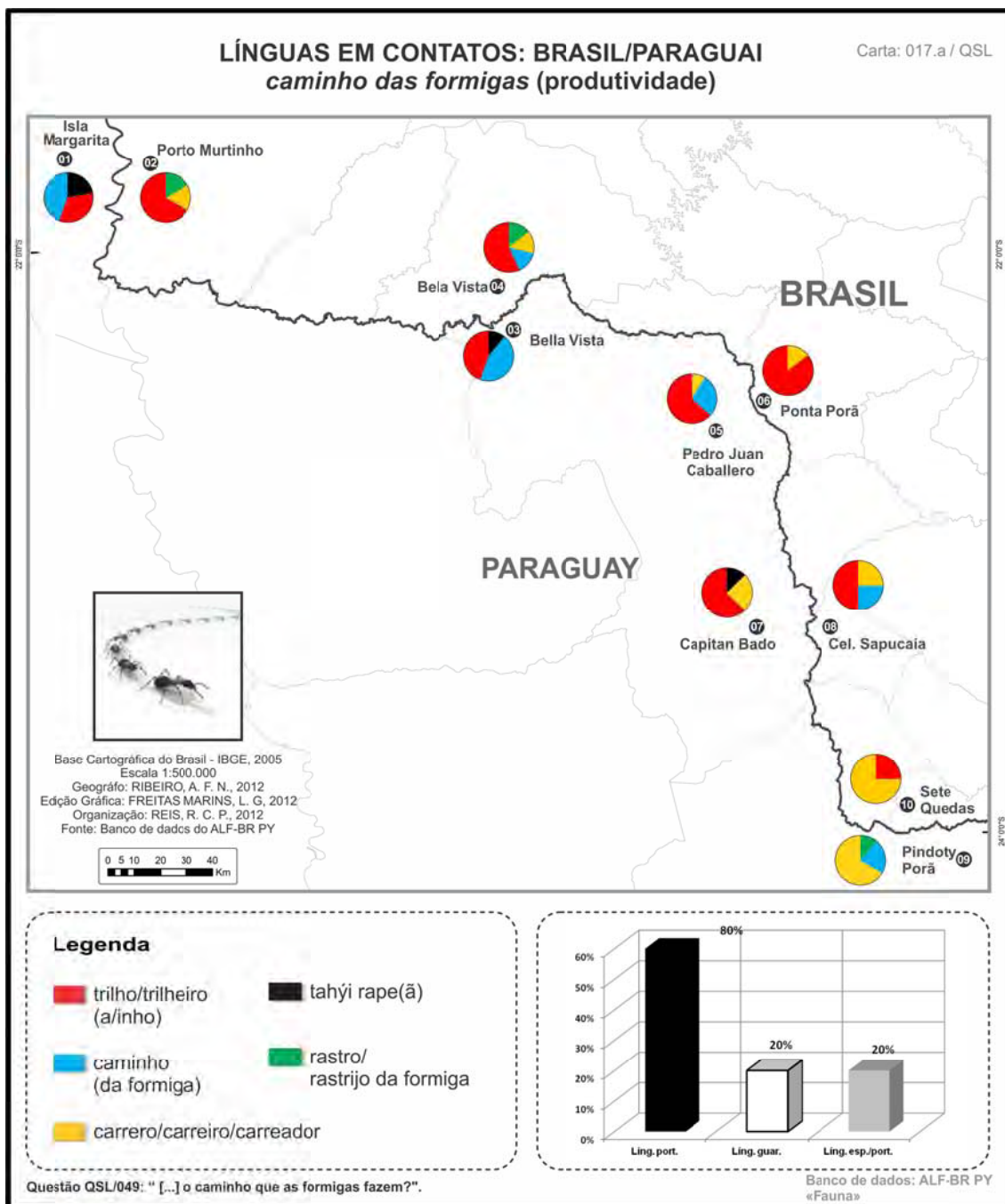
Variante em estudo: «VAGA-LUME»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/043: "E o insetinho que voa à noite e acende e apaga uma luzinha?"

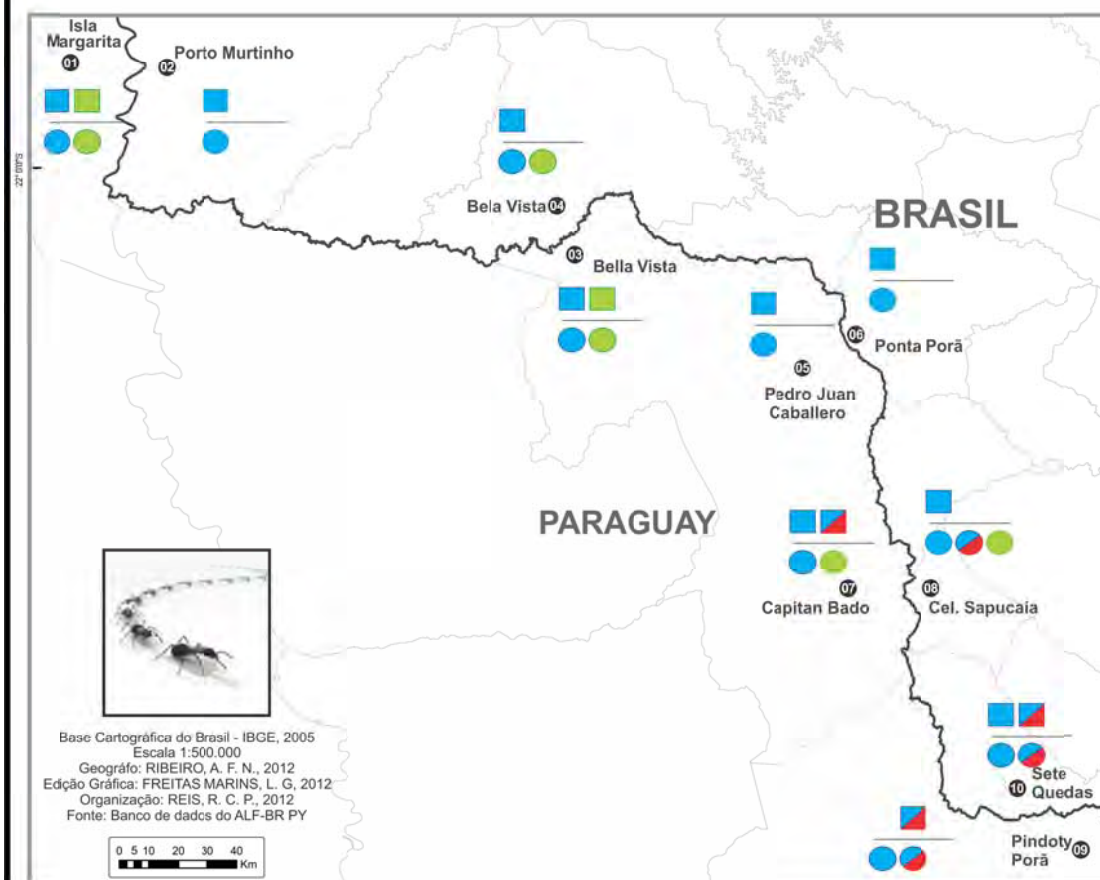
Banco de dados: ALF-BR PY «Fauna»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

caminho das formigas (contatos linguísticos)

Carta: 017.b / QSL

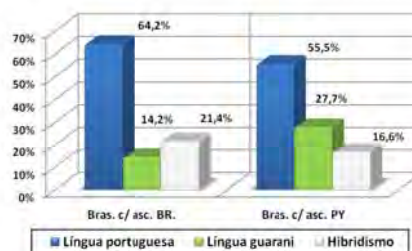


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- Hibridismo
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/049: "[...] o caminho que as formigas fazem?".

Banco de dados: ALF-BR PY «Fauna»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“CAMINHO DAS FORMIGAS”

Número da carta: 017b

Campo Semântico: “Fauna”

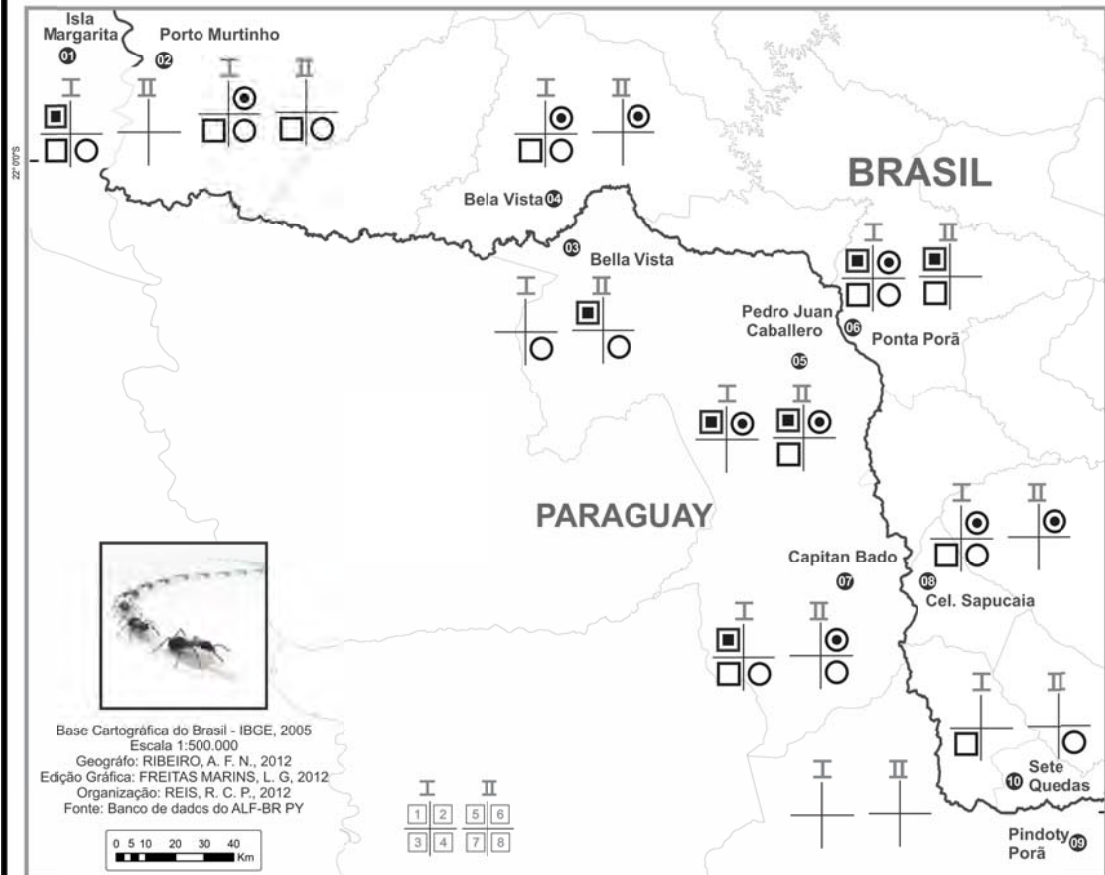
Questão: QSL/049: “... o caminho que as formigas fazem?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Trilho/a (eiro/inho) de formiga	PT	PT	PT	PT		PT	PT	PT	PT	PT
Caminho da formiga	PT	PT	PT		PT		PT		PT	
Correição de formiga							PT			
Rastro(inho) da formiga						PT	PT			
Carreira de formiga			PT		PT				PT	
Carreiro (inha)			PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Carreador										PT
Ysau rape (ã)							Gn			
rape		Gn								
Tahi rape	Gn	Gn		Gn					Gn	
tape	Gn									
ratrijo					PT					
listra								PT		
estrada									PT	

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI caminho das formigas (diassexual e diageracional)

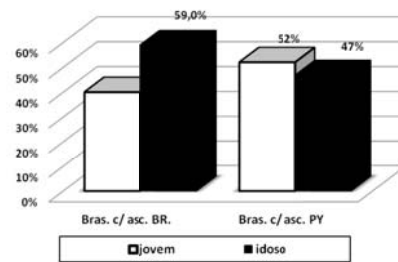
Carta: 017.c / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

«trilho(a) /trilheiro(inho)»

	MULHER	HOMEM
Jovem	⊙	■
Idoso	○	□

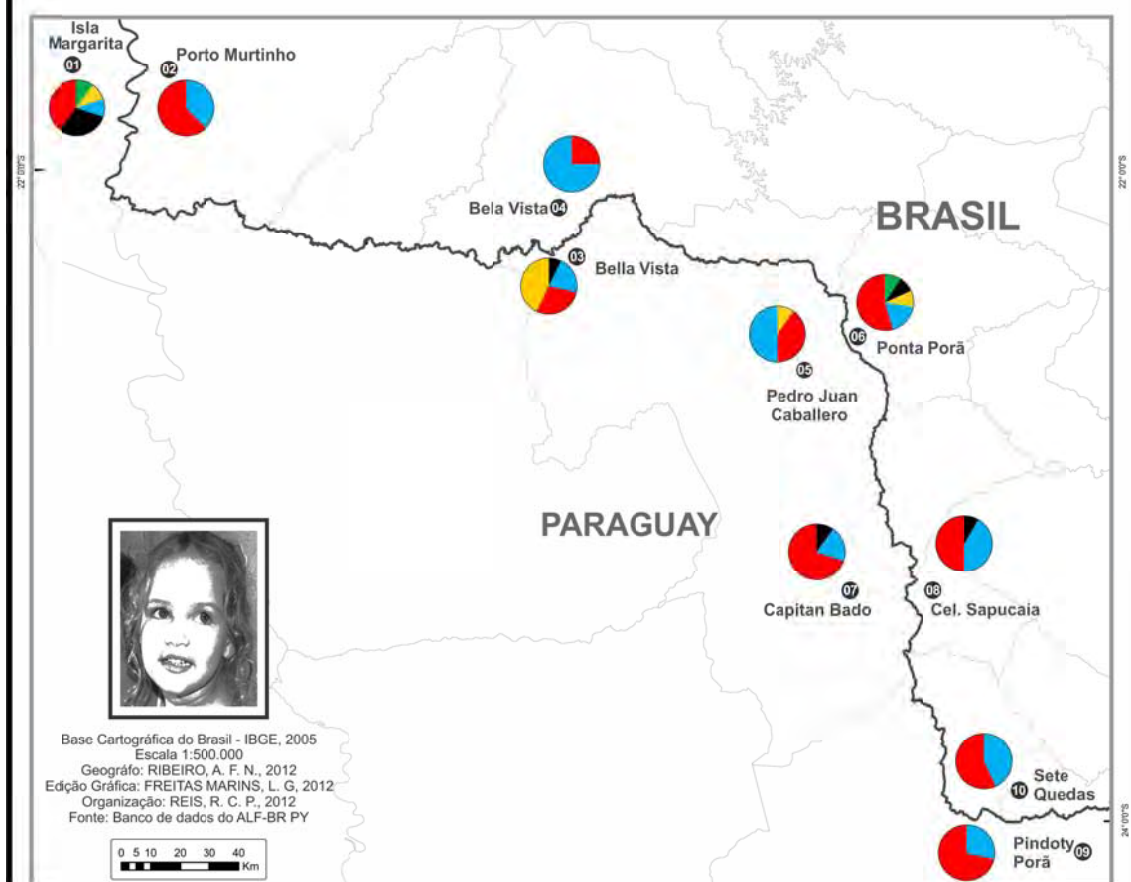


Questão QSL/049: " [...] o caminho que as formigas fazem?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Fauna»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI rosto (produtividade)

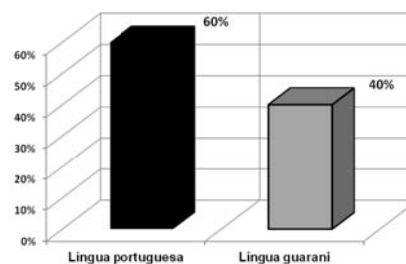
Carta: 018.a / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

Legenda

- rosto
- face
- tova
- cara
- Ñderova

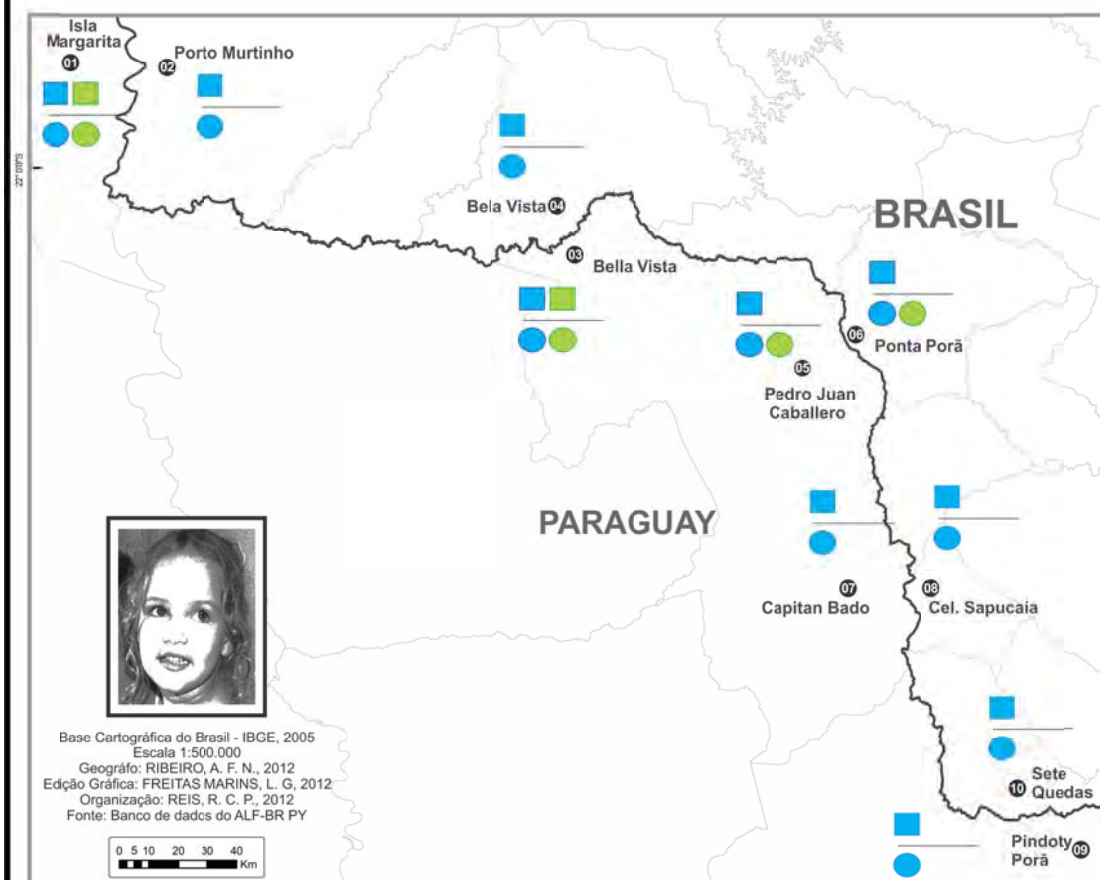


Questão QSL/055: " Como se chama aquela parte do corpo ? (apontar)".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Corpo Humano»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI rosto (contatos linguísticos)

Carta: 018.b / QSL

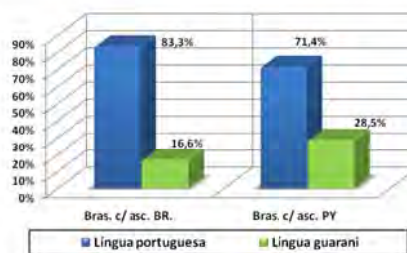


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/055: " Como se chama aquela parte do corpo ? (apontar)".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Corpo Humano»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“ROSTO”

Número da carta: 018b

Campo Semântico: “Corpo Humano”

Questão: QSL/055: “Como se chama esta parte do corpo? (apontar)”.

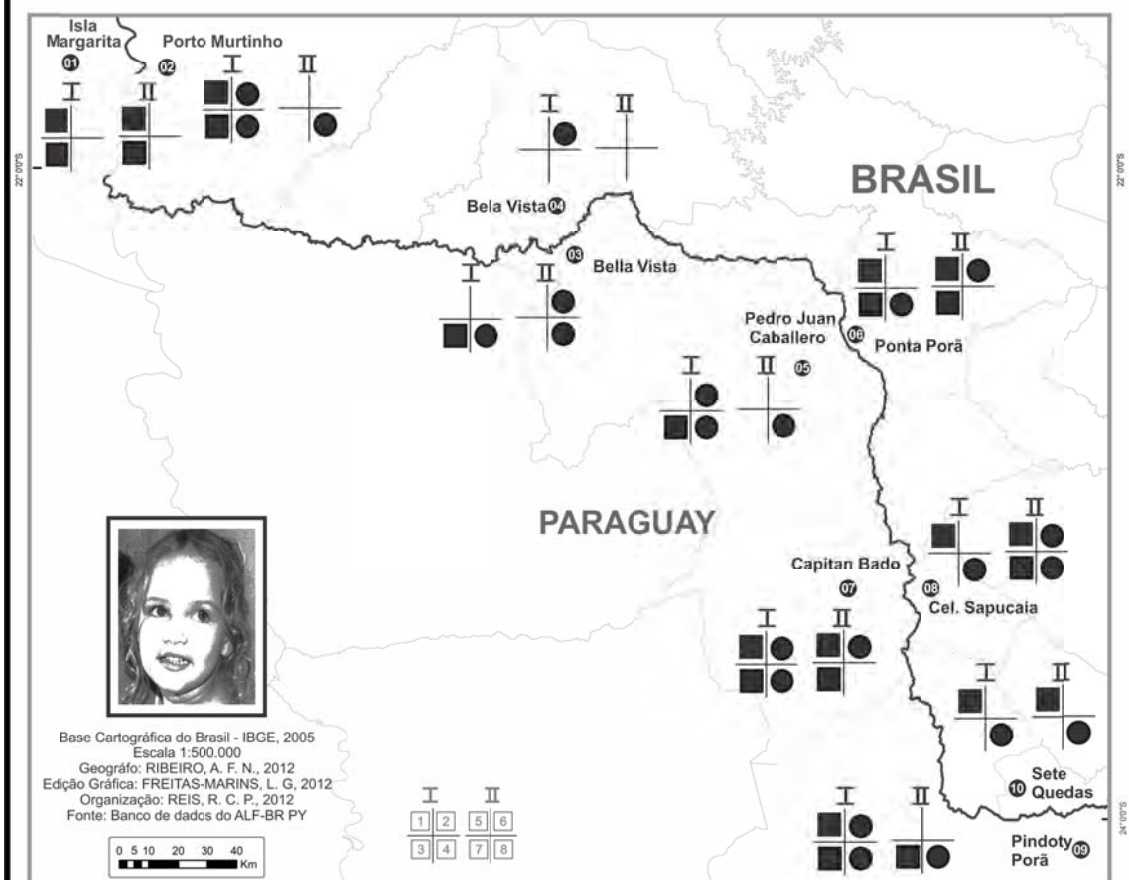
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Rosto	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Cara	PT			PT				PT		
Face	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Tová	Gn	Gn	Gn				Gn	Gn		
Ñderova	Gn							Gn		
Frente				PT						
Fronte							PT			
cherova	Gn									

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

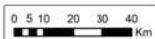
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

rosto (diassexual e diageracional)

Carta: 018.c / QSL

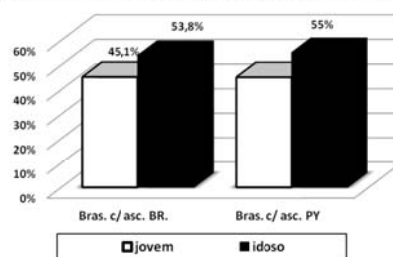


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



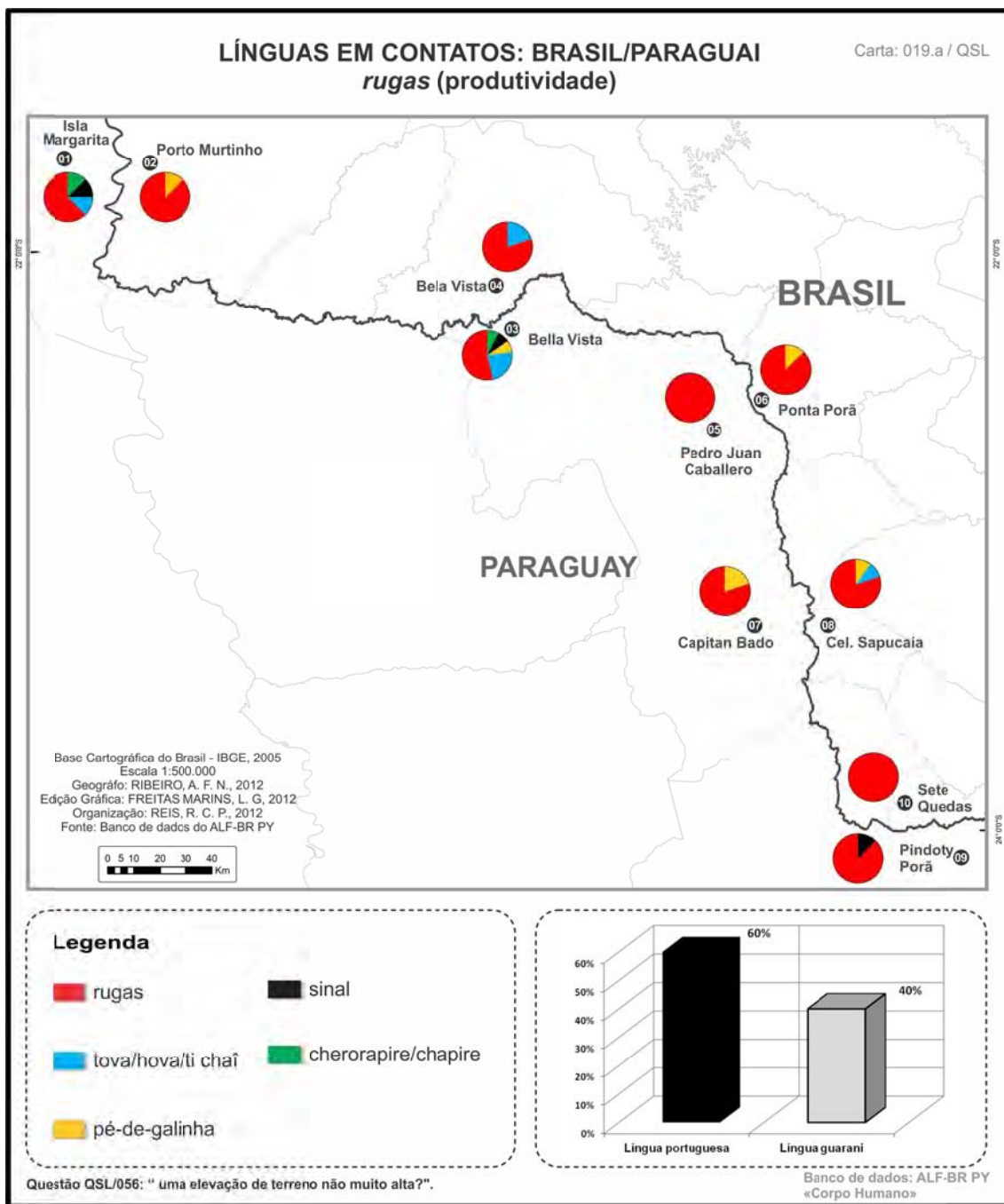
Variante em estudo: «ROSTO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/055: " Como se chama aquela parte do corpo ? (apontar)".

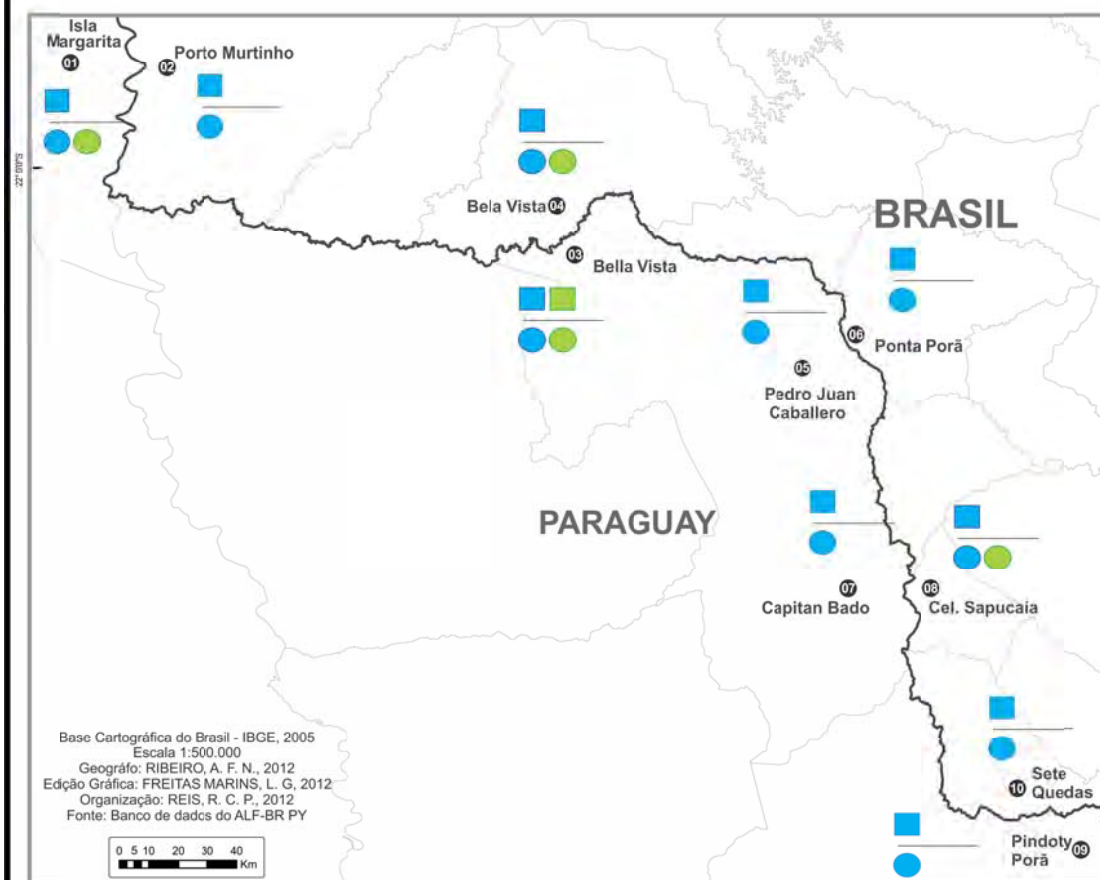
Banco de dados: ALF-BR PY
 «Corpo Humano»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

rugas (contatos linguísticos)

Carta: 019.b / QSL

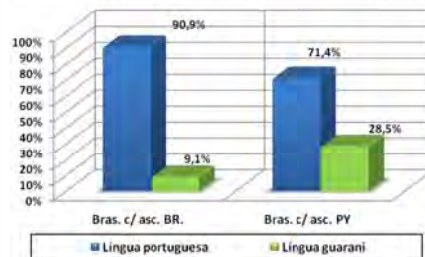


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/056: " uma elevação de terreno não muito alta?".

Banco de dados: ALF-BR PY
 «Corpo Humano»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“RUGAS”

Número da carta: 019b

Campo Semântico: “Corpo Humano”

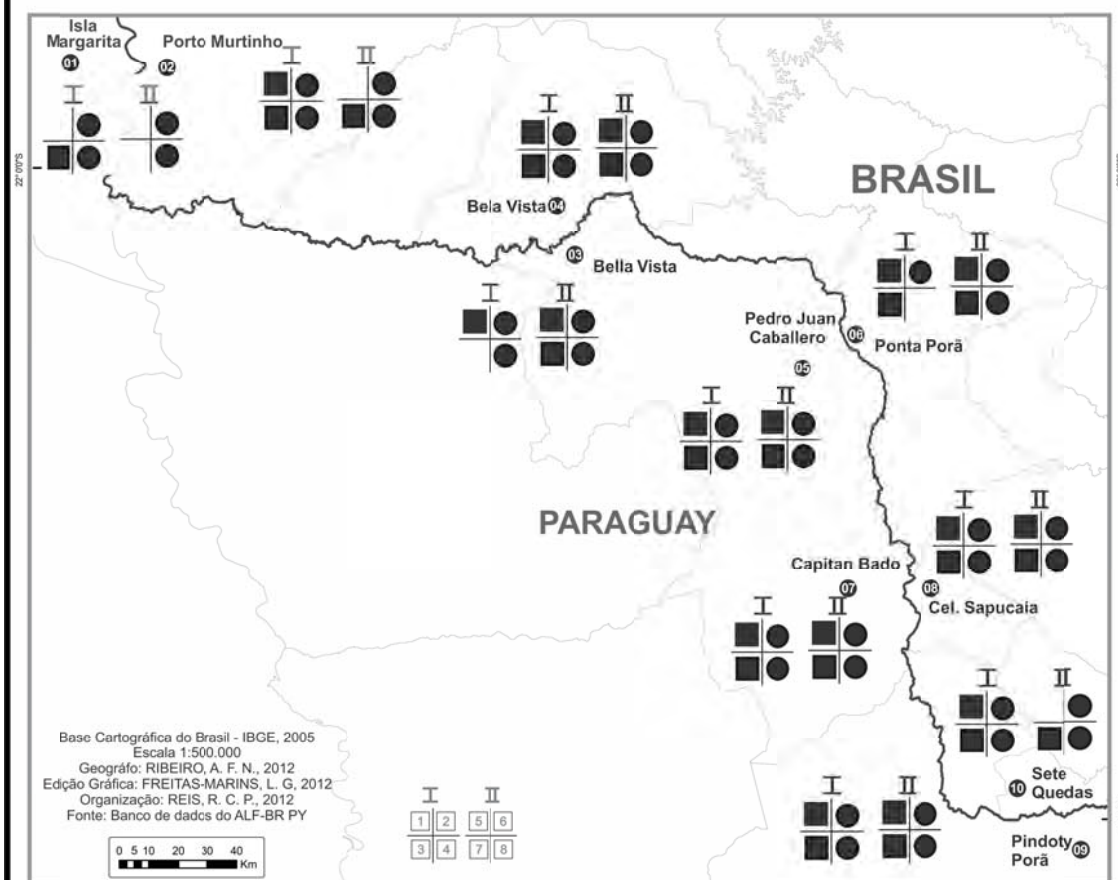
Questão: QSL/056: “[...]uma elevação de terreno não muito alta?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Rugas	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Sinal (de expressão)	PT				PT					
Pé-de-galinha		PT		PT		PT		PT	PT	
Cherorapire	Gn									
Cherova cha'î	Gn									
chau'î							Gn		Gn	
Chapire chau'î				Gn						
Tova chau'î		Gn					Gn			
Tichau'î		Gn								
Hova chapire cha'î		Gn								
Hova hirecha'î		Gn								
Marca		PT								
Franzido		PT								
Prega							PT			

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI rugas (diassexual e diageracional)

Carta: 019.c / QSL

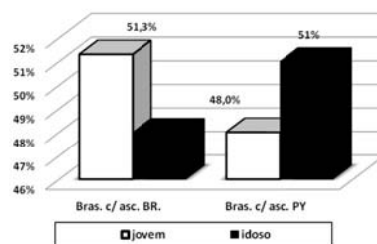


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Variante em estudo: «RUGAS»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●

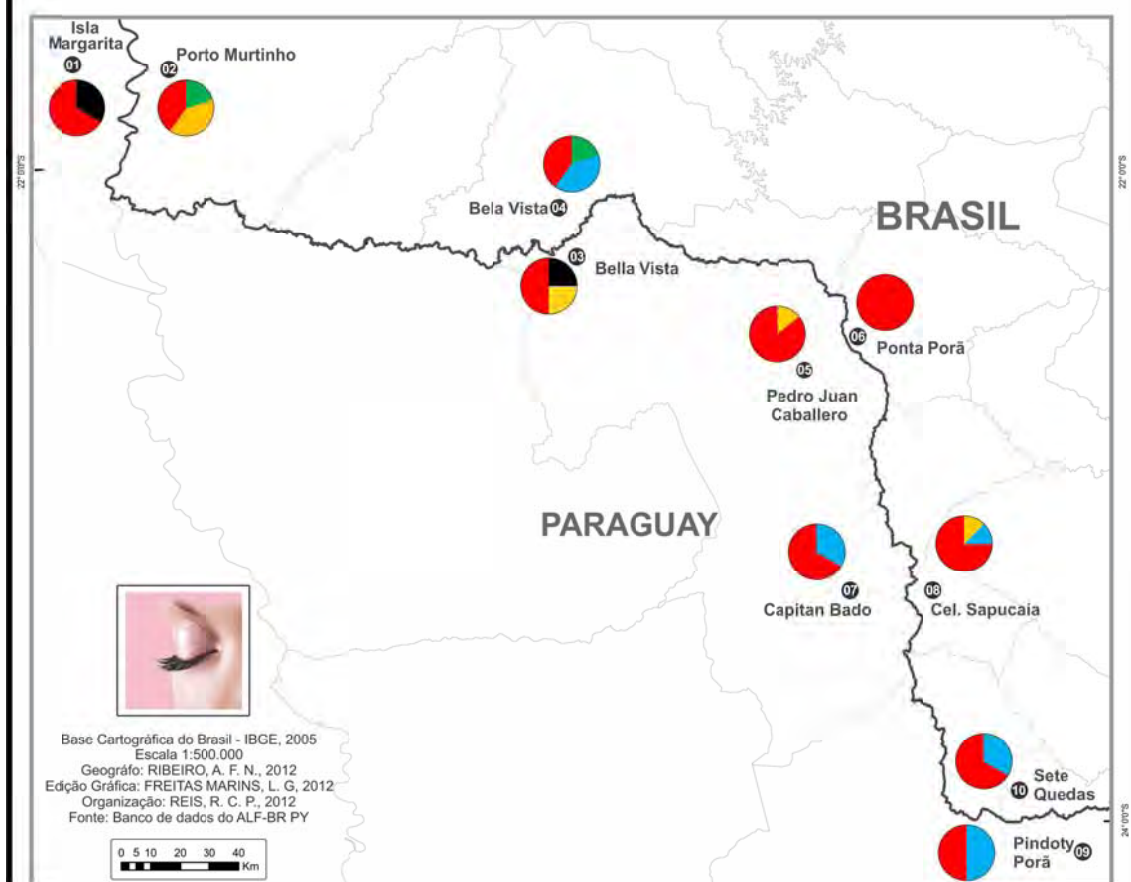


Questão QSL/056: "uma elevação de terreno não muito alta?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Corpo Humano»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI pálpebras (produtividade)

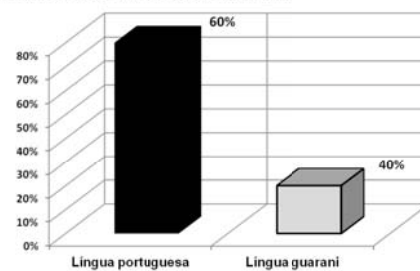
Carta: 020.a / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

Legenda

- pálpebra
- papa/pele/
coro do olho
- pestana
- topepi
- super-cílio

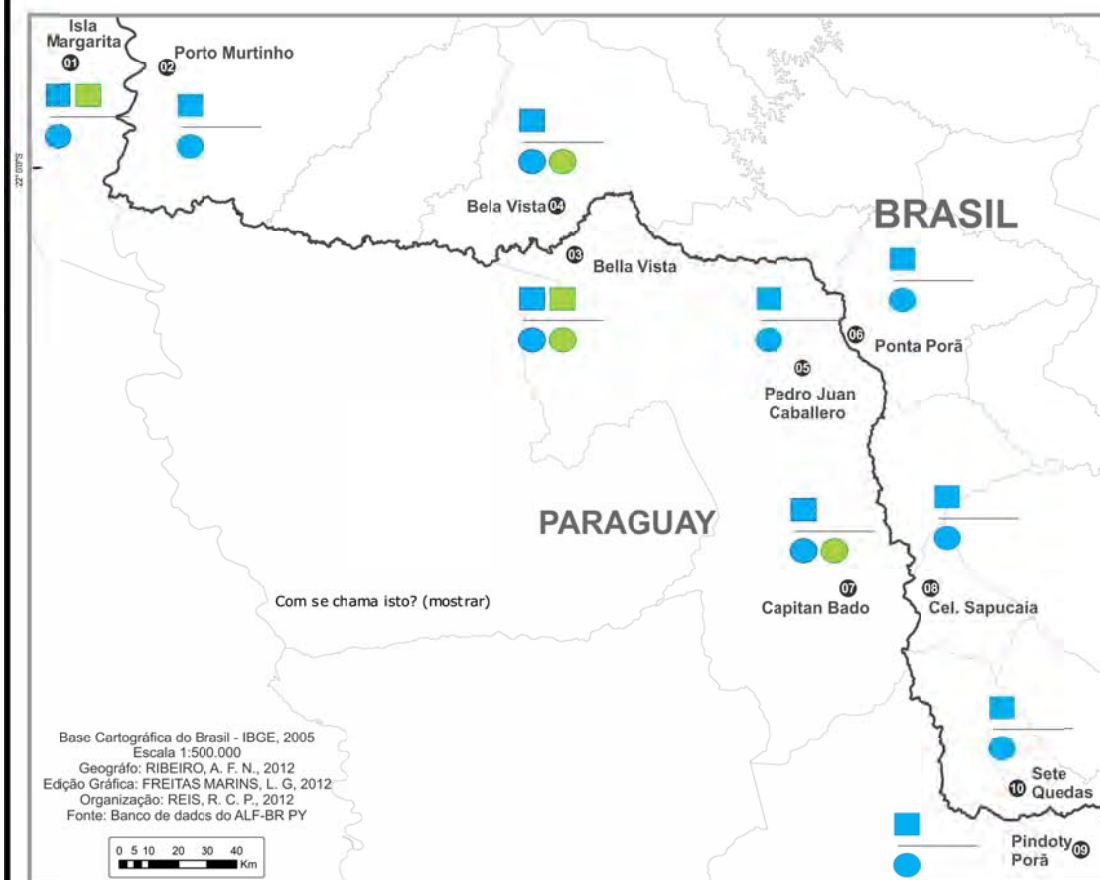


Questão QSL/057: "Com se chama isto? (mostrar)".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Corpo Humano»

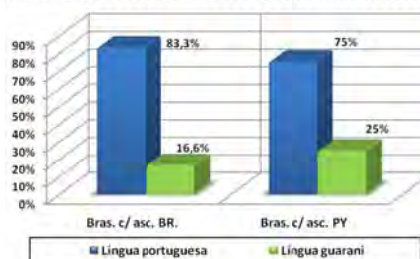
LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI pálpebras (contatos linguísticos)

Carta: 020.b / QSL



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/057: "Com se chama isto? (mostrar)".

Banco de dados: ALF-BR PY «Corpo Humano»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“PÁLPEBRAS”

Número da carta: 020b

Campo Semântico: “Corpo Humano”

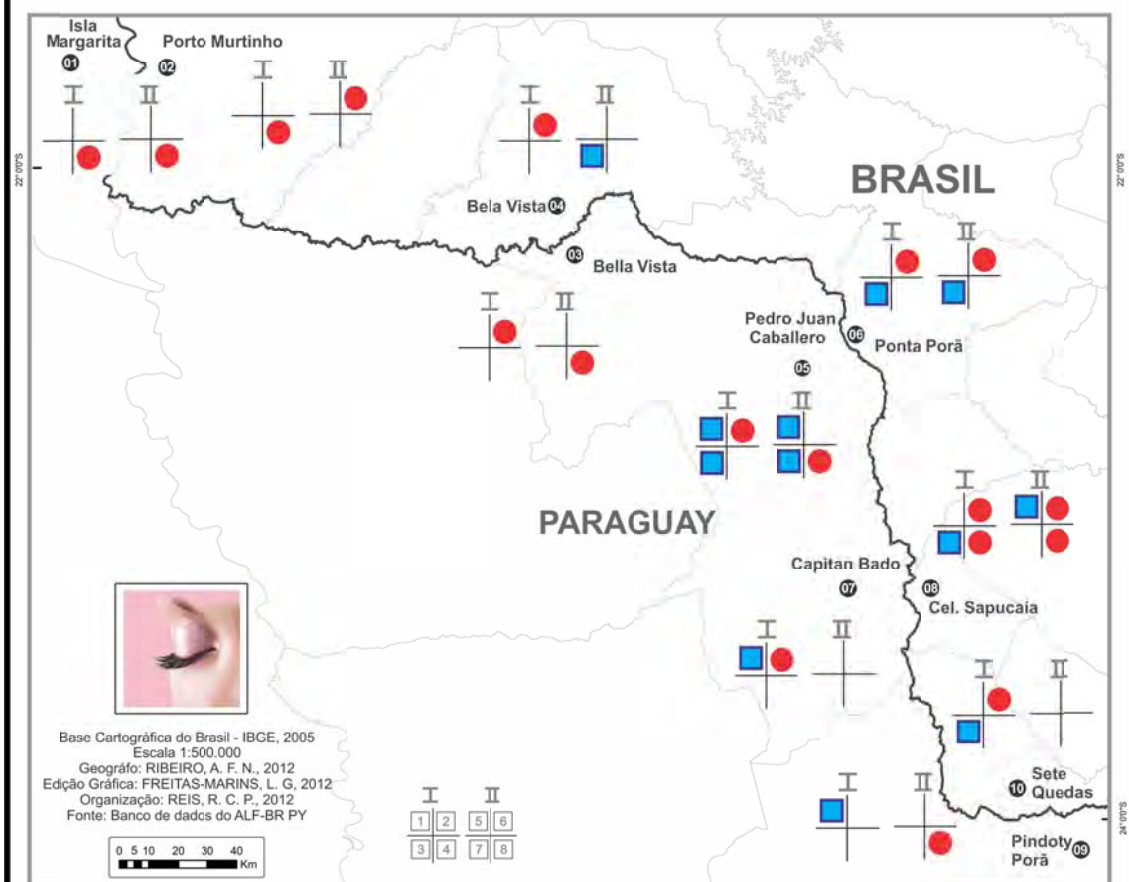
Questão: QSL/057: “Com se chama isto? (mostrar)”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Pálpebra	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Papa (do olho)							PT			
Pele (do olho)				PT	PT					PT
Coro (do olho)							PT		PT	
Pestana		PT	PT			PT			PT	
Topepi	Gn						Gn			
Supercílio						PT	PT			
Pisquela					PT					
Área dos olhos					PT					
Neroteti				Gn						
Topeá		Gn								
Tuvitá		Gn								
Ñderê saraguê	Gn									
Pelanca				PT						
Membrana						PT				

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI pálpebras (diassexual e diageracional)

Carta: 020.c / QSL

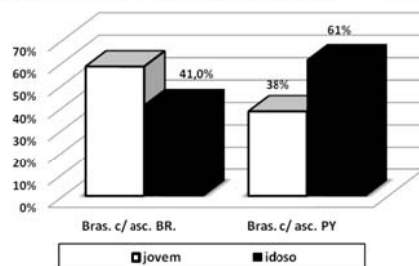


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Variante em estudo: «PÁLPEBRAS»

	HOMEM	MULHER
Jovem		
Idoso		



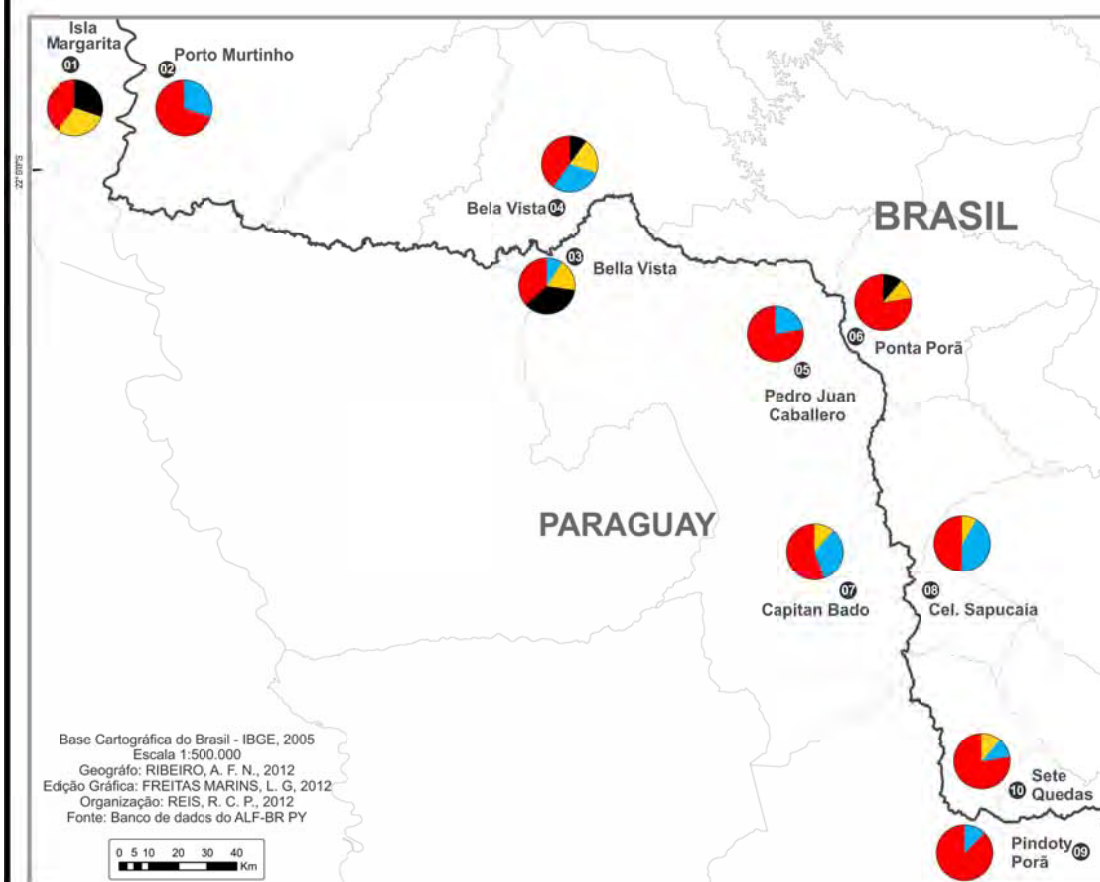
Questão QSL/057: "Com se chama isto? (mostrar)".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Corpo Humano»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

peças sem dentes (produtividade)

Carta: 021.a / QSL

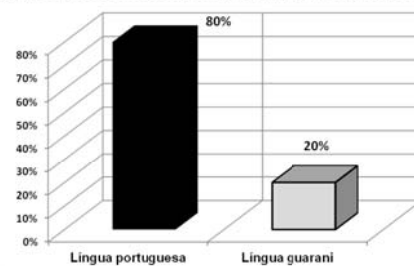


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- banguela
- desdentada
- sem dentes
- (nãne)Ñahai/
Ñahaireinë



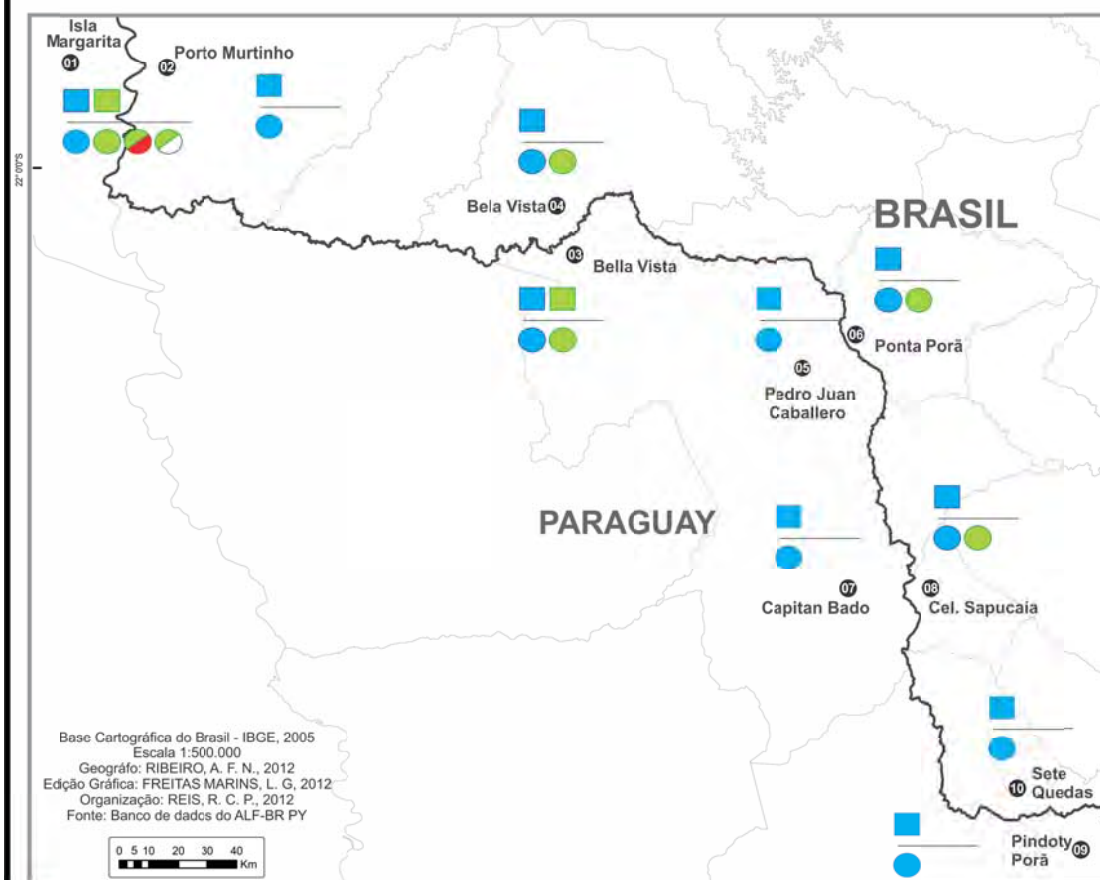
Questão QSL/063: "[...] pessoa sem dentes?"

Banco de dados: ALF-BR PY
 «Corpo Humano»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

peças sem dentes (contatos linguísticos)

Carta: 021.b / QSL

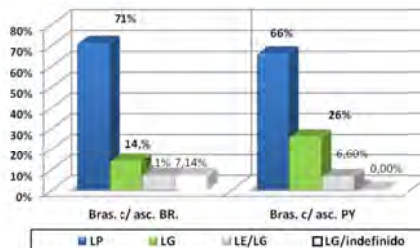


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
 - Base de Língua Espanhol
 - Base de Língua Guarani
 - indefinido
 - híbrido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
 - grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/063: "[...] pessoa sem dentes?

Banco de dados: ALF-BR PY «Corpo Humano»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“PESSOA SEM DENTES”

Número da carta: 021b

Campo Semântico: “Corpo Humano”

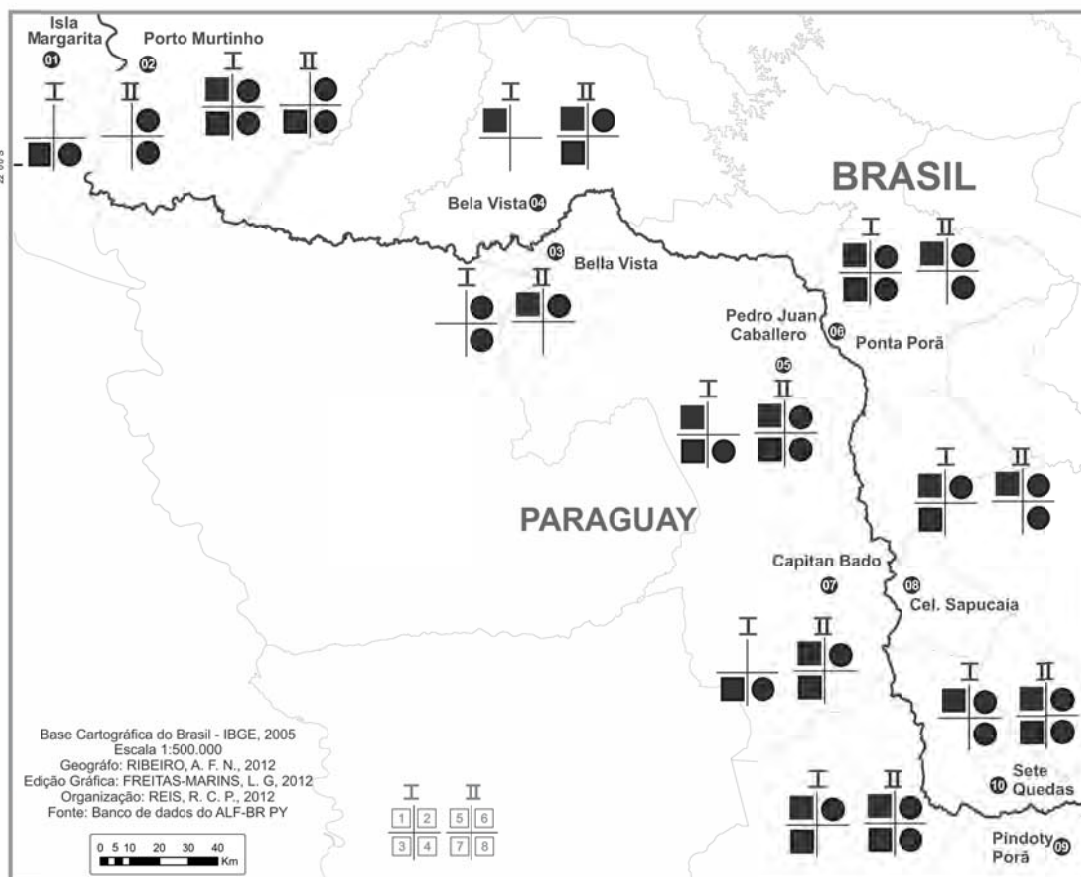
Questão: QSL/063: “[...] a pessoa sem dentes?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Banguela	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Desdentada	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT		PT	
Sem dentes	PT	PT		PT			PT	PT	PT	PT
Ñahaireinê	Gn									
(Ñane) ñahai	Gn	Gn					Gn	Gn		
Amaná ñahai	Gn									
Ita'y (punhá)	Gn									
Tai'bite		Gn								
Ra'ypaû									Gn	
Jorueá							Gn			
Boca de caçapa										PT
Boca de cuia							PT			
vampira						PT				

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI pessoas sem dentes (diassexual e diageracional)

Carta: 021.c / QSL

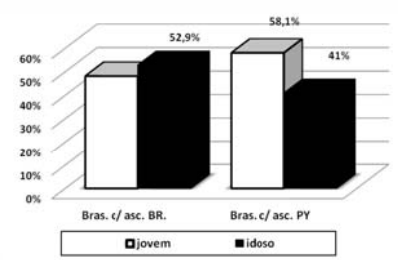


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



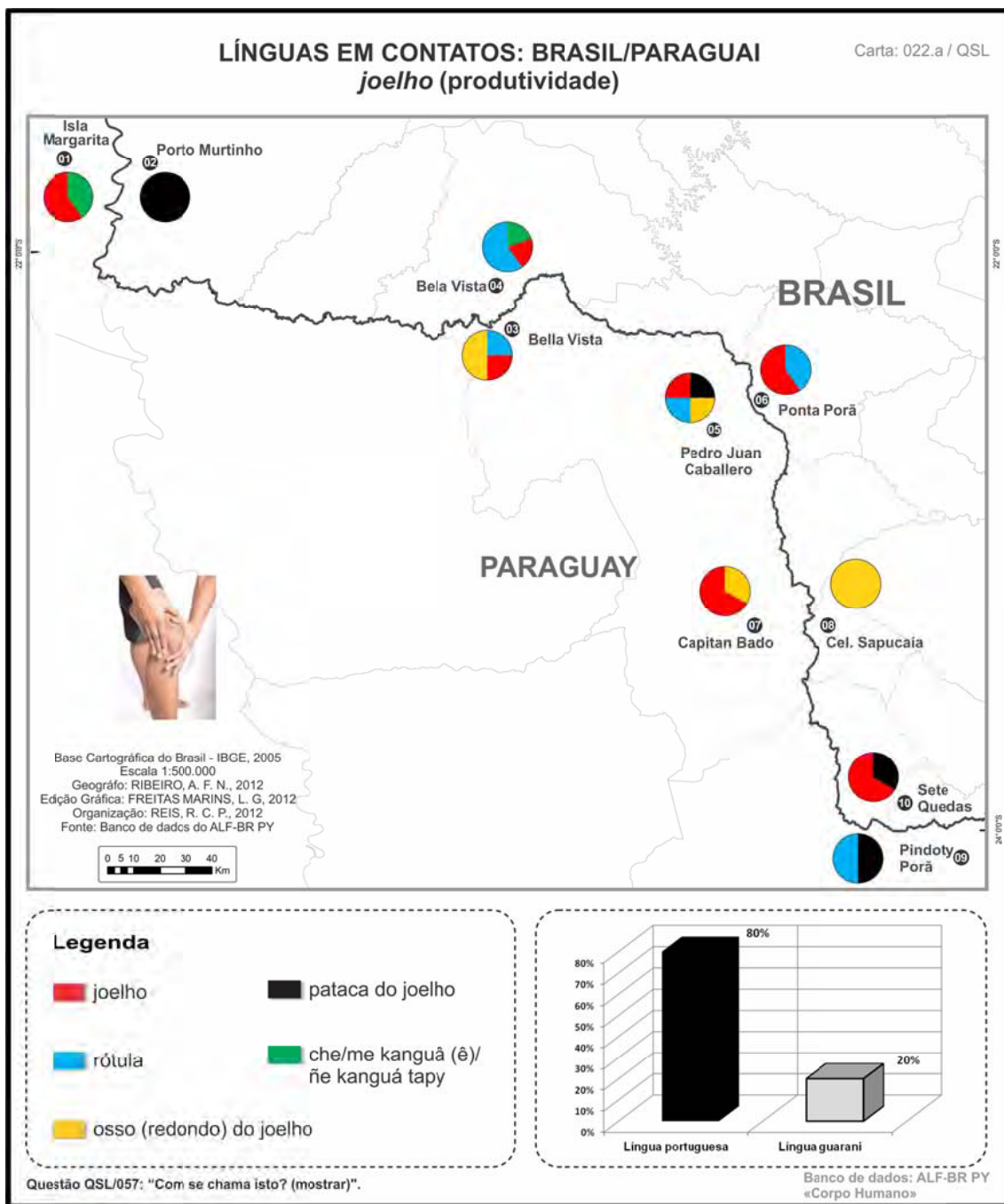
Variante em estudo: «BANGUELA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/063: "[...] pessoa sem dentes?"

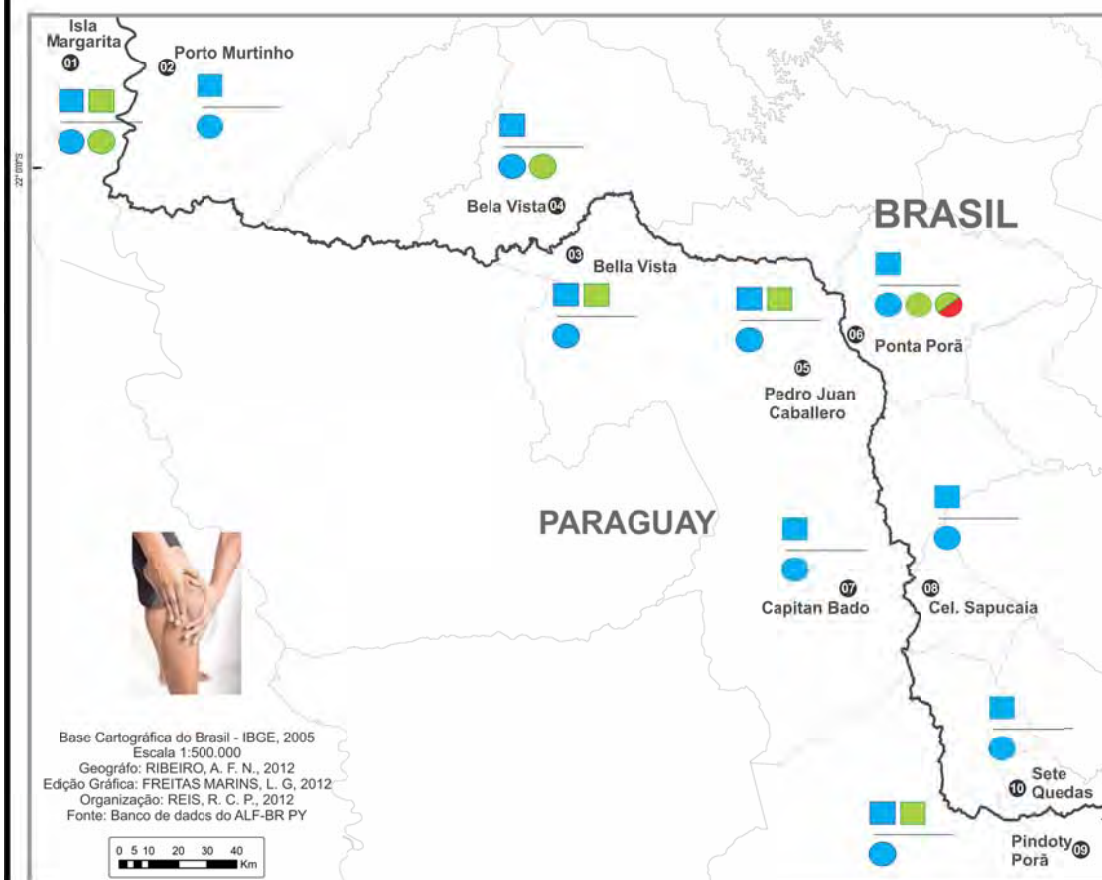
Banco de dados: ALF-BR PY «Corpo Humano»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

joelho (contatos linguísticos)

Carta: 022.b / QSL

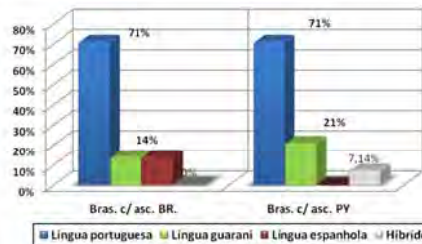


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
 - Base de Língua Espanhol
 - Base de Língua Guarani
 - híbrido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
 - grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/057: "Com se chama isto? (mostrar)".

Banco de dados: ALF-BR PY «Corpo Humano»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“OSSO REDONDO DO JOELHO”

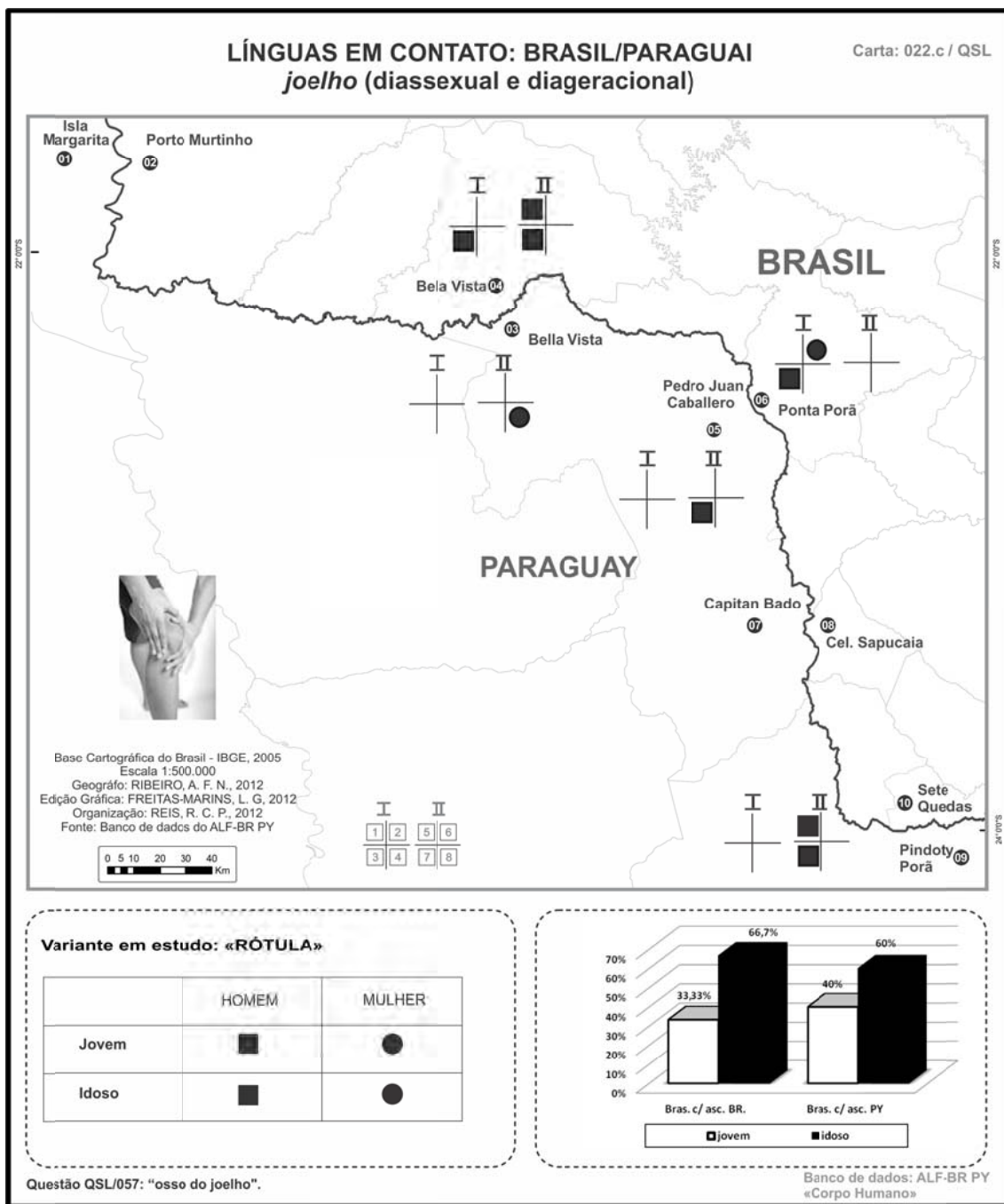
Número da carta: 022b

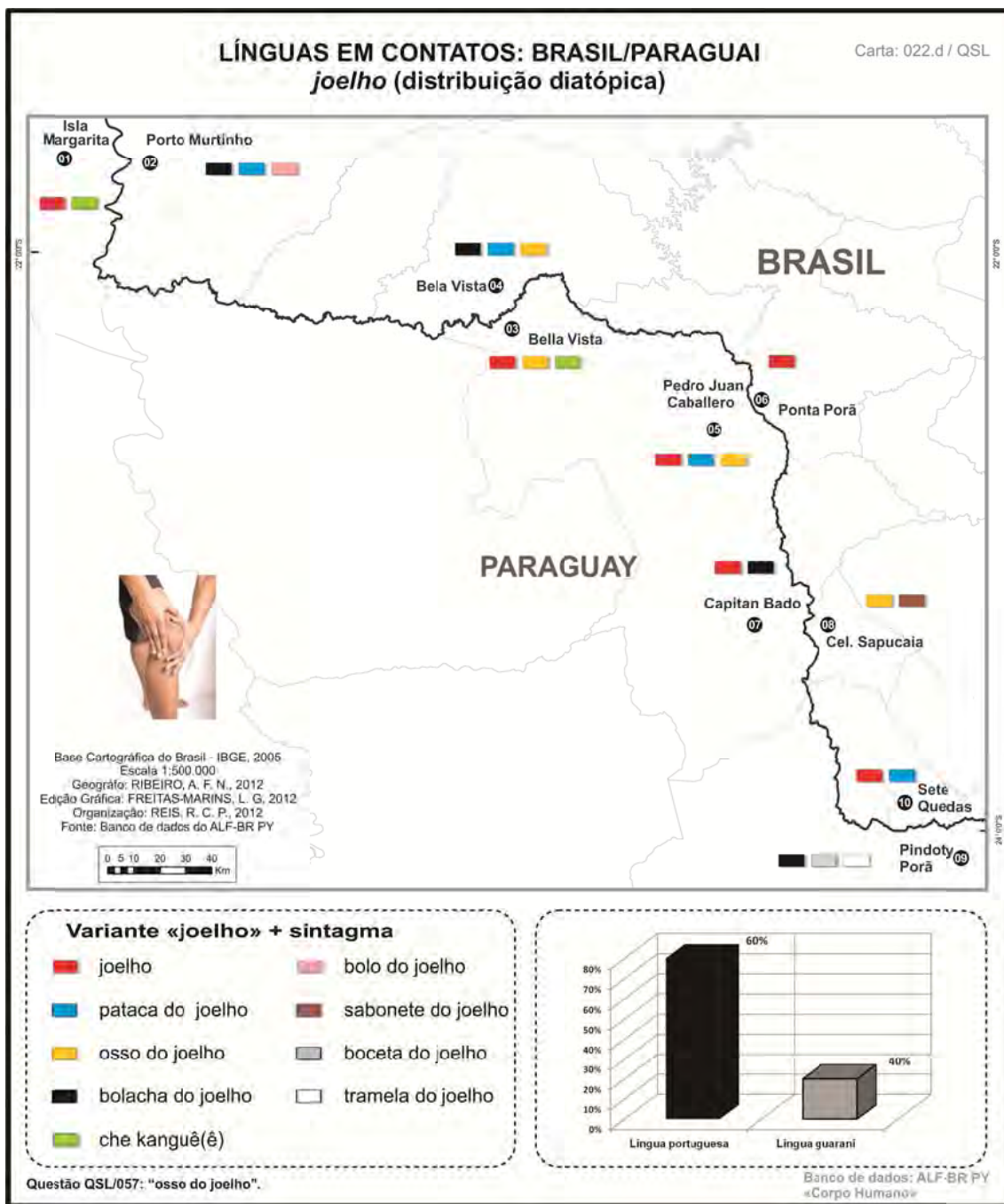
Campo Semântico: “Corpo Humano”

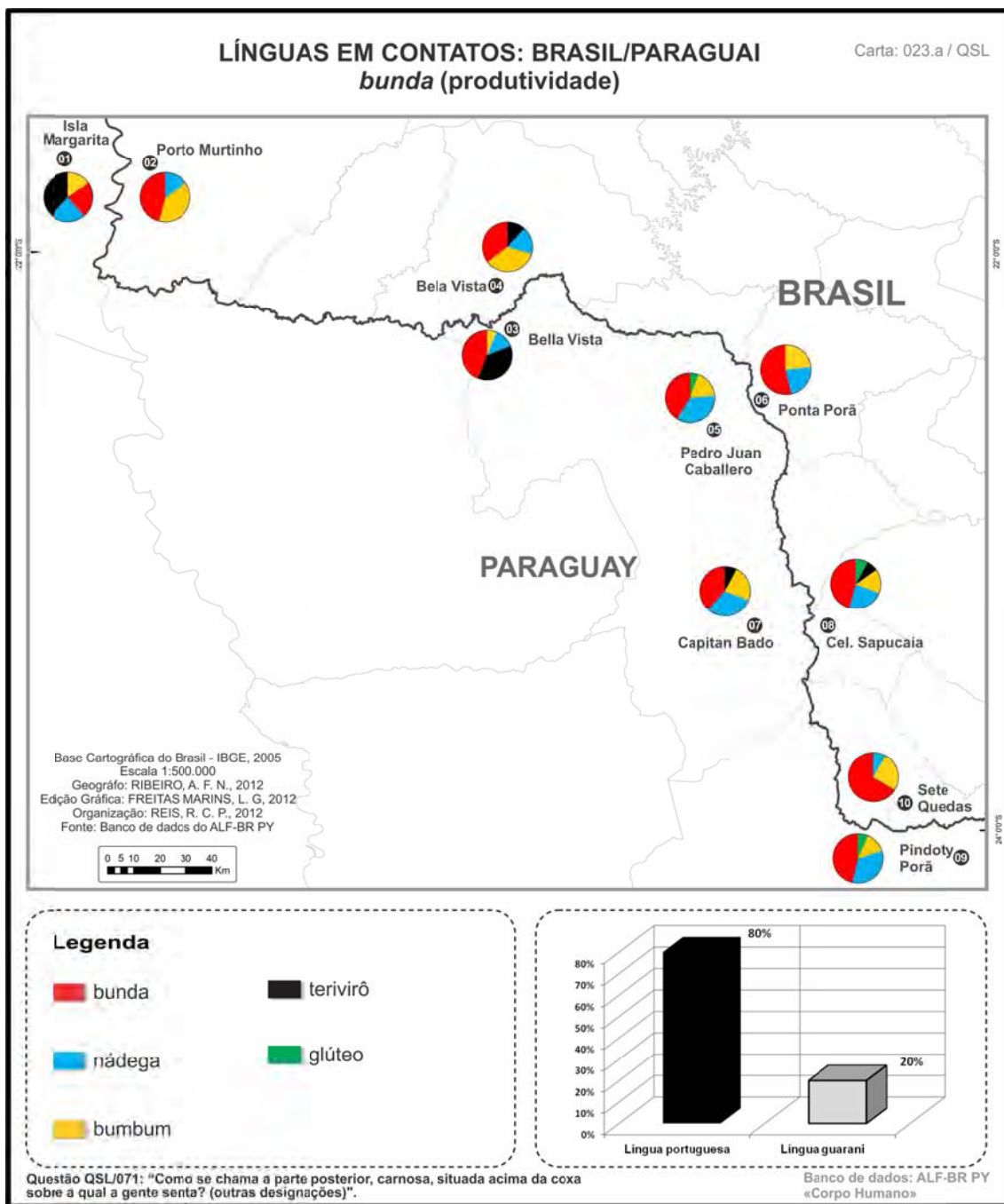
Questão: QSL/067: “[...]este osso redondo que fica sobre o joelho? (mostrar)”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Joelho	PT	PT	PT	PT			PT	PT		PT
Osso (redondo) do joelho		PT	PT	PT					PT	
Rótula		PT	PT				PT	PT		
Pataca do joelho					PT	PT				PT
Che/me/ñe kanguá (ê) tapy	Gn						Gn	Gn		
Bolacha do joelho				PT	PT	PT				
Rodilla/rodilha/rodela			PT/SP		PT/SP					
Tampa(inha)	PT							PT		
Tramela do joelho					PT					
Ñeipuã	Gn									
Patela					PT					
Bola do joelho						PT				
Retumua		Gn								
Disco		PT								
Boceta do joelho					PT					
Ñe canilla sombrero								Gn/SP		
Chapéu da perna								PT		
Sabonete do joelho									PT	

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani



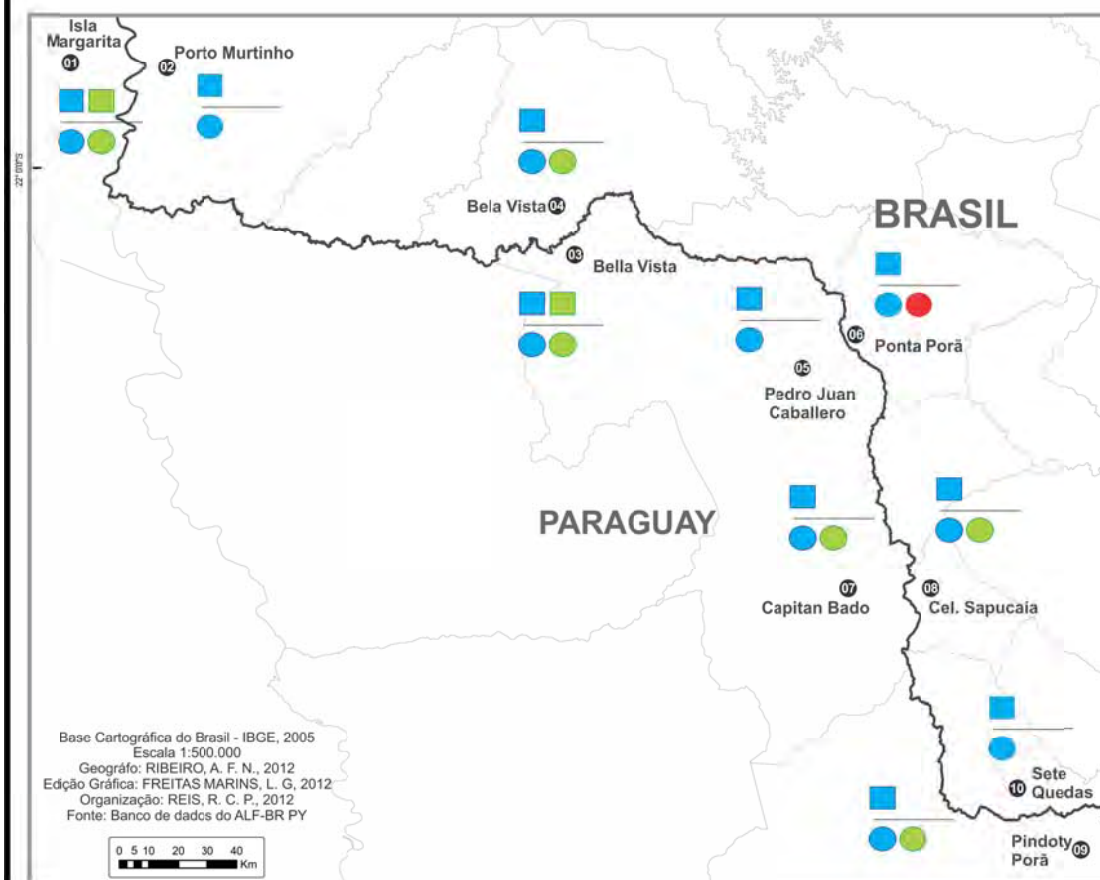




LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

bunda (contatos linguísticos)

Carta: 023.b / QSL

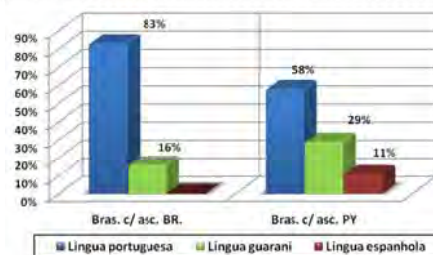


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/071: "Como se chama a parte posterior, carnosa, situada acima da coxa sobre a qual a gente senta? (outras designações)".

Banco de dados: ALF-BR PY «Corpo Humano»

ABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“BUNDA”

Número da carta: 023b

Campo Semântico: “Corpo Humano”

Questão: QSL/002: “Como se chama a parte posterior, carnosa, situada acima da coxa sobre a qual a gente senta? (outras designações)”.

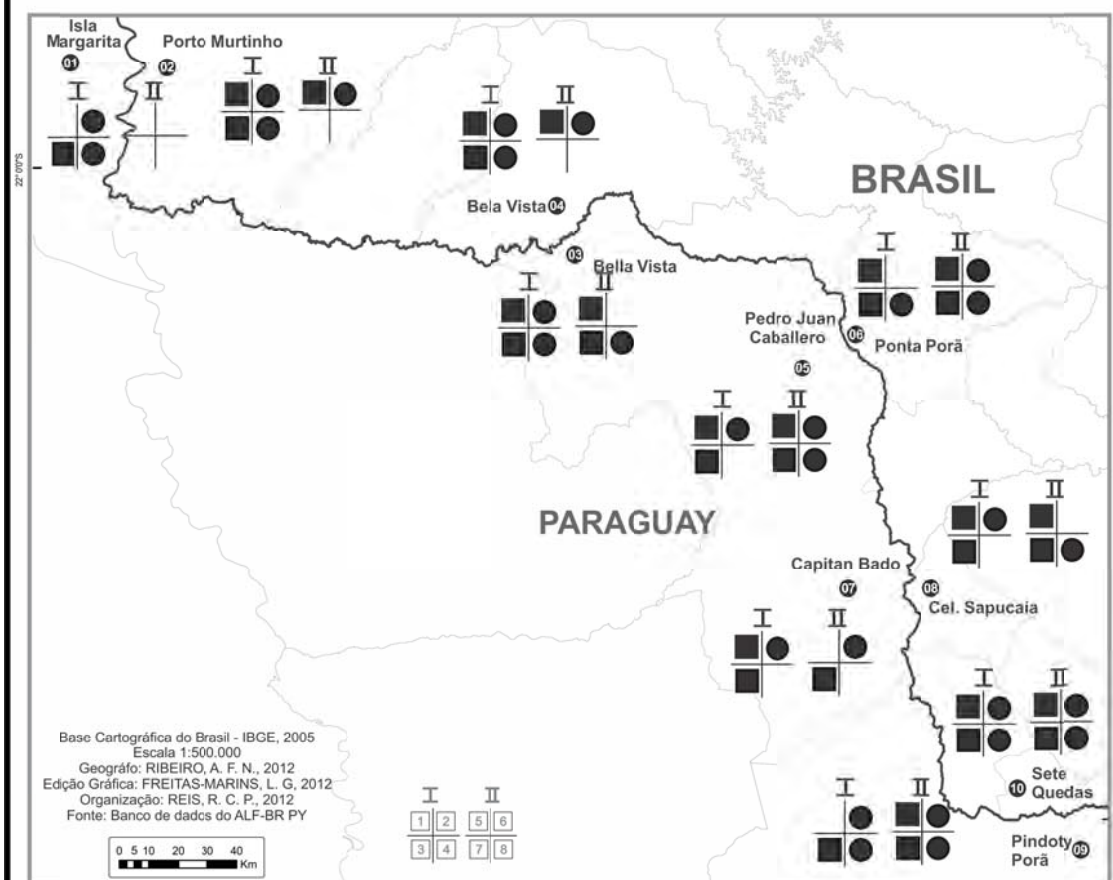
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
(carne de) Bunda	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Nádega	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Bumbum	PT	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Terivirô	Gn									
Tevirô	Gn	Gn		Gn			Gn		Gn	
Glúteo			PT		PT				PT	
Polpa				PT		PT				
Popa				PT		PT				PT
poupança		PT			PT				PT	PT
Cola				PT					PT	
Nalga/Nalva					SP			SP		
Traseiro					SP		PT			
busanfa										PT
uá		LN								

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani LN=língua não definida

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

bunda (diassexual e diageracional)

Carta: 023.c / QSL

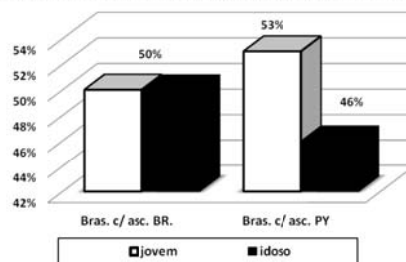


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



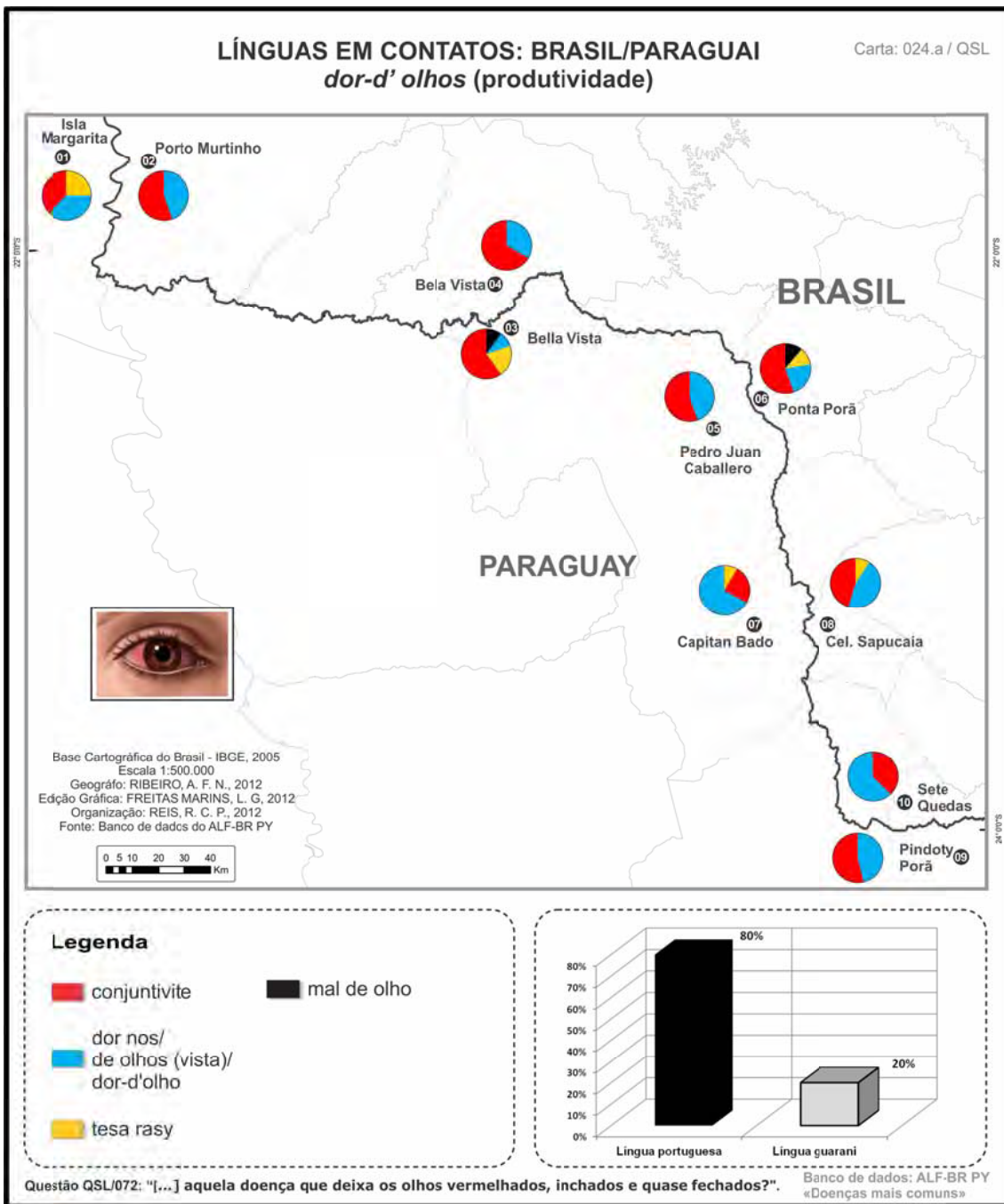
Variante em estudo: «BUNDA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



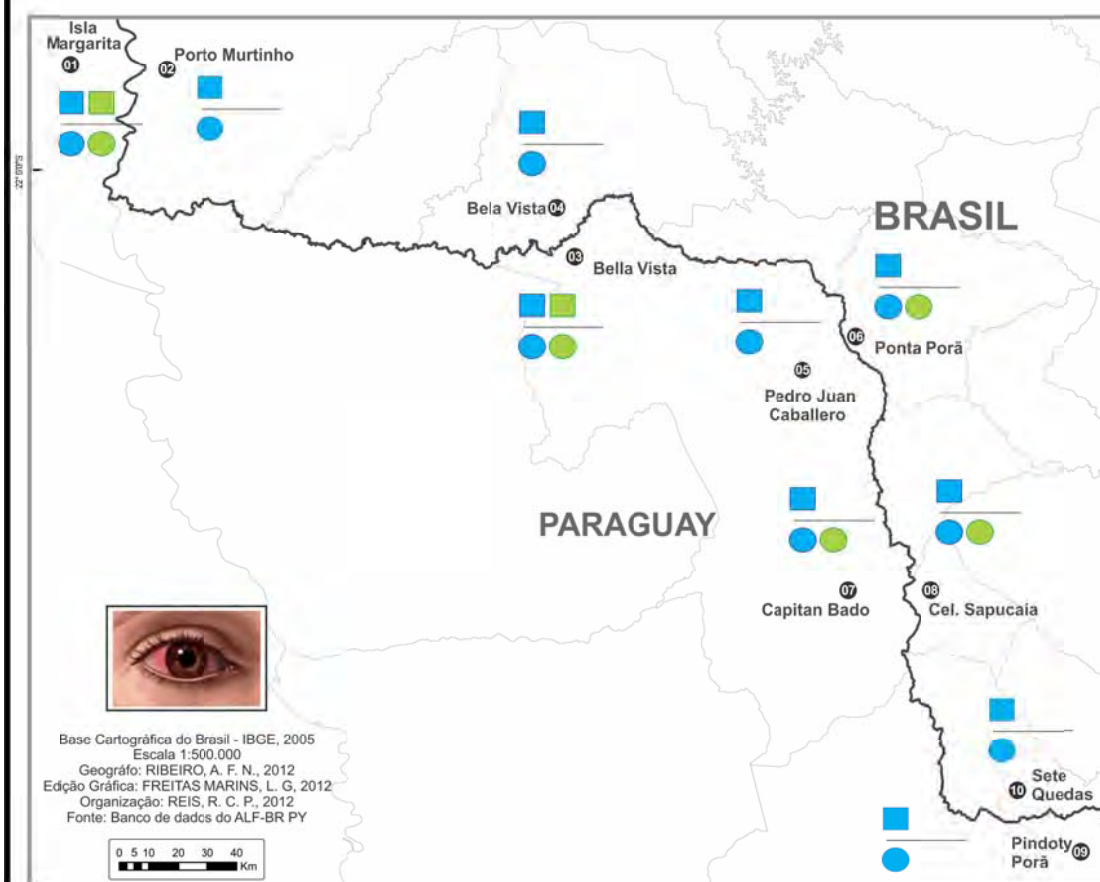
Questão QSL/071: "Como se chama a parte posterior, carnosa, situada acima da coxa sobre a qual a gente senta? (outras designações)".

Banco de dados: ALF-BR PY «Corpo Humano»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI dor-d' olhos (contatos linguísticos)

Carta: 024.b / QSL

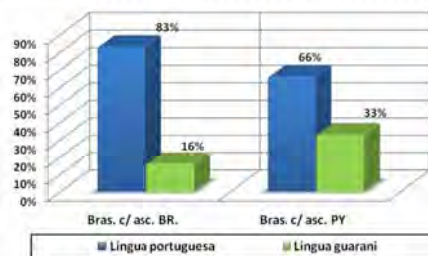


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as)
c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as)
c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/072: "[...] aquela doença que deixa os olhos vermelhados, inchados e quase fechados?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Doenças más comúas»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“DOR-D’OLHOS”

Número da carta: 024b

Campo Semântico: “Doenças mais comuns”

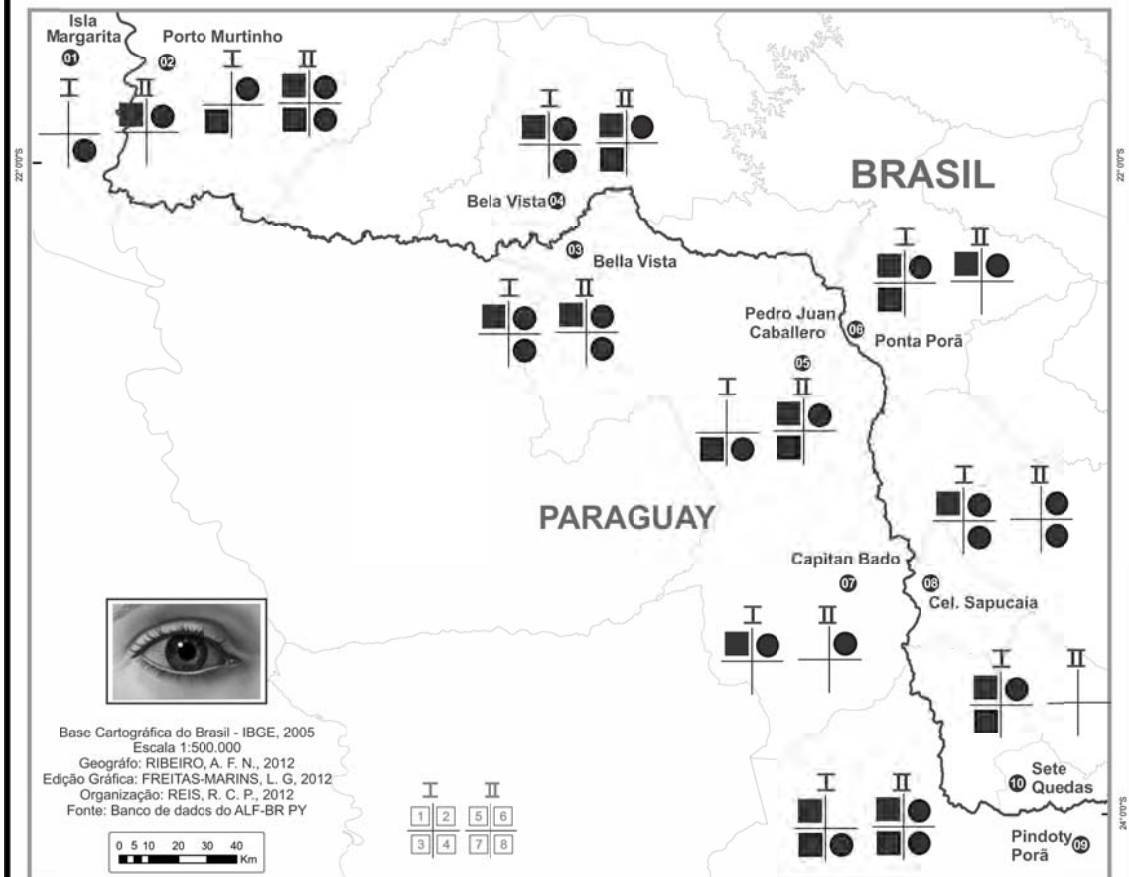
Questão: QSL/072: “[...] aquela doença que deixa os olhos vermelhados, inchados e quase fechados?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Conjuntivite	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
dor nos/de olhos (vista)/ dor-d’olho	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
tesa rasy	Gn	Gn		Gn				Gn	Gn	
mal de olho								PT		
ñdere sayku	Gn									
mal de ojo								PT/SP		
topepire		Gn								
Olho doente									PT	

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

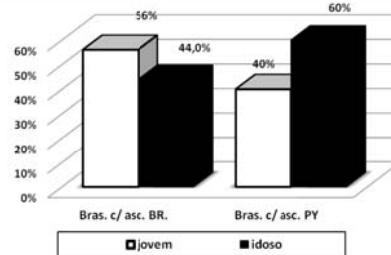
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI dor-d' olhos (diassexual e diageracional)

Carta: 024.c / QSL



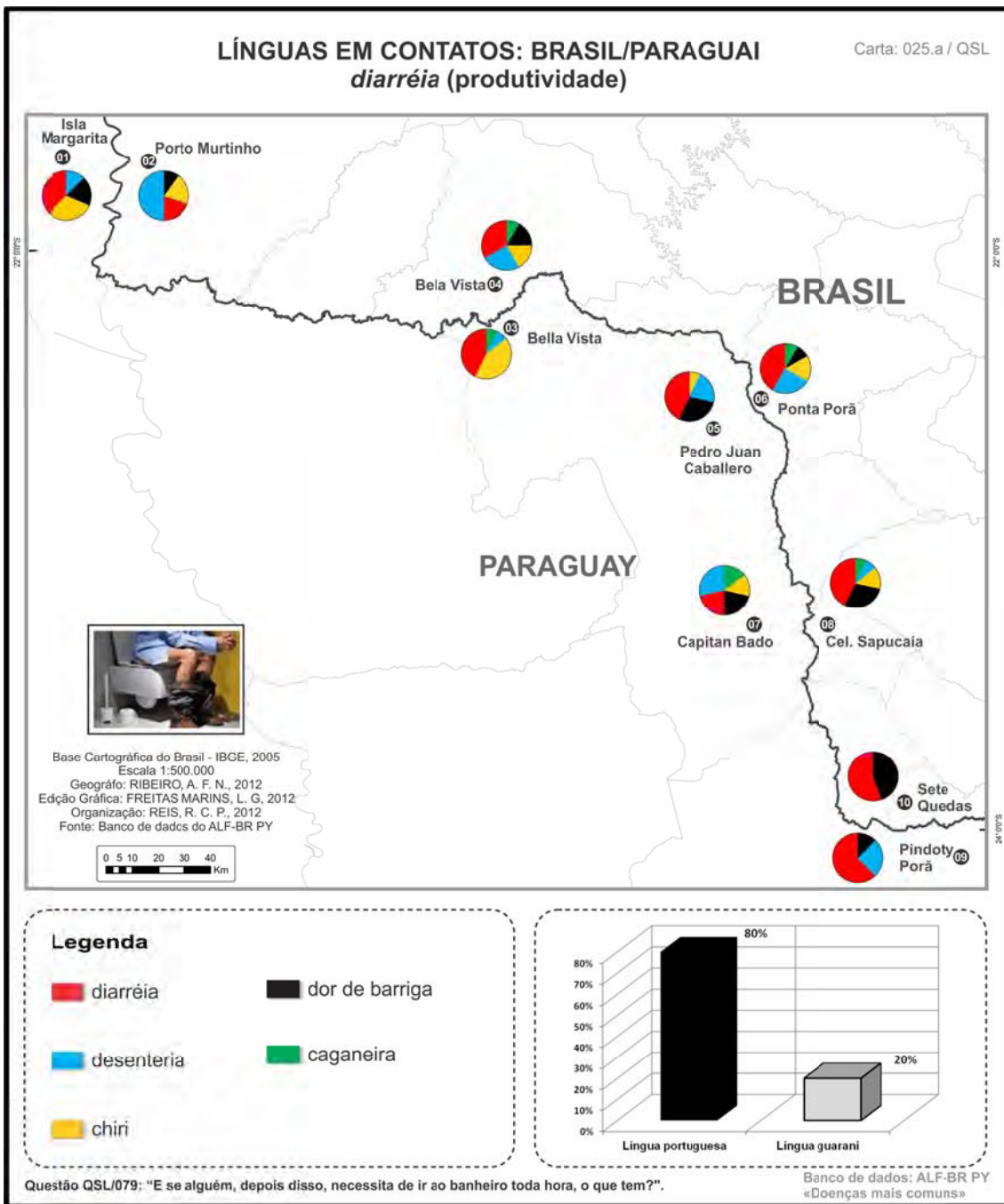
Variante em estudo: «CONJUNTIVITE»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



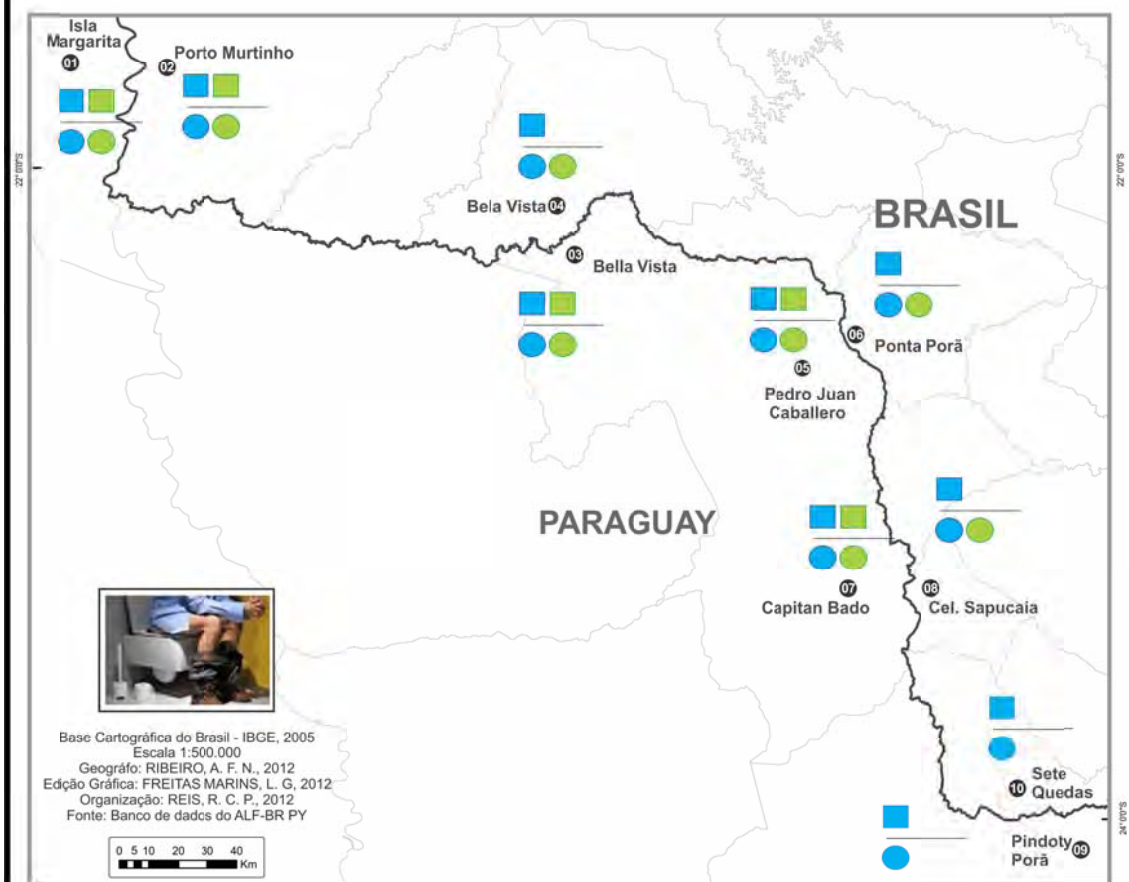
Questão QSL/072: "[...] aquela doença que deixa os olhos vermelhados, inchados e quase fechados?"

Banco de dados: ALF-BR PY «Doenças mais comuns»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI diarréia (contatos linguísticos)

Carta: 025.b / QSL

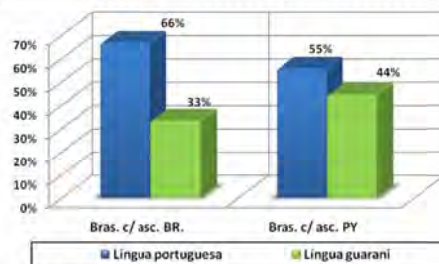


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as)
c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as)
c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/079: "E se alguém, depois disso, necessita de ir ao banheiro toda hora, o que tem?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Doenças mais comuns»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“DIARRÉIA”

Número da carta: 025b

Campo Semântico: “Doenças mais comuns”

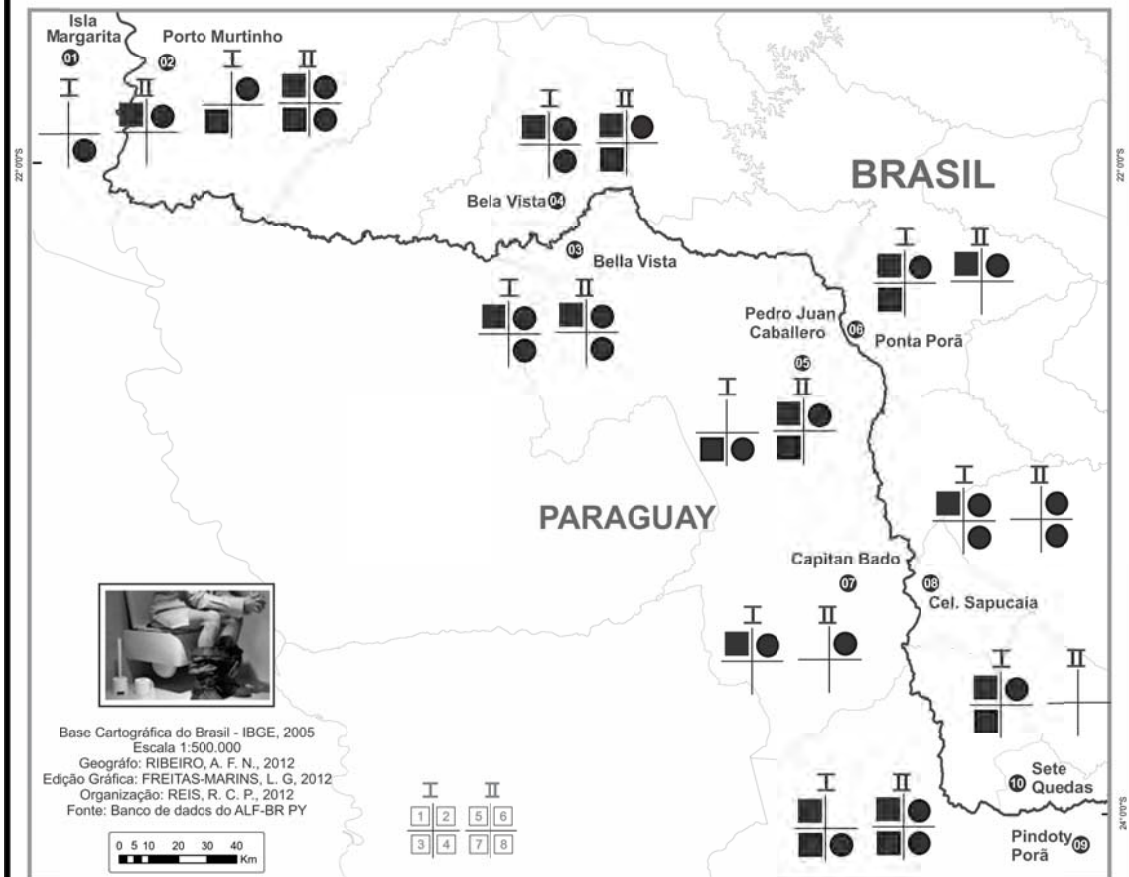
Questão: QSL/079: “E se alguém, depois disso, necessita de ir ao banheiro toda hora, o que tem?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Diarréia	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Desenteria	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	
(ô) Chiri (guelo)	Gn	Gn	Gn	Gn		Gn	Gn	Gn	Gn	
Dor de barriga	PT			PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Caganeira		PT		PT			PT	PT	PT	
Cólica			PT				PT			
cheerierase try	Gn									
guerasy	Gn									
Yerasegue			Gn							
“o rei quer assumir o trono”			PT							
Dor de estômago									PT	
Piriri									PT	

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

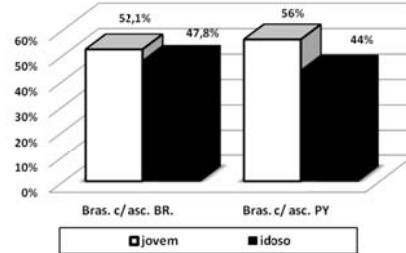
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI diarréia (diassexual e diageracional)

Carta: 025.c / QSL



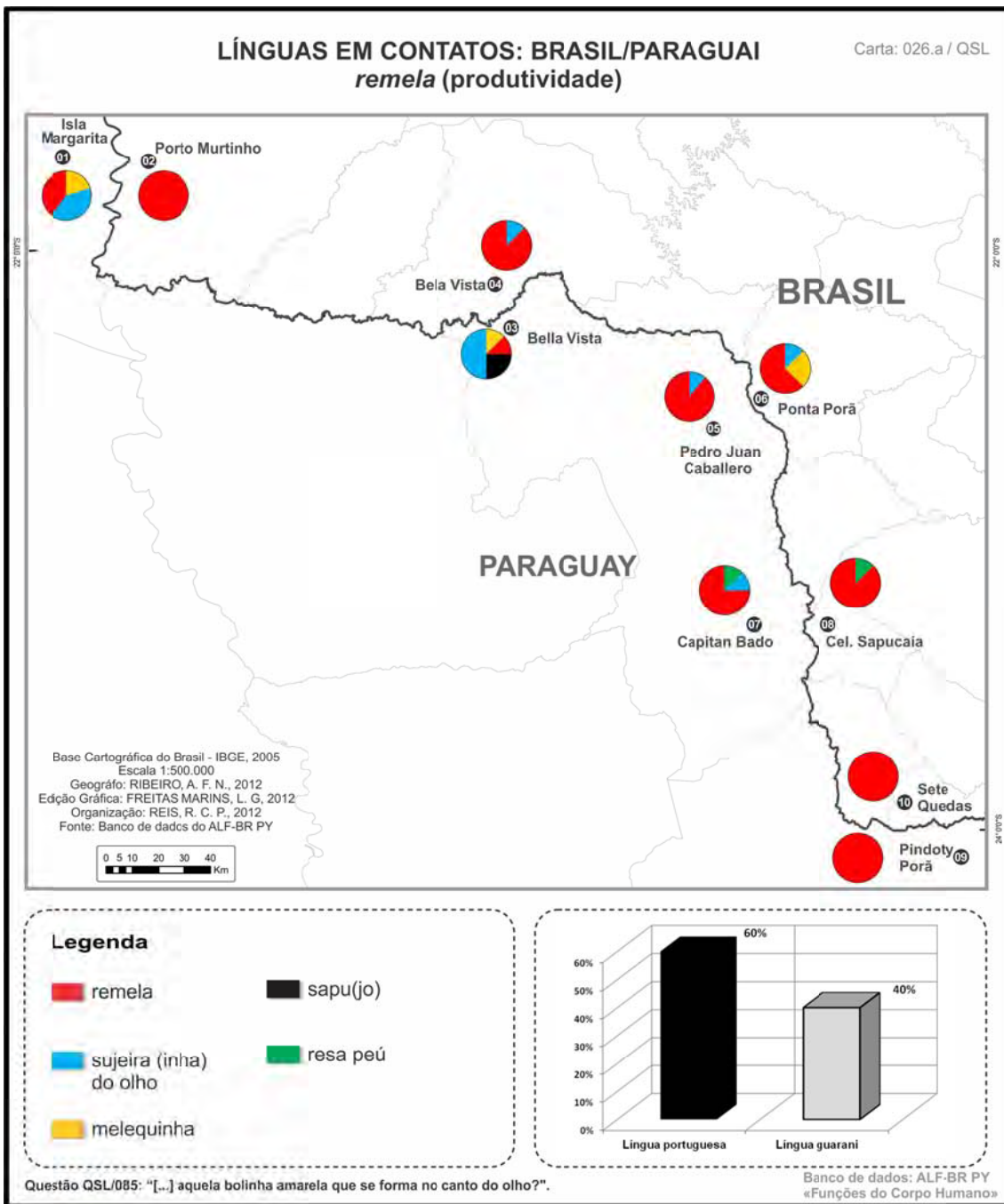
Variante em estudo: «DIARRÉIA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/079: "E se alguém, depois disso, necessita de ir ao banheiro toda hora, o que tem?"

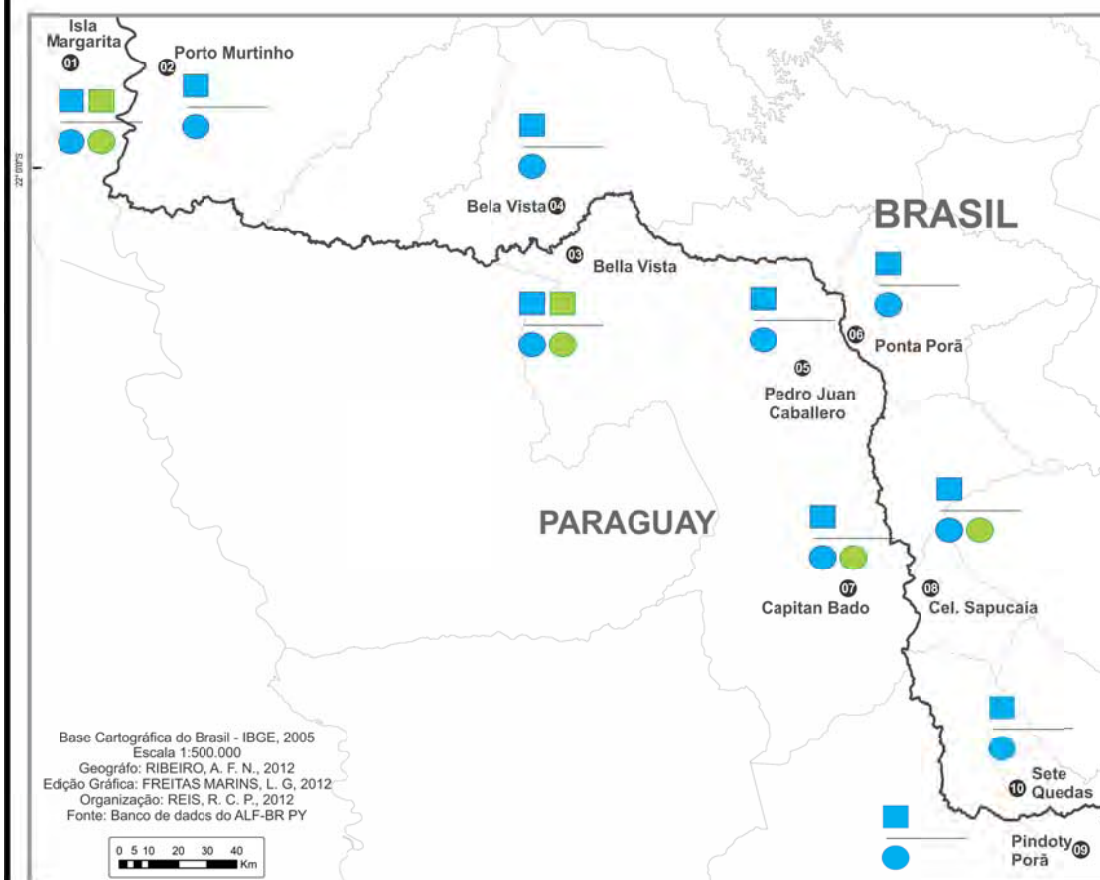
Banco de dados: ALF-BR PY
«Doenças mais comuns»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

remela (contatos linguísticos)

Carta: 026.b / QSL



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/085: "[...] aquela bolinha amarela que se forma no canto do olho?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Funções do Corpo Humano»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
"REMELA"

Número da carta: 026b

Campo Semântico: "Funções do Corpo Humano"

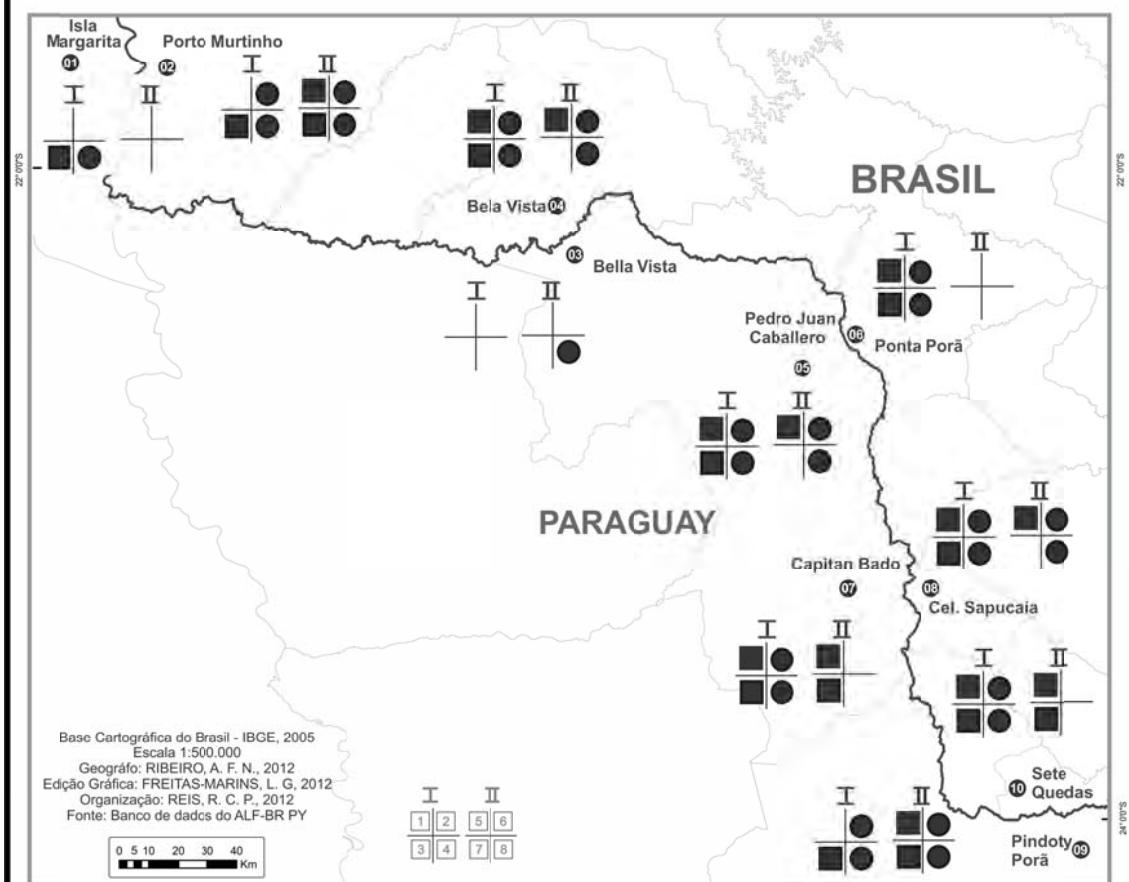
Questão: QSL/085: "... aquela bolinha amarela que se forma no canto do olho?".

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Remela	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Sujeira (inha) do olho	PT	PT	PT	PT			PT	PT		
Melequinha	PT	PT						PT		
Sapu(jo)		Gn								
Resa peú				Gn					Gn	
tesa kuiã		Gn								
Ndereseiku	Gn									
Resapê	Gn									
Cheresake	Gn									
Cherapeú	Gn									
Coisinha								PT		
Pus								PT		

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

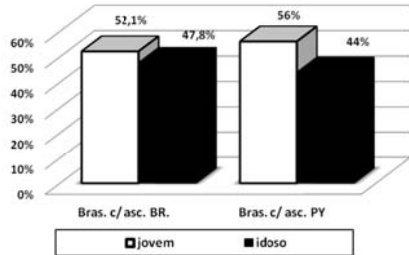
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI remela (diassexual e diageracional)

Carta: 026.c / QSL



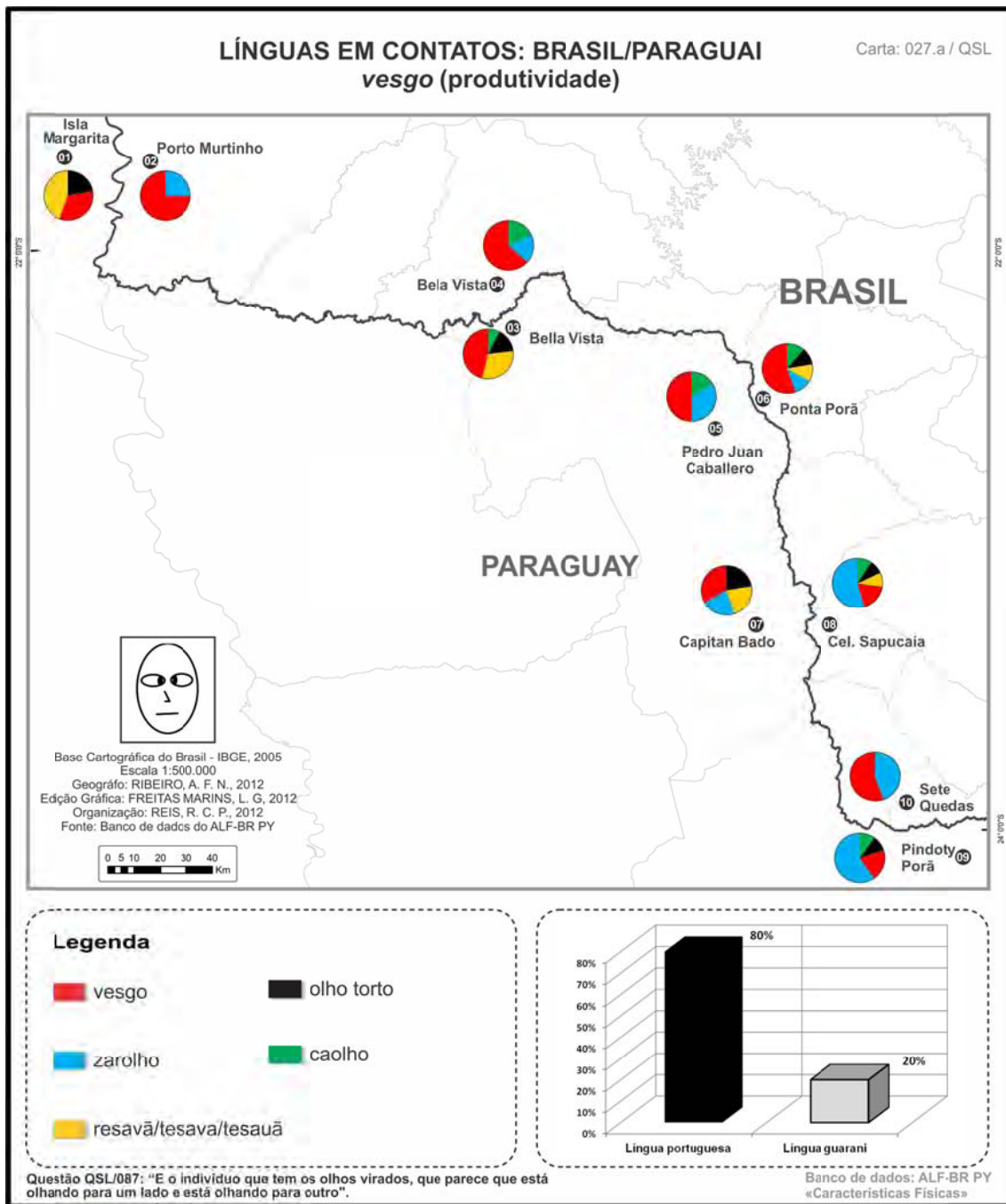
Variante em estudo: «REMELA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



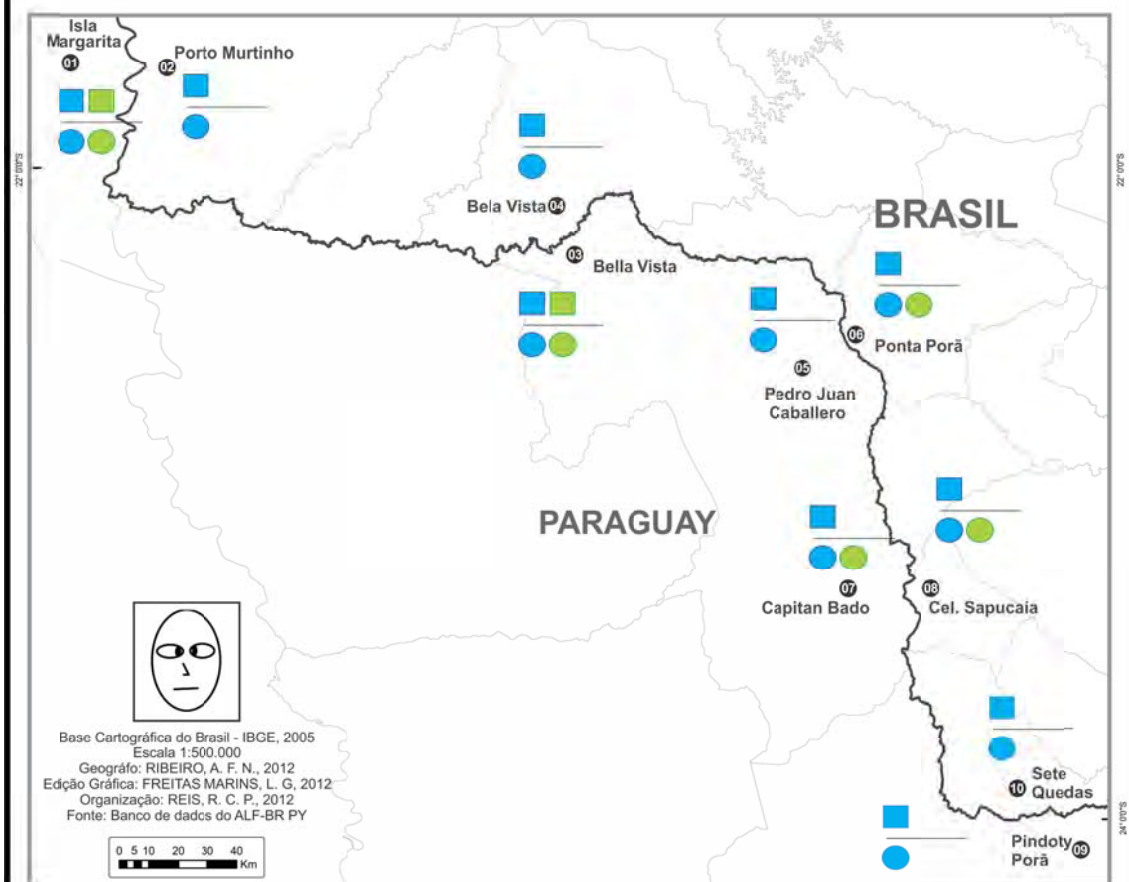
Questão QSL/085: "[...] aquela bolinha amarela que se forma no canto do olho?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Funções do Corpo Humano»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI vesgo (contatos linguísticos)

Carta: 027.b / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as)
c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as)
c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/087: "E o indivíduo que tem os olhos virados, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Características Físicas»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“VESGO”

Número da carta: 027b

Campo Semântico: “Características Físicas”

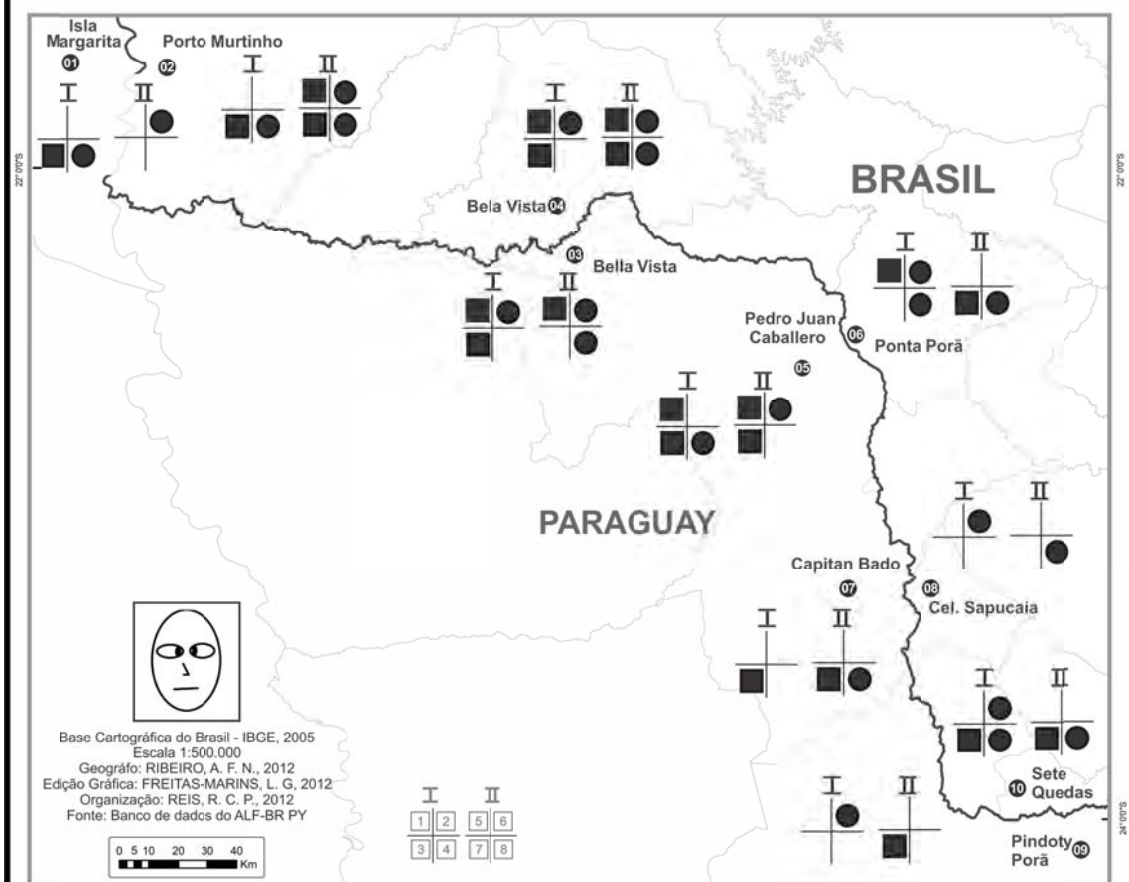
Questão: QSL/087: “E o indivíduo que tem os olhos virados, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Vesgo (a)	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Zarolho			PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT
Resavã	Gn			Gn				Gn	Gn	
Tesava	Gn									
Tesauã	Gn	Gn								
olho torto	PT	PT		PT				PT	PT	
Caolho		PT	PT		PT		PT	PT		
Olho virado				PT	PT				PT	
estrábico (ismo)			PT					PT		
Míope				PT						
resa peteí	Gn									
Olho defeituoso									PT	
Olho atravessado				PT						

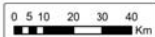
*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI vesgo (diassexual e diageracional)

Carta: 027.c / QSL

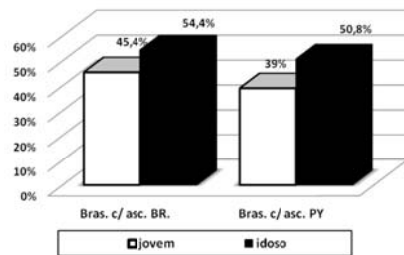


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



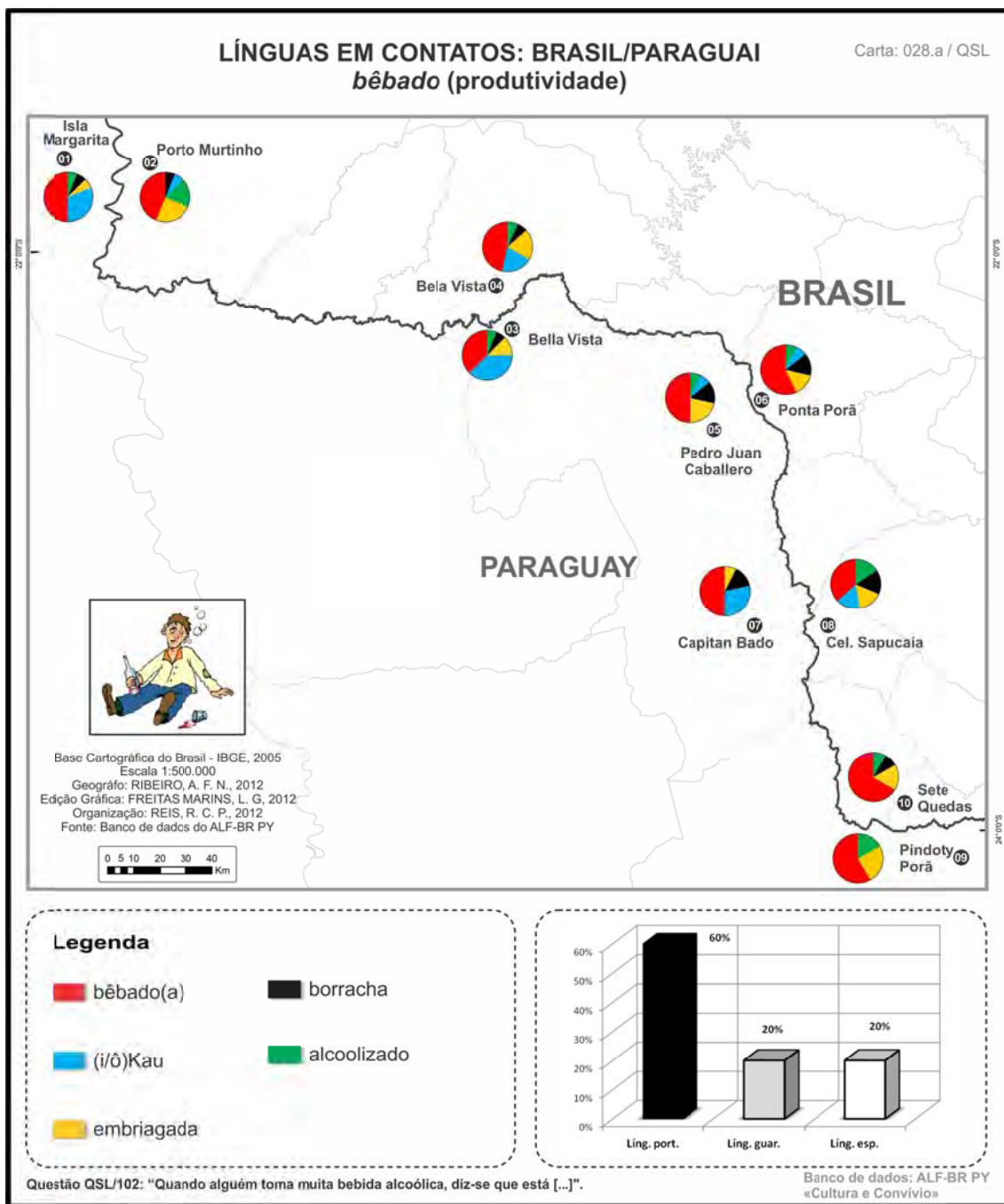
Variante em estudo: «VESGO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



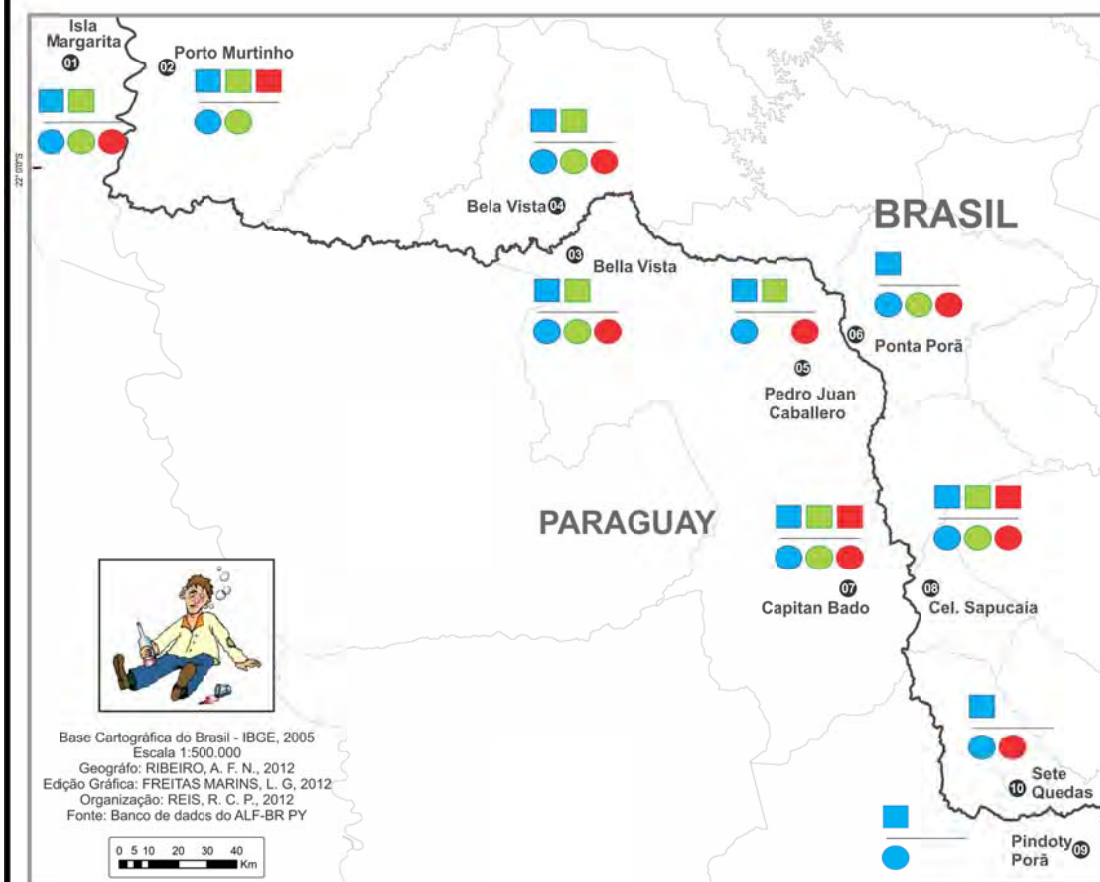
Questão QSL/087: "E o indivíduo que tem os olhos virados, que parece que está olhando para um lado e está olhando para outro".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Características Físicas»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI *bêbado* (contatos linguísticos)

Carta: 028.b / QSL

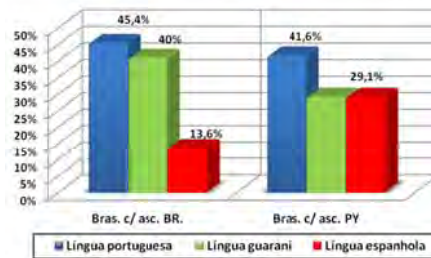


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- Base de Língua Espanhol
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/102: "Quando alguém toma muita bebida alcoólica, diz-se que está [...]".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Cultura e Convívio»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“BÊBADO”

Número da carta: 028b

Campo Semântico: “Cultura e convívio”

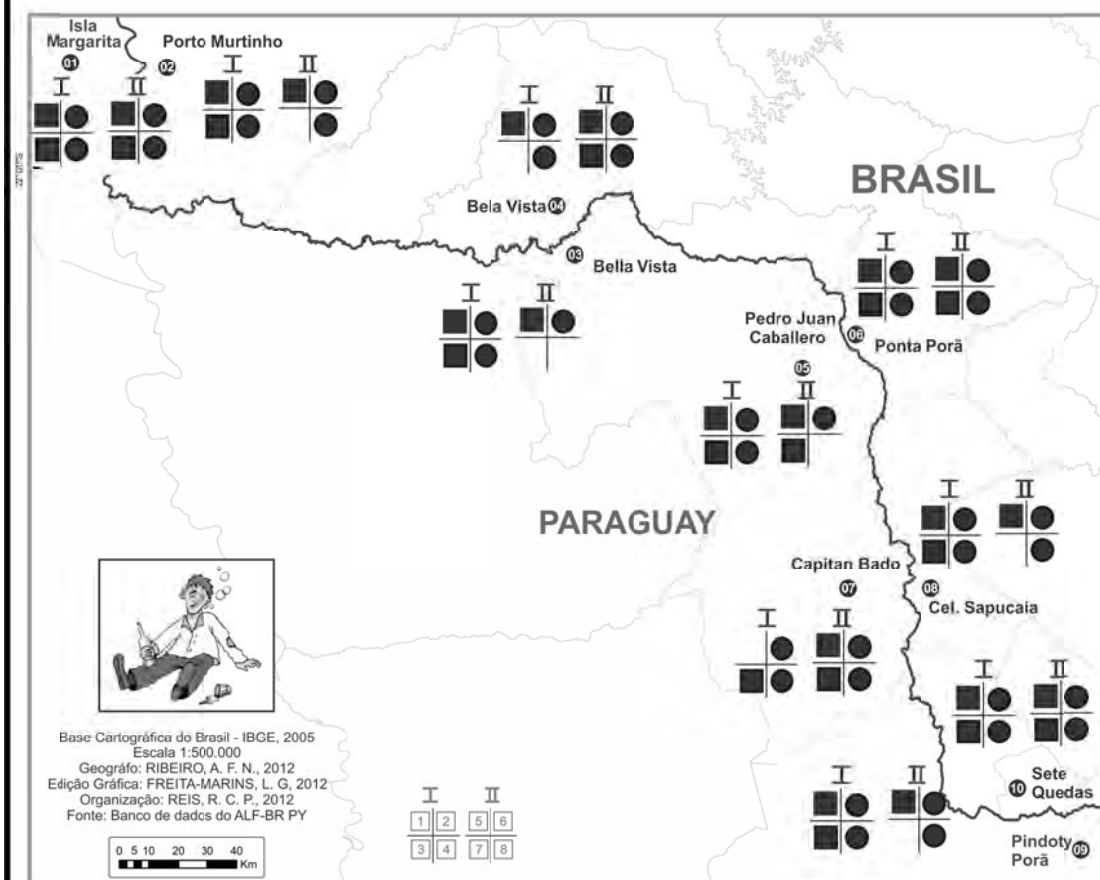
Questão: QSL/102: “Quando alguém toma muita bebida alcoólica, diz-se que está...”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Bêbado (a)/bebun	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
(i/ô)Kaou	Gn	Gn	Gn	Gn		Gn	Gn	Gn	Gn	
Embriagada	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Borracha	SP	SP	SP	SP		SP	SP	SP	SP	SP
Alcoolizado	PT	PT	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT
Tapy ru						Gn				
Cara cheia			PT							
Boca de álcool			PT							
Encharcado			PT							
Chapado								PT		
Cachaceiro					PT			PT		
Beberon								PT/ SP		
(está) passado								PT		
Manguaçado				PT	PT					
Pinguço				PT	PT					
Mamado										PT
Alcoólatra	PT				PT	PT	PT	PT		PT
Ébrio						PT	PT	PT		

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI *bêbado* (diassexual e diageracional)

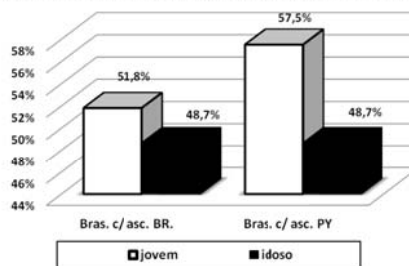
Carta: 028.c / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITA-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

Variante em estudo: «BÊBADO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●

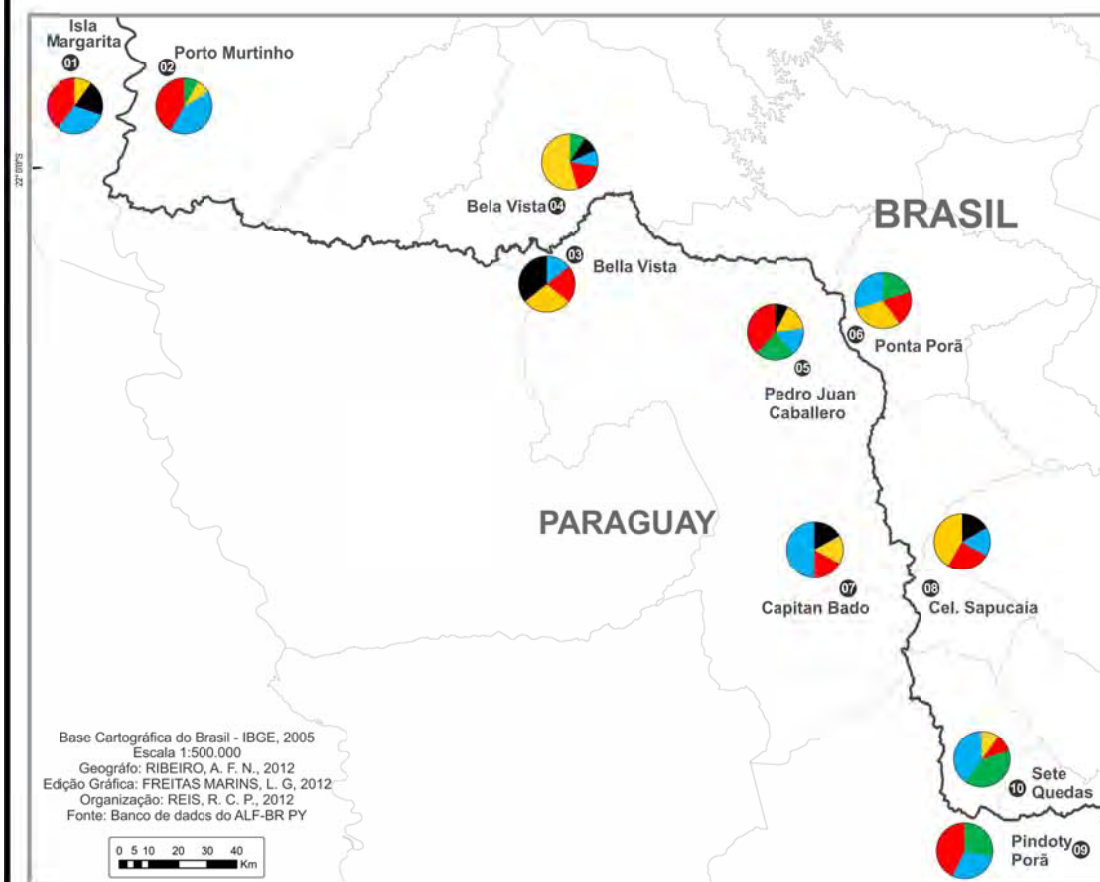


Questão QSL/102: "Quando alguém toma muita bebida alcoólica, diz-se que está [...]".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Cultura e Convívio»

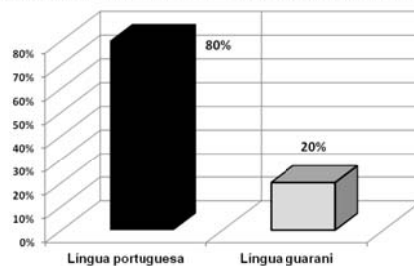
LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI sovina (produtividade)

Carta: 029.a / QSL



Legenda

- pão-duro
- (y) pojopy/ pojopã
- mão-de-vaca
- miserável
- muxiba

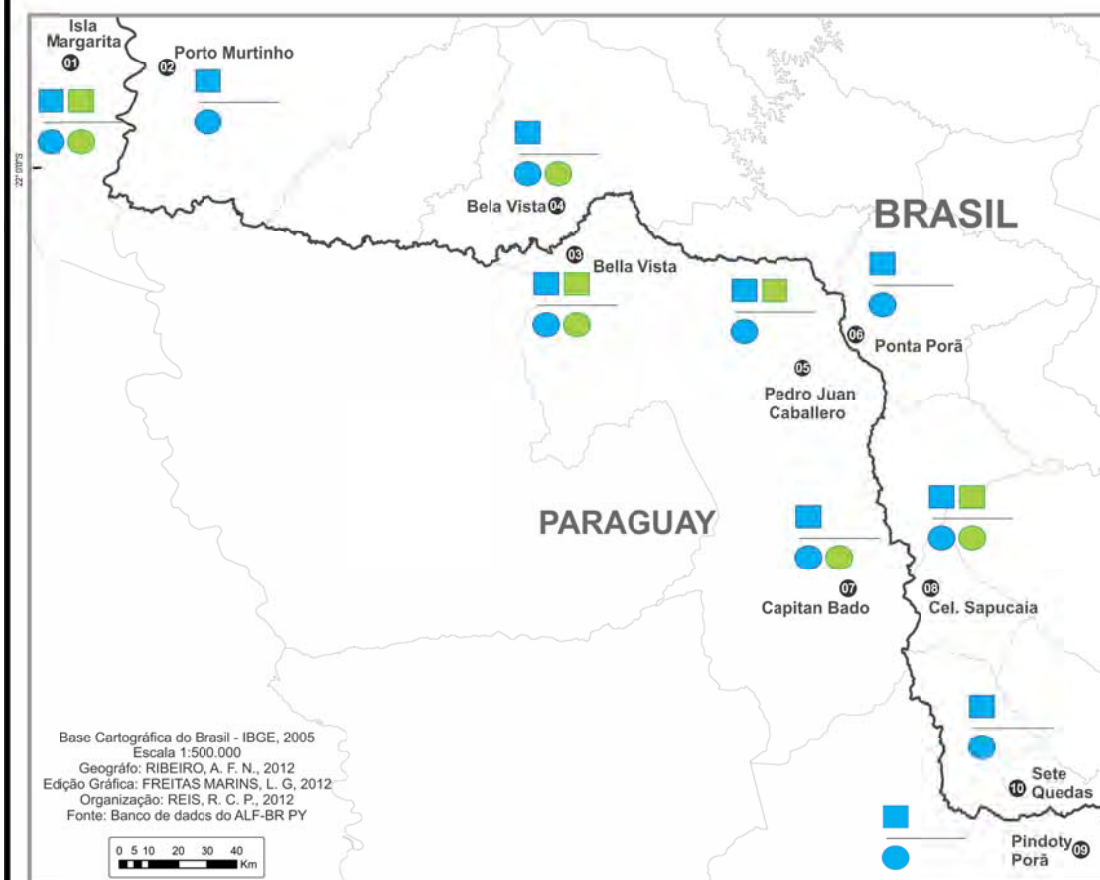


Questão QSL/105: "Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastá-lo".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Cultura e Convívio»

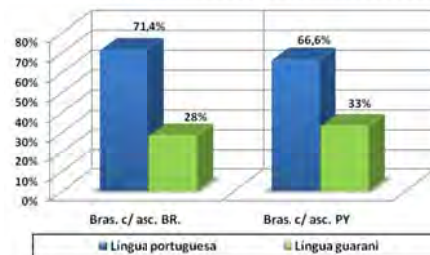
LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI sovina (contatos linguísticos)

Carta: 029.b / QSL



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/105: "Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastá-lo".

Banco de dados: ALF-BR PY «Cultura e Convívio»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“SOVINA (PÃO-DURO)”

Número da carta: 029b

Campo Semântico: “Cultura e convívio”

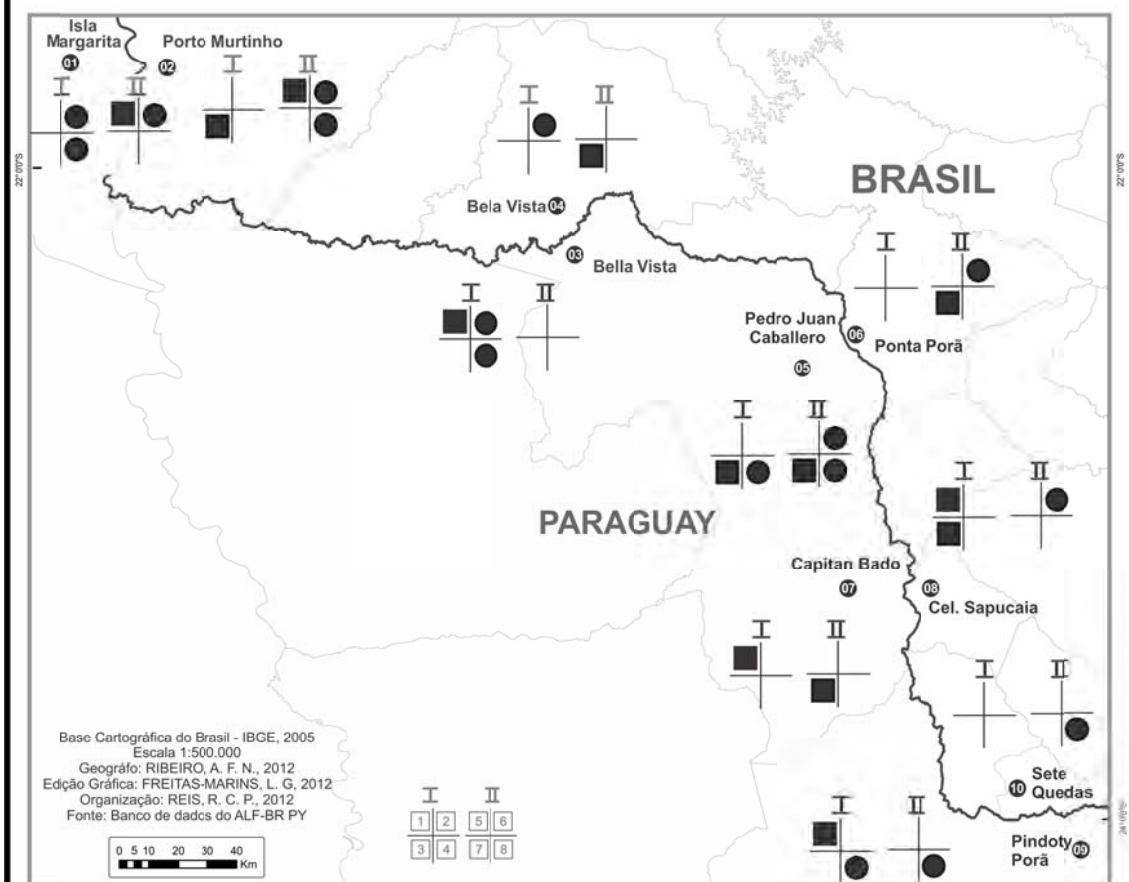
Questão: QSL/105: “Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastá-lo”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
pão-duro	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
mão-de-vaca	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Muxiba	PT	PT	PT	PT		PT	PT	PT	PT	PT
(y) pojopy/ pojopã	Gn	Gn	Gn	Gn			Gn		Gn	
miserável			PT		PT	PT	PT	PT		PT
mão-fechada	PT				PT	PT			PT	PT
Econômica (ista)					PT		PT		PT	PT
seguro		PT	PT			PT		PT		
muquirana		PT							PT	
munheca							PT			PT
jopy	Gn	Gn								
mesquinho	PT							PT		
mão apertada							PT			
carrasco						PT				
avarento						PT				
murinha								PT		
Mão-dura					PT					

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

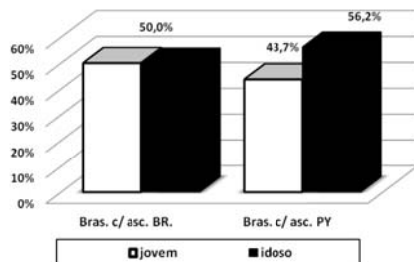
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI sovina (diassexual e diageracional)

Carta: 029.c / QSL



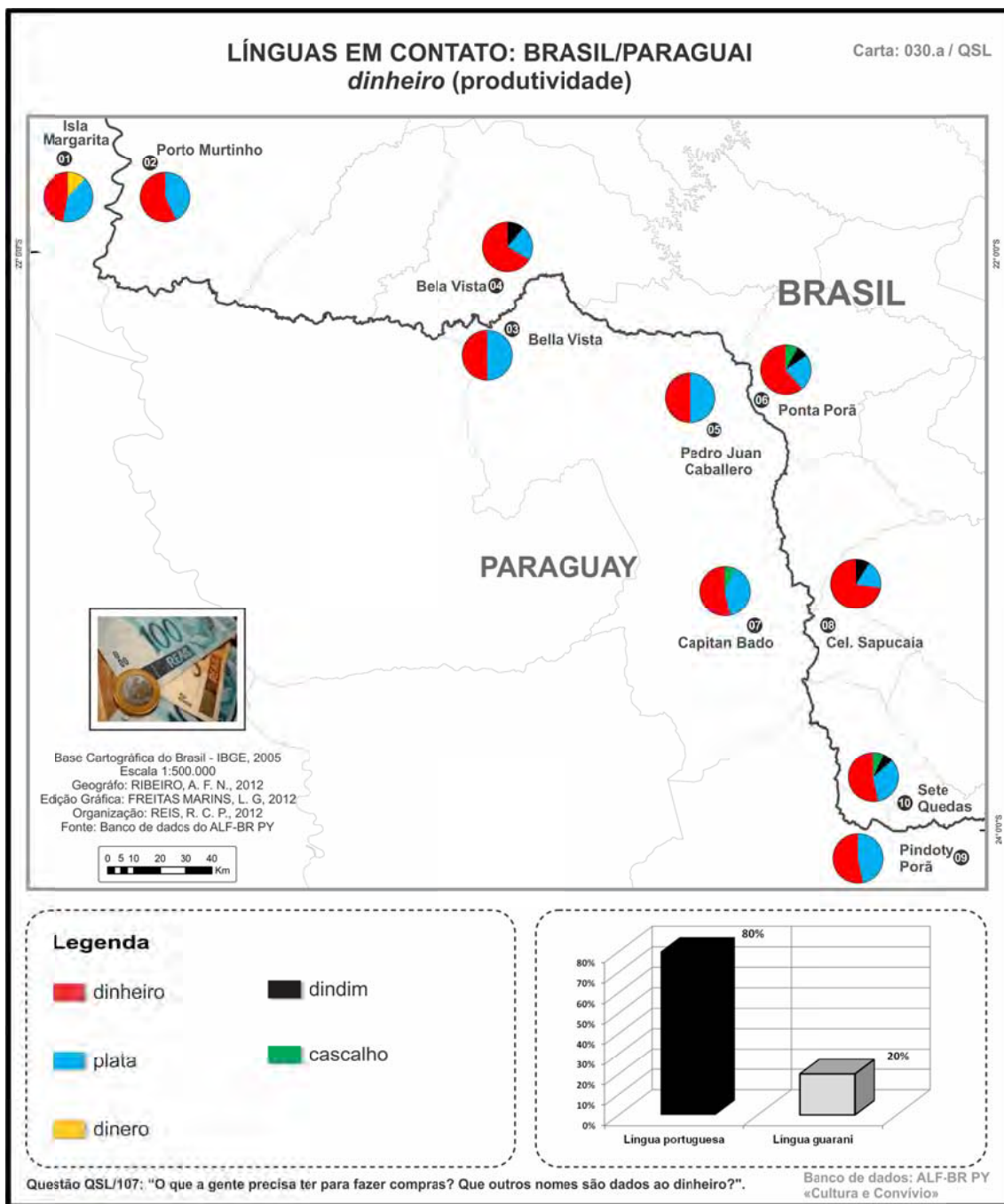
Variante em estudo: «PÃO-DURO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



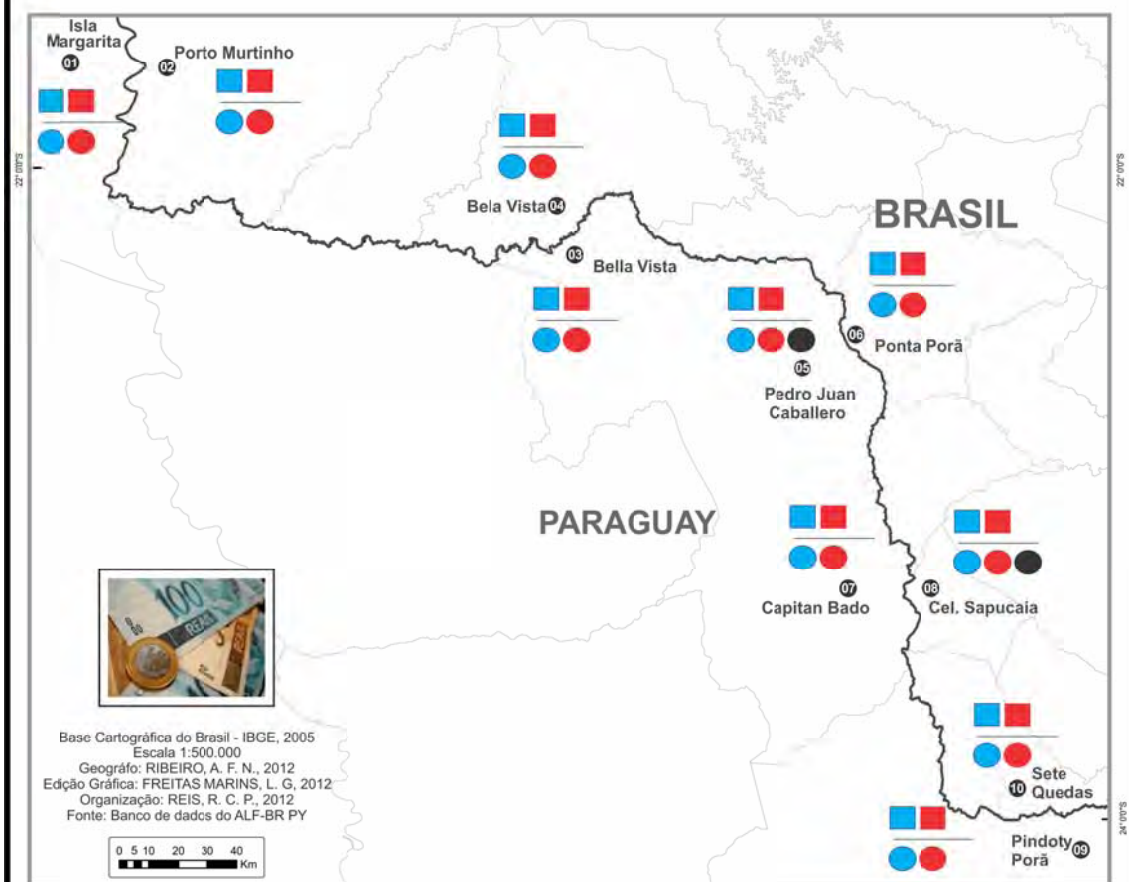
Questão QSL/105: "Pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa necessidades para não gastá-lo".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Cultura e Convívio»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI dinheiro (contatos linguísticos)

Carta: 030.b / QSL

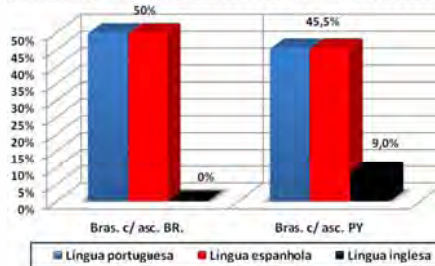


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Inglesa
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL107: "O que a gente precisa ter para fazer compras? Que outros nomes são dados ao dinheiro?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Cultura e Convívio»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“DESIGNAÇÕES PARA DINHEIRO”

Número da carta-> 30b

Campo Semântico: “Cultura e Convívio”

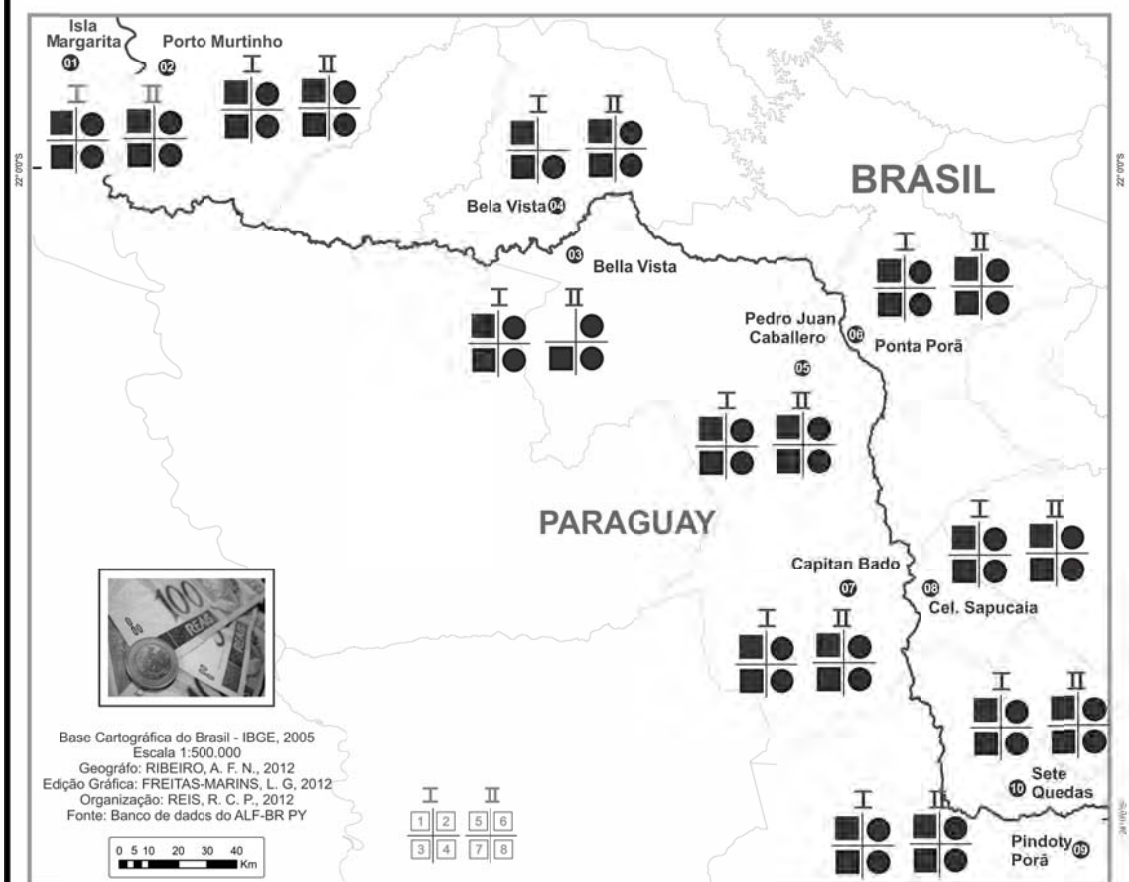
Questão: QSL/002: “O que a gente precisa ter para fazer compras? Que outros nomes são dados ao dinheiro?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Dinheiro	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
plata	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP	SP
dinero	SP		SP					SP	SP	
Dindim							PT	PT	PT	PT
Cascalho				PT				PT		PT
Guapa									SP	
Money			LI						LI	
Tutu				PT					PT	
Bufunfa			PT				PT			
grana						PT			PT	

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola, **Gn** = língua guarani e **LI**=Inglês

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI *dinheiro* (diassexual e diageracional)

Carta: 030.c / QSL

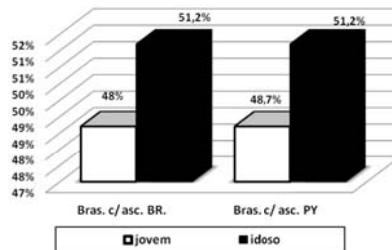


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



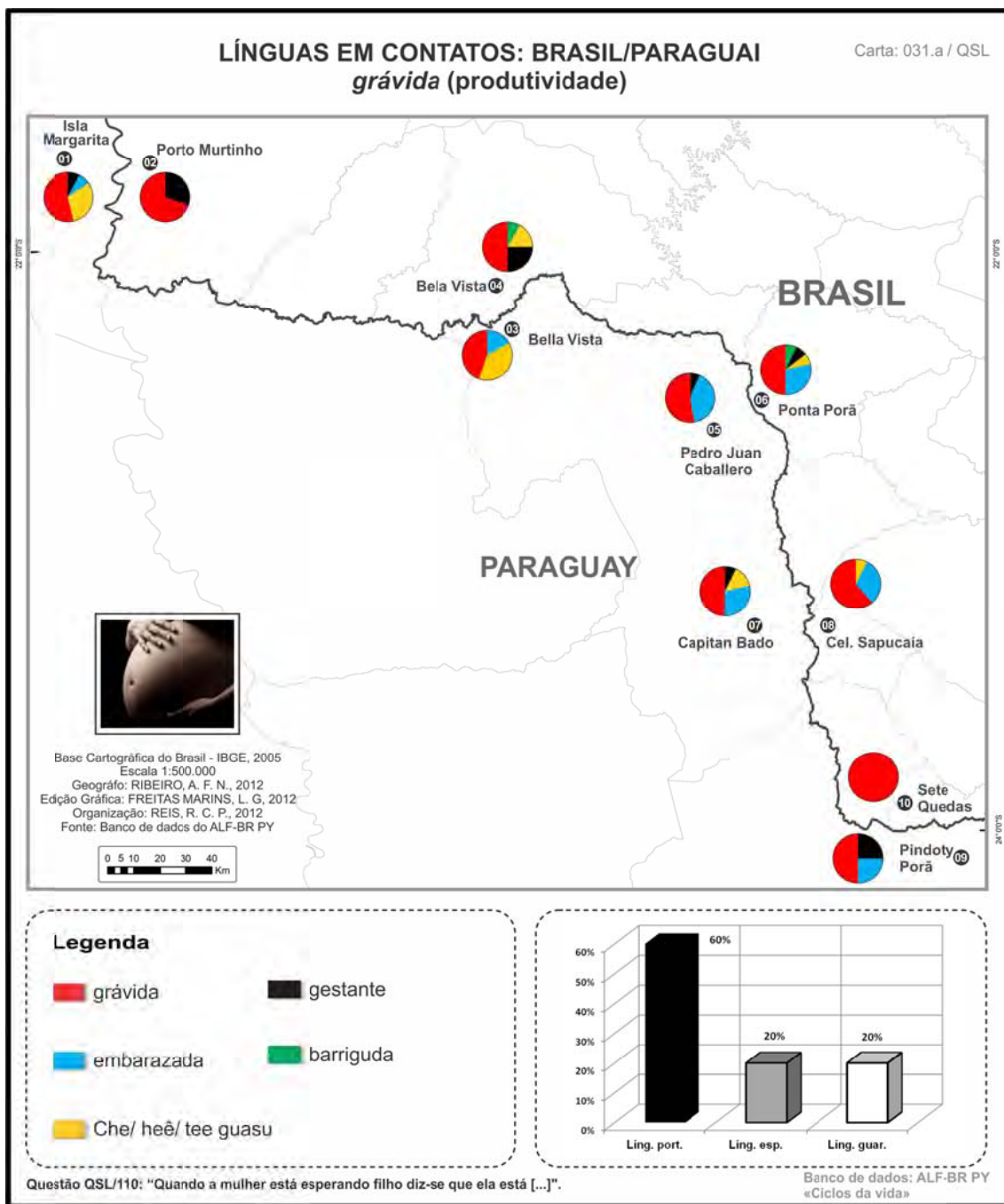
Variante em estudo: «DINHEIRO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



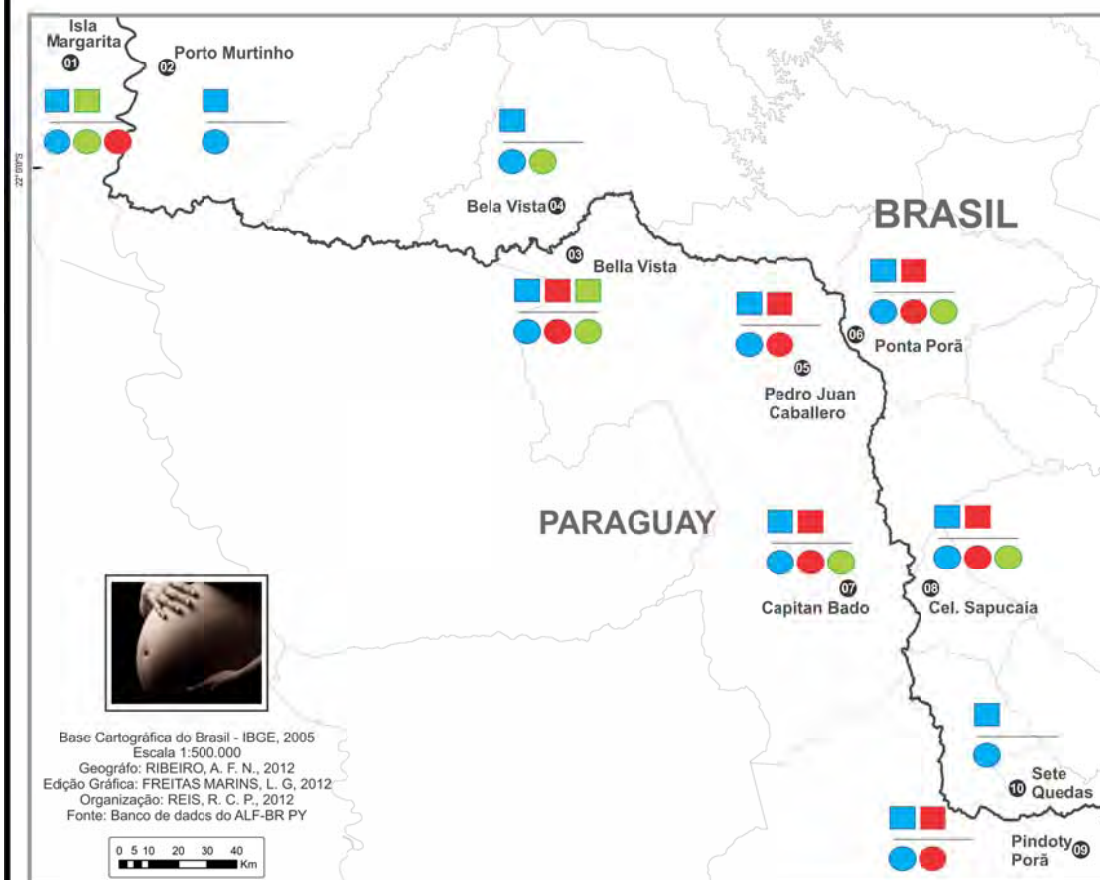
Questão QSL107: "O que a gente precisa ter para fazer compras? Que outros nomes são dados ao dinheiro?".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Cultura e Convívio»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI grávida (contatos linguísticos)

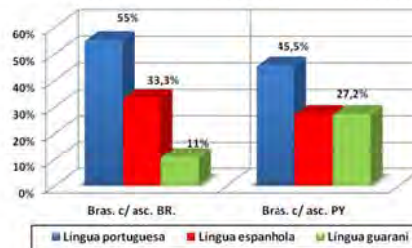
Carta: 031.b / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/110: "Quando a mulher está esperando filho diz-se que ela está [...]".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Ciclos da vida»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“GRÁVIDA”

Número da carta: 031b

Campo Semântico: “Ciclos da Vida”

Questão: QSL/002: “Quando a mulher está esperando filho diz-se que ela está...”.

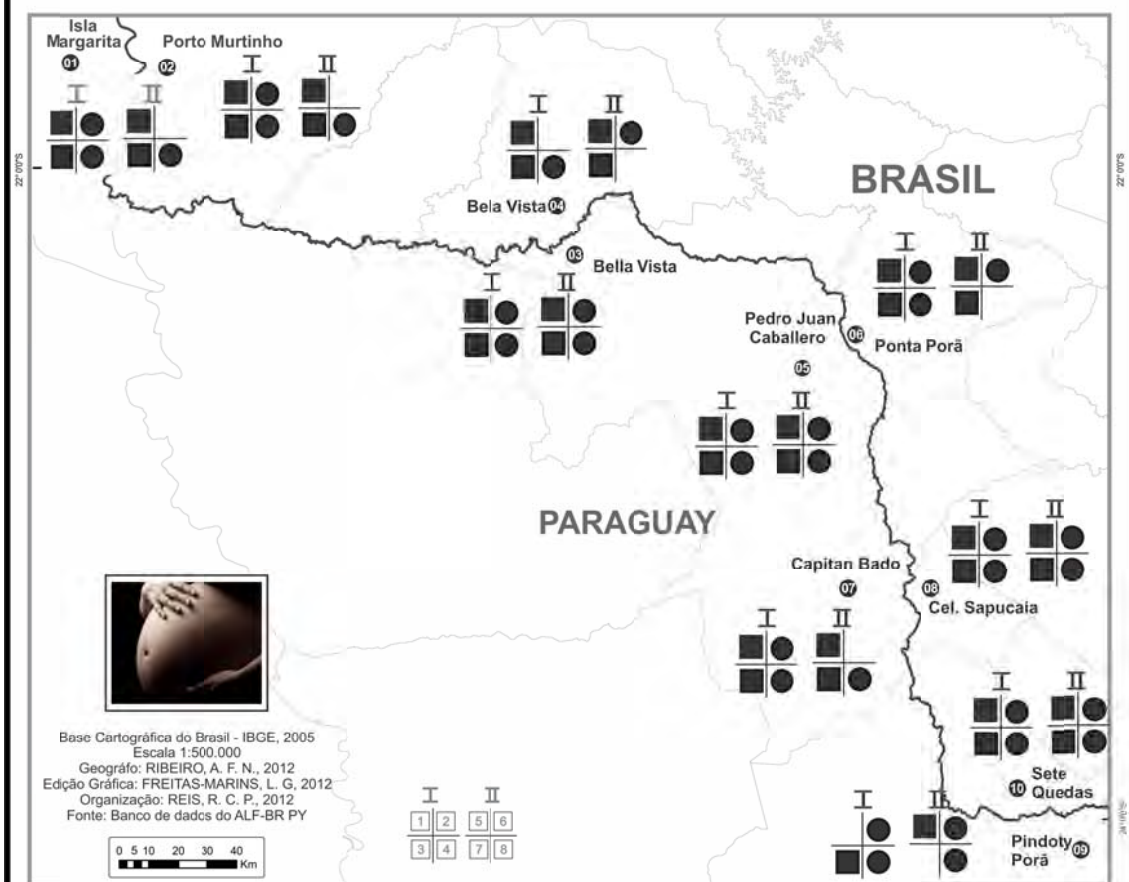
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Grávida	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Embarazada	SP	SP	SP	SP	SP			SP	SP	
Che/ heê/tee guasu	Gn	Gn		Gn			Gn	Gn	Gn	
Gestante	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT		
Barriguda							PT	PT		
Dando a vida							PT			
Prenha			PT							

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

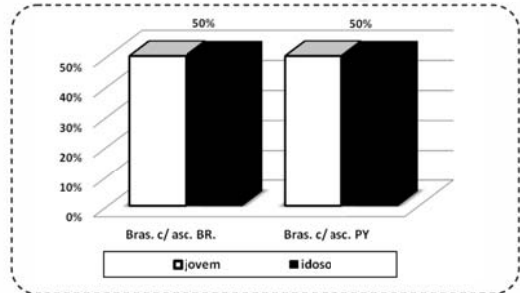
grávida (diassexual e diageracional)

Carta: 031.c / QSL



Variante em estudo: «GRÁVIDA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



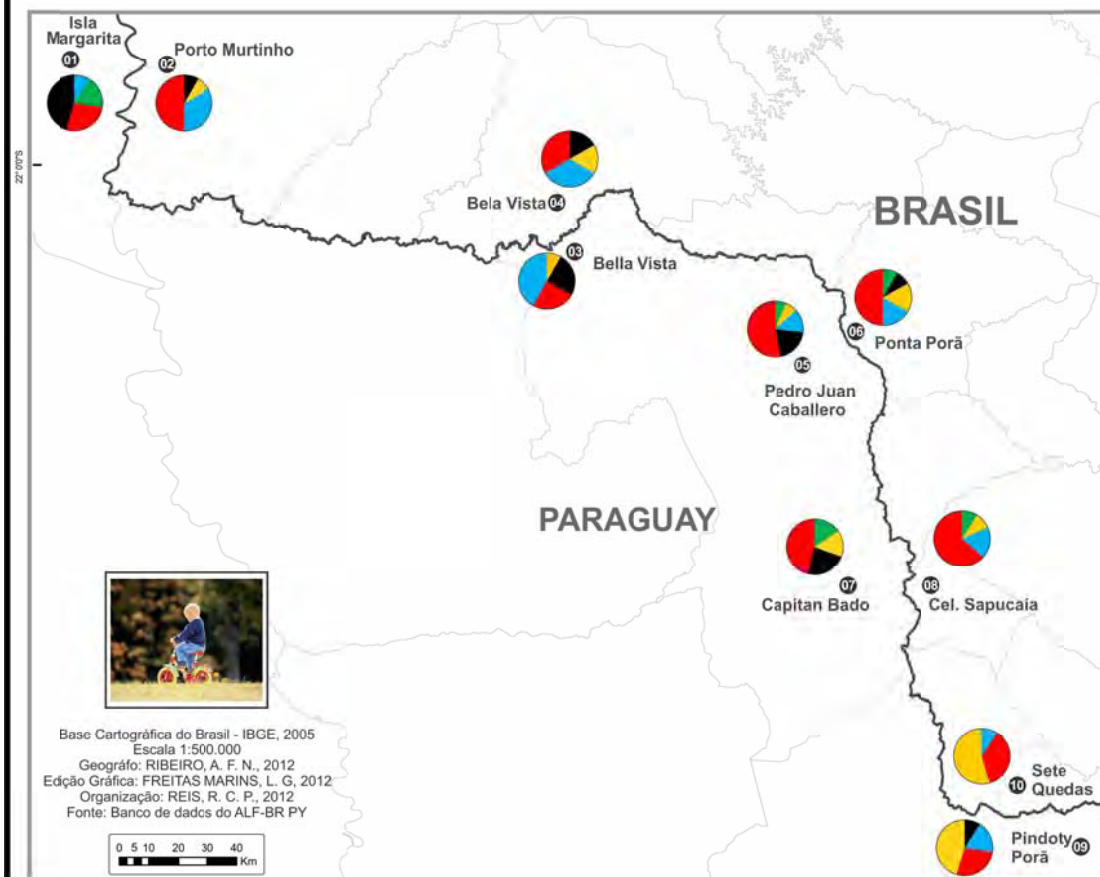
Questão QSL/110: "Quando a mulher está esperando filho diz-se que ela está [...]".

Banco de dados: ALF-BR PY «Ciclos da vida»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

menino (produtividade)

Carta: 032.a / QSL

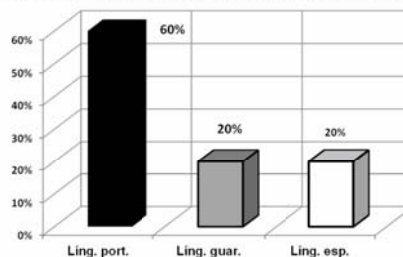


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- menino
- guri
- moleque
- mitâ'i
- niño

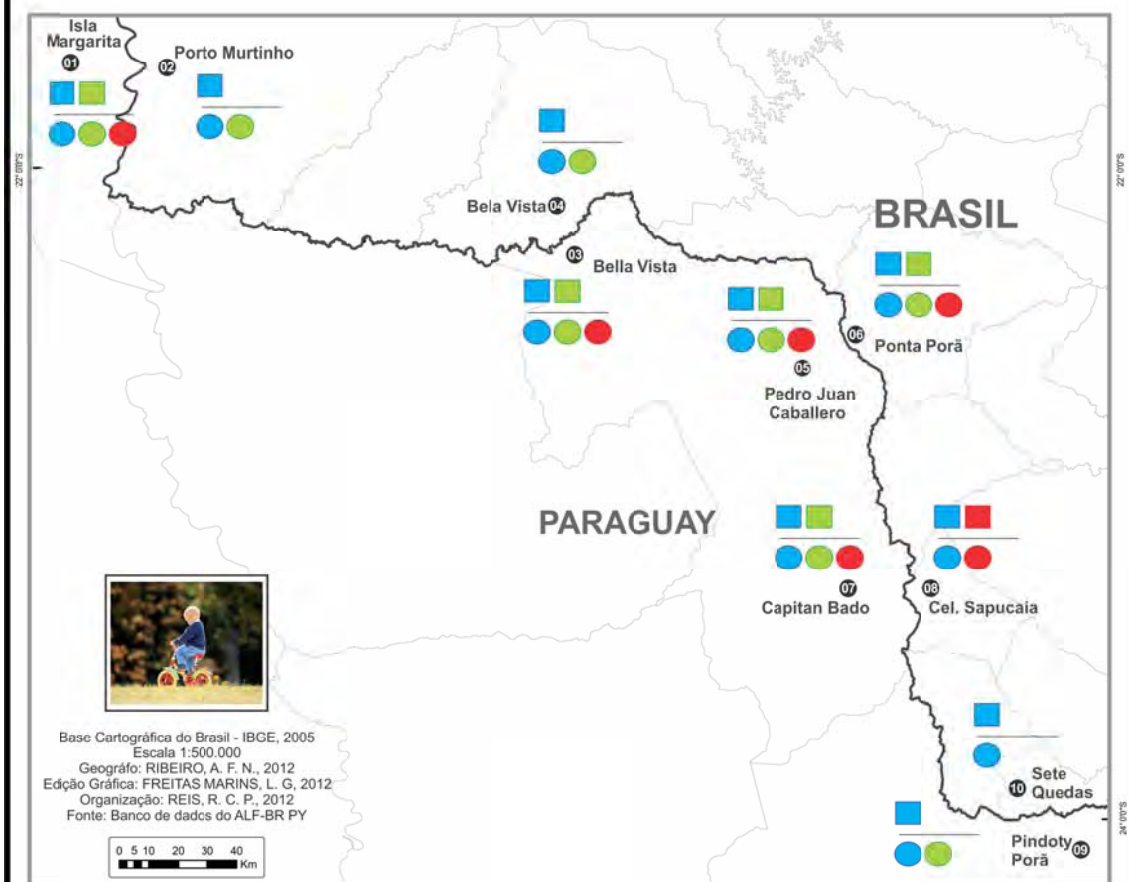


Questão QSL/111: "O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino?".

Banco de dados: ALF-BR PY
 «Ciclos da vida»

LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI *menino (contatos linguísticos)*

Carta: 032.b / QSL

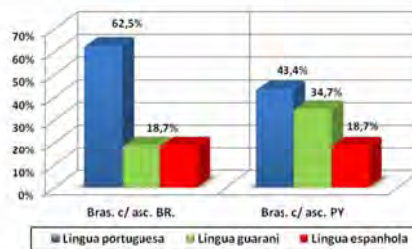


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/111: "O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Ciclos da vida»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“MENINO”

Número da carta: 032b

Campo Semântico: “Ciclos da Vida”

Questão: QSL/118: “O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino?”.

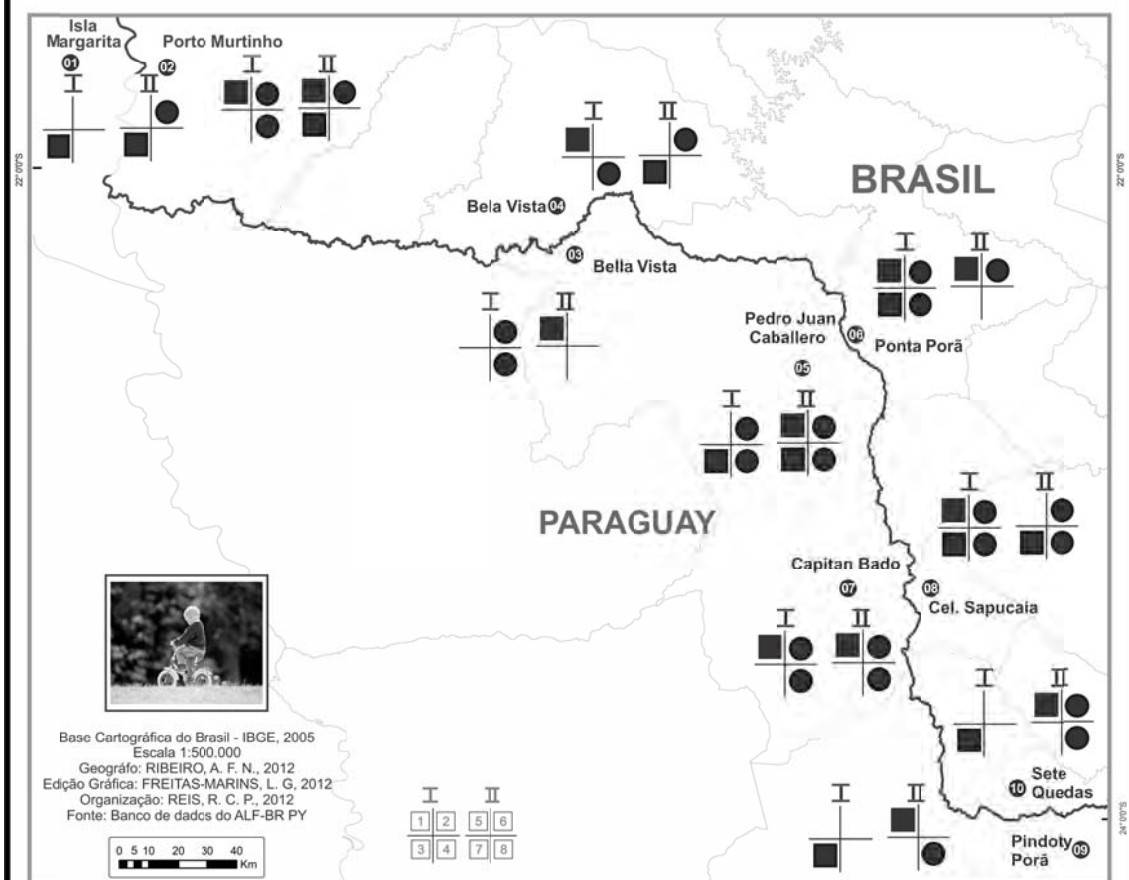
Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Menino	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Guri	PT	PT	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT
Moleque		PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Mitâ'i	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn		
Niño	SP		SP	SP				SP	SP	
Nene		SP							SP	
Garoto		PT								PT
tico				SP					SP	
tiquito									PT / SP	
varón									SP	
piá(piazin)										
Mita kuimba'e		Gn						Gn		
Criança		PT		PT	PT		PT		PT	PT
Mita michi		Gn								
Tapy vaí							Gn			
avaí			Gn							
piá					PT			PT	PT	PT
criatura								PT/SP		

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

menino (diassexual e diageracional)

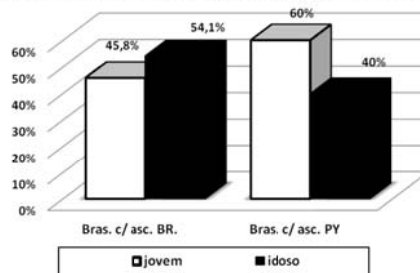
Carta: 032.c / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

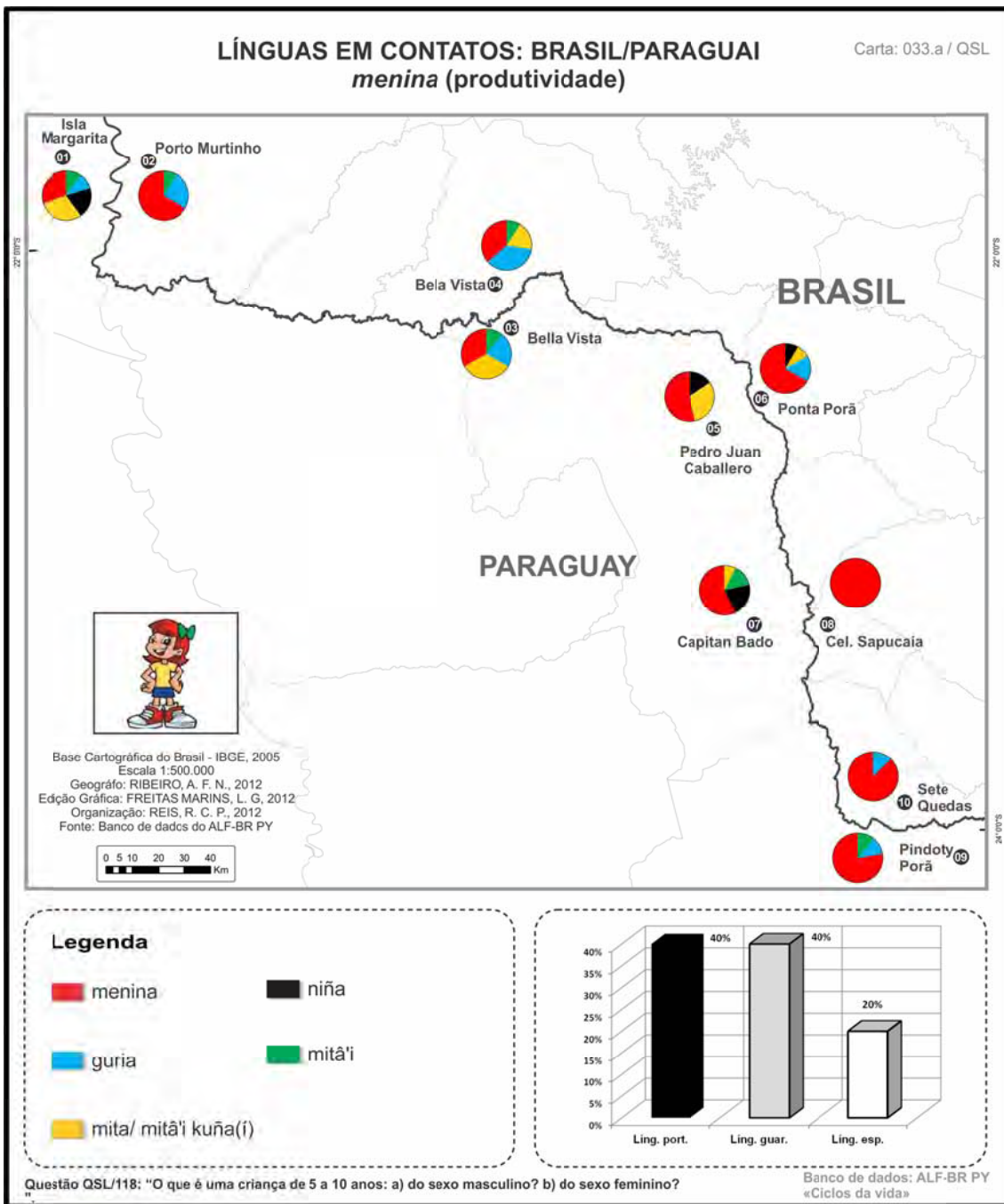
Variante em estudo: «MENINO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/111: "O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino?".

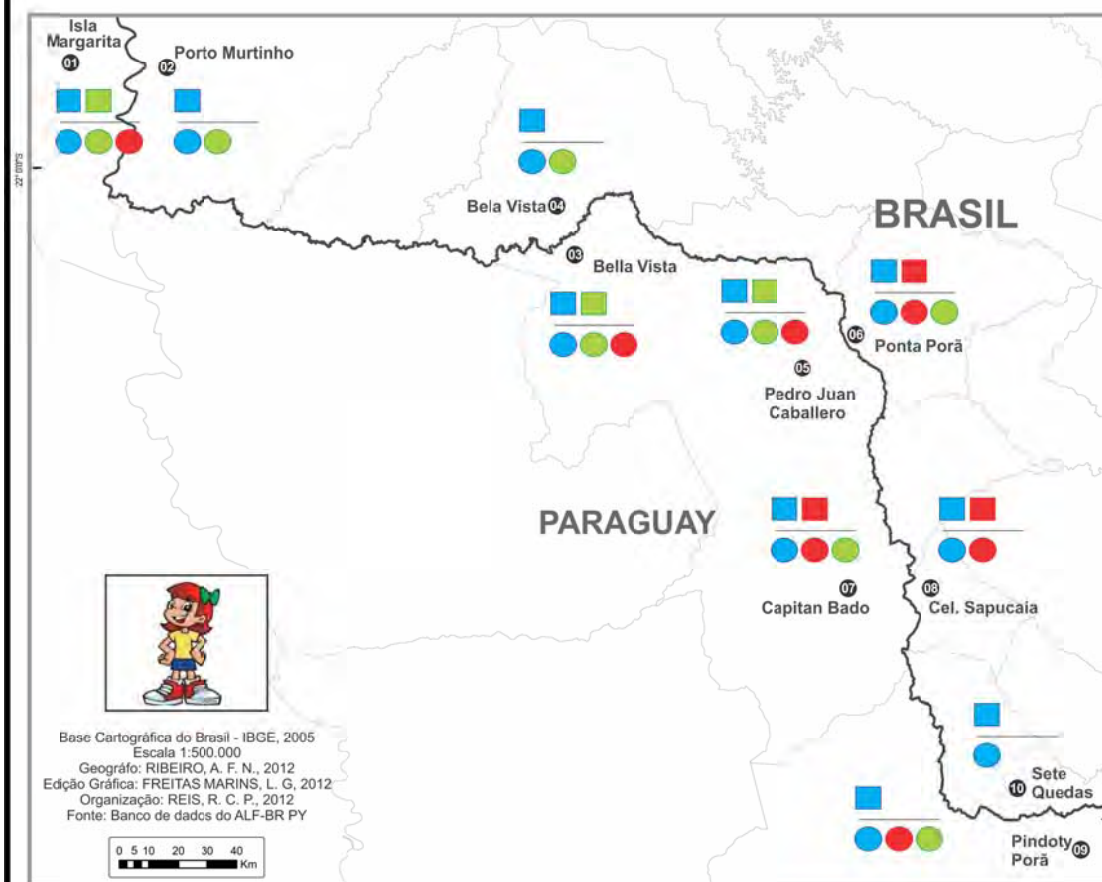
Banco de dados: ALF-BR PY
 «Ciclos da vida»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

menina (contatos linguísticos)

Carta: 033.b / QSL

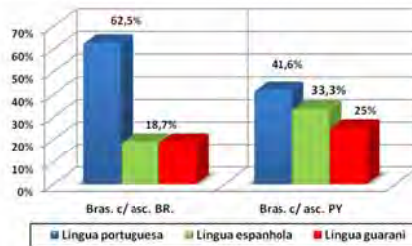


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/118: "O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino?"

Banco de dados: ALF-BR PY «Ciclos da vida»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“MENINA”

Número da carta: 033b

Campo Semântico: “Ciclos da Vida”

Questão: QSL/118: “O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino?”.

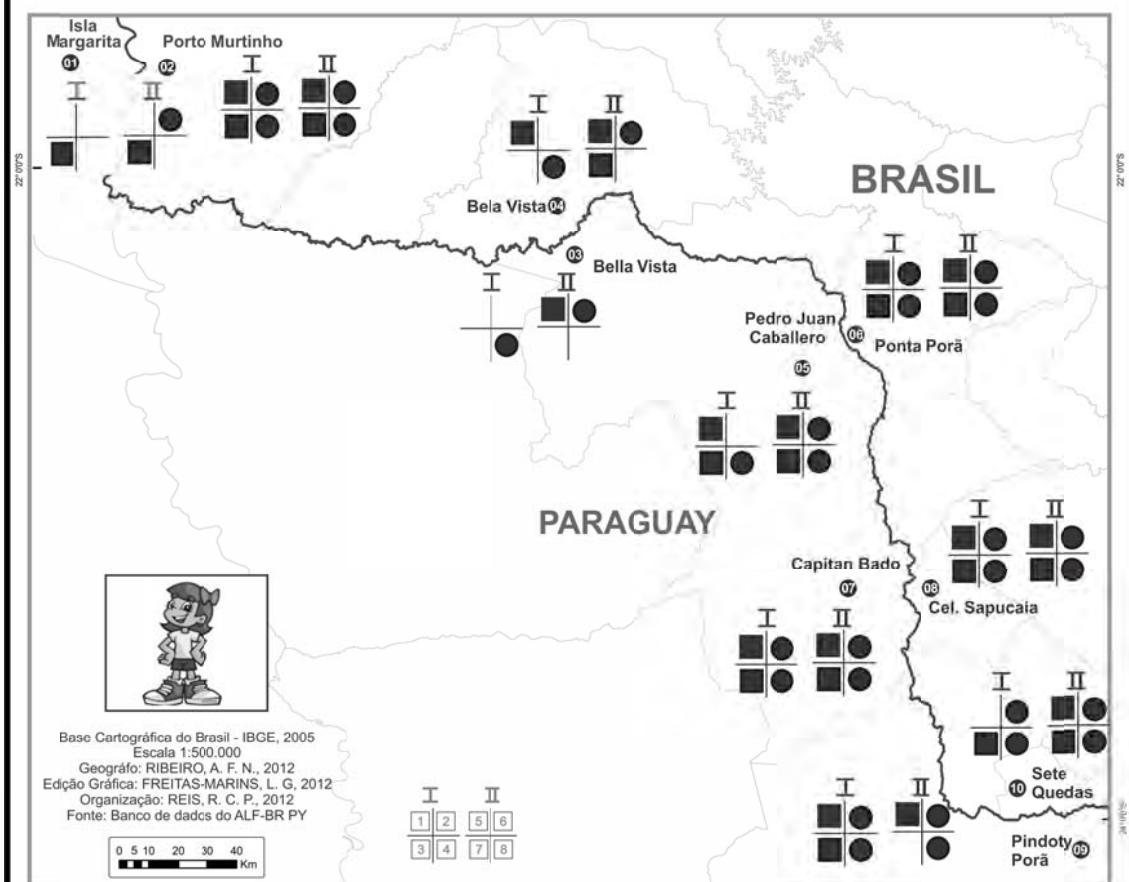
	PARAGUAY					BRASIL				
Variantes	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Menina	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
guria	PT	PT			PT	PT	PT	PT		PT
Mita/ Mitâ'i kuña(i)	Gn	Gn	Gn	Gn		Gn	Gn	Gn		
Mita Michî		Gn								
Niña	SP		SP	SP				SP		
Mitâ'i	Gn	Gn		Gn	Gn		Gn			
Nena		SP			PT			SP	SP	
garota		PT								PT
Tica				SP					SP	
tiquita									SP	
Pirralha			PT							
criança		PT		PT	PT		PT		PT	PT
criatura								SP		

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

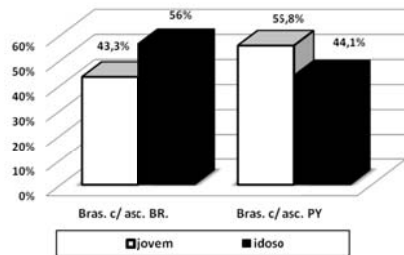
menina (diassexual e diageracional)

Carta: 033.c / QSL



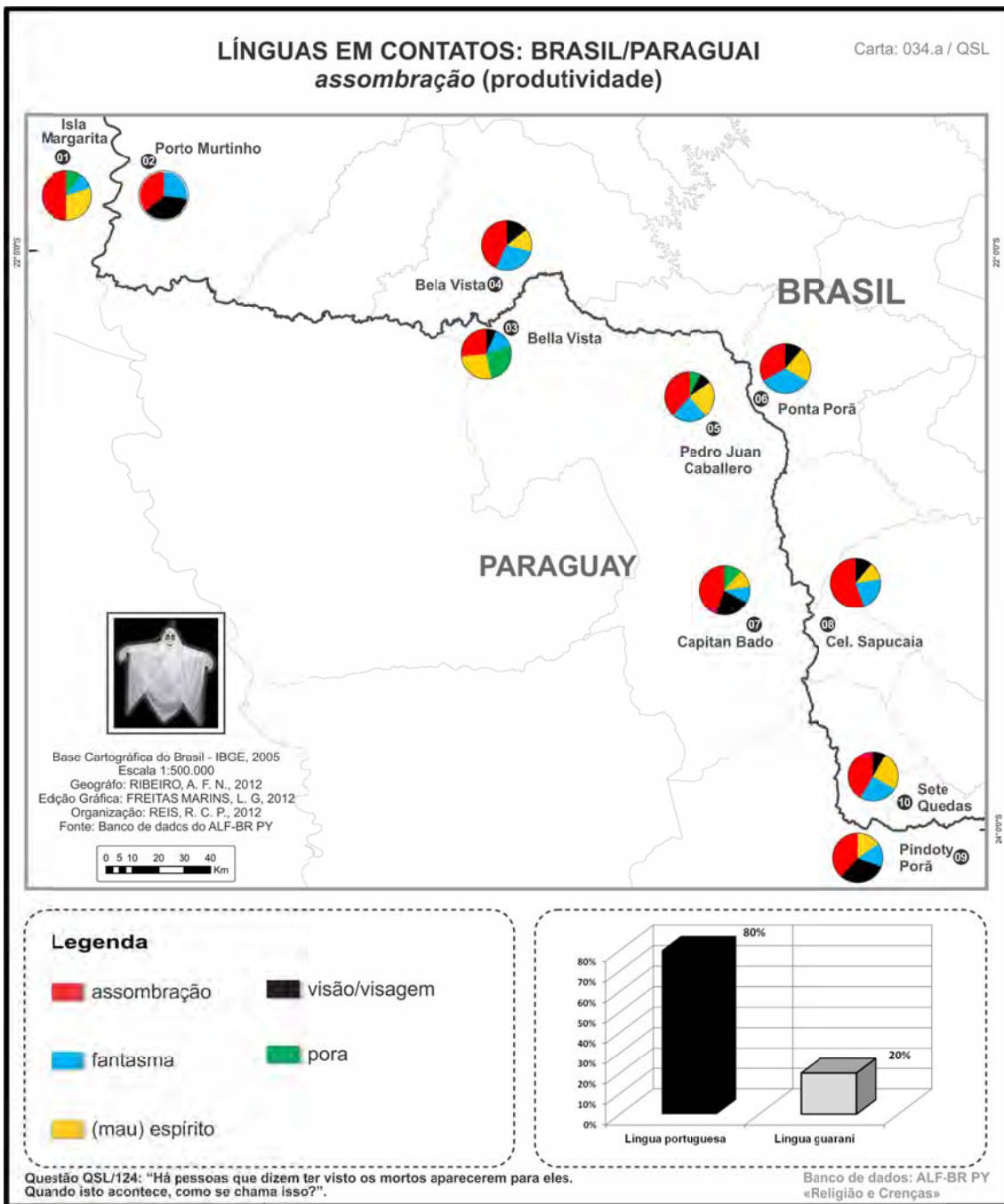
Variante em estudo: «MENINA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



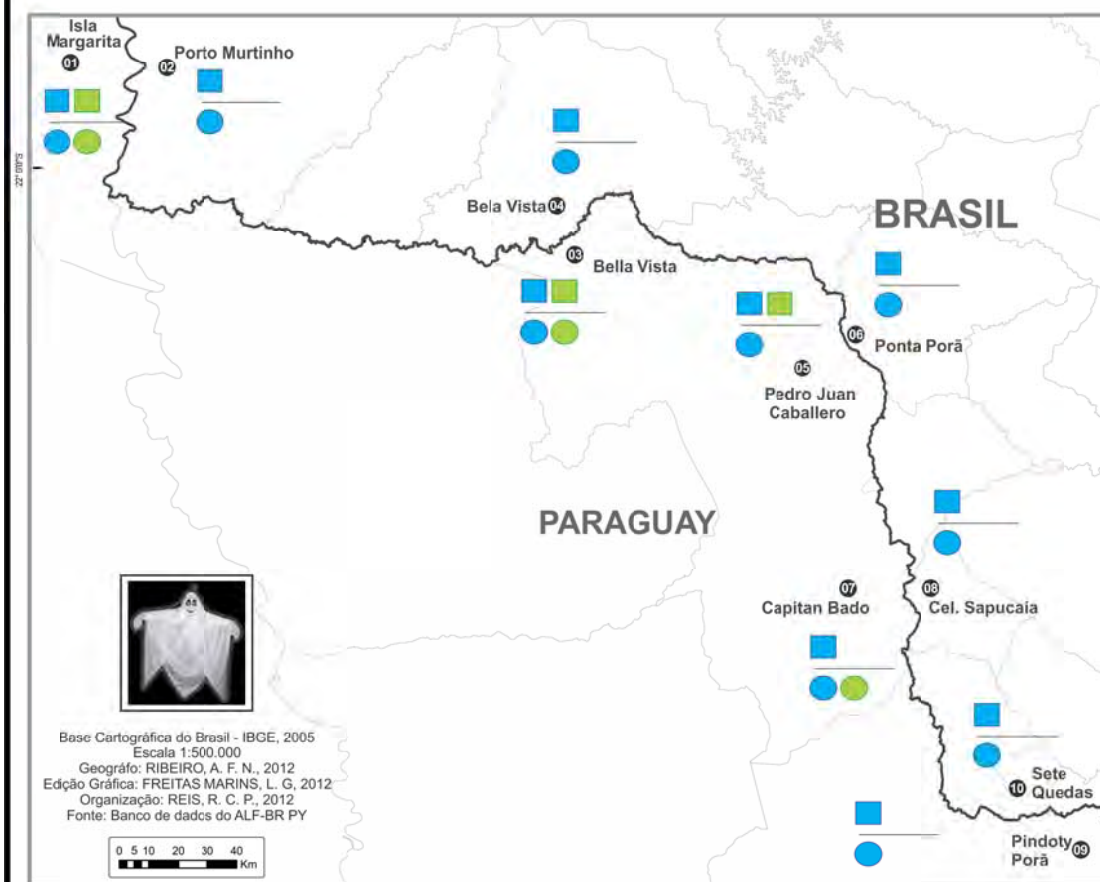
Questão QSL/118: "O que é uma criança de 5 a 10 anos: a) do sexo masculino? b) do sexo feminino?"

Banco de dados: ALF-BR PY «Ciclos da vida»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI assombração (contatos linguísticos)

Carta: 034.b / QSL

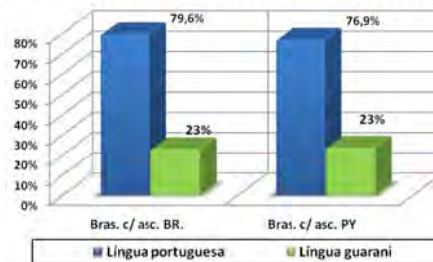


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/124: "Há pessoas que dizem ter visto os mortos aparecerem para eles. Quando isto acontece, como se chama isso?".

Banco de dados: ALF-BR PY «Religião e Crenças»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“ASSOMBRAÇÃO”

Número da carta: 034b

Campo Semântico: “Religião e crenças”

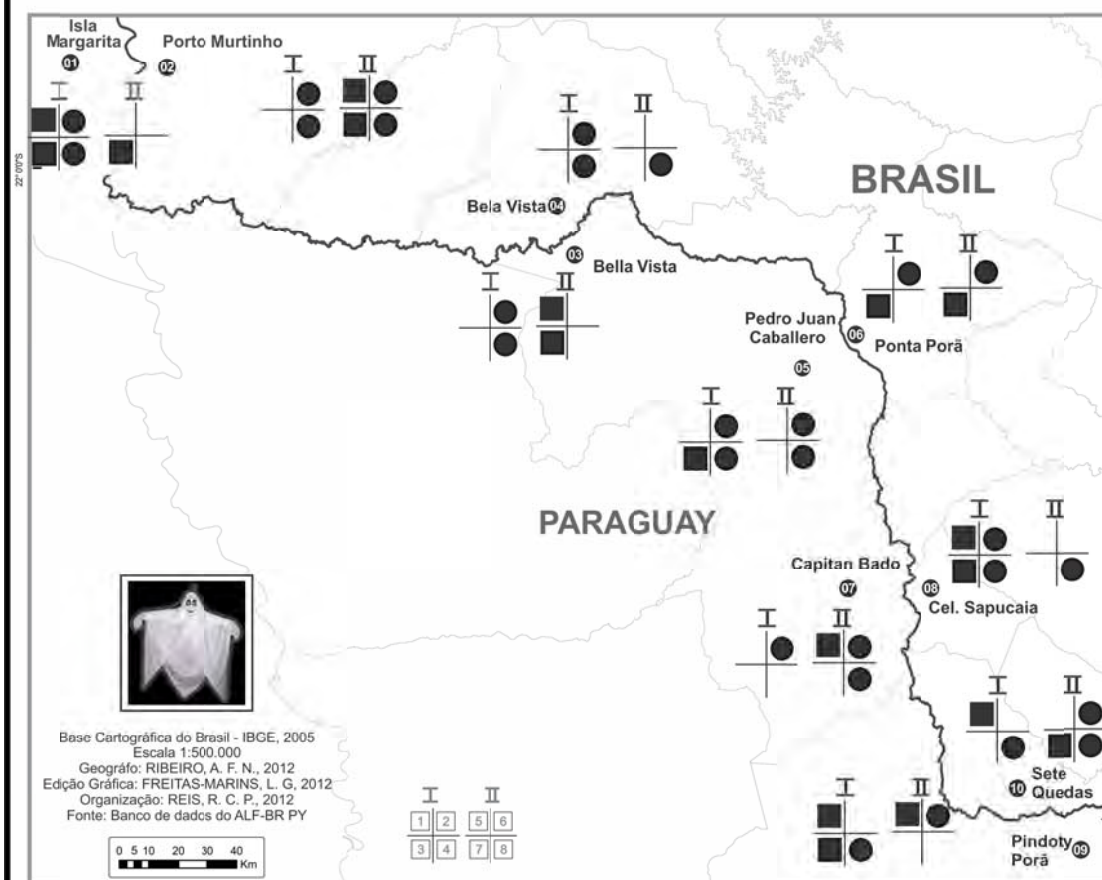
Questão: QSL/124: “Há pessoas que dizem ter visto os mortos aparecerem para eles. Quando isto acontece, como se chama isso?”.

	PARAGUAY					BRASIL				
Variantes	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Assombração	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Fantasma	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
(mau) Espírito	PT	PT	PT	PT	PT		PT	PT	PT	PT
Visão/visagem		PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Pora	Gn	Gn	Gn	Gn						
Alma (viva/penada)		PT	PT			PT	PT	PT		PT
Aparição	PT					PT			PT	
ser de outro mundo					PT					
Encarnação	PT									
ocheguaã/ojeguãa	Gn									
Pombero		Gn								
husen cheve		Gn								
vulto		PT								
encosto			PT							

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI assombração (diassexual e diageracional)

Carta: 034.c / QSL

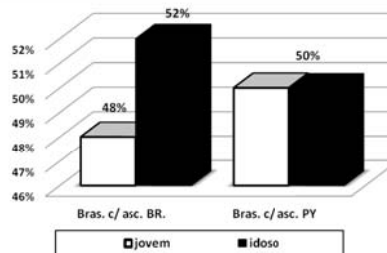


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



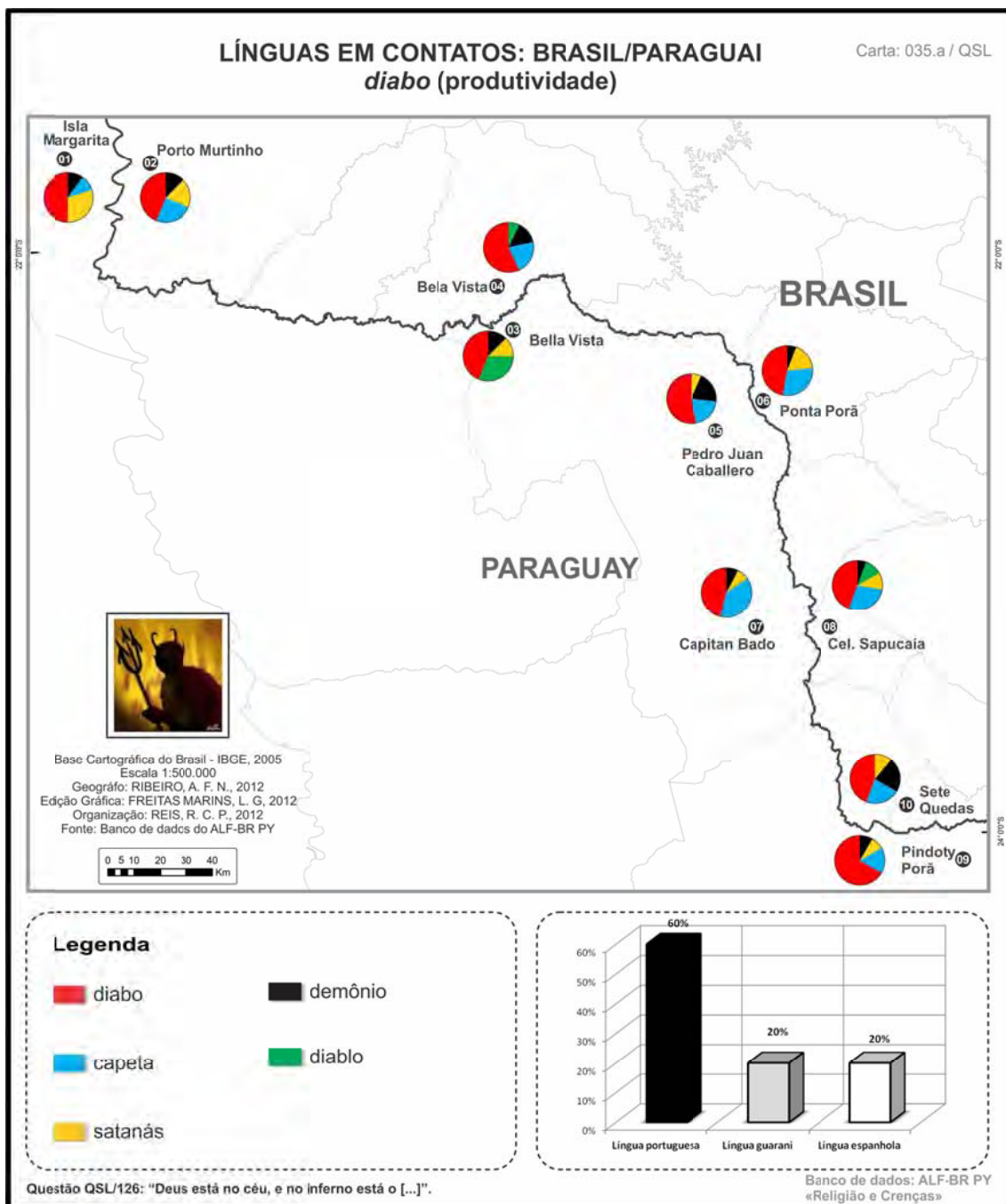
Variante em estudo: «ASSOMBRAÇÃO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/124: "Há pessoas que dizem ter visto os mortos aparecerem para eles. Quando isto acontece, como se chama isso?".

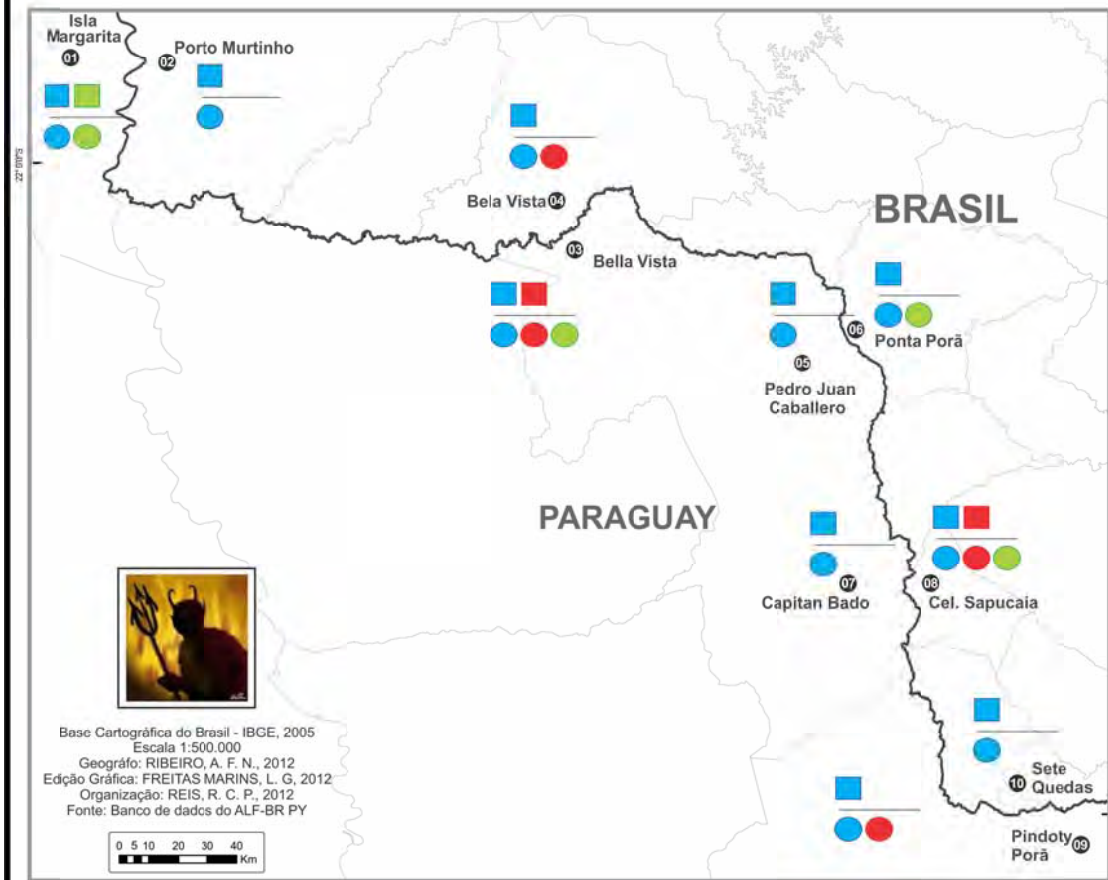
Banco de dados: ALF-BR PY «Religião e Crenças»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

diabo (contatos linguísticos)

Carta: 035.b / QSL

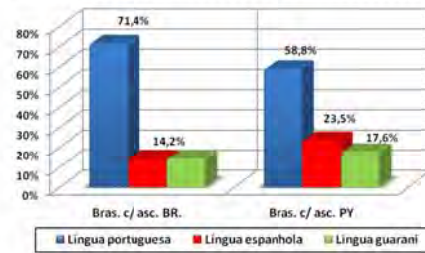


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL126: "Deus está no céu, e no inferno está o [...]".

Banco de dados: ALF-BR PY «Religião e Crenças»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI

“DIABO”

Número da carta-> 035b

QSL: 126 – Campo Semântico: “Religião e crenças”

Questão: QSL/126: “Deus está no céu, e no inferno está o...”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Diabo	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Capeta	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Satanás	PT	PT	PT	PT	PT	PT		PT	PT	PT
Demônio	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Diablo		SP					SP		SP	
Lúcifer			PT	PT	PT	PT	PT	PT		
Aña	Gn	Gn							Gn	
Chifrudo			PT			PT				
O mal					PT					
El mal					SP					
Coisa ruim		PT	PT							
Encardido				PT					PT	
Pai da mentira						PT				
Espírito mal		PT								
Coisa feia								PT		
O bicho								PT		
Ñandediara								Gn		
Anjo mal								PT		
Inimigo										PT
Saci					PT					
cramunhão			PT							
rabudo			PT							

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

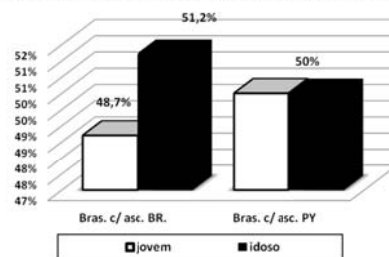
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI *diabo* (diassexual e diageracional)

Carta: 035.c / QSL



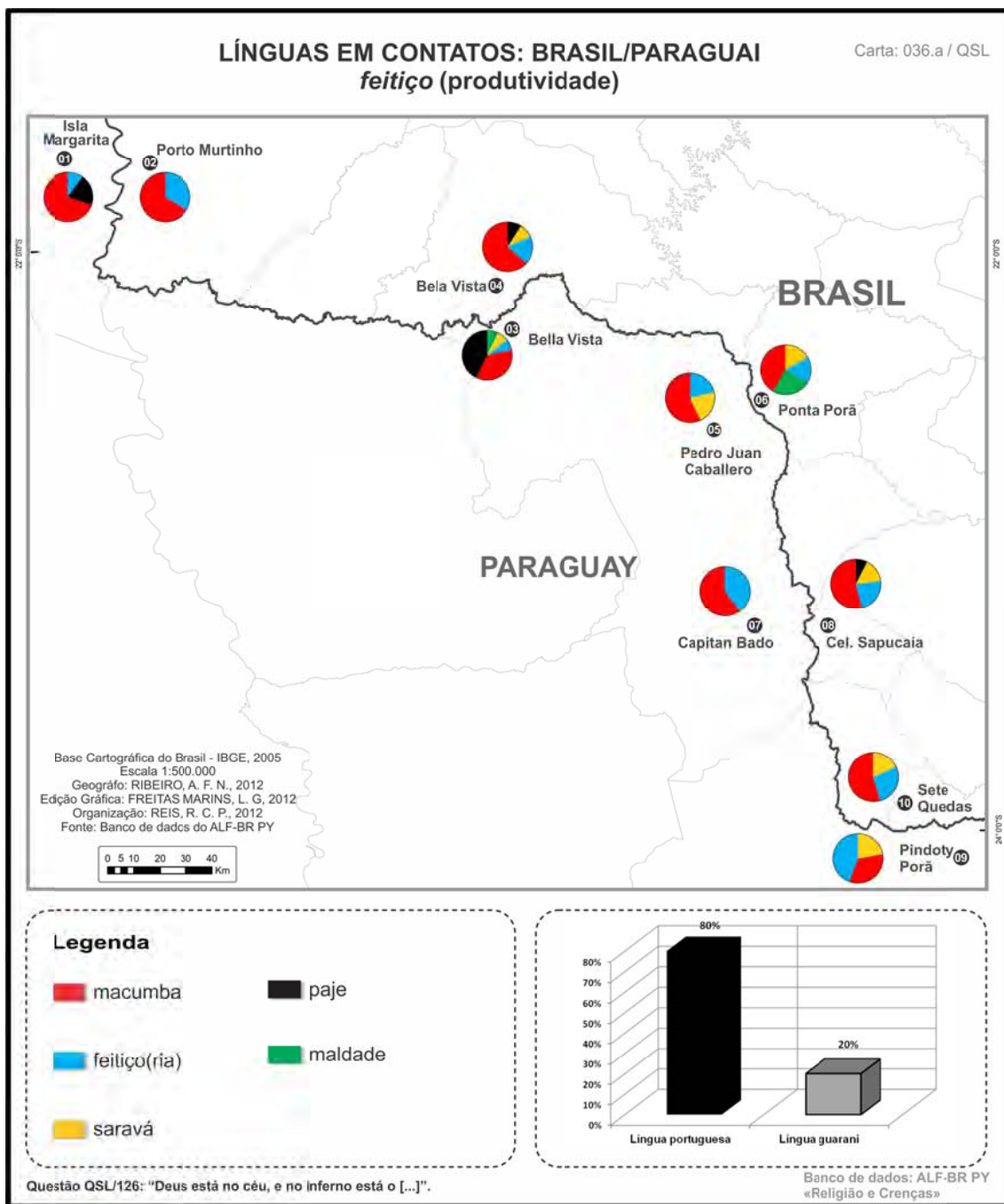
Variante em estudo: «DIABO»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



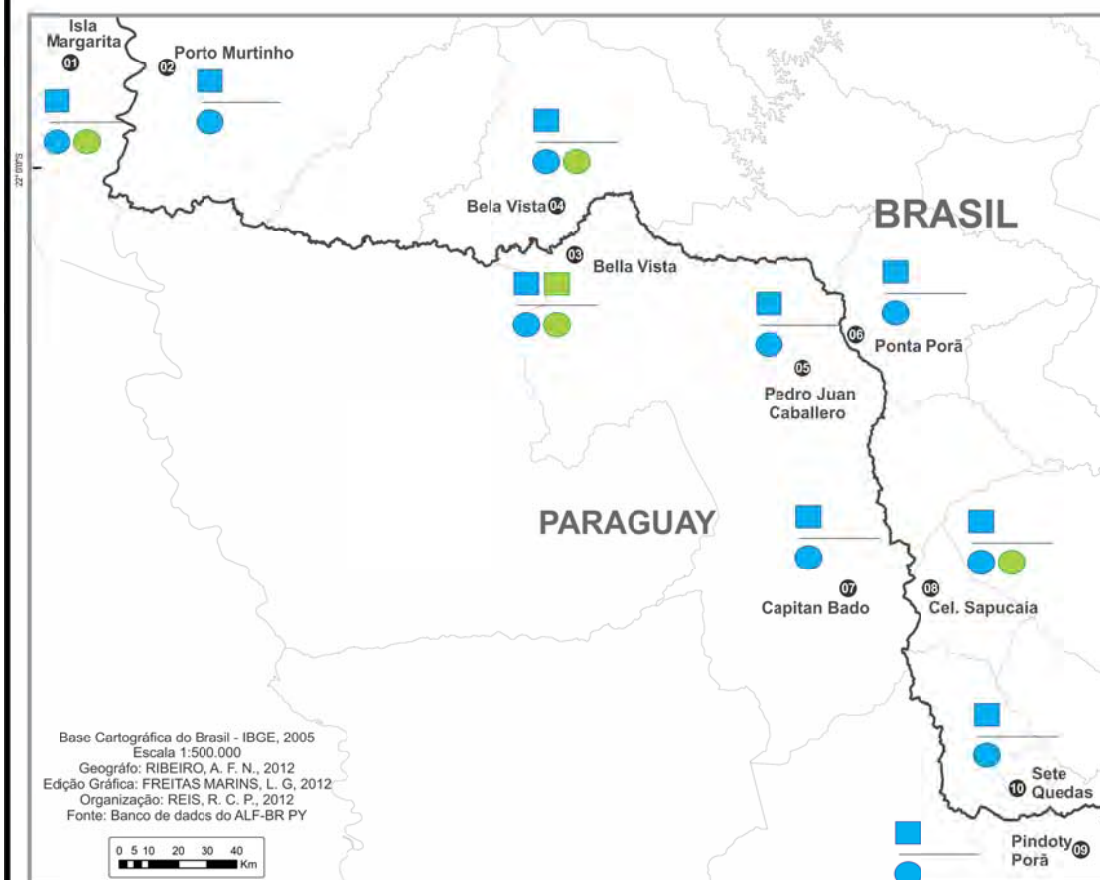
Questão QSL/126: "Deus está no céu, e no inferno está o [...]".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Religião e Crenças»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI feitiço (contatos linguísticos)

Carta: 036.b / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

■ Base de Língua Portuguesa

■ Base de Língua Guarani

■ grupo I - brasileiros(as)
c/ ascendência BRASILEIRA

● grupo II - brasileiros(as)
c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL126: "Deus está no céu, e no inferno está o [...]".

Banco de dados: ALF-BR PY
«Religião e Crenças»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“FEITIÇO”

Número da carta: 036b

Campo Semântico: “Religião e Crenças”

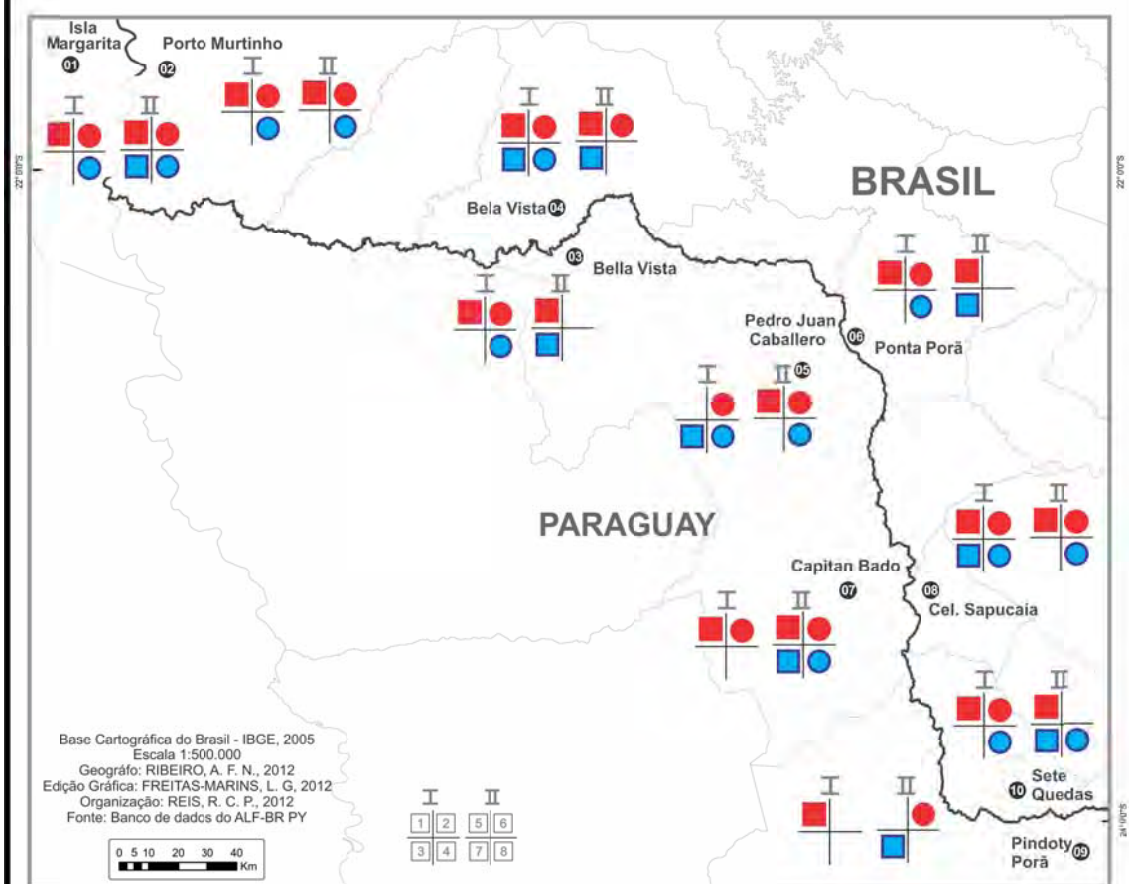
Questão: QSL/132: “... aquilo que se pode fazer com a ajuda dos maus espíritos para prejudicar alguém?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Macumba	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
feitiço(ria)	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Sarava		PT	PT		PT		PT	PT	PT	PT
Paje	Gn	Gn					Gn		Gn	
Bruxaria			PT		PT	PT				
Trabalho		PT			PT			PT		
Despacho								PT		
Descarrego		PT								
oferenda (ao diabo)							PT			
mal feito					PT					
Mandinga									PT	
coisa má								PT		
magia negra			PT							

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI feitiço (diassexual e diageracional)

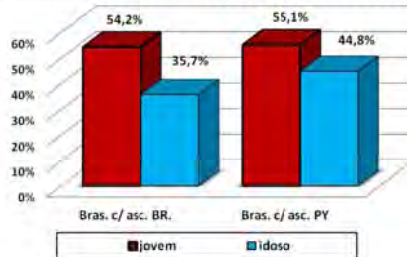
Carta: 036.c / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

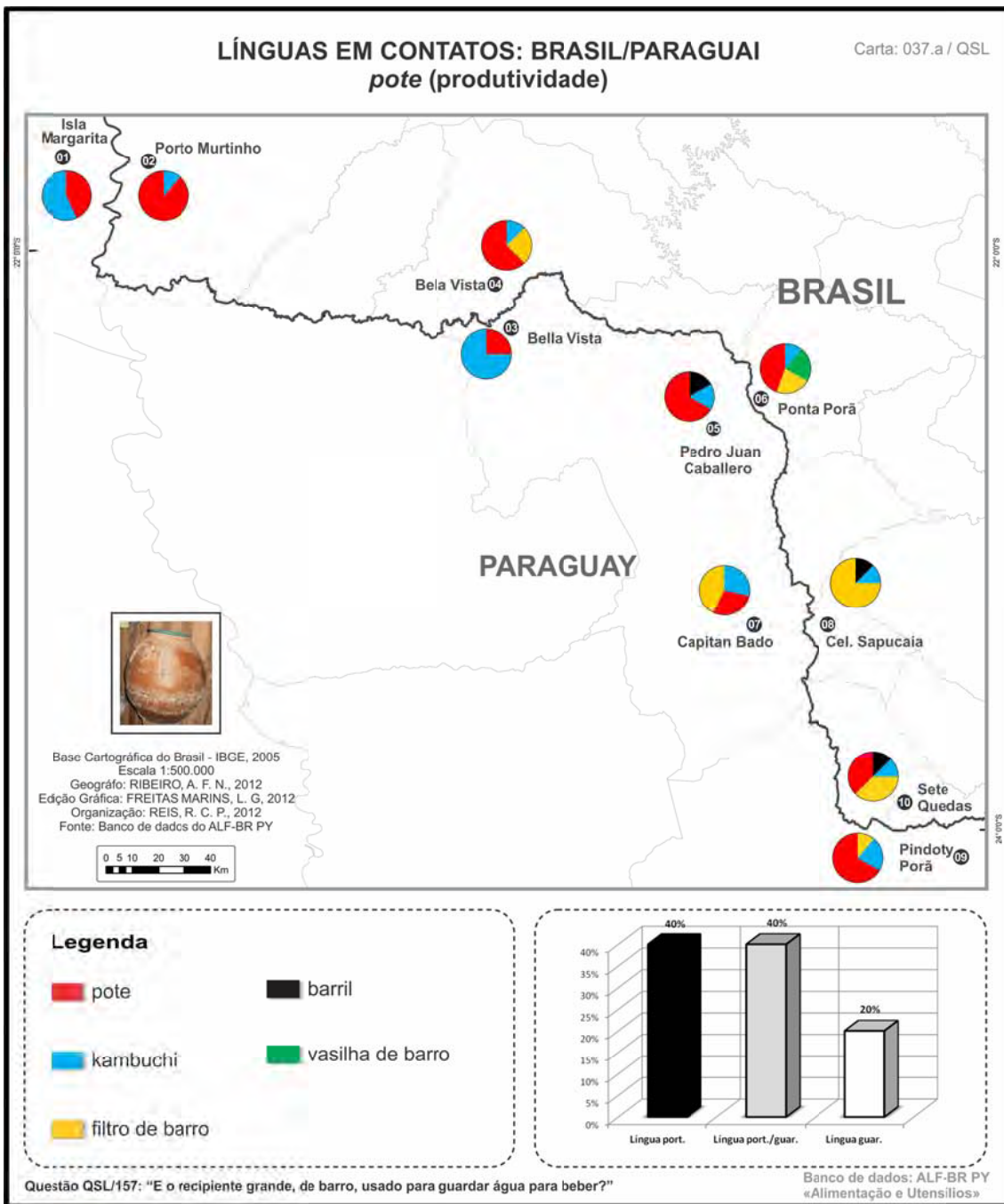
Variante em estudo: «MACUMBA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL132: "[...] aquilo que se pode fazer com a ajuda dos maus espíritos para prejudicar alguém?"

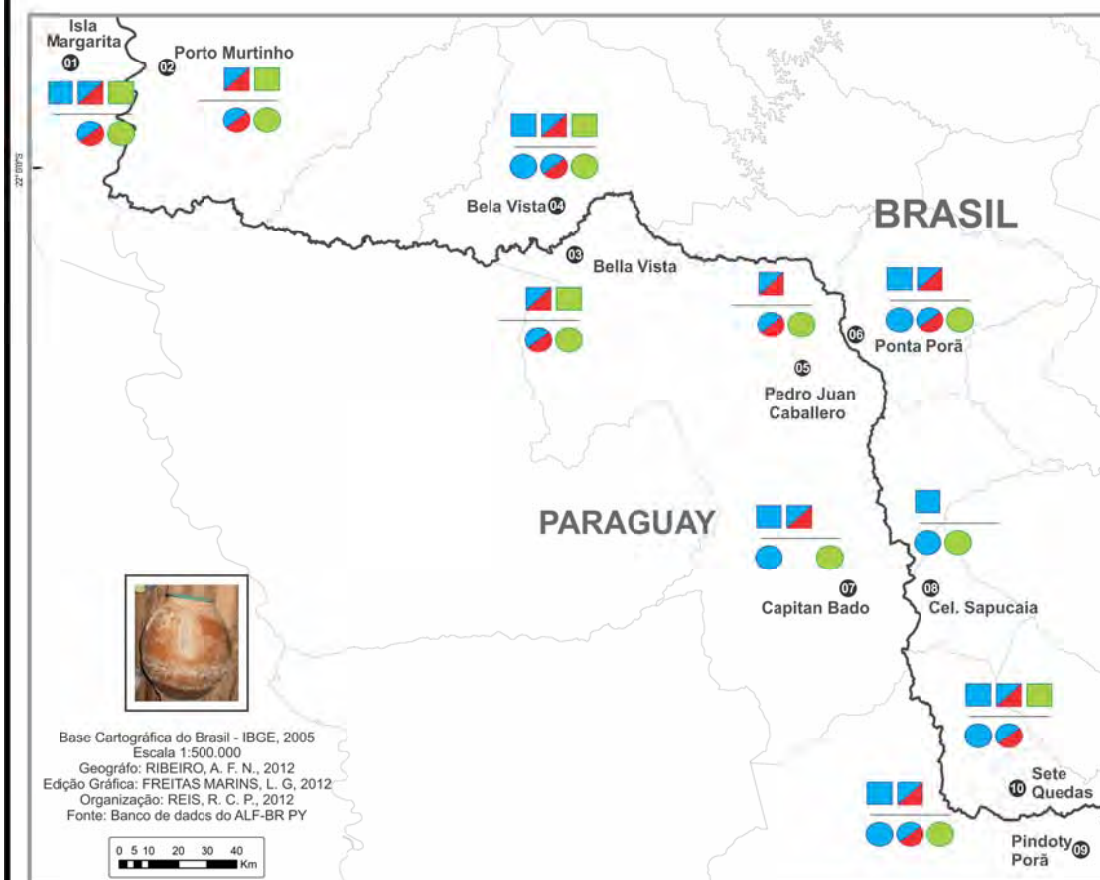
Banco de dados: ALF-BR PY
«Religião e Crenças»



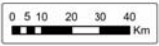
LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

poté (contatos linguísticos)

Carta: 037.b / QSL

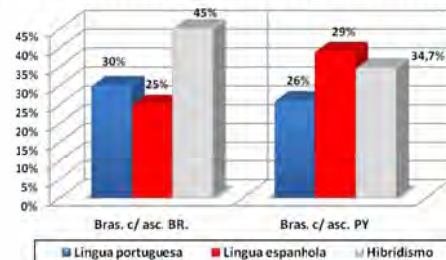


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- híbrido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/157: "E o recipiente grande, de barro, usado para guardar água para beber?"

Banco de dados: ALF-BR PY
 «Alimentação e Utensílios»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“POTE”

Número da carta: 037b

Campo Semântico: “Alimentação e Utensílios”

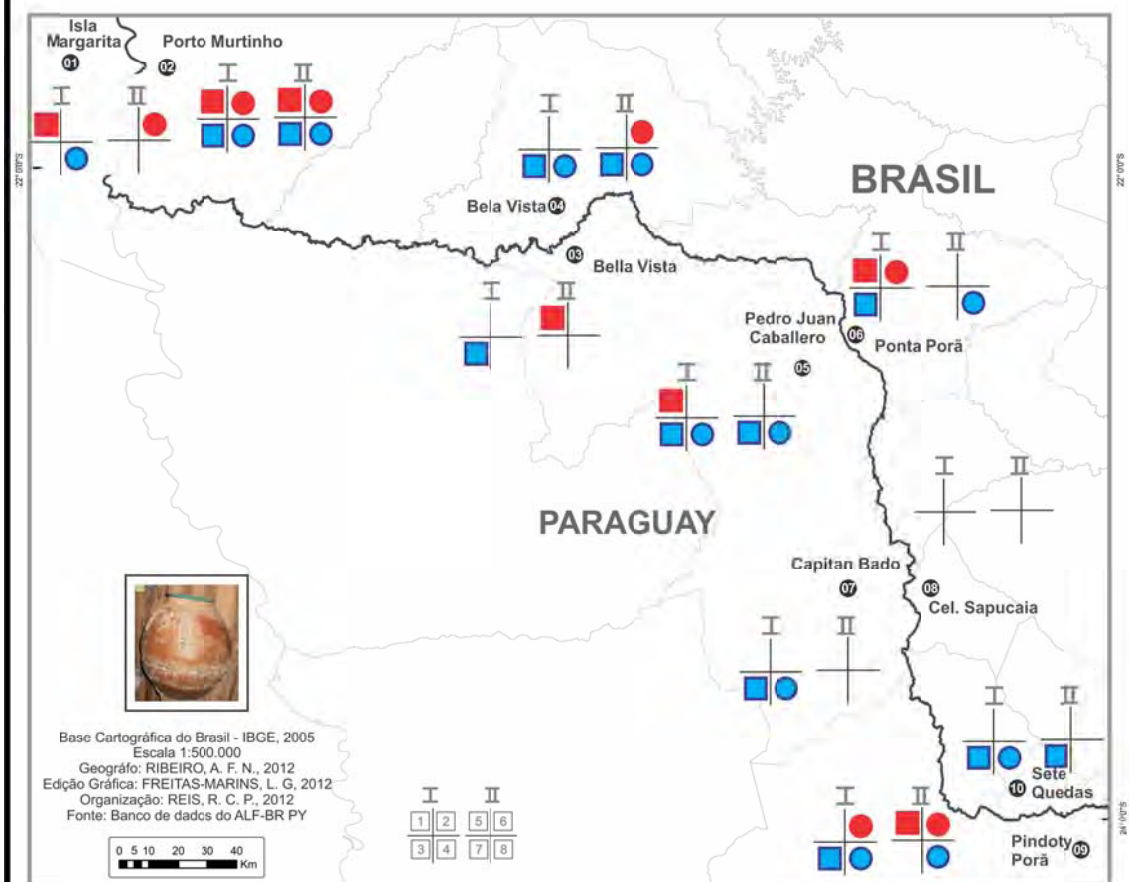
Questão: QSL/152: “E o recipiente grande, de barro, usado para guardar água para beber?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Pote	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT		PT
Kambuchi	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn	Gn
Filtro de barro				PT	PT		PT	PT	PT	PT
Barril			PT						PT	PT
Vasilha de barro								PT		
Cântaro		LP						LP		
cumbuca				PT		PT				
Talha						PT		PT		
Jarro (a)								PT	PT	
moringa							PT			
Reservatório de água										PT
cantil (zinho) de barro	PT									

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

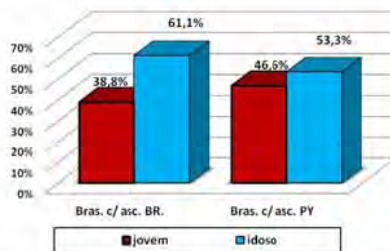
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI pote (diasssexual e diageracional)

Carta: 037.c / QSL



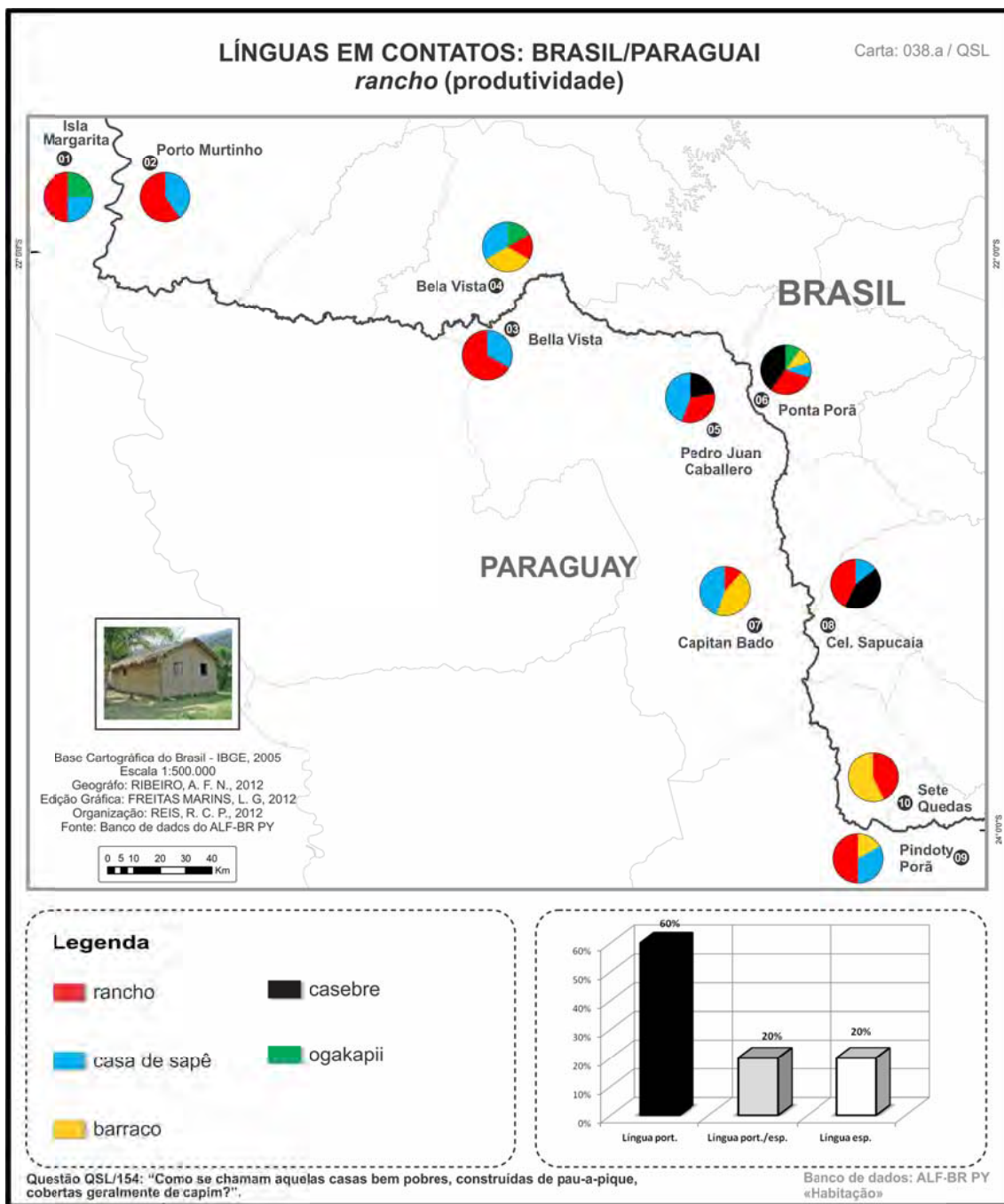
Variante em estudo: «POTE»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



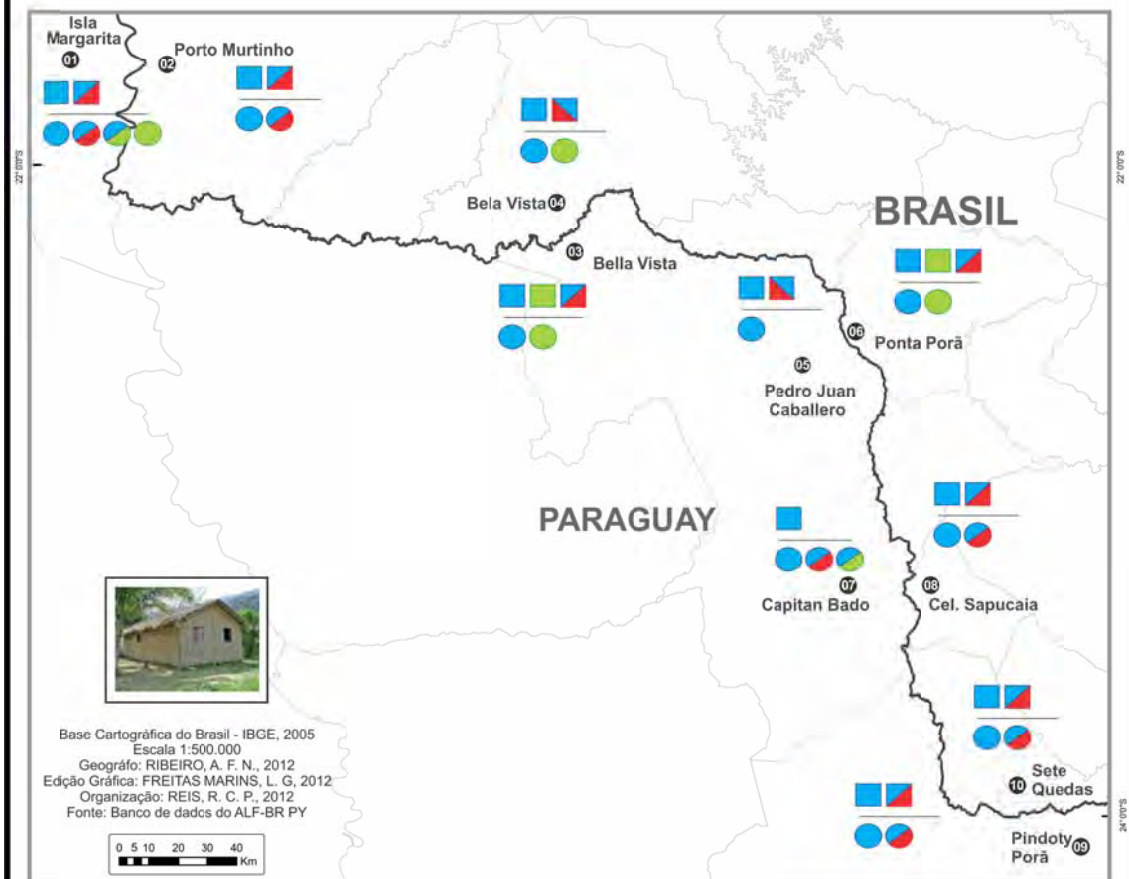
Questão QSL157: "E o recipiente grande, de barro, usado para guardar água para beber?"

Banco de dados: ALF-BR PY
«Alimentação e Utensílios»



LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI rancho (contatos linguísticos)

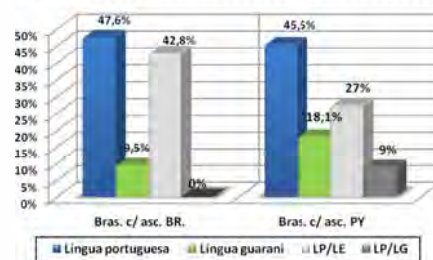
Carta: 038.b / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

Legenda

- Base de Língua Portuguesa
- Base de Língua Espanhol
- Base de Língua Guarani
- híbrido
- grupo I - brasileiros(as) c/ ascendência BRASILEIRA
- grupo II - brasileiros(as) c/ ascendência PARAGUAIA



Questão QSL/154: "Como se chamam aquelas casas bem pobres, construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim?".

Banco de dados: ALF-BR PY «Habitação»

TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“RANCHO”

Número da carta: 038b

Campo Semântico: “Habitação”

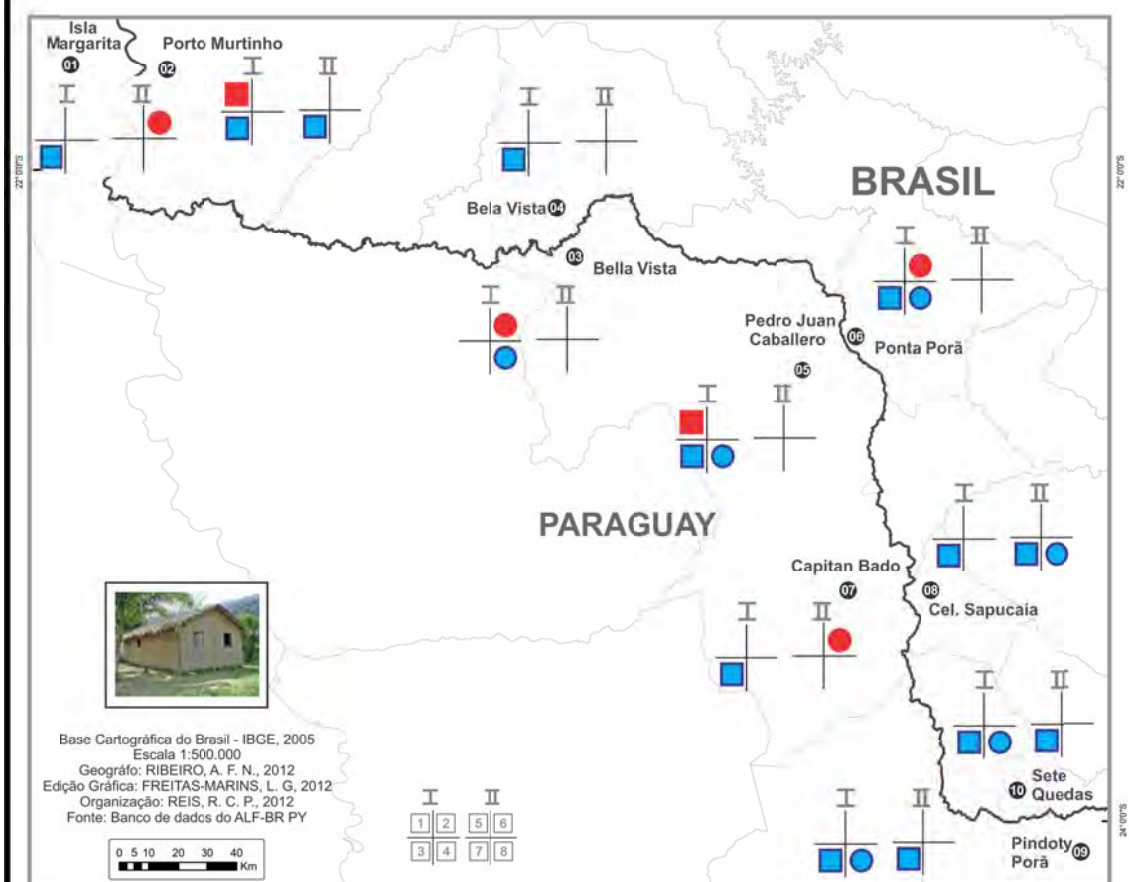
Questão: QSL/154: “Como se chamam aquelas casas bem pobres, construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
rancho	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP		PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	
casa de sapê	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP		PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	PT/ SP	
Barraco				PT			PT	PT	PT	
Casebre			PT					PT	PT	
ogakapii	Gn	Gn					Gn	Gn		
casa de carandá	PT					PT				
casa de palha						PT				
casa de capim	PT	PT		PT			PT			
casa de barro		PT								
casa de tapera								PT	PT	
casa de pau-a-pique						PT				
casa(inha) de pakuri						PT				
casa velha									PT	
carandaí	SP/Gn									
cabana						PT	PT	PT		
oca									PT	
(casa de) tapuia				PT					PT	
choça						PT				
tenda									PT	

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI rancho (diassexual e diageracional)

Carta: 038.c / QSL

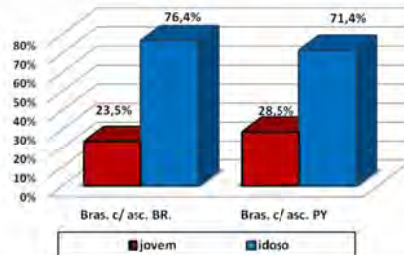


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY



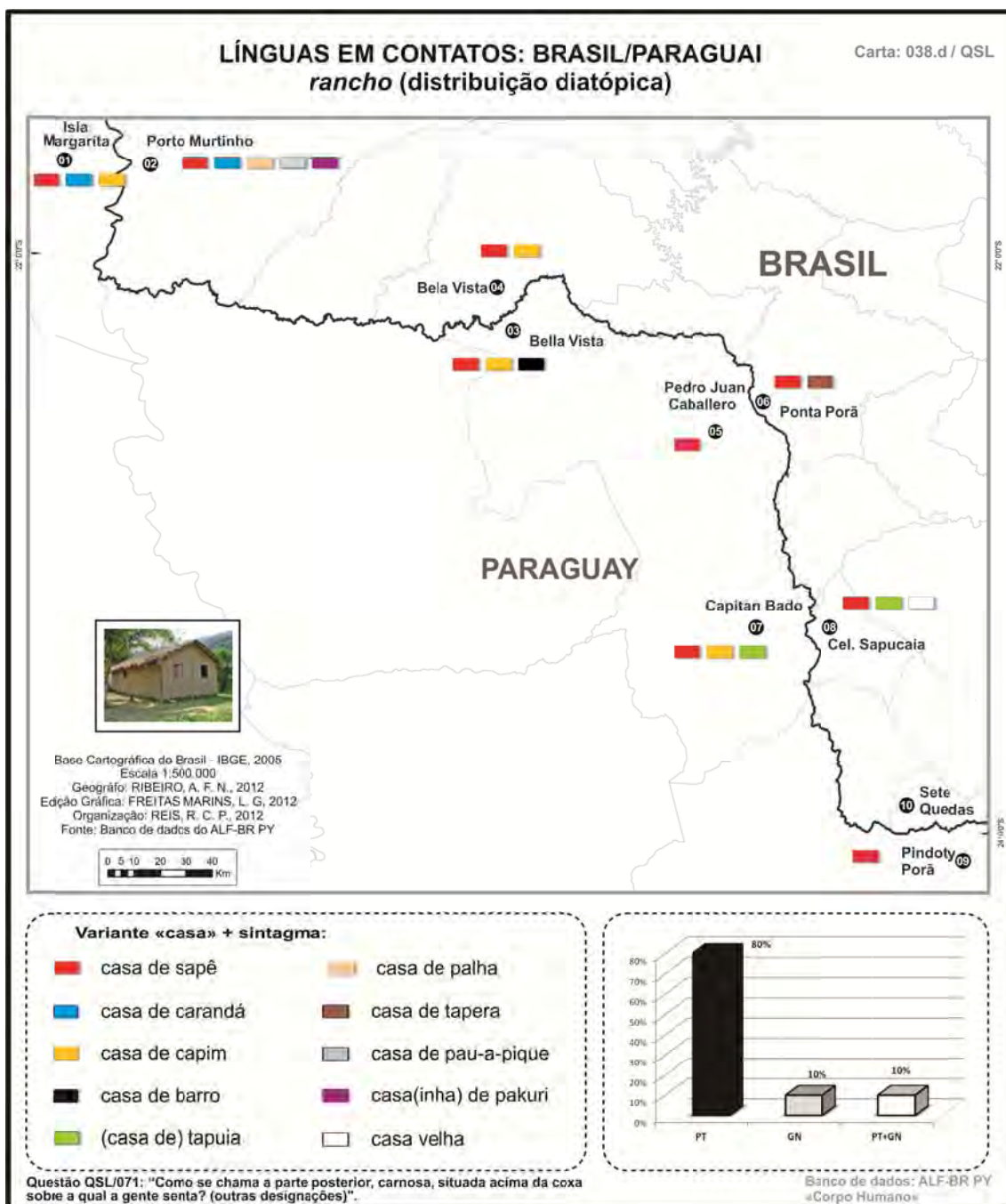
Variante em estudo: «RANCHO»

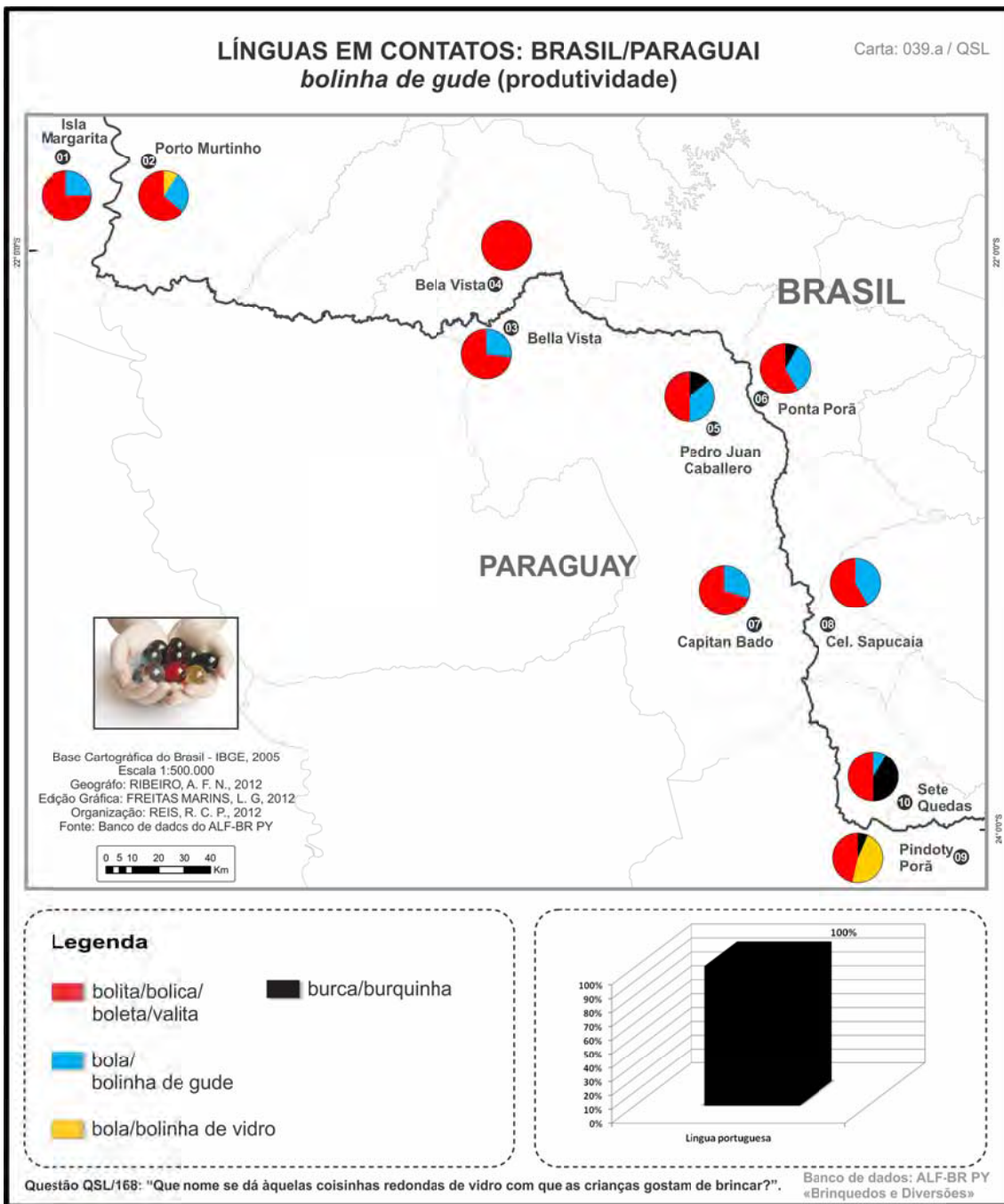
	HOMEM	MULHER
Jovem		
Idoso		



Questão QSL/154: "Como se chamam aquelas casas bem pobres, construídas de pau-a-pique, cobertas geralmente de capim?"

Banco de dados: ALF-BR PY «Habitação»





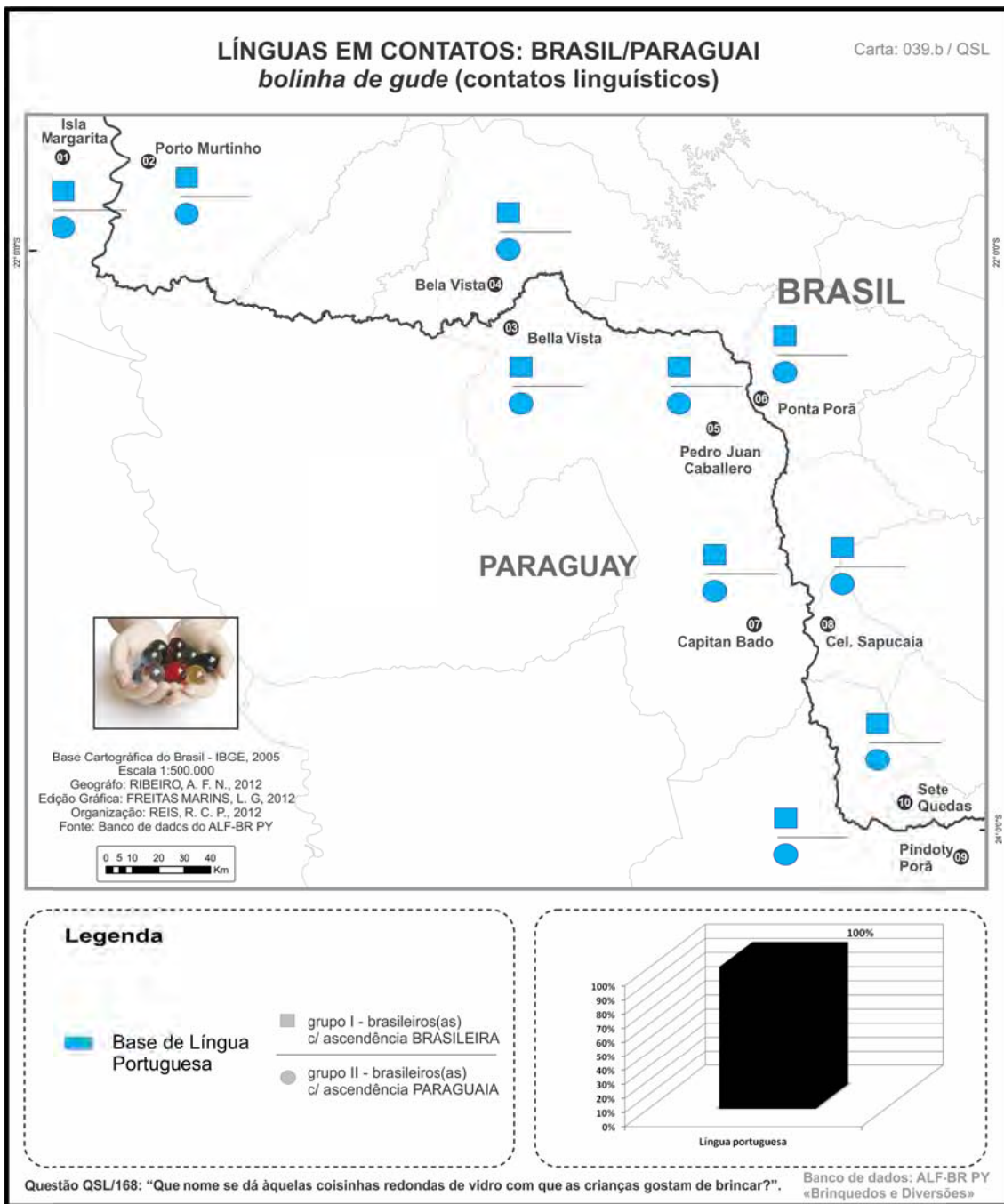


TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“BOLINHA DE GUDE”

Número da carta: 039b

Campo Semântico: “Brinquedos e Diversões”

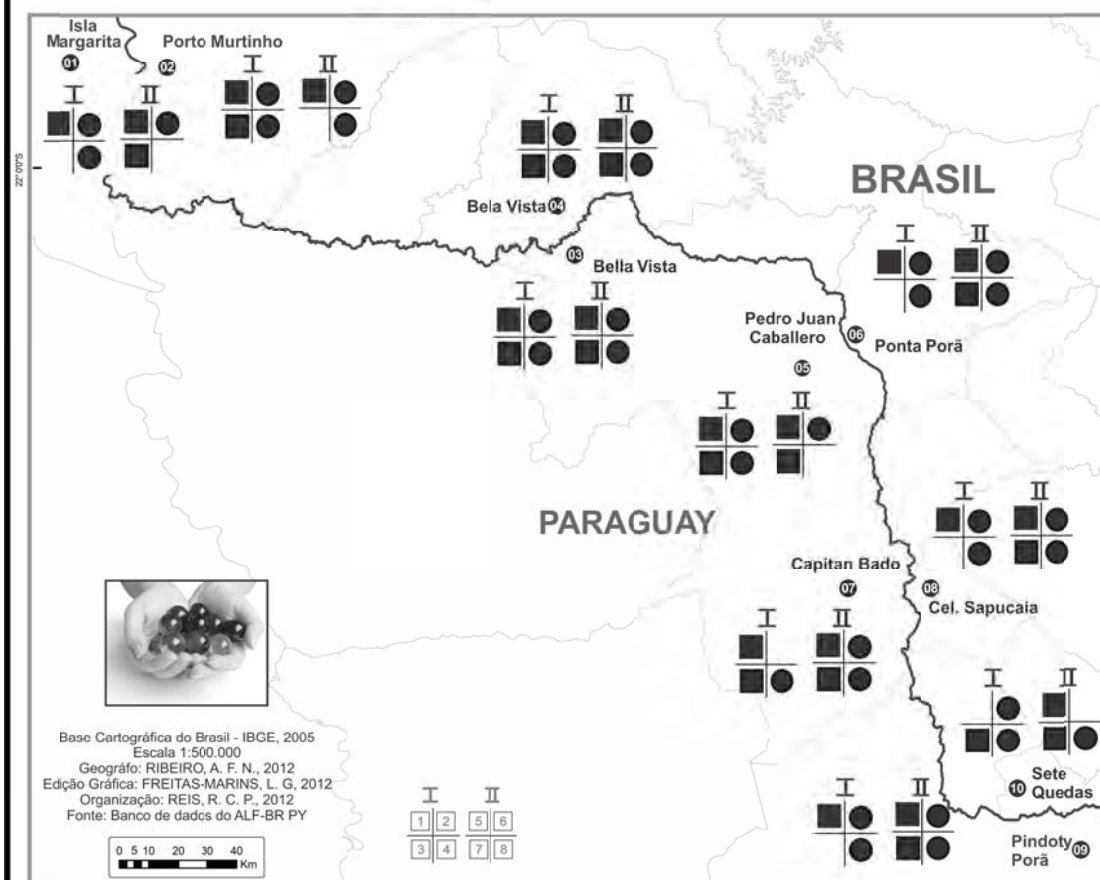
Questão: QSL/168: “Que nome se dá àquelas coisinhas redondas de vidro com que as crianças gostam de brincar?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Bolita/bolica/boleta/ valita	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Bola /bolinha de gude	PT	PT	PT	PT		PT		PT	PT	
Bola/bolinha de vidro					PT	PT				
Burca/burquinha)			PT		PT			PT		PT

***PT** = língua portuguesa, **SP** = língua espanhola e **Gn** = língua guarani

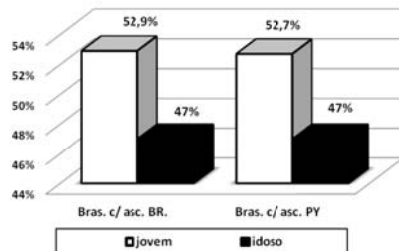
LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI bolinha de gude (diassexual e diageracional)

Carta: 039.c / QSL



Variante em estudo: «BOLITA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



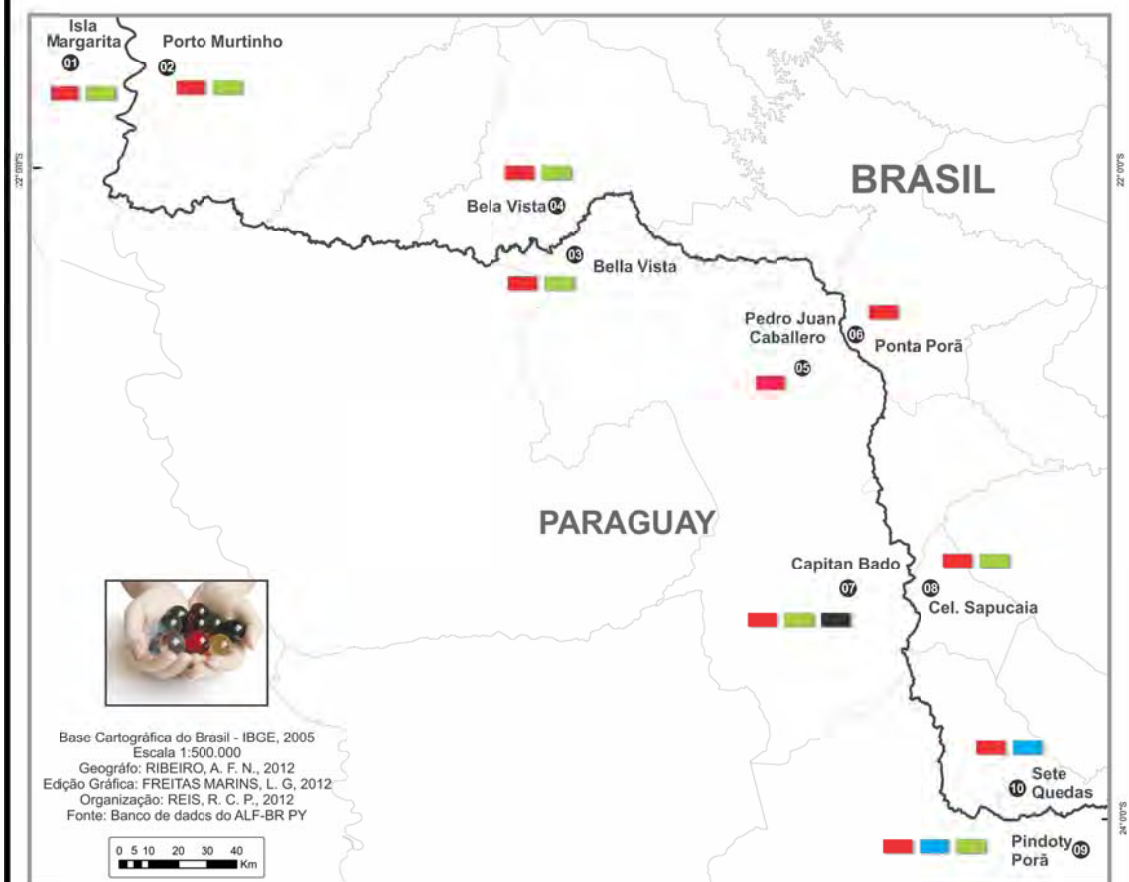
Questão QSL168: "Que nome se dá àquelas coisinhas redondas de vidro com que as crianças gostam de brincar?"

Banco de dados: ALF-BR PY «Brinquedos e Diversões»

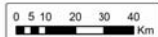
LÍNGUAS EM CONTATOS: BRASIL/PARAGUAI

bolinha de gude (distribuição diatópica)

Carta: 039.d / QSL

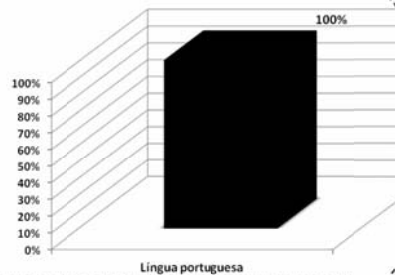


Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
 Escala 1:500.000
 Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
 Edição Gráfica: FREITAS MARINS, L. G., 2012
 Organização: REIS, R. C. P., 2012
 Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

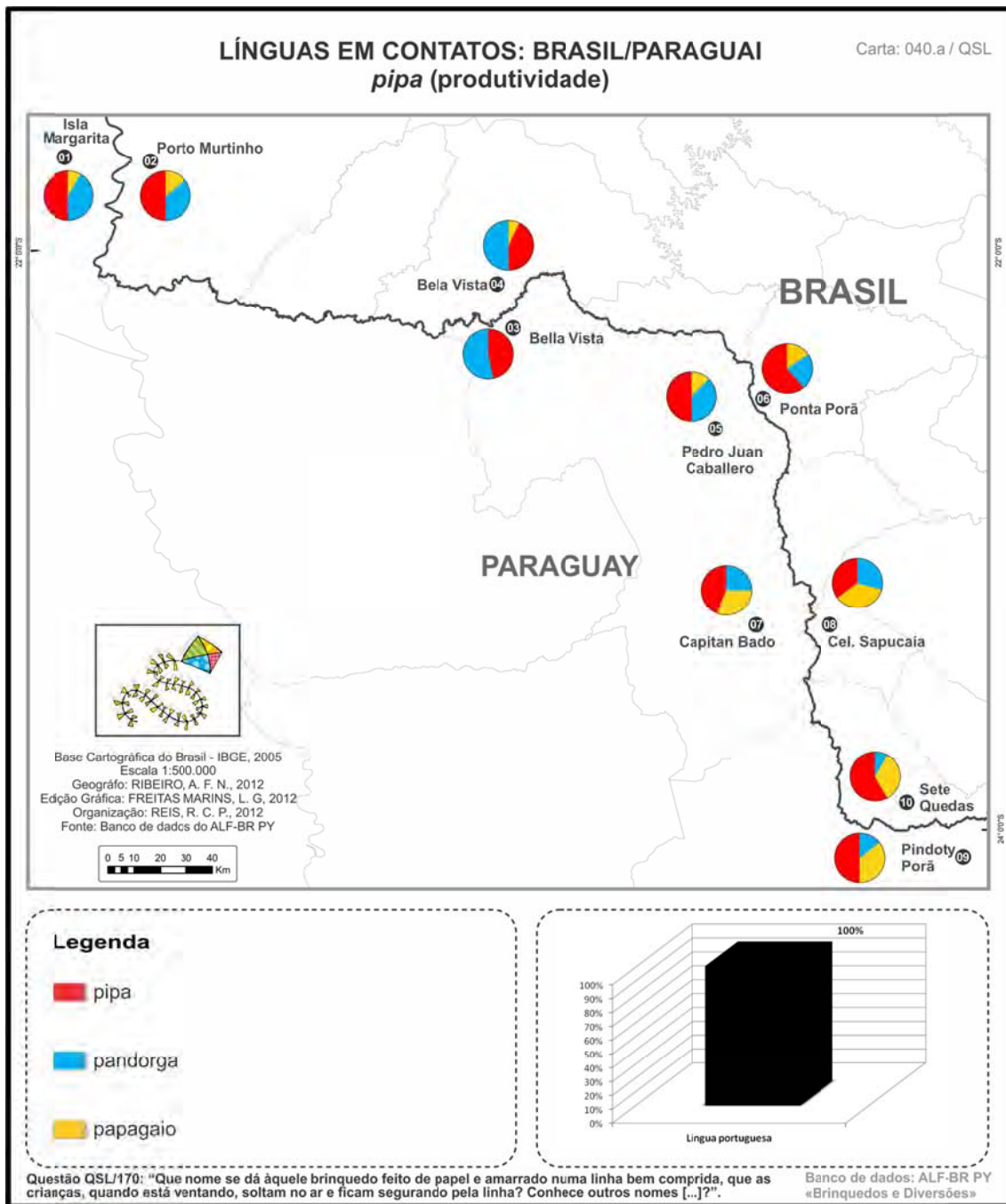


Legenda

- bolita
- valita
- bolica
- boleta



Questão QSL/168: "Que nome se dá àquelas coisinhas redondas de vidro com que as crianças gostam de brincar?". Banco de dados: ALF-BR PY «Brinquedos e Diversões»



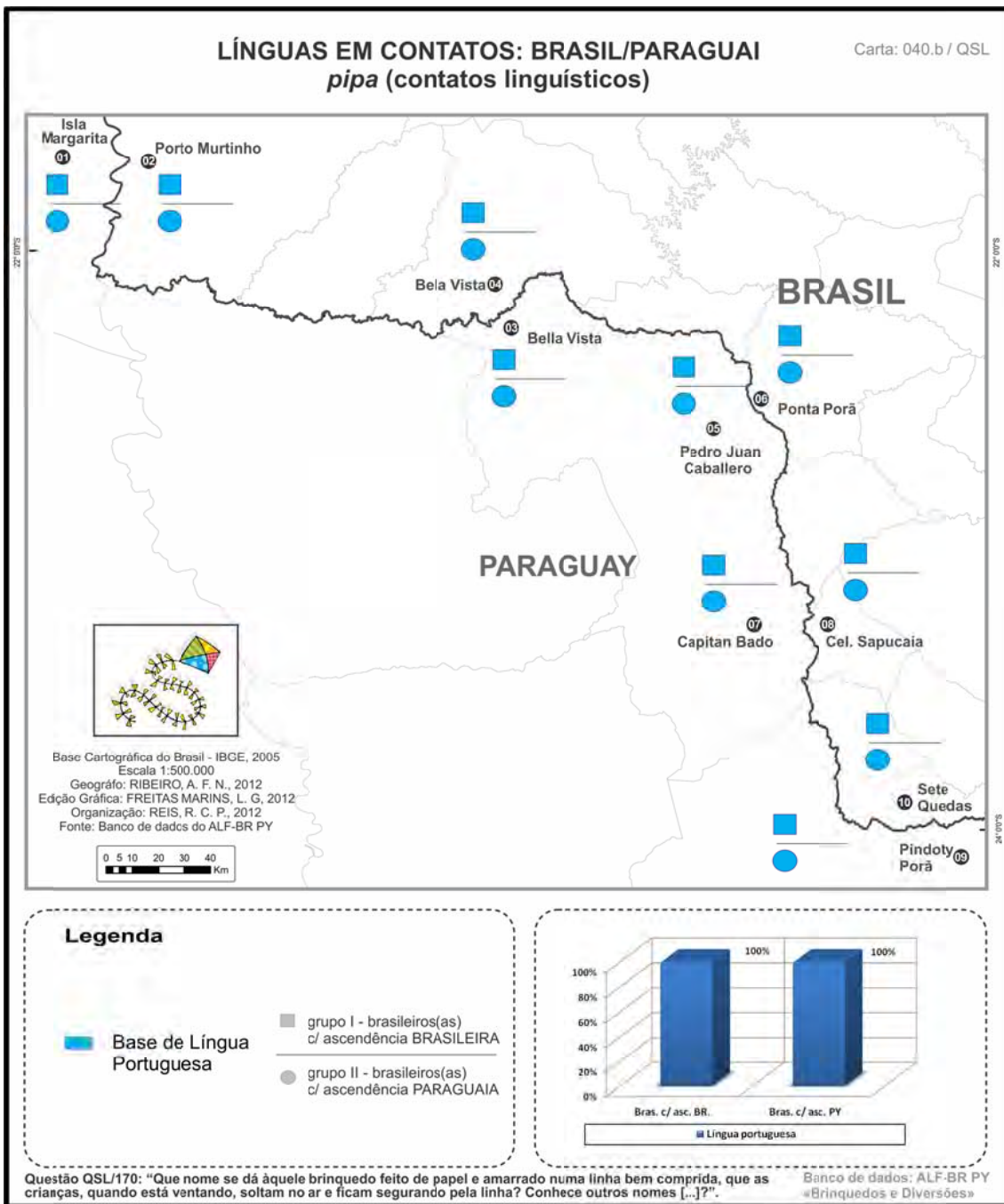


TABELA LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI
“PIPA”

Número da carta: 040b

Campo Semântico: “Brinquedos e Diversões”

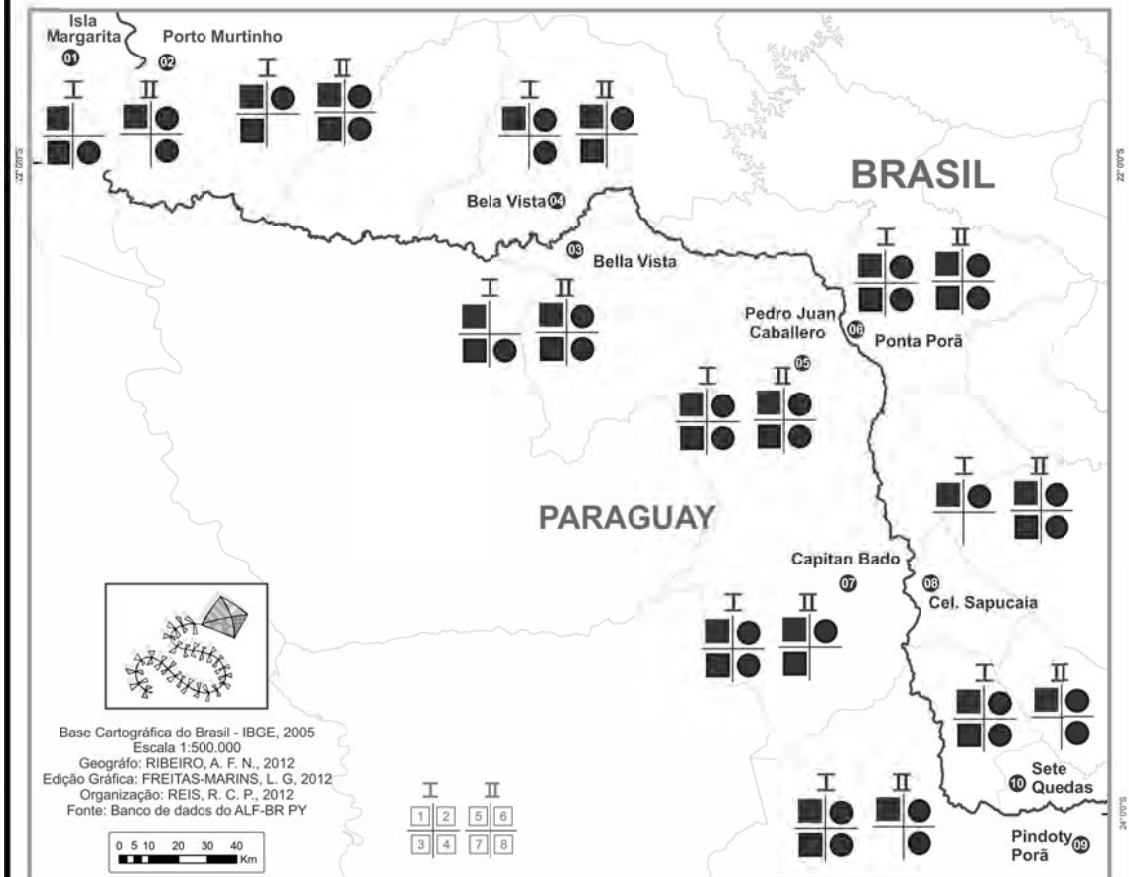
Questão: QSL/170: “Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando, soltam no ar e ficam segurando pela linha? Conhece outros nomes para esse brinquedo?”.

Variantes	PARAGUAY					BRASIL				
	01	03	05	07	09	02	04	06	08	10
Pipa	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Pandorga	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Papagaio	PT		PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT	PT
Papa-vento						PT				
Para-quedas				PT						

*PT = língua portuguesa, SP = língua espanhola e Gn = língua guarani

LÍNGUAS EM CONTATO: BRASIL/PARAGUAI *pipa* (diassexual e diageracional)

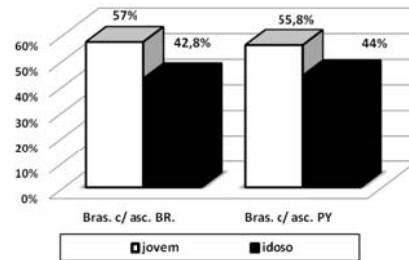
Carta: 040.c / QSL



Base Cartográfica do Brasil - IBGE, 2005
Escala 1:500.000
Geógrafo: RIBEIRO, A. F. N., 2012
Edição Gráfica: FREITAS-MARINS, L. G., 2012
Organização: REIS, R. C. P., 2012
Fonte: Banco de dados do ALF-BR PY

Variante em estudo: «PIPA»

	HOMEM	MULHER
Jovem	■	●
Idoso	■	●



Questão QSL/170: "Que nome se dá àquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando está ventando, soltam no ar e ficam segurando pela linha? Conhece outros nomes [...]?"

Banco de dados: ALF-BR PY «Brinquedos e Diversões»